

## O Contestado na moldura do Juazeiro (uma teoria da tradição em romance acidental)

Maria Eleuda de Carvalho

Aqui se trata de evocar a palavra sertaneja, exposta no milagre dos ex-votos, no taco da umburana, no corpo brincante em movimento, trazendo a diversidade dos tempos conflagrados na memória artesanal, tecida de lembrança e esquecimento. Os eventos do Contestado, de Canudos e Juazeiro do Norte estão permeados pela oralidade dos folhetos, dos martelos improvisados, dos autos performáticos que são palimpsestos da cultura, periférica, feita de contatos, híbrida, contemporânea, singular e plural.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

MARIA ELEUDA DE CARVALHO

**O CONTESTADO NA MOLDURA DO JUAZEIRO**  
(uma teoria da tradição em romance acidental)

Florianópolis  
2012



MARIA ELEUDA DE CARVALHO

**O CONTESTADO NA MOLDURA DO JUAZEIRO**

(uma teoria da tradição em romance acidental)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela.

Florianópolis  
2012

Ficha catalográfica



**“O contestado na moldura do Juazeiro (uma teoria da tradição em romance ocidental)”**

**MARIA ELEUDA DE CARVALHO**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título

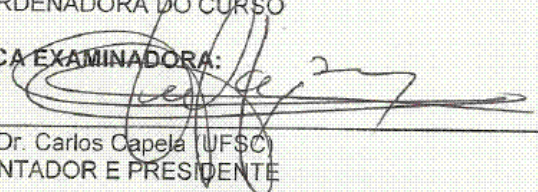
**DOUTORA EM LITERATURA**


Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.


  
Prof. Dr. Carlos Cabela  
ORIENTADOR

Profª. Dra. Susana Scramim  
COORDENADORA DO CURSO

**BANCA EXAMINADORA:**

  
Prof. Dr. Carlos Capela (UFSC)  
ORIENTADOR E PRESIDENTE

  
Prof. Dr. Gilmar de Carvalho (UFC)

  
Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima (UNIRIO)

  
Prof. Dr. Felipe Soares (UFSC)

  
Profª. Drª. Ana Luiza Andrade (UFSC)



Para minha mãe, professora Zuleida Beserra de Carvalho (1933-1987),  
ODC.





## AGRADECIMENTOS

A Carlos Eduardo Schmidt Capela, por acolher este projeto escondido na semente, e a Manoel Ricardo de Lima, que fez a ponte Fortaleza-Florianópolis: por intermédio deles é que andei o Peabiru. A Ana Luiza Andrade e Luiz Felipe Soares, participantes desde a qualificação. Ao professor Jair Tadeu da Fonseca, também compondo esta banca, muito agradecida. E a Gilmar de Carvalho, sua presença por agora e antes, em outra defesa, em tantas viagens.

Aos companheiros da Rádio Universitária FM, à Universidade Federal do Ceará e ao jornal “O Povo”, por conta de roteiros que me levaram ao inesperado. E à Funcap.

Aos professores da Universidade Federal de Santa Catarina, com quem fiz cursos estratégicos e estimulantes durante os anos de 2008 e 2009, e ao pessoal da secretaria da PPGL.

Aos colegas da pós-graduação, muito especialmente a baiana Clarice Pinheiro, por compartilhar tantos momentos de leveza na Ilha da Magia ao tempo de oito estações, e o sem tempo da amizade vera.

Aos apoiadores incondicionais, Virgílio Maia e Côca Torquato, e Gisela Nunes da Costa, e às amigas e parceiras – a quaderna: Angela, Vania, Cleu e Inês.

Ao meu pai João, meus irmãos e sobrinhos, vovó Maria – que nasceu na “Seca do 15”, e tio-avô Titico, neste ano do seu centenário.

Para dona Maria Sasso, em Tapes.

E a Francisco Hardt, pela motivação, incentivo e amor.



“Salve o que vai perecer:  
o Efêmero sagrado,  
as energias desperdiçadas,  
a luta sem grandeza.  
Entre o Sol e os cardos,  
entre a pedra e a Estrela,  
você caminha no Inconcebível.  
Por isso, mesmo sem decifrá-lo,  
tem que cantar o enigma da Fronteira”  
(d’*A Pedra do Reino*)



## RESUMO

Aqui se trata de evocar a palavra sertaneja, exposta no milagre dos ex-votos, no taco da umburana, no corpo brincante em movimento, trazendo a diversidade dos tempos conflagrados na memória artesanal, tecida de lembrança e esquecimento. Os eventos do Contestado, de Canudos e Juazeiro do Norte estão permeados pela oralidade dos folhetos, dos martelos improvisados, dos autos performáticos que são palimpsestos da cultura, periférica, feita de contatos, híbrida, contemporânea, singular e plural. (Agamben; Bhabha; Benjamin; Canclini; Nancy; Said; Zumthor).

**Palavras-chave:** Juazeiro do Norte (CE). Canudos (BA). Contestado (SC). Cultura periférica. Literatura oral. Messianismo caboclo. Performance.





## ABSTRACT

This study focuses on analyzing the culture of people who are from the countryside of Brazil, as well as their literature and regionalism. In this respect, it presents the miracle of the ex-vows, bringing the diversity of the decades that are represented in a “handmade memory”, with its memories and oblivions. Events like Contestado, Canudos and Juazeiro do Norte are full of oral traditions which are presented in the literature and in the performances that are shown in the “autos”, which are as palimpsest of the peripheral culture, made by contact, hybrid, contemporary, singular and plural. (Agamben; Bhabha; Benjamin; Canclini; Nancy; Said; Zumthor).

**Keywords:** Juazeiro do Norte (CE). Canudos (BA). Contestado (SC). Peripheral culture. Oral tradition. Literature. Messianic caboclo. Performance.



## INDÍCIOS

<b>TEXTAMENTO (A modo de presságio: poeira assentando no vestígio da pegada).....</b>	<b>10</b>
<b>RASTRO 1 – A trama da teoria.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Passagem entre ruínas.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 A cidade e o campo.....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 O rei anônimo e peregrino.....</b>	<b>37</b>
<b>1.4 O assombro de Euclides e outros modos de leitura....</b>	<b>51</b>
1.4.1 <i>A guerra santa por Maria Isaura.....</i>	52
1.4.2 <i>Os fanáticos de Ávila da Luz.....</i>	54
1.4.3 <i>Vinhas de Queiroz e o doutor de tamancos.....</i>	59
1.4.4 <i>Nas pegadas do mestre, Oswaldo Cabral.....</i>	66
1.4.5 <i>A violência e a festa em Duglas Monteiro.....</i>	71
1.4.6 <i>A irmandade segundo Marli Auras.....</i>	74
1.4.7 <i>Os iluminados de Nilson Thomé.....</i>	78
1.4.8 <i>Paulo Pinheiro Machado e o estandarte dos pobres.....</i>	82
<b>RASTRO 2 – A pedra do sonho.....</b>	<b>89</b>
<b>2.1 Do deserto.....</b>	<b>90</b>
<b>2.2 As fotografias.....</b>	<b>96</b>
<b>2.3 A guerra vista de longe.....</b>	<b>101</b>
<b>2.4 O parêntese da Donzela.....</b>	<b>108</b>
<b>2.5 Quem conta um conto – um outro?.....</b>	<b>112</b>
2.5.1 <i>Geração do Deserto.....</i>	114
2.5.2 <i>Império Caboclo.....</i>	122
2.5.3 <i>Romanceiro do Contestado.....</i>	132
2.5.4 <i>Glória até o fim.....</i>	138
2.5.5 <i>O Dragão Vermelho.....</i>	146
2.5.6 <i>Burabas.....</i>	155

2.5.7	<i>Coda</i> .....	159
	<b>RASTRO 3 – Visagem</b> .....	<b>161</b>
3.1	<b>Convergências e margens</b> .....	<b>162</b>
3.2	<b>Viagem a São Saruê</b> .....	<b>178</b>
3.3	<b>Outra viagem</b> .....	<b>202</b>
3.4	<b>Na Biblioteca Pública de Santa Catarina</b> .....	<b>218</b>
3.5	<b>Aí tem coisa</b> .....	<b>236</b>
	<b>RASTRO 4 – O transe em trânsito</b> .....	<b>243</b>
4.1	<b>“E haja paz e haja guerra!”</b> .....	<b>244</b>
4.2	<b>Torém, São Gonçalo: a roda e o trupe</b> .....	<b>255</b>
4.3	<b>Missão Abreviada</b> .....	<b>269</b>
4.4	<b>Uma rede, um pote, uma cuia, um cão</b> .....	<b>288</b>
4.5	<b>A pedra de Canudos</b> .....	<b>294</b>
4.6	<b>Em trânsito</b> .....	<b>305</b>
4.7	<b>De repente, Maria Rosa</b> .....	<b>321</b>
	<b>ARQUIVO</b> .....	<b>345</b>
	<b>I – LIVROS &amp; REVISTAS</b> .....	<b>345</b>
	<b>II – FOLHETOS</b> .....	<b>362</b>
	<b>III – JORNAIS</b> .....	<b>363</b>
	<b>IV – SONS (CD)</b> .....	<b>372</b>
	<b>V – INTERNET</b> .....	<b>373</b>

## TEXTAMENTO

### (A modo de presságio: poeira assentando no vestígio da pegada)

*Termina o chão, começa o ar  
E onde se acaba todo elemento  
Seria um rastro  
(Gerardo Mello Mourão)*

Instruções sopradas na transversal, soletrando o fôlego capaz de agir na emergência de um futuro pretérito, ali na curva onde se tocam e se apartam começo e fim, e enfim o que já aconteceu ainda está por vir a ser, no seco: a salvo. Uma situação, para dizer desde o lugar no qual estou, agora, de passagem por este labirinto, ou lembranças em palimpsesto. Escavando, arrisco a palavra em movimento, a portar o testemunho do que não repousa e na margem do dizível prestar contas, ao menos, de parte, o que me cabe. Vejo o Anjo Novo de Paul Klee, seus cabelos de papel revolto, os dedos engatilhados à espreita, a imagem da história feita de esquecimento. E “o que brota do esquecimento”<sup>1</sup> pode não ser aquela tempestade ressentida. Talvez seja: essa dança, o contrário da violência no centro da periferia, a coreografia do sonhado e do vivido encenando-se em “uma pequena amostragem no universo daqueles aos quais não é conferida maior atenção, permanecendo por isso mesmo invisíveis, ou quase”.<sup>2</sup>

Começo com a seguinte desmontagem: a cultura periférica – popular, tradicional, folclórica e as implicações que estes dispositivos sobejam – emoldura o esquecimento. Daí, processo o rearranjo do arquivo, no qual testemunho a conveniência do que se deve lembrar. Com este enquadramento, procuro surpreender a performance do brincante e do penitente a modo de contaminação de memórias participantes no palco deste mundo, por onde se alça a densidade da beleza provocada por seu corpo de ex-voto. E, assim, persigo o rastro de materialidade do desejo por meio da palavra em trânsito dispersa no

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, W. **A modernidade e os modernos**. Tradução de Heindrun K. Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tania Jatobá. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. (Coleção Tempo Universitário, 41). p. 104.

<sup>2</sup> CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. Violência: a dita, desdita. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, ago./nov. 2007. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrrj.br/violencia-a-dita-desdita-de-carlos-eduardo-schmidt-capela>> Acesso em: 20 jul. 2011.

gesto, não desperdiçada. Peabiru que principia na pancada do mar ao sul, ou vai partir desde as pedras do sertão, caminho por onde trafega esta maré de gentes. Estou de novo em Juazeiro do Norte.

Praça Padre Cícero esquina com a rua São Pedro, 2011 em começo, o relógio digital controlando a contagem regressiva dos dias que faltam para inteirar o século da cidade, a 22 de julho, dígitos visíveis quando baixa o sol, que tudo é incêndio. Passa uma mulher de olhos oblíquos, cabelos amarrados em rabo de cavalo, veste saia negra talar e blusa branca bordada de flores vermelhas e verdes ramas, são os equatorianos mascateando sua arte, os homens de cocar na sombra do juazeiro concentrados nas longas flautas andinas fazendo de conta que tocam enquanto o disco soa hipnóticos mantras nas caixas de som, do mesmo modo se apresentam e comerciam sob a copa da figueira gigante da Praça XV, em Florianópolis. Estamos todos em casa.

No caminho antigo do Horto, o ônibus sobe a ladeira de pedras mal alinhadas entre casas de parede meia onde velhas de rosário ao pescoço espiam do batente o lá fora da vida, e na esquina o garoto de óculos espelhados, cabelo moicano, o mesmo adereço de contas brancas e azuis, passaporte dos romeiros para entrar no paraíso. Um conceito a desenvolver: a biopoética do possível. A comunicação excessiva e constelada de momentos exposta no curto circuito cotidiano, e suas possibilidades.

O indício do trajeto poderia ser: uma outra viagem, aquela primeira vez à cidade em romaria, o gravador arcaico na captura dos cantos lentos por trás de portas e janelas bem fechadas dos Aves de Jesus, a noite descendo na Chapada do Araripe e a comunidade de penitentes teme o diabo solto na rua, e se recolhe às seis em ponto da tarde para conjurar o mal e o mundo, que são uma e mesma coisa em sua compreensão. Foi no final dos anos 80. Ao término de outra década, o ingresso no mestrado e o reencontro com o sertão, acontecendo na estrada – coincidindo interesses de leituras e o trabalho de repórter, durante dez anos delimitados entre o centenário do fim de Canudos e a véspera da vinda a Florianópolis para o doutorado. (No percurso, o tema sertanejo vai migrando desde um espaço geográfico delimitado pela memória até sugerir os cenários enredados do hiperespaço cultural).

Projeto acolhido pelo professor Carlos Capela, que me incentivou a pensar a seriedade do lúdico e a amplitude do jogo, a vida convocando toda uma mudança de cenário (na moldura tão diversa, esta que é mais sutil, por onde me afianço em afinidades sugestivas). Na dinâmica dos

três semestres de cursos, na convivência com os colegas pesquisadores, o pensamento que se complicava. E rondando, a incerteza de como traduzir a ideia de um sertão que se insere na contemporaneidade, e dentro dele cabem diversas maneiras de entrelaçamento, disfarces de alegorias, “as únicas que fazem parte do segredo”.<sup>3</sup>

No primeiro capítulo, “A trama da teoria”, esboço uma leitura do milenarismo atualizado no vórtice do catolicismo sertanejo, buscando discernir aspectos da cosmogonia guarani (e cariri) contaminada de sebastianismo ibérico (judeu, cristão e mouro), por onde delinheio os eventos da Guerra do Contestado a partir de um recorte em teses e ensaios escritos na metade do século passado sob o influxo euclidiano, ao encontro ou no embate com esse assombro que é *Os Sertões*. E, sim, as imagens intrometidas da lembrança singular no contato direto com as diversas manifestações da festa e da fé, moldura em movimento a partir da qual – limite e passagem – salto ao sertão de Serra Acima. Os fios teóricos para tecer a narrativa foram capturados na escritura necessária de Bhabha sobre as culturas periféricas contemporâneas que emergiram de meio milênio de colonialismo ocidental, a se mesclar ao elenco de textos no qual procuro conexões afins, ao longo da composição que começa.

Outra linha de força se delinea a partir de Agamben, para conferir o rescaldo e sugerir uma brecha para tudo o que teima e resiste e não se acaba, a história quanto a vida, o bote benjaminiano que me comove nesta travessia. E, por conta, o aparecimento de Antônio Conselheiro e a visagem de Antônio Vieira por amor dos versos enigmáticos daquele Gonçalo, sapateiro de Trancoso, homônimo do santo violeiro de Amarante venerado na Casa de Madrinha Dodô. Na paisagem desmoronada, a presença guarani silenciosa em meio à arte imaginária nordestina que se revela debaixo da máscara dos arcanjos e santos talhados por artistas de outro tempo. (Da terceira margem: o acesso para lá da fronteira).

No segundo movimento, “A pedra do sonho”, rearranjo modulações de ficções históricas publicadas a partir dos anos 60, recriando a Guerra do Contestado. Em contraponto, a Guerra de Canudos entrevista pelo exilado Sándor Márai, onde também se lerá a figura de Antônio Conselheiro tal como o escocês gaúcho Cunninghame Graham o concebeu, no romance, tradução e ensaio *Um místico brasileiro*. E, ainda, *A Pedra do Reino* de Ariano Suassuna, a Donzela

---

<sup>3</sup> BENJAMIN, 2000, p. 30.



Guerreira e o desengano das imagens. (E o que quero com tudo isso será ouvir aquela voz que procuro, a palavra dos anônimos peregrinos sonhadores e sua passagem, inesquecida, envolta na perturbação, loucura e atraso deste mundo, e não o contrário).

Terceiro tempo. A “Visagem”. Por onde andarei neste sertão de neblina, portando o mistério de alguma história, via memória, o que seja: respigar o quanto está desperdiçado, em abandono, vestigial. Para afinar uma estratégia capaz de dar conta das relações provocadas pela proximidade da distância e renovando as necessárias ambiguidades, recorro a Jean-Luc Nancy. E a volta ao sertão do Cariri, ao encontro. Na Casa de Madrinha Dodô de Santa Brígida, no Horto, para sessão de cura coletiva e entrevista com a última benzedeira, que só sabe de seu o destino: “Pelo amor de Deus, eu vou rezando”. Com Paul Zumthor, constato a aferição do quanto alcança a voz como expansão do corpo que se endereça interessado à comunhão e à comunidade.

(Saída por Edward Said). E por derradeiro, “O transe em trânsito”. De partida, os cordéis sobre Padre Cícero, orações fortes para escapulários e bentinhas, um balaio de benditos impressos à maneira conhecida dos folhetos, o rosário apressado para urgentes necessidades. O romance que não escrevi que seja o poema para viola, improvisado e voz em que Geraldo Amâncio canta a história sintética da Virgem Maria Rosa. O cantor cearense, neto de repentista amador, fez a vida em Juazeiro do Norte e foi parceiro de Patativa, e do seu memorial poético traço um marco desde o sertão confederado de Bárbara de Alencar, até alcançar as desaventuras da donzela de Caraguatá um século depois. A representação não é um simulacro, transfigura-se em portaria de acesso ao esquecido, o que sufocado se toma em alento e cobra consideração. Tocar-se pelo ausente e o que está distante. Como quem se confirma, no entanto, em desassossego. Porque preciso é navegar, e era uma vez.

Acompanhando o percurso final, as *Profanações* de Agamben, retomando assim o princípio de outro jeito. De E. P. Thompson, *Costumes em comum*, para trançar outros roteiros da cultura popular tradicional, e *Cultura Popular – uma introdução*, de Dominic Strinati, por deslindar um conceito rejeitado. Ainda, o ensaio do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, *Cinco Siglos de Periferia*. E os estudos de Canclini a respeito da modernidade enquanto via de mão dupla em *Culturas Híbridas*. Sempre na companhia virtual do professor Gilmar de Carvalho, de seus ternos estudos – a pesquisa participante incentivando

viajantes por essas veredas de conhecimento (que ainda vão dar em algum sertão dentro da gente).

## RASTRO 1

### A TRAMA DA TEORIA

**Onde o tema da sobrevivência será expiado na fronteira entre o sertão e a cidade, ao sol obscuro do messianismo lusoguarani, tomando um ponto de inflexão na Guerra do Contestado (com a intrusão insinuante de Canudos à sombra do Juazeiro) e de como tal guerra será revista ao passo do século XX**

*Recolho cada migalha com muito prazer.*

(Elizabeth Bishop)

## 1.1 Passagem entre ruínas

O Contestado na moldura do Juazeiro diz da sobrevivência reivindicada por via da arte, de onde pulsa a fruição da vida refeita na festa e na fé, do modo de cultura que denomino, apenas de partida, sertanejo (termo que não se conterà no marco habitual, porque migrou com seu arsenal de tradição e travessia à beira das cidades). Ou: do que pode o insistente balbucio em conluio com a palavra consignada. Leio a Guerra de São Sebastião ainda ao assalto de Euclides da Cunha e seu sertão insubmisso, no recorte ensaístico sobre o conflito messiânico do sul, no século do sucedido: por volta de 1950 a 2000.

Pois, signos deflagrados por meio de uma sintaxe silenciada rondam os textos. Confluências, enfoques contraditórios, o caminho escavado na escritura faz suspeitar outra voz, mais secreta e menos comunicável. A minha leitura se dá em um labirinto lacônico. O motivo da escolha. Invocando o passado por este furo do presente consentido, alinhavo, do rol do diverso e do controverso, a simulação de contato entre fragmentos para acionar um deslizamento de sintomas entre lapsos da história, cortes na literatura e as cesuras da cultura periférica. Aonde uma assinatura artesanal e finita tenderá ao que perdura e transborda.

As palavras ritmadas do cordel, tangidas de longe até desdobrarem seu sentido a outro ouvido atento, rimam com a persistência, lembrando um modo de moldura em deslocamento para acolher o rosto passageiro, ao declínio do olhar, na ascensão do toque. A filosofia do contato, proximidade e afastamento, de que nos fala Jean-Luc Nancy, que se lerá em outro capítulo. O que resta, este sobejo, a pedra que resiste. Uma poética Kariri sobre a memória? Ou ainda o sonho errante Guarany, tão romeiros no meio do caminho. A pedra, à imagem e semelhança do ex-voto, concretude da fé, que é tudo. E tudo é nada (a fala recorrente de Maria Rosa, a Virgem de Caraguatá), *bien sabemos que no es nada*. Palavra leve – o fumo do que em fogo se consumiu. A relíquia profanada transitou ao gesto e se fez carne na língua da beata. A carne é forte.

Singularidade incomum: a comunidade do irrepresentável, por hipótese. O que também se lê: julgamentos atemporais infiltrando-se na crítica preconcebida. Nas ruínas decifro o viés do rastro. Não resta nem o chão, flutue a sequela, poeira do ar do mundo. O século XX poderia começar por aqui em 1897 com o massacre de Canudos e ainda não cessou, de todo, disse Raúl Antelo, numa manhã de aula. Fatos

transmutam-se em enigmas provisórios de linguagem, e linguagem, ensina, “é esquecimento, presença lacunar”<sup>4</sup>. Lancinante o tempo e seus valores lábeis. Qual dispositivo controla a tradição, paralaxe da marginalidade roendo o moderno pela beirada e depois. O limiar entre rito e mito que não se decanta e resiste. A origem se insinua passageira, era uma vez o começo. Acolher as cinzas, a sensibilidade a tangenciar o que é o quente.

A vida mais íntima possível, o deserto aonde se sabe o gosto do sal. O concentrado no resíduo dos arquivos manifesta-se desde, à distância. Quem soa, ressoa no vazio, necessária passagem. O que ainda insiste da pluralidade indígena, a via ética, estética e espiritual constelada com a natureza, faz sua aparição avançando e olhando para trás. O arcaico transpira na periferia mesclada. É o que captura a mirada e se deflagra em movimento, arcano anunciador do corte e da contaminação.

Indagar ao que restou arranja o descompasso do tempo que o brincante atualiza noutros espaços, no combate performático de Cheganças, Marujadas, Naus Catarinetas, em devoção do Imperador do Divino, Carlos Magno, São Sebastião. Cortejos de Maracatus, autos de Boi Bumbá, a festa é a fresta. O romeiro age, celebrando seu saber no Torém dos bisavôs. Vanguarda primitiva, o cantar diante da morte. Sertão: esporos de “Y Juca Pirama”? Uma canção do exílio, taba imemorial, quilombo renitente, 11ª ilha dos Açores, do bilro das solidões bordando o avesso da fala. Sertão feito de periferia e periferia sendo o lugar do deslocamento.

As manifestações difusas da cultura periférica são células de vigor traduzindo a insistente interrogação à comum intimidade, aquela que acolhe a reincidente utopia estrangeira que está na busca da Terra Sem Males, no País da Cocanha do tempo dos Cruzados, na Mérica dos imigrantes italianos do fim do século XIX, reside na infinita fartura do País de São Saruê do romance de cordel, e mesmo se escondeu na Lagoa Encantada da cosmogonia Tremembé, lá nas praias do Ceará. (E, sim: um dia, o Eldorado se chamava Amazonas, ou era São Paulo).

De onde vim, as fronteiras se esgarçam nas lindes do litoral, e todo o nordeste compartilha o Sertão. O mesmo chão por onde atuou Antônio Conselheiro se faz roteiro dos afilhados do Padre Cícero. Além

---

<sup>4</sup> ANTELO, Raúl. **Algaravia**: discursos de nação. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998. p. 23. Aliás, a fatura deste tópico inicial está em sintonia com a provocação proposta pelo ensaísta: a desmontagem e rearranjo dos discursos de nação.

do Araripe, em terras pernambucanas, ao assombro de Virgulino Lampião, nascido no vale do Pajeú, que é afluente do rio São Francisco. Pajeú, alcunha de um valente de Canudos, também designa a faca só lâmina usada por cangaceiros e o lugar aonde a Pedra Bonita condensou o sangrento encanto de um D. Sebastião, as rochas em par, as torres de seu castelo encapsulado no reino mineral, tal os celacantos de outra era emparedados perto dali, na chapada. (Sertão fóssil, de ficção, tramado na memória da infância semeada em sesmarias de livros).

De novo na estrada, somente o verde e muitas águas, vejo e lembro. Alerta, a máquina de pensar o testamento impossível, o oco do testemunho. Procuo a singularidade que me trouxe aqui, ao sul – o Contestado – e um silêncio me move até estas mães de cabelos de graúna, vigilantes, de cócoras, ao lado de algum artesanato e bulbos de bromélias na rua que homenageia um personagem da guerra, seu nome o calçadão comercial no centro de Florianópolis. Levam seus filhos pequenos aconchegados ao corpo, do mesmo modo como Pero Vaz de Caminha descreve, pela primeira vez, uma mulher de outro mundo na beira de uma praia do lado de baixo do Equador: “[...] com um menino ou menina no collo atado com um pano não sei de que aos peitos, que lhe não pareciam se não as perninhas”.<sup>5</sup>

Domingos Jorge Velho, que dizimou inúmeras gerações e arrasou Palmares, em carta a D. Pedro II de Portugal, datada de 15 de julho de 1694, recorda ao rei o álibi da “guerra justa” (contra hereges, infiéis e inimigos da fé, e pela expansão do cristianismo, conceito canônico formulado por Santo Agostinho, o Doutor da Graça, por volta do quinto século<sup>6</sup>: “Não é gente matriculada nos livros de Vossa Majestade” e, portanto, estava no seu direito e dever capturar “o tapuia gentio-brabo e comedor de carne humana, para o reduzir para o conhecimento da urbana humanidade”<sup>7</sup>. A empresa bandeirante, assim o sistema de encomenda na banda hispânica, foi, na expressão de Darcy Ribeiro, “moinho de gastar gente”.

---

<sup>5</sup> ABREU, Capistrano de. **O descobrimento do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 184.

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Coordenador da tradução Hilário Franco Júnior. São Paulo: EDUSC, 2002. 2 v. v. I, p. 475. Os autores defendem a ideia de uma continuidade entre a Pax Romana pagã e o Bellum Justum cristão, dispositivo que consagrou e justificou o poder imperial enquanto representação do poder divino.

<sup>7</sup> RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 52.

Data de 1750 o Tratado de Madri, no qual as coroas ibéricas permutam a Colônia do Sacramento e os Sete Povos das Missões: arremate de uma estratégia nem sempre diplomática articulada entre as cortes europeias sem, como de costume, a participação dos interessados, as gentes que moravam lá e cá. O líder guarani Sepé Tiaraju encabeça a revolta em uma guerra desequilibrada contra as forças combinadas de Espanha e Portugal, e morre em batalha às portas da Missão de São Miguel Arcanjo, num dia de fevereiro de 1756. O que sobrou daquela demolição movimentou a economia da cidade gaúcha que ali nasceu. Canonizado numa lenda popular, Tiaraju empresta seu nome a outro município riograndense, São Sepé.<sup>8</sup>

Por volta de 1760, a Companhia de Jesus será expulsa dos domínios portugueses, todos os bens apreendidos: sinos, imagens, bastante gado, os paramentos das capelas, ferramentas, violas e violinos, o conteúdo dos silos, o pomar. Logo Espanha faria o mesmo do outro lado *del río*. Haverá guerra até 1828, quando da independência da Província Cisplatina, doravante nominada República Oriental do Uruguai. Dessas articulações de conflitos resultou o afunilado mapa do Brasil, com a incorporação do Continente de São Pedro, que fora por muitas eras moradia dos Tapes, e depois o delineamento rumo ao oeste, o Pantanal de grossos matos habitado por Guaicurus.

Aonde foram aldeias e eram missões seriam quartéis e sedes de imensas propriedades e então, como se deu também por toda parte – ali vingariam vilas e cidades. Não haveria mais lugar para o sonho da Terra Sem Males? Haverá Canudos, existirão as cidades santas do Contestado. (E Juazeiro do Norte, havido por milagre da beata Maria de Araújo na Sexta-feira da Paixão de 1889: a encruzilhada de tropeiros que transitavam a Chapada do Araripe, indo e vindo de Recife ao Ceará via Crato, Missão Velha e Barbalha, se transfigura a cada romaria, ano após ano, animando o chão que é sagrado para quem vem de muito longe ou mais de perto, penitentes de rosário à vista, pingentes nos paus de arara adornados de fitas e imagens celestiais. A cidade excessiva, barulhenta, tanto asfalto, também emoldura o ritual dos praiás da nação Pankararu, disseminada por Alagoas, Bahia, Paraíba e Pernambuco, que chegam do

---

<sup>8</sup> As informações tiveram como fonte ABREU, Capistrano. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1960. e Abreu (1999), viagem a Colônia do Sacramento e região das Missões, em janeiro de 2009, e o ensaio de SUESS, Paulo. O Anti-herói Sepé Tiaraju comemoração e resistência. Disponível em: <[www.missologia.org.br/cms/UserFiles/cms\\_artigos\\_pdf\\_25.pdf](http://www.missologia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_25.pdf)> Acesso em: 20 set. 2011.



lado de lá da serra para dançar o Toré e o São Gonçalo em memória do Padrinho Ciço, na pessoa de quem festejam o encantado Badzé).

Sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, Patrimônio Cultural da Humanidade desde 1983. Quando escurece, um espetáculo de som e iluminação encena o dia derradeiro de Sepé Tiaraju. O público ouve e imagina a batalha no jogo de luzes que destacam aqui a nave da igreja, ali aonde era a casa das mulheres, acolá a escola de música, as oficinas dos artesãos, que visitamos ao sol. Quem narra o evento são os monumentos em ruína humanizados pela voz de conhecidos atores. Entre as sombras rondam meninas guaranis com seus irmãos escanchados na anca, saias compridas, pés nus. Eles não fazem parte do espetáculo, mas estão na cena. Desde quando? Fincadas na grama, rodeando as paredes roídas e os indícios do que tinha sido um lugar bom de se morar – se a vida pode ter estudo, trabalho e festa, placas com fragmentos de narrações do fim do mundo. Anoto de uma dessas sinalizações a sentença de morte copiada do relatório do capitão lusitano, um dos cavaleiros daquele apocalipse: “Percorremos e devastamos todos os campos adjacentes a estes povoados num raio de 50 léguas”.<sup>9</sup>

Antecipando as ruínas sensitivas, a portaria de controle e o museu. Da madeira entalhada por imaginação e labor anônimos, esses santos, estes anjos que nos rodeiam, Nossas Senhoras esculpidas por artífices missioneiros no padrão que os jesuítas trouxeram de além mar. Nenhuma dessas peças que sobraram recorda a face do artista que a modelou. Mas uma delas escapou da fogueira. Sem a cor que a revestia e sem nariz, a cabeça mutilada é mesmo que estar vendo um ex-voto nordestino, escultura com a qual o devoto testemunha com a representação do seu corpo padecente a ocorrência do maravilhoso e do inexplicável. O ex-voto sinaliza uma aliança com o sagrado, afiança a fé, a ela se confia. É, na sua íntima verdade, uma fratura exposta. E se fez arte.

Na varanda do museu e por todo o sítio histórico: os guaranis silenciosos, ao lado de colares de sementes, adereços tecidos de algodão e plumas, cestos de palha coloridos, corujinhas, tatus e onças em madeira leve gravada a fogo. O turista quase ignora aquelas pessoas que

---

<sup>9</sup> A ida ao território das Missões no Rio Grande do Sul, e a Montevideu e Colônia do Sacramento, faz parte de um roteiro subjetivo pelos sertões da América (que se iniciou pela vivência sob carpas blancas no Zócalo – caleidoscópio da Cidade do México, durante a Feira do Livro acontecida ali em outubro de 2004).

deslizam entre relíquias não compartilhadas. A menina de cabelos mui negros me olha e sua voz é um fio por onde principio o riscado deste bordado ao avesso: “Tem troquim?”. Pergunto como se chama. Camila, responde. Traz no colo a irmãzinha de dois meses, Iracema. O nome anagramático que José de Alencar inventou para sua heroína tabajara, no distante 1865, ano em que começou a guerra do Brasil, Uruguai e Argentina contra o Paraguai, o trauma das fronteiras do Cone Sul da América.

## 1.2 A cidade e o campo

O ano: 1915. Um lugar, o vale do rio Santa Maria, área de Curitibaanos, oeste de Santa Catarina. Contra os grupos de sertanejos rebelados moviam-se seis mil soldados, a metade do efetivo do Exército brasileiro com esquadrões a cavalo, seções de metralhadora, as peças pesadas de artilharia de montanha e mesmo o ineditismo de aeronaves de combate, além do aporte de mil civis conhecedores do terreno bem dispostos e armados. Tal em Canudos, não se renderam. Mas as aldeias sitiadas não contavam mais com suas Virgens, eram mortos os Pares de França, dispersos os penitentes, e os que escaparam por pouco sofreriam o experimento absoluto do poder, ultrapassado o limite da resistência física. Sim. Haverá quem sobreviva para contar: “nós – o pequeno grupo de gente obscura que não dará muito trabalho aos historiadores”.<sup>10</sup>

Enquanto o sertão disputado por Santa Catarina e Paraná ardia sob todos os fogos, o chão nordestino queimava em mais um tempo de estio. Passando em brancas nuvens o dia de São José, e assim qualquer probabilidade de inverno, de acordo com a ciência dos profetas da chuva, a seca se confirmou. O bispo do Ceará foi se queixar em São Paulo, e pedir ajuda para seu estado que havia, no ano anterior, vivido a guerra conhecida por Sedição do Juazeiro. “Só os jagunços do Padre Cícero valeram por uma seca”, teria dito D. Manuel<sup>11</sup>. Nos jornais, debatiam-se as graves crises nacionais do momento, a seca cearense e a guerra no sul. Certo engenheiro, por exemplo, achou solução para os dois problemas de uma vez: “Era preferível que o governo federal

---

<sup>10</sup> AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha** – Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. (Col. Estado de Sítio - Homo Sacer, 3). p. 20. As palavras são de Salmen Lewental, sobrevivente de um dos campos de concentração nazistas.

<sup>11</sup> CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Trem da Seca: sertanejos, retirantes e operários: 1877-1880**. Fortaleza: Secult, 2005. (Col. Outras Histórias, 32). p. 108.

aproveitasse o crédito de 5 mil contos a fim de transportar as vítimas para o território do Contestado, cuja independência seria proclamada”<sup>12</sup>, propôs.

A seca de 1915 se espichou na pele do imaginário fortalezense, pelo menos até a década de 70, quando uma menina deveras magra era chamada “Seca do 15”, ou simplesmente “Do 15”, por algum colega de escola. Um resíduo da recepção popular ao romance de estreia de Rachel de Queiroz? O tema da seca rende um ciclo na literatura brasileira que vem do fim do século XIX e vai constante até o chamado Romance de 30, ano da publicação d’O *Quinze. Luzia Homem*, Sinhá Vitória, Severinos de engenho e arte, e mais ainda sertanejos de alma e osso foram embora levando na bagagem o sertão em moldura de saudade. (Para ouvir, os oito minutos da toada “Triste Partida”, de Patativa do Assaré, no disco gravado em 1964 por Luiz Gonzaga. A última grande seca no Ceará, antes desta de 2012, fora a que se deu entre 1979-1983, não havendo mais a migração para as terras do sul, como cantava o Patativa. Os agentes da desigualdade que se favoreceram das estiagens continuam a gerenciar a exclusão, traduzida em números atualizados. O Laboratório de Estudo da Pobreza, da Pós-graduação em Economia – Caen/UFC, em relatório publicado em outubro de 2011, tabulando dados do último censo do IBGE, conclui que um em cada cinco cearenses vive na miséria<sup>13</sup>).

Diogo de Campos Moreno deixou o primeiro registro escrito de uma seca no Ceará, da primeira família de retirantes e ainda contou a respeito de uma curiosa procissão indígena para fazer chover. O sargento-mor do Brasil, tio de Martim Soares Moreno, que ia engajado, ainda adolescente, nessa missão, relatou esses fatos no diário da *Jornada do Maranhão por Ordem de Sua Majestade feita o ano de 1614*, iniciando a narrativa com o fracasso da expedição comandada uma dezena de anos antes pelo fidalgo Pero Coelho de Sousa, que veio da Paraíba com seu exército de 80 “brancos” e 800 “índios aliciados”, com o objetivo de ir até o Maranhão. A bandeira esbarrou na chapada da Ibiapaba, onde mandavam os guerreiros de Irapuã, e tornou às margens do Jaguaribe, para fundar uma colônia no sertão da capitania. Era o ano de 1604 e não choveu. Pero Coelho vendeu os índios que o

<sup>12</sup> CÂNDIDO, 2005, p. 107.

<sup>13</sup> “Segundo o Censo 2010 do IBGE, o Ceará possui por volta de 1,5 milhão de pessoas abaixo da linha de miséria, o que representa quase 18% de sua população e cerca de 9% de toda a extrema pobreza do Brasil”. Fonte: Relatório nº 11 do LEP. Disponível em:

<<http://www.caen.ufc.br/~lep/>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

acompanhavam e se retirou para o forte dos Reis Magos, nas praias do Rio Grande do Norte, “a pé com sua mulher e filhos pequenos, parte dos quais pereceram de fome”.<sup>14</sup> O nome dessa mulher esquecida é lembrado em rua de Fortaleza: Maria Tomásia.

Uma segunda expedição com o intuito de ir até o Maranhão combater os franceses, e no caminho pacificar os tabajaras, foi liderada por dois padres da Companhia de Jesus, o açoriano Francisco Pinto e Luís Figueira, seguidos de 40 índios cristãos, que partiu em 1607 da missão da Paupina (Messejana, um bairro na periferia de Fortaleza). Chegaram à Ibiapaba, “deixando de novo quietos e mui amigos os do Ceará”, escreveu Moreno, mas foram assaltados no sertão do Piauí por um grupo de tapuias, tendo morrido no entrevero o padre Francisco Pinto, o Pai Pina, e “está hoje o seu corpo venerado no Ceará dos mesmos índios, que dizem que, depois que o têm consigo, sempre lhes chove água do céu, e lhes vai bem”.<sup>15</sup>

(Gustavo Barroso reconta assim. No dia de São Sebastião de 1607, os padres Francisco Pinto e Luís Figueira chegaram, vindos a pé desde Mossoró – dito Siará Mirim, até as praias do Mucuripe, onde se entenderam com o chefe Algodão. Com sua ajuda, fundaram reduções entre os povos que viviam nas lagoas e abas das serras próximas do litoral do Siará Grande: Pitaguari, na Aratanha; Paupina – depois Messejana, substituído o nome potiguar pelo mourisco; e Caucaia, com sobreviventes das nações “que tinham sido arrastadas e desfalcadas nos vaivéns da conquista de Pero Coelho, de 1603 a 1606”. Um ano depois, a dupla já catequizava muito mais a oeste, nas faldas da Serra Grande, a Ibiapaba da grande nação tabajara. No dia 11 de janeiro de 1608, durante a missa, foram atacados por um grupo de Tocarijus, “índios tributários dos Tabajaras, que frecharam o padre Pinto e o acabaram de matar a golpes de tacape, ao pé do altar”. O corpo foi trazido de rede até a missão da Paupina. A seca se anunciava, e os índios saíram pela aldeia carregando os ossos venerados, e nesse dia choveu. O padre Luís Figueira escapou, daquela vez. No entanto, diz Barroso, quase 30 anos depois, “encontrou idêntica morte, *ad majorem Dei gloriam*. No famoso

---

<sup>14</sup> MORENO, Diogo de Campos. **Jornada do Maranhão por ordem de Sua Majestade feita o ano de 1614**. 5. ed. Análise filológico-estilística por A. Martins de Araujo. São Paulo: Siciliano, 2002. p. 29.

<sup>15</sup> MORENO, 2002, p. 29-30.

naufrágio de Pedro de Albuquerque, no rio das Amazonas, foi frechado e acabado a tacape pelos Aroans”<sup>16</sup>.

A Seca dos Três Setes inviabilizou a indústria da carne do sol ou carne do ceará, subproduto da venda de couros bovinos exportados para a Europa. As oficinas estabelecidas à foz do rio Jaguaribe escoavam seus produtos a partir de São José do Porto dos Barcos, em Aracati. A técnica da charqueada chegou ao Rio Grande do Sul por volta de 1780, levada “por um cearense, José Pinto Martins, que emigrou para aquele estado sulista, localizando-se em Pelotas, onde instalou a primeira oficina de carnes secas”.<sup>17</sup>

Foi o padre José Martiniano de Alencar, quando presidente da província em 1834, quem tomou algumas providências oficiais para conviver com o semiárido, construindo açudes, cacimbas e poços na capital. Desse tempo restou o nome de pequeníssima rua no centro histórico de Fortaleza, a caminho do reservatório que abasteceu a cidade, às margens reduzidas e alteradas do riacho Pajeú: o Beco do Pocinho.

As obras de transposição do rio São Francisco interligando as bacias do semiárido começaram em 2007 e não tem data para terminar. O projeto vem sendo cogitado desde 1818, quando o primeiro ouvidor do Crato propôs a construção de um canal “ligando o São Francisco ao Jaguaribe, pelo riacho dos Porcos”. Na grande seca de 1877-79, em sessão no Parlamento, o deputado Tristão de Alencar Araripe sugeriu levantar a planta topográfica de “um canal que abra comunicação do São Francisco com o rio Salgado e o rio Jaguaribe, no Ceará, de modo que nestes dois rios estabeleça-se uma corrente perene”<sup>18</sup>. Por outro lado, seu primo, também deputado na mesma legislatura, o escritor José de Alencar, em discurso na sessão de 17 de abril de 1877, afirmou haver “incontestavelmente muita exageração”<sup>19</sup> nas notícias alarmantes sobre a seca, o inverno poderia começar até junho, garantiu. E algumas das poucas obras que estavam sendo feitas foram interrompidas. José de

---

<sup>16</sup> BARROSO, Gustavo. *À margem da história do Ceará*. 3. ed. Rio de Janeiro: ABC Editora, 2004. 2 v. Inclui ilustrações e fotografias da 1. ed. v. I, p. 32-33, grifo do autor.

<sup>17</sup> VILLA, Marco Antonio. *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000. nota 5, p. 20. Diz o autor, na apresentação: “Este livro narra o massacre de milhões de nordestinos, que acabou esquecido, como se fosse uma lembrança incômoda”.

<sup>18</sup> VILLA, 2000, p. 36, nota 14, p. 37.

<sup>19</sup> CÂNDIDO, 2005, p. 44.

Alencar morreu em dezembro desse mesmo ano, de tísica, aos 48 anos de idade.

Dos 130 mil habitantes de Fortaleza em 1877, 110 mil eram retirantes. Quando a seca acabou (oficialmente por decreto do ministro da Fazenda, o Visconde de Ouro Preto), ainda restavam nos abarracamentos 80 mil pessoas – os demais haviam morrido em surtos de varíola e outras doenças. Ou de fome, ampliada pela corrupção no desvio de verbas e alimentos. “Um comissário de socorro teria em poucos meses de trabalho modificado substancialmente seu padrão de vida: mudou de casa, comprou um piano e diversos utensílios para residência”. A ascensão de novos ricos: “funcionários e chefes de abarracamentos, comerciantes, fornecedores do governo e padres enriqueceram com o dinheiro e os gêneros enviados para socorrer os flagelados”<sup>20</sup>. Para completar o quadro, só faltava a adesão do preconceito ao tecido cultural. Por volta de 1880 surgiram casos de varíola na Corte, atribuídos pelo Barão do Lavradio “aos cearenses, recém-chegados ao Rio de Janeiro”<sup>21</sup>. E assim se desenvolveu a indústria política da seca, no rastro de sangue da civilização do couro.

“Aqui é como se vê sempre: a presença do pobre não faz dó, mette medo; o rico pensa logo que o infeliz vem roubar”<sup>22</sup>, diz um personagem de folhetim na Fortaleza sitiada pela seca de 1877. O então presidente da província escreveu ao governo imperial propondo que os “exilados da fome” fossem engajados em obras de melhoramento urbano e recomendou continuar a ferrovia (iniciada em 1872 e parada desde 1875), com “a vantagem de conservar mais ou menos divididas as grandes aglomerações de povo que a fome improvisa”<sup>23</sup>. Em 1878 chegou à capital uma comissão de engenheiros, responsável pela retomada das obras da ferrovia que ligaria Fortaleza ao Cariri: três austríacos, um inglês e outro norte-americano. Uma das primeiras providências do engenheiro chefe Julio Pinkas foi encomendar a uma

---

<sup>20</sup> VILLA, 2000, p. 78, 79.

<sup>21</sup> VILLA, 2000, p. 82.

<sup>22</sup> Trecho do romance *Os Retirantes*, do jornalista e abolicionista José do Patrocínio, publicado em 1879, um ano após sua vinda ao Ceará como repórter da “Gazeta de Notícias”, do Rio de Janeiro, para cobrir os efeitos da seca de 1877. Citado em BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 158.

<sup>23</sup> CÂNDIDO, 2005, p. 40-41.

casa comercial 60 rifles, 25 carabinas, 70 apitos e um revólver para a sua força de segurança<sup>24</sup>.

Vaqueiros e agricultores obrigados a improvisarem-se artífices de cantaria, oleiros, carpinteiros, ferreiros, assentadores de dormentes, cavadores de buracos, britadores, aguadeiros, pedreiros – ofícios pesados afins do trabalho roceiro, porém regidos por normas, sanções, castigos, horários determinados pela máquina, alterando o cotidiano ao impor outros costumes. O preservado edifício da estação de trens de Fortaleza, inaugurado em 1880, com seu relógio de números romanos na fachada, guarda o anonimato dessas mãos trabalhadoras. Em tempo recorde, entre a seca e a volta das chuvas, os retirantes operários ergueram pontes, pontilhões, bueiros, estações, oficinas, casas para engenheiros e guardas, depósitos, postes do telégrafo, poços, açudes, estradas, cadeias, as linhas férreas que agilizaram o sertão.

Os trilhos que trouxeram retirantes nas secas de 1915 e 1919 também serviram para conter a população e localizá-la próximo às frentes de serviço – o nome oficial do trabalho compulsório. “Em 1932 o obituário, nas frentes, incluindo campos de concentração administrados pelo governo cearense, atingiu 22.616 mortos, sendo 14.738 menores”<sup>25</sup>. Os campos de concentração estavam assim distribuídos: em Ipu, na Ibiapaba (6.507 pessoas registradas), Quixeramobim (4.542), Senador Pompeu (16.221), Cariús (28.648), Crato (16.200) e Fortaleza (1.800 pessoas, alocadas em dois abarracamentos). “Dali não podiam sair sem autorização dos inspetores do Campo. Havia guardas vigiando constantemente”<sup>26</sup>. O primeiro navio de cruzeiro com “excursionistas do Sul para o Nordeste” chegou ao porto de Fortaleza no dia 14 de junho de 1932. Os turistas visitaram o campo de refugiados do Pirambu, “deixando de benefício cinco contos de réis”<sup>27</sup>.

Marcando o ritmo do trabalho, o alívio dos cantos rimados na hora, a que eram afeitos sertanejos no campo e depois na cidade no esforço solidário dos adjuntos, unindo vozes e cadenciando o movimento necessário à função, mesmo a contragosto dos capatazes. O

---

<sup>24</sup> CÂNDIDO, 2005, p. 100.

<sup>25</sup> GUERRA, Paulo de Brito. **A civilização da seca: o nordeste é uma história mal contada.** Fortaleza: DNOCS, 1981. p. 35.

<sup>26</sup> RIOS, Kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932.** Fortaleza: Secult, 2001. (Col. Outras Histórias, 2.) p. 41.

<sup>27</sup> RIOS, 2001, p. 27.

refrão do coco “Tamanqueiro” foi registrado na Seca do 32, cantado por quebradores de pedra para o açude Itans, em Caicó, Rio Grande do Norte: “Oi, tamanqueiro/ eu quero um par/ quero um par/ quero um par/ Eu quero um par/ de tamanco pra dançar”<sup>28</sup>. (Os novos modos de produção cassaram os cantos de trabalho cooperativo. No entanto, enfatizo os temas do verso de improviso e as coreografias grupais que se reativam a partir do corpo – tomado aqui em si e em seu aspecto de conjunto reunido para um determinado fim estético – do corpo inventivo do mestre popular, que suporta estas memórias).

Testemunha aquele que sobreviveu, conduzindo o elenco de seus mortos (ou por eles sendo sustentado, como o personagem do Morto Carregando o Vivo do teatro de mamulengos). Ao mesmo tempo dentro e fora da história, o sobrevivente promove o deslocamento de uma impossibilidade lógica a uma tática poética: a travessia do limiar ao encontro do inumano. E a volta, figural, quando a morte é o instantâneo da fuga a qualquer forma de poder, o retorno ensimesmado ao mais privado e absoluto segredo.

Porém “a vida traz consigo uma cisão, que pode fazer de todo viver um sobreviver, e de todo sobreviver um viver”, o argumento de Agamben, recordando Auschwitz: “o homem é aquele que pode sobreviver ao homem [...] não é possível destruir integralmente o humano, algo sempre *resta*. *A testemunha é esse resto*”<sup>29</sup>. O homem, dirá ainda, “tem lugar na fratura entre o ser que vive e o ser que fala, entre o não-humano e o humano [...] O homem é o ser que falta a si mesmo e consiste unicamente neste faltar-se e na errância que isso abre”<sup>30</sup>. Virá dessa pessoa genérica e ambivalente, singular & plural, a voz que interessa ouvir. Com atenção, delicadeza. Contato.

Definição operacional do dispositivo, segundo Agamben, retomando a proposição de Foucault. Trata-se de “um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar, num sentido que se supõe útil, os gestos e

---

<sup>28</sup> LAMARTINE, O. *Sertões do Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980. p. 181. O coco “Tamanqueiro” também foi registrado por Mário de Andrade, nos anos 30, e recolhido outra vez, na Paraíba, entre 2004 e 2005, pelo grupo A Barca, de São Paulo, via projeto Turista Aprendiz ([www.barca.com.br](http://www.barca.com.br)). Gravado no CD Axial, de Sandra Ximenez ([www.axialvirtual.com](http://www.axialvirtual.com)). O “Tamanqueiro” faz parte do repertório dos reisados do Ceará.

<sup>29</sup> AGAMBEN, 2008, p. 88, 135-136, grifo do autor.

<sup>30</sup> AGAMBEN, 2008, p. 137.



os pensamentos dos homens”<sup>31</sup>. Quer dizer: quem é que, sorrateiramente, escapa? A cultura, enquanto produto coletivo e de interesse vário de distintas e inacabadas civilizações, é a genérica humanidade agindo no espaço de uma constelação transversal do tempo e essa trama vai capturando, interceptando, estereotipando a matéria reciclável que doa forma a (deforma, conforma e informa) nosso corpo, com isso que a filosofia do século XIX chamou o espírito da época, físgado via linguagem, “talvez o mais antigo dos dispositivos”<sup>32</sup>. Bhabha destaca o núcleo político do conceito, ao citar Foucault falando das “estratégias de relações de forças que apoiam e se apoiam em tipos de saber”<sup>33</sup>. O confronto de energias acionadas através dos dispositivos que engendramos (e tramam a rede viva da cultura), no espaço imediato do agora.

Ser no tempo apartado, o sujeito cindido, emergindo na onda que nem colide e este mar já se afastou, para novo movimento. Está aqui o que, em sendo, ainda há de chegar sem tempo. Contemporâneo, escreveu Agamben, “é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”<sup>34</sup>. Necessária aproximação, que devolverá à mesa da festa o pão esquecido no sacrário. Onde se localiza o contemporâneo incide a profanação, “contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido”<sup>35</sup>. A cultura popular é, no seu gesto e na sua fala, profanadora e nesse sentido rearranja o dispositivo na duração instantânea do espetáculo que não tem fim (e sem supor finalidade). Dito de outro modo. “Toda fantasia pura procura sua fonte no que há de mais autêntico no mundo, o desejo pelo prazer, e encontra seu caminho nas disposições ocultas das diversas sensibilidades de que somos compostos”<sup>36</sup>.

Atravessamento e travessia. O que restou pulsa nos destroços, os códigos precários da nação. O que acontece e perdura também será esquecido. Mas ficará este nome, esse som. Ensaio um texto de

<sup>31</sup> AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. 1ª reimpressão. Chapecó: Argos, 2009. p. 39.

<sup>32</sup> AGAMBEN, 2009, p. 41.

<sup>33</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. de L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p. 115.

<sup>34</sup> AGAMBEN, 2009, p. 62.

<sup>35</sup> AGAMBEN, 2009, p. 45.

<sup>36</sup> Valéry, P. Prefácio. In: FLAUBERT, G. **As Tentações de Santo Antão**. Prefácio de Paul Valéry. Tradução de Luís de Lima. Litogravuras de Odilon Redon. São Paulo: Iluminuras, 2004. p. 8.

aproximação, tomo o fragmento por estratégia: corte, atalho. Retorno à cicatriz (onde está o umbigo, aonde o deixei). Visagem heráldica do sertão, a marca de ferrar inventou-se outro alfabeto. Mancha do jenipapo, mestiçagem – castanho tisanando a pele clara. Deslocamentos promovem mudança de ponto de vista: o olvido impossível. Ou: Canudos traduzindo a perplexidade do país interpretado por Euclides da Cunha. Ou, favela (o que veio na dobra da epopeia do Belo Monte), novo sertão dos periféricos da cidade. Essa saudade, a sombra dos retratos no reboco da memória.

Nômades por cultura, os Guaranis acampam na margem das estradas do sul da América do Sul evocando levadas retirantes, no desprezo das divisas nacionais e sua artificialidade ideológica: seguem na trilha do Peabiru. Seguimos. “Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras”<sup>37</sup>. Ninguém faz ideia de quem vem lá. A fronteira assinalada há tanto tempo na plataforma enigmática das itacoatiaras conservando na boniteza da pedra os rastros cifrados de outra civilização, seus sinais desde o sertão até a pancada do mar.

O novo e o velho entrando de par na dança (no mundo) por conta do híbrido (o traduzível). A cultura do local: lugar da resistência da experiência do vivido nos aglomerados de identidades, sopram-me sensíveis sambaquis. Mestre Raimundo Aniceto em ação com a bandinha cabaçal, tal como fez seu pai e seu neto está a fazer, tocando pífano, virando onça no meio da praça, a cara de caboclo cariri sorrindo ao freguês que lhe compra farinha na feira do Crato, artista agricultor, ó transitivo sertão. “A cultura se torna uma prática desconfortável, perturbadora, de sobrevivência e complementaridade - entre a arte e a política, o passado e o presente, o público e o privado”<sup>38</sup>.

Processos que se tornam mais nítidos no viés da semelhança com a alteridade, estratégias plurais de subjetivações singulares esgueirando-se na trama do adverso, formulando outras saídas. “A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento”. A tradição, enquanto produção original incessante, renovável e compartilhada que sustenta a cultura periférica popular – e seu assentamento na fronteira e na alegoria – dá pistas do próprio poder do sujeito “de se reinscrever através das condições de contingência e

---

<sup>37</sup> BHABHA, 2007, p. 19.

<sup>38</sup> BHABHA, 2007, p. 245.

contrariedade”<sup>39</sup>. A tradição lida com a diáspora e tudo o mais que ficou pelo caminho.

As vítimas da violência atingidas por projéteis de medo, “a fim de gravar o evento nos recônditos mais profundos de nossa amnésia, de nossa inconsciência”<sup>40</sup>. O trecho do poema anônimo, escrito em náuatle no ano de 1528, apenas uma década após a chegada de Cortez ao México, evocando ainda agora o grito prévio ao silêncio do aniquilado, o que restou antes do murmúrio do suicida ou da submersão: “Nos caminhos jazem dardos rotos, os cabelos estão espalhados. Destelhadas estão as casas, ensanguentados seus muros. [...] Comemos lagartixas, terra em pó, vermes”<sup>41</sup>. Perspectivas rasuráveis. Quem estará a salvo. O que será salvo. No entanto. “A comunidade perturba a grande narrativa globalizadora do capital, desloca a ênfase dada à produção na coletividade ‘de classe’ e rompe a homogeneidade da comunidade imaginada da nação”.<sup>42</sup>

Na falha, cravar o olho e a fala. Pensar da fronteira é inscrever-se no lugar do presente, para “tocar o futuro em seu lado de cá. O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o ‘novo’. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural”. Nesta transição, ou, no trânsito da tradição como tradução é que acontece o “ato migratório da sobrevivência”. A vertigem do jogo – o mesmo esquecido é novo, de novo a exigir mais uma dose do vivido e do inventado. O jogo perigoso. “Em sua repetição, esses saberes recusados retornam para tornar incerta a presença da autoridade”. Canudos, Contestado, Caldeirão (a traição de Juazeiro). Os memoriais oficiais, os bronzes comemorativos, arcs e obeliscos, todas as estátuas dos heróis que o poder reivindica para si, esfinges sem mistério: “romanceiro celebratório do passado, homogeneização da história do presente”<sup>43</sup>. Outros monumentos, esses cruzeiros à beira da estrada, a gruta no mato, a mina d’água e, mais sutil, um resto de presságio por onde o profeta passou.

Eis o momento estranho, segundos antes do evento, quando se desenovelam diante de nosso espanto “os passados não ditos, não representados, que assombram o presente histórico. Os sujeitos da

---

<sup>39</sup> BHABHA, 2007, p. 20-21.

<sup>40</sup> BHABHA, 2007, p. 42.

<sup>41</sup> BRUIT, Héctor Hernan. **Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos**: Ensaio sobre a conquista hispânica da América. Campinas: Iluminuras, 1995. p. 46.

<sup>42</sup> BHABHA, 2007, p. 316.

<sup>43</sup> BHABHA, 2007, p. 173, 29.

narrativa que murmuram ou resmungam”. “O incalculável sujeito colonizado – semi-aquiescente, semi-opositor, jamais confiável”<sup>44</sup>. O índio sonso de todos os compêndios. “O nativo litigioso, mentiroso, tornou-se um objeto central dos regulamentos legais, coloniais, do século dezanove”. Consciência dilatada, dispersando-se em potências de informação a contrapelo do discurso, ressoando a instável algaravia entranhada nos registros. No artifício dos sentidos, a lembrança em rodopio, para “emergir como os outros de nós mesmos”<sup>45</sup>. O pesadelo da inversão de papéis providencia a ilusão de proximidade. Um outro é o inferno.

Quando os limites oscilam, “a sombra do outro cai sobre o eu”<sup>46</sup>, no mundo que jaz repartido em nações onde nos integramos bem e mal “com uma intimidade de cúmplices”<sup>47</sup>. Exclusão, a fórmula midiática do poder discriminatório que objetiva o borramento do outro, qualificando-o estranho.

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução<sup>48</sup>.

Para a metonímia da presença, camuflagem. A máscara dissimulando a desobediência dos deuses disfarçados. O silêncio se fez como refúgio ao desastre. Bhabha articula as palavras território e terror, a partir da raiz etimológica latina comum: um lugar do qual as pessoas são expulsas pelo medo. Então: o passado, esse país estrangeiro. Vai longe, o sertão. Entre o sabor da cultura e o costume do poder, as bordas de uma superfície de emergência. Nem um nem outro, mas o impostor: o monge José Maria. A presença perturbadora de outros tempos contingentes que interrompem a moldura da nação.

A nação não é mais o signo de modernidade sob o qual diferenças culturais são homogeneizadas na visão ‘horizontal’ da sociedade. A nação revela,

---

<sup>44</sup> BHABHA, 2007, p. 34, 62.

<sup>45</sup> BHABHA, 2007, p. 148, 69.

<sup>46</sup> BHABHA, 2007, p. 97.

<sup>47</sup> ROLAND, Ana Maria. **Fronteiras da palavra, fronteiras da história**: contribuição à crítica da cultura do ensaísmo latino-americano através da leitura de Euclides da Cunha e Octavio Paz. Brasília: Editora UnB, 1997. p. 53.

<sup>48</sup> BHABHA, 2007, p. 111.

em sua representação ambivalente e vacilante, uma etnografia de sua própria afirmação de ser *a* norma de contemporaneidade social.<sup>49</sup>

“A figura do povo emerge na ambivalência narrativa de tempos e significados disjuntivos”<sup>50</sup>. A figura do tumulto contra o racismo das estatísticas e dos documentos. A dispersão do povo do campo, sua reunião nas fronteiras da cidade, nas bordas rotas da pátria mãe gentil, aonde se dá a disseminação transnacional da cultura de sobrevivência. Que se saiba abrir a porta para ir brincar (convite sacado da valise de Júlio Cortázar), saturando o vestido do dia com a areia do sonho. A mestra Margarida, quando moça escavando cacimbas, e seu bailado bélico de mouros & cristãos nas ruas de pó e sol na periferia de Juazeiro. Cultura, um conceito eficiente a este trabalho: “como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social”<sup>51</sup>. Ainda a pensar, o transe da tradição na leitura das entrelinhas.

Panorâmica do Contestado: no objetivo da guerra, a obsessão de modernidade. “É o ‘racionalismo’ dessas ideologias do progresso que vai sendo crescentemente erodido no encontro com a contingência da diferença cultural”<sup>52</sup>. Da terceira margem, a questão deste capítulo: de quais perspectivas foi historiado o evento dos deserdados.

Estou interessado na estratégia cultural e no confronto político constituído em símbolos obscuros, enigmáticos, a repetição maníaca do rumor, do pânico como afeto incontrolado, embora estratégico, da revolta política<sup>53</sup>.

Mordida no sonho perigoso.

O desejo messiânico das multidões desperta medos reincidentes. “Signos políticos e portentos contagiosos habitam o corpo do povo”, escreveu Bhabha. Disse ainda: “Os insurgentes são colocados em uma distorção de tempo semi-feudal, como fantoches de conspirações religiosas”<sup>54</sup>. Canudos, Contestado, Caldeirão: as possibilidades

---

<sup>49</sup> BHABHA, 2007, p. 212, grifo do autor.

<sup>50</sup> BHABHA, 2007, p. 216.

<sup>51</sup> BHABHA, 2007, p. 240.

<sup>52</sup> BHABHA, 2007, p. 271.

<sup>53</sup> BHABHA, 2007, p. 276.

<sup>54</sup> BHABHA, 2007, p. 291, 282.

suprimidas. O moderno amarelou nas prateleiras da racionalidade. Do local da modernidade ao lugar pós-colonial se insere, inscreve-se, performa-se a cultura dos brincantes populares, portando com alegria (ela é a prova dos nove) a bandeira da sobrevivência. A festa celebra a revolta e a imersão “en la vida pura”<sup>55</sup> e propõe, nesse momento infinito, o mundo reencantado.

No futuro do pretérito, ou o que podem dizer insignificâncias, quase. O passado pede passagem, o anjo da história que Benjamin viu, revisto por Bhabha, com esta face: “O entre-tempo da modernidade pós-colonial movimenta-se *para frente*, rasurando aquele passado complacente atrelado ao mito do progresso”<sup>56</sup>. O sertão. Distância, isolamento. Um local de experiência e travessia, um espaço de memória (dos ancestrais) e este sentimento de perda no presente. O território a ser conquistado, amansado, ocupado. Civilizado. O sertão aceita todos os nomes. Guimarães Rosa ouviu. O sertão é dentro da gente. O sertão está em todo lugar.

Um estudo sobre o sertão paulista, como era à época da Guerra do Contestado, o noroeste vazio dos mapas pouco a pouco riscado pelo trilho do trem. O sertão, no consenso usual, entendido como um espaço regional marginalizado, “representado característica e indistintamente pelas regiões Norte e Nordeste”<sup>57</sup>, delimita o autor. Os seus antigos habitantes, os índios e depois os posseiros, foram combatidos ou expulsos, pondera Arruda, por serem inadequados ao projeto colonial escravocrata que se inicia no século XVI (do mesmo modo que os contingentes negros foram expulsos das terras onde trabalhavam escravizados por serem incapazes de produzir enquanto homens livres, segundo o pensamento neocolonialista que dominou a passagem ao século XX). O aparato da mentalidade catequizadora amansando a natureza tropical segue aterrorizando para domar o corpo e o espírito da pretendida nação, desde o fim do império até depois da república positivista, “identificando nos grupos indígenas e moradores daquelas regiões, os inimigos”<sup>58</sup>.

Conhecer para integrar, o lema implícito dos bandeirantes coloniais tomado como meta de governo dos generais de óculos escuros espelhados da década de 70, Transamazônica etc. “Os técnicos

---

<sup>55</sup> PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 46.

<sup>56</sup> BHABHA, 2007, p. 350, grifos do autor.

<sup>57</sup> ARRUDA, G. **Cidades e Sertões**: entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000. p. 13.

<sup>58</sup> ARRUDA, 2000, p. 21.

esquadrinhadores dos *sertões* concebiam suas atitudes e ações como uma guerra, uma luta contra o *atraso* e a *barbárie*”<sup>59</sup>, reflete Arruda, analisando os anais do I Congresso Brasileiro de Geographia, acontecido no Rio de Janeiro em 1909, ano do assassinato de Euclides da Cunha. O congresso foi o evento final dos trabalhos realizados desde 1904 pela Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo, à frente o grande amigo de Euclides, primeiro leitor de *Os Sertões*, Teodoro Sampaio, autor dos mapas da região vasculhada. O atlas elaborado por Sampaio recebeu restrições quanto à forma de indicar as divisas entre os estados do Paraná e Santa Catarina:

[...] em toda a zona contestada, existem disseminados milhares de attestados que, desde os mais remotos tempos, vêm confirmando não unicamente a jurisdição, mas também o incontestado direito de posse que assiste ao Paraná<sup>60</sup>,

escreveu o parcial relator dos anais.

(Expedições científicas tão ao gosto do imperador D. Pedro II desautorizaram as populações nativas e encheram de exemplares exóticos museus e gabinetes Europa afora. Não só espécimes da flora e da fauna, em delicadezas de aquarela ou na flagrante morte dos corpos embalsamados. Um casal botocudo, possivelmente xokleng, sugere Arruda, em meados do século XIX, “foi despachado para a Europa como suvenires científicos vivos”<sup>61</sup>. No princípio da fotografia, daguerreótipos tirados por E. Thiesson em Paris, datados de 1844, do acervo do Musée de l’Homme, capturáveis pela internet com a palavra “botocudo”, apresentam retratos de frente e perfil de um homem e uma mulher, oblíquos olhos nos encaram da distância, os lóbulos alargados por discos de madeira, seus cabelos de cuia, a pele de chá mate, eles posam para o futuro trajando tecidos à oriental).

O sertão noroeste de São Paulo, segundo viu Teodoro Sampaio, era uma terra “totalmente deserta e infestada de índios”<sup>62</sup> que logo será ocupada pela modernidade e o progresso representado pelo trem, os ramais de trilhos florindo nas rotas desenhadas em seus mapas. O sertão,

---

<sup>59</sup> ARRUDA, 2000, p. 30.

<sup>60</sup> ARRUDA, 2000, nota 57, p. 56.

<sup>61</sup> ARRUDA, 2000, nota 3, p. 65. As imagens do casal botocudo podem ser acessadas em diversos sítios; destaco o disponível em: <[www.forumfoto.org.br](http://www.forumfoto.org.br)>. Acesso em: 04 abr. 2011.

<sup>62</sup> ARRUDA, 2000, p. 174.

afirma Arruda, “é o lugar do abandono, seja da lei, da civilização ou, em uma palavra, da modernidade”. Para este autor, o sertão se basta como suporte material da memória coletiva. “Nos anos 40 já não existiam mais os chamados sertões, pelo menos no território paulista”<sup>63</sup>. Entenda-se: o sertão enquanto o signo retórico do atraso, identificado pelo senso comum, e reforçado pelos meios de comunicação e um conceito atávico, o da seca, com o interior nordestino. O sertão concreto, conclui Arruda, continua causando “desconforto. Outrora, através de Canudos, hoje, com o Movimento dos Sem-Terra”. E o contraditório: “Os sertões acabaram-se [...] e só restam estilhaços de lembranças”<sup>64</sup>.

Lembro o ditado cangaceiro, “Deus é grande mas o mato é maior”. O sertão de dentro dando de comer aos engenhos de cana, caranguejos mal arranhando a zona da mata e o litoral. Para o interior, só o vaqueiro, o cavalo e o boi. Na mesma caravela em que veio tomar conta da colônia o primeiro governador geral, em 1549, vinha o primeiro Garcia d’Ávila, que aportou na Bahia com a semente de gado trazida do Cabo Verde. Na enseada de Tatuapara, mandou erguer um castelo de pedra colada com óleo de baleia que lhe sobreviveu à memória, a Casa da Torre, de onde partiram descendentes e agregados que dilatariam o domínio em 300 léguas de sesmarias na direção do poente.

Foi por volta de 1650. O capelão da Casa da Torre, “traçando uma cruz no ar”<sup>65</sup>, abençoou a entrada chefiada por Francisco Dias d’Ávila e seus arcabuzeiros, com o auxílio de Domingos Sertão e sua corte de índios flecheiros, vaqueiros mestiços, artífices mulatos, que iriam acabar de ocupar as ribeiras do São Francisco ao Parnaíba, expulsando pelo caminho um abecedário de povos, acroás, aranis, caetés, canindés, caratins, cariris, cariús, gurgueias, icós, jaicós, paiaçus, pimenteiras, potiguaras, tabajaras, timbiras, tremembés - de onde veio o célebre Mandu Ladino, líder das nações confederadas na Guerra dos Bárbaros, também parte dessa lenda, o osso duro de roer, de que falava o poeta Antonio Machado. “Lo otro no existe: tal es la fe racional, la incurable creencia de la razón humana [...] Pero lo otro no se deja

---

<sup>63</sup> ARRUDA, 2000, p. 203, 223.

<sup>64</sup> ARRUDA, 2000, p. 239-240.

<sup>65</sup> CASTELO BRANCO, Renato. **A conquista dos sertões de dentro**: romance histórico. São Paulo: LR Editores, 1983. p. 50.



eliminar; subsiste, persiste; es el hueso duro de roer en que la razón se deja los dientes”.<sup>66</sup>

O inimigo oculto – o índio, sua estratégia de guerrilha, espreitar, surpreender, atacar e fugir, retomada nos séculos seguintes por jagunços, fanáticos e cangaceiros no sertão do nunca mais. O testemunho do frei Martinho de Nantes, missionário capuchinho entre os cariris, final do século XVII, depois acompanhando uma expedição de “guerra justa” ao longo dos currais que ocuparam a ribeira do São Francisco. Os colonos, observou o frade, “têm quase todos desprezo profundo pelos índios, tratando-os como cães”<sup>67</sup>. Sesmarias, latifúndios, léguas de beijo devorando a caatinga, a mata atlântica, a floresta das araucárias. Para os guaranis, atesta um pesquisador contemporâneo, a mata “é um espaço religioso, sagrado, de ocupação coletiva, da produção cultural”<sup>68</sup>.

O nome guarani aparece, a primeira vez, no relatório da expedição de Sebastião Caboto pelo rio da Prata, no ano de 1528. O povo que anda ainda pelo Peabiru, o caminho transcontinental que conecta a franja atlântica do Brasil ao Paraguai e ao Peru, “chegando provavelmente na costa do Pacífico”. Os guaranis buscavam a Terra Sem Males escutando “*as palavras do alto*, geralmente através do sonho”<sup>69</sup>. Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, governador do Rio da Prata, partiu no dia 18 de outubro de 1541 da ilha de Santa Catarina, a Meiembipe dos carijós, tomando esse caminho nativo, sempre em direção do ocidente, encontrando por toda parte os guaranis. Semeiam milho e mandioca, criam galinhas e patos “da mesma maneira que nós na Espanha”<sup>70</sup>, anotou surpreso o escrivão.

Os guaranis, conta o diário da viagem, possuíam muitos papagaios, viviam por grande extensão de terra e falavam uma língua comum. Seguindo pensavam, eles comiam gente “e tanto pode ser dos índios seus inimigos, dos cristãos ou de seus próprios companheiros de

---

<sup>66</sup> PAZ, **El laberinto de la soledad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. 15ª reimpressão. Colección Popular. p. III. A citação de Antonio Machado está em epígrafe neste ensaio do poeta mexicano.

<sup>67</sup> ARAÚJO, Emanuel. Tão vasto, tão ermo, tão longe: o sertão e o sertanejo nos tempos coloniais. In: DEL PRIORE, M. **Revisão do paraíso: os brasileiros e o Estado em 500 anos de história**. Rio de Janeiro: Campus, 2000. p. 68.

<sup>68</sup> BRIGHENTI, Clovis Antônio. **Estrangeiros na própria terra: presença Guarani e Estados nacionais**. Chapecó: Argos, 2010. p. 262.

<sup>69</sup> BRIGHENTI, 2010, p. 28, 46, grifo do autor.

<sup>70</sup> CABEZA DE VACA, Álvaro Nuñez. **Naufrágios & Comentários**. Prefácio de Henry Miller. Introdução de Eduardo Bueno. Tradução de Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 157.

tribo”<sup>71</sup>. Após dois meses de caminhada, o comboio ainda avista dispersas aldeias. Na serra, por dezembro, os ‘guaranis canibais’ recebem o governador e seus 300 comandados com fartos mantimentos, batatas de três tipos, branca, amarela e rosa, e farinha de pinhão, “porque há pinheiros tão grandes por ali que quatro homens com os braços estendidos não conseguem abraçar um”<sup>72</sup>. Quando chega março, o grupo, cujo destino era Assunção, observa de longe os guaicurus, de pouca amizade com brancos, à beira do rio Paraguai, assando carne em varas fincadas no chão.

O canibal tropical apavorou a Europa acostumada a ogros degustadores de criancinhas nos livros de maravilhas. O antropófago entrou na ordem do dia divulgado em ficção, mas principalmente através dos incríveis relatos de sobreviventes, a exemplo do arcabuzeiro alemão, quase comido no Rio de Janeiro. Mas o medo virou atração física com a presença desse estranho ao vivo – o tupinambá nu na cidade de Ruão, a das indústrias têxteis devoradoras de pau brasil. Era o mês de novembro de 1562 e chega ao porto normando u’a nau carregada de madeira trazendo alguns nativos da França Antártica a tempo de verem, na cidade destruída pelas guerras dinásticas e religiosas, a entrada triunfal do rei Carlos XI, 12 anos, e sua mãe, Catarina de Médicis. O que foi que os canibais viram em Ruão? Montaigne estava lá, registrou: “Longe da admiração que deles se esperava, só conseguem expressar dúvidas e espanto”<sup>73</sup>, diante da grande miséria dos carregadores do porto em contraste com as sedas e pompas cortesãs. (Ruão, 1853, 26 de dezembro. Neste dia, Flaubert visita seu médico, seu cabeleireiro e os canibais da África do Sul, expostos ao público por alguns centavos).

O nascimento de um nome. A palavra impressa se inaugura no diário de Cristóvão Colombo. Veio de Caribe, cariba, caniba. Ou ainda de antigas lendas náuticas sobre povos estranhos, com cara de cachorro, “as raízes verbais se misturam, acompanhando a osmose das imagens”<sup>74</sup>. Por um decreto de Isabel, a Católica, de 1501, determina-se “que a guerra contra os caribes era justa, e que os prisioneiros podiam ser vendidos como escravos”<sup>75</sup>. O termo se desloca, a partir de 1500, das Pequenas Antilhas para a costa nordeste brasileira. André Thevet (1502-

---

<sup>71</sup> CABEZA DE VACA, 1999, p. 158.

<sup>72</sup> CABEZA DE VACA, 1999, p. 162.

<sup>73</sup> LESTRINGANT, Frank. **O Canibal**: grandeza e decadência. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1997. p. 10.

<sup>74</sup> LESTRINGANT, 1997, p. 30.

<sup>75</sup> LESTRINGANT, 1997, p. 52.

1590), o franciscano cosmógrafo, dá notícia de um canibal tabajara, casado e batizado em Ruão. A antropofagia praticada em Pindorama estava mais próxima de um jogo de dom e desperdício, um *potlach* extremo, uma “sofisticação ostentatória” dos sacrificadores para valorizar a generosidade do guerreiro inimigo atado pela corda de algodão, a muçurana.

O sertão vai virar mar. “Os arredores são o estado de sítio da cidade, o terreno no qual brame ininterruptamente a grande batalha decisiva entre a cidade e o campo”<sup>76</sup>. O anunciador desse confronto no Brasil foi o autor de *Os Sertões*, com o seu evangelho acidental e perplexo do beato Antônio Conselheiro. “O Brasil de seus sonhos de peregrino estava escondido no sertão e carregava consigo palavras e modos antigos que teriam, por força de seu isolamento, permanecido ao largo da história”<sup>77</sup>, escreveu Ana Maria Roland, sobre Euclides da Cunha, em seu estudo comparativo entre o escritor fluminense e o poeta mexicano Octavio Paz.

Euclides da Cunha reconhecia-se caboclo, jagunço manso – mas nem tanto assim. Foi um positivista visionário, o que soa como paradoxo (o que é demasiado humano). À luz exigente do sol equatorial, viveu nos sertões baianos a natureza na força dos cataclismos, e viu a flora transtornada das caatingas renascer sob um céu mais lindo que o azul, esse das nuvens cor de chumbo, torreamo de capelo, céu bonito quando vai chover, no dizer cearense. Basta chover. “E o sertão é um paraíso”<sup>78</sup>, sonhou. E enxergou, com olhos convertidos, “a rocha viva da nossa raça”, “raça forte e antiga”<sup>79</sup>, no sertanejo pelejando entre ciladas.

### 1.3 O rei anônimo e peregrino

Nosso Peregrino era um pobrezinho odiado pelos grandes”<sup>80</sup>, disse Honório Vila Nova, que nasceu no Assaré, viveu a Guerra de

<sup>76</sup> BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Tradução de Rubens R. Torres Filho e José Carlos M. Barbosa. 5. Ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Obras Escolhidas, 2). p. 202.

<sup>77</sup> ROLAND, 1997, p. 28.

<sup>78</sup> CUNHA, E. Os Sertões. In: \_\_\_\_\_. **Obras Completas** (em dois volumes). Com ensaios de Olímpio de Sousa Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Araripe Júnior, Afrânio Peixoto e Francisco Venâncio Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. v. II, p. 133.

<sup>79</sup> CUNHA, 1995a, p. 149 (nota 10), 170.

<sup>80</sup> MACEDO, Nertan. **Antônio Conselheiro: a morte em vida do beato de Canudos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1978. p. 156.

Canudos e voltou para contar a história, tanto tempo depois, ao jornalista Nertan Macedo, cratense radicado no Rio de Janeiro, autor de duas reportagens romanceadas sobre o tema, o *Memorial de Vilanova e Antônio Conselheiro – a morte em vida do beato de Canudos*, publicados em 1964. A biografia ele dedicou aos colegas Rachel de Queiroz e Octavio de Faria, “estes ermos e desolações de Antônio Vicente, do Quixeramobim, santo maltratado e curtido na desgraça, na peia, na guerra e na solidão”. Do ponto de vista do repórter escritor: “A poesia da história nem sempre se acha no acontecimento em si mesmo. Está, não raro, na meia sombra das ocorrências, nas partículas desprezadas, naqueles recortes que não entram na feitura do mural”<sup>81</sup>.

Das partículas dispersas nos recortes da moldura, a fabulação múltipla do mosaico. Campo Maior de Quixeramobim, vastos pastos cravados no sertão de pedra varrido por ventanias onde prosperaram fazendas de criação de gado desde finais do século XVII. (O imaginário lúdico da era do couro vive na brincadeira de boi do Mestre Piauí, que canta a loa “Fumaça da pólvora”, de autoria de quem testemunhou a guerra contra Antônio Conselheiro, possivelmente algum soldado sertanejo cantador, como o foi João Melchíades Ferreira: “A fumaça da pólv’ra, eu vi/ a corneta bradar/ Eu vi Antônio Conselheiro/ lá no alto da Bahia/ com 180 *cabra*/ e a favor da monarquia/ Eu tava na ponta da rua/ eu vi a rua se fechar”, que chegou sem que o mestre lembre como ao repertório do seu Boi de Reis Santo Antônio, mas foi registrada em um LP de Raimundo Fagner, como sendo parceria do cantor com Fausto Nilo, que é natural de Quixeramobim, a partir de um tema folclórico). Dona Marica Lessa, madrinha do futuro beato, inspirou a principal personagem de Oliveira Paiva, a protagonista de *Dona Guidinha do Poço*, novela escrita em 1892, durante estada do escritor e abolicionista cearense na serra do Estêvão, na vizinha Quixadá, em busca dos bons ares, propícios à cura da tuberculose (o poeta Manuel Bandeira também esteve ali tomando fôlego).

Assim como a Guidinha do romance, Maria Francisca de Paula Lessa, a Marica, cujo nome por extenso consta no batistério de Antônio Vicente Mendes Maciel, “pardo, nascido aos 13 de março do mesmo ano supra [1830]”<sup>82</sup>, apaixona-se por um sobrinho do marido e por

---

<sup>81</sup> MACEDO, 1978, p. 11.

<sup>82</sup> MACEDO, 1978, p. 36. O batistério data o nascimento em 1830, mas “o documentado Barão de Studart afirma ter sido 1828” (em BARROSO, Gustavo. *À margem da história do Ceará*. 3. ed. Rio de Janeiro: ABC Editora, 2004. 2 v. Inclui ilustrações e fotografias da 1. ed. v. I, p. 201).

amor dele mandou matar o esposo. Antônio Vicente contava 23 anos quando a madrinha cometeu o crime. (E estava construindo, em mutirão de esperança, a cidade santa do Belo Monte, quando Oliveira Paiva acabou de escrever sua novela, que por sua vez viveu uma trajetória singular, passando de mão em mão entre escritores amigos – um capítulo saiu no jornal “O Pão” da Padaria Espiritual, movimento literário que também daria o ar da sua graça naquele ano de 1892, em Fortaleza. O livro foi publicado a primeira vez em 1952).

Na casa de comércio e moradia de Vicente Mendes Maciel, em rua principal de Quixeramobim, sobrado de muitas portas e quintal olhando o rio, casa que depois pertenceu à família do arquiteto e compositor Fausto Nilo, e foi tombada há alguns anos como patrimônio histórico, Antônio ajudava o pai e cismava, lendo o romance de Carlos Magno. No embornal do peregrino, só haveria lugar para o seu manuscrito e um relido exemplar da *Missão Abreviada* (uma meditação sobre o Juízo Final, tão ao gosto do Conselheiro: “Considera, pecador, que este mundo brevemente há de acabar [...] e será reduzido a montão de cinzas com os seus viventes”<sup>83</sup>). Casou com uma parenta, por nome Brasilina, que um dia fugiu de casa com um soldado da polícia. Aos 25, órfão de todo (a mãe morreu quando ele tinha quatro anos), assume as dívidas do negócio paterno, vendendo a casa e pagando os credores. Viaja. Em Sobral, trabalha como advogado leigo. Passa um tempo em Ipu (na Ibiapaba dos tabajaras). Nos sertões de Santa Quitéria, conhece a segunda mulher, Joana, de profissão, imaginária, dado o ofício de esculpir imagens de santos. Com ela terá um filho, por nome Joaquim Aprígio. Mas esta informação não estava em nenhum livro. É parte de uma tradição.

O certo é que Antônio Vicente chega sozinho ao Cariri – anda por Crato, Jucás, Assaré. Em Assaré, faz pouso na fazenda Urucu, da família Assunção, onde os irmãos Antônio e Honório o viram pela primeira vez. Traja o abadá de peregrino. Tem por volta dos 40 anos. Aparece aqui, reaparece acolá, atravessando fronteiras. O beato só andou por Fortaleza em 1886, quando já cumpria sua penitência pelos lados da Bahia, onde foi preso por ordem do chefe de polícia, acusado de ter matado a própria mãe. Provada sua inocência, despede-se no porto da capital cearense do seu amigo de infância, o jornalista João Brígido (que o salvou de afogar-se no rio onde brincavam, quando meninos). Ia cumprir um voto para São Francisco em Canindé, depois voltava à Bahia, disse, “para onde me

<sup>83</sup> MACEDO, Nertan. **Memorial de Vilanova**. 2. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1983. p. 58.

chamam os mal aventureados”. João Brígido escreveu sobre os Maciéis, eram “bons e verdadeiros, vigorosos e simpáticos, bem apessoados, estampando na fisionomia uns resquícios de índio”<sup>84</sup>.

Honório Vila Nova, a testemunha. O dia da conversa, 16 de outubro de 1962. Era um sertanejo de 97 anos “bem longos e singularmente vividos”<sup>85</sup>. Honório Francisco de Assunção, conforme os documentos. Na seca de 1877, acompanhou o irmão mais velho Antônio para Vila Nova da Rainha, atual município de Senhor do Bonfim, na Bahia, tentar a vida de mascate. Ali viveram os irmãos e sócios bastante tempo, o comércio prosperou. Conheceram o Peregrino, como diz o sobrevivente de Canudos, em 1873, na fazenda Urucu. “Os olhos pareciam encantados, de tanto fogo. Era manso de palavra e bom de coração”<sup>86</sup>, relembrou. Antônio e Honório de Vila Nova estabeleceram comércio em Canudos, a convite do Conselheiro. O Belo Monte, recordou o velho Honório, “era um pedaço de chão bem aventureado. Não precisava nem mesmo de chuva. Tinha de tudo. Até rapadura do Cariri”<sup>87</sup>.

Honório Vila Nova lembra alguns companheiros de sorte e infortúnio. João Abade “era valente, era alto, era dos lados de Natuba, das bandas do mar [...] Antônio Beatinho, que depois degolaram, era lazarino [alourado], olhos castanhos e tinha o cabelo bom”<sup>88</sup>. Repete um provérbio do Conselheiro, que bem representa a medida de uma ética sertaneja: “Quem furta uma agulha, furta um cavalo”. Era setembro de 1897, o Beato muito doente e o mundo que se acabava, debaixo de metralha e bomba, Antônio Vila Nova foi pedir o último conselho, queriam vir-se embora. “Pois faça sua viagem”, o santo consentiu. E eles voltaram ao Ceará. Honório ferido por estilhaços. Escaparam, com suas mulheres, matando a sede com a raiz do umbuzeiro, assando mocó – uma espécie de roedor, e comendo xiquexique durante três meses de caminhada em ziguezague, pois grupos de civis armados pelos coronéis do sertão baiano davam caça aos remanescentes do arraial.

A despedida de Antônio Conselheiro, em seu breviário desdenhado por Euclides da Cunha, 628 páginas manuscritas pelo próprio beato ou seus sermões copiados pelo diligente secretário corcunda, natural de Natuba, que ganhou relevância no romance de

---

<sup>84</sup> MACEDO, 1978, p. 50, 95.

<sup>85</sup> MACEDO, 1983, p. 27.

<sup>86</sup> MACEDO, 1983, p. 37.

<sup>87</sup> MACEDO, 1983, p. 39.

<sup>88</sup> MACEDO, 1983, p. 67.

Vargas Llosa. Encontrado pelo estudante de medicina João Pondé, na cidade sitiada:

Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a minha despedida que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste Peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja <sup>89</sup>.

Antônio Vicente Mendes Maciel, o místico desorbitado, exorbitante, em seu adeus recorre a lembranças gratas, preciosas, que valeram sua existência: o povo e a natureza redimidos numa igreja – a *eclesia*, a comunidade dos eleitos, os bem aventurados, humildes e mansos de coração para quem foi prometida a Terra Sem Males. Acabara-se o tempo da espera. E o rei desejado partiu outra vez, incógnito, penitente, errante e incansável.

A contemporaneidade por excelência, dirá Agamben, é o tempo messiânico, porque “ele tem a capacidade singular de colocar em relação consigo mesmo todo instante do passado, de fazer de todo momento ou episódio da história bíblica uma profecia ou uma prefiguração do presente” <sup>90</sup>. Dentre tantos personagens que foram investidos com as insígnias do Desejado, do Encoberto, do Imperador dos Últimos Dias ou do Fim do Mundo, que informam uma tradição não exclusivamente ocidental, o rei português D. Sebastião (1554-1578) sobreviveu em dois continentes.

Antônio Quadros, em *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, propõe a tese de que a figura do rei seja um pretexto: “O sebastianismo é um arquétipo, é uma realidade psíquica e mítica do nosso povo e da nossa cultura” <sup>91</sup>. O pronome possessivo, embora plural, entenda-se restritivo. O autor tem em foco Portugal sob o soberano donzelo e a fusão entre nação, rei e destino, na poesia desde Camões a Pessoa. O Rei Desejado deixa entrever o *rosto* alanceado profetizado pelo primeiro. E revela-se mito, que é nada e que é tudo, na intuição do segundo. (Maria Rosa não lia a *Mensagem*, mas compreendeu). O escrivão do reino Pêro Roiz Soares registrou a cerimônia de coroamento

---

<sup>89</sup> MACEDO, 1983, p. 64.

<sup>90</sup> AGAMBEN, 2008, p. 72.

<sup>91</sup> QUADROS, Antônio. **Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista**: o Sebastianismo no Brasil e no mundo. Lisboa: Guimarães e Cia. Editores, 1982. v.1. p. 23.

de D. Sebastião, no Paço do Rocio: “Aos 20 de janeiro de 1568, tomou o Rei dom Sebastião o governo no qual dia fazia 14 anos por nascer no mesmo dia. [...] Houve aquele dia muitas festas e danças com muita alegria do povo”<sup>92</sup>.

A tradição periférica rasura os retratos, compacta fatos e datas e faz coincidir na mesma lenda o soldado romano martirizado no dia 20 de janeiro do ano 288 e o monarca português que lhe herdou o nome e uma relíquia, para fazê-los renascer mito unificado, o rei da profecia, que voltará ao mundo antes do final dos tempos, tal como ouvi do beato José Aves de Jesus na porta da igreja do Socorro, em Juazeiro, certo meio dia de novembro de 1999, um pouco antes de o mundo se acabar. Diz António Quadros com indisfarçada perplexidade, quase um asco ao outro, intrometido: admirado por ver o sebastianismo tão longe do reino, “em regiões de jagunços, de cangaceiros, de atavismos tupis e africanos”.<sup>93</sup>

Quadros cita uma quadrinha tradicional, reproduzida de *Os Sertões*: “Visita nos vem fazer/ nosso rei D. Sebastião/ coitado daquele pobre/ que estiver na lei do cão”<sup>94</sup>. Canudos foi como um castelo “do inconsciente arcaico e popular”, escreveu o filósofo português, “cercado e conquistado pelo racionalismo positivista urbano”<sup>95</sup>. Para ele, o que houve em Canudos foi uma guerra de religiões:

[...] a religião positivista de Santo Augusto Comte, em que terá colaborado por omissão um catolicismo eclesiástico acomodado, e a religião espontânea, comunitária e paraplética do ‘catolicismo sertanejo’ (a expressão é de Ariano Suassuna)”<sup>96</sup>.

---

<sup>92</sup> MEGIANI, Ana Paula Torres. **O jovem rei encantado**: expectativas do messianismo régio em Portugal, séculos XIII a XVI. São Paulo: Hucitec, 2003. pp. 127, 128.

<sup>93</sup> QUADROS, 1982, p. 208.

<sup>94</sup> QUADROS, 1982, p. 226.

<sup>95</sup> QUADROS, 1982, p. 235.

<sup>96</sup> QUADROS, 1982, p. 237.



Em leitura d'A *Pedra do Reino*, Quadros descreve o personagem Quaderna, o narrador, um ser híbrido de D. Sebastião e D. Quixote que se reencontraram no sertão nordestino. Esse encontro não estaria completo sem a trágica figura de Antônio Conselheiro.

O rei encantado nos Lençóis Maranhenses. Que o Padre António Vieira (1608-1697) municiou o sebastianismo nordestino pregando aos peixes: “Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com quê? Um homem do mar com os retalhos de pano”<sup>97</sup>. Do princípio da profecia escatológica do jesuíta: a carta ao bispo do Japão, dita “Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo”. Padre Vieira, de origem judia, membro da Ordem Templária que sobreviveu em Portugal, pregador régio, confessor da rainha Cristina da Suécia, visitador do Tribunal do Santo Ofício para o Brasil e o Maranhão, detido pela Inquisição, foi queimado em efígie pelas ruas de Coimbra, e condenado ao silêncio.

O livro sebastianista de Vieira foi publicado a primeira vez em 1718, o padre há muito retornado ao pó. O original, “Maquinações de António Vieira, jesuíta”, data por volta de 1649, afirma Buescu, manuscrito “talvez no interior da Amazónia, talvez parcialmente no cárcere”<sup>98</sup>. Título definitivo, o tipografado: *História do Futuro, Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo*. Obra composta por sete livros, cada qual constando de “questões”, que são confirmadas ou negadas a partir da argumentação astuciosa do pregador. Lembra o mourão perguntado, e respondido, quando em contenda poética dois repentistas se testam conhecimentos (“cantando ciência”), bem como evoca o debate filosófico da Donzela Teodora com os sete sábios do rei. A questão principal trata da profecia do V Império que antecede o final dos tempos, extraída do sonho de Nabucodonosor interpretado pelo profeta Daniel no Velho Testamento. A terceira questão do segundo livro, respondida: o Império de Cristo na Terra será espiritual e temporal. Império a ser conhecido por fé, e obedecido por lei – eis a súmula do projeto colonial português formatado em messianismo eclesiástico. Para Vieira, Portugal prefigurava a liderança de Cristo na comunidade das nações, era seu destino.

---

<sup>97</sup> VIEIRA, A. *Sermões*. Tomo I. Organizador: Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000. (“Sermão de Santo Antônio”, dito em São Luís do Maranhão no ano de 1654), p. 331.

<sup>98</sup> VIEIRA, António. *História do Futuro*. Introdução, atualização e notas, Maria Leonor Carvalhão Buescu. 2ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. p. 31 (do prefácio de Maria Leonor Carvalhão Buescu).

(Seis décadas Portugal permaneceu no domínio de Espanha, que Filipe II de Castela reivindicou a dinastia por morte de D. Sebastião, seu primo, desaparecido na desastrosa cruzada aos mouros em terras de África). No livro sexto, a questão terceira, respondida: “Em que reino de Espanha se há-de fundar o dito Império? Que em Lisboa”<sup>99</sup>. Vieira argumenta: “Lia-se na carta e tradição de São Bernardo que, quando Deus alguma hora permitisse que o Reino viesse a mãos e poder de príncipe estranho, não seria por espaço mais que de sessenta anos”. No sétimo e último livro, a última questão, quem será o rei do V Império, respondida com versos do Bandarra: “Vejo subir um Infante/ No alto de todo o lenho”<sup>100</sup>.

O candidato do Padre Vieira a Imperador do Fim do Mundo seria o redivivo Dom João IV de Bragança, coroado em 13 de dezembro de 1640, descendente do rei Afonso Henriques, fundador do reino de Portugal. O jesuíta afirma que o sapateiro de Trancoso profetizou, em suas trovas, a sujeição à Espanha, a volta da liberdade e a vinda do rei restaurador.

Quem quiser ver claramente a falsidade das histórias humanas, leia a mesma história por diferentes escritores, e verá como se encontram, se contradizem e se implicam no mesmo sucesso, sendo infalível que um só pode dizer a verdade e certo que nenhum a diz<sup>101</sup>.

Vieira, o da palavra desconfiável e dúplice.

Os portugueses alcançaram com a espada o que Santo Agostinho não conseguiu com o entendimento, pensava o Padre Vieira: “Os pregadores levam o Evangelho, e o comércio leva os pregadores”<sup>102</sup>, justificou, pragmático, os interesses seculares e espirituais convergentes dos privilegiados. Assim na terra como no céu. O sermonista decifrou o país antropofágico das visões de Isaías sobre gentes terríveis que viviam do outro lado da Etiópia. E sendo redondo o mundo, assim o comprovaram os portugueses, afirma pressuroso Vieira, do lado de lá da Etiópia está o Brasil e “não pode haver gente mais terrível entre todas as que têm figura humana, não só matam seus inimigos, mas os

---

<sup>99</sup> VIEIRA, 1990, p. 39.

<sup>100</sup> VIEIRA, 1990, p. 85, 40.

<sup>101</sup> VIEIRA, 1990, p. 153.

<sup>102</sup> VIEIRA, 1990, p. 328.

despedaçam e comem, sendo as próprias mulheres as que guisam e convidam os hóspedes”<sup>103</sup>. Aí vem nosso almoço: receita de Sardinha à Caeté.

O Padre António Vieira descreve o modo pelo qual o “verdadeiro Deus”, palavras dele, foi se disseminando entre os gentios, pelas dez tribos de Israel, feito um estrangeiro, “introduzindo-se nas outras nações e andando nelas como disfarçado, conhecido debaixo do nome de *incógnito*, e criado com o sobrenome de *incerto*”<sup>104</sup>. Segundo o jesuíta acusado de judaizar e de ser cristão novo, o que era extremamente perigoso à vida no Ocidente do século XVII, o tempo,

[...] como o mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e de outro ficam os horizontes, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa<sup>105</sup>.

E então se desce ao abismo. No terceiro dia, o que ressurgirá?

António Carlos Carvalho, na introdução a *Gonçalo Anes Bandarra e os Cristãos-Novos*, do historiador Elias Lipiner, confessou a surpresa de encontrar referência a outro Trancoso, o lendário lusitano dos contos infantis, numa palestra em Pernambuco: “A memória cultural e a tradição oral têm muito mais peso e substância do que nós imaginamos”<sup>106</sup>. (As histórias de Trancoso que a velha Sinhá contava sentada sobre os calcanhares na varanda da casa de taipa do meu avô no sertão de Jaguaruana). Concelho de Trancoso, província da Beira Alta. Ali, em 1282, casou-se o rei trovador D. Dinis com a infanta de Aragão, a Santa Isabel da Igreja Católica. Ali nasceu, cerca de dois séculos depois, em ano incerto, e morreu em 1545 o sapateiro trovador Gonçalo Anes, dito o Bandarra, bem quando recrudescia a Inquisição em Portugal. Denunciado e preso em 1541, apreenderam seu caderno de trovas. O sapateiro poeta se defende perante o Tribunal do Santo Ofício, jura que não era profeta nem versejava por inspiração divina, seria

---

<sup>103</sup> VIEIRA, 1990, p. 217.

<sup>104</sup> VIEIRA, 1990, p. 333, grifos do autor.

<sup>105</sup> VIEIRA, 1990, p. 51.

<sup>106</sup> LIPINER, Elias. **Gonçalo Anes Bandarra e os Cristãos-Novos**. Trancoso: Câmara Municipal de Trancoso, 1996. p. 11.

apenas cantador de bancada, um modesto remendão que se dava a improvisador.

O Bandarra escapou da fogueira, ficando porém proibido de divulgar quadras novas ou antigas. A ele sobreviveram seus versos enigmáticos. Circularam copiados de fólhos escondidos, emparedados, cochichados pelos becos. A primeira edição impressa das trovas data de 1644. Foram novamente proibidas pelo Santo Ofício em 1665. E, em 10 de junho de 1768, a censura inquisitorial expediu outro edital ordenando recolher todos os exemplares manuscritos ou impressos, condenando-os à pena de fogo na praça do comércio da cidade de Lisboa. Uns escolhidos versos do Bandarra, ao agrado de Vieira:

“O rei novo é levantado/ Já dá brado/ Já assoma sua bandeira”; “Já o tempo desejado/ É chegado”. E para finalizar, estes, do meu agrado: “Oh! Quem tivera poder/ Pera dizer/ Os sonhos que o homem sonha!”; “Sonhava com grão prazer/ Que os mortos resuscitavão/ E todos se alevantavão/ E tornavão a renascer”<sup>107</sup>.

(Também no Contestado, assim como na Pedra Bonita, em Canudos e mesmo em Juazeiro, que também viveu sua guerra: a certeza da morte passageira, antevéspera da ressurreição).

No ano 874 morria o 12º imã, Mohamed Al-Mahdi. “Sus partidários decían que se había ‘ocultado’ y que reapareceria para reinar antes del final de los tiempos”<sup>108</sup>. A construção da morte, no momento, está muito mais no poder de fatos que de convicções, sussurrou a sombra suicida do filósofo judeu na fronteira de 1940. Da outra margem, não haverá mais um dia. “Na improvisação está a força. Todos os golpes decisivos são desferidos com a mão esquerda”<sup>109</sup>. O medo do contato, de ser reconhecido pelo instinto letal da massa desatinada e alheia. O réquiem, “a técnica traiu a humanidade”<sup>110</sup>. Das coisas para sempre desfeitas. Canudos. Contestado. A Terra Sem Males. O presente sem promessa, urgente, imediato. Ao redor do furo, tudo desaba.

---

<sup>107</sup> LIPINER, 1996. p. 145, 203, 206, 210.

<sup>108</sup> SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. Tradução de Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. v. 1., p. 2. A citação, na introdução à novela gráfica da artista iraniana.

<sup>109</sup> BENJAMIN, 2009, p. 15.

<sup>110</sup> BENJAMIN, 2009, p. 69.

O gosto da lembrança ocupará o silêncio posterior, ouve-se Benjamin: “Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”<sup>111</sup>. O que meditou Soror Juana, habitando a fronteira do silêncio: “El silencio está poblado de voces”<sup>112</sup>. Esta voz plural, do além da lenda, a palavra desconhecida “que está dormindo no fundo de cada homem. Tem mil anos e tem nossa idade e ainda não nasceu”<sup>113</sup>. Sem deuses: “Estamos sozinhos no universo. Sozinhos com nossas máquinas”<sup>114</sup>.

(Mas, o que impedirá os tataranetos dos astecas a continuarem invocando deuses no Zócalo enquanto por toda a praça a feira de livros debaixo de toldos brancos, um dos quais da cidade estrangeira convidada, a nossa frente eles dançavam concentrados entre nuvens perfumadas de copal e um mantra intrometido, *cinco pesos, cinco pesos*, das *señoras* de negros cabelos trançados e olhos oblíquos vendendo em fogareiros portáteis milho de toda sorte de grãos em tamanho e cor, na moldura do céu de fuligem as duas torres da catedral do Senhor dos Venenos e o mastro da bandeira verde, branca e vermelha, no centro da qual o gavião pousado no cacto almoça a serpente). Persistências milenares ocultas em novidades. Das ruínas do tempo soterrado anuncia-se o progresso: “não um sistema de crenças, mas um punhado de fragmentos e obsessões”.<sup>115</sup>

O mito, valorizado outra vez no Ocidente, a partir do século XX, do mesmo modo que nas sociedades ditas arcaicas: como algo verdadeiro, precioso e sagrado, portanto, “exemplar e significativo. [...] Esses cultos proféticos e milenaristas proclamam a iminência de uma era fabulosa de abundância e beatitude”<sup>116</sup>. Mircea Eliade reflete sobre o tema tendo em vista os trabalhos antropológicos desenvolvidos na Oceania. Como pensar o Contestado, Canudos, Juazeiro, sob o enfoque

<sup>111</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7. Ed., 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras Escolhidas, 1). p. 37.

<sup>112</sup> PAZ, 1986, p. 104.

<sup>113</sup> PAZ, Octavio. **A Outra Voz**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 145.

<sup>114</sup> PAZ, 1993, p. 45.

<sup>115</sup> PAZ, O. **Os filhos do barro**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 125.

<sup>116</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Tradução de Polla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates/Filosofia). p. 7 e 8.

da crença na destruição do mundo, fenômeno de cultura recorrente, abrangente e longo. O mito renovado pela performance do ritual modifica a gramática do gesto e inscreve outras narrativas. As excluídas, por terríveis e perigosas.

O antropólogo Bronislaw Malinowski, citado pelo filósofo romeno, defende o mito como “um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é uma realidade viva, à qual se recorre insistentemente”. Dirá ainda, o mito é uma sabedoria prática. O mundo cultural, refeito através da performance, enseja a pluralidade do fim (e das finalidades). “Tudo o que dura se desfaz”<sup>117</sup>. De um passado primordial a um futuro desejado, a mobilização. Do passado mítico ao futuro fabuloso é um passo.

O antropólogo Curt Nimuendaju pesquisava a onda de suicídios entre guaranis do Mato Grosso, em 1912, e ouviu deles uma explicação: “Não somente os guaranis, mas toda a natureza está velha e cansada de viver”<sup>118</sup>. Curt Nimuendaju foi Kurt Unkel, nascido em 1883 em Jena, Alemanha. Morreu no Brasil em 1945, aonde chegou com 20 anos. Naturalizou-se, adotando o nome que lhe deram os guaranis. “Todos os movimentos milenaristas e escatológicos dão provas de otimismo. Eles reagem contra o terror da História com uma força que somente o extremo desespero pode suscitar”<sup>119</sup>, entendeu.

Deus ocioso, sua inaturalidade ativa o esquecimento no nível consciente e a permanência no inconsciente, feito as constelações zodiacais. A comemorável divindade assassinada que devoramos aos domingos e dias santos. Recordação daqueles que cultuam o sangue derramado. Ai Jesus do meu coração canibal. A urdidura de histórias cerzindo recomeços. O evento mergulhado feito um biscoito no chá de possíveis infinitudes. Esquecidos não, travestidos, os mitos *continuam a cumprir sua função*.

Migrações guaranis, antes e depois da conquista colonial. Nimuendaju estudou um movimento religioso que começara no século XIX e ainda existia ao tempo da Guerra do Contestado. Pajés inspirados por visões e sonhos, conta ele, “constituíram-se em profetas do fim iminente do mundo; juntaram à sua volta adeptos e partiram em meio a danças rituais e cantos mágicos, em busca da Terra Sem Mal”<sup>120</sup>. A

---

<sup>117</sup> ELIADE, 2007, p. 23, 51.

<sup>118</sup> ELIADE, 2007, p. 56.

<sup>119</sup> ELIADE, 2007, p. 64.

<sup>120</sup> BRIGHENTI, 2010, p. 73.

dança e a reza, para tornar o corpo leve, alcançar a transcendência. A profecia viva como resposta à opressão, e afirmação de identidade. Ou, senão, a fuga, sempre no rumo do sertão. Documentos deixados pelos jesuítas das Missões revelam que os nativos “não queriam ir nem ao céu nem ao inferno, mas viver para sempre nas matas”<sup>121</sup>. Deus é grande, mas o mato é maior... E foram-se mudando para as margens.

Maria Isaura Pereira de Queiroz escreve na apresentação do seu *Messianismo no Brasil e no mundo* – cuja primeira publicação data de 1963: o interesse pelo assunto a inquietava mesmo antes da tese sobre o Contestado, defendida nove anos antes. O livro ganhou segunda edição com prefácio de Roger Bastide, seu orientador no mestrado na Universidade de São Paulo e no doutorado na Universidade de Paris. O messianismo é analisado nesse texto como uma força prática, defende o prefaciador, “não como um Apocalipse, mas como a conquista da alegria e do prazer”, em sintonia com o caráter festivo da religiosidade sertaneja – Bastide escreve rústica, acompanhando o termo assinalado pela autora – “um catolicismo de festa, de comemoração, de alegria”<sup>122</sup>. Considero que a compreensão efetiva a respeito das particularidades religiosas da cultura sertaneja (Maria Isaura também abordou o tema em bairros rurais paulistas) se deva ao contato abrangente e continuado, investigando cangaço e coronelismo, e especialmente uma devoção coreográfica, a Dança de São Gonçalo em Santa Brígida, sertão da Bahia, onde teve, conta ela, a “experiência inestimável de viver numa comunidade messiânica brasileira”<sup>123</sup>.

Sobre a difusão messiânica de tradição nativa ao tempo da América do Sul colonial, Maria Isaura anotou que índios peruanos esperavam a volta do último rei inca, “o deus cujo regresso fará com que tudo mude de pele”<sup>124</sup>. Os guaranis identificaram no Inca seu herói mítico Candirê, e por sua vez acreditavam no seu regresso. O profeta Oberá, educado por um padre espanhol, certo dia meteu-se a pregar pelas coxilhas, “fazendo-se chamar ‘mensageiro de Deus’ e ‘libertador da nação guarani’ [...] prometia libertar os índios dos brancos entregando-se sem cessar ao canto e à dança”<sup>125</sup>, ritual de impulsão para a Terra Sem Males. (Oberá denomina uma província argentina distante

---

<sup>121</sup> BRIGHENTI, 2010, p. 102.

<sup>122</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no mundo**. 2. ed. Prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. p. XV- XVI.

<sup>123</sup> QUEIROZ, 1976, p. XXIII.

<sup>124</sup> QUEIROZ, 1976, p. 35.

<sup>125</sup> QUEIROZ, 1976., p. 176.

58 km da fronteira gaúcha). O Padre Anchieta deu notícias de outro Messias a seus superiores em Lisboa, na carta escrita do Colégio de Piratininga no ano de 1557: “Pelo sertão anda agora um feiticeiro ao qual todos seguem e veneram como a um grande santo”.<sup>126</sup>

(O mundo será três vezes destruído, pela água, pelo fogo, pelo cansaço – segundo a crença guarani, ou vai ser devorado pela onça cósmica, no mito tupinambá. E quem virá começar tudo de novo. O messianismo caboclo. O eterno retorno, princípio a partir do qual se reorganizam os dispositivos da cultura, em qualquer chave interpretativa. Tudo que vai, vem, segundo a Terceira Lei de Newton, o refrão de uma canção. Com o desbarato das Missões, o messianismo autóctone infiltrado pelo messianismo ibérico, por sua vez um composto judeu, mouro e cristão, continuou destilando seu grão de sonho através de um sucedâneo, os evangelizadores leigos. Virgens e beatas, conselheiros e monges, pajés, mães de santo, penitentes, peregrinos. Santos populares. Neste terceiro milênio, a presença massiva das igrejas evangélicas proliferando no sertão e na periferia, ocupando o vazio do Estado e o longo distanciamento da religião que já foi oficial. E, entre si, eles e elas são irmão, irmã).

Os movimentos messiânicos “são tentativas criadoras do povo”<sup>127</sup>, defende a socióloga. O Contestado era uma fraternidade. “Os membros da seita dão-se reciprocamente o tratamento de ‘irmão’ e ‘irmã’, como expressão da solidariedade profunda que os une”<sup>128</sup>, e nas cidades que ergueram na floresta sonharam com a terra prometida, a Nova Jerusalém de um paraíso novo. Para consolo da multidão dos abandonados, o Imperador dos Últimos Dias. Trajado de Carlos Magno, investido em D. Sebastião. A novidade do passado proclama o futuro para breve. O movimento messiânico configura-se, na abordagem de Maria Isaura, como sendo, ao mesmo tempo, evento “segregador, integrador e subversivo”<sup>129</sup>. O reino deste mundo. “Organizado o grupo, postas em prática as normas que do Além recebem os adeptos por intermédio do emissário divino, o Reino Messiânico efetivamente existe”<sup>130</sup>.

Em Canudos, a Belo Monte que o beato e seguidores construíram à beira do Vaza Barris, “nem é preciso trabalhar, é a terra da promessa,

<sup>126</sup> QUEIROZ, 1976, p. 168.

<sup>127</sup> QUEIROZ, 1976, p. 96.

<sup>128</sup> QUEIROZ, 1976, p. 105.

<sup>129</sup> QUEIROZ, 1976, p. 150.

<sup>130</sup> QUEIROZ, 1976, p. 157.



onde corre um rio de leite e são de cuscuz de milho as barrancas”<sup>131</sup>, a citação sertaneja que a autora retoma de Euclides. O sonho da fartura no imaginário País de São Saruê cantado pelos poetas, realizado na providência de Zé Lourenço do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, a comunidade sertaneja que não passou fome na Seca do 32. Maria Isaura investiga estruturas identitárias em diversos casos de manifestação messiânica, em diferentes épocas e lugares. Recusando o mundo, opondo-se a ele, a comunidade dos eleitos por ente sobrenatural ou extraordinário inaugura um tempo adventício. De onde vem o baião: “E a modernização não vem do branco – o nativo ele mesmo cria suas novas instituições, com os elementos que lhe são fornecidos”<sup>132</sup>. São assim tramadas as recriações religiosas populares que vem suprimindo esse desejo de infinito.

Vinte anos antes de o Conselheiro construir em mutirão o Belo Monte. No Rio Grande do Sul, na colônia alemã de São Leopoldo, sopé do morro do Ferrabrás, Jacobina Maurer começou a ler e interpretar a Bíblia entre os vizinhos, desfalecendo em êxtase místico, magnetizando a plateia que aumentava a cada vez. No Dia de Pentecostes de 1872, anunciou aos ouvintes ser a encarnação de Jesus Cristo. Estava surgindo e organizava-se a seita dos *muckers*. Santarrões, no desdém dos descrentes. A opção de vida do grupo entrou em choque com outros moradores da comunidade, até a intervenção do Estado. Os seguidores de Jacobina, entrincheirados no templo que construíram, cercados por cem praças de infantaria, da cavalaria e dois canhões enviados de Porto Alegre. Repetindo o ritual de desencantamento da Pedra Bonita no sertão do Pajeú, Jacobina ordena “a degola de todas as crianças menores de cinco anos, dando ela mesma o exemplo e matando seu filho de peito”<sup>133</sup>.

No ano em que Jacobina encarnou o Messias, 1872, chegava a um povoado, demarcado por três verdes juazeiros, perto do Crato, o jovem padre Cícero Romão Batista, destinado a ser o mais famoso e durável místico brasileiro. O íntimo e poderoso Padim Pade Ciço invocado por gerações de romeiros que continuam sensíveis à presença viva de sua lenda. “A Cidade Santa que fundou – Juazeiro do Ceará – persiste até hoje com todos os caracteres de uma cidade mística”<sup>134</sup>,

---

<sup>131</sup> QUEIROZ, 1976, p. 227.

<sup>132</sup> QUEIROZ, 1976, p. 91.

<sup>133</sup> QUEIROZ, 1976, p. 252.

<sup>134</sup> QUEIROZ, 1976, p. 253.

escreveu Maria Isaura, há mais de meio século. A passagem do simples pastor ao personagem identificado, ainda em vida, com a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, começou por via de acontecimento extraordinário que se deu na Sexta-feira da Paixão de 1889, “de que foi protagonista a beata Maria de Araújo: ao receber a comunhão das mãos deste, sentiu na boca transformar-se em sangue a hóstia sagrada”<sup>135</sup>.

Os últimos eventos messiânicos estudados por Maria Isaura foram o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, guiado pelo beato Zé Lourenço, no município do Crato, destruído em 1937 pelo Brasil do Estado Novo, e a comunidade de Santa Brígida, povoado e depois município baiano da região de Geremoabo, beirando o São Francisco na divisa com Alagoas, estado natal do líder espiritual da comunidade, um certo Pedro Batista, conhecido também por Padrinho e Velho Pedro, que ainda vivia quando a pesquisadora andou por lá, no início dos anos 60. Pedro Batista da Silva começou sua missão quando se armava no mundo a Segunda Grande Guerra, e saiu pregando e fazendo curas pelos sertões de Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Bahia, acolhido das gentes, provocando a desconfiança das autoridades, e desconfiando delas, “enxotado por tôda a parte, tendo mesmo sido preso várias vezes”.<sup>136</sup>

Após o tempo da peregrinação, chegou Pedro Batista por volta de 1945 ao povoado de Santa Brígida e ali resolveu se estabelecer, rezando, organizando a comunidade de romeiros, aconselhando o cultivo da palma, do algodão, da melancia, e atraindo centenas de devotos com trabalho e oração. “Acreditam muitos que ele é a reencarnação do Padre Cícero: Padre Cícero se mudou para o céu, mas prometeu que voltaria e voltou, reencarnado em Pedro Batista”<sup>137</sup>, recolheu Maria Isaura, em testemunhos. Quando moço, Pedro Batista foi marinheiro e estivador no Rio de Janeiro, no porto de Santos e em Paranaguá, vivendo muitos anos a vida de pescador e caçara até quando teve o sonho, a visão profética que o trouxe de volta ao sertão em que nasceu. Em 1915, Pedro fez 18 anos e sentou praça (alistou-se no Exército) em Recife. Daí seguiu de navio com seu contingente para o sul, “tendo participado da repressão contra os jagunços do Contestado no regimento do major Aleluia Pires”<sup>138</sup>.

---

<sup>135</sup> QUEIROZ, 1976, p. 255.

<sup>136</sup> QUEIROZ, 1976, p. 295.

<sup>137</sup> QUEIROZ, 1976, p. 300.

<sup>138</sup> QUEIROZ, 1976, nota 2, p. 295.

## 1.4 O assombro de Euclides e outros modos de leitura

No gesto final do meu primeiro capítulo, a gesta do Contestado virá emergindo no recorte escolhido entre o conjunto de textos publicados nos últimos 50 anos que fizeram a crítica do conflito – em arco de forças que vai dos ensaístas conforme uma abordagem que incorpora e reafirma os pressupostos positivistas com que começa vacilando a modernidade à brasileira até aproximar-se dos autores que desde a década de 70 e chegando ao final do século que passou seguem ensaiando uma leitura mais inclusiva da cultura periférica e onde será possível escutar aquela oculta voz.

### 1.4.1 A guerra santa por Maria Isaura

Maria Isaura Pereira de Queiroz levou o Contestado ao lado de lá do mar, de onde viriam os deuses segundo a crença guarani. Em 1954, defendeu em Paris a tese *La Guerre Sainte au Brésil*, estrutura básica do ensaio bem mais amplo sobre a expectativa messiânica. A minha leitura se dá a partir do aproveitamento deste texto original em *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. A Guerra Santa – segundo a denominação de Maria Isaura, traz na sua origem personagem que ainda hoje encontra devotos por esses sertões do sul, o Monge João Maria, que teria sido, pelo menos, dois homens diferentes. Do primeiro, tem-se informação documentada: nome, origem, idade, profissão e características físicas, registrados no livro de inscrições de estrangeiros de Sorocaba de 1844 (ano de nascimento do Padre Cícero), tendo cumprido seu mister de monge penitente nos arredores da fábrica de ferro do Ipanema, naquela cidade de São Paulo. Embora voltasse ali outras vezes, andarihlava até o Rio Grande do Sul, e pelos caminhos ia “erguendo cruzeiros e capelas, pregando, curando, organizando procissões”<sup>139</sup>. Não admitia ajuntamento a sua volta, mas o povo santificava os lugares onde descansava, junto a fontes daí em diante consideradas milagrosas.

O segundo João Maria teria sido um sírio ou francês conhecido por Anastás Marcaf e sobre ele, informações desencontradas e esquivas, inclusive quanto ao seu prenome, grafado de diferentes maneiras, como veremos nos autores glosados a seguir. Vivia de esmolas, no jeito pobre do primeiro monge, e como aquele não aceitava arrancar-se nas casas e se abstinha de carne. Anunciava o final dos tempos: “Jesus disse a São

---

<sup>139</sup> QUEIROZ, 1976, p. 269.

Pedro que o mundo devia durar mil anos, mas que em caso algum duraria outros mil”<sup>140</sup>. Dizia aos seguidores que, terminada sua missão, e seguindo ordens espirituais que recebera, se “passaria”<sup>141</sup> para o morro encantado do Taió, de onde haveria de voltar, um dia, ou mandaria quem de novo pregasse e consolasse. É desse segundo João Maria, sugere a socióloga, a fotografia tirada em 1898, que “passou a figurar nos oratórios de todos os lares, entre os santos”<sup>142</sup>.

Notícias de um terceiro monge, que se apresentou como José Maria, davam os jornais de Florianópolis, por volta de 1911. Era Miguel Lucena de Boaventura, desertor do Exército, fugitivo da justiça, tendo sido preso, escreve a pesquisadora, acusado de homicídio e estupro. Pregava contra a República e recolhia donativos para uma farmácia popular. Chegou a Taquaruçu, arraial próximo a Curitiba, e no seu rastro vinha muita gente. O ajuntamento serviu de pretexto aos governos de Santa Catarina e Paraná para acirrar a questão de limites, que se arrastava desde o século XVIII. Inquietude e motivo de guerra para os detentores do poder local, que esta força nova ameaçava. Pressionados, o monge e seu grupo partem para o Irani, em 1912, e no encalço vai o coronel João Gualberto, da polícia paranaense. Ambos morrem no primeiro combate em que se enfrentaram.

Os seguidores de José Maria, um ano depois se reúnem outra vez em Taquaruçu, convocados por uma visão e instigados pela profecia de seu retorno triunfante. A Guerra Santa ia começar, convocou Euzébio Ferreira dos Santos, contando ao povo a aparição do Monge à sua neta Teodora, a primeira donzela para quem se anunciou a Guerra de São Sebastião. O fermento da revolta, segundo Maria Isaura, um fardo de variados motivos. Havia a devoção verdadeira do povo, mas também muita insatisfação com perseguições políticas, a falta de justiça e a continuada expulsão das terras devolutas, problema que vinha de longe e piorou bastante com a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, um dos empreendimentos locais do conglomerado multinacional Farquhar.

Gente de toda qualidade nos redutos espalhados pela floresta, famílias de posses, pobres, remediadas, brasileiros e “alemães,

---

<sup>140</sup> QUEIROZ, 1976, p. 269.

<sup>141</sup> É costume no sertão, pelo visto, por todo o Brasil, o uso de verbos atenuantes para o fatídico morrer. Passar-se, mudar-se ou fazer a viagem (não necessariamente a última) são os termos alternativos de uso mais comum. Ao mesmo tempo, o eufemismo embute a esperança da volta e a certeza na ressurreição.

<sup>142</sup> QUEIROZ, 1976, p. 271.

poloneses, italianos, ou seus descendentes. Argentinos, uruguaios e paraguaios também se faziam representar”<sup>143</sup>. (Esses quilombos, essas missões, as Jerusaléns do Sertão). A autora destaca a fraternidade na prática das procissões alegres com bandeiras brancas, os moradores alternando orações com a audição das aventuras de Carlos Magno, os bens que eram de todos, partilhados. Nos redutos, escreve a socióloga, “viviam-se uma existência fora do comum, que era confundida com o paraíso terrestre”<sup>144</sup>. Aqui faço uma pausa na leitura de Maria Isaura, para amplificar a moldura desta história com os fios dos próximos ensaios.

#### 1.4.2 *Os fanáticos de Ávila da Lu*

O texto que retoma o tema do Contestado indo o século XX ao meio – à distância de 30 anos da guerra e dos registros “no calor da hora” (para usar a expressão de Walnice Nogueira Galvão sobre a imprensa e Canudos), porém reforçando as teses dos relatórios militares e desconsiderando o arquivo produzido pelos sobreviventes das cidades santas, é o controverso ensaio de Aujor Ávila da Luz, *Os Fanáticos – crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*, publicado em 1952, com o adendo ao título: “Contribuição para o estudo da antropossociologia criminal e da história dos fanáticos em Santa Catarina”. O autor dedica o livro à “memória dos soldados que tomaram combatendo o fanatismo nos sertões catarinenses”. Por modelo estilístico e teórico, o florianismo impregnado *n’Os Sertões* sem, contudo, o contraponto áspero, agoniado de sua intrínseca aporia. Os três primeiros capítulos, “A terra”, “A história”, “O homem”, seguindo nas pegadas do livro fabuloso que deu sobrevivência a Euclides da Cunha e enredou o Conselheiro em cipoal de oxímoros.

O ensaio, citado na bibliografia dos autores convocados a este tópico, contém um conjunto de 32 ilustrações, entre mapas, croquis de batalhas, retratos dos “tipos físicos”, como diz o autor, desenhos da paisagem, das bandeiras votivas, de uniformes militares, um bico de pena de Adeodato Ramos, preso. Nascido em Florianópolis em 1906, Luz foi médico na região serrana. Recorda que era menino de nove anos, vivendo em Palhoça, quando viu passar um batalhão militar que, dirigindo-se a Lages, ia dar combate aos fiéis do reduto de Santa Maria.

---

<sup>143</sup> QUEIROZ, 1976, p. 276.

<sup>144</sup> QUEIROZ, 1976, p. 282.

Viu também o cortejo a pé que escoltava, algemado, o último chefe caboclo, “o famigerado bandido Adeodato”, como adjetivará, por muitas vezes, n’*Os Fanáticos*.

Transbordando as páginas, preciosismos de dicionário em pernósticos decassílabos quebrados, na imitação canhestra de *Os Sertões*: “A uniformidade da superposição do talude do lençol de basalto ao do permotriásico, característico geológico da Serra Geral”<sup>145</sup> etc. O cenário se apresenta tectônico, ao modo euclidiano. O mundo sertanejo enclausurado entre porteiras feitas de varas de correr e “léguas de beijo”, diz Luz, expressão que denota outra medida e distância comuns ao vasto mundo do sertão, pois também se diz assim no nordeste, ou dizia-se, do gesto à légua tirana. O lábio inferior se distende adiante do rosto, um “bem ali” de desmesura que parece pertencer somente aos que conhecem a palma aqueles chãos. No sul, os faxinais, vassourais, capões de taquara, as palmeiras butiás, os paleozoicos xaxins, as coxilhas onde se alteiam os jerivás e os campos altos onde dominam as araucárias resistindo ao açoite do minuano, “a terra, por muito tempo, despovoada de gente civilizada, apenas percorrida pelo indígena”<sup>146</sup>. Esse indígena em trânsito, sempre de passagem, justificou o direito de posse da “gente civilizada” quando da ocupação dos sertões “sem dono”.

Na concepção de Ávila da Luz, o Contestado foi uma “guerra sangrenta entre brasileiros civilizados e caboclos ignorantes”<sup>147</sup>, o que não deixa de ser a tese defendida em parte n’*Os Sertões*. Os “caboclos ignorantes” descendiam dos povos que descobriram o Brasil antes dos europeus. Provinham daqueles carijós e patos (também ditos tapes) que viviam desde o litoral catarinense à costa doce do Rio Grande do Sul. Nos campos e florestas de serra acima, entre os rios Iguazu e Uruguai, andavam os guaranis e os caingangues (que os “brancos” chamavam botocudos, tapuias ou bugres, e contra quem D. João VI, mal chegando ao Brasil, em 1808, mandava dar combate utilizando o aparato jurídico de *bellum justum*).

Aos índios e mestiços sobreviventes do litoral e do planalto se juntaria a “parcela de elementos novos – a maioria indesejáveis – no seu povoamento: as forças farroupilhas destroçadas”<sup>148</sup> e, meio século depois, os despojos da Revolução Federalista de Gumercindo Saraiva,

<sup>145</sup> LUZ, Aujor Ávila da. **Os Fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. 2. ed. Posfácio de Walter F. Piazza. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. p. 22.

<sup>146</sup> LUZ, 1999, p. 41.

<sup>147</sup> LUZ, 1999, p. 41.

<sup>148</sup> LUZ, 1999, p. 45.

“para formar a malta de desordeiros e criminosos que infestou a região”<sup>149</sup>. Caberia, ainda, um derradeiro ingrediente ao “ambiente criminógeno”, escreve o autor, que precipitaria o desastre que vai acontecer. A construção da estrada de ferro, para a qual foram engajados, no serviço mal pago de derrubar a mata, rasgar estradas e assentar dormentes, “antigos criminosos, ‘capoeiras’, moleques e facínoras de toda espécie [...] gente da mais ínfima condição – negros, mulatos, caboclos e brancos degradados”.<sup>150</sup>

A questão religiosa serviu de estopim à guerra que se conjurava havia muito, movida pela querela dos limites. A província do Paraná alegava a posse por ocupação, Santa Catarina invocava direitos assentados em documentos, e a Argentina reivindicava a região da Missão do Guairá, arrasada no século XVII, seus campos de criar situados entre os grandes rios. A fronteira internacional foi definida em 1895, com mediação do presidente Cleveland, dos Estados Unidos. Na ignorância do que estava para acontecer e se tramava nas cidades, no meio do mato: o caboclo. “Nenhum enfeite, nenhuma ornamentação se vê no interior da casa do sertanejo a não ser o indefectível oratório armado na salinha”<sup>151</sup>, e essa descrição de Luz retrata, num instantâneo de fotografia, as casinhas caiadas de porta e janela pintada de azul dos Aves de Jesus, na periferia de Juazeiro, o único luxo na sala de entrada, este altar todo enfeitado para os santos de umburana. O caboclo do Contestado, afim do sertanejo que Euclides conheceu, é “atrasado por falta de instrução e revoltado por falta de justiça”<sup>152</sup>, mesmo diagnóstico atestado por uma testemunha ocular, o tenente Matos Costa.

O autor anota com impaciência umas estrofes de reisados, mal ouvidas e bem mutiladas, que ele chamou de “estapafúrdias e incoerentes”, e uma reza para defesa pessoal contra o perigo que está em volta e não se vê: “Ar vivo, ar morto, ar do dia, ar da noite, ar do ferro, ar do aço, ar do sol, ar da lua, ar das estrelas, ar do vento, ar da terra, ar da água, ar de estupor, ar de sangue, ar de vidro, ar de paralisia”<sup>153</sup>. Luz também fez referência a curiosa Oração do Divino Espírito Santo, invocando as Onze Mil Virgens do céu medieval e do paraíso muçulmano. O condensado transcendental periférico, para Ávila da Luz, era apenas misticismo que estava a reclamar “a intervenção do alienista

---

<sup>149</sup> LUZ, 1999, p. 60.

<sup>150</sup> LUZ, 1999, p. 62.

<sup>151</sup> LUZ, 1999, p. 79.

<sup>152</sup> LUZ, 1999, p. 107.

<sup>153</sup> LUZ, 1999, p. 119.

ou do canhão”<sup>154</sup>, já sabendo o doutor qual tinha sido o remédio e a dosagem aplicada. O fanatismo não era circunscrito ao sertão, nas cidades, escreve, “os candomblés, as macumbas, as mandingas, os canjerês avassalam a população baixa e de cor, e o espiritismo a gente branca de melhor nível”.<sup>155</sup>

No rastro do “fanatismo” sertanejo, Luz refere-se ao “Canudos Germânico” do Rio Grande do Sul, desconsiderando o anacronismo de o arraial do Conselheiro sequer existir em 1872, época do movimento liderado por Jacobina Maurer, “meio obesa e de temperamento histérico”, descrição que os retratos desmentem. Escreve também, sem dizer a fonte de tão inusitada informação, que “a luta tirânica” dos jagunços da Bahia “era acompanhada, com simpatia, pelos caboclos de Santa Catarina”. E intromete no Contestado o Rei Artur, que é lenda de outra epopeia: o monge José Maria, inspirado pelo romance de Carlos Magno e seus Pares de França, “resolveu fazer-se chefe de cavaleiros de uma nova Távola Redonda”.<sup>156</sup>

O segundo monge (este autor não cita o outro João Maria), José Maria, trazia, diz, no rosto, os “estigmas físicos de degeneração”, quais sejam: os lábios grossos, o nariz chato, a cabeça grande. A primeira vidente, neta de Euzébio, Teodora, ele confunde com a Virgem Maria Rosa. Na destruição de Taquaruçu, a cidade santa construída um ano depois do combate de 1912 em que o monge e seu perseguidor morreram, Luz descreve uma sobrevivente, “uma velha fanática que tinha enlouquecido. [...] No meio dos soldados, indiferente a tudo, enfeitava, com papéis de cores vistosas, seus trajes imundos”.<sup>157</sup>

O reduto de Caraguatá, sob o comando de Maria Rosa, era composto por uma “fauna de arquétipos de criminosos” e “cangaceiros fanatizados”<sup>158</sup>. Na mudança para a nova cidade santa, vão os garbosos Pares de França marchando ao som do tamboreiro que abria as procissões do tempo da festa e no tempo da guerra animava os piquetes, seguidos da comunidade dando vivas a São João Maria e a São Sebastião. Abrindo o cortejo, a Virgem Maria Rosa de cabeleira ao vento, “num cavalo ajaezado com vistosos arreios prateados, destacando-se um rico silhão de veludo enfeitado com franjas e fitas”

---

<sup>154</sup> LUZ, 1999, p. 121.

<sup>155</sup> LUZ, 1999, p. 286.

<sup>156</sup> LUZ, 1999, p. 124, 149, 153.

<sup>157</sup> LUZ, 1999, p. 159, 184.

<sup>158</sup> LUZ, 1999, p. 186-187.



<sup>159</sup>. A iconografia anexa e as descrições vivazes de Ávila da Luz serão proveitosas às recriações ficcionais sobre a Guerra do Contestado, incluindo o fantástico esconjuro aos ares maus, há pouco reproduzido.

Os redutos na floresta eram focos de uma doença, diagnóstica Luz, contagiosa: o fanatismo rebelde. Os caboclos “infestavam uma extensa região. Deste modo, os redutos se alastraram” <sup>160</sup>. O autor faz distinções entre os ajuntamentos motivados pelos sucessos do monge José Maria e outros de forte conotação política, liderados por Tavares, Aleixo e Bonifácio Papudo (Bonifácio José dos Santos, até agosto de 1914 chefiava um grupo armado sob o comando do juiz de Direito de Canoinhas. Antônio Tavares Júnior era professor na mesma cidade. Aleixo Gonçalves de Lima, um descontente capitão da Guarda Nacional). Havia, ainda, um acampamento de negros e outro de colonos alemães.

Até parece a disposição espacial dos brincantes da Dança de São Gonçalo, a “forma” no Quadro Santo, com a divisão por gênero, onde cada participante recebe a cota de tarefas diárias em ritual que consolida o grupo – como não dirá Luz, mas outros autores dirão. Homens para um lado, mulheres para o outro, à maneira indígena e oriental. A cavalaria, os 12 Pares (que eram 24 cavaleiros, pois assim tomaram a palavra em seu sentido numérico, talqualmente Quaderna), os piquetes armados e os demais, indefesos todos, de joelhos para as orações. Depois, cada grupo dava nove voltas no terreiro, saudando em cada esquina a cruz levantada do chão. “Era um novo Canudos com que o país se defrontava” <sup>161</sup>. A conclusão implícita: a solução final que o Estado promoveu, com o apoio dos segmentos privilegiados da sociedade, contra ambas e perigosas experiências, estaria plenamente justificada.

Imagens congeladas de um passado Cinema Novo. Em primeiro plano, as orelhas decepadas do Castelhana antecipando as cabeças cortadas do bando de Lampião. “O degolamento era o processo corrente do assassinio. Havia, nas tropas, gente especializada no seu exercício” <sup>162</sup>, denuncia Luz, aproximando-se do paradoxo euclidiano. A tarefa dos valorosos soldados, aos quais ele dedica sua obra. Estão fechando o cerco, na espiral do rio Santa Maria, contidos no desfiladeiro pela

---

<sup>159</sup> LUZ, 1999, p. 193.

<sup>160</sup> LUZ, 1999, p. 195.

<sup>161</sup> LUZ, 1999, p. 219.

<sup>162</sup> LUZ, 1999, p. 59.

resistência incansável da Guarda do Quadro, “uma Termópilas cabocla” protegendo a cidade santa. (E a Tróia de taipa de Euclides, essas grécias sertanejas). Os devotos transmitindo mensagens entre si no som dos tambores de pinheiro cobertos com bexiga de boi, ou pelas buzinas de chifre. (*Do boi só se perde o berro e é justamente o que eu vim apresentar*). No dia 1º de março, 1915, dois aeroplanos decolaram.

Obuses caem na madrugada de Caraguatá. “Voaram braços, pernas e cabeças” de gente da qual nunca se soube o nome e serão somente números em mais uma estatística: “épica façanha, um dos feitos mais fulgurantes da história militar do Brasil!”, exclama Ávila da Luz. Dos relatórios oficiais que o autor compulsou: 1º de abril, 1915, ataque ao reduto de Maria Rosa, centenas de casas, ranchos e duas capelas incendiadas, nenhum inimigo vivo. Dois de abril, Sexta-feira Santa, ataque ao reduto do Aleixo, 48 cadáveres, a igreja e 902 casas incendiadas. Sábado de Aleluia, reduto de Santa Maria: 600 mortos, 5.931 casas queimadas, 11 capelas destruídas. O inimigo invisível que os soldados encontraram: “Doze cadáveres de jagunços, metidos dentro de troncos ocos de imbuia”<sup>163</sup>.

Adeodato, o último chefe caboclo, escapa e assenta acampamento no Rincão do Boi Preto, em Tamanduá. “Aí revelou-se inteira a hediondez de sua complexa psique de bandido e devoto do São José Maria, de epilético e de degenerado”<sup>164</sup>. Amiúda a perseguição aos grupos sobreviventes, acossados por piquetes de paisanos comandados pelo capitão Vieira da Rosa, vulgo Rosinha. Em 17 de dezembro de 1915, outras mil casas foram destruídas. O São Sebastião em tamanho natural que acompanhava os devotos desde Taquaruçu, Rosinha tomou. Adeodato escapou de novo, foi preso sozinho em agosto de 1916, em Cerrito, município de Lages, de onde era natural. Condenado a prisão, foi morto em três de janeiro de 1923, ao tentar fugir da cadeia em Florianópolis.

### 1.4.3 Vinhas de Queiroz e o doutor de tamancos

Doutor em Ciências pela USP, Maurício Vinhas de Queiroz assina o abrangente estudo *Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)*, cuja primeira edição é de 1964, sendo que as últimas entrevistas dele com remanescentes da guerra

---

<sup>163</sup> LUZ, 1999, p. 258, 260, 197.

<sup>164</sup> LUZ, 1999, p. 272.

datam de 1963. (O pesquisador vinha coletando pessoalmente testemunhos desde a década de 50, mesma época do arquivo cedido a ele por Maria Isaura). Acompanha a edição um anexo com fotografias dos sobreviventes entrevistados, imagens de alguns objetos devocionais e mapas do conflito. Na folha de rosto, duas epígrafes, recolhidas da memória dos que viveram nas cidades santas do Contestado. De Zacarias Moreira Gonçalves, o Zaca Pedra: “Tudo era irmão. O que um tinha, tinha que repartir”. Toda a abrangência do movimento está na frase sintética de Paulino Pereira, fabricante de gasosas: “Tudo era irmão, irmã”.

Para o autor, as massas camponesas excluídas manifestaram, no conflito do Contestado, a consciência da necessidade, “às vezes tocante”<sup>165</sup>, de participar na construção da sua própria identidade. Euclides da Cunha ainda figura como parâmetro incontestado, substituído o positivismo deste por uma abordagem estruturalista, que já vinha de Maria Isaura e ele dilatou. O capítulo um intitula-se “A Terra e o Homem”. Mas poderia agregar um terceiro termo, a passagem do homem sobre a terra, a história. Vinhas de Queiroz recua no tempo para situar os contornos da guerra.

Depois de destruída a experiência coletiva da Missão do Guairá, o contato com o sertão de cima da serra se restabelece em 1728, quando Francisco de Souza e Faria partiu de Laguna em direção ao planalto. Em lá chegando, relatou, “dei em campos e pastos admiráveis, e neles intensidade de gado, lançados naqueles sítios pelos tapes das aldeias dos padres jesuítas no ano de 1712”<sup>166</sup>. As primeiras providências para dilatar a fronteira disputada com os espanhóis seria organizar postos de registro para controle da Real Fazenda e a abertura de caminhos. Foi assim que nasceu Curitiba, a partir do arraial de tropeiros que passavam pela estrada do gado que ia de Viamão, na província de São Pedro, até a feira de Sorocaba. Com os tropeiros vieram ferreiros, carpinteiros, taapeiros e outros diversos nas suas habilidades e dispostos à ajuda mútua do ancestral mutirão (palavra derivada do “puxirum” guarani, explica o autor, que em paragens nordestinas se chama adjunto, batalhão, bandeira).

A primeira aparição do profeta na região contestada, anunciando o final dos tempos, foi na era de 1897 – o ano do fim de Canudos. No

<sup>165</sup> QUEIROZ. Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social: a Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981. (Coleção Ensaio, 23). p. 16.

<sup>166</sup> QUEIROZ, 1981, p. 22.

lugar Entre Rios, distrito de Campo Belo, e em torno dele ergueram-se ranchos que a polícia devastou, a medo. Canudos ainda queimava. Por esse tempo, os maragatos de Gumercindo Saraiva andavam com ramos de vassourinha no chapéu (ainda hoje conhecida como “erva de São João” e vendida em pacotinhos no comércio). O segundo João Maria, Atanás Marcaf, possivelmente sírio, defende Vinhas de Queiroz, espalhou seu legado de profecias escatológicas a respeito de uma era que se aproximava, de muito pasto e pouco rastro. Dizia. “Deus disse: Faze que te ajudarei. Cuida, por isso, do teu corpo e trabalha”<sup>167</sup>. Um dia se recolheu dos caminhos, legando a seus devotos a promessa de voltar.

A proclamação da República acarretou nova legislação sobre o sistema de ocupação das terras, que veio modificar, para pior, a situação dos sertanejos pobres. Os posseiros, afirma Vinhas de Queiroz, foram mais fácil e legalmente expropriados porque “eram iletrados para recorrer às terras devolutas”<sup>168</sup>. Nas entrelinhas da lei, o investidor norte-americano Percival Farquhar arma sua rede de negócios que se alastra por todo o Brasil: domina ferrovias, portos, madeiras e o serviço de iluminação pública. A ferrovia São Paulo-Rio Grande, paga por trilho assentado, engoliu o que pode de verbas públicas com seu traçado propositalmente zigzagueante, onde atuaram cerca de oito mil trabalhadores, recrutados até em Pernambuco. As terras marginais à linha foram loteadas pela companhia para colonos europeus. E a mata destruída alimentou, sem custo, a serraria Lumber, com a eficácia das máquinas mais modernas que abatiam todo dia 300 mil metros cúbicos de floresta.

O terceiro monge, José Maria de Santo Agostinho, nominado Messias Caboclo por Vinhas de Queiroz, aparece no sertão ao tempo dessas mudanças, nas cercanias de Campos Novos. “Já era homem maduro, de seus quarenta e poucos anos”. Assim o descreve este autor: era um tipo indígena, de cabelos lisos e longos, porém barbado, vestido de “brim ordinário e, como um caboclo qualquer, andava às vezes descalço; quando muito, usava tamancos enfiados em meias grossas que lhe prendiam a boca das calças”; seus dentes eram tisonados pelo hábito do cachimbo e cobria a cabeça com um boné “de pele de jaguatirica semelhante ao do velho João Maria, porém adornado de penacho e fitas”. A imagem do monge, nesse desenho em bico de pena baseado em

---

<sup>167</sup> QUEIROZ, 1981, p. 62.

<sup>168</sup> QUEIROZ, 1981, p. 64.

“antiga fotografia”<sup>169</sup>, ele sentado numa pedra, com uma faca de lâmina longa no colo, barrigudo, descalço, o lenço maragato atado ao pescoço.

Certa feita, o monge curou com mezinhas a mulher do fazendeiro Francisco de Almeida, desenganada pelos médicos, o que aumentou sua fama no lugar. A ciência sertaneja está na base de toda receita de raizeiro, mas José Maria

[...] não era um curandeiro vulgar. Sabia ler e escrever e, há muito, possuía uns cadernos nos quais anotava as propriedades medicinais – comprovadas pela prática e a experiência popular – de numerosas plantas da flora de Serra-Acima”<sup>170</sup>

José Maria criou uma Farmácia do Povo. Ajudava com remédios, conselhos e parábolas, segundo testemunhas ouvidas por Vinhas de Queiroz. Porfírio de Souza, entrevistado em 1961 (na fotografia em preto e branco, o caboclo entrado nos anos, magro, cinco fundas rugas horizontais marcando a testa, barbicha e cabelos gris. Irmão do “comandante de briga” Chiquinho Alonso), diz que o monge falava: “Como eu quero beber água limpa, quero que todos bebam. Hoje a maior parte suja a água”.<sup>171</sup>

Lia, nas horas de folga, o romance de Carlos Magno, seus Doze Pares de França e a guerra entre o Bem e o Mal, para um público atento e em progressão. “Ignora-se de que maneira José Maria comentava as façanhas dos cavaleiros da Távola Redonda”<sup>172</sup>, anota Vinhas de Queiroz, reprisando a confusão entre os ciclos carolíngio e arturiano do livro de Luz. De Campos Novos, o monge migrou para Taquaruçu, acolitado por três centenas de pessoas que já o acompanhavam. Foi a convite do bodegueiro Praxedes Gomes Damasceno, que celebrava com grande festa anual o Divino Bom Jesus. O povoado ficava na área de Curitibaanos, “feudo do coronel Francisco de Albuquerque”<sup>173</sup>, extocador de trompa da banda de música de Campos Novos, ex-ajudante nos piquetes de Gumercindo Saraiva. Tinha ficado rico comprando

<sup>169</sup> QUEIROZ, 1981, p. 78, 77, 313. (a ilustração referente ao monge José Maria).

<sup>170</sup> QUEIROZ, 1981, p. 81.

<sup>171</sup> QUEIROZ, 1981, p. 82.

<sup>172</sup> QUEIROZ, 1981, p. 83.

<sup>173</sup> QUEIROZ, 1981, p. 85.

terras pertencentes a órfãos e viúvas, ascendendo à política sob proteção do antigo mandatário de Lages, seu compadre, o governador Vidal Ramos, segundo informa o pesquisador. Na oposição ao chefe político de Curitiba dominava outro coronel da Guarda Nacional, Henriquinho de Almeida, o mesmo que, encontrando-se com o monge José Maria no vau do rio Correntes, deu a ele sua espada, insígnia de poder do mandonismo sertanejo.

Quando da coroação do imperador na Festa do Divino, e sendo escolhido, como era de tradição, o festeiro, naquele ano, o fazendeiro Manoel Alves de Assunção Rocha, seguiu-se um desafio poético, os trovadores presentes improvisaram sobre o mote “nos tempos da monarquia”, o que serviu de pretexto para o coronel Albuquerque acionar a repressão. O povo se dispersou antes, José Maria e alguns “cruzaram a estrada de ferro poucos quilômetros ao sul da Estação de Caçador e internaram-se nos sertões do Paraná”. Chegando ao Irani, o grupo se demorou no Faxinal dos Fabrícios, era setembro. Em outubro, ataque sob o comando do pernambucano João Gualberto, chefe da Polícia do Paraná. Um dia antes do confronto, na certeza da vitória, João Gualberto mandou um vaqueano (“o mesmo que tapejara, o indivíduo que conhece todos os caminhos e lugares de uma área do sertão”) preparar “trinta alças para amarrar caboclos”<sup>174</sup>, que ele pretendia fazer desfilar em cortejo pelas ruas de Curitiba.

O Exército Encantado de São Sebastião começou a se formar no dia da morte do monge José Maria e de seus companheiros, como se pode deduzir no depoimento de Antônio Elias Ferreira, filho de Elias Rodrigues Vaz, o Elias da Serra: “Eles não morriam, eles se passavam”. A Virgem Teodora, para quem o Monge apareceu entre nuvens no ano de 1913, vivia em Lebon Régis, antiga Trombudo, quando foi entrevistada, em 1954, por Vinhas de Queiroz. “Eu não via nada [...] Eram os velhos que se juntavam e diziam as ordens”<sup>175</sup>, confessou. Os velhos eram seus avós, Euzébio Ferreira dos Santos e Querubina. Depois, as visões e consequentemente a liderança do grupo ficaram com Manoel, filho do casal.

Após Manuel, foi vidente outro membro da família, um primo de Teodora: Joaquim, o Menino Deus. O primeiro ataque a Taquaruçu teria sido um plano estratégico do então secretário geral do Estado de Santa Catarina, o deputado Lebon Régis. Vieram três contingentes, um de

---

<sup>174</sup> QUEIROZ, 1981, p. 90, 201, 99.

<sup>175</sup> QUEIROZ, 1981, p. 109, 113.

Caçador, outro de Campos Novos e o de Curitiba. Os soldados, surpreendidos nas proximidades da cidade santa, correram e deixaram para trás a matalotagem. Em janeiro de 1914, a maior parte da comunidade se muda para Caraguatá, na área de Perdizes Grandes. No dia 8 de fevereiro, dá-se segundo ataque a Taquaruçu: 175 granadas explosivas, mais obuses, balas de canhão, tiros de metralha. Contra umas poucas mulheres, homens inválidos e meninos que sacudiam no terreiro suas bandeiras brancas, acreditando que ao fazerem três cruzes no ar eram 50 soldados que morriam.

Um mês depois da destruição de Taquaruçu, chegou a hora de Caraguatá. Os amotinados do reduto venceram as forças militares com astúcias de carnaval. As formosas caboclas batendo roupa na beira do rio que assanharam os soldados eram os irmãos distraindo a “fraqueza do governo” até a emboscada. Em fins de março, outra mudança, agora vão para Bom Sossego, Maria Rosa, a que tudo sabia, segue adiante, ao lado de Antonina, companheira inseparável. A Virgem, nova líder do grupo, é filha de Elias de Souza, “vulgo Eliasinho, lavrador da Serra da Esperança”. Mocinha de 15 anos, cabelos crespos louros, um cromo, em seu vestido branco enfeitado de fitas e penas de pássaros, “não sabia ler nem escrever mas falava com desembaraço”.<sup>176</sup>

O vale do rio Timbozinho está semeado de cidades santas. No reduto de Pinheiros apareceu certo dia, como fotógrafo, Henrique Wolland, vulgo Alemãozinho. Também se agrega ao movimento Venuto Baiano, desertor da Marinha, ex-operário da estrada de ferro. Aleixo Gonçalves de Lima, que já vimos ser capitão da Guarda Nacional, também liderou um reduto, no ocaso das Virgens. Bonifácio Papudo e Antônio Tavares, de Canoinhas, outro. Houve uma cidade santa sob a guarda do negro Olegário. E Conrado Grober, “alemão acaboclado [...] até o fim do movimento, um dos crentes mais fiéis e um dos últimos a abandonar a luta”. Francisco Paes de Farias, o Chico Ventura, era condutor de boiadas. “Foi junto de sua casa, em Taquaruçu, que arrancharam os primeiros moradores da cidade santa”. O preceito ético de Caraguatá, reproduzindo-se em novas aldeias: “Quem tem, mói; quem não tem, mói também, e no fim todos ficarão iguais”<sup>177</sup>. Sai de cena o general Mesquita, veterano da Guerra de Canudos, responsável militar pelas forças atuantes na região do Contestado.

---

<sup>176</sup> QUEIROZ, 1981, p. 134, 151.

<sup>177</sup> QUEIROZ, 1981, p. 137, 138, 142.

É agora a autoridade oficial na zona do conflito o capitão Matos Costa, do 33º Batalhão. Durante seu comando, faz investigações paralelas sobre um derrame de dinheiro falso e denúncias de contrabando de armas. Chega a passar pelos redutos, disfarçado de mágico, de vendedor de rapadura, para conhecer o inimigo. Matos Costa, na fotografia: a máscara romântica de Euclides da Cunha, o mesmo bigodinho no rosto afilado. O colarinho alto com o número 33 bordado de cada lado e abaixo do busto a legenda: “Capitão Matos Costa, que chegou a compreender os motivos profundos que animavam os sertanejos em armas”<sup>178</sup>. Deve-se a sua estada incógnito no acampamento, diz o autor, a queda de prestígio da Virgem Maria Rosa.

Por esse tempo, Chiquinho Alonso, natural de Trombudo, assume o comando geral das cidades santas. Conduz o povo de Caraguatá a outro reduto, nas cercanias de Caçador. Lidera pessoalmente 300 de seus chefiados, no dia 5 de setembro de 1914, em ataque fulminante à vila de Calmon, destruindo a estação de trem e a serraria da Lumber. “Só foram poupadas as mulheres e as crianças”. A fugacidade dos jagunços, antecipando o movimento dos soldados. Bombeiros à espreita. “Desde o tempo das guerras com os Sete Povos das Missões, *bombear* tem por significado espionar o campo inimigo, espreitar, observar com atenção”<sup>179</sup>.

Véspera do Dia de Tiradentes, 1914. No trem militar que partiu de Porto União para Calmon seguem o capitão Matos Costa, dois engenheiros da Lumber e um contingente de 60 praças. Ainda não sabiam do acontecido à noite anterior. Pouco antes da estação de São João dos Pobres, igualmente destruída, um morador avisa que Calmon está em cinzas, o bando que a queimou andava perto e eram muitos. O capitão resolve prosseguir. Adiante, desembarca com 42 soldados, quando são atacados pelos homens de tocaia na borda dos trilhos. “O trem recua, a toda velocidade, e só vai parar em Porto União”<sup>180</sup>. Poucos sobreviventes restaram, entre eles não estava o capitão. (Homenageado tempos depois, no lugar de sua morte, quando o povoado de São João dos Pobres passou a município, denominado Matos Costa).

Assume o comando das operações o general Fernando Setembrino de Carvalho. Em 26 de setembro, ele faz um apelo de

---

<sup>178</sup> QUEIROZ, 1981, p. 317.

<sup>179</sup> QUEIROZ, 1981, p. 169, 186, grifo do autor.

<sup>180</sup> QUEIROZ, 1981, p. 171.



rendição aos caboclos conflagrados. No mesmo dia, Castelhana e seu piquete incendiam a vila de Curitiba. Castelhana, apelido de Agostinho Saraiva, era domador de cavalos e se dizia primo do famoso Gumerindo. O próximo ataque, no Dia de Finados, foi à Colônia do Rio das Antas, loteamento da Southern Brazil Lumber and Colonization Company ao longo da estrada de ferro, destinado a imigrantes da Polônia e da Alemanha depois que “foram sumariamente espoliados de suas propriedades muitos sertanejos que há longos anos eram posseiros das devolutas terras, nas margens do rio do Peixe”<sup>181</sup>, segundo o general Demerval Peixoto, contemporâneo da guerra, citado por Vinhas de Queiroz. Os colonos resistiram ao assalto, anunciado com antecedência pelo próprio Chiquinho Alonso, que morreu no confronto. Ascensão de Adeodato, dito o Flagelo de Deus.

Adeodato Manoel Ramos nasceu em Cerrito, município de Lages. Foi tropeiro, depois peão em Trombudo, onde vivia com o pai, Manoel Telêmaco. Lidera a série de ataques à vila de Canoinhas, ocorridos entre oito de novembro e 23 de dezembro. Sob o seu mando, o reduto principal transfere-se de Caçador para o vale de Santa Maria. “Longe circulou a voz de que em Santa Maria existiam montanhas de beiju e no riacho, ao invés de água, corria leite”<sup>182</sup>. Era o Belo Monte da lembrança de Honório Vila Nova nos dias passados de sua juventude, era a São Saruê dos violeiros e dos poetas de cordel. De Caçador a Santa Maria, nove quilômetros semeados de casas. O reduto de Maria Rosa, o dos Pares de França, o do Aleixo, o do Cemitério, o Cova da Morte. No total, cerca de cinco mil moradores.

A 28 de dezembro sai o segundo manifesto de Setembrino, mais ameaçador que o primeiro. O Alemãozinho se entrega, localiza os redutos, um por um, nos mapas do general, facilitando-lhe o trabalho e apressando a queda dos últimos resistentes. Antônio Tavares foge e chega incógnito a Florianópolis, depois se esconde em Tubarão, até a guerra terminar. Em janeiro de 1915 há rendições em massa. Bonifácio Papudo vende o que tinha e se muda para Catanduvas. Começam os processos judiciais contra os devotos e também o julgamento de alguns crimes cometidos por militares e civis de piquetes. O chefe de vaqueanos Pedro Ruivo, por exemplo, assassino confesso de presos rendidos e desarmados e acusado de estupro. Absolvido, foi viver no município paranaense de Lapa.

---

<sup>181</sup> QUEIROZ, 1981, p. 203.

<sup>182</sup> QUEIROZ, 1981, p. 211.

O ano de 1915 se arrastando no sertão, o povo do Monge acuado, faminto, refugia-se no reduto de Pedras Brancas, orientado pelo curandeiro Sebastião de Campos. Em 17 de outubro, a aldeia é destruída, os que sobreviveram indo ao encontro de Adeodato na cidade santa de São Pedro, que será atacada em dezembro por Lau Fernandes e seus vaqueanos. O irmão de Manoel Alves de Assunção Rocha, o imperador da Festa do Divino, dito Nenê Alves, carregava às costas a imagem do São Sebastião, quando foi preso. O capitão Rosinha, diziam, amarrou a estátua do santo debaixo da própria cama. Esse nunca mais ia escapar?

#### 1.4.4 Nas pegadas do mestre, Oswaldo Cabral

Um ensaio publicado pela Companhia Editora Nacional, em 1960, intitulava-se *João Maria – interpretação da Campanha do Contestado*. Nas edições seguintes, o nome do livro se reduz para emular Euclides ou simular um relatório militar: *A campanha do Contestado*. O autor, Oswaldo Rodrigues Cabral, deixa claro seu propósito de escrever *Os Sertões* do sul: “Canudos tivera o seu Euclides da Cunha; os observadores do Contestado, se não quiseram imitá-lo, pensaram em seguir as pegadas do mestre”. Adiante, reafirma: não podia fugir “ao esquema euclideano” (*sic*)<sup>183</sup>. Nos agradecimentos, cita o presidente do Instituto Histórico de Sorocaba, pela cópia do documento que atesta a chegada do Solitário Eremita, que ele reproduz em anexo, e Maria Isaura Pereira de Queiroz, pelo “material recolhido em pesquisas próprias e folhetos raros conseguidos na região”<sup>184</sup>.

O combustível da guerra, segundo Cabral: “Fanatismo – fanatismo, apenas, de um grupo social desviado pelas doutrinas sediciosas de um místico”; “uns pobres matutos transviados e mal orientados que, instruídos num saudosismo anacrônico, desejavam a volta ao regime monárquico”. Assim como em Canudos, o argumento do monarquismo dos devotos do Monge é reforçado para afiançar os procedimentos do Estado confrontado por uma tentativa de desestabilização perigosamente retrógrada. O monge João Maria, nesta abordagem, foi um profeta à moda de Ezequiel (aquele que anteviu a queda de Jerusalém, o exílio dos judeus, o cativoiro na Babilônia). No

---

<sup>183</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A campanha do Contestado**. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 05, 23.

<sup>184</sup> CABRAL, 1979, p. 03.

sertão do planalto eram todos exilados, os sertanejos desapossados, tangidos de um canto para outro, e também os “alienígenas”, que assim Cabral denomina os colonos europeus recenhegados. A Guerra do Contestado foi “uma luta de marginais, de desajustados”<sup>185</sup> contra o Estado de Direito, alimentada pelo sebastianismo, e cuja causa primeira se assentava na disputa política da terra.

Abigeato. O termo técnico que define furto de gado aparece com insistência de ocorrência policial, em meio a um rol de outros delitos graves, neste livro. “O Código Penal inteiro foi ferido na campanha dos *fanáticos*. Só não houve crime religioso, com finalidade religiosa”<sup>186</sup>, diz o autor, absolvendo contraditoriamente a opção de culto dos seguidores do Monge, porém justificando o dispositivo da Lei contra a sua comunidade. Cabral vai buscar em antigos documentos um responsável pela disputa interestadual que deu o verdadeiro motivo para a guerra (um responsável longínquo e inatingível). A origem estava na fundação de Lages, situada no centro da região reivindicada pelo estado paranaense.

Em 1765, o Morgado de Mateus, governador da extensa capitania de São Paulo, que nesse século XVIII abrangia o Paraná, mandou construir a vila de Lages para garantir o direito ao território por uso e ocupação, e principalmente atendendo interesses dos donos de boiadas, uma empresa semovente e necessitada de renovadas pastagens. Com o fim do sistema de capitanias, Paraná e Santa Catarina passaram a questionar as fronteiras que lhes cabiam no sertão. Somente em 1904 é que sai a primeira sentença em julgado, dando ganho de causa a Santa Catarina (defendida pelo Conselheiro Mafra).

A decisão é questionada e se acirram as batalhas nos tribunais. Com a morte de Mafra, o estado terá como advogado o paraibano Eptácio Pessoa (que será presidente da República entre 1919 e 1922). O Paraná contava com a erudição do candidato, derrotado, à presidência do Brasil naquele ano de 1910, o ano do cometa, o juriconsulto baiano Ruy Barbosa. A sentença foi outra vez desfavorável ao Paraná. Eptácio Pessoa utilizou em sua argumentação tese defendida pelo próprio Ruy Barbosa em questão semelhante ocorrida na Amazônia.

O acordo de definição dos limites será concluído depois da guerra, em 1916, o documento assinado pelos governadores Felipe Schmidt, de Santa Catarina, e Afonso Camargo, do Paraná. (Em 1911,

---

<sup>185</sup> CABRAL, 1979, p. 05, 14, 18.

<sup>186</sup> CABRAL, 1979, p. 17, grifo do autor.

um ano antes de a guerra começar, Afonso Camargo advogava para a Southern Brazil Lumber and Colonization, subsidiária da Brazil Railway, e intermediou a compra de 180 mil hectares ao longo da ferrovia, acelerando a evacuação dos posseiros moradores. O negócio também garantia o usufruto das árvores nobres erradicadas para a serraria multinacional, o que contribuiu para a ruína das pequenas madeiras locais).

A cidade contra o campo, guerra anunciada n' *Os Sertões*. O sertanejo “nunca foi associado do senhor na sua fortuna como sempre o era na sua desgraça”<sup>187</sup>, uma constatação que transborda as fronteiras globais do norte e do sul, do Ocidente e do Oriente. No vasto sertão do mundo, o agregado permanece “comendo da despensa” do seu senhor e compadre, “mas não participando da sua fortuna”<sup>188</sup>, muito embora esta relação comporte mais que uma simples atitude estática: o jogo é de cintura. O sertanejo de Cabral não era aquele forte euclidiano, só a contraparte alijada, um alienado que aceita o destino com a “submissão dos vencidos”<sup>189</sup>. Que as persistentes sedições disseminadas até a contemporaneidade o contestem. A cultura sertaneja ou cabocla, na opinião do autor, não passa de um aglomerado amorfo de “deturpações da transmissão oral”<sup>190</sup>. Não se cogita a invenção dessa antropofagia outra, a deglutição proposta por um manifesto que os mestres populares desconhecem, mas que exercitam com a sua criatividade prática.

O primeiro monge João Maria, em efígie moral: “Foi simples, foi bom e foi justo. E, pela ingenuidade de muitos, subiu aos degraus de um tosco e rústico altar sertanejo”. E um retrato falado, a partir do registro de entrada em Sorocaba de João Maria d'Agostinho, que chegou ao Brasil pelo Rio de Janeiro, no vapor Imperatriz. O documento, datado de 24 de dezembro de 1844, dá as características físicas do beato. Estatura baixa, pele clara, cabelos grisalhos, olhos castanhos. Boca e nariz regulares, barba cerrada, rosto comprido. Faltavam-lhe três dedos na mão esquerda. Italiano do Piemonte, 43 anos, solteiro. No quesito profissão, declarou: “Solitário Eremita”.<sup>191</sup>

Esse João Maria, o das andanças desde São Paulo ao Rio Grande do Sul. Ali, no Cerro do Botucaraí, região do Campestre, o solitário ergueu uma capelinha que dedicou a Santo Antônio. A imagem do santo

---

<sup>187</sup> CABRAL, 1979, p. 89.

<sup>188</sup> CABRAL, 1979, p. 93, 94.

<sup>189</sup> CABRAL, 1979, p. 96.

<sup>190</sup> CABRAL, 1979, p. 97.

<sup>191</sup> CABRAL, 1979, p. 107, 351.

eremita, ele trouxera das Missões. Certo Felicíssimo, morador do lugar, testemunhou por escrito a passagem do Monge pelos sertões gaúchos: “A sua longa barba e o hábito atraíram os simples que o tomavam por um novo Messias”. Ao redor das águas benditas do Campestre, formou-se um “campo de concentração de doentes de todas as idades”<sup>192</sup>, gente de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, da Argentina, do Uruguai. Na sua trajetória, o peregrino abençoava fontes e erguia cruzeiros de cedro. Desapareceu por volta de 1870. “Nunca se rebelou, mesmo contra aqueles que usaram de violência contra a sua pessoa. Submisso e humilde, conformou-se com a injustiça”<sup>193</sup>. Mas, se não fora inconformismo com a injustiça o que marcou sua jornada, assombrada por vaticínios claros e metáforas obscuras?

João Maria de Jesus apareceu nos sertões do sul durante a Campanha Federalista. Carregava uma bandeira branca com a pomba vermelha do Espírito Santo. “Jesus disse a São Pedro que o mundo havia de existir mil anos, mas não outros mil”, pregava. O sotaque, castelhano. Frei Rogério Neuhaus, vigário de Lages, encontrou-se com ele em 1897, o ano da queda de Canudos. Respondeu ao frade alemão, na conversa que tiveram: “Eu nasci no mar, criei-me em Buenos Aires e há onze anos tive um sonho”<sup>194</sup>. Era Atanás Marcaf (como se escreverá seu nome?), o da fotografia. Deixou de lembrança uns provérbios, umas profecias e alguns ensinamentos. Sumiu por volta de 1900.

O terceiro monge. E a “impostura” de se dizer “irmão” do João Maria, na interpretação de Cabral. Seu nome civil era Miguel Lucena de Boaventura, ex-militar que teria organizado no modelo obediente da caserna os rituais do Quadro Santo, a formação coletiva diária da “malta dos seus crentes”. Morto no dia 22 de outubro de 1912, no ataque do Irani. O que foi Taquaruçu: “Era um ajuntamento, uma concentração dos marginais, dos desajustados”. Sobre aquela imagem de José Maria com o fãção, já comentada, Cabral descreve: “o nariz largo, de ventas grandes, tem mais o aspecto de um homem do Nordeste do que das regiões sulinas”<sup>195</sup>. José Maria teria criado os Pares de França, afirma este autor, para sua defesa pessoal.

A promessa de violência, documentada. João Gualberto e seu ultimato dirigido ao monge, datado de 20 de outubro de 1912 do

---

<sup>192</sup> CABRAL, 1979, p. 119, 123.

<sup>193</sup> CABRAL, 1979, p. 143.

<sup>194</sup> CABRAL, 1979, p. 152, 154.

<sup>195</sup> CABRAL, 1979, p. 183, 193, 194.

acampamento militar no Irani. “Sr. José Maria: Caso não atenderdes a esta intimação [...] comunico-vos que vos darei, e a todos os que forem solidários convosco, verdadeira guerra de extermínio”<sup>196</sup>. A “guerra justa” reeditada. E cujo roteiro continua em cartaz, no confronto entre o morro e o asfalto, refrão para imagem viral.

Além de bandidos, os devotos do Monge, segundo Cabral, eram “gente sem trabalho ou profissão”. A esse sertanejo vadio, filho do índio indolente, veio se mesclar, num contato “pernicioso”, o marginal saído das “sarjetas das grandes metrópoles”. Logo, o “marginal humilde se transformaria no marginal revoltado. [...] a horda tornar-se-ia perigosa [...] O bando organizara-se”.<sup>197</sup>

Se o avatar de Domingos Jorge Velho, o coronel João Gualberto, prometia uma guerra de extermínio, o capitão Matos Costa quis entender o conflito por outra perspectiva. De acordo com seu relatório, o problema social do Contestado se resolveria “com um pouco de instrução e o suficiente de justiça”. A falta de escolaridade atestada por Matos Costa será entendida como incapacidade mental, por este autor, e outros. A liderança cabocla foi posta em dúvida por Cabral. “Deve ter havido, por trás dos bastidores, um elemento intelectual capaz de conceber um plano audacioso, valendo-se da ingenuidade do sertanejo e, também, de sua bravura”; depois do ataque a Caraguatá, os “marginais” viraram “guerrilheiros”. Outra vez, o assombro de Canudos. “O esgotamento condenou Santa Maria ao fogo que antes consumira o Arraial do Bom Jesus. Mas a resistência foi até o último cartucho”.<sup>198</sup>

Em 1956, Oswaldo Cabral andou pelas trilhas do Monge. Visitou o Campestre, a gruta da Lapa aonde ele pousava, as águas santas das fontes que João Maria abençoou, assim como as árvores – havia um cedro bento na Serra da Esperança, em Lebon Régis, atestou. “A veneração a São João Maria ainda existe [...] o próprio colono alienígena tomou ao primitivo habitante da zona este traço de empréstimo”<sup>199</sup>. Na conclusão de *Campanha do Contestado*, os caboclos combatentes e devotos, até aqui tratados por jagunços e fanáticos, ganham a alcunha de iluminados – termo que se desdobra, a contrapelo do autor, à comunidade.<sup>200</sup>

---

<sup>196</sup> CABRAL, 1979, p. 208.

<sup>197</sup> CABRAL, 1979, p. 197, 202-204.

<sup>198</sup> CABRAL, 1979, p. 214, 221, 07.

<sup>199</sup> CABRAL, 1979, p. 260.

<sup>200</sup> Juazeiro do Norte, Dia de Todos os Santos, 1987. No asilo dos romeiros entra um homem alvoçado casa adentro, o menino diz, “ó, mãe, o doido”, à mulher que nos guiava e ela lhe

#### 1.4.5 A violência e a festa em *Duglas Monteiro*

Em 1974, Duglas Teixeira Monteiro publica *Os errantes do novo século (um estudo sobre o surto milenarista do Contestado)*, a partir de sua tese defendida na USP. O título é uma citação da “Carta de Jezuscristo para dar conção aos erante do novo seculo”, transcrita em anexo com outros documentos dos rebeldes (não mais jagunços ou fanáticos), a exemplo de uma proclamação atribuída a João Maria, a reza de defesa de um Par de França, a nomeação de Wolland, o Alemãozinho, como chefe de piquete, habilitado por Maria Rosa: “[...] e que não abuzes as hordes e tenha fé em Deus e S. Sebastião e S. José (*sic*) Maria de Agostinho, que tudo é nada”<sup>201</sup>, a Virgem prescreveu.

Ao desencantamento do mundo (agora penso naquele “cansaço” da concepção de fim do mundo dos guaranis que Nimuendaju acompanhou), sucede seu reencantamento, por intermédio de uma guerra santa. É nestes termos que este autor baliza o movimento sertanejo ocorrido há um século nos sertões do sul. O desencanto se dá no contexto crítico do sistema de dominação, na passagem do império para a república, associado a mais duas questões, a de terras devolutas e dos limites estaduais. A violência costumeira cede lugar a uma violência inovada por outros modos de produção, e o consequente desmantelamento do sistema de compadrio interclasses vai coincidir com o ingresso dos monges neste complexo cultural, rearticulando novas conexões de solidariedade. O mundo se perfaz na prática da fantasia. A gesta carolíngia lhe serve de moldura. Do compadrio vertical de antes à irmandade em rede, o reino se configurou. Duglas Monteiro trata do milenarismo popular enquanto festa, sob o paradigma de uma sociologia do sagrado.

Fanático e jagunço são qualificativos postos em suspeição, utilizados por este autor sempre circunscritos por aspas. É a violência o enigma que ele pretende elucidar, desmontando os termos de Euclides da Cunha e os que a ele recorreram, e desviaram para as condições da terra e do clima o que motiva a loucura coletiva dos atavismos, o tal abismo sem pontes entre o presente e o passado, a cidade e o sertão, na

---

respondeu de imediato, “diga isso não! Ele é um iluminado”. (Eis o sentido, deixar-se atravessar por uma força que tangencia o ilimitado. Médiun, meio, quem se permite a desmesura e voga na terceira margem. Profeta Gentileza).

<sup>201</sup> MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974. p. 253, 261.

invenção de um Brasil cindido e inconciliável: o autêntico (que se ajusta à generalidade difusa sob o rótulo “povo”) e o postigo (esse dos herdeiros da Casa da Torre. *Sesmeiro fui, das largas, longas léguas, medidas pelos passos dos meus bois*). Duglas Monteiro desloca a expectativa messiânica até a antinomia do sonho. O que então se anunciava nas estranhas prédicas dos monges andarilhos era “o século do dinheiro, dos negócios e da violência crua”.<sup>202</sup>

O sertão é um palco onde se reencena a violência, ponto. Monteiro trata desse mundo, que ele chama rústico, termo de acordo com a acepção do latim, e está em rural, mas que veio agregando, por oposição à urbe e seu distanciamento da natureza, um sentido que comporta um signo do atraso e do que é avesso à civilização. O rústico é bárbaro. A violência e seu conteúdo novo: o impacto do industrialismo criando outras relações de produção e sociabilidade, alterando significativamente os modos de vida costumeiros, inserindo outras modalidades de controle e repressão. O que aconteceu em Taquaruçu fora o embate de concepções antagônicas. Os caboclos, recriando as singularidades do mundo por via dos sacramentos que ritualizavam as cidades santas. A líder Maria Rosa casava e batizava, havendo muitos devotos que recebiam novos nomes, para ressignificar a pretendida vida nova. O padre andava pelo sertão, escreve Monteiro, mas era o monge quem vivia lá, com seu catolicismo atento às necessidades cotidianas. Mas os representantes da ordem sempre suspeitam de manifestações coletivas.

A continuidade temporal no espaço de exceção: a história de antes acontecendo outra vez, do aqui e do além vão chegando os convidados, a irmandade do sertão e Carlos Magno, as Virgens e São Sebastião, todos compartilhando o novo século, de que fala a carta de Jezuscristo. O reino (a Terra Sem Males) emoldurado pela forma (o ritual no Quadro Santo), pelo igualitarismo (tudo era repartido e ninguém era dono de nada), pela virgindade (da acolhida do espírito) e pela festa (na comunhão). A irmandade concilia o profano e o sagrado e anuncia o reino neste mundo transformado. A morte, para a irmandade em guerra, era a certeza do fim do provisório. Os irmãos que se “passavam”, formavam na vanguarda do Exército Invisível, que anuncia para os bem aventurados a era da felicidade.

Duglas Monteiro realizou uma série de entrevistas em julho de 1972, durante breve estada em Curitiba, conta. Maria Alves, que

---

<sup>202</sup> MONTEIRO, 1974, p. 31.



viveu parte da infância no reduto de Santa Maria, lembrou a ele que havia na cidade santa uma “grande religião, só rezavam, não existia malvadeza”<sup>203</sup>. A reza era uma festa permanente extrapolando os dias fixados no calendário, a comemoração tornando-se costumeira e cotidiana. Cessando o fluxo do tempo convencional, a celebração adquire continuidade e permanência. A festa “perdeu o seu caráter de comemoração ou rememoração para tornar-se uma das expressões da presença real do sagrado e do contacto efetivo com o sobrenatural”<sup>204</sup>. (Em Juazeiro do Norte, é este o sentido que ressalta da massa em romaria: a efetivação do sagrado no mundo. A festa é alegria autêntica e jogo sério).

As entrevistas feitas por Monteiro, em anexo no livro, são depoimentos retrabalhados pelo autor, com pouco espaço à voz original. Ele falou com sobreviventes e descendentes dos personagens envolvidos no conflito, a exemplo de um sobrinho do coronel Henriquinho de Almeida, um ex-vaqueano, alguns sertanejos de mais idade, um frade, compondo ainda assim um interessante encontro de vozes que em sua dissonância permite perceber a conjuntura heterogênea e a partilha do repertório cultural. O ex-irmão Rufino, com 89 anos ao tempo da conversa com o pesquisador, recorda ter conhecido Adeodato “desde pequeno”, ambos piás, o último chefe jagunço tocando bumbo na Bandeira do Divino. Testemunhou a violência crua, disse que o corpo de Telêmaco, pai de Adeodato, “foi queimado pelo Capitão Rosinha”.<sup>205</sup>

#### 1.4.6 A irmandade segundo Marli Auras

No centenário da destruição do Belo Monte, 1997, sai em terceira edição o livro *Guerra do Contestado: a organização da Irmandade Cabocla*, de Marli Auras, a partir de sua dissertação defendida em 1984, e cujo foco está no protagonismo dos camponeses revoltosos e na ideologia comunitária que os uniu. “O conflito armado ocorreu como resposta do poder republicano à ousadia dos sertanejos de fazer frente ao avanço das relações capitalistas na região”<sup>206</sup>, defende a autora, que incluiu no seu livro um interessante conjunto de fotografias. Uma das imagens é aquela do monge José Maria descalço, já comentada. A

<sup>203</sup> MONTEIRO, 1974, p. 134.

<sup>204</sup> MONTEIRO, 1974, p. 170.

<sup>205</sup> MONTEIRO, 1974, p. 240.

<sup>206</sup> AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da Irmandade Cabocla**. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997. p. 169.

araucária gigante abarcada por vários homens dá ideia da floresta que então havia. Instantâneos da estação de trem de Calmon. Vagões carregados de toras seculares, em Três Barras.

João Gualberto e o regimento do Paraná cavalcando para Irani ao pó da estrada. Cenas do funeral de João Gualberto em Curitiba. O general Setembrino, capa longa e mãos nos bolsos, no acampamento de Canoinhas. As trincheiras, o hospital de sangue. O grupo de vaqueanos do coronel Fabrício Vieira, ele no centro, de chapelão e bigode, a corrente do relógio dependurada no colete. Retrato de Henrique Wolland, o Alemãozinho, mãos cruzadas, olhar irônico, fumando um cigarro. Em outra imagem, um grupo de caboclos rendidos sentados no chão e o Alemãozinho de pé, junto aos soldados. Bonifácio Papudo, xale ao ombro encobrendo o bócio, no dia de sua rendição.

Na última página do anexo fotográfico, a legenda, possivelmente da época em que a cena foi tomada (publicada no clichê de algum jornal?): “Um grupo de caboclos capturados. Enfim, a ordem foi restabelecida na região do Contestado”<sup>207</sup>. Panorâmica do grupo, diante de um casarão de madeira, o telhado de tabuinhas bem destacado, vê-se uma porta, duas janelas. No centro da cena, o grupo aprisionado, uma mulher meio encurvada de saia xadrez, e do mesmo pano estão vestidas as meninas ao lado dela. A maior parte, crianças e mulheres de pele parda. Um velho, duas crianças de colo. Por trás das mulheres, homens esqueléticos, um deles carrega um bebê. Cercando o grupo, à esquerda, coronéis de bigodes retorcidos e um soldado fardado, negro, a sorrir, dedos enfiados nos bolsos do uniforme. À direita, um militar de patente, alto, branco, esguio, de bigode e quepe. Ao lado dele, o coronel de chapéu de abas largas, lencinho e paletó, e dois vaqueanos mulatos.

“A irmandade foi destruída pelo efetivo do Exército republicano sob o comando do General Setembrino”<sup>208</sup>, resume Auras, afirmando que seu trabalho parte da releitura dos pesquisadores “de maior fôlego” sobre a Guerra do Contestado, nomeadamente Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maurício Vinhas de Queiroz e Douglas Teixeira Monteiro. O objetivo da autora, reconsiderar a guerra a partir da articulação política dos crenes sertanejos que culminou com a criação da irmandade e a opção pela vida nos redutos.

Marli Auras analisa a função da Guarda Nacional, criada em 1853 e que duraria um século, o poder executivo, legislativo e judiciário

<sup>207</sup> AURAS, 1997, p. 204. (página atribuída pela autora).

<sup>208</sup> AURAS, 1997, p. 17.

paralelo dos “senhores das terras e das gentes nelas presentes”. O sistema de compadrio patriarcal, núcleo da análise de Monteiro, é retomado. O monge João Maria, reflete Auras, “preenche espaços sociais vazios – a autoridade justa, o médico, o padre, o professor – e anuncia a vinda de novos tempos”<sup>209</sup>. Em 1912, circularam boatos de seu reaparecimento em Campos Novos. Frei Rogério Neuhaus, o franciscano que conhecera o segundo João Maria, foi procurá-lo. O monge disse ao frade alemão, minha reza vale por uma missa. O profeta rude da gente rústica. Entre seus devotos, também estão cerca de oito mil homens, “da plebe urbana do Rio de Janeiro, Santos, Salvador e Recife”<sup>210</sup>, incrustando trilhos no meio da mata de araucárias, imbuías, paus d’arco, cedros e outras árvores devoradas pela serraria multinacional.

O velho Eusébio, espada na mão, e outro grito do Ipiranga: “Liberdade! Estamos agora em outro século!”. A mudança para o reduto do Bom Sossego, em Pedras Brancas, a nordeste de Caraguatá, porque estava contaminado por tifo. No tempo de Maria Rosa. Ao norte do Bom Sossego, no vale do Timbozinho, surgiu outro reduto, o de São Sebastião. “Antoninho foi o comandante do reduto de São Sebastião e seguia o comando geral de Maria Rosa”. No tempo de Maria Rosa, tudo era irmão, irmã. “A festa continuava permanente e colorida [...] Tudo continuava sendo repartido entre todos”<sup>211</sup>. A festa, o tempo de expandir o sagrado em suas metamorfoses, a partilha onírica do inventário comum.

Meados de abril, 1914. O ministro da Guerra nomeia para o comando geral da tropa o general Mesquita. Solidariedade e temor (tal no tempo do cangaço, na sequidão da pedra cristalina). Tal os coiteiros do tempo de Lampião, “os sertanejos espalhados pelo sertão não facilitavam o trabalho das forças repressivas”. No dia 31 de maio, um mês e meio depois de sua chegada, o general dá por cumprida a tarefa que lhe coube. Recolhia aos quartéis, escreveu no relatório, as forças extenuadas, “sem roupa”, com bronquite e reumatismo, “devido ao passar mal com a estação invernososa que se aproximava”. A manutenção da ordem e da paz competia agora aos governos dos dois estados,

---

<sup>209</sup> AURAS, 1997, p. 27, 33.

<sup>210</sup> AURAS, 1997, p. 38.

<sup>211</sup> AURAS, 1997, p. 79, 93, 164.

porque ele, general Mesquita, não era “capitão do mato do tempo da escravatura”<sup>212</sup>, para correr a floresta atrás de gente fugida.

Bishop, o empresário norte americano diretor da Lumber, manda por telegrama uma nota de protesto endereçada diretamente ao presidente da república, o marechal Hermes da Fonseca (1910-1914), apavorado que estava com a “horda de fanáticos” e “responsabilizando a União pelos prejuízos que possamos sofrer naquela zona”; o governador de Santa Catarina, Vidal Ramos, faz-lhe eco, clamando providências federais contra os “bandoleiros do Contestado”<sup>213</sup>. O capitão Matos Costa percebe as razões objetivas do conflito. Anotou, no seu relatório: “A revolta do Contestado é apenas uma insurreição de sertanejos espoliados em suas terras, nos seus direitos e na sua segurança”.<sup>214</sup>

Bonifácio Papudo, ex-chefe de um grupo armado às ordens do coronel Manoel Vieira, o mandachuva de Canoinhas, e Antônio Tavares Júnior, também de Canoinhas, poeta, chefe escolar e adjunto do promotor da cidade, organizavam os festejos ligados à capelinha que o primeiro fez junto de sua casa. Junho, 1914, os vaqueanos do coronel Fabrício Vieira são denunciados por envolvimento com dinheiro falso. Troca de comando na irmandade. No lugar de mando antes ocupado pelas Virgens, os comandantes de briga. A caminhada de romeiro e uma vida de cigano. Do Bom Sossego, o chefe Francisco Alonso de Souza transfere o reduto para Caçador, na entrada do vale de Santa Maria. No dia 5 de setembro, Chiquinho Alonso e seu piquete xucro comandam ataque a Calmon. Assaltam em seguida a vila de São João dos Pobres, antigo quilombo, deixando um bilhete na porta: “Nós estava em Taquarussu tratando da nossa devoção e não matava nem robava [...]”<sup>215</sup>. No dia 12 de setembro de 1914, uma semana após a morte de Matos Costa, assume o comando o general Setembrino.

O monoplane pilotado pelo tenente Ricardo Kirk se despedaça num voo rasante sobre um pinheiro, no dia primeiro de março de 1915. Os meses se passam nos redutos, entre escaramuças com batalhões isolados e o murmúrio das rezas, a forma acontecendo outra vez nos quadros santos, o cotidiano das tarefas alternando-se com os benditos. No Dia de Finados, ataque a Rio das Antas, colônia de migrantes da Alemanha e Polônia, e a morte de Alonso. O novo chefe, Adeodato,

---

<sup>212</sup> AURAS, 1997, p. 95, 98-99.

<sup>213</sup> AURAS, 1997, p. 101.

<sup>214</sup> AURAS, 1997, p. 106.

<sup>215</sup> AURAS, 1997, p. 112.

convoca o povo para o vale de Santa Maria. Manda matar Antoninho, do reduto de São Sebastião, porque este pretendia se entregar. No vale, sob dispersas araucárias gigantes que sobraram, as casinhas miúdas. Destacando-se da praça, adiante do cruzeiro, a igreja, com a imagem em tamanho natural do santo protetor, Sebastião.

Da segunda carta do general Setembrino. Para vencê-los e silenciá-los. “Aos meus patrícios revoltados. [...] Desde o dia 11 de Setembro que lutamos e os nossos soldados cada vez mais se sentem encorajados para a vitória final, que não tarda”<sup>216</sup>. Que os patrícios revoltados voltem ao trabalho, para felicidade do lar e da nação brasileira, exorta, nestes termos. Cinco de abril de 1915, Santa Maria não existe mais. Mas a luta continua. As lideranças sertanejas do confronto final. Adeodato. Elias de Moraes. Sebastião de Campos. Frei Manuel, o Pai Velho. Muita gente se entregava. Quem fosse preso em Canoinhas, não tinha jeito de escapar. Ia parar na ponta da faca de Pedro Ruivo, vaqueano do coronel Fabrício Vieira, “um celerado promovido a herói”<sup>217</sup>, escreveu um jornalista da época.

Volto ao anexo, reflito sobre uma das fotografias de Claro Gustavo Jansson, pertencentes ao acervo da Casa da Memória de Curitiba, publicadas no livro. O fotógrafo sueco, que se radicou no Brasil, está para o Contestado como Flávio de Barros para o acontecido em Canudos. Ambos registraram os personagens anônimos que de olhos espantados nos indagam, aparentados em seu desamparo, do mais profundo destes retratos contrastados em preto e branco, ao modo das xilogravuras entalhadas de claro e escuro na capa dos folhetos de cordel. A diferença é só paisagem. Jansson nasceu em 1877, migrou criança para o Brasil. Foi fotógrafo oficial da Lumber. Morreu em Curitiba, em 1954.

A legenda diverge da anteriormente citada, pelo conteúdo, e pode ter até a intervenção da pesquisadora, pois nenhuma delas está inscrita nas fotografias, como era o costume do tempo, mas sob a imagem e no padrão gráfico do texto: “Caboclos à espera das forças repressoras. A festa e a luta”. À frente de uma parede de tábuas, um grupo com 16 homens, em duas fileiras, os da frente com os joelhos em terra, munidos de rifles, facões em riste e revólveres apontados para o olho da câmera, ferozes e sérios. Desses, dois apenas, atrás, à direita, estão desarmados e posam de artistas. Um está cantando, a boca flagrada em dó, tocando o

---

<sup>216</sup> AURAS, 1997, p. 126.

<sup>217</sup> AURAS, 1997, p. 131. (edição de 18 de maio de 1915, do jornal “O Estado”).

violão, e o outro, um negro que de leve sorri, abrindo o fole da gaita ponto. Há indícios de que o grupo seja formado, na verdade, por vaqueanos de Três Barras <sup>218</sup>, o que condiz bem mais com a imagem registrada. Embora, pensando em termos étnicos e culturais, vaqueanos e caboclos eram irmãos de necessidade e parentesco pelejando em campo adverso, na guerra em que os primeiros fizeram o papel de mercenários na máquina da violência.

#### 1.4.7 *Os iluminados de Nilson Thomé*

Antes que venha o terceiro milênio, *Os Iluminados – personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado*, de Nilson Thomé, publicado em 1999. Jornalista, historiador, arqueólogo, sociólogo. Integrou a equipe que fez o projeto da Universidade do Contestado, da qual foi conselheiro. Fundou e dirigiu o Museu do Contestado, criado em 1974 no município de Caçador, de onde é natural. Coordenador do Projeto Contestado para o Governo de Santa Catarina (1985 a 1987). Criador do Instituto Histórico e Cultural da Região do Contestado (1989). O currículo, que aqui foi resumido, está nas “orelhas”, não assinadas, ou melhor, assinaladas com o e-mail do autor. Seu objetivo no livro, “produzir história biográfica não apenas de uma, mas, (*sic*) de diversas personagens” tomadas pela fé, que viveram antes, durante e depois da Guerra do Contestado, o “mais importante movimento messiânico do País pela sua complexidade”. <sup>219</sup>

Idéias divergentes divulgadas e difundidas por “autores não suficientemente preparados” foram estabelecendo “mentiras”, que Thomé se propõe aclarar, compulsando arquivos e levantando dados em fontes remanescentes, além de delinear perfis definitivos, pretende ele, de personagens místicos (e míticos) do sertão catarinense, desde meados do século XIX até a década de 80 do século passado, caso da aparição de Nossa Senhora à menina Dejanira, na localidade de Macieira, então

---

<sup>218</sup> A informação consta no blog “Fragmentos do Tempo”, desenvolvido pelo jornalista e pesquisador Celso M. da Silveira Jr. Disponível em: <<http://fragmentos.do.tempo.blogspot.com>>. Acesso em: 15 jul. 2010. As legendas que acompanham as imagens no livro podem ser as da exposição das fotos na Casa da Memória de Curitiba.

<sup>219</sup> THOMÉ, N. **Os Iluminados**: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado. Florianópolis: Insular, 1999. p. 16, 19.

distrito de Caçador, evento que Thomé cobriu como repórter do jornal “A Imprensa Catarinense”, “com direito a fotografia”.<sup>220</sup>

Recorto o que diretamente interessa ao meu trabalho, começando pela figura andarilha, comunitária, evanescente, misteriosa e benfazeja do Monge João Maria. Thomé debulha dados, compara informações, dá publicidade ao arquivo relativo ao Monge, agrega outros ensaios antigos, depoimentos, reportagens, textos da época da guerra e das décadas de 20 em diante, a exemplo de *O Monge do Ipanema*, de Antônio Francisco Gaspar, publicado em 1945, contendo “um importante documento”, qual seja, aquele registro de entrada em Sorocaba, no ano de 1844, já citado. Porém, informação inédita mesmo é a seguinte.

A morte do Monge centenário, o caso do imperador e a possível revelação de uma farsa. O padre Geraldo Pauwels escreveu artigo em 1933, dizendo ter recebido uma carta, assinada por certo D. Juan Santú Gonzales, de Tacuru, no chaco paraguaio, na qual ele dava notícia da morte do Monge, acontecida no dia 12 de março de 1928, à margem esquerda do rio Pilcomayo, quando “entregou a alma ao Criador o mui santo João Maria de Agostinho, na avançada idade de 115 anos”. Segundo Carlos Gaertner Sobrinho, em depoimento ao autor, teria sido seu pai, o comerciante Guilherme Gaertner, de Caçador, quem teria redigido esta carta, “bem como escreveu um tal *Manifesto da Proclamação da Monarquia Sul-Brasileira* para os fanáticos da Guerra do Contestado, tudo a título de gozação, para debochar”.<sup>221</sup>

Lugares de devoção ao Monge João Maria não se restringiam aos limites do Brasil. Por volta de 1867, peregrinos convergiam para um lugar marcado por sua passagem, o Cerro del Monge, em San Xavier, na Argentina. Thomé se afiança na palavra do tenente Demerval Peixoto, ferido no combate de abril de 1915, em Santa Maria, que pretendeu revelar, em livro que escreveu sobre a Guerra do Contestado, publicado em 1916 (com o pseudônimo de Crivelário Marcial), o nome e a nacionalidade do segundo João Maria: era um francês, chamado Anastás Marcaf (registre-se mais uma variante na grafia do nome próprio), aquele que viveu mais de século. “Qual Antonio Conselheiro ao norte, o Monge do sul arrastava multidões e se fizera idolo dos supersticiosos camponios daquelles abandonados sertões”, escreveu Marcial, citado por Thomé. Outro militar que atuou no conflito, Herculano Teixeira

---

<sup>220</sup> THOMÉ, 1999, p. 22, 246.

<sup>221</sup> THOMÉ, 1999, p. 43, 44.

d'Assumpção, em livro de 1917, fala sobre um João Maria de Jesus, peregrino “cor de açafão”, metido em “calças muito curtas, deixando aparecer os cadarços das ceroulas [...] as plantas dos pés nus eram protegidas por alpercatas”<sup>222</sup>, o gorro felpudo cobrindo os cabelos brancos, camisa de algodãozinho sob o paletó, e no pescoço um rosário feito de sementes chamadas lágrimas de nossa senhora.

José Maria. Era Miguel Lucena de Boaventura ou Boaventura José de Maria, que em 1911 foi preso em Palmas, acusado de seduzir a filha de João Koeller. Foi inocentado pela suposta vítima, com quem prometera se casar. Em Palmas, conhecera o ex-maragato Miguel Fragoso, curandeiro, com quem aprendeu o segredo das ervas medicinais. De Taquaruçu fugiram para o Irani, e lá entraram em divergência, Fragoso convencendo a maior parte das pessoas a não enfrentar as forças policiais. Junto com José Maria, para encarar João Gualberto, restaram uns 40 homens, armados de espadas de pau e poucas armas de fogo.

Eusébio Ferreira dos Santos, pai de Manoel, avô dos videntes Teodora e Joaquim. Veio do Paraná, por volta de 1878, para a região de Perdiz Grande, localidade pertencente ao atual município de Lebon Régis, na procura de se estabelecer com a família em terras nacionais. Foi ele o primeiro líder religioso das cidades santas, invocando a figura do seu compadre, o monge José Maria, por via de filhos e netos, como já se viu. Organizou os quadros santos. Ferido na perna no primeiro ataque a Taquaruçu. Um outro filho dele, de nome Antônio, “moço de boa aparência, compleição forte”: diverge e se separa da parentela. Segundo depoimento de frei Rogério, “seu Zebinho”, porque sua mulher Quitéria tinha virado santa viva, teria se casado “com uma pobre mocinha de 15 ou 16 anos!”<sup>223</sup>.

O assunto, maltratado por este autor e aqueles aos quais compulsou, asseverando a imoralidade ou falsa moralidade atribuída àqueles que, especialmente por questões de interpretação religiosa, divergente ou singular, se diferenciam da representação aceita pela estrutura de poder que transgridem. Reparo que estes grupos – sejam os devotos do D. Sebastião da Pedra Bonita, os conselheiristas, os romeiros do Padre Cícero, a comunidade do Caldeirão, os devotos do Contestado e mesmo os cangaceiros – são todos sertanejos, compartilhando um código moral em que a honra pessoal é altamente valorizada, com

---

<sup>222</sup> THOMÉ, 1999, p. 107, 109.

<sup>223</sup> THOMÉ, 1999, p. 157, 158.



respeito aos mais velhos, às crianças e às mulheres. O que não serviu de escudo à difusão de histórias de alcova, tematizadas também em cordel. O sexo é tabu e deleite.

Eusébio foi morto em janeiro de 1916, quando não havia mais cidades santas, por Adeodato, que também atirou no cachorro de estimação do velho. Querubina foi acolhida por um amigo da família, Guilherme Gaertner, que fora comerciante em Caçador, depois líder de reduto, e que em 1914 se refugia em Porto União. Certo dia, ela fugiu de casa. Foram achar a velha “morta debaixo da ponte da estrada-de-ferro sobre o rio Iguaçu”. O romance de Carlos Magno e os Pares de França, ao contrário do que outros disseram, chegou nas cidades santas após a morte de José Maria, trazido por um caixeiro da bodega de Praxedes. Os Pares foram escolhidos dentre os melhores cavaleiros das cavalhadas, um torneio que traz aos dias de hoje, em Pirinópolis, Goiás, por exemplo, uma interpretação das justas medievais e dos embates entre o cristão Oliveiros e o mouro Ferrabrás. Daí as armas brancas, “facões de guamirim, sapecado no fogo, com guarnição de couro”<sup>224</sup>. Os Pares eram parte de um auto popular.

Maria Rosa. A Virgem que foi “comandante em chefe”, aos 17 anos. Ela sonhava as ordens, mandava, e os irmãos e irmãs obedeciam. Segundo Euclides Felipe, agrimensor e folclorista de Curitiba, era trigueira, “tipo portuguesa de cuja raça descendia”<sup>225</sup>. Um jornal local publica-lhe perfil póstumo, do qual destaco sua liderança política incontestante:

Ela designa os chefes, comandantes de briga e reza, da forma, de piquetes destinados a arrebancar gado, convencer vizinhos recalcitrantes, efetuar prisões, expedir bombeiros junto aos peludos ou pés redondos<sup>226</sup>.

Mesmo depois de perder “o aço” (o poder), ainda exercia influência. Visitava os irmãos de crença e os presenteava com fitas brancas que eles

---

<sup>224</sup> THOMÉ, 1999, p. 159, 176.

<sup>225</sup> THOMÉ, 1999, p. 190.

<sup>226</sup> THOMÉ, 1999, p. 192 (jornal “Diário da Tarde”, edição de 11 de abril de 1914).

atavam nos chapéus. Primeiro de abril de 1914. O destacamento do capitão Tertuliano Potyguara avança debaixo de chuva, são 500 soldados e uma centena de vaqueanos que volteiam o rio Caçador, até dar com o reduto da Virgem, guardando a entrada do vale de Santa Maria. Junto com Maria Rosa morreram lutando naquele dia todos os 109 moradores da cidade santa.

#### *1.4.8 Paulo Pinheiro Machado e o estandarte dos pobres*

Um balanço bem calibrado da guerra, na iminência do centenário: o livro do historiador Paulo Pinheiro Machado, *Lideranças do Contestado – a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*, publicado em 2004, a partir da sua tese de doutorado defendida em 2001. Na lapela da capa, o orientador de Machado, o professor Claudio Batalha, escreveu: “Já houve quem dissesse que faltou ao Contestado seu Euclides da Cunha”, destacando a contribuição principal do trabalho, “a de sepultar definitivamente os mitos que atribuem um caráter irracional aos movimentos político-religiosos de origem rural”. O prefácio é assinado pela professora Marli Auras, da UFSC, que enfatiza a abordagem do Contestado no âmbito político da luta de classes e da formação das lideranças sertanejas, e a busca do pesquisador pelo testemunho das fontes orais sobreviventes. O autor capta a persistência da memória nas gerações descendentes daqueles sertanejos, ainda viva nas “muitas entrevistas realizadas com idosos remanescentes do conflito”<sup>227</sup>, por motivos editoriais, explicou, não incluídas no livro.

Quanto ao testemunho, o autor trata de colocá-lo no seu devido lugar: “As entrevistas e depoimentos não são as principais fontes para este trabalho, nem meu objetivo central é levantar a *memória atual* sobre o movimento caboclo”<sup>228</sup>. Contudo, dos textos lidos até aqui, o de Paulo Pinheiro Machado foi aquele que trouxe a memória poética popular da guerra, a partir dos depoimentos em “décimas” de Antônio Fabrício das Neves: “João Gualberto já está vindo/ comandando um Batalhão/ trazendo em sua muamba/ metralhadora e canhão/ veio fazer banditismo/ com os caboclos do sertão”<sup>229</sup>, que é uma sextilha de sete

---

<sup>227</sup> MACHADO, P. Pinheiro. *Lideranças do Contestado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001. p. 21.

<sup>228</sup> MACHADO, 2001, p. 38.

<sup>229</sup> MACHADO, 2001, p. 186.

sílabas, a mesma usada pelos cordelistas e violeiros, a moldura pela qual o poeta de Irani deixa registrada a luta de seus antepassados. Machado também divulga algumas trovas de Neném Chefre (alcunha do caboclo <sup>230</sup> Sebastião Scheffer), e umas quadrinhas recolhidas no sertão de serra acima por Euclides Felipe, a exemplo desta: “Tamo aqui no Quadro Santo/ Esperando Zé Maria/ Nós sabemos que ele disse/ Que aqui ressurgiria”. <sup>231</sup>

O historiador discorre sobre as comemorações monumentais do evento, após um silêncio de meio século, lembrando que a primeira obra de ficção sobre a guerra é o romance de Guido Wilmar Sassi, publicado em 1964. Em 1985, já na abertura política e quase no fim do governo imposto pelos militares, a Igreja Católica se alia aos pequenos agricultores para celebrar a primeira Romaria da Terra em Taquaruçu, enquanto o governo catarinense promove a construção de murais públicos, museus e monumentos nos municípios da região, incluída desde então nos roteiros de turismo. A institucionalização pedagógica, com a inserção nos currículos escolares das “façanhas dos caboclos”, como diz Machado, começou a partir dos anos 90, época em que também surgiram as primeiras faculdades que formariam a Universidade do Contestado. O cenário tensionado da apropriação se completa com os militantes do Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra – MST, que “reivindicam para si o título de herdeiros da luta popular do Contestado”. <sup>232</sup>

O plano de trabalho de Paulo Pinheiro Machado contempla a análise da atuação política dos líderes sertanejos, mas também passa pela questão da origem. Dos homens e dos motivos que levaram à guerra. E esta origem começa por um território. O modelo, desde *Os Sertões*, como vimos, permanece, renovando-se. O planalto catarinense, entre os rios Uruguai e Iguaçu, é a terra dos Kaingang, ditos coroados, e dos Xokleng, chamados de botocudos, ambos grupos de nação jê, ou tapuia. Curitibanos, a cidade que os devotos incendiaram em 1914, começou como acampamento indígena, no entroncamento de estradas que demandavam o alto sertão dos “bugres, tropeiros e birivas”. Com as revoluções do Rio Grande do Sul, amidiou a migração de modestos

---

<sup>230</sup> “Utilizo a palavra ‘caboclo’ no mesmo sentido empregado pelos habitantes do planalto, ou seja, o habitante pobre do meio rural” (MACHADO, 2001, nota 3, p. 48). O termo tem o mesmo significado na identificação de si do sertanejo nordestino pobre ou agregado, independente de etnia.

<sup>231</sup> MACHADO, 2001, p. 204.

<sup>232</sup> MACHADO, 2001, p. 40.

fazendeiros e agricultores ao planalto catarinense, os ditos “birivas” ou gaúchos serranos. A região do Irani se povoou com gente de Passo Fundo: “foi o próprio Monge João Maria quem aconselhou a migração e o local para onde se dirigirem”.<sup>233</sup>

Porém, a maior parte dos habitantes do sertão em litígio não era composta por “birivas” nem catarinenses: “De fato, quase toda a população da região contestada era proveniente, majoritariamente, do Paraná”, também deslocados pela “grilagem” de terras ou em busca de um lugar onde viver em paz. No planalto sertanejo, o principal trabalho era no trato da erva mate, cuja técnica, da coleta à manufatura, foi aprendida com os nativos. O Estado, quando do novo ordenamento jurídico das terras devolutas, afirma o historiador, não reconheceu a família cabocla, “que normalmente não era formada por casamento civil ou religioso, mas por amasiamento”<sup>234</sup>. A questão dos limites estaduais, segundo Machado, seria decisiva para o ingresso das comunidades nas cidades santas, dado o perfil social de pequenos posseiros e lavradores, personagens principais do processo de exclusão em curso.

Povoados nascendo de légua em quadro ao redor de uma capela – segundo atestam documentos de cessão em vida e testamentos – terras doadas a santos e santas de especial devoção. O vilarejo de São Sebastião da Boa Vista originou-se, em 1892, a partir de doação em vida feita pelo casal Antônio Simão dos Santos e Balbina Ferreira de Almeida, nomeando procuradores do padroeiro, materializado na imagem em tamanho natural (aquela mesma que os devotos carregavam por onde fossem), o tenente da Guarda Nacional Alexandre Ferreira de Souza, vulgo Xandoca, e seu cunhado, o pequeno fazendeiro Manoel Alves de Assumpção Rocha (coroadado imperador na Festa do Divino, e rei do Império do Sul em uma história pouco explicada). “Ambos aderiram com entusiasmo à vida nos redutos, levando consigo quase toda a população de São Sebastião da Boa Vista, 20 anos após a sua fundação”.<sup>235</sup>

João Maria andejo. Aparecido no lugar chamado Campestre, em Santa Maria da Boca do Monte, no Rio Grande; na fábrica de ferro próximo a Sorocaba; na gruta da Lapa, antiga Vila do Príncipe, província do Paraná; na Ilha do Arvoredo, litoral de Porto Belo, Santa Catarina. O segundo, Anastas Marcaf (outra grafia, paroxítone),

---

<sup>233</sup> MACHADO, 2001, p. 63.

<sup>234</sup> MACHADO, 2001, p. 135, 140.

<sup>235</sup> MACHADO, 2001, p. 72.

peregrinando entre 1890 e 1908, no meio dos maragatos. Este era o do chá de vassourinha ou erva de São João. Profetizava a chegada dos “gafanhotos de ferro” que acabariam com a floresta, os “corvos de aço” no céu. Acompanhou as tropas federalistas de Gumercindo Saraiva. Nas pegadas do Monge caminheiro, multiplicável, foi se articulando um movimento sedicioso, “complexo e heterogêneo, com fortes características milenares”.<sup>236</sup>

Por volta de 1897, coincidente à destruição do Belo Monte, apareceu em Lages, na localidade de Entre Rios, um que se intitulava São Miguel, dizendo-se primo irmão do Monge João Maria. Em companhia de Francelino Subtil, deram-se a adorar uma formação rochosa, “que diziam ser uma santa encantada”. Uma das fontes sobre esse fato, registrado como “Canudinhos de Lages”, é o frade alemão Rogério Neuhaus. Ao latinório arrevesado de frei Rogério, os sertanejos preferiam a palavra viva dos profetas. “Para espanto dos franciscanos alemães, o povo adorava as grandes festas religiosas, abastecidas com comilanças e bebidas alcoólicas, que, não raro, terminavam em bailes”<sup>237</sup>. Frei Rogério Neuhaus, cansado de pelear com suas ovelhas rebeldes, foi rezar missa para os vaqueanos e soldados.

O apostolado ecológico de João Maria. Machado enumera alguns dos 21 mandamentos atribuídos ao Monge, recolhidos pelo pesquisador Euclides Felipe. São aconselhamentos de respeito ao próximo, à palavra dada e com a natureza, os mesmos fundamentos do Padre Ibiapina, de Antônio Conselheiro, do Padre Cícero Romão. O primeiro mandamento do Monge: o que a terra dá emprestado, quer de volta. Outro: “Árvore é quase bicho e bicho é quase gente”. A terra é nossa mãe, diz o sexto mandamento. “Quem não sabe ler o livro da natureza é analfabeto de Deus”. “O pai da vida é Deus e a mãe da vida é a terra [...] Quem judia da terra é o mesmo que estar judiando da própria mãe que o amamentou”.<sup>238</sup>

No frio mês de junho de 1912, o monge José Maria recebe, e aceita prontamente, o convite da comunidade de São Sebastião para a Festa do Divino, a manifestação religiosa mais importante do sertão de serra acima, realizada 40 dias depois do Domingo de Páscoa. Coincidia com a coleta do pinhão. O ajuntamento que o seguia, doentes, as levas de crenças, centenas de agricultores desalojados, trabalhadores demitidos

---

<sup>236</sup> MACHADO, 2001, p. 295.

<sup>237</sup> MACHADO, 2001, p. 173, 172.

<sup>238</sup> MACHADO, 2001, nota 7, p. 230.

da estrada de ferro. “Era gente que não tinha mais para onde voltar”<sup>239</sup>. Morto no combate do Irani, José Maria deixou de herança práticas comunitárias e práticas festivas: “[...] algumas *formas* de crianças eram realizadas à noite, com um grupo que, levando à mão velas acesas, formava um grande coração, o que lhes conferia estatura de espetáculo”<sup>240</sup>.

Décimas, sextilhas e trovas cantam o tempo de espera, antecipando as graças. A causa da Guerra Santa “havia-se transformado em uma bandeira dos pobres do planalto”. Tratavam-se por irmãos “e, com frequência, rebatizavam os novos membros que aderiam ao grupo, numa cerimônia com características rituais em que se escolhia um novo padrinho”. O sonho da monarquia foi um projeto de autonomia diante das forças dominantes. Não era um projeto isolado, converteu-se, na prática, em meta revolucionária que modificaria toda a sociedade, defende Machado. A monarquia seria, nesse contexto, uma proposição política popular que ousou afrontar a ordem vigente, não um movimento retroativo, reacionário, “mas antes um projeto de autonomia frente às forças políticas e sociais dominantes”<sup>241</sup>. (O reino deste mundo é metonímia do lugar mais próximo do paraíso, no tempo que era uma vez).

Trabalho cooperativo, o dos redutos, “por influências de tradições indígenas”<sup>242</sup>. Os 300 devotos que ficaram em Taquaruçu, depois que Maria Rosa levou a maior parte dos fiéis para Caraguatá, eram chefiados pelo negrinho Linhares, de 10 anos, que enfrentou o ataque de fevereiro de 1914. Ao seu lado, pelejava outra mulher guerreira. “Consta que uma sertaneja proveniente da Costa da Linha, Francisca Roberta, também conhecida como Chica Pelega, morreu comandando a defesa da ‘cidade santa’ de Taquaruçu”<sup>243</sup>. Maria Rosa, a Virgem, antes de “perder o aço”, isto é, a capacidade de intermediar o povo junto ao Monge revelado, comanda nova mudança, de Caraguatá, sob um surto de tifo, para Bom Sossego. Conduz cerca de duas mil pessoas e suas bagagens, a imagem venerada, 600 cabeças de gado. Mais um reduto, e mais uma liderança feminina, surge na história, o da Campina dos Buenos, assentamento devido à iniciativa de Maria Sete Pelos, mulher do Par de

---

<sup>239</sup> MACHADO, 2001, p. 178.

<sup>240</sup> MACHADO, 2001, p. 203, grifo do autor.

<sup>241</sup> MACHADO, 2001, p. 256, 210, 214.

<sup>242</sup> MACHADO, 2001, p. 216.

<sup>243</sup> MACHADO, 2001, p. 222.

França conhecido como Joaquim Vacariano, por ser natural de Vacaria, no Rio Grande do Sul.

A Guerra Santa e seus diferentes significados, dados os diversos interesses sociais envolvidos. A rebelião contra a violência dos coronéis. O ajuntamento por devoção sincera. As disputas políticas e sua repercussão periférica. A resposta escrita por Aleixo, chefe de reduto, aos apelos de rendição incondicional do general Setembrino: “[...] só podemos arrear as almas se Deus e São Sebastião e São João Maria nos abandonar”<sup>244</sup>, e no falar sertanejo relembrado, almas e armas se camuflam. Venuto Baiano comandou o ataque a São João dos Pobres, atual município de Matos Costa, em homenagem ao capitão que morreu perto dali, enquanto o trem recuava. (Matos Costa, alferes em Canudos, estava presente quando o mundo se acabou no entardecer do dia 5 de outubro de 1897. Era um dos cinco mil militares disparando nos últimos defensores, o homem, os dois velhos e o menino).

No capítulo final do livro, Machado trata especificamente de apresentar a última e mais controversa liderança do Contestado, nascido em 1887 em São José do Cerrito, distrito de Lages, e que também sonhava com as ordens do Monge José Maria: Adeodato Manoel Ramos. Na memória de Vitalina Souza Prestes, que era criança em 1915: “No começo era bonito. Ele mandava nos quadros buscar gado para matar para o pessoal. Depois, era só farinha de mandioca. Daquela gente do reduto sobrou bem pouquinho”. Reconstruir a biografia do Leodato, como o chamavam, é imergir “na história social do sertão” para compreender “como um caboclo, homem de cor, tropeiro e domador de cavalos conseguiu transformar-se em comandante geral dos redutos”<sup>245</sup>.

“Ele mandava e não pedia [...], o Leodato era um *quera*”<sup>246</sup>, relembrou o entrevistado João Melo, morador de Rio das Antas. Adeodato deixou fama de cantador, tinha uma voz bonita e sabia improvisar em décimas, “a exemplo de um declamador repentista”<sup>247</sup>. E consta na memória popular a versão de que mandou executar a mulher, Maria Firmina, acusada de traição (dizem que para casar-se com sua comadre Mariquinha, a viúva de Chiquinho Alonso), e matou

<sup>244</sup> MACHADO, 2001, p. 260.

<sup>245</sup> MACHADO, 2001, p. 308, 294.

<sup>246</sup> Valente, corajoso, destemido; palavra de origem indígena, significando grande chefe. (COSTA, Márcio Camargo. **Quêras**. Florianópolis: Ed. Letras Contemporâneas, 1994. p. 11-29).

<sup>247</sup> MACHADO, 2001, p. 307, 299.

pessoalmente seu padrinho, Neco Peppe (de quem sua família era agregada). O último reduto se acabou em dezembro de 1915. Adeodato foi preso sozinho, meses depois. Tinha 29 anos de idade e 30 a cumprir na penitenciária da capital. O livro traz a reprodução de um clichê do jornal “O Estado”, de Florianópolis: o último chefe jagunço, em mangas de camisa e descalço, mais altivo que os policiais armados que o ladeiam.



## RASTRO 2

### A PEDRA DO SONHO

**Onde se conta a Guerra do Contestado em registro de ficção entremeada à leitura do romance *O Reino Encantado (Chronica Sebastianista)* de Araripe Jr., trançando nas entrelinhas um depoimento de Ariano Suassuna acerca d'*A Pedra do Reino*. À distância, a novela de Sándor Márai *Verdicto em Canudos* e o olhar de C. Graham tocando Antônio Conselheiro**

*Observe-se que já não há “personagens” no romance moderno; há somente cúmplices. Nossos cúmplices, que são também testemunhas e sobem a um estrado para declarar coisas que – quase sempre – nos condenam.*

(Julio Cortázar)

## 2.1 Do deserto

Das terras férteis e verdejantes naquela carta inaugural, essa floresta de signos é um mar de outros enredos. E do deserto, o que não está fora do mundo, o mais metido por dentro mesmo onde resvalam sílabas do tempo reencontrado a ser perdido de novo. (Para atritar a pedra até que incendeie). A voz de António Vieira:

Não digo que deixeis o mundo; só digo que façais o deserto dentro no mesmo mundo, e dentro de vós mesmos, tomando cada dia algum espaço de solidão só por só, e vereis quanto vos aproveita. Ali se lembra um homem de si; ali se faz resenha dos pecados, e da vida passada; ali se delibera e se compõe a futura; ali se contam os anos que não hão de tornar; ali se mede a eternidade que há de durar para sempre; ali diz à alma eficazmente, e a alma a si mesma um Nunca mais muito firme e muito resolutivo; ali enfim, se segura aquela tão duvidosa sentença do último Juiz: Nem eu te condenarei.<sup>248</sup>

Jogando pedrinhas na correnteza dos meus pensamentos alheios procuro a definição mais adequada. História e vida são igualmente intermináveis. Fiam-se e desfiam-se devagar (Alberto Dines, jornalista). Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio; estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram (Daniel Munduruku, em *Meu Avô Apolinário*). “Nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido; o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo”.<sup>249</sup>

Taquaruçu, a terra prometida para depois da guerra do fim do mundo. Euzébio Ferreira dos Santos aguarda o Exército Encantado de

<sup>248</sup> VIEIRA, António. **História do Futuro**. 2. ed. Introdução, atualização e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. v. I, p. 226.

(“Sermão no Sábado Quarto da Quaresma”, Lisboa, 1652).

<sup>249</sup> BENJAMIN, 1996, p. 223, 232.

São Sebastião. No cabo do seu canivete, há uma lente acoplada por onde ele via o reflexo da cidade santa, “tal como o monge José Maria costumava descrevê-la, templos de pedra, edificações majestosas, ruas largas, imensos jardins – uma lindeza de cidade”<sup>250</sup>. (Passagem à Pedra do Reino).

O padre José Martiniano de Alencar, sua mulher e prima Ana Josefina, os filhos, agregados e serviçais estão de mudança do sítio da Messejana, arredores de Fortaleza, aonde foram morar enquanto ele governou a província natal. Vão de partida à capital do Império, que aguarda o ex-republicano de 1824 com o cargo de senador vitalício. A travessia do sertão a Salvador, de onde seguirão por mar ao Rio de Janeiro, futuro pelo menos um livro (*O Sertanejo*) dos muitos que seriam maquinados pelo menino mais velho, Cazuzo, nove anos. Nos caminhos por onde a caravana passava, andavam outras famílias, ao encontro de D. Sebastião, as torres do seu castelo figuradas em pedras gêmeas, linheiras e brilhantes situadas no limite do vale do Piancó, de violeiros de fama, com a Serra Talhada na ribeira do Pajeú, dos irmãos cantadores da família Patriota e terra que também viu nascer (uns dizem 1897, outros que 1900), o tuxaua cangaceiro meio cego que bordava. Essa gente seguiu um João Ferreira, que recebia no sono o rei desaparecido no deserto. Assumiram, os erráticos caminhantes, o sonho sangrento e profético, pois depois de mortos voltariam – eis a tentação da promessa: livres, belos, ricos e vivos para sempre.

(Uns dez anos depois dessa viagem, evadiu-se o escravo do padre Alencar de nome Gonçalo do Amarante, vindo naquela comitiva, como sugere o anúncio que o senador mandou publicar no jornal “O Cearense”, de dez de maio de 1849, descrevendo-o

[...] com os seguintes signaes: caboclo, estatura mediana, cheio de corpo, espadadoo, bem parecido de cara, um dedo da mão direita torto, trabalha muito bem de pedreiro, assim como entende alguma coisa de pintura, e é canhoto<sup>251</sup>.

<sup>250</sup> SASSI, G. W. **Geração do deserto**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964. p. 53.

<sup>251</sup> RIEDEL, Oswaldo de Oliveira. **Perspectiva Antropológica do Escravo no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 1988. p. 110.

Diz que Gonçalo do Amarante deve ter se dirigido a “esta Província por ser filho do Cariry”, região onde ficavam as propriedades do clã, ou o que ainda lhes restava desde os sucessos da Confederação do Equador. Em 1859, o jornal “O Araripe”, do Crato, publica este outro anúncio:

[...] fugiu da chácara do Maruhy, em S. Cristóvão, nº 7A, um escravo do Senador Alencar de nome João, pardo, he boleeiro, tem 40 annos de idade, estatura regular, he desdentado, e tem uma cicatriz por cima de uma sobrançelha <sup>252</sup>.

(A digressão prossegue, pois que se enquadra na moldura dos meus olhos o corpo marcado a fogo, posto a ferros, dilacerado, fraturado, cortados a chicote ombros, costas e nádegas, descrições presentes nestes anúncios de pessoas reduzidas a ex-votos aviltados para o engrandecimento da nação. Durante muito tempo, com o amparo do aparato da lei. Provas que restaram, porque o ministro, secretário de Estado dos Negócios da Fazenda e presidente do Tribunal do Tesouro Nacional do Governo Provisório da República determinou destruir, “por honra da pátria”, todo e qualquer documento relativo “ao elemento servil”, recolhidos e destinados “à queima imediata, que se fará na casa de máquinas da alfândega desta capital” Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1890, assinado: Ruy Barbosa <sup>253</sup>).

(Sobrevivências do forno crematório, estes reclames do passado, e eles continuam indiciando o contrário de uma verdade que não ardeu na inquisição do renomado jurista. Recordo, para terminar o parêntese, outros dois anúncios sobre cearenses escravizados, datados de 1877 e 1878. Os avisos chamam a atenção para a estratégia performática dos fugitivos disfarçando-se de migrantes para a Amazônia, tal uma Jacinta, 24 anos, descrita como bochechuda, de cabelo pixaim, olhos grandes e fala arrastada, ou do casal José e Antônia, ela mulata pernambucana: “Presume-se que tenham seguido para as partes do Norte, a titulo de retirantes da secca, para passarem como livres” <sup>254</sup>).

---

<sup>252</sup> RIEDEL, 1988, p. 123.

<sup>253</sup> RIEDEL, 1988, p. 13.

<sup>254</sup> RIEDEL, 1988, p. 169.

Os eventos da Pedra Bonita ou Pedra do Reino (que assim como a Confederação do Equador, sedição republicana da qual tomaram parte dona Bárbara do Crato e seus filhos José Martiniano e Tristão Gonçalves, não fez parte do repertório do Alencar mais famoso) deram motivo a Tristão de Alencar Araripe Jr. (1848-1911), crítico literário e romancista bissexto, autor da novela *O Reino Encantado (Chronica Sebastianista)*, livro impresso na Typographia da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro no ano de 1878. O narrador se dirige diretamente ao leitor hipotético, como era de costume no folhetim romântico, para desculpar-se pela barbárie encenada nas páginas que virão, devidamente substituída pela modernidade anunciada ao apito do trem e no silêncio dos pífanos.

Era ahi que em tempos idos estrugia a inubia do selvagem, e guerras truculentas entre as tribus bellicosas dos Cahetés e Tabajaras revolviam o solo atraz dos sitios onde mais abundava o peixe, a caça e o fructo saboroso. Hoje, porém, nem vestígios d'essa raça! Outras são as scenas; e a civilização avança pujante em busca dos sertões.  
255

(No mesmo ano em que o neto de Tristão publica essa novela, um falido comerciante de Quixeramobim, que entre outros ofícios será vendedor ambulante, advogado leigo e mestre de primeiras letras, deixava um mundo impossível para trás, levando em seu embornal um exemplar da *Missão Abreviada*, e se foi em passo confiante no arrimo do bordão pelo mundo afora, consertando cemitérios e levantando capelas, consagrando com sua presença as árvores benfazejas, acolhendo no seu deserto a pobreza dos retirantes da seca tão comprida que vinha vindo desde o ano anterior. Andou, andou e andou. Até que se completasse o tempo da penitência para arquitetar um reino desencantado na sesmaria inútil do Barão de Geremoabo).

A fronteira dos Cariris Velhos da Paraíba com o vale pernambucano aguado pelo rio Pajeú são estes monólitos em par cortando o espaço desde o raso chão cristalino. Campeavam por aqueles

---

<sup>255</sup> ARARIPE JR., Tristão de Alencar. **O Reino Encantado**. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1878. (*Chronica Sebastianista*), p. 3.

velames ressecos bandos de sonhadores em busca do paraíso. Sem conta foram os peregrinos que acorreram ao chamado de sangue do profeta, que prometia a terra e o céu agora e aqui. Apenas se ofertar à lâmina, alimentando as arestas de malacacheta que disfarçavam o reino desejado com toda sorte de felicidade.

A narrativa começa pelos idos de março de 1838, próximo ao Dia da Paixão de Cristo. Bernardo de Vasconcellos, senhor fictício de Serra Talhada, arma-se para destruir os quilombolas, como define os adeptos de João Ferreira, entrincheirados na Pedra Bonita, seguidores do profeta que se autodenomina Rei Santidade. Segundo apregoava, com sete semanas de rituais haveria de desencantar D. Sebastião das pedras que encerravam o reino somente a ele revelado.

Araripe Jr. antecipa em alguns anos o cientificismo de Euclides da Cunha, com a devida ressonância de uma fonte desusada – a teoria dos climas, de sabor medieval, vigente até as circunavegações do século XVI:

Não são raros factos semelhantes ao de Pedra Bonita e muito menos impossíveis em um clima torrido, equatorial, onde a muita luz e a intensidade do calor produzem a irritação do systema nervoso e na formação dos temperamentos propendem sempre para a exageração de certas funções mentaes <sup>256</sup>.

Etnografias que vieram justificando a proeminência do homem branco ocidental.

Os seguidores da seita foram conduzidos ao alto da pedra que dominava a paisagem. Lá em cima, apetrechado com um facão pajeú bem amolado, o delegado de João Ferreira deu início à cerimônia: decapitou 12 homens, 11 mulheres, 30 crianças e 14 cães que acompanhavam os romeiros. Era um meio negro meio tapuia “a quem os habitantes da Serra Talhada tinham baptisado com o nome de Frei Simão por haver durante annos sido cargueiro de um religioso franciscano assim chamado” <sup>257</sup>.

---

<sup>256</sup> ARARIPE JR, 1878, p. 85.

<sup>257</sup> ARARIPE JR, 1878, p. 92.

Para completar o desencantamento, o Rei Santidade e Frei Simão raptam a donzela Maria, filha de Bernardo de Vasconcellos, entorpecida pelo vinho da jurema (aquela bebida sagrada da qual Iracema, virgem de outra história, era a guardiã).

A jurema é o hachich dos indígenas brasileiros; n'essa droga residem propriedades admiráveis. Altera as funções do cérebro, e lança aquelle que tem a ventura ou desventura de ingeril-a em uma embriaguez divina<sup>258</sup>.

A mocinha é salva, com o auxílio luxuoso do fiel vaqueiro de seu pai, um Peri revisitado.

Bem depois de Araripe Jr., houve o romance de José Lins do Rego, *Pedra Bonita* (publicado em 1938, o ano da morte de Lampião). E, em 1971, saiu o fabuloso livro inacabável que Ariano Suassuna vem escrevendo a mão e ilustrando desde o fim dos anos 50, no qual se dá a narrativa enigmática e sangrenta da trilogia prometida por Quaderna, herdeiro do Rei Santidade e aprendiz de poeta com João Melchíades Ferreira da Silva (o Cantador da Borborema, como é conhecido, escreveu um romance de cordel sobre o Imperador Carlos Magno. E foi soldado na última expedição a Canudos).

Ariano Suassuna reconhece a dois textos, que compuseram uma biblioteca básica muito popular no sertão de outra hora, a moldura – e com isto quero dizer de contatos, trocas e apropriações – com a qual ele modulou o *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*: “O *Lunário Perpétuo*, que li muito na infância, e a *História de Carlos Magno e os 12 Pares de França*. Um dá a vertente épica, o outro dá a vertente fantástica, através da astrologia”<sup>259</sup>. O componente patético do romance, da mesma forma que a tessitura picaresca do seu teatro, ele escolhe da malinha de feira do vendedor de cordel, a exemplo de “A filha noiva do pai ou amor, culpa e perdão”, folheto que empresta título e mote ao capítulo mais erótico d'*A Pedra*.

Pedro Diniz Ferreira-Quaderna, poeta e rei enredado nas teias de um processo por subversão, escapole da lei e da ordem através de suas

<sup>258</sup> ARARIPE JR, 1878, p. 84.

<sup>259</sup> CARVALHO, Eleuda. **Cordelim de Novelas da Xerazade do Sertão ou Romance d'A Pedra do Reino**: narrativa de mediações entre o arcaico e o contemporâneo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 1998, p. 53.

outras máscaras, o palhaço e o mestre da tradição. Os 12 Pares de França organizados por ele eram 24 cavaleiros, uma dúzia de mouros, outra de cruzados batendo-se no combate espetacular das cavalladas. Bebendo jurema:

Tem uma cena muito importante dentro do universo do livro todo que é a cena em que Quaderna almoça em cima de um lajedo e recita trechos e trechos do manuscrito deixado por Antônio Conselheiro. Ele está embriagado também para ficar com a capacidade profética. É um manuscrito encadernado, dessa grossura assim, e tem os escritos do Peregrino do Sertão. Estive com esse livro nas mãos, como lhe disse. E copiei pedaços dele. Engraçado... Passou por Euclides da Cunha e ele não deu importância. Considero Canudos o acontecimento mais importante da história do Brasil, viu? E Canudos tem um antecessor, que foi Palmares, e um sucessor, que foi o Contestado.<sup>260</sup>

Por esta fresta aberta pela palavra entraram sem fazer cerimônia os devotos do Monge na história de periferia e sertão que eu começava a pensar combinando literatura, memória, deslocamentos. Pouco depois consegui o livro de Marli Auras, onde vi a intrusão, nas fotografias dos caboclos em anexo, da irmandade reincidente dos beatos. A entrevista com Ariano Suassuna se deu em 1997, ano de pouca chuva e centenário do arrasamento de Canudos, reconstruída pela terceira vez adiante das cicatrizes submersas das outras duas cidades visíveis agora na flor da água do Cocorobó.

## 2.2 As fotografias

“Gilberto Freyre sugeria que as imagens fossem igualmente consideradas fontes junto com outras não convencionais tais como as tradições orais e os anúncios de jornal”<sup>261</sup>, lembra o historiador inglês

<sup>260</sup> CARVALHO, 1998, p. 119.

<sup>261</sup> BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: história e imagem. Tradução de Vera M. X. dos Santos; revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: EDUSC, 2004. p. 8.



Peter Burke, no capítulo introdutório da edição brasileira do seu livro *Testemunha Ocular*, reeditado em 2004. O que foi o trabalho de uma vida de Aby Warburg, sobre o qual ouvi falar pela primeira vez no curso que Raúl Antelo ministrou no inverno de 2009. *A seca ensina a magia e a oração*.

A fé se origina da necessidade. Aby Warburg desenovelou um conceito de passado contaminando o presente por via da repetição, da repressão e do regresso. (É um deslizamento ao deserto. A pirâmide, a palmeira e o camelo duplicados numa página a colorir no jardim da infância. E chovia, pela janela). Entre a imagem e o signo se insinua a impressão da marca da verdade. “Reír del elemento cómico del folclor es un grave error, porque en ese preciso instante se pierde la comprensión del elemento trágico”<sup>262</sup>. Seriedade, sangue, alento e energia. Trocar de pele para permanecer desigual. Mais valia a sobrevivência da natureza que o trabalho alienou. Na insaciedade do espelho, a devoração da imagem que se congela no esforço da aparência e não se poupa ao risco. Um adiantamento de Gilmar de Carvalho: “Entre fascínio e recusa, independência e submissão, se arma esta peleja entre a tradição e a cultura de massa”<sup>263</sup>.

Permitir-se transitar entre mundos divergentes para pensar culturas em uma interdisciplinaridade, proposta para a qual Warburg acrescentou a crítica nas representações das imagens. A interrogação feita à obra que é documento de uma expressão circunscrita. Voltando aos ex-votos. Não aos inquiridos por Warburg, as estátuas de cera do tempo carnavalesco de Lorenzo, o Magnífico, mas os quadros votivos da plebe em voga na mesma Itália renascentista que se aparentam das esculturas contemporâneas de anônimos irretatáveis a não ser nestes despedaçamentos corporais.

A história da confecção das imagens e as realidades alteradas. O sertão amansado nas fotografias da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, mais conhecida por Comissão Rondon – a cruzada civilizatória da era das comunicações de massa. Equipes formadas por militares do setor de engenharia e construção do Exército, sob o comando de Cândido Mariano da Silva

---

<sup>262</sup> WARBURG, Aby. *El Ritual de la Serpiente*. Tradução de Joaquín Etoena Homaeche. México: Sexto Piso, 2004. p. 27.

<sup>263</sup> CARVALHO, Gilmar de. *Tramas da Cultura*: comunicação e tradição. Fortaleza: Secult, 2005. (Col. Outras Histórias, 29). p. 104.

Rondon (1865-1958), bororo por parte de mãe, guiados floresta adentro por índios parecis, mapearam durante os anos de 1907 a 1915 o sertão de Cuiabá a Santo Antônio do rio Madeira, abrindo estradas, coletando amostras, abatendo onças, estabelecendo contato com grupos humanos até então desconhecidos.

Tudo registrado para a posteridade que desconfiará que nem tudo seja verdade na aparente transparência do real. Em reportagem recente sobre a histórica bandeira de Rondon, teve quem interpretasse (Laura Antunes Maciel) nas fotografias da Comissão – a ordem nos acampamentos, a etiqueta do chá em plena mata e a flora feito cenografia, um “poderoso testemunho do domínio técnico sobre a natureza”<sup>264</sup>. A mensagem imediata valendo por mil palavras, e o que a lente não captou foi a expansão da próxima fronteira agrícola, ainda não revelada, mas entrevista nas linhas de fuga à domesticação do pensamento. “O testemunho de imagens parece ser mais confiável nos pequenos detalhes”<sup>265</sup>. É aí onde está o segredo.

(Álbum do cangaço. Benjamin Abrahão, viajante libanês, ex-secretário do Padre Cícero, fotografou e filmou Virgulino Ferreira da Silva e seus companheiros em 1936. Eles encenando um tiroteio com a polícia volante, eles em pose de oração. Maria Bonita de pernas cruzadas e meias de seda, seu cabelo da moda, seus cães. Lampião costurando na Singer portátil no meio do mato. Os cabras aos pares, arrastando as alpercatas na pisada do xaxado, meu bem. Corisco, o Diabo Loiro, a mão esquerda pousada no chapéu de couro de aba quebrada enfeitada com três estrelas de prata que cobria a boca do fuzil, um cetro fincado no chão. Fora da cena, nas franjas da mata gris, as águas do São Francisco passam aceleradas).

As imagens irreais de Augusto Flávio de Barros deram pauta a *Canudos*, primeiro volume da série Cadernos de Fotografia Brasileira, do Instituto Moreira Salles, publicado no ano que rendeu uma enxurrada de textos e reedições sobre o tema, 2002. O fotógrafo baiano possuía um ateliê na cidade de Salvador e foi contratado pelo Exército para registrar a última expedição. Recuperadas e digitalizadas, fotos embaçadas desvelaram-se palimpsesto de gente há muito desaparecida. Detalhes das mulheres rendidas com o Beatinho no dia dois de outubro de 1897: o

---

<sup>264</sup> MACIEL, Laura Antunes. O sertão domesticado nas fotografias da Comissão Rondon, **Rev. da Biblioteca Nacional**, ano 1, n. 11, ago. de 2006. p. 34.

<sup>265</sup> BURKE, 2004, p. 125.

rosto belo da madona sertaneja de olhos claros, clarividentes, cabelos cobertos, a cabeça inclinada, bela e eterna. (Lembro nesta hora da menina afegã de olhos de jade que correu mundo na capa da “National Geographic”, nos anos 80 do século que passou).

No meio das mulheres emboladas em molambos uns poucos meninos magros e nus (duplicando-se no retrato dos caboclos de Santa Maria, capturados no tempo da imagem por Claro Gustavo Jansson). Entre as crianças que sobreviveram estão a mãe de seu João de Régis, a mãe de seu compadre Manuel Salu. No dia seis de outubro, a exumação do corpo do Conselheiro, Senhor Morto repousado na esteirinha de palha. E a fotografia reveladora do único canudense aprisionado, e invencível, mui alto, seco, os braços amarrados para trás com seu próprio gibão de vaqueiro, virado, de repente, nessa camisa de força.<sup>266</sup>

Dois retratos do Monge. Um, trata-se de clichê ou “santinho” com legenda inclusa: “Propheta João Maria de Jezús 180 annos”. Ele está de pé, apoiado no bordão de peregrino, calçando sandálias de rabicho e vestindo paletozinho xadrez<sup>267</sup>. Na outra fotografia, vemos o “Propheta João Maria de Agostinho” sentado num banco comprido e baixo. É o mesmo homem do retrato anterior, idênticas alpercatas de couro bem curtido, o paletó xadrez, o chapéu de pele de jaguatirica, o curativo de pano amarrado na canela. A casa de costaneira serve a ambos de moldura. Ao lado de João Maria sentado vê-se, em prateleira quase ao rés, o santuário capelinha do monge caminhante, próprio para viagem: dos padres, dos beatos e dos tropeiros do grande sertão, seguindo a estética e a função dos que estão expostos no Museu do Oratório em Ouro Preto, e se vende de souvenir, miniaturas coloridas de igrejinhas em caixas de fósforo. Completam a mobília do modesto aposento: a cuia, a faca, o crucifixo.<sup>268</sup>

Partindo dessas fotografias antigas, das imagens de Claro Gustavo Jansson e do imaginário coletivo, Willy Zumblick (1913-2008) pintou, por mais de quatro décadas, a Guerra do Contestado. O seu primeiro quadro sobre o tema é um prefácio à sequência pictórica sobre

<sup>266</sup> CANUDOS. **Cadernos de Fotografia Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002. , (Publicação anual, 1). As fotografias de Flávio de Barros podem ser conferidas: Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/canud/fotos.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

<sup>267</sup> Disponível em: <<http://joamariaprofeta.blogspot.com/2010/09/sobre-joao-maria.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

<sup>268</sup> Os retratos do Monge: Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/guerra-do-contestado/guerra-do-contestado-6.php>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

o conflito em uma linha de tempo, que será predominante depois do óleo sobre tela “Monge João Maria Curando Doentes”, de 1953, que está na Escola de Aprendizes Marinheiros em Florianópolis. Após este trabalho, os demais enfatizam a guerra propriamente, a exemplo da cena equestre “Carga dos Fanáticos”, de 1956 (acervo da Biblioteca Municipal de Joinville). “Belicoso do Contestado”, óleo sobre tela de 1961, do acervo do Museu Willy Zumblick de Tubarão, cidade natal do artista, individualiza o tamboreiro de espingarda em punho, olhos espantados. O desenho a lápis sobre papel “Guerra dos Fanáticos” é de 1970 e a tela “Confraria do Menino Deus” foi pintada dez anos depois. Nos anos 80 Zumblick enfatizou os indivíduos, sejam históricos ou filtrados do literário: “O Monge José Maria”, “Maria Rosa” e “Chica Pelego”. Um dos últimos trabalhos dele sobre o assunto intitula-se “O Monge José Maria - Conselho de Guerra”, de 1987<sup>269</sup>. Zumblick aproveitou em sua obra outros episódios do passado catarinense, a exemplo da Guerra dos Farrapos em Laguna, além de manifestações culturais populares, especialmente as procissões do Divino e o Boi de Mamão.

Da Bandeira do Divino do pintor volto às cidades santas, que herdaram dessa devoção ao Espírito Santo o tamborzinho cerimonial e as bandeiras votivas, fotografadas por Jansson. O pano é atravessado por faixa verde em cruz, seguindo a iconografia do estandarte de Carlos Magno, descrita no romance que apreciavam, mas a bandeira também expressa a lembrança dos cruzeiros de aroeira que João Maria e sucessivos monges chantaram por todo o planalto. A insígnia podia ser substituída pela imagem de São Sebastião, orago da capela de Perdizes, onde Euzébio Ferreira viveu. Os seguidores do Monge acreditavam que a bandeira branca marcada de verde novo tinha poder de derrubar 50 inimigos, cruzando três vezes o ar.<sup>270</sup>

O general de brigada Fernando Setembrino de Carvalho (1861-1947), gaúcho de Uruguaiiana, governou o Ceará como interventor nos meses de março a junho de 1914, na fase mais acirrada do conflito que opôs Fortaleza ao sertão quando os romeiros do Juazeiro, emancipado

---

<sup>269</sup> Disponível em:

<<http://www.zumblick.com.br/content/obras/index.asp?chave=%20Contestado>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

<sup>270</sup> As imagens do fotógrafo oficial do Contestado, Claro Gustavo Jansson, estão disponíveis no blog “Fragmentos do Tempo”: Disponível em: <<http://fragmentosdotempo2.blogspot.com/>> . Acesso em: 15 jul. 2010.

desde 1911 e cujo prefeito era o Padre Cícero, comandaram orquestrados pelo deputado Floro Bartolomeu, braço direito do Padrinho e correligionário do senador Pinheiro Machado, uma sublevação contra a escolha do novo presidente do Estado. No dia 11 de setembro de 1914, o general já está desembarcando em Curitiba para assumir o posto de inspetor permanente da 11ª Região Militar e o comando da frente de batalha no Contestado. Seu último cargo público foi o de ministro da Guerra, no governo Arthur Bernardes (1922-1926). Setembrino escreveu, e bem lhe assenta como legenda de retrato ou de epitáfio: “A guerra é a política de armas na mão”.<sup>271</sup>

### 2.3 A guerra vista de longe

Um europeu *acriollado*. Assim Pablo Rocca delinea em dois traços no prefácio da versão uruguaia de *Um místico brasileiro – vida e milagres de Antônio Conselheiro* o seu autor, Robert Bontine Cunninghame Graham, neto de venezuelana e filho de escocês, nascido em Londres em 1852, falecido na cidade de Buenos Aires aos 84 anos, a maior parte dos quais em trânsito. Sara Castro-Klarén, da Universidade Johns Hopkins, em prefácio também incluído nesta primeira edição brasileira, de 2002, resume Canudos a mais um “episódio da História Universal da infâmia” (a leitura de Graham, sem desmerecê-lo, sendo em decorrência de seus estudos “da grande obra de Euclides da Cunha”), concluindo com uma inquietação a respeito de problemas que insistem em ser atuais, por permanecerem ativados: “Em que sentido se relaciona a cega história dessa guerra com o mesmo fechar de olhos que nos empurra para os holocaustos?”.<sup>272</sup>

Graham acabava de escrever sobre uma guerra passada no sertão nordestino enquanto a chuva cai em Ardoch, na Europa recém pacificada e engendrando o próximo desastre, era outono de 1919.

<sup>271</sup> WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes, outros discursos?** Algumas narrativas sobre o Contestado. Curitiba: Ed. UFPR, 2000. p. 154.

<sup>272</sup> GRAHAM, Robert B. Cunninghame. **Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro.** Tradução de Gênese Andrade e Marcela Silvestre. Introdução de Sara Castro-Klarén. Prefácio à edição uruguaia de Pablo Roca. São Paulo: Unesp, 2002. p. 12.

Pensa, “se o sol estaria brilhando no Brasil como eu recordava”<sup>273</sup>. Nesse ano de seca, o sol sumiu em 29 de maio, o dia do eclipse total, e cientistas multinacionais concentrados em Sobral observando o fenômeno comprovam a curvatura da luz proposta na teoria de Einstein. Alguns anos antes, em 1910, durante estada na Bahia do navio em que o escritor viaja a Buenos Aires, alguém lhe conta o caso acontecido em Canudos. A este passageiro, “um genuíno espanhol de Castilla la Vieja, Dom José María Braceras”, o livro é dedicado.

A gênese de *Um místico brasileiro*, publicado em Nova York em 1920, estava ali, naquele porto da Bahia, o ponto mais próximo ao qual Graham chegou dos caminhos do Conselheiro, que ele intuiu de oitava e através de Euclides, principal fonte consultada (segundo nota das tradutoras, a edição de 1917). O livro é ainda, em sua particular sobrevivência e na dessemelhança d’*Os Sertões*, um exercício de aproximação e apropriação entre este sertão ignoto, o muito visitado pampa das duas margens do Prata e as terras altas da Escócia que o jornalista aventureiro conhecia bem. O texto começou a ser escrito por volta de 1914, em uma das estadas de Graham no Rio Grande do Sul, ao tempo do Contestado, sobre o qual ele não diz nada, e prosseguiu nos cinco anos seguintes acompanhando-o nas andanças intercontinentais durante a I Grande Guerra.

Embora o título destaque a figura do Conselheiro, sua vida, seus milagres, o autor tempera com seu olhar de viajante em meio a impérios que estremecem a trama requentada ao épico de Euclides da Cunha. Retomando um modelo narrativo dramático, delimita o espaço e nele situa as personagens que serão visualizadas enquanto um amorfo conjunto, no caso, esses homens trajados de couro e animados pela fé sob um sol cegante. É o mestiço, o caboclo estereotipado em redutora dualidade étnica que não sustenta a complexa mistura, “herdando de um lado a tendência portuguesa ao misticismo, e do outro a melancolia e a introspecção do índio”<sup>274</sup>. E ainda no encaço da tautologia euclidiana mais evidenciada: “Em todo o Brasil, o sertão sozinho tem as tradições de uma vida nacional”<sup>275</sup>.

O autor descreve aspectos cotidianos remanescentes do ciclo do gado (ainda vigente enquanto manutenção do espetáculo), cantos

---

<sup>273</sup> GRAHAM, 2002, p. 34.

<sup>274</sup> GRAHAM, 2002, p. 66.

<sup>275</sup> GRAHAM, 2002, p. 47.

vocálicos de tocar a boiada, diversificadas técnicas do ofício e arte da vaquejada. Cenas que ele conheceu similares em outra latitude e com elas cria, numa espécie de dobradura, um espaço justaposto entre o nordeste e o sul. Em Canudos, a paisagem era “abrasada pelo sol no verão e no inverno queimada pela geada”; nas manhãs geladas, “o termômetro bastante abaixo do ponto de congelamento”. E descreve sertanejos entangidos de frio “envoltos em seus ponchos”<sup>276</sup>. Tirando clima e paisagem, o que temos em comum passeia pela cultura e permite o transporte.

O viajante apresenta a natureza exótica ao seu leitor – tão estrangeiro quanto ele, para quem descreve a pungência dos cactos e das bromélias, a variedade “chamada no Brasil de caraguatá e na Jamaica abacaxi selvagem; a mangabeira, chamada *yataí* no Paraguai”. E fantasia também, tal nos relatos de maravilhas que deram fama a Ramón Llúlio ou Marco Polo – e pondo em evidência os enganos a que estão passíveis as traduções, em seu sentido mais plástico, detalhando a variedade catingueira chamada favela, com sua “estranha propriedade de reter o frio do ar da noite em um lado de sua folha, enquanto o outro lado mantém a temperatura do meio-dia”<sup>277</sup>. O que Euclides da Cunha escreveu sobre estas plantas, “anônimas ainda na ciência”<sup>278</sup>, e cujo nome popular originou uma nova tradição desde o estabelecimento no morro da Providência, Rio de Janeiro, dos soldados vindos da Guerra de Canudos – da capacidade que as folhas têm de reter orvalho e serem urticantes.

Da necessidade em entender o estranho, Graham recorre a elementos próximos de sua própria ancestralidade. Para ele, caboclos e “*highlanders* se irmanam nas profundezas da superstição e da violência” que partilham em seu patrimônio cultural. Outro ponto de contato, as brigas de clãs motivadas pelo roubo do gado. Escócia e sertão são espaços fronteiriços “em que habitam os santos e os visionários e todos aqueles sujeitos que sentem ter uma missão a cumprir”. A fronteira do sertão, como todas, é um enfrentamento, “a sempre instável barreira

---

<sup>276</sup> GRAHAM, 2002, p. 114, 129, 154.

<sup>277</sup> GRAHAM, 2002, p. 48, 49.

<sup>278</sup> CUNHA, 1995a. v. II, p. 128. O trecho glosado diz: “As favelas, anônimas ainda na ciência, têm, nas folhas de células expandidas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa”.

entre o mundo velho e o novo”<sup>279</sup>. O paradoxo de Canudos é visto por Graham como um conflito geracional, problematizado em termos belicistas. “O velho e o novo estavam frente a frente diante de Canudos. De um lado, uma alcatéia de lobos e, de outro, um submarino carregado com torpedos e minas”<sup>280</sup>.

O sertão vai virar mar, o desterro por onde errou Antônio Conselheiro, “como um cachorro perdido do paraíso”. As mulheres, “é claro, correram até o estandarte invisível que perceberam que ele havia desdobrado, assim como correm atrás de qualquer visionário”<sup>281</sup>. Maria Madalena, Maria de Araújo, Maria Rosa, Maria Bonita, no mundo vasto. Graham inclui em seu relato a saga de Miguel Carlos e sua voluntariosa irmã, tios avós do Conselheiro (história que ouvi de viva voz do sobrinho bisneto dele, o memorialista Marcílio Maciel, em Quixeramobim).

Ao traçar o perfil do místico brasileiro, retoma as acusações que lhe fizeram, de ser o assassino da própria mãe, tentativa urdida em um boato para deter seu carisma em ascensão. “Assim as autoridades, com sua conduta injusta e torpe, tinham convertido um asceta vagabundo em um mártir”. Os que o seguiam, seguiram-no “talvez por verdadeira caridade e bondade, sem esperar pagamento neste mundo ou no próximo”. Mas esperavam, e acreditavam tanto neste mundo quanto no outro. E por isso o Belo Monte ergueu-se do barro do chão e foi “uma cidade longe dos embustes dos homens”<sup>282</sup>.

A igreja construída pelos devotos orientados por seu industrioso mestre de obras era “alta e babilônica”, e sobre o altar, no oratório iluminado por candelabros de lata, “figuras de Santo Antônio semelhantes a fetiches e virgens tão horríveis que pareciam bruxas”. Os seguidores do Conselheiro passavam a maior parte do tempo “cantando hinos e litanias” e eram obrigados a participar dos sermões, “sob pena de penitência e castigo”. De noite, “entregavam-se a orgias”; “orgias piedosas”; “um orgasmo de fé”, todo o povo se abandonando a excessos sensuais porque o mundo vai acabar. A liturgia era um delírio coletivo, uma sessão de descarrego luxurioso: “Pajeú jogava fervorosamente seus braços sobre uma ‘irmã’, enquanto o velho Macambira olhava de soslaio

---

<sup>279</sup> GRAHAM, 2002, p. 74, 89, 34.

<sup>280</sup> GRAHAM, 2002, p. 190.

<sup>281</sup> GRAHAM, 2002, p. 91 (ambos os fragmentos do parágrafo).

<sup>282</sup> GRAHAM, 2002, p. 97, 104, 112.



uma donzela de 15 anos”. O Conselheiro, porém, “praticava tudo o que pregava e sua vida privada era pura”.<sup>283</sup>

Tomando partido. “Para dizer tudo, é impossível não simpatizar em alguma medida com os desgarrados sectários, já que tudo que eles queriam era viver a vida”. Os soldados “eram todos homens saídos das províncias do norte, acostumados desde sua mais tenra idade a ouvir notícias sobre milagres operados pelos mais diversos impostores ou ilusórios”.<sup>284</sup>

Campo de concentração: “os prisioneiros pareciam um rebanho de fantasmas”. Retrato do Conselheiro em máscara mortuária: “um esqueleto vivo envolto em uma mortalha de mutismo mas com sua alma invencível”. A epígrafe que abre o livro (novela, ensaio, tradução?), a quadrinha anônima que remete à despedida de Antônio Conselheiro, daquele seu manuscrito: “Adeus, campo e adeus, mato/ Adeus, casa onde morei/ Já que é forçoso partir/ Algum dia te verei”<sup>285</sup>. Graham toma um caminho próprio e mantém distância de Euclides da Cunha quando anuncia a sobrevivência do bárbaro: “Embora Antônio Conselheiro tivesse pago o preço de sua credulidade ou fé, eu sentia que a vida indomável do sertão seguia como sempre”. E termina a história com a prerrogativa da desobediência recorrente, contagiosa: “O povo de Deus sempre foi gente desencaminhada, reza o velho ditado escocês, e ele mostrou ser verdade no sertão”<sup>286</sup>. O mato é maior.

O escritor húngaro Sándor Márai (1900-1989), leitor da tradução d’*Os Sertões* publicada em 1944 nos Estados Unidos, começou a compor sua versão da guerra sertaneja alternando-se entre Europa e América do Norte durante o quente da Guerra Fria e no exílio a que se impôs em 1948, quando deixou seu país para nunca mais voltar. Durante muitos anos, porém, ele foi e voltou ao texto que escrevia assombrado por Antônio Conselheiro, até que algo aconteceu naquele verão em Paris.

Porque a aventura selvagem de Canudos se repetiu em outras paragens – sim, de repente a anarquia entrou na moda novamente [...]

<sup>283</sup> GRAHAM, 2002, p. 117-119, 120, 102, 128, 126, 121.

<sup>284</sup> GRAHAM, 2002, p. 166, 185.

<sup>285</sup> GRAHAM, 2002, p. 206, 210, 29.

<sup>286</sup> GRAHAM, 2002, p. 34, 200.

estudantes universitários pintaram nas paredes da Sorbonne: *demandez l'impossible*. Isso me tranquilizou, e animado continuei a escrever. Como se existisse alguma coisa que tivesse de ser dita <sup>287</sup>.

*Verdicto em Canudos* foi concluído na Itália em 1969, impresso no Canadá em 1970. No Brasil, em 2002, assim como a primeira edição de *Um místico brasileiro: nos cem anos do livro de Euclides da Cunha*.

Quantas metamorfoses darão conta de uma perda repetida, o que as variações sobre um mesmo tema comunicam? Porque dois estrangeiros separados por meio século se encontram nessa guerra. Ou, através de Canudos, enxergaram os conflitos do seu próprio tempo, o absurdo captado de soslaio pelo olho periférico. O submarino que Graham evocou no oco do sertão, contra os lobos (menos lonjura do mar, mais a metáfora da máquina moderna em contraponto à fera antiga que o Ocidente dizimou e disseminou em nada ingênuos contos de fada). Márai e o mundo bipartido em guerra latente nos anos que se seguiram até a Cortina de Ferro se esgarçar feito a fumaça – deixando rastros breves.

Sem vencedores. Sobre as ruínas da desistência se salva um jeito de existir e resistir e ir. O que as guerras têm em comum é que nos tornamos estrangeiros. Estranhos e hostis. Operando a partir da textura tridimensional de Euclides – o território (“os dados topográficos”); o sujeito (“os nomes de alguns personagens”); o evento (“as datas”), Márai toma conta do enredo: “Todo o resto é invenção” <sup>288</sup>. Mas a invenção também evoca o real, realiza-o em modos de alegoria. E na verdade, a guerra, esta, insolúvel, retornada: a narrativa da impossibilidade de qualquer julgamento quando antecipadamente se sabe qual ou já se escolheu o perdedor e o culpado.

O horror provocado por essa cabeça degolada repetindo o nome do país. Uma mulher estrangeira inominada (Marianne? Talvez a liberdade encarnando na porta estandarte Marianne, a do seio nu. “Tratava-se de um rosto ovalado – como a efígie das mulheres francesas retratadas antes da Revolução” <sup>289</sup>). Traz o recado de um morto e em

---

<sup>287</sup> MÁRAI, Sándor. **Verdicto em Canudos**. Tradução de Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 152.

<sup>288</sup> MÁRAI, 2002, p. 152.

<sup>289</sup> MÁRAI, 2002, p. 99.

troca exige um banho. A purificação da ré, o nascimento. O simples prazer de estar viva e gozar a água e a pele, sentir o corpo mineral. Madona de sambenito emersa de Auschwitz, passado a passado. O que diz, com a sua língua de babel. A fusão entre julgamento e sentença. O veredito em Canudos está contido na mulher que ameaça.

“Vou contar agora o que vi e ouvi em 1897, no dia 5 de outubro, entre as cinco horas da tarde e as nove horas da noite – vi de perto a força que depois vira história. É isso que desejo registrar”, começa o narrador de *Verdicto em Canudos*, Oliver O’Connell, cabo do Exército brasileiro filho de irlandês e cabocla. Àquele dia, fora designado para secretariar a coletiva do ministro da Guerra, marechal Bittencourt, aos jornalistas presentes no acampamento. No momento em que escreve, 50 anos depois do fim do mundo na Bahia, é quase aposentado funcionário da Biblioteca Municipal de São Paulo, responsável pelos volumes de história. O homem velho acompanhado da ironia, casmurro, saramago. “Tive família, mulher e filhos. Morreram todos em tempos de paz: parece que a paz também põe a vida em risco”.<sup>290</sup>

Tem uma passagem n’A *Pedra do Reino* em que Quaderna percebe o mundo a partir do sertão – o inumano, “enormes lajedos de formas estranhas, parecendo grandes lagartos antigos, adormecidos ao Sol, sobre a pele de fera da Terra”<sup>291</sup>. O que nos cerca, ronda e constrange nunca será a natureza indomada, é outra coisa mais feroz fabricada com a saliva de qualquer quem, os diversos infinitos nós com que ordenamos o caos, ao mesmo tempo nos conferindo o absoluto e nos liberando ao abandono. Tudo é nada. Vivemos e morremos na correnteza das palavras. “Éramos todos selvagens na orla da caatinga, no final do século passado, no Brasil”<sup>292</sup>, diz a personagem de Márai, elidindo a distância entre os que se combatem, o estrangeiro que escreve, quem lê. “O mundo que amanhecia detrás do mapa não tinha forma: o sertão. A fera sempre faminta, pronta para o bote”.<sup>293</sup>

A força gerativa da oralidade e seu valor de lei no sertão arcaico – o empenho à palavra dada. E ainda quando materializada em letra, a voz grafada em código de ética vindo junto com antepassados marranos, que mantiveram em segredo o livro e a sua crença até o limite de

<sup>290</sup> MÁRAI, 2002, p. 07, 09.

<sup>291</sup> SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Recife: Ed. Universitária, 1975. p. 99.

<sup>292</sup> MÁRAI, 2002, p. 27.

<sup>293</sup> MÁRAI, 2002, p. 64.

esquecê-la, quase, não sem antes reter pelo menos um gesto, no repetir do ato. (A mão direita de Elias Nicolau meu avô pousava leve sobre os cabelos de cada neto, na hora da benção). O que ainda pode-se ver por aí, orações em arabescos ocupando um mínimo papel embutido no pedacinho de pano dos bentinhos e escapulários.

Em Canudos, a comunidade acreditava “que a Palavra era uma coisa importante a ser guardada – ainda que não a compreendessem”. Onde foi parar o manuscrito com as “profecias desvairadas” de Antônio Conselheiro: “enfiei rapidamente no bolso um desses cadernos rançosos, sujos”, confessou o narrador. Nas traçadas linhas, o regresso vitorioso do rei e a expectativa do reino desejado. “Então, vindo do oceano chega D. Sebastião com todos os seus exércitos”<sup>294</sup>, estava escrito. E o mar vai virar sertão.

O que houve em Canudos foi um auto de fé positivista. “Porque Canudos – para o ministro da Guerra: era um relatório cheio de números oficiais, mais nada”. Estatística. “Tudo o que era humano perdia a forma por trás dos números”, o artifício que permitiu “a matança, por esporte, do lixo que abandonava Canudos”<sup>295</sup>. Da Bahia ao Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, inúmeros nos campos da Polônia, da Alemanha, em Beirute e no cerco da Palestina, replicados em outras contas, faz alguns anos, em Eldorado dos Carajás – a aniquilação técnica em escala industrial municia a acumulação do poder e concentra os recursos.

Na cerimônia em que o marechal desempenhava o grande final de sua tarefa, os dois repórteres, um deles era do jornal “La Nación”, de óculos, gravata borboleta e chapéu panamá. O outro: cerca de 40 anos, magro e acanhado, pequeno, cara de índio – “o homem que em meio à confusão dos fatos tinha visto a verdade”<sup>296</sup>, Euclides da Cunha – a voz que interroga o marechal, quer saber do paradeiro de Antônio Conselheiro. Se ainda vive, se o mataram ou se morreu.

Na verdade, não havia um Conselheiro somente, “e sim muitos – aparições que usavam todas a mesma fantasia, a túnica azul, duplos que continuavam a disseminar o hospício”. Então, diante da tropa reunida, de alguns cidadãos baianos ilustres vindos de Monte Santo e dos jornalistas, a mesa posta e sobre ela um tacho de cobre. À ordem de Bittencourt, um dentre os soldados pesca de lá de dentro “a cabeça

---

<sup>294</sup> MÁRAI, 2002, p. 29, 30.

<sup>295</sup> MÁRAI, 2002, p. 46, 44, 19.

<sup>296</sup> MÁRAI, 2002, p. 69.

risonha do Conselheiro”, um ex-voto para os incontáveis “cadáveres embalsamados em luz”. A cabeça, “obstinada, por entre os lábios cerrados dizia: – Brasil”.<sup>297</sup>

Eis que entram os três prisioneiros, dois caboclos e entre eles a mulher estrangeira que “vestia uma aparência larval” e portava a mensagem do santo: “Amanhã haverá dez Canudos no Brasil. E depois de amanhã, cem”. Era a esposa de um médico inglês que um dia cruzou o oceano para desaparecer nos sertões do Conselheiro. Porque deixou a zona de conforto, desvestiu-se das certezas, a navegar por desertos nunca dantes até encontrar o se do ser, o nexo. Ela seguiu seu rastro. A mulher sem nome “não chamava ninguém, não prometia nada [...] ainda assim, sua presença despertava inquietação em todos”. O que ela dizia aos senhores da guerra, “um dia todos terão de ir a Canudos”, que ficava no fim do caminho e as pessoas de lá não tinham medo de mais nada. “De Canudos não se pode falar. Canudos só acontece”<sup>298</sup>, a estrangeira falava.

## 2.4 O parêntese da Donzela

Contar uma história para não (se) acabar. Poder narrando adiar o desfecho certo em mil noites e outra inumerável, a circunstância e o passo de Xerazade. Pois há de haver quem vive a inventariar uma memória gasta e ainda assim ativada ao registro do ouvinte, o papagaio macunaímico que repita palavra por palavra a epopeia ao viajante interessado, que seja somente a jandaia no olho da carnaúba cantando idas mágoas, remoendo os moinhos da linguagem. Atente à engrenagem da máquina que nos contará em miragens residuais. E as itacoatiaras persistindo na fratura da cidade, essa grafia sincopada solicitando considerações. O que se conta do sertão do não sei onde? O que se sabe.

A América hispânica contava com jornais e maquinário de imprimir já no segundo século da ocupação, ofuscando os quipus incaicos e as iluminuras do *Popol-Vuh*, o livro poético do império maia. No Brasil, tipografia só quando D. João VI se refugiou com sua pompa e circunstância na beira da praia tropical. Enquanto isso, o nordeste árido era ainda a empresa do couro e do gado, nos termos de Capistrano, que prolongou entradas pelo interior, amplificando as fronteiras da palavra. Taba, senzala e casa grande partilhando a criação das narrativas. Clãs e

<sup>297</sup> MÁRAI, 2002, p. 57, 66, 79, 64.

<sup>298</sup> MÁRAI, 2002, p. 83, 85, 96, 106, 117.

agregados das fazendas disseminaram o romanceiro ibérico, mourisco e sefardita, além do obrigatório bocado de latim de igreja, tudo penetrado pela fabulação de nativos antigos e recentes. Enquadrados no primeiro contato com frades e jesuítas, também influenciaram ouvintes e tiveram aprendizes. E se não escreviam, eles cantam, eles dançam.

Entanto, estes narradores apropriam-se de relatos que lhes chegassem em volumes gastos pelo uso e que vieram do lado de lá do oceano, nos quais apreendiam as tramas e urdiduras, ajustando os enredos à técnica mnemônica de menestréis e poetas caminhanes, aos cantares dos grãos e das anciãs de aldeia, transcribando o que era palavra em prosa até chegar na poesia, recordando o que vai sendo divulgado pela minoria que dominava a leitura e, principalmente, expandindo este acervo de fidalguias selvagens, as valentias de Cabeleira, Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e Lampião valendo pelos combates de Carlos Magno e seus parceiros, Oliveiros, Ricarte e Roberto do Diabo.

Muitas dessas narrativas que vingaram até nossos dias – e o romanceiro cantado por Dona Militana<sup>299</sup> não me deixa mentir – na verdade, são caleidoscópios entre Ocidente e Oriente quando os eventos cruzam, na passagem pela memória, a fronteira que leva do evento histórico à ficção e ao lendário. Os poetas populares – repentistas, trovadores, calangueiros, cururuzeiros, jongueiros e fandanguistas, para completar um contorno sonoro do Brasil, respondem a esta arte de trancoso que se desdobra, nem sempre periférica e subterrânea.

Tomando um exemplo de narrativa que permaneceu por conta do registro em cordel (romanceiro, evangelho, tribuna e noticiário do sertão), a “História da Donzela Teodora”. O estudo comparado que dela fez Luís da Câmara Cascudo (em *Cinco Livros do Povo*) coteja edições portuguesas, espanholas e mouras (a fonte mais remota sendo a novela impressa em Toledo, no ano de 1498) e brasileiras do nordeste, que mantiveram pertinência e parentesco. “Há nos contos populares o tipo da moça inteligente e viva que burla o Rei e engana o ladrão, evitando

---

<sup>299</sup> Militana Salustino (1925-2005), natural de São Gonçalo do Amarante-RN, era filha de um mestre de fandango (auto da Nau Catarineta) com quem aprendeu romances, xácaras, modinhas, toadas e novenas. Em 2002 estreou com o álbum triplo “Cantares”, do qual participaram diversos músicos acompanhando seu canto, entre os quais Antônio Nóbrega, que gravou com a mestra o “Romance de Clara Arlinda” (que ele também registrou com o título de “Romance de Clara Menina, a filha do Imperador do Brasil”).

ciladas, castigando erros, respondendo aos enigmas e casando bem”<sup>300</sup>. O modelo da personagem, segundo o mestre potiguar, seria Santa Catarina de Alexandria, que viveu no século IV, e cujo nome verdadeiro, Doroteia, é anagrama de Teodora – dádiva divina, repara, e que ficou famosa por debater ciência<sup>301</sup> com 50 letrados, vencendo-os em sabedoria. (Quem é esse anjo travestido que anda guerreando, de noite, de dia? Diadorim).

A “História da Donzela Teodora” faz parte do catálogo de folhetos editados por José Bernardo da Silva, dono da Tipografia São Francisco, a casa impressora mais importante do Ceará e uma das mais singulares na poesia de bancada (como também é chamada a arte do folheto pelos próprios autores de cordel, para distinguir seu trabalho solitário dos versos feitos “no calor da hora” pela dupla de violeiros). José Bernardo, alagoano de Palmeira dos Índios, devoto do Padre Cícero, veio de vez para Juazeiro em 1926. Das linotipos que o editor romeiro instalou na rua Santa Luzia saíram milheiros de romances em quarto de página contendo as bravuras de Carlos Magno e seus Pares, recitados de feira em feira, escutados em roda nos alpendres e calçadas, e guardados como algo precioso no fundo dos baús. Carlos Magno “se tornou familiar como um vaqueiro, com seu gibão de couro, como um cangaceiro com sua valentia”<sup>302</sup>, escreve Gilmar de Carvalho. Quando diminuiu a produção de folhetos, as tipografias sertanejas e seu ateliê de artistas da madeira seguiram imprimindo orações, benditos, novenários, o “Lunário Perpétuo” (misto de horóscopo e almanaque), rótulos de rapadura e cachaça.

De meados do século XIX até os anos 70 do século XX, o cordel circulou e era impresso por todo o Brasil, além de ter congêneres pela América hispânica, do México à Patagônia argentina, as *hojas sueltas* ou *pliegos sueltos*, os *corridos* e *contrapunteos*. Em Portugal chamaram-se folhas volantes, folhas soltas ou literatura de cego (assim dita devido a edito de D. João V, datado de 1749, concedendo o monopólio da

---

<sup>300</sup> CÂMARA CASCUDO, L. **Cinco Livros do Povo**. 3. ed. João Pessoa: Ed. UFPB, 1994. p. 51.

<sup>301</sup> “Cantar ciência”, no âmbito da poesia de viola nordestina, é quando se dá a peleja entre os repentistas, cada qual demonstrando seu dom, em versos os mais caprichados, exibindo na performance o acervo pessoal de sua poética, em conhecimentos gerais, episódios históricos, mitologia, religião, astrologia, literatura.

<sup>302</sup> CARVALHO, Gilmar. **Xilogravura**: doze escritos na madeira. Fortaleza: Secult, 2001. (Col. Outras Histórias, 5). p. 105.

venda de folhetos para a Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos de Lisboa). Se a produção dos livrinhos – cuja forma emoldurava tabuadas e cartilhas de ABC dependuradas no cordão e vendidas em toda bodega de subúrbio, eu me lembro – diminuiu, por obsolescência do maquinário, morte dos mestres editores e, principalmente, pelo desinteresse do público principal, o sertanejo – urbanizado, primeiro, pela novidade do rádio e logo depois a televisão, o final dos anos 90 marcou uma retomada. O cordel hoje está presente na sala de aula, frequenta o infraleve da comunidade virtual e agrega outros consumidores, ao mesmo tempo em que uma geração contemporânea de poetas renova a tradição. Igualmente, os cantadores e seus repentes em martelos, galopes, sextilhas, quadras e décimas, medidos no baião elétrico da viola de dez cordas.

N'A *Pedra do Reino*, o amigo de Quaderna, Lino Pedra-Verde, diz:

Esse negócio de plágio pode valer para os outros, para nós, Cantadores, não! Você não vê João Melchíades mandando a gente plagiar, em verso, *A Donzela Teodora*, *Roberto do Diabo*, *A História de Carlos Magno* e outras?<sup>303</sup>.

O que Ariano Suassuna pensa do folheto e a conexão com Canudos: “É o único espaço literário no qual o povo brasileiro se expressa sem imposições nem deformações que lhe venham de fora ou de cima. Do ponto de vista político, social, Canudos exerce o mesmo papel do folheto. O Arraial de Canudos foi o primeiro espaço no qual o povo brasileiro disse como é que ele pensava a organização política do Brasil. Por isso considero Antônio Conselheiro nosso profeta. A justiça do sonhado é o sonho que todos nós temos. É o mesmo sonho dos apóstolos. A primeira comunidade católica depois de Cristo, leia nos ‘Atos dos Apóstolos’, você vai encontrar: todo mundo tinha tudo em comum, ninguém era dono de nada, cada um recebia de acordo com sua necessidade. É o primeiro sonho socialista e Conselheiro retomou este sonho em Canudos. E este sonho é o meu”.<sup>304</sup>

---

<sup>303</sup> SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 71.

<sup>304</sup> CARVALHO, 1998, p. 119, 120.



Berthold Zilly, professor da Universidade Livre de Berlim e tradutor d’*Os Sertões*, escreveu artigo para o caderno especial sobre o centenário do livro, que organizei em 2002 no jornal “O Povo”. Ele escreveu:

O principal compromisso de Euclides não é com a ciência nem com a poesia, mas com a verdade, com a preservação da memória, com a História, com a justiça. Ele fala, de modo apaixonado e persuasivo, aos brasileiros e à humanidade, como professor, advogado, orador fúnebre, num discurso de pesquisa e instrução, de defesa e acusação, de luto e glorificação. Euclides desempenha o papel, ao mesmo tempo, de testemunha, de perito, de advogado da defesa, de acusador e de juiz. Talvez o de acusador seja o mais importante, porque se trata de um livro vingativo e de ataque, nas palavras do autor. Além de ser ocasionalmente o acusador dos jagunços, Euclides é, antes de tudo, o seu defensor e portanto o acusador do exército, do governo, da Civilização, quase um procurador geral da História – com maiúscula! – porque esta é a suprema instância da humanidade depois da morte de Deus.<sup>305</sup>

## 2.5 Quem conta um conto – um outro?

Marilene Weinhardt, professora da Universidade Federal do Paraná, pesquisa o romance histórico enfatizando a produção contemporânea do sul do país. Por onde o ficcional interage com os documentos, em síntese, o seu particular interesse. “Contemporaneamente, quando o narrador se disfarça atrás de recortes e colagens, não busca objetividade, mas pluralidade. É um jogo de esconder”<sup>306</sup>, no palimpsesto que é um texto, o autor/narrador e desvelar uma fissura de realidade na “infinitude das possíveis”<sup>307</sup>. Na zona de penumbra onde história e memória fazem sombra, segundo a imagem de Eric Hobsbawm, o que se esqueceu, um dia foi

<sup>305</sup> Os sertões – 100 anos. **Jornal O Povo**, Caderno Vida & Arte Especial, 01 dez. 2002, p. 10.

<sup>306</sup> WEINHARDT, 2000, p. 149.

<sup>307</sup> WEINHARDT, 2000, p. 12.

experimentado. E essa moldura do vivido (o passado que não passa) é a atualidade do relato de Euclides da Cunha que a Geração de 30 retomou, confessional, em um romanceiro de viés socialista, onde se inserem as personagens sertanejas em contraponto às pressões vindas de todo lado, inclusive – no caso do nordeste seco: literalmente do céu.

A crítica literária “ignora ou dispensa pouca atenção a romances que tematizam convulsões sociais com componentes místicos”<sup>308</sup>, afirma Weinhardt, e puxa uma nota para elencar cinco títulos que justificam figurações dessas convulsões místicas, que incluem, logicamente, em seu recorte, o Padre Cícero do Ceará: *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego (1938); *João Abade*, de João Felício dos Santos (1958); *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna (1971); *Caldeirão*, de Cláudio Aguiar (1982), e *Videiras de Cristal*, de Assis Brasil (1990). O romance de José Lins do Rego e principalmente o livro de Ariano Suassuna, me parece, contradizem a assertiva da autora, dadas sua fortuna e reedições.

O Contestado é revisto em três tempos, no ensaio. Primeiro, o recalque da guerra impregnando os jornais e os textos dos vencedores. (E, aqui, lembro o poeta Elias Canetti e no que ele pensava sobre totalitarismo e poder como uma perversão da sobrevivência – esta, que está assentada em pirâmides de mortos). Na proximidade sem a contradição de Euclides, a mesma acusação de monarquismo, de sedição, de banditismo, de serem os sertanejos uns inconscientes, uns fanáticos, uns ignorantes devidamente destinados à superação (principalmente física). A justificativa dos militares. Que não ficou por aí.

A partir da década de 50, dá-se a conhecer uma leitura crítica, destacando-se os trabalhos de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maurício Vinhas de Queiroz e Duglas Teixeira Monteiro, em cujos estudos “há um esforço no sentido de superar a visão etnocêntrica, exercitando-se o reconhecimento da cultura do outro”<sup>309</sup>. Esforço multiplicado em ensaios e ficções que apontam novas demandas em um tempo de culturas descentralizadas, ou seja, quando a periferia interage no circuito de um arquivo mundial de informação, dispondo igualmente, ou o mais próximo do termo, dos dispositivos da comunicação planetária.

---

<sup>308</sup> WEINHARDT, 2000, p. 157.

<sup>309</sup> WEINHARDT, 2000, p. 21.

O sertão, que seja um só. “Da perspectiva urbana, sertanejos nordestinos ou sulistas são fenômenos culturais igualmente periféricos”<sup>310</sup>. O Contestado enquanto romanceiro se firma a partir dos anos 60, mas a produção, ficcional ou não, amiudou com a proximidade do centenário da guerra. No caso específico das narrativas sobre o Contestado, Weinhardt observa que *Os Sertões* permanece um paradigma, do tipo daqueles cinco títulos populares há pouco citados. O que sobrevive ali, e ultrapassa o indivíduo e seu tempo breve? A memória omite e inventa, pinta e borda. No gume da fragilidade situamos um mundo obscuro e plural.

Pensar sobre o que soa em definitivo – um convite ao enfrentamento ou de como “a dita civilização se contrapõe ao que chama barbárie e a destrói”<sup>311</sup>. Aonde a civilização, onde a barbárie, nesse tecido em paralaxe no qual cada coisa ocupa, no mesmo instante, mais de um espaço, e o tempo a tudo ultrapassa? A pergunta que dá título ao livro de Marilene Weinhardt – *Mesmos crimes, outros discursos?* – também ressoa na minha seleta de textos, para ver de mais perto o Contestado em moldura de ficção. Os discursos são outros, e de outros. Mas o que interessa dizer é: do outro que ainda faz falta. Queremos ver-lhe a cara.

### 2.5.1 Geração do Deserto

Se não foi o primeiro, como Weinhardt afirma em seu trabalho acima comentado, em que situa as primeiras ficções sobre a Guerra do Contestado ainda pela década de 50, *Geração do Deserto*, de Guido Wilmar Sassi, é o romance que trouxe o episódio ao contexto literário nacional, sendo publicado, em 1964, por uma editora de ousada expressão, como era a Civilização Brasileira daquele tempo (isto, sem falar na qualidade intrínseca do texto, que serviu de plataforma para outras abordagens do tema, a exemplo do filme de Sylvio Back, “A Guerra dos Pelados”, lançado em 1971). A escrita do romance, seguindo as indicações do autor, na última página, começa em 1960 na cidade catarinense de Lages (onde ele nasceu, em 1922), e termina em 1963, no

---

<sup>310</sup> WEINHARDT, 2000, p. 15.

<sup>311</sup> WEINHARDT, 2000, p. 16.

Rio de Janeiro (então Estado da Guanabara), onde o escritor se estabeleceu até o fim da vida, em 2002.

No exemplar 1789, desta primeira edição numerada, adquirido via internet em um sebo do Espírito Santo, ficamos sabendo, pelo autor, que morreu sua filha Marlene e o menino que tentou salvá-la, a quem o livro é dedicado; que sua avó Gertrudes lhe contava “*causos* de Shakespeare”; que entre seus amigos estão o crítico cearense Braga Montenegro (do Clã<sup>312</sup>), os escritores Esdras do Nascimento e Oswaldo Cabral, entre outros. Acessando uma enciclopédia virtual, à cata de mais informações, encontro um depoimento do escritor, em forma de entrevista, e ele conta. Que seu primeiro livro de leitura foi um dicionário desfalcado e uma Bíblia idem. Que a menina Marlene se afogou no rio Uruguai. Que o avô alemão entalhava figuras sacras na madeira, era “imaginário”<sup>313</sup>. (E eu que pensava este termo um regionalismo nordestino, para definir a profissão de santeiro. São coisas do grande sertão).

Esta edição prescinde do prefácio ou ele está nas abas da capa do livro, assinadas por Esdras do Nascimento, intelectual piauiense de 30 e poucos anos que não se limita aos adjetivos para louvar a “inusitada coragem” do autor que, sem se deixar levar “pela tentação de fazer História”, narra as lutas pela posse da terra na região do Contestado, em meio a desmandos e violências dos coronéis locais e à chegada imperiosa do capital estrangeiro. Mas culpa José Maria, “misto de farsante e louco”, por convulsionar o sertão catarinense “numa estranha reedição sulista dos Canudos”. E compara algumas cenas do romance a capítulos de *Pedra Bonita* e aos “melhores momentos” de “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, o filme de Glauber Rocha contaminado pelo texto de Euclides, rodado no Raso da Catarina e concorrente à Palma de Ouro do Festival de Cannes nesse mesmo ano de 1964. Perdeu.

Comendo o livro desde a capa, como quem lê uma fruta colhida na árvore e saboreia o novo saber sem pressa. No alto, em destaque, o

---

<sup>312</sup> O Clã foi um grupo de intelectuais e artistas que se reuniu em Fortaleza nos anos 40 e se manteve atuante até quase o final do século XX, publicando regularmente uma revista, chamada “Iracema”.

<sup>313</sup> Entrevista com Guido Wilmar Sassi no portal “Autores Catarinenses Contemporâneos”.

Disponível em: <<http://www.prosapoesiaecia.xpg.com.br/guidoautores.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

nome triplo do autor, cada um em uma fonte, o do meio em tamanho mais destacado. Em um balão, à esquerda, o título do romance, acompanhando a figura emoldurada como nas revistas infantis, um “pelado” empunhando a espada, dirigidos olhar e arma ao quadrinho da direita, de onde vem a locomotiva cuja fumaça vai formando a cabeça de um dragão, o dragão da maldade contra o santo guerreiro. O desenho é obra do artista plástico Eugênio Hirsch, contratado como ilustrador dos lançamentos da editora. A epígrafe, assim também o próprio título, uma citação do quarto livro do Velho Testamento, no qual o deserto soa como destino à geração execrável, aquela sem direito de chegar na terra prometida.

A narrativa organiza-se em quatro partes, quais sejam, as cidades santas, seguindo a cronologia da guerra. “Irani”, onde se deu o primeiro confronto com as forças oficiais; “Taquaruçu”, a terra do leite e do mel; “Caraguatá”, a fortaleza de Maria Rosa; e “Santa Maria”, onde o mundo acabou. Um diálogo anônimo – mas que se sabe de sertanejos, apresenta ao leitor a figura do santo popular, o beato estradeiro que curava as mazelas do corpo e as doenças do ar com as ervas do campo e as águas santas. O padrinho das crianças. O Monge teatino <sup>314</sup>, que só se alimentava de couve e chimarrão. “Mandava que fôssem trabalhar, que fôssem rezar em casa” <sup>315</sup>, lembra alguém, antecipando, nesta fala, a responsabilidade do outro, o José Maria, pelo ajuntamento revoltoso. O discurso coletivo enfatiza o contexto de exclusão dos moradores e o aumento da violência como parte das novidades que chegavam ao sertão, anunciadas por São João Maria nos sermões – “é guerra, é doença, é miséria, é invenção do diabo, que nem o trem de ferro” <sup>316</sup>. E o povo anseia pelo retorno do Monge, em essa apertada hora de necessidade.

Na sequência ao coro dos anônimos, entram as personagens históricas do movimento, carregando a bandeira das disputas políticas derivadas da questão dos limites e dos conflitos entre poderosos locais,

---

<sup>314</sup> Este é um termo corriqueiro no falar típico dos gaúchos, significando o mesmo que “vago” ou ainda “índio vago”, equivalendo a errante, vagabundo, estradeiro. Consultando o acervo virtual de obras raras do Mosteiro de São Bento, de Salvador da Bahia, encontrei referência a uma irmandade de monges peregrinos, criada pelo beato Caetano, conventual da Santíssima Trindade de Lisboa, no ano de 1651: os Religiosos Teatinos da Divina Providência. Disponível em: <[www.saobento.org/livros](http://www.saobento.org/livros)>. Acesso em: 13 mar. 2012.

<sup>315</sup> SASSI, 1964, p. 09.

<sup>316</sup> SASSI, 1964, p. 15.

no cenário do capitalismo global. Em Canoinhas, o promotor público Juca Tavares, “exaltado e bem-falante”, era o defensor da causa de Santa Catarina por onde andasse. Demais pessoas influentes, as bem situadas de bens: os comerciantes Guilherme Gaertner e Elias de Morais, os fazendeiros Aleixo Gonçalves, Chico Ventura e “Dom Rocha Alves”, além do “caudilho” Bonifácio Papudo, pau para toda obra deles. Cabe a estas lideranças, no romance, o papel de congregar em massa os sertanejos, explorando elementos da cultura em comum, a religiosidade, por exemplo, para garantir seus óbvios interesses. Inclusive, radicalizando o movimento, ao romper com a República, em uma jogada que não deixa de ser jocosa. O plano foi de Juca Tavares, apoiado pelos demais: lançaram um manifesto monárquico e escolheram imperador Manuel Alves de Assunção Rocha, o Rocha Alves, porque “tem barbas compridas e brancas: a figura exata de D. Pedro II”.<sup>317</sup>

Diferente dos monges solitários que peregrinavam pelo sertão, José Maria foi companheiro das multidões, que vistas de perto ganham nome e rosto. O cantador cego Tavinho e seu guia, o leproso Tibúrcio. Uns envolvidos com a justiça ou o que valha, ao modo de certo José, fugitivo da cadeia, e o negro Vitorino, capanga de coronel; operários da estrada de ferro convocados à força, como o baiano Coco. Famílias que perderam sítio e negócio, feito a de Gasparino, que teve uma serraria; o agricultor Mané Rengo, expulso pela companhia colonizadora; a parteira Delminda, que não tinha ninguém, e o ervateiro Lauro de Oliveira, único a sobreviver à execução dos parentes. A fabulosa Zeferina Papuda e seu filho Nenê são as personagens que suportam esse desenredo com o grão da loucura e da fantasia. Os demais vão ao encontro de José Maria e erguem cidades no meio da mata, tocados mais pelas circunstâncias do que por questões de fé. É a geração dos sem terra e que na terra desejam ter lugar. (Qual é o lugar do retirante? O cigano respondeu: fica em cima das suas alpercatas e debaixo da aba do seu chapéu).

O monge José Maria rezava contra espinhela caída usando a medida de São João Maria, assim como as benzedeadas de Madrinha Dodô se valem da medida de São Francisco e do Padre Cícero, no Juazeiro. A medida é uma faixa de pano, um torçal, mais ou menos do tamanho que vai de um ombro a outro, do santo em apreço. Um santo de costas largas, que sustentem este mundo velho. José Maria benzia as

---

<sup>317</sup> SASSI, 1964, p. 12, 58.

espadas de madeira, de nomes Altaclara, Durindana, Corta-Vento, Rompe-Ferro, Caboclinha e Melindrosa, as duas primeiras, nomes das armas dos varões de Carlos Magno. (Consta nos folhetos do ciclo do cangaço que Jesuíno Brilhante, Cabeleira, Lampião e seus pares também nominavam as suas. E teve o Pereira Filgueiras, valente do Cariri, dono dos bacamartes Estrela d’Alva e Boca da Noite).

Porém, antes que venha a guerra, há um momento de suspensão da realidade dada, no qual toda a comunidade, em único movimento, está criando uma vida diversa. E divertida, um roteiro para romance de cordel. Chico Ventura convidou o beato e seus acompanhantes, em Taquaruçu, perto de Curitiba, há lugar e fartura para todos. Quem não quer morar em São Saruê? “O arraial começou a crescer”. De tardezinha, depois de medicar e benzer o pessoal, José Maria lia as aventuras de Roldão, Oliveiros, Urgel e Ricarte. E então passava os caboclos em revista, dos melhores formando a sua guarda de honra, seus pares. Elege Coco: “De hoje em diante o seu nome vai ser Oliveiros”<sup>318</sup>. E o outro Oliveiros foi aquele moço Lauro, de apelido Liveira, ervateiro bom no facão. Estavam sagrados cavaleiros de capa e espada.

A aldeia estava em festa, os meninos trajados de anjo na igreja, o povo todo reunido, Júlia de seu Florêncio e o Par de França Liveira vão casar. O monge quem celebrou. O anjinho Deco carrega na bandeja a “*paçoca da vida*”<sup>319</sup>, a mistura de farinha e açúcar que simboliza o destino de todo casal. Fora das vistas, José Maria manda um seu de confiança matar o desafeto Barnabé, que sabia do seu passado. Além de ressentido, o monge também se mostra um astucioso, a serpente do paraíso que Taquaruçu, naquele momento, representava. Astuto, larápio e indecente. José Maria, junto ao poste do telégrafo, ouvindo barulho “correndo pelos fios, de Curitiba pra Campos Novos. É o coronel Chiquinho que está fazendo fuxico da gente”, decifrava para os homens abismados. E dava “licença” a eles para “aliviar” a riqueza do intendente de Curitiba, o despropósito de gado de suas fazendas. “Tá faltando carne pro nosso pessoal. Algumas cabeças não vão deixar o coronel mais pobre”<sup>320</sup>, é o argumento. O monge sonhou que necessitava se rodear de meninas virgens, e ninguém achou estranho. Duas foram viver com ele, uma de nove anos. A outra,

---

<sup>318</sup> SASSI, 1964, p. 20, 22.

<sup>319</sup> SASSI, 1964, p. 28.

<sup>320</sup> SASSI, 1964, p. 30 e 31.

de 11, era Teodora, a neta de seu Zebinho, aquele que via a cidade santa na lâmina do canivete.

Zeferina Papuda e seu filho Nenê, pela estrada afora, catando na eira dos caminhos diamantes, turmalinas, turquesas, esmeraldas, rubis. Vão encontrar São José. Ela contava histórias de tranco e juntava riquezas que ninguém enxergava, embora tantos deles viessem a ver, por boa vontade ou por força, mais adiante, o Monge cavalgar entre nuvens. Todo pedaço de cobre, cada caco de latão e pedrinhas que brilhavam enfiados na trouxa de pano, e ela seguia viagem, segurando o bócio, ao lado de Nenê. A parteira Delminda dava de comer aos dois, que lhe pagavam com dúzias de topázios. A mãe e o filho dormiam juntos para se aquecer, a noite era gelada. “O cobertor *catarina*, curto e ralo, não podia proteger a ambos”. Então, conte uma história, mãe, Nenê pedia. E a “noite encurtava de tamanho”<sup>321</sup>.

Taquaruçu era uma Canaã organizada na segurança do monge, com sua cavaleiresca guarda de honra e sob o comando de um estado maior: Praxedes Gomes Damasceno cuidava dos negócios e finanças; Joaquim Vidal respondia pelo abastecimento da irmandade; seu Zebinho, pela nutrição das almas, e havia também Chico Ventura, o chefe da valentia, e todos queriam guerrear. “Ainda é cedo, meus filhos – dizia o profeta”<sup>322</sup>. Mané Rengo não acreditava em santo que rogava pragas. Ia ficando, por não ter para onde ir. Mané Rengo será a voz que desconfia, questiona, desdenha até – mas sempre sem levantar o tom. Mané Rengo não tem a fala de comando, não incomoda. Diferente do monge, que convencia a todos e ao mesmo tempo deles se diferenciava, marcando uma distância do mundo comum, física e emblemática: o raizeiro contador de histórias não cortava os cabelos, mas ordena que os irmãos mantenham a cabeça raspada. Não importa aqui saber se os rituais cotidianos dos redutos na floresta vieram depois dos eventos de 1912, mas me interessa a associação entre a imagem do Monge e a marca forte de Antônio Conselheiro. É, ainda, aquele retrato que Euclides da Cunha fixou em oximoros. O monge, o beato, mais que um incompreendido, é um incompreensível, um ser que não cabe em si, o duplo, o desdobrado. Quasímodo e Hércules, benzedor e assassino, perverso e acolhedor.

---

<sup>321</sup> SASSI, 1964, p. 35 (os dois fragmentos).

<sup>322</sup> SASSI, 1964, p. 38.



O coronel manda vir da capital uma força para desalojar o monge e sua gente que, sem revidar, tocou-se para o Irani. “Quando chegar o tempo, eu volto”<sup>323</sup>, prometeu José Maria, dispensando o povo. A maior parte, porém, o seguiu para os campos de Palmas, evidenciando a construção de uma fiança entre ele e os devotos, herdada aos beatos precedentes com quem foi confundido ou se confundiu. Os jornais do Paraná fazem campanha contra os invasores catarinenses, exigem providências. Para enfrentar o coronel João Gualberto, os caboclos tinham mágicas espadas de madeira, patuás de reza forte, e para curar toda ferida, o bálsamo de Ferrabrás, o santo remédio que o monge copiou das histórias dos Pares de França. Em fuga do Irani, escaparam Mané Rengo, sua mulher e os amigos: Liveira e Júlia, grávida do menino Tadeu, o velho Florêncio e a parteira Delminda.

A notícia que seu Zebinho espalhava pelo sertão, um ano depois: o monge voltou. E por ele voltaram os Pares de França, Mané Rengo e os seus, o cego Tavinho e o guia Tibúrcio, Zeferina Papuda e seu filho Nenê. Indicando o caminho, “gigantescas velas acesas, chamando o santo: eram pinheiros ardendo”<sup>324</sup>. O líder agora é o vidente Manuel, e Mané Rengo também rejeita em surdina esta santidade. Elias de Moraes, convocado por Juca Tavares, retorna a Taquaruçu e era quem registrava os moradores que chegavam. Gente que nem conheceu José Maria, feito o tropeiro Boca Rica e seus dentes de ouro.

Nenê, apaixonado ao ver pela primeira vez uma moça nuinha no banho (e nem era a moça do sabonete Araxá). Minha mãe, eu quero me casar com a princesa. A princesa desnuda era a filha de Rocha Alves que, ao ouvir o pedido formal de Zeferina, exigiu de dote a tão estranho pretendente 20 orelhas de “peludos”, e todos na corte riram da velha maluca e do seu Príncipe Valente, “provisoriamente transformado, por uma fada má, num caboclo pobre e meio doido”<sup>325</sup>. Regras de Taquaruçu: Doquinha roubou a faca de Ricarte Preto e foi castigado a mando de seu Elias pelo tropeiro Boca Rica, que lhe aplicou as devidas varadas de marmelo, para todo o povo ver. A cada qual, sua função. O cego Tavinho e o guia Tibúrcio saíam por aí, cantando, pedindo esmola e “bombeando” para o arraial.

---

<sup>323</sup> SASSI, 1964, p. 41.

<sup>324</sup> SASSI, 1964, p. 55.

<sup>325</sup> SASSI, 1964, p. 60.

Nenê era o santo guerreiro e no lugar das orelhas pedidas por dote resolveu atacar diretamente a fera que soltava “fumaça pelas ventas”, o dragão da maldade que devorou a terra de todo mundo por ali. A mãe e o filho seguem pela estrada afora, nem reparam as preciosidades faiscando no caminho, cuidam no rastro paralelo do monstro. Na estação do Erval, a toca do bicho, Zeferina de tocaia, ouvidos colados no leito da linha. O dragão “vem gritando – avisou a velha. – Decerto já tá com medo. [...] Vá, Nenê! Não tenha medo. A tua espada é benzida”<sup>326</sup>. E Nenê era uma vez.

Começa a guerra do reino. Maria Rosa, a mando de seu Elias, conduz parte do povo a Caraguatá. Os caboclos dispersos inventando códigos de comunicação por tambores de pinheiro cobertos de bexiga de boi e buzinas de chifre. Estrondo no quadro santo, o voo das balas de canhão entre morras à república, à fraqueza do governo, tal em Canudos, outros sertões. No outro dia, onde foi Taquaruçu havia o deserto. Só uma criatura vivia no meio dos corpos destroçados, Zeferina Papuda: “O dragão de ferro matou o meu menino. Êle era meio fraco da idéia, o coitadinho. Mas foi o único filho que ficou comigo. Os outros andam por aí... não me ligam”.<sup>327</sup>

Os vivos contabilizam quem se passou para o exército sagrado. No caminho para a nova cidade, seguem o cego e seu guia. Mané Rengo, sempre descrente, e seu pessoal. E a violência se faz presente dentro do próprio reduto. Os homens são cobiçosos, traiçoeiros e infiéis. Inclusive, os Pares de França. Gegé e Daniel, por exemplo, competindo pela mulata Carolina. Gegé marcando quatro cruzeiros na coronha do winchester, três para soldados abatidos, a outra para o rival. Doquinha e a inveja de Boca Rica prosperando, o ódio pelas varadas. O tropeiro protegia a cidade escondido no tronco da imbuia. No pinheiro ali por perto, Doquinha espreitava. Morto, Boca Rica ainda ria, Doquinha arrancou-lhe os dentes de ouro a coronhadas. O galante Ricarte Branco conduz a Virgem Ana ao reduto do Josefino. Um dia de viagem a cavalo, na ida. Na volta, gastaram quatro. A Virgem agora se ria sem motivo e tinha vontade de cantar modinhas.

O ataque a Caraguatá e a tática de guerrilha do povo do Monge, meter-se no mato, tocaiar, surpreender e se mudar. Seu Elias sugeriu o

---

<sup>326</sup> SASSI, 1964, p. 65 e 68.

<sup>327</sup> SASSI, 1964, p. 74.

novo local, a serra de Santa Maria, uma trincheira de espinhos e xaxins e despenhadeiros mortais, os itaimbés. Tibúrcio, o guia do cego, achou no cadáver de um soldado: ofícios com ordens do comando e muito dinheiro, o soldo dos oficiais. Escondeu nota a nota no forro do paletó. E só de noite, quando Tavinho dormia, comia as guloseimas que comprava nas bodegas enquanto o cego cantava. O cego e o leproso formam o outro par de miseráveis do romance e também acabam de modo trágico. Mas, ao contrário de Zeferina e Nenê, não havia entre eles e para com eles nenhum tipo de afeto, compreensão e solidariedade.

Chico Alonso, que era o chefe, morreu, e Adeodato tomou seu lugar. Frei Manuel era o guia espiritual. Adeodato queria ser chamado de São Joaquim das Palmas, e condenava à morte quem não visse o vulto de José Maria galopando pelo ar. O novo chefe mandou acabar com seu Zebinho, porque estaria dando azar ao grupo. E matou sua própria mulher, acusada de adultério, só para se casar com a viúva de Chico Alonso. Gasparino tinha uma pequena serraria. “– A Lumber é cria da República [...] É gente lá da Oropa que é dono de tudo, até das árvores. Não tem mais pinheiro, nem pra remédio. Vai ficar tudo que nem um deserto”. Incendiar a Lumber é vingar as árvores. Gasparino era o comandante dos meninos, que os homens se acabavam. Mané Rengo mais se revoltava. Gasparino balança a bandeira branca de São José Maria, a cada vez, matando meia centena de “pés redondos”. Os tiros cessavam, o Exército pensava que aquela bandeira agitada era uma rendição. Os soldados apertavam o cerco, os caboclos reagiam. Os veteranos de Canudos estimulavam os novatos: “Êsses jagunços daqui são iguais aos de lá: umas feras, uns diabos. Mas lá a gente acabou vencendo...”.<sup>328</sup>

A quantidade de viúvas só aumentava na cidade santa. E elas não eram alegres. Nem os homens que ainda viviam. A solução de seu Elias, seguindo ordens de Adeodato: que as mulheres ficassem em casa esperando a visita dos finados. Jovina acreditou, toda contente. “O meu velho sim, o meu Côco. O mesmo *fogo*, sabe?”<sup>329</sup>. Belmira também vai receber a visita de seu bem, lavou-se no riacho, apagou a candeia e esperou Boca Rica no escuro do quarto, seguindo as recomendações. Mas na penumbra reconheceu Doquinha. Foi punida com açoites no

---

<sup>328</sup> SASSI, 1964, p. 122 e 128.

<sup>329</sup> SASSI, 1964, p. 152.

quadro santo junto com as outras viúvas que viram e não acreditaram. Eram bocas a menos para reclamar. Eclipse ao meio dia, chuva de bala. O começo dos três dias de escuro que anunciavam o fim do mundo, dissera o Monge. O coronel Potyguara arrasa o reduto de Maria Rosa. Santa Maria se acabou. Os vaqueanos dos coronéis degolam quem tenta escapar. Mané Rengo está fugindo de novo, na esperança de levar sua gente ao outro lado do rio. Quem vai atravessar o Uruguai e sobreviver, para contar a história? O menino, quem sabe.

### 2.5.2 *Império Caboclo*

Maria Sasso Hardt (1932, Tapes-RS) entende-se com a aroeira que ela própria plantou no quintal de sua casa, sombra no estio, galhos para brincar com o bisneto, ninho, passarinho, moedas de luz pelo chão, borboletas pelo ar. Balançando na rede, em um recente verão, ia decifrando para mim o seu livro da natureza. Longe dali, o centenário Titico reencontrará o mesmo ouvido atento às histórias de sua vida, de pescaria e caçada. O que lhe disse a direção do vento, a compreensão da matemática do mundo, saber do bicho desde o rastro, a intimidade recíproca com tudo em volta, por dentro. E ensinava à menina que era eu os nomes mais bonitos das constelações. Puxo um fio pessoal para tramar com as linhas iniciais do romance *Império Caboclo*, de Donald Schüller (1932, Videira-SC). O pretexto posto na similitude mágica: *a floresta é um livro*, porque não se apartam cultura e natureza que nos arrebatam nesta aprendizagem ao desconhecido, ao impreciso e ao precário, se não durasse a persistente memória contra o osso do futuro aonde a vida, enfim, esbarra.

O romance, publicado em 1994 e em terceira edição, procura uma alternativa ao duelo batido de civilização e barbárie que também modela as intervenções sobre o Contestado e cujo núcleo permanece euclidiano. A alternativa é o deslocamento da narrativa, a partir da recorrência a diferentes gêneros de que o escritor se valeu para atuar rasurando as convenções, especialmente as que ancoram história e literatura. Schüller desenreda um produto textual cortejando o folhetim, o poema, relatórios, anúncios, notícias, anexins, uma reza. O particular em busca de uma perspectiva pessoal se distende pelas demais singularidades que povoam o coletivo do sonho com suas máscaras de temor.

Daí as interferências explícitas no apelo ao imaginário ideológico tão ao gosto dos anos 60, articulando-se a um momento da ditadura brasileira – recorte com que se volta à guerra, que segue sendo idêntica. A nova onda, com todo seu apego ao onírico e à invenção fantasiosa. Nos anos 60, era tudo o novo. O cinema, o romance, a filosofia, a arte e o povo. Todo o poder vem do povo, foi o Che ou Antônio das Mortes quem gritou a palavra de ordem. A chave do tamanho: “Mudando quem fala, muda o enredo”<sup>330</sup>, muda o mundo. A linha cronológica da narrativa entra pelos anos 80, por conta do efeito irônico da junção de autoritarismo e caricatura na cena grotesca do general presidente chutando um jornalista incômodo diante das câmeras. (Será o João Figueiredo, que preferia o cheiro dos cavalos, que disse dar um tiro na cabeça, se ganhasse um salário mínimo? Há indício objetivo. É quando o amigo do narrador, especialista em temas catarinenses, e seu óbvio interlocutor – o erudito exigente das digressões teóricas, informa que o sujeito fotografado recebendo um pontapé do presidente general preparava uma reportagem articulando Canudos, Contestado e a Guerrilha do Araguaia. A resistência armada do Partido Comunista do Brasil no centro do país, durante o governo Médici, começou a vaziar pela imprensa apenas no final da década de 70, o que vem situar a narrativa entre a abertura política do general Geisel e a véspera do século XXI).

A referência que interessa, inscrevo na trilha de Leandro Gomes de Barros. Onde se encontram Grécia e Sertão, nesses agentes mediadores do mito e intérpretes da natureza, os poetas. De Heráclito a Patativa, tudo flui. E nada se perderá. O recurso reiterado aos documentos e as citações à literatura, à filosofia e ao cinema, efetivando o palimpsesto e a colagem, contracenam com a urgência da oralidade invasiva que se tece no escrito e termina por orientar a narração de fundo, marcada pelas digitais do autor. No “Prólogo entre o céu e o inferno”, o narrador arma o esquema a partir do qual vai jogar com todas as suas fichas de leitura. A partir destes fragmentos coletados e alinhavados pelo intermitente diálogo retórico, o ouvinte leitor é chamado ao rearranjo deste império de cartas fora do baralho. O que está em jogo e perdura? Resposta rápida: a vontade de viver outra vida, talvez.

---

<sup>330</sup> SCHÜLER, Donaldo. **Império Caboclo**. 2005, p. 17.

Alfredo e Evangelina festejam dez anos de casamento com segunda lua de mel em Florianópolis. Ele é um intelectual catarinense radicado no Rio Grande do Sul. Dos cinco dias de férias, um será dedicado a pesquisas sobre o Contestado, a fim de complementar uma bibliografia do assunto. Ele nasceu lá e precisa entender o que aconteceu, explica, diante da indignação dela. Na portaria do hotel emoldurado pela Baía Norte, alguém lhe trazia documentos em um saco de supermercado, aos quais não deu atenção, até baterem à porta. Era a polícia vasculhando tudo, bruta e eficaz, na ditadura ou na democracia, querendo saber qual a sua relação com o homem que acabara de sair (e que Alfredo reconhecerá depois levando um chute na fotografia do jornal).

O enredo contextual se suspende em uma ação persecutória assegurada nos fundamentos da arbitrariedade e do absurdo, revivendo a lembrança próxima daqueles dias passados, de tormenta e dor. O casal tem a reserva no hotel cancelada e não consegue pouso em nenhum lugar da ilha. De volta a Porto Alegre, Alfredo é impedido de sair de lá. Estamos na página 14. Alfredo ficará “desaparecido” até quase o final da narrativa. Duzentas páginas depois, e no intervalo de uma década, ele continua postergando Evangelina: “Querida, conto com tua paciência por só mais algumas semanas”.<sup>331</sup>

O intelectual interrompe o texto o tempo todo pondo ênfase nas proeminências, ultrajadas por uma ironia que não deixa de trair certa ingenuidade (dele e delas) – e não é por acaso o tropeço tautológico. “A guerra do Contestado foi o maior levante popular do Brasil. Repetição de Canudos? Quem deu importância a Canudos foi Euclides da Cunha. O movimento de Taquaruçu foi mais importante do que a Semana de Arte Moderna, dez anos mais tarde”<sup>332</sup>. O narrador batuca na necessidade de medir a grandeza das nossas ignorâncias.

Nos desdobramentos do narrador, ressoa a interlocução com Euclides da Cunha. Decerto, uma tentativa de prolongar o acerto de contas com a ideia de civilização contra barbárie que nos constrange, documentada para mais 500 anos, e se revolve desde *Os Sertões*. Nas cidades santas: “Em lugar do trabalho, o milagre, que é uma forma para justificar a preguiça”, e assim ele recupera o mito do nativo indolente

---

<sup>331</sup> SCHÜLER, 2005, p. 217.

<sup>332</sup> SCHÜLER, 2005, p. 65.

sobre o qual se estruturaram imperialismos. Diz a voz autoritária deste diálogo nem tão fictício que “perdemos” a Renascença e o Iluminismo porque Portugal, em 1500, era um país na Idade Média. E a voz que lhe retruca, redutora tanto quanto: “Cogitaram de uma razão tupi-guarani, de uma razão hindu? Depois dos europeus, o mundo ficou mais pobre”.

<sup>333</sup>

Precisamente na mira desta conversa peripatética será representado o líder do combate final na floresta. Adeodato, o super-homem do Contestado, vinculado a um príncipe do teatro grego que Euclides triscou, ao montar seu sertanejo híbrido de monstro e semideus. O chefe da cidade sitiada recorre ao extremo da intolerância proibindo às mulheres qualquer manifestação de dor. No texto: “Em tempos de guerra exalta-se a força. Etéocles, versão helênica de Adeodato, baixou decreto proscREVendo a lamúria feminina”, e o outro (o mesmo?, qual outro?) contradiz: “Você mistura Maquiavel com Nietzsche, compara um matuto brasileiro com um herói grego. Exijo mais decoro na teorização”. E a resenha biográfica à moda positivista: “Ao despontar do novo século, Adeodato arrastava atrás de si o peso dos séculos passados. Era despótico como os coronéis do seu conhecimento e devasso como eles, era amedrontado e criminoso” <sup>334</sup>. Adeodato se encaixa no perfil duplo do cangaceiro e do fanático que entretiveram o sertão com suas hordas enquanto a cidade não vinha.

Afora ser “um rapaz que conhecia umas canções mui lindas” <sup>335</sup>, o líder caboclo, em ação, é um homem violento que mandou matar o padrinho, a própria mulher e vários companheiros de irmandade, entre eles, o chefe, Francisco Alonso. Na casa de Mariquinhas, eram ovinhos de jacu e copos de leite, regalos à viúva cortejada pelo novo comandante da aldeia. O império caboclo começou a ruir por dentro, aponta o debate que performa o romance. A guerra banalizada e cotidiana emerge em imagens contraditórias que nos capturam por todo lado. Estamos sitiados.

Instantâneos dos cavaleiros do fim do mundo. Francisco Albuquerque, dono de Curitiba, onde até os mortos votavam. Os vizinhos do coronel eram gente de vida curta, e foi assim que ampliou terra e domínio. “O Império do Brasil passara, o de sua linhagem estava

---

<sup>333</sup> SCHÜLER, 2005, p. 90 e 91.

<sup>334</sup> SCHÜLER, 2005, p. 223 e 225.

<sup>335</sup> SCHÜLER, 2005, p. 128.

ali, firme nas suas mãos, as mãos de ferro do Coronel”. Chefe de polícia do Paraná, “Gualberto de Sá mantinha alto o culto da pátria. Viera do Nordeste ressequido para as férteis plagas do Sul com sonhos de grandeza”. Vieira da Rosa, “Rosinha chamava-se o artista. Acariciava o pescoço antes de abrir lábios de sangue onde a natureza não previu”. “Eduardo Lima e Silva Hoerhamm, pacificador dos índios xokleng no Vale do Itajaí, assassina um índio por ser imperfeito demais”. Eusébio o disse, estamos em outro século. Quanto ao custo da modernidade, a pergunta respondida. “Unida à prepotência, a máquina agrava o sofrimento”. O império cede lugar à violência disseminada em uma novidade quente. “O fanatismo não respeita fronteiras”<sup>336</sup>. Está em todo lugar.

Novembro, 1913: o coronel Albuquerque alerta o governador Vidal Ramos sobre a urgência de combater Taquaruçu. Seis de setembro, 1914: “Quando Matos Costa desembarcou do trem, ele não sabia que estava embarcando na morte”. Quem o queria morto: a alta direção da estrada de ferro, os jagunços e os coroneis locais. A atitude de Matos Costa é tema da conversa entre o senador Pinheiro Machado e o general Setembrino – que propõe arrasar o inimigo à fome lenta. “Um militar raspar a cabeça, substituir a farda por andrajos para saber o que caboclos pensam?”. Do relatório do general: “Em vez de perseguir jagunços, como era de seu dever, andou investigando as causas da revolta, tarefa de que ninguém o encarregara”<sup>337</sup>. Oito de setembro, 1915: Pinheiro Machado nunca mais dormirá no Morro da Garça. Desceu as escadarias do palácio do Senado sob o som da vaia. O punhal de Manso de Paiva cravando-se em suas costas no saguão do Hotel dos Estrangeiros. O sol se põe.

Reescrevo Adeodato, predestinado em imagens decantadas da leitura, compilando frases que me sugerem cenas de cinema, de novo. Ele se queria São Miguel, o portador da espada nua. Neco Peppe, seu padrinho, vai morrer. Baiano. Alonso. Castelhana. Homens, mulheres, crianças. Inimigos e aliados. A cor das gargantas cortadas o persegue. Virgem, seu corpo fechado para o mundo, o seu ser aberto para “a sabedoria que vem do alto”<sup>338</sup>, e o consagra naufragando diante do deserto, na miragem de outra lenda. “Como não escrevia, fez do corpo

<sup>336</sup> SCHÜLER, 2005, p. 25; 45; 244; 243; 65; 106.

<sup>337</sup> SCHÜLER, 2005, p. 145; 182; 121.

<sup>338</sup> SCHÜLER, 2005, p. 210.



um poema, o poema-corpo que explode como bomba”<sup>339</sup>. A última cabeça cortada: a do enigmático Kaspar Hauser.

O que havia no saco de supermercado que Alfredo leu escondido no banheiro era um dossiê, encontrado na casa que pertenceu ao coronel Henrique Rupp Jr., com anotações sobre Kaspar Hauser, estrangeiro “misteriosamente aparecido e desaparecido no Contestado”<sup>340</sup>. A figura do tropeiro cantador replicada no avesso da personalidade que perturbou as mentalidades do século XIX – o homem desprovido da linguagem cultural e da natureza da fera. O homem nada, é isto um homem? (Um filme que vi há muito tempo, sobre a criança abandonada, na sala de cinema da Casa de Cultura Alemã da UFC. Recordo, de imediato, o rosto poderosamente sem expressão do ator que me tocava na incompreensão extremada que também sentia naqueles anos 80, aos vinte anos de idade. A face por trás da imagem não deixa de revelar-se outra máscara nos enredos da história alemã. Dizem, era ligado à família real de Baden, nasceu por volta de 1812 e até os 18 anos viveu encerrado e sozinho em um quarto escuro. Deixado numa praça de Nuremberg com uma carta, que testemunhava quem ele seria, foi assassinado em 1833 nos jardins do palácio de Ansbach, onde existe memorial em sua lembrança<sup>341</sup>).

Quando Kaspar Hauser vai ganhando corporidade, integrado à floresta do mundo pelos caminhos do amor de Sebastiana, é convertido em ode e expulso da narrativa, idêntico ao Pinto Calçudo de Oswald. Alguma coisa mais, da recorrente interface com os pares. Cruz e Sousa, presente em prosa na epígrafe do romance, serve sua voz mais conhecida, as aliterações de volúpias veladas e veludosas, ao poema de fonemas idênticos dedicado à mulher, o sexo explícito no nome, Vulda. E um êmulo simbolista, declamando a 500 réis na Praça XV à “imortalidade” do senador Lauro Müller. José Veríssimo, o crítico, abandona sua cadeira em protesto ao ingresso do senador, “que não escreveu um único livro”<sup>342</sup>, na ABL.

---

<sup>339</sup> SCHÜLER, 2005, p. 233.

<sup>340</sup> SCHÜLER, 2005, p. 13.

<sup>341</sup> Dentre outras opções sobre “O Enigma de Kaspar Hauser”, filmado por Werner Herzog em 1974, destaco: <http://contraposicao.wordpress.com/2011/02/14/kaspar-hauser-um-modelo-de-nao-adequacao/> (consulta em 29/02/2012). O artigo informa que o título completo do filme – “Cada um por si e Deus contra todos”, o cineasta alemão leu no Macunaíma de Mário de Andrade.

<sup>342</sup> SCHÜLER, 2005, p.27.

Notícia retirada de um poema <sup>343</sup>. João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro com sua *nega*, até que um dia, preso por vadiagem, foi obrigado a trabalhar na estrada de ferro dos sertões do sul. Demitido, virou “bombeiro” no *Império Caboclo*. João Gostoso sobreviveu ao Contestado e voltou para o Morro da Babilônia. “Ia mostrar aos molambentos que no lixo tinha energia para iluminar o Brasil”. Cadê Teresa, o barraco a chuva derrubou e o boteco virou um prédio amuralhado. “Onde sofrem os pobres, onde vivem e morrem os abandonados, onde a vida não se faz notícia, aí dorme o raro, o nobre, aí brilha o Império” <sup>344</sup>. Fala, favela. O poema de Bandeira entrou aqui na fatura do romance, inclusive a *nega* de Benjor.

No samba desenredo ao caboclo antropofágico, “apresentamos orgulhosamente a malícia como característica nacional”. A receita dialética de um outro baião de dois. Na véspera do reino, a fartura de comida e cantoria ao fogo de nó de pinho. A feijoada com pinhão da negra Terência, cozinheira de Manuel Alves de Assunção Rocha, o dono da festa, “rei da feijoada e imperador do Brasil”. Em outra alegoria do Divino, Maria Rosa coroa seu irmão Francisco rei do Império Caboclo do Brasil Meridional. No banquete tropicalista, banana de sobremesa e a Virgem berrando a atenção do fotógrafo. O tenente Kirk sobre a floresta. “Estou perdendo altura. Bum” <sup>345</sup>. A lição do carnaval. Enquanto isso, na ala das baianas. Venuto escolheu dentre os seus pares os mais belos, travestidos de prenda numa rocinha de milho. A fumaça da pólvora, a corneta a bradar no Boi de Reis de Quixeramobim. *Eu vi Antônio Conselheiro, lá no alto da Bahia*.

Rondó romântiquinho. “O sol ardia, Aninha fervia. Elias cortava lenha, Aninha fervia. Dulce capinava, Aninha fervia. Elias matava formiga, Aninha fervia o feijão. Ela tinha cinco aninhos e fervia o feijão”, o fogo pegado na saia de chita da Aninha, que morreu torradinha, fervendo o feijão. No reduto de São Miguel, “Laurinha tinha cinco aninhos e não tinha o que comer. Dor de barriga tinha, vômito tinha, comida não tinha, não”. O sangue do derradeiro boi abatido pingou em Laurinha, ela se lambeu, Adeodato não gostou e bateu na

---

<sup>343</sup> O “Poema tirado de uma notícia de jornal”, de Manuel Bandeira, pode ser lido em vários sítios na internet, bastando digitar no buscador o verso inicial: “João Gostoso era carregador de feira livre”.

<sup>344</sup> SCHÜLER, 2005, p. 174 e 241.

<sup>345</sup> SCHÜLER, 2005, p. 81; 36; 211.

bundinha de Laurinha, a mãe de Laurinha não gostou e mordeu a mão de Adeodato que se abateu pesada, “e as duas ficaram juntinhas, mortinhas no chão”. “Atrás de um pinheiro de quinhentos anos vigiava o filho do Dentinho, e o Coronel não sabia. Esperou semanas e meses, e o Coronel não sabia. Vivía para aquela morte, a morte do Coronel”.<sup>346</sup>

Mágico, foi assim que Matos Costa encontrou jeito de chegar onde o povo estava na floresta. No sul, a palavra tem a mesma conotação que benzedor ou rezador no nordeste, o narrador explica. O capitão procurou identificar-se com o mais popular médico caboclo, João Maria. Ou com os monges que andaram o sertão com este nome. E a continuação deles, o que obrou milagres utilizando-se do conhecimento das ervas medicinais. Em contraponto à medicina popular sertaneja, o autor insere a propaganda da indústria da saúde que dava seus primeiros passos no começo do século XX, em anúncios de forte apelo popular, através do desenho e das quadrinhas que apresentavam os benefícios de elixires, pomadas e loções em reclames nos periódicos. Os curandeiros de aldeia cediam lugar aos produtos prontos e embalados, que permanecem apelando ao maravilhoso e ao milagre – com a garantia da ciência e o aval racional da técnica. E o movimento dos caboclos, assim como fora Canudos e seria, na mesma época do Contestado, a Sedição em Juazeiro, o sintoma de que algo vai mal. O sertão era o entrave doentio, o local do atraso, o tumor que perturbava a nação. A extirpar.

Na tradição mais antiga do sertanejo, o mal é o que sai da boca do homem. Por isso, o cuidado com as palavras, evitando pronunciar o nome da doença como método de prevenção e inovando a linguagem com a invenção de circunlóquios. Mas a palavra também carrega o poder da cura. Daí as rezas, as orações de proteção, de fechamento de corpo. As benzedoras da casa de Madrinha Dodô, aliviando os males pela palavra e sacudindo ramos verdes, nesta mescla de catolicismo e pajelança. Costumes que ainda resistem ao tempo. Uma das coisas que minha tia avó Domitila mais temia era vento encanado. Dizia-se também, de alguém doido, que pegou muito vento na cabeça.

O vento, o ar, o hálito, como se proteger do que nos cerca, como conjurar o mal que espreita? O romance é finalizado, em cada uma das cinco partes, com a recriação de um esconjuro ao vento mal, recolhido

---

<sup>346</sup> SCHÜLER, 2005, p. 103; 221; 222; 243.

em manuscritos sertanejos. Embora escrita, a força da palavra dita se transfere ao signo que soa em som, ao levantar da cabeça. O vento que traz a guerra, a peste, o crime. A oração tem o poder de mandar o vento soprar em outro lugar. “Ar do vento, ar da terra; ar da luta, ar da guerra; acalma-te, ar, vou te amarrar”. “Ar da febre, ar da pontada; ar do tiro, ar da facada; não assopreis aqui, assoprai no mar”. “Ar do medo, ar da fuga; ar da inveja, ar do crime; eu vos ordeno, ares pestilentos, ventar em outro lugar”. A quadra enxertada: “Ar das imbuías, ar dos pinhais, ar dos penhascos, ar dos peraus, trazei-me o século novo, que os tempos são maus”<sup>347</sup>. (Do conto de Oliveira Paiva, “Ar do vento, ave-maria”, escrito em 1887. “E o vaqueiro da fazenda, que acabava de encilhar o seu cavalo de campo, foi montando e dizendo: – O que a mulher tem é o ar do vento... – Ave Maria – concluiu o outro se benzendo”<sup>348</sup>).

As mulheres, no romance, são ventania, forças da natureza, fúrias, vendavais. Ateiam incêndios. Das Virgens, aqui vão duas. A de invenção, vidente Constantina, que foi ficando puríssima e se esqueceu dos outros homens por amor de Olivério, um negro da Rocinha. Um fogo ardia em Maria Rosa, que tinha 14 anos e tentava Joaquim, enquanto tomavam banho de rio. Subia a saia, ele nem via. O desejo dele, sua imagem e semelhança. “Joaquim atraía os moços, eram dez, eram vinte, eram trinta”. Serenada, 40 dias depois de se meter na floresta, ao banho de luz nos paredões da serra, agora de vestido branco, a Virgem de São José. Maria Rosa curava colocando uma pedrinha na testa do doente. De mudança para Bom Sossego, a palavra dela, cheia de graça. “Aqui não nos persegue a febre nem a peste republicana. Aqui tudo é nada”<sup>349</sup>. Maria Rosa, o rosto cor de pinhão no espelho que Matos Costa lhe deu.

Um batalhão de mulheres no rumo da cidade santa, indivisas pelas tisanadas ao pó da estrada. Vieram de Canudos, as santas pardas de uma fotografia? Vinham do bordel abandonado com o fim da estrada de ferro. No comando, uma velha magra e banguela de apelido Beija-Flor. Operária em São Paulo, lutou por dignidade e contra o abuso às trabalhadoras, o mau salário, as péssimas condições, o assédio. Demitida, reaparece semanas depois, “lábios pintados, saia justa, cabelos frisados, sapatos de salto alto, olhar matreiro. Eras o demônio

<sup>347</sup> SCHÜLER, 2005, p. 51; 99; 212; 250.

<sup>348</sup> O conto de Paiva encontra-se em Domínio Público. Ver referências.

<sup>349</sup> SCHÜLER, 2005, p. 78 e 130.

das noites do Vale do Anhangabaú”<sup>350</sup>. Na trilha do trem, desencantou na floresta.

Fogo na noite, a serraria em chamas. Christabel, a mulher do diretor da Lumber, lia Nietzsche na floresta, há três anos prisioneira entre criadas mulatas, macacos, onças e cobras. Vontade de poder. E o suor nos braços nus dos homens morenos que invadiram sua casa. Agora, não quer mais voltar. O diálogo final com o marido, Robert. Diz, sei que sou livre. “Nada segura o incêndio. O incêndio e a floresta”<sup>351</sup>. Hulda está queimando por dentro. (As mulheres, no romance, ardem de insatisfação). Hulda e o desejo por Alemão (o traidor), seu cheiro de floresta. O sexo, vegetal de raiz.

Etelvina Pereira Batista, cabocla de Campos Novos, professora em Curitiba. Por amor a Castelhana, aquele que incendiou a cidade, ela foi parar no reduto. Solteira, ficou na Casa das Virgens de Adeodato. A casa, um quarto de receber os ressuscitados do Exército Encantado de São Sebastião. Adeodato ficava, para ver o milagre acontecendo. “Mulher visitada por ressurreto, quando se levantava da cama, era virgem. Cada visita a deixava mais iluminada. O milagre era assim”<sup>352</sup>.

Não existe pecado. Frei Inácio “fazia de tudo para ser um deles. Mas preferiam as ervas do charlatão José Maria”<sup>353</sup>. Martirizando-se por Gretchen, cruzando prazer e dor. Na ponta da espada do caboclo: “Anda, corvo”, como insultaram frei Rogério, a quem acompanhava. A floresta, a barbárie, tem que ser detida? Não pode. Outro monge aparecido em Blumenau, Miguel Maria. Ele e a mulher vivendo nus no descampado.

Boletim de ocorrência. O último fogo. A propósito do estupro cometido por José Maria, em 1908, contra Eronita Abrantes, candidata a miss pelo município de Ponta Grossa. Hóspede do Hotel Guaira, encontrou por acaso no saguão o ex-soldado da Guarda Nacional e campeão estadual de tiro ao pombo. Foi abatida com o olhar que ele lhe deu. Toda úmida, aceitou convite para tomar um refresco no quarto do acusado. Lembra de um forte abraço na cintura e nada mais. Perdeu os sentidos. Exige reparação.

---

<sup>350</sup> SCHÜLER, 2005, p. 74.

<sup>351</sup> SCHÜLER, 2005, p. 247.

<sup>352</sup> SCHÜLER, 2005, p. 228.

<sup>353</sup> SCHÜLER, 2005, p. 21.

O eterno retorno do homem. “Um dia ainda darei razão aos que afirmam que o mais profundo é a pele, que além da superfície não existe nada, que o cosmético é tudo, que a sabedoria é da mulher”<sup>354</sup>. No epílogo, a ária da mulher primeira, diaba e anja Evangelina, fechando o naípe feminino com sua chama. O que foram aqueles dez anos do marido entre papéis, a queixa. Ela, como a poeta confrontando-se ao espelho, não se reconheceu. O monólogo de Evangelina tangencia Molly Bloom.

O povo do santo. “A revolta tinha que acontecer e aconteceu. Eclodiu em vários pontos: Canudos, Padre Cícero, Contestado”. O povo não era santo. Método de tortura: a estaca. “Os fanáticos enfiavam uma estaca na terra e suspendiam o espião pelo queixo”<sup>355</sup>. O tenente Aparício Santos, no vale do Timbó, foi servido em um banquete descrito faz três séculos por Hans Staden. O tenente foi amarrado, puxado, sob xingamentos e chutes, coices, pedradas, e as velhas, azunhando, lambiam o sangue derramado. Antropofágicos.

Para ilustrar a fidelidade histórica, a anedota sobre o diário de bordo de Cristóvão Colombo. Eram dois, o falso, encurtava as milhas navegadas, para acalmar os marinheiros. E era mais preciso que o verdadeiro. A invenção prevalecendo sobre a eficiência da técnica. Imaginemos, pois. A voz de José Sebastião Maria, o José do Rio, profeta. “Fanatismo é o que ficou de fora, o que está à margem, as grandes ideias, a fé num mundo melhor, a ressurreição, o novo século”<sup>356</sup>. A luta continua. José do Rio pregava, o império está dentro de vós.

Era uma vez, um faroeste americano. “A bandeira estrelada descia vitoriosa pelo continente”. “A floresta cai, o Brasil se torna uma nação civilizada”. “O grande reduto de Caçador caiu. O fogo dançou na cobertura de mil ranchos”; “Vivi de ratos, farinha e guerra. Soldados como formiga”. “Os caboclos, ameaçados e famintos, em lugar de conquistar simpatias, espalhavam terror”. O pavor aos retirantes. “Ninguém segura o homem que resolveu avançar”. “A guerra começou há muito tempo e não acaba. Somos sempre mais do que pensam. Sempre sobra gente para continuar”.<sup>357</sup>

---

<sup>354</sup> SCHÜLER, 2005, p. 217.

<sup>355</sup> SCHÜLER, 2005, p. 95 e 82.

<sup>356</sup> SCHÜLER, 2005, p. 108.

<sup>357</sup> SCHÜLER, 2005, p. 136; 169; 199; 202; 203; 249.

### 2.5.3 *Romanceiro do Contestado*

O contato zero com o sertão messiânico do sul me aconteceu no filme cujo título, em princípio, sugeria pornochanchada. Vi “A Guerra dos Pelados”, de Sylvio Back<sup>358</sup>, em uma das memoráveis e vazias sessões de cinema nacional fora do circuito, promovidas pela Casa Amarela da UFC nos idos de 80. Muito antes de qualquer pensamento que me levasse a um projeto de pesquisa entre a literatura e o jornalismo cotejando os sertões. Quando foi a hora, e sentindo por onde começar, após a leitura inicial do livro de Marli Auras, deram a mim este poema de Stella Leonardos (1923, Rio de Janeiro), publicado pela editora da UFSC em 1996. Assim como no romance lido há pouco, muitas vezes se alternam neste relato, de vez que ela consegue perfazer sua dicção musical em contraponto a fragmentos revirados de todo tipo de documento com que nos deparamos até aqui, ensaio, novela, notícia, manuscrito, publicidade. E, além do mais, trabalhou beirando o risco da encomenda, ao intercalar a narrativa oficial inscrita nos monumentos fincados por todas as cidades onde há cem anos a Guerra do Contestado começou.

(O que me leva a refletir sobre a desapropriação da história, que é como se me apresentou o memorial à Batalha do Jenipapo, um episódio das lutas pela independência do século XIX, construído no lugar onde um exército sertanejo misto de piauienses e cearenses lutou contra as tropas portuguesas comandadas pelo general Fidié. Construído nos anos 70 pelo Exército, em honra dos heróis nacionais! Passei por lá a caminho de São Raimundo Nonato, em busca das inscrições e gravuras nas pedras da Serra da Capivara. Fica na margem da estrada, no município de Oeiras, no Piauí. A arquitetura de cimento armado em linhas retas se camufla na paisagem da caatinga. Nos fundos do prédio, ao céu azul, o modesto cemitério ainda venerado, há flores de papel nas pequenas cruces pretas, imagens de santos, o derretido das velas recorrentes tapando o chão sagrado).

O exemplar que possuo traz a seguinte dedicatória: “Aos muito queridos Côca e Virgílio, irmãmente, este Canudos do Sul. Afetuoso

---

<sup>358</sup> Em 2010, Sylvio Back lançou o documentário “Contestado: Restos Mortais”. São 3h53min com o transe de 30 médiuns que o cineasta levou “ao palco da luta”, como diz em reportagem sobre o filme.

abraço da Stella (Leonardos)”<sup>359</sup>. No *Romanceiro do Contestado* estava um indício do caminho a seguir, perseguir a intercessão viva com a poesia oral, que a autora realizou embalada na peleja com o poeta popular. Escandida na métrica do repente, esta dicção periférica escolhida para incorporar a voz da revolta e o grande clamor contra a injustiça abre-se ao maravilhoso romanceiro de Leandro Gomes de Barros, engastando no texto versos de um dos seus folhetos mais famosos, a batalha do Par de França Oliveiros com o turco Ferrabrás.

A palavra de Leandro Gomes de Barros acena à personalidade contraditória, lúdica e guerreira, santa e perversa, do monge José Maria, que a poeta faz coincidir ainda com a imagem lendária do boitatá, chamado “Quer-que-é”, na ilustração de Zumblick. O recitativo se organiza em sete cantos, cada um distinguindo uma qualidade (ligada à fugacidade e ao efêmero) de um céu azul. O movimento inicial, em redondilha maior, rimas toantes, ritmado pela repetição do verso que introduz a cada estrofe uma convocação da floresta enquanto passado, interrogando à memória. “Teu avô: que te contava/ da Guerra do Contestado?”<sup>360</sup>. O que importa ser lembrado na história dos vencidos não tem prazo de validade.

Os recortes que espelham cada página poética servem de lastro à intervenção da artista. O poema dialoga com eles, interferem-se, referem-se, acrescentam-se, modelam-se, expandindo a trama de significados. Mas, todo lastro pesa. O primeiro desses aportes faz parte do texto constante nos monumentos construídos por um ex-governador e serve de motivo à “Anti-ode” que anuncia a palavra indignada que articula o canto coletivo. O texto comporta um enfoque didático, ensaístico e informativo, com a inclusão de notas explicativas – como, por exemplo, o nome atual de localidades à época da guerra, a elucidação de algum regionalismo ou termo em voga no tempo. O caso de “bombeiro” é diferente. Há um poema com este título, um diálogo. Ao ser inquirido, o informante faz o relato da sua vigilância. Em seguida, uma transcrição de dicionário, versificada, define a expressão.

---

<sup>359</sup> O livro tem outra dedicatória. “Prezada Eleuda: Havendo você nos dito q. está p/ pegar o rumo de Floripa, tiramos este daqui da pilha q. destinamos à Biblioteca Pública de Limoeiro do Norte, p/ q. V. dê início à aproximação entre Canudos e Contestado – ambos no ‘C’. Abraço. Virgílio Maia” (06mar.2007).

<sup>360</sup> LEONARDOS, Stella. **Romanceiro do Contestado**. 1996, p. 13.



O eu poético incorpora o estado de rebeldia ativado pelos beatos caminhadores. O monge guerreiro foi conjurado no que faltava ao andarilho João Maria e seu duplo, para quem, por companhia, era bastante a natureza, a presença humana acolhida somente no instante da cura e da prece: “chimarreando em solidão/ só de noite, ao pé do fogo,/ deixava vir o cabloco [*sic*]/ para o coro da oração”<sup>361</sup>. O monge, o beato, os santos peregrinos e enigmáticos anunciadores do fim do mundo, como se houvesse uma articulação sutil, um tipo de comunicação em suporte ainda mais imponderável do que propõe a tecnologia, aparecidos pelos sertões do Brasil no mesmo tempo de passagem, diga-se: da monarquia à república, do trabalho escravo ao assalariado, da migração do sertão para as cidades. O zelo pastoral do Padre Ibiapina radicalizado por Antônio Conselheiro, contemporâneo das curas de João Maria e do milagre da beata no povoado cearense. (O milagre é o Padre Cícero, luzeiro de neon na bandeira verde da chapada).

Os fatos da guerra vão se conformando em um discurso sertanejo, por via da prosa entre dois moradores de Curitiba – nem coroneis, nem jagunços, mas compadres que se visitam ao longo do poema e compartilham informações, permeadas por expressões de cumprimento, sincopadas, a palavra enxuta precedida pelo roído latim de missa, um ruído, *‘Í vem, ‘Sus Cristo! Lao Deos*, entre cuias de mate, comentários sobre o tempo e as novas dos combates na mata. “Guarda este fumo de rolo:/ é forte feito os caboclos”<sup>362</sup>. Não é uma voz neutra, como se pode inferir do versículo citado, é o propósito de equilibrar-se, embora outro, na posição solidária da mesma fraternidade.

Ó de casa! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. A fórmula de cumprimento para um sertão que ficou imune à mudança somente no romance regional e na música de Luiz Gonzaga, enquanto obras de arte, caso sejam. O poema consegue dar conta desse universo cultural a partir da conversação que encorpa, por força da palavra, as gentes das cidades santas e suas casinhas de madeira embandeiradas com a imagem do Divino. (Em outra dimensão temporal, os desapossados debaixo de lonas pretas na margem das rodovias ou nas terras que um dia, talvez. Contra o céu de anil, a bandeira vermelha da mesma repetida guerra,

---

<sup>361</sup> LEONARDOS, 1996, p. 33.

<sup>362</sup> LEONARDOS, 1996, p. 163.

nenhum misticismo envelopando as três consoantes da sigla sob a qual se valem. No assentamento do MST em Quixeramobim, certa feita, na sede da fazenda desapropriada, velha de dois séculos, construída por um português devoto de Santo Antônio. A imagem do santo em azulejo invisível, coberto de tinta em cada coluna que sustenta a varanda).

A fita branca. “Olho pro céu/ com meu chapéu/ protegido:/ olha a medida!”. A medida, aqui, usada como distintivo e não como instrumento ritual, de uso restrito do rezador. A fita branca da medida do Monge, posta à vista na aba do chapéu, sinaliza a derradeira proteção contra a violência bem articulada entre as diversas forças sociais que confrontaram interesses. Falam por si as recorrentes cenas dos cadáveres enterrados sob a linha férrea, do assalto aos trabalhadores e sertanejos. A impunidade dos crimes, o medo, revides de desespero e vinganças dormentes. “Sertões de nascentes ódios./ Um arsenal, cada homem,/ nesses tempos marginais”.<sup>363</sup>

Orientam-se. A prece à guarda do Anjo Custódio, os crentes de bruços, iguais aos islâmicos, invocando a Santíssima Trindade, os Apóstolos e o Sol. (A dança masculina sergipana, que vi numa mostra de culturas populares. Chamada “Parafuso”. São dervixes caboclos a girar. De chapéu cônico, de saia, o corpo em rodopio acelera até restar só movimento, círculos girantes, indistintos o homem e o pano envolvente). E, ainda, na ladainha desta miscelânea, a oração de fechar o corpo, idêntica reza forte impressa nos folhetos da Casa dos Milagres de Juazeiro. “Ar vivo, ar morto, ar do dia,/ ar da noite, ar do sol, ar da lua:/ saia do meu corpo pra fora!/ São Marcos abrande o ar do meu corpo!”.<sup>364</sup>

Se havia razões de sobra para acompanhar o fiapo de esperança projetado pelos monges, aos trabalhadores expulsos da terra, artesãos que perderam o negócio para os grandes empreendimentos, oprimidos de toda sorte, o que dizer de quem veio movido apenas por um desejo íntimo, nada de fora parecendo afetar sua decisão? Aqueles que permanecem até o fim pela causa, por acreditar. “À essa gente que vinha/ agregou-se Seu Zêbinho/ respeitado homem de bem/ que já fora negociante”. Tratou de vender o que tinha, juntou a parentela toda e tangendo oito burros com o necessário foi dos primeiros a repovoar

---

<sup>363</sup> LEONARDOS, 1996, p. 57 e 41.

<sup>364</sup> LEONARDOS, 1996, p. 186.

Taquaruçu, ainda no ano de 1913. O bem que lhe bastava, o canivete precioso. A família tinha visões. “Certo dia, ao pôr do sol,/ uma das três netas dele/– cuja graça era Teodora”<sup>365</sup>. Ave, o monge pelo ar.

A mudança, a realização do sonho e a organização da comunidade. Tudo isso no prisma do verso, ao corte da rima sugestiva nascida com a urgência poética do repente. Um dos momentos mais ilustrativos desta combinação bem dosada de reelaboração histórica ao ritmo da cantiga popular está em uma cena crucial da luta. O primeiro combate do Irani. O batalhão urbano de João Gualberto segue auxiliado pelo tropeiro Roque. O uso onomatopaico do ofício de Roque, em consonância com o nome da personagem, do movimento da tropa na estrada e com o som repetido da metralha em ação. “Tro-pe, tro-pe, trope, trope./ – Cuidado com teu transporte!/ Atenção, tropeiro Roque:/ tua mula traz no lombo/ metralhadora de porte/ e caixa de munição”. O guia, conhecedor do terreno, por azar ou por malícia deixa o material cair na água. O acidente nem atrasou a polícia, que veio enfim e decidida. “Eles rezavam ainda/ quando os soldados chegaram./ E sem compreender olhavam/ aqueles soldados vindo”.<sup>366</sup>

Trechos da história segundo o Estado Maior do Exército Brasileiro se conjugam a uma ciranda fora de moda. Um eco de rataplãs na marcha dos soldados da cabeça de papel. “No rastro da jagunçada!/ Avante, meu batalhão!”. A ordem peremptória no caderno escolar da velha infância. O batalhão avança, a cidade santa sumiu. No Rio de Janeiro, o advogado Diocleciano Martyr e seu habeas corpus para os caboclos. Não há corpos. Os sertanejos reivindicam a guerra na palavra de ordem que denuncia: “nós num tem direito de terras”.<sup>367</sup>

“Não temo tiro nem bomba./ Com minha bandeira branca/ se traço três cruces no ar/ cinqüenta soldados tombam/ na hora de pelejar”; “Súbito o céu/ se fez mais longe”. Caraguatá acabou. Cena parelha àquela em que Euclides flagra os soldados rindo de um menino com um quepe enorme enfiado na cabeça, antes de alguém perceber que metade do rosto lhe faltava. A falta de compaixão, respeito, solidariedade, estes elos necessários à vida em conjunto amortecidos na euforia viciosa da violência, ao não colocar-se – na pele do outro é querer muito – no mesmo nível do seu olhar. Mire, veja. Por isso encapuzam os

<sup>365</sup> LEONARDOS, 1996, p. 85 e 86.

<sup>366</sup> LEONARDOS, 1996, p. 72 e 75.

<sup>367</sup> LEONARDOS, 1996, p. 83 e 110.

prisioneiros, indiferenciados no macacão amarelo de Guantánamo. O vilipêndio ao corpo do morto é uma tragédia desde os gregos. O corpo ex-voto. “Soldados, olhai, soldados,/ o que foi vida, no chão:/ cabeças longe dos corpos,/ os braços longe das mãos,/ as pernas longe dos braços”<sup>368</sup>.

Maria Rosa, “as alvas nuvens figuram/ uma donzela a cavalo”. Quem aparece cavalgando nas nuvens é o Monge e assim a Virgem foi com ele equiparada. Sua cabeleira semeando constelações, o poder de encanto reiterado no poema, seguindo o percurso da sua ascensão e queda. Ao contrário da guerreira disfarçada de homem, Maria Rosa ostenta feminilidade no comprido cabelo belo. “Nos seus cabelos de sombra/ assombros longos e soltos”. “Pr’onde vai Maria Rosa/ os longos cabelos soltos?”, aos campos de Bom Sossego. Maria Rosa e a santidade perdida, “caídos cabelos longos”<sup>369</sup>. Enredada em sua teia.

A estratégia de pacificação do capitão Matos Costa se expressa em quadrinhas perguntadas, ao modo de adivinhas, bandarras. Quem é o moço simpático nas vilas santas, vendedor ambulante, ajudante de mágico, escutando os caboclos com tolerância. E a elegia para o capitão assassinado. Quem recolhe seu corpo? O mesmo sertanejo que o alertou na estação de São João dos Pobres. E ele tem seu nome revelado: Generoso da Silva.

Em Santa Maria, as montanhas eram de beiju e nos rios corria leite, “– Vamos pra lá, meus irmãos!”. Era Adeodato quem mandava, indiferente à realidade da guerra do general. “Setembrino era seu nome/ A sua estratégia: fome”. O povo dispersado. Adeodato preso. O “quero quero de Lages” vai fugir. Como os poetas do repente, que escolhem para si nomes de aves, na simbologia da transferência do poder do canto, a intimidade com o sentido da palavra até o contágio imediato. A liberdade, cantiga de caboclo. O último canto aborda a persistência da narrativa, transmitida ao viajante leitor por uma jovem, cuja palavra final retoma a promessa do antepassado mítico. “Ele vai voltar pro povo/ algum dia. Do Taió”<sup>370</sup>. A contadora de histórias provoca a abertura ao compromisso com o todo, que nos acolhe.

#### 2.5.4 *Glória até o fim*

<sup>368</sup> LEONARDOS, 1996, p. 107; 112; 115.

<sup>369</sup> LEONARDOS, 1996, p. 116; 119; 127; 158.

<sup>370</sup> LEONARDOS, 1996, p. 189; 176; 235.

No final da prolífica “safra 90”, a que mais rendeu literatura baseada na tragédia sertaneja catarinense, foi publicado o romance *Glória até o fim – espionagem militar na Guerra do Contestado*, de Telmo Fortes (1952, Santo Ângelo-RS). Se os textos ficcionais trabalhados até aqui buscam a multiplicidade da abordagem – na abrangência que possibilite outras leituras para perceber os desdobramentos da questão, este autor tomou a si ser a voz ou, melhor, o portavoz da oficialidade, proposição explícita desde o título com o timbre do vencedor e que o conteúdo reitera. Os protagonistas não são os caboclos, as lideranças políticas muito menos, nem a elite da região, segmentos amalgamados e responsáveis pela ignorância (leia-se misticismo), corrupção e atraso. Tanto a verdade quanto a justiça e consequentemente a civilidade da nação estão do lado de cá do traço que difere a íntegra instituição militar da corruptível sociedade civil.

Como leitura recreativa com algum tempero histórico, sustenta-se o arcabouço envolvente. Mas a capa do livro, embora em acordo com a ideia que anima o texto, é atroz. Um cinzento sujo destaca a sombra em perfil de um homem debruçado sobre o que, em primeiro plano, parecendo um camafeu, é o cabeçalho de um documento que se lê com dificuldade, “Mappa do Theatro de Operações das Forças Federaes no Contestado”. Em tipo maior, o nome do comandante em chefe e sua patente de general. Em desacordo com o desenrolar do conflito, três anos ao longo dos quais diversas forças combateram sertanejos desarmados e perseguidos, este atestado posto desde a entrada quer ser prova da competente estratégia militar e do trabalho da equipe técnica responsável pelo mapeamento da região, possibilitando o avanço final das tropas. Sem levar em consideração o fato, em que tantas fontes coincidem, de o acesso aos redutos espalhados pela floresta ter sido facilitado pela delação de Alemãozinho.

Fortes explica o motivo que o levou a escrever sobre esse momento histórico em uma nota prévia. A guerra, diz, entrou em sua vida através das lembranças do avô, que fora “modesto anspeçada” no contingente que arrasou o vale do Santa Maria em 1915. As memórias do antigo soldado raso narradas pela autoridade do velho sobrevivente formaram o imaginário do escritor e são dados significantes de sua história particular, por certo modulando a admiração e o respeito à caserna, evidenciados no livro, e delimitando os outros possíveis que se

abrem com a formulação de uma qualquer narrativa, aquela ciência de que somos a história contável de cambiantes personagens.

Mas não vem dos seus verdes anos o modo de recontar a guerra do avô. A própria ausência significativa dos modestos soldados, tão caboclos anônimos e solertes quanto os adversários, o diz. O romancista não foi em busca de nada do passado. O que ele apresenta na forma ágil da novela policial (da qual se faz roteiros para filmes bem rentáveis) é uma maneira de como pode ser justificada a arbitrariedade que sonega o estado de direito e sustenta a opressão, uma tese para embasar ditaduras. O conceito enviesado no discurso dominante da voz autoral vem perigosamente bem embalado no estilo eficiente de quem sabe manejar a urdidura do romance contemporâneo.

O romance, com tanta sugestão de relatório militar, começa pondo as cartas na mesa, isto é, demonstra o que vê a figura sombria da capa, o mapa da região localizando na concisão da escala cada vila e cidade, os rios, a estrada de ferro, os campos de batalha. Este, o cenário. A primeira imagem é do acampamento da tropa na selva, em um entardecer. “Um estonteante céu azul escuro, apedrejado de estrelas, cobre a serra”<sup>371</sup>, revestida de “araucárias angustifólias” por onde voa o urubu rei. Os soldados, de cócoras, “à moda índia”, esperam a comida. O tenente Milton, sextante em punho, vai medindo céu e floresta, tomando nota, concentrado, observado pelo cabo Mendes que também repara nos soldados mangando do tenente e seu incompreensível maquinário – a maioria deles, caboclos rudes, valentes e fiéis. O uso do verbo “mangar”, no sentido de fazer chacota, caçoar de alguém, de uso corrente no Ceará, foi utilizado com o mesmo significado pelo cabo português, cuja história é a seguinte.

Sentou praça para tentar encontrar a meia irmã Olinda Nathália, que fugiu do pensionato em Santos onde vivia depois que o pai os abandonou e voltou a Portugal. O jovem cabo pensava naquela guerra como o “morticínio de pessoas miseráveis, com envolvimento de gente da política e estrangeiros metidos em negócios de milhões”. Será o parceiro incondicional do tenente Milton (personagem inspirado em Matos Costa, que também aparece na história, como se verá), designado para formar um “núcleo especial de esclarecimento”<sup>372</sup>, em outras

---

<sup>371</sup> FORTES, T. **Glória até o fim**: espionagem militar na Guerra do Contestado. 1998, p. 13.

<sup>372</sup> FORTES, 1998, p. 24 e 23.

palavras, um reconhecimento prévio do terreno para não se repetirem os erros táticos de Canudos, segundo o entendimento de seus superiores. O tenente Milton, assim como Matos Costa e o engenheiro militar Euclides da Cunha, defendia a instrução como única alternativa à “ignorância” do povo (materializada no fervor religioso). O tenente é o arquétipo daquela hierarquia média militar que, nos anos 30 do século passado, tentou chegar ao poder, o que só conseguiram três décadas e algumas estrelas nas dragonas depois.

A argumentação sobre os fatos do Contestado que embasa o romance se concentra no terceiro capítulo, no qual o narrador – ou, implicitamente, a personagem de ficção descolada a partir de Matos Costa (e, mais longe, em Euclides, também morto de maneira trágica) – faz um diagnóstico da superstição, considerada por ele “uma das maiores dificuldades dos países da América Latina para equacionar e resolver os seus problemas de desenvolvimento”. O retardo devendo-se aos resquícios, deixados pelos antigos colonizadores ibéricos, de um ambiente cultural “virtualmente medieval”. Além do atraso mental dos autóctones, como será dito com mais ênfase, adiante na trama. Para junto do Monge vieram os “puros”, mas depois chegaram os “guarás fantasiados de quatis”. Carlos Magno, o “maior rei da cristandade”, deve estar muito mal satisfeito em seu rico sarcófago na catedral de Aachen porque “no longínquo sertão catarinense, exatamente mil e cem anos depois, os jagunços apareceram com uma nova versão para os Doze Pares de França”.<sup>373</sup>

Neste mesmo capítulo (“Ícones e Ídolos abatidos”), trata-se de, além de identificar os males da nação, e mais que isso, sua causa primordial, o desregramento moral de uma sociedade movida pelo fanatismo, começar a introduzir os atores responsáveis pela trama. Na verdade, em condenação prévia dos que ousaram desafiar a lei e a ordem (que nada lhes garantia). O tropeiro Castelhana, pequeno proprietário de origem uruguaia, “bandido notório”: “Um abigeato aqui, um contrabando ali, quando não um roubozinho escancarado”.<sup>374</sup>

O “chefe de facínoras” Venuto Baiano era o “câncer que necrosava o tênue tecido social”, “a reencarnação de Satanás, a criatura mais infame que pisou sobre a grama do planalto e comeu daqueles

---

<sup>373</sup> FORTES, 1998, p. 35; 36; 36; 38.

<sup>374</sup> FORTES, 1998, p. 39.

sagrados pinhões”<sup>375</sup>. Bom lembrar que Venuto Baiano foi responsabilizado pela morte do capitão Matos Costa. Em Canoinhas, Tavares destilava ódios pessoais instigando a revolta e criando redutos: “jogador inveterado, sempre enfiado nos fandangos de Bonifácio Papudo, era um farrista unicamente dedicado à causa política de Santa Catarina”. Tavares teria escrito o manifesto monarquista, “cuja autoria ele astutamente atribuiu ao velho e inofensivo Manoel Alves de Assumpção Rocha”. Aleixo, inimigo dos americanos, aliou-se a Venuto Baiano “e toda a malta sertaneja”. Desta malta também faz parte o “gordo, sebento e mal vestido”<sup>376</sup> coronel Fabrício Vieira, gaúcho de Vacaria. Sua falta mais grave, cobrar ao governo uma fatura alta pelos 100 cavalarianos do seu piquete.

O momento inicial fica interrompido e a história faz um retrocesso no tempo. Tanto para situar os antecedentes que levaram o tenente Milton e seu grupo até os sertões de Serra Acima, como também para fazer a apresentação do modelo a partir do qual foi desenvolvida a personagem: o capitão Mattos da Costa. (Fortes opta por grafar os nomes históricos de acordo com documentos originais, para ser “fiel à verdade dos fatos”). Rio de Janeiro, a caminho do mar. A bordo de um navio, em missão secreta, disfarçados de mascates, estão o tenente Milton e o cabo Mendes. O tenente era um militar “favorável ao oprimido”. Lutou na campanha contra Canudos. “Na sua gênese ou se encontrava o ingrediente indígena ou o religioso ou os dois juntos”, pensa a personagem, associando aquela guerra na Bahia ao que estava acontecendo no sul. A dupla precisará de um guia para percorrer a região desconhecida, e se vale do indigenista Eduardo Hoerhan. A região do conflito é (ainda é) território dos kaingangos ou coroados. A respeito deles, afirma o indigenista, “esses índios são culturalmente muito atrasados e têm o intelecto deformado pelas sensações”<sup>377</sup>. Consegue para Mendes e Milton um guia guarani, Itapoçu. O primeiro passo da investigação sigilosa era conferir denúncia de contrabando na baía de Babitonga. Quem estaria armando o sertão.

O capitão João Teixeira Mattos da Costa nasceu no Rio de Janeiro em 1875. Era tenente quando desembarcou na estação de Queimadas, no dia 18 de agosto de 1897. A pé, seguiu com seus homens

---

<sup>375</sup> FORTES, 1998, p. 81 e 82.

<sup>376</sup> FORTES, 1998, p. 297; 319; 298; 202.

<sup>377</sup> FORTES, 1998, p. 94; 98; 53.



ao arraial de Canudos. Do Alto da Favela, atiravam bombas de dinamite, os jagunços não se rendiam. “O bom Conselheiro esvaíra-se numa caganeira incontínente e desidratou-se até o óbito”, o narrador recorda por ele. O capitão agora está indo para o Contestado. Pensa se haverá uma alternativa ao extermínio ocorrido na Bahia. Uma outra saída que ele não consegue articular, entre idas e vindas a gabinetes governamentais, ao comando dos quartéis e também nas vilas por onde andou, incógnito, no mato. “Nada como uma guerra para expor as deficiências e exibir os vícios de um exército”<sup>378</sup>, conclui, analisando a discrepância entre os aparatos militares à disposição da capital do país e o restante da tropa espalhada pelo Brasil, “vivendo quase de restos da guerra do Paraguai”<sup>379</sup>. Reclamação que consta no relatório do general Mesquita.

Da floresta o cenário se move para os ambientes luxuosos onde os senhores do poder embaralham e se dão as cartas. Os capítulos que tratam da presença estrangeira no Contestado, e cuja marca será o império de Farquhar que modificou para sempre as vidas do planalto, trazem títulos em inglês. Em Curitiba, estão reunidos o advogado da Lumber, Mr. Caldwell, seu assistente Lester Kinkaid e o “capanga” BL. O advogado americano é um negociista inescrupuloso, transitando entre os escritórios de Nova York e os salões governamentais de qualquer país onde seu patrão tenha interesses em jogo. Trouxe uma jovem amante para a temporada brasileira, a loira peituda Millicent Parker.

Os estrangeiros estão vinculados, no romance, aos remanescentes dos escravagistas que perderam a Guerra de Secessão e representam, assim, o lado atrasado, corrupto e bárbaro, expurgado da grande nação americana sustentada pelo mito do militarismo patriótico. São deste estrato o guardacostas de Caldwell e os seguranças da Lumber, Jake Mallory e Edward Lacombe, dono de um revólver muito especial, apelidado *peacemaker*. Com a morte deste, a arma fica com Mallory. O projétil diferente achado no corpo de um operário assassinado em Três Barras, onde ficava a serraria, vai tilintar no tinteiro do juiz da cidade. O entrecho investigativo da trama passa justamente pela misteriosa arma, a morte de Matos Costa, o caso da falsificação de dinheiro, um sequestro e o envolvimento de Caldwell, a mente por trás do assassino.

---

<sup>378</sup> FORTES, 1998, p. 120 e 131.

<sup>379</sup> FORTES, 1998, p. 157.

Certa tarde, em Caraguatá, chegaram dois caixeiros viajantes vindos de longe, acompanhados “de um criado índio que mal sabia falar português”. Traziam duas malas recheadas de linhas, agulhas, tesourinhas, fitas, dedais. O que viram. Os homens armados “de ridículas espadas de pau”<sup>380</sup>, imitando sabres da cavalaria. Imaginários, entalhavam santos e agora esculpem as espadas gloriosas dos Pares de França. O que viram. Maria Rosa de Sousa, a de cabelos “crespos dum louro-aço, comum na decorrência das mestiçagens sertanejas”. Vestido branco simples, na cintura uma fita azul. A Virgem menina que comandava. Tentada pelos carretéis de fitas coloridas. “Os olhos de Maria Rosa cintilaram”. Perguntou como era o Rio de Janeiro. Deu-se a sonhar “com rapazes, vestidos e festas”<sup>381</sup>. Por causa das mágicas malinhas, os viajantes foram recebidos com o melhor jantar, comum a todos no tempo bom da fartura, perdiz frita com angu de milho.

Eliasinho de Sousa, pai de Maria Rosa, orientava os ajudantes no arreo das 94 mulas que levavam para o Rio Grande do Sul uma carga de 600 couros de boi, 60 latas de mel de abelha das espécies europa e camoatim, erva mate e banha de porco. “Quem tinha alguma coisa acabou ficando pobre, com exceção dos espertos”. Os seguidores do Monge, o que traziam nos alforjes, a panelinha para o arroz serrano e a chocolateira para o mate. Sua riqueza, o charque, a banha, o sal, o pelego, a munição, o fumo e a palha do cigarro. O velho Euzébio, “de caso firme com uma mocinha”, Isméria. “Então bota dentro, seu Euzébio, mas bota ligeiro porque eu não aguento mais uma coisa boa que tá me dando por riba do espinhaço”. Cherubina cismara de ser santa. Desde janeiro de 1914, isto é, quase dois anos depois da batalha do Irani, um “rosário de arraiais”<sup>382</sup> se alastrava pela floresta.

Verão de 1914, o tifo assola Caraguatá, uma cidade sitiada onde apodreciam vivos e mortos. “A Virgem Maria Rosa andou pelas casas dos doentes – morta de medo – fazendo abluções com água benta, mas a crise indomável parecia estar acima de sua sacrossanta capacidade medicinal”. Os caboclos achavam que a causa da peste era o envenenamento causado pelos despojos dos soldados inumados por Vieira da Rosa. Então violaram as sepulturas, e chegaram a decepar alguns dedos para roubar (a volante que matou Lampião e seus

---

<sup>380</sup> FORTES, 1998, p. 194 (os dois fragmentos).

<sup>381</sup> FORTES, 1998, p. 195-196.

<sup>382</sup> FORTES, 1998, p. 39; 231; 233; 69.

cangaceiros em Angicos cortou as cabeças, mutilou os corpos, arrancando dedos cheios de anéis). A cidade santa estava condenada, foi o povo de mudança para Bom Sossego, Maria Rosa guiando a “patética romaria atrás do novo destino”. Logo cavaram 32 trincheiras, ergueram do nada a igreja e 257 casas, e tentaram reconstruir a vida, outra vez. O sonho durou um ano. Tudo destruído no verão de 1915, pelo “invencível capitão Tertuliano Potiguara”<sup>383</sup>. Depois de outras guerras, ele chegou a general e virou nome de rua em Fortaleza. Era cearense, bem como Edgar Facó, que dá seu nome à Academia da Polícia Militar.

O tenente Edgar Facó, encurralado em um grotão com 20 homens ao seguir a trilha falsa deixada pelos jagunços, ordena toque de reforço. Firme, o corneteiro Minervino Pereira da Silva sopra as notas até cair. O sargento Orlades Flores, “mesmo quatro vezes brutalmente retalhado à arma branca, matou à [sic] baioneta três dos fanáticos”<sup>384</sup>. Facó e nove soldados conseguem retroceder até o serviço sanitário, na coda da coluna. No hospital de sangue, Venuto Baiano e comandados degolam os soldados moribundos, “uma cena dantesca... Nunca se viu coisa igual”<sup>385</sup>. Em Florianópolis, as boates estão fechadas, de luto pelos soldados tocaiados. Mas na imprensa, notícia era a crise política no Ceará (os romeiros do Padre Cícero invadem a capital), forçando o presidente Hermes da Fonseca a nomear um interventor.

(Certa tarde de outubro, 1914, nos jardins do Palácio do Catete. A primeira dama da República, baronesa Nair de Teffé, caricaturista pioneira na imprensa, vinte anos antes de Pagu, está cantando o maxixe “Corta Jaca”, de Chiquinha Gonzaga, acompanhada ao violão por Catulo da Paixão Cearense, para repúdio e vergonha do senador Ruy Barbosa. Em pronunciamento, registrado no diário do Congresso Nacional, ele dirá: “Diante da mais fina sociedade do Rio de Janeiro, aqueles que deviam dar ao país o exemplo das maneiras mais distintas elevaram o Corta-Jaca à altura de uma instituição social, a mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea

---

<sup>383</sup> FORTES, 1998, p. 258; 259; 259.

<sup>384</sup> FORTES, 1998, p. 251.

<sup>385</sup> FORTES, 1998, p. 253.

do batuque, do cateretê e do samba, executado com todas as honras da música de Wagner”<sup>386</sup>).

Nos momentos em que o foco da ação vai estar com o índio guarani, o autor recorre ao imaginário novelesco à moda de Alencar, em um anacronismo canhestro. “Por dentro do mato, com a silenciosa velocidade só permitida ao jaguar e aos afilhados diletos de Caapora, o Grande-Mão-de-Pedra deslizou como uma ventania por entre a bracatinga e o camboatá, o xaxim-bugio e as touceiras impenetráveis de taquara-poca”, salvando os militares disfarçados de mascates, cavalos e bagagem. Itapoaçu e seu pensamento conformado, “quando a água é pouca, a gente fica feliz por molhar a sola dos pés e não atira flechas em Tupã”. Quebrando cabeças de jagunços para proteger os brancos. “A noite vinha devorando o dia pelos lados do nascente”<sup>387</sup>.

O capitão Mattos da Costa, seu bigode de pontas retorcidas para o alto, como era a moda de 1914, esquecido da esposa distante, goza as delícias com a amante de Mr. Caldwell. BL descobriu e foi correndo contar ao chefe, que tomou providências imediatas. Laredo e Mallory foram contratados para dar sumiço na moça e matar o capitão, através de Venuto Baiano. O tenente Milton entrega seu relatório ao general Mesquita, ainda no comando. Nos mapas do território inimigo espionado por ele e Mendes, o Contestado decifrado.

Falta resolver o problema do dinheiro falso que começou a circular. Milton encontra Mattos da Costa, que lhe conta sobre o sequestro da loira. Peri, quero dizer, Itapoaçu tinha uma pista, viu a estrangeira em um galpão na margem do rio, em terras da fazenda Chapéu de Sol do coronel Fabrício Vieira, afilhado político do senador gaúcho Pinheiro Machado. No galpão, além de Millicent, encontraram o contador do coronel e a origem da falsificação de dinheiro. No tiroteio que se seguiu, o índio é atingido por BL, mas Mendes acerta o olho do guardacostas e salva a americana.

Venuto Baiano e seu grupo esperam o trem que conduz o capitão Mattos da Costa. O caboclo queria realizar o sonho de criar gado longe dali, no Mato Grosso, depois de ganhar a recompensa pela morte encomendada. Quando Mattos da Costa é atingido, seus últimos

---

<sup>386</sup> **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 6, n. 65, fev. de 2011, p. 65. Seção Retrato, Ironias da Vida, artigo de RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins, autor da biografia Nair de Teffé, vidas cruzadas (FGV, 2002).

<sup>387</sup> **Revista de História da Biblioteca Nacional**, 2011, p. 198; 213; 215.

pensamentos são “imagens confusas do Rio de Janeiro, de Adelaide, do trem recuando, de Millicent abanando na estação”<sup>388</sup>. Venuto Baiano recebeu em pagamento o dinheiro (falso) e o revólver que fora de Lacombe.

Voltamos à cena inicial. O tenente Milton tomando a posição das estrelas, junto com o cabo Mendes e alguns soldados, para localizar o reduto do inimigo e vingar a morte do capitão. “Nunca pensei que iria atirar num covarde ajoelhado – confessa Milton. – Nem eu – diz Mendes. E apertam os gatilhos”<sup>389</sup> sobre Venuto Baiano. Fim.

### 2.5.5 *O Dragão Vermelho*

*O Dragão Vermelho do Contestado*, de A. Sanford de Vasconcellos (1936, Florianópolis), foi lançado em 1998. A paráfrase comentada será de exemplar da segunda edição, “revista e ampliada”, feita dez anos depois. O autor não se baseou apenas em fontes escritas, informa a “orelha” anônima, ele coletou lembranças e imagens em andanças pelo Irani. A fotografia que ocupa metade da contracapa é um detalhe do cemitério do Contestado, situado na cidade esquecida por muitos anos, como a própria batalha que se deu naqueles sertões de faxinal, e as cruzes distinguem, diz o texto: “até que um governador sensível à memória de seu povo [...] ali erigiu um necessário monumento”. A capa traz um desenho sobre mancha escarlate, a cabeça de um negro, pupilas contraídas, a boca escancarada, seguro pelo cabelo enquanto a outra mão do atacante passa a faca em seu pescoço.

O livro me intriga com este qualificativo de cor, não me refiro ao óbvio degolado, mas ao título. O dragão, associado à máquina movida a lenha, fez parte do imaginário fantástico de pessoas que viram o trem pela primeira vez, mais ou menos pela mesma época, em todo o Brasil. Há 40 anos, os velhos de Jaguaruana lembravam o dragão de ferro, mas os tios contavam, nas noites de debulha, ao clarão torto da lamparina, o medo que tinham do bicho de olhos de fogo: os primeiros veículos motorizados a cruzar o Apodi, em direção a Mossoró, no tempo da II Guerra, povoando de susto a meninice deles. Mas o vermelho, que concede outra substância à figura lendária, e sua associação com a China

---

<sup>388</sup> FORTES, 1998, p. 328.

<sup>389</sup> FORTES, 1998, p. 335.

e a extinta União Soviética, aponta um contexto, penso, contemporâneo, partindo de como um conceito (o bicho máquina), subjacente ao homem do campo, interfere no discurso ideológico (a cor associada ao comunismo), nesse Contestado que nos alcança pelas mãos do sanfoneiro Saturnino.

O enredo se inicia com um deslizamento do ser em ação, o que, por efeito, se encarrega do mistério da trindade. “Eram um”<sup>390</sup>, claro está, refere-se ao Monge venerado três vezes nos frios campos do sul. O último deles curou a mulher do coronel Chiquinho de Almeida, que lhe ofereceu por gratidão uma quantia em dinheiro ou uma invernada de 30 alqueires, José Maria contentando-se com um par de botas e muda nova de roupa. Era querido e respeitado como os anteriores, mas possuía além do carisma uma aura de festa e alegria, que o fazia sempre acompanhado, elaborando outras franjas desse tecido mais profano – e não menos sagrado, por isso – da cultura sertaneja. E será um representante da linhagem dos poetas do improviso o fio que conduz a história a ser contada outra vez. O encontro que vai colocar o gaitero poeta na presença do monge José Maria se dá no evento histórico da Festa do Bom Jesus de 1912, em Taquaruçu, organizada por Manuel de Assumpção Rocha, Elias de Moraes, Chico Ventura, Praxedes Damasceno e o devoto Euzébio Ferreira dos Santos.

Poetas violeiros no terreiro embandeirado, barracas de leilões, e de noite, “surungos de gastar sola de sapato”. Na disputa poética, um trovador defende o poder republicano, e a resposta do outro faz parte do conjunto de antigas devoções populares, a monarquia comparada à “lei de Deus/ que pra nós foi a premera”<sup>391</sup>. Estrondam as palmas e aprovações, destacando-se a voz aguda de Francisca Roberta, conhecida por Chica Pelega, a “mulher-centauro”<sup>392</sup>. Saturnino, em sua gaita ponto, animava o público improvisando versos dedicados aos presentes, como seu Euzébio e família, dona Querubina, conhecida por Quequé, o filho deles Manuel e os netos Teodora, 11, e Joaquim, 10. Saturnino, quando viu Maria Rosa, na flor dos 14 anos, os olhos negros magnéticos da menina provocaram a rima e a paixão do sanfoneiro. No fim da festa, o monge louva perante todos os versos monarquistas dos trovadores.

---

<sup>390</sup> VASCONCELLOS, A. S. de. **O Dragão Vermelho do Contestado**. 2008, p. 11.

<sup>391</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 16 e 17.

<sup>392</sup> A lendária mulher que lutou ao lado dos Pares de França foi tema de outra novela do autor, a “tragédia heroica” Chica Pelega: a Guerreira do Taquaruçu (Insular, 2000).

Abraçando Euzébio, deu a ele um canivete que trazia no cabo a gravura de uma cidade. E cumprimenta, na despedida, o espirituoso mestre dos oito baixos.

Saturnino, o tocador, se apresentava nos lugares como “o bom da gaita”<sup>393</sup>. Tirava de improviso quadrinhas rimadas em ABAB, como ainda hoje os trovadores dos pampas, e os rappers, sem dispor da diversidade dos sofisticados martelos, gabinetes, mourões. Saturnino, o gaiteiro, era filho de mãe meio alemã e pai caboclo, tropeiro de erva mate, assassinado numa tocaia na estrada Dona Francisca, de volta de viagem a Joinville. A mãe, pouco tempo depois, também morreu. Uma irmã que tinha, sumiu no mundo. Desconfiava, quando jovem, que seu pai verdadeiro fosse o caixeiro viajante Salim, o seu nariz adunco igual ao do libanês mascate. Foi quem lhe deu a primeira gaita ponto, um instrumento já bem usado recebido em troca de uma dívida. O menino órfão cresceu e junto cresceu a fama de seu verso, ao som da concertina, e era requisitado em todo lugar.

Em Canoinhas, Saturnino simpatizava com o promotor Antônio Tavares, defensor enérgico do direito de Santa Catarina ao território disputado com o Paraná. Outro descontente do lugar era Aleixo Gonçalves de Lima, enganado num negócio de terras que lhe pertenciam, foram registradas como de outrem, e vendidas para a Lumber. Aleixo aliara-se à causa do Monge ouvindo os conselhos de sua pregação nos versos de Saturnino. O poeta popular fez-se o jornal ambulante do sertão e seu compromisso foi disseminar as novidades na presteza da rima. Quando José Maria morreu e reviveu em uma lenda, Saturnino cantava: “No seu cavalo incantado/ subiu num raio de luz/ E nas nuves debruçado/ a todos protege e conduz”<sup>394</sup>. De repente, um bendito, feito este. “Virgem Santa, Beata Mocinha/ eu vim aqui, vim ver meu Padim/ Meu Padim fez sua viagem, ô/ e deixou Juazeiro sozim”. (De autoria desconhecida, cantado ainda pelos romeiros e repetido na voz acelerada das crianças esganiçadas que cercam o visitante no Horto, aos pés da estátua do Padre Cíçõ Romão. Luiz Gonzaga gravou).

O narrador sai em defesa de José Maria. Que não era um intransigente, como disseram tantos. Evitando o confronto com a polícia catarinense de Curitiba, retirou-se de Taquaruçu ao Irani, onde

---

<sup>393</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 32.

<sup>394</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 51.

contava com amigos, e sem querer afrontar João Gualberto. Porém, a ordem de retirada que lhe enviou o chefe da polícia paranaense veio escrita a lápis. Pediu um tempo para sair, cansado de andar enxotado por toda parte. E, se atacou, foi por defesa. De Campos Novos, o fazendeiro Henrique Rupp apelava ao pacifismo e dava conselho ao povo, que voltasse para suas casas. As pompas fúnebres de João Gualberto em Curitiba – onde é nome de rua, e a modéstia da inumação de José Maria, “uma cova rasa junto da natureza bruta, no meio de um capão”<sup>395</sup>. Acreditar que o monge não tenha morrido no entrevero de 22 de outubro de 1912 organizou concretamente o levante sertanejo. João Gualberto, este “morreu de morte completa”. Por que o Contestado difere de Canudos? “Em Canudos, com a morte do Monge, a guerra terminou”<sup>396</sup>, e aqui, estava apenas começando.

É repetitivo, mas exatamente por isto há que destacar a obstinação com que se volta a *Os Sertões* – obsessivamente relendo o lastro de certa interpretação exclusivista de mundo, o peso da raça e do ambiente, a negação da variedade cultural e suas dignidades e também a vergonha de Euclides, consciente de tanta falta de justiça. “Naqueles tempos cruéis o boi era moeda de troca. O pinheiro nada valia, então. Como o bugre, como o peão”. A Lumber, a Lambe, na palavra do caboclo, contratando a preço vil a “desprezível sucata genética”, os “errantes pelos carrascais do sertão”. Outro modo de escrever o receituário de Matos Costa: “A toga no lugar do mosquete; o giz no lugar da baioneta”. A origem do homem do Contestado, o filho da índia abusada, “de nula cidadania, indivíduos de péssimo conceito, nada confiáveis, afamados na matreirice mas pouco afeitos aos rigores da labuta”<sup>397</sup>.

Saturnino, um ano depois, na Taquaruçu refeita, repovoada, feliz. Convidado por Euzébio para ali permanecer. O poeta da cidade santa. E antes de chegar à cidade, é acolhido na estância de seu Servino e dona Ramila, mais genro e filhas, Ardósia e as moças Ximênia e Eufrásia. Ele tocando xotes, bugios, habaneras. No chão de terra batida, a percussão na sola do pé ao ritmo da dança, o “sarraballo”, o dito forrobodó, de onde veio o forró. No arraial, três mil pessoas. Era comandante Manuel de seu Euzébio. Aquela confraria de São Sebastião, composta “de toda

---

<sup>395</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 46.

<sup>396</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 49 e 50.

<sup>397</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 23; 24; 27; 31.



sorte de errantes do planalto”<sup>398</sup>. Manuel, descrito como presunçoso nos seus 16, 17 anos de idade. As lideranças jovens (e a sombra dos mais velhos, uma taba lembrada na penumbra da memória?). Euzébio e o canivete que o Monge lhe deu, guardado como relíquia num saquinho costurado por dona Quequé. Era vizinho da irmandade o bodegueiro Praxedes Gomes Damasceno, quem socorreu frei Rogério, quando o pessoal o expulsou aos gritos e mesmo quiseram capá-lo. O festeiro Praxedes, no meio do fogo. A mercadoria apreendida, e sua morte durante reivindicação ao superintendente de Curitibaanos. Um homem armado do próprio coronel, ou ele mesmo, ali, do lado. Ferido, jogado na cadeia. Morto, os parentes revoltados aumentaram os quadros santos de Taquaruçu.

O gaiteiro, apreciado por todos, deu de cara com um desafeto, o gigante Gigão. Em sua defesa, outro Saturnino, o Nino, Par de França, um olho verde e outro cor de pinhão. Coincidindo ambos no apreço a Joaninha. O gaiteiro derramava os olhos “pelas ancas e pelo úbere da Joaninha”<sup>399</sup>. A prenda era disputada por Canzile. Mas por enquanto fazia-se ordem no terreiro e qualquer deslize punido com açoites, para exemplo. Quinze varadas em Chico Lira, por beber cachaça em hora de vigilância. E vinte e uma em Canzile, que saiu num piquete de arrebando de gado nas fazendas das redondezas e não voltou com os companheiros. E vinte varadas em Manuel, por seu impróprio comportamento, emprenhando as virgens de sua companhia. A liderança estava agora com o menino Joaquim.

Os sucessos de Saturnino: o bugio “O cheiro doce da galega”, o xote “Tatu na toca”, outro xote, do “Graxaim Pitoco” e o vanerão “Vaca Estrela”. (“Vaca Estrela e Boi Fubá”, do aboio de Patativa). O gaiteiro pelo mundo. Campos Novos, pela Costa da Linha, Rio das Antas, Herval. No Butiá Verde, ao sítio de seu Servino e dona Ramila. De volta a Taquaruçu, encontrou-se no caminho com os praças de Aleluia Pires e o piquete de Vieira da Rosa. Safo, fez trovas contra os caboclos, para alegria dos soldados e cavalarianos. A cidadela abandonada pelos homens, só velhos, mulheres e crianças. A véspera da carnificina. Bombas, na chuva da madrugada. “Chica Pelega estendia-se na lama, de borco, com o corpo varado de balas”<sup>400</sup>, e a mãe dela, os cabelos

---

<sup>398</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 54.

<sup>399</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 67.

<sup>400</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 92.

brancos, sob a fumaça da pólvora e o aguaceiro, ninando a filha morta. Saturnino escapou da cidade condenada, um olho vazado. Com o que lhe restou, viu na lama da estrada o brilho do canivete de Euzébio, perdido na fuga. A alegria do velho ao recebê-lo de volta em Caraguatá. O novo reduto ficava em terras pertencentes ao Imperador do Divino, Manuel Assumpção Rocha. E era Maria Rosa quem reinava.

Maria Rosa estava com 15 ou 16 anos. Filha de Eliasinho, lavrador da Serra da Esperança que perdeu o que tinha porque vivia em área demarcada pelo governador Vidal Ramos e doada ao comerciante André Wendhausen, por uma dívida do Estado. A família foi acolhida na casa de um irmão de Eliasinho, seu Januário. Uma noite, os primos Antônia e Jorge acordaram com o sonho agitado de Maria Rosa. Sofria passamentos e quase morria. Voltava sagrada, solene, santa à frente da procissão. A ordem da Virgem para o gaiteiro. Na sala da casa dela, o perfume das ervas. “Le abelito a corrê as istrada a bem de me trazê as última notiça. Le chamê pra ir cumprí um sonho que tive. No mais das coisa, tudo é nada”.<sup>401</sup>

Pela estrada afora, o artista “bombeiro” se dava conta da concentração de forças na estação de Rio Caçador. A cidade santa do planalto feito ímã, Caraguatá virou “um inchaço diário inabsorvível”<sup>402</sup>. A floresta favelava-se. Maria Rosa, de sorriso fugaz, severa. O gaiteiro apaixonado esperava um pronunciamento da Virgem. Disfarçava nas doses amargas a fé inexata e a desmesura do amor. Ao chamado noturno dela, o cavaleiro da sanfona estava a postos para qualquer demanda de sua donzela. A mudança de Caraguatá, dos seus ares pestilentos, dos caminhos conhecidos dos soldados. Para continuar a guerra santa contra o dragão, ela dizia. Na direção do nordeste, aos campos de Bom Sossego, Pedras Brancas, vale do Tamanduá, vale do Timbozinho, além, nasciam malocas de palha de jerivá, a carnaubeira do sul, cercando as vizinhanças das fazendas dos coroneis Artur de Paula e Fabrício Vieira.

Depois da palavra da santa, a festa podia começar. O gaiteiro atacou com o xote “O choro da véia” e depois emendou com a canção “O meu Boi Barroso”. Alguém queria a rancheira “As grimpas do pinheiral”, e outro a valsa “Cabocra do zóio farsó”. Gigão, o gigante, agora fã de Saturnino, pediu mais uma vez “Tatu na toca”. Foi então

---

<sup>401</sup>VASCONCELLOS, 2008, p. 122.

<sup>402</sup>VASCONCELLOS, 2008, p. 154.

quando, um rapaz até aqui desconhecido, perguntou ao sanfoneiro se podia acompanhá-lo no bugio “China da fronteira”, e o povo boquiabriu-se. “– Cantasse munto bonito, Adeodato!”<sup>403</sup>. Um amigo do cantor, Venuto Baiano, abriu o “espalha pé”, a dança, seguido da mulher de Adeodato, Firmina da Conceição, fazendo par com o parceiro deles, Joaquim Germano.

Nino, o Par de França, vai à guerra. No pescoço, o lenço com as cores de São Sebastião, verde e vermelho, na cintura o revólver e o facão paraguaio, o aço das esporas acelerando a montaria. No meio do entrevero, Saturnino vê um cabo do Exército ferido, caído ao chão. Adverte ao pé do ouvido: “– Feche os zóio, home. Faz de conta que tá morto”. Depois de Caraguatá, Maria Rosa mandava menos, a não ser em Saturnino. A chefia estava sob “lideranças melhor qualificadas, vários médios proprietários e mais pessoas com instrução diferenciada”<sup>404</sup>, aquela tese defendida por Oswaldo Cabral de que deveria haver uma inteligência por trás da caboclada valente, inculta e bela.

Canzile, que agora é vaqueano, matou por despeito Nino e Joaninha. Na frente de batalha, o veterano general Mesquita. “No Contestado ele lutava não contra um monge de carne e osso, como em Canudos, mas sim contra um general de plasma”<sup>405</sup>. Depois de destruir Caraguatá, Mesquita dispensa a tropa. Nos arraiais que floresciam nos altos sertões entre os rios do Peixe e o Iguazu “se misturavam bandos de truões, de aventureiros, de oportunistas e de vagabundos diversos, muitos deles provindo de outras variadas geografias, trazendo consigo diferentes costumes e vícios”<sup>406</sup>, e por isso o movimento caboclo foi se contaminando. “O purismo de alguns desaparecia sob o oportunismo de muitos”<sup>407</sup>, concluiu o narrador comentarista.

O presidente Hermes da Fonseca e seu homem forte, o senador Pinheiro Machado, estão bastante preocupados, desde que leram no jornal a carta alarmada dando notícia da proclamação da Monarquia Sul Brasileira, composta pelos três estados da região, com hino, brasão e leis próprias (igual fizeram na Vila de Princesa, nos Cariris Velhos da Paraíba, durante a conturbada década de 30 do século passado). O

---

<sup>403</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 171.

<sup>404</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 147 e 153.

<sup>405</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 178.

<sup>406</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 182.

<sup>407</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 229.

documento vinha assinado por Manoel Alves de Assumpção Rocha, embora estivesse ele provavelmente morto na ocasião, segundo o narrador, implicando em uma “espécie de chantagem” os poderosos locais, cujo objetivo seria forjar “uma prova inequívoca de estar inclusive em jogo a própria integridade do território nacional”.<sup>408</sup>

Saturnino vai sair em outra missão, a mandado da Virgem. Confessa, enfim, o seu amor e pede ao menos uma recordação, caso não volte, e a moça lhe entrega a fitinha verde de rezar, cheirosa do perfume dela. A sua incumbência era fazer uma embaixada até o novo comandante das forças, o capitão Matos Costa. Que diziam que andava por aí disfarçado de contador de anedotas, na companhia de um mágico. Saturnino simpatizou logo com o oficial, ele também queria a paz, proposta por Maria Rosa. Era inverno, quando o capitão chegou ao reduto, com sua mala de mascate. O arraial parece Canudos, com seu “dédalo de vielas”<sup>409</sup>, lembrou-se Matos Costa, recebido ao cair da noite pela Virgem e seu pai. Jantaram torresmo e fubá em casquinha. Furtivo, tomando de conta, de longe, o sanfoneiro apaixonado. Maria Rosa articulava o desarmamento no sertão. Na figura do capitão, por sugestão da inseparável prima Antoninha, ela também via a estampa gloriosa de São Jorge.

No entendimento de Elias de Moraes e seus pares, porque desconfiassem dos viajantes evadidos na noite e por achar que a Virgem enfraquecera “o aço”, decidiram que a moça “perdia-se nos excessos da sua religiosidade”<sup>410</sup>. O conselho reunido deliberou que o novo chefe seria Francisco Alonso. Para ciúme do comandante de briga Venuto Baiano, que passou daí em diante a agir por conta própria. Aleixo Gonçalves invadiu Papanduva, Alemãozinho atacou Itaiópolis. O alvo eram os cartórios. Chico Alonso transfere o reduto para Caçador, na entrada do vale de Santa Maria, permanecendo Maria Rosa no Bom Sossego. Ela pensava na proposta do poeta, no amor.

Maria Rosa meditava em maus presságios. E Saturnino, mais uma vez, cumpria um pedido dela, acertar a rendição com o assentamento da comunidade prometido por Matos Costa. Para isso o capitão foi até o Rio de Janeiro, tratar com seus superiores, mas voltava desenganado. Naquele instante, embarca no trem para Porto União da Vitória, ele e

---

<sup>408</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 205.

<sup>409</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 209.

<sup>410</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 212.

mais 60 soldados. No auge da ofensiva cabocla. Desceu na estação de São João, na linha da mira de Venuto Baiano. “O corpo todo perfurado de Matos Costa só foi resgatado dias depois, sendo dignamente sepultado em Curitiba, a 15 de setembro”. Chico Alonso chama Adeodato, seu braço direito há algum tempo, e ordena que mate Venuto Baiano, alegando como justificativa o assassinato de um menino. Venuto Baiano, amigo e confidente de Adeodato. A sua prova de fogo, naquela noite. Conversaram, como sempre. Na despedida, Adeodato “agarrou-o pelos pixains com a mão esquerda”<sup>411</sup>. Só foi preciso um talho certo na garganta.

A quinta expedição. O general Setembrino apela à deposição das armas no mesmo dia em que Castelhana queimou Curitiba. Rechaçado em Lages, investe contra Campo Belo. Tavares, desde seu reduto no alto Itajaí do Norte, ataca as colônias de Iracema e Moema, formadas por um povo do leste europeu. Aleixo Gonçalves, depois de ocupar a vila de Salseiro, terra natal do gaiteiro Saturnino, incendiou a serraria da Lumber em Três Barras. Chico Alonso botou fogo na de Calmon, nos guinchos, nas esteiras rolantes, nos vagões que transportavam a floresta dia e noite, imbuías, canelas, cedros, perobas e “quantidades imensas de araucárias, estas de cotação menor”. Lucros para a empresa americana e seus aliados, como “o doutor Afonso Camargo”. A terra, o deserto da civilização. “Chico Alonso, faça-se-lhe justiça, ao contrário dos militares em Taquaruçu, poupou as mulheres e as crianças”<sup>412</sup>. Morreu no assalto aos colonos poloneses e alemães de Rio das Antas. Era Dia de Finados.

Nos redutos famintos, “nem graxaim escapava da panela”<sup>413</sup>. Adeodato foi escolhido por Elias de Moraes e o conselho para ser o novo chefe. Só depois de recolhido aos braços de Mariazinha, a viúva de Alonso, e após um sonho que teve com o Monge, ele mesmo lhe dizendo para assumir o encargo, aceitou. A primeira ordem de Adeodato foi mandar executar o vidente Antoninho, aliado de Maria Rosa. Reprendido por seu Elias porque, sendo casado, amigou-se com a comadre, o chefe, no momento da forma, acusou Firmina da Conceição de traição com seu amigo Joaquim Germano, cada qual dando um passo à frente, e ele mesmo acertou o tiro. Algumas quadrinhas cantavam sua

<sup>411</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 227 e 228.

<sup>412</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 224; 225; 225.

<sup>413</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 233.

valentia: “Vendo sordado acoitado/ assim falô Adeodato:/ – Manejo o ferro afiado/ Risco o ar, e corto, e mato”.<sup>414</sup>

E vai o gaiteiro, no encalço do capitão. Partiu para Porto União na mulinha lerdá e quando chegou soube da sua morte, na emboscada. Volta ao Bom Sossego, mas ninguém sabia lhe dizer o paradeiro de Maria Rosa. Por sorte encontrou Gigão, que o procurava com um bilhete da Virgem, que esperava por ele em Caçador. E a tropa avançava, ao comando de Tertuliano Potiguara. Quando o poeta chegou, só achou destruição. Na beira do rio, ele sentou e chorava. “A epopéia do Contestado foi escrita inteirinha com letras de sangue”<sup>415</sup>. Saturnino escapou, e o inseparável Gigão. Detidos por uma patrulha, foram salvos pelo sargento, que deu a eles um bilhete de passagem livre e biscoitos de campanha. O sargento era aquele cabo ferido em Caraguatá, que o sanfoneiro ajudou.

Adeodato tentou fugir da prisão, da segunda vez, o capitão Trogílio Mello o deteve a bala. Depois, alçado a coronel, foi delegado de polícia em Florianópolis. O tempo passou. Vamos reencontrar Gigão no balcão de uma bodega, vivendo numa casinha nos fundos com sua mulher. Ao lado, a moradia do patrão, que andava pelo mundo, no seu desígnio de artista. Um dia, ao voltar, Saturnino trouxe Ximênia. Na sanfona, esvoaçava uma desbotada fitinha verde. (O dragão vermelho é a revolta periférica no contexto maior da Guerra Fria atualizada pelo fundamentalismo oriental. No Brasil atual, a luta pela posse da terra descartou motivos religiosos. Mas a vida no sertão continua operando no sacrifício).

### 2.5.6 *Burabas*

O excesso de leituras e a transcrição das folhas anotadas para o segundo capítulo estavam quase terminando (comigo), eu pensava – derivando por narrativas que ainda mais obstruíam o conceito da teoria periférica proposta e me condicionavam no acento regional. A atividade da reescritura imprimindo a formulação menos exata do problema sobre o qual queria tratar. Da tradição popular, que vem do sertão para a cidade, que sempre vem, migrante, marginal, renovando formas de estar

---

<sup>414</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. cit., p. 236.

<sup>415</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 262.

presente, à disposição das demandas razoáveis desta arqueologia da cultura, o contrato com a descompactação dos arquivos artesanais expresso através e por intermédio dos coletivos humanos, o que é, de fato, tudo quanto permanece e nos faz menos mortais. O registro da diversidade do mundo e a invenção da história no cerne da palavra, no risco do gesto, na voz ativa.

E eu ia ver a guerra sertaneja enquanto literatura repetindo-se nos ensaios e pesquisas da academia, presentes nas listas temáticas das revistas, encontráveis nas estantes a um toque. Selecionei o que me pareceu adequado em abrangência, os títulos aqui presentes. Se no momento ágil dos cursos a participação dos colegas dinamiza a bibliografia de referências, e depois a convivência se esgarça no tempo individual do trato com o texto, deu tempo de, estando em trânsito, antes de voltar ao Ceará e entre Florianópolis e Tapes, à distância de uma noite de ônibus, acrescentar mais um item ao material de trabalho. Foi numa tarde de defesa que me deram de presente a sugestão. Um nome que nunca lera antes escrito com tinta azul no pedacinho de papel, *Burabas*.

Adolfo Boos Júnior (1931, Florianópolis), o autor, não facilita a leitura. Excetuando-se a explicação do título do livro, em verbete de dicionário, logo em seguida às dedicatórias. “Burara”, brasileiro de origem baiana, feminino, singular, significando árvore caída ou galhos no meio da mata. Buraba é uma variante e, no caso, o esconderijo no oco das imbuías onde os caboclos faziam a principal linha defensiva dos redutos. O que o sumário simplifica, o relato disfarça, camufla, brinca de nos esquivar, à medida que engendra uma compreensão. A novela está organizada em quatro partes que descrevem, cronologicamente, os movimentos da Guerra do Contestado, a partir da localização e desbarato das cidades santas. Temos então “Vésperas” (destacando-se Irani, Taquaruçu e Caraguatá); “Apogeu” (com Canoinhas, São João dos Pobres e Curitiba); “O Cerco” (do Vale de Santa Maria) e “O Fim” (a queda de Santa Maria). Teríamos aí o aposto da precisão documental, cada denominação determinando um lugar de confronto, uma data específica e uma hora exatamente marcada, a hora H, mas toda a ordem dos fatos não passa de um esvaziamento. O que vale neste texto é o modo como o narrador impessoal empreende sua jornada noite adentro, na imprecisão da lembrança onde pelejam quatro cavaleiros desencontrados.

Eis o caso dos dois sujeitos de tocaia em uma noite que demora. Quem é quem, confundidos homens e destinos, a não ser por uma cortesia, distinguindo na noite longa a precária fala dos parceiros embuçados. Monólogos e mínimas memórias que esfiapam no deserto quando o silêncio da voz. O que um diz e já o outro está pendente daquela fala, metido dentro daquela vida. Um esboço de singularidades, a particular história extraída a pouco e pouco da noite escura, à falta de tudo ali e naquele buraco. E nem as palavras sobram, são rastejantes e desesperançadas. Mais separam que identificam os desconhecidos que se ouvem no breu, sob a apreensão medonha do ataque final, quando nascer o novo dia. Em texto que difere pelo itálico, outra dupla masculina se enfrenta, sem jamais cruzar caminhos, feras que se suspeitam, apartadas. E, tal os outros, nunca se olharão face a face. Estes homens em sombra, seres de bruma e pesar. Sem nomes, somente indícios e alusões que, mesmo para quem esteja a par dos dados ponderados nas informações conflitantes que o papel registrou, problematizam a identificação, permitindo que os antagonistas implacáveis se embaralhem na leitura menos atenta.

Na trincheira de árvore, a buraba do título, palavra, aliás, jamais utilizada nos textos consultados até aqui, tratando das coisas de cima da serra. E muito menos, que eu saiba, de uso na região linguística da caatinga. O título, por causa dele, não atinaria como se tratando de tema relativo ao Contestado. Pois, escondidos na buraba, mirando o reduto em frente, a taipa da igreja de São Sebastião que os soldados já tomaram, os caboclos Pedro e Simão vigiam, durante as longas horas que vão do entardecer do dia três de abril de 1915 até a manhã seguinte (mas, isto, o leitor só saberá no último capítulo. O primeiro traz o dia e a hora do confronto em 1912, no Irani. O Contestado está todo neste intervalo, e também não está aqui. Descolado do romance histórico, da necessidade de justificar as personagens em dicotomias racionalistas, o autor desentranha sua novela da tensão entre a leveza passageira do tempo e o peso de sua densidade confusa, quando escasseiam engenho e arte).

E então, rastreando as pistas, desemaranhando as frases da conversa, se é uma conversa este monólogo partilhado a viva voz. Aos poucos, no vem e vai da leitura, a primeira referência de identificação dos dois metidos no buraco se dá a partir da fórmula de tratamento que lhes seja usual. Pedrinho Mecê, o tropeiro, o apelido por conta do trato



respeitoso de seu costume, mantendo-se à distância do seu interlocutor, e Simão, o sem terra, o do rancho incendiado, o marido de Ana, que se comunica com o outro na intimidade mais fraterna do “vancê”. Na noite que parece a mesma, na mesma guerra que não se acaba, a trincheira insinua-se labirinto da memória e seus fantasmas.

Ana, a mulher que não olha para trás. Deixou Simão e seguiu na companhia das Virgens, a coragem necessária para enfrentar a justa causa. Ele, filho de Maria Leontina e Timóteo, conhecia a força do “inabalável fanatismo feminino”<sup>416</sup>, porque sua mãe abandonou casa e marido para seguir os passos do Monge. Assim os dois na buraba e que se desconhecem, reconhecidos por memórias compartilhadas pela voz na escuridão. Pedro entrou na irmandade porque foi preso em Curitibaanos, e na fuga encontrou-se na estrada com “um bando de doidos seguindo uma bandeira esquisita e um tambor esbodegado”.<sup>417</sup>

E Simão, expulso da terra que alegaram não ser sua de direito, seguiu o caminho que o Monge apresentava. Em meio ao fogo da inquietação. Simão tem 25 anos, Pedrinho, mulato sorocabano, está com 34. O tropeiro nasceu em São Paulo porque era uma das pontas do caminho do gado, desde os pastos de Vacaria até a famosa feira de sua cidade natal. A fala correspondente a Pedro também pode ser rastreada pelo uso de gauchismos, como “bagual”, “cusco”, “pilas” ou “china”. De si, falam o necessário. E nesta palavra intermitente imprimem algumas cenas, somente identificáveis por quem disponha de mais repertório – aqui, é só o que saberemos daquela audácia devida a Venuto Baiano: “Foi muita coragem daqueles caboclos se vestir de mulher, fingindo que catavam pinhão”. Entre recordações de outros episódios, a dupla enumera amigos, inimigos, traidores, lideranças, um rol dispensável. Mas quero imprimir mais um diapositivo ao mesmo retrato de Maria Rosa, surgindo de novo em louros cabelos crespos, porta bandeira da procissão, na retirada de Caraguatá, ela em seu cavalo branco, os arreios de franjas e fitas, a sela aveludada, duas mil pessoas, 600 reses e “o advento da fartura, da vitória e da imortalidade”.<sup>418</sup>

“Chica Pelega, mecê chegou a conhecer?”, “bonita, meio índia, cara larga, franca, de olhar os homens nos olhos, sem medo”. Poucas personagens são invocadas por intervenção do narrador, somente

<sup>416</sup> BOOS JÚNIOR, Adolfo. *Burabas*. 2005, p. 62.

<sup>417</sup> BOOS JÚNIOR, 2005, p. 92.

<sup>418</sup> BOOS JÚNIOR, 2005, p. 105 e 114.

quando está em questão o ponto de vista sobre os militares. Matos Costa queria ser o pacificador do sertão. E Pedrinho: “Diziam que acreditava em nós, diziam, porque, para mim, soldado está no mundo para bater nos pobres”, e nesta fala vem à lembrança o Soldado Amarelo de Graciliano, o Cabo Setenta do teatro de mamulengos, o fuzileiro americano dos filmes de ação. Simão e Pedro retornam do silêncio. “Sentem-se como repentistas sem muito traquejo e, à procura de inspiração, citam os lugarejos por onde passaram. Salseiro, Iracema, Moema, Corisco, Três Barras”<sup>419</sup>. Pedro recorda que esteve no episódio de São João, no qual morreu Matos Costa, e Simão, no incêndio em Calmon.

Simão comenta a morte de Chiquinho Alonso: “A colonada queimou ele e mais onze numa baita duma fogueira. Depois reclamam da gente, eles é que começaram”. Pedro recorda a grande fome que se seguiu. O cardápio, Simão enumera, “qualquer coisa feita de couro e que, fervida, desse um gosto à água”. Concluem juntos sobre a investida vitoriosa dos militares, após três anos de tentativas vãs, “os vaqueanos ensinaram eles”. E, para fazer uma guerra, pensam que “injustiça também é razão boa”<sup>420</sup>. Na confissão intermitente a que se dão, celebram a coragem de lutar por aquilo que lhes parecia ser o justo e o direito, “nem que fosse preciso mudar o mundo”<sup>421</sup>. Estavam prontos para encarar o sol, e enxergar os santos.

Os inominados do começo, as identidades reveladas. O diferencial do itálico, que preservava o anonimato, “quando ainda não era Adeodato Manoel Ramos, Deodato Manoel Ramos e nem Joaquim José de Ramos, mas simplesmente o filho do velho Teleme”, desaparece quando o tropeiro é escolhido para liderar a irmandade. Em sua defesa, os dois da buraba concordam, “falem o que quiserem, mas nunca negou os estribos, desde o dia em que entrou no Colosso até hoje”. Seu oposito, a sombra que o perseguia durante o sono sobre o pelego e a noite estrelada, aquele que também tremeu ao sentir a sua força de opositor, a sua voz de mandar em gente e gado, descrito o “queixo de rafeiro”, “o rosto quadrado, feroz e arrogante”, “o anticristo”, “o capitão deles”; “um capitão com nome de índio”<sup>422</sup>, que foi corneteiro no batalhão do

<sup>419</sup> BOOS JÚNIOR, 2005, p. 165; 201; 118; 158.

<sup>420</sup> BOOS JÚNIOR, 2005, p. 160; 176; 188; 224.

<sup>421</sup> BOOS JÚNIOR, 2005, p. 223.

<sup>422</sup> BOOS JÚNIOR, 2005, p. 167; 199; 193; 243.

Marechal Deodoro e teve o braço arrancado em batalha, na I Guerra. A decepção que sentiu Potiguara, por não ter conseguido acabar com seu rival.

### 2.5.7 Coda

De outras leituras também foi feito este capítulo, cujo objetivo é recriar o Contestado desde um panorama o mais amplo possível, partindo da obra de Guido Wilmar Sassi, pontuando a década de 90 e ingressando nas primeiras ficções publicadas depois do ano 2000. *Burabas* é de 2005. Antes e depois dele, adquirei outros volumes, de contos e poemas, que também me auxiliaram a compor o universo sertanejo do sul, mas não necessariamente entraram no palimpsesto. Dentre os quais, a novela, publicada em 2006, acometendo a Guerra do Contestado de um surto romântico retardatário: *A Trilha dos Miseráveis*, de Pedro Antônio Corrêa, que ilustrou a obra com a mesma falta de gênio da sua palavra. Ficamos por aqui.

E, antes de embarcar na próxima textura, preciso destacar uma perda, a falha pela não inclusão do romance *O bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto (1951, Blumenau), publicado em 1996. Era uma das ficções lidas ainda em 2008, logo ao chegar a Florianópolis, adquirido num sebo da cidade. Cuidei de tomar notas para as quais eu retornaria depois, em uma segunda leitura, no trato do texto, afinal. Nunca mais voltei ao livro, nem sei que fim tenha levado. Desapareceu. Na mudança. Dentro do ônibus, no caminho constante entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Não me recordo. E agora o que tenho são estes recortes, que nem sei como emoldurar. Mas, aqui também se trata do que foi esquecido e se perdeu, para reafirmar que nem tudo é feito da matéria durável e o indelével soa em som, que livremente passa pela terceira margem do tempo, enquanto não esbarra na corporidade da massa, e ressoa. Portanto, mesmo deslembada, penduro os vestígios no varal.

A narrativa parte de um manuscrito achado em palacete demolido no centro da cidade de São Paulo, no início dos anos 80. E depois já me aparece um nome, Tecla Johnasky, de família polonesa, trotskista, exilada. *Engraçado. Eu só me achava brasileira*. Na platibanda do manuscrito, que agora é minha ruína, a data: 20 de janeiro de 1981, o dia de São Sebastião. *O segredo e o enigma de Rosa, as visões do reino da*

*justiça de Gerd e a apreensão da realidade de Juta me fascinaram para sempre. (O Nome da Rosa, que mundializou o estilo de Umberto Eco, é de 1980). Os Sertões e o País de São Saruê revisitados: Era o reino da paz, da justiça e da fartura – nos rios corria leite, e algumas montanhas eram de beiju. A colheita do mate, de junho a outubro. Na mata modelada, no meio das perobas e imbuías e araucárias, a árvore da erva. Os ramos, enfeixados e levados ao carijo ou barbaquá para dessecação. Versos populares de ervateiros, cadê. Diz Juta a Gerd: Aqueles pobres infelizes do Contestado não tinham lugar para fazer uma coivara. Por isso invadiam. Nós temos 25 hectares. Os caboclos não possuíam nem uma cova rasa para enfiar um grãozinho de milho.*

A festa da cumeeira, *richtfest*, em junho, e aqui eu faria uma conexão com as festas de Renovação, apreciadas especialmente pelo mesmo mês, o dos santos queridos Antônio, Pedro e João, decantados na quadrilha marcada por Luiz Gonzaga, coincidindo com a colheita nos anos de inverno bom. Stresa, pequena cidade não muito longe de Diamante. Nas tílias da rua principal, as cabeças decepadas de 12 virgens do Exército de São Sebastião. O general Bezerra Nunes de Mello Branco capturou as *divinas iscas assassinas*. Maria Rosa foi chamada de *gênio militar*, anotei, e este retrato, tantas vezes retocado. *O vestido branco enfeitado com penas de tucano e fitas verdes e azuis.*

(Entrou pela perna do pato, saiu pela perna do pinto, quem quiser conte mais cinco, era a fórmula de despedida das contadoras de história de antanho à plateia ávida, como quem estala os dedos finda a hipnose, a viagem, o sonho. Ou senão, as Xerazades mais refinadas descreviam a delícia do arroz doce que ela trouxe a você da boda do príncipe encantado, e quando a boca virava lagoa de desejo, lá Xerazade tropeçou, a tigelinha se quebra, o doce que se perdeu. Mas amanhã tem mais, a promessa. E a gente sabia que sim).

### RASTRO 3

### VISAGEM

**Onde o sertão, da miragem no trançado de literatura e memória, figura na moldura do experimento partilhado. Em atividade, as palavras que me levem dos conformes do texto à mobilidade da paisagem na janela, abrindo os sentidos no trajeto a outras possibilidades de entendimento. A viagem é um acesso para a cultura comum, o contrato de subjetividades participantes mediado pela via periférica do espetáculo (e de bônus, um passe aos paraísos artificiais)**

*Todos os tempos futuros e passados, todos os braços da eternidade já estão aqui, retalhados em bocadinhos e partilhados entre os homens e seus sonhos.*

(Milorad Pávitch)

### 3.1 Convergências e margens

A brutal proximidade da paixão que me atrai aos desvairados mansos de Fortaleza. Naninha, pássara em seu turbante de farrapos e tão magra, flanando as ondas de calor entre os carros da avenida Treze de Maio ante a impaciência de quem, no ar condicionado. Ela, em outro mundo, não pedia nada. Nada de piedade desnutrida, mas “el contagio, el contacto de ser los unos con los otros en este tumulto”<sup>423</sup>. Quem me interroga é a pura liberdade de viver cada desvão da beleza. Salve, a diversidade que auxilia na decifração das senhas e sinais de que somos causadores de sentido, cada qual. Eu pedi licença, liguei o gravador, e ela se dizia, fora de si, em terceira pessoa, durante o tempo que a fita durou. A fala de Naninha, no ritmo de sua intervenção, foi minha pauta daquele dia.

Depois, a andarilha sumiu, a escultura de pano à cabeça, toda a roupa que tem sobreposta na ereta silhueta (estética que inspirou um estudante de estilismo ao desenhar sua primeira coleção). As pessoas me davam notícias da passagem dela por outras vias da cidade, andando sem parar, até sumir de vez. Ficou o registro daquela página de jornal (o texto circula por aí), vai para mais de dez anos. Além da sutura de mínima contextualização, tudo o mais é ela. A escrita, que seja a marca da passagem em mim pela travessia do outro, ao menos: sua vera palavra, sua respiração enfática e a pista de onde vinha: “[...] fica longe, tudo bonito, tudo bem gordo, tudo gostoso, tudo cheiroso”<sup>424</sup>. Naninha regressou ao País de São Saruê.

O sentido de pensar a comunidade, que se faça e aja na comunicação cambiável entre as singularidades que a realizam, na condição dada pelo momento da participação, que implica no toque e no reparte. A passagem ainda que não a partilha ainda, a recepção que tarda o instante de tornar a si. Ao mundo, essa ausência que nada teria para dizer, e mesmo assim, apresentável, o espetáculo de Naninha no asfalto. Isto não é nada – inclusive, é tudo, ó, Maria Rosa do Contestado. Aproximar-se concede ao tato presença e apartação, o limite entre pele e pele. Cada singularidade, outro acesso ao mundo. Do que falava Carlos Capela, relendo J-L Nancy: “O singular não se confunde com o

<sup>423</sup> NANCY, Jean-Luc. **Ser singular plural**. 2003, p. 12.

<sup>424</sup> O texto, publicado no jornal **O Povo**, caderno Vida & Arte (29nov.2001). Ver referências.

individual; seu lugar é o do inacabamento, do inconcluído que nunca se acomoda nos limites do ainda não e do já não mais”.<sup>425</sup>

E o que vinha do sertão para a cidade, chega da periferia doando força ao deslocamento, centralizando a comunidade que sustenta o sortimento do imperecível, renovado a cada vez no corpo em arte do brincante, abrindo passagem e desarmando o hostil, sua ciência firmada no cuidado com o que seja a cada um, no plural. A brincadeira é séria e implica persistência, amor e segredo.

Como quem diz, a origem está tão longe. A consistência de nosso ser demora em nosso ser comum. Comunicável. O ser com. Cânone e fuga. Descartes revisitado, logo etc. Radical assim. Falando ao teatro do mundo e viver no degredo do mundo encenado, fora da massa inumana exposta na vitrine saciada de si mesma, contra o contrato da comunidade: o contato e sua tenacidade sutil. Quero dizer da palavra poética e seu revestimento de resistência, na fruição da alegria rejeitada, porque o tosco deste fazer imperfeito, sempre contra o tempo (e adiante dele), está determinado a tentar de outro jeito uma alternativa ao traçado das armadilhas da história como fato consumado. Os profetas vieram consolar e conferir dignidade ao que não tem preço. O valor do abandono ao outro faltando à consciência de uma maior solicitude. É preciso ter cuidado.

O conhecimento erradio, quando se vê, virou-se em rede lançada aos peixes da imaginação, colhendo as relações mais ínfimas. A aparição do detalhe, sob o olhar tenaz. E latejam as têmeoras, um desconforto que exige o trabalho de controle do corpo diante da tela em sua movimentada fixidez. O que a mercadoria não herdou do artesanato, impregnado ainda desse movimento que a mão lhe deu. “Há um momento em que o objeto industrial se converte afinal numa presença com valor estético; quando se torna imprestável. Então se transforma num símbolo ou num emblema”<sup>426</sup>. A tarefa de amolecer o tijolo do dia, torná-lo outra vez o barro que a loiceira modelará em útil delicadeza, uma folha de argila coando a luz.

(Eu vi as bordadeiras de Andrequicé narrando-se em toalhas e panos de cozinha na casa que foi de Manuelzão. E na rua onde moro passa um quitandeiro na bicicleta carregadinha de sacolas plásticas, ele

---

<sup>425</sup> CAPELA, C. E. S. **Buquê sem perfumes nem rosas que são 13**. (curso sobre Jean-Luc Nancy, realizado na Pós-graduação em Literatura da UFSC, segundo semestre de 2009). Ver referências.

<sup>426</sup> PAZ, Octavio. **Convergências**: ensaios sobre arte e literatura, 1991, p. 50.



vem pedalando e cantando com um sotaque engraçado, original, entre a ciranda e o calípsio, as frutas e verduras que anuncia, alongando sílabas, acelerando-as. O prefixo musical das manhãs, a voz do vendedor ambulante desarrumando a prosopopeia do trânsito).

Bem antes da captura das câmeras em tempo total, os relógios já monitoravam o ritmo repetido da cidade em seu fluxo cotidiano. Porém, existe um lugar público que difere dos demais, onde um presente contínuo se resguarda às horas passageiras, intacto, em seu funcionamento controlado. O dia é pleno e fresco sempre no tempo homogêneo das catedrais do consumo, que dispensam a onipresença das horas.

(Não posso levar em conta aquele mecanismo cronológico derramando-se em líquido colorido no labirinto monumental de tubos translúcidos que vi em um shopping de Porto Alegre). O tempo consumado entorpece os sentidos ainda confiáveis, acumulando vestígios novidadeiros em cópias exaustas. O shopping é o mais artificial de todos os paraísos. “O imaginário não é uma estranha região situada além do mundo; é o próprio mundo, mas o mundo como conjunto”<sup>427</sup>, o agregado de linguagens que intervém no recuo necessário ao espaço da convivência.

As palavras também são coisas, por si próprias. E não se bastam para a verdade contida nelas e que monitoram nossas máscaras. A perseverança das horas, a interrupção do sentido e a ruptura como forma. A parte perigosa, divina e sacramentada. A comoção do caos e a vertigem da distância diante da presença evanescente do que se queria infinito. E viver já é tangenciar, no passo de ir escapando ao inevitável. A mediação sem mediador, no cruzamento da partilha. O presente da vinda, aonde os entes se tocam, dispostos e distintos? Sem oferecer resistência, só em ser disposição, indo ao encontro.

A guerra justa retornada. “Este espacio es todo um desierto”<sup>428</sup>. O triunfo da técnica não atrofia a comunidade soberana. E seu trabalho de arte talvez seja recuperar a coreografia de pegadas nas cinzas. A embaixada do Auto dos Congos, desaparecido, desfilando gloriosa, rostos negros de fuligem, na batida do ferro do maracatu. A surpresa do acontecimento, tudo o que ressalta. Estamos sentindo e sabendo o que é a conveniência sob medida. A responsabilidade de exilados no espaço transitório. O auxílio corpóreo da linguagem no ato de colher os pedaços

<sup>427</sup> BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. 1997, p. 305.

<sup>428</sup> NANCY, 2003, p. 125.

do mundo, que o que nos cabe sempre restará em pedaços. E pensar o sentido de, ou apenas sentir-se sentindo. A técnica se rendendo à natureza: a prótese do conceito para o objeto abstrato. E, ainda, por escolha, absorver a queda da escritura na atualização da memória pessoal.

Considerações sobre o gesto limitado pelo espaçamento necessário ao contato. O passado oferecido ao vazio das coisas abandonadas na morte erigida em paráliticos monumentos que escamoteiam o retorno de outra lembrança. Ao contrário, o transporte do corpo em travessia pela memória, com que defino a poesia cênica da cultura popular ou folclórica ou sertaneja e, melhormente, periférica, porque na sua repetição variante elide os marcadores que nos mantêm à distância do que não seja imediato. Agora, *la noche negra*, a vida mesma me aguçando os ouvidos. Ao olvido. O corpo, na plataforma de espera (o mundo), à escuta do sentido. Aqui, sozinha na noite da cidade desconhecida aonde uma guerra começou. Irani e suas ressonâncias, um sino atravessa o frio. Ocupar um lugar e me concentrar na evocação. Um murmúrio, somos o acidental.

Viver é testemunhar desapareições. Tudo volta, no tempo revivido pela memória em ação criativa. Às vésperas de outro dia real, vem o que regressa da névoa malva investido no papel de José Aves de Jesus, rei mendigo e penitente. Retorno de, o assalto sobre o tempo. O retorno tem limites. Em algum lugar já é passado, no momento em que passamos a limpo a civilização, obra nossa. O que não é indizível. O poema refeito de fogo e de morte, desde a pedra: *guarde o que vai perecer*. É a minha sorte. (Sorte enquanto oportunidade de uma ação sobre o instante). O contato, mero que seja, porém decisivamente fundador disto que procede do coletivo e é feito em mutirão, a experiência negociada. Atuar a partir do pressentimento, entre a hospitalidade e a hostilidade. Para tocar uma definição de confiança, da aposta feita em conjunto. O poder estrangido cede seu lugar à resistência, mesmo que seja em silêncio.

A abertura é uma fratura exposta, um ex-voto. O fim do mundo, no que ele teria de finalidade. A destinação sempre adiante, um passo a mais ou a menos do concreto, tangível e impenetrável. Até a pele, o mais profundo. Um pensamento suspenso sobre o sentido que me toca. Agora, já passou. O conceito do mundo ali, aonde a existência pesa. Desprender o sentido por caminhos interrompidos (precipícios, margens, becos sem saída). Para entrar no País das Maravilhas ou no Paraíso, faz-se necessário passar pelo buraco. Fazendo-se mundo, renascendo.

Extensões em tensão. A pura verdade é privada. O considerável movimento do conjunto causa perturbação na incapacidade com que se conforma a existência. Para fazer justiça à insistência da revolta, e a tanta dor.

O corpo e sua gravidade, “tan duro, tan intenso, tan inevitable, tan singular como un sujeto”<sup>429</sup>. O corpo, moldura da resistência. Carne aos sentidos, língua para experimentar-se em todo fel e sal, com a palavra entre os dentes, indefesa ao gozo e à lástima. Não há contato sem separação. Antes e depois da guerra, a comunidade de corpos resistindo. Mesmo o corpo fechado é aberto ao médium, o meio que, fora de si, saberá de outro modo. Sentir a arte em carne viva, na unidade dilacerada quando dada em comunhão. (Mestre Joaquim Mulato, debaixo da opa negra, a pele cariri mesclada de vitiligo e tatuada na disciplina de tirar sangue às almas do purgatório).

Extermínio, “la lenta inmovilización de la verdad en el silencio de los archivos”<sup>430</sup>. A verdade que não se toca não se retém. Venha ver abrindo os olhos ainda no escuro. A presença ausente que outrora denominava o sagrado segue aguardando a busca de uma significação aos sentimentos de angústia, de se tratar de si somente (ainda que ao tomar a acepção de cuidado com). O pensamento perecível, a perda dos sentidos, mas nada se perderá. Ficando no presente, tenho a certeza da manhã depois de uma noite irreal. Retorno a (salto sobre o tempo). O que é inconfessável não significa indizível (de novo). O verso que me falta. Porém, ao lado da inoperância há algo obrando o mistério. O poema em fogo da morte que renuncia: *guarde o que vai perecer*. O contato decisivamente fundador do que precede o singular da multiplicidade a que pertencemos, “aun si esta ‘pertenencia’ sólo es la pertenencia al hecho del estar-en-común”<sup>431</sup>.

A moldura pode ser esta página, pode ser a tela, melhor seria de pelo a poro, o corpo que perdura enquanto as paralelas do tempo passado e futuro se dilatam rapidamente. Enquadramento, para ver melhor algumas reflexões sobre história e esquecimento. O conceito de restituição, segundo Enrico Santí: “A perda permanece fechada em si mesma, confinada ao passado intocado, e unicamente recuperável pela

---

<sup>429</sup> NANCY. **Corpus**. 2003, p. 14.

<sup>430</sup> \_\_\_\_\_. **La representación prohibida** (seguida de La Shoah, un soplo). 2006, p. 75.

<sup>431</sup> \_\_\_\_\_. **La comunidad enfrentada** (seguida de Entre poder y fe). 2007, p. 30.

memória e pelo trabalho de luto”<sup>432</sup>. A perda se recupera da mesma forma na abertura do luto à folia, no instante em que o real suspende suas limitações e sob a cabeleira de ráfia esse homem é ainda um cortador de cana, mas também o caboclo de lança do baque virado, príncipe do carnaval pernambucano.

Das convergências do mundo nos cuidados com o transitório vem o que permanece na margem de repetição, memória encenada nos folgares, nas comidas, nos santos, nos costumes que se repartem indistintos, em consideração. Em Juazeiro, a gentileza nesse copo de água fria, em Irani me convidaram ao calor do chimarrão, o luxo destas dádivas. Repartir o sim e o não, dividido na brincadeira do bumbá, a cada qual sua parte, sem faltar para ninguém.

O que penso ao dizer da cultura periférica como repartição de dons, quando nem mesmo o atuante tem total consciência de sua doação. Faz, porque tem que fazer. É o seu trabalho generoso. É a busca da graça, como na devoção dançada a São Gonçalo, herança de Madrinha Dodô ao Juazeiro, e nas festas de renovação do Crato animadas pelo esquentamulher dos Irmãos Aniceto, já na quarta geração. Sempre que volto de viagem, venho coberta de ouro e prata. Aquela vez, conversando com as senhoras do marabaixo de Macapá, o samba de improvisado pontuado pela caixa de guerra, e o passo miudinho sem tirar os pés do chão, um arrastado mais próximo da dança indígena. Perguntei por que, a mestra respondeu, porque era assim que dançavam, nos negreiros, os avós africanos acorrentados. E se morriam durante a viagem, o corpo era jogado da amurada, mar abaixo – daí, o nome da brincadeira.

Acorrentados e ainda assim dançando, o aprendizado da lição. O segredo da identidade é a identidade como sagrado. O que perece está morrendo a toda hora, e se reapresenta ao que vai nascer. A cultura folclórica é um testemunho monumental em suas justaposições, onde nos encontramos do lado de lá da solidão. A cultura na contingência da memória e a memória como testamento da desapareição que retorna, visagem de diferentes narrativas. A conversa ao pé do fogo na paisagem de cristal líquido. De volta à caverna virtual. Lá fora, escombros.

A cidade cenotáfio. Da janela do avião, São Paulo à noite é um circuito eletrônico em escala gigantesca. Mas, se a chegada se faz

---

<sup>432</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, Memória, Literatura – o testemunho na era das catástrofes. Em “Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano”, de João Camillo Penna; nota 1, capítulo 11, p. 450.

durante o dia, a certa altura, visíveis apenas os contornos das construções, a paisagem imprime nas retinas a arquitetura elegante dos antigos cemitérios. O da Consolação, por exemplo, museu a céu aberto, arte do mais notório modernismo distinguindo os mausoleus. De cima também flagrei, na viagem de volta, o sertão na brasa viva da coivara, e ainda não choveu. A primeira seca do século XXI, convocando velhos fantasmas: o desvio particular da safra de verbas governamentais destinadas a combater o que sempre precisou, na verdade, de prevenção antecipatória e inovações que se ajustem ao conhecimento e às necessidades dos que produzem sob 300 dias contínuos de sol.

As cidades fantasmas que vi pelo sertão não se deveram à estiagem. Por determinações técnicas, encontram-se debaixo de açudes cada vez maiores, concentrando mais o que deveria ser bem repartido. A primeira delas foi Canudos, justamente no ano da última seca do século passado, 1997. Depois, Jaguaribara – ainda antes de virar o leito do gigantesco Castanhão. Acompanhei, em 2001, os últimos dias da mudança da cidade. E depois ainda, seguindo o curso do São Francisco, anotei a sombra de Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado, removidas pela barragem de Sobradinho. Cococi é outra história. Para chegar lá, uma estrada de terra e sete porteiras até a vila deserta no sertão dos Inhamuns. Foi sede municipal durante pouco tempo, por ingerências políticas do clã dominante desde a era das capitânias hereditárias, com prefeitura, cartório, comércio, escola, casario. De testemunho, estão lá. No abrigo do hotel, bodes e cabras descansam ao lado de uma parede com friso de flores. A igreja, alva por dentro e por fora, o altar ladeado por dois anjinhos com cara de índio. Nossa Senhora da Conceição, santos e alfaias, aos cuidados da única família que mora por ali.

No romance *A guerra do fim do mundo*, escreveu Angela Gutiérrez, Vargas Llosa “substitui o olhar de testemunha de Euclides, por seu olhar enriquecido por quase um século de outros olhares”<sup>433</sup>. Para realizar o percurso pelo sertão, neste encadeamento que me fez pensar as ligações possíveis entre Contestado e Juazeiro – e Canudos de permeio, axial, devido à persistência do testamento euclidiano, botei na mala de viagem o olhar da minha infância e a preciosa biblioteca. Passaportes, os livros sempre me foram. Com aprender a ler tive a primeira experiência verdadeira de decifração, o mundo se abrindo para

---

<sup>433</sup> GUTIÉRREZ, Angela. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. 1996, p. 179.

mim. Nos dez anos de jornal (1997-2007), o acervo ampliou-se devido a resenhas, lançamentos e bienais que favoreceram a multiplicação. Foi desta coleção que vim fazendo o valimento do meu palimpsesto. Agora, trago o olhar de mais quatro viajantes que andaram nos sertões por onde andei, para rapidamente conferir algumas transformações e, o principal, atentar ao que permanece, e de que maneira.

Foi no tempo do rei. Era D. João VI exilado de Lisboa, convidando a conhecer o seu país tropical estudiosos viajantes dos quatro cantos do mundo, que deixaram por escrito o testemunho do seu olhar estrangeiro. Auguste de Saint-Hilaire foi um deles, realizando diversas incursões pelo sudeste do Brasil, entre os anos de 1816 e 1822, do Rio de Janeiro até Vila Rica e daí chegando a São Paulo. Observava e escrevia criticando os maus efeitos da administração da coisa pública, que favorecia os corruptos e desencorajava os honestos, desde a distribuição de terras que privilegiou os próximos da corte. O naturalista francês comentou os modos cordiais à moda nacional: “[...] poderá ser caridosíssimo para com um homem de sua raça e ter muito pouca pena de seus negros, a quem não considera seus semelhantes”.<sup>434</sup>

Talvez o autor destas palavras discordasse dos brasileiros de sua época, ao não fazer distinção da humanidade pela cor da pele, mas não deixava de diferenciá-la quanto à civilização, negada aos naturais de Pindorama: observando que o uso da rede, habitual em São Paulo, tornava-se raro em Minas Gerais, conclui que os mineiros tiveram menos contato com a cultura nativa, sendo, por este motivo, muito superiores ao resto da população brasileira. Saint-Hilaire refez em parte o roteiro dos bandeirantes, os paulistas caçadores de homens, segundo seus termos, entre os quais Domingos Jorge Velho, que “percorreu os desertos perseguindo os indígenas”, e seu par Domingos Afonso, “alcanhado Sertão, devido ao seu amor pelos desertos”<sup>435</sup>. Deserto e sertão como sinônimos usuais, por mais de 200 anos.

Se até a primeira metade do século XIX o paraíso equatorial lusitano exportava seu exibicionismo pelos olhos europeus, na segunda metade o império brasileiro bancou a curiosidade do olhar local, sob os auspícios do naturalista amador D. Pedro II e da busca pelas origens autóctones da nacionalidade ativada pelo ambiente romântico. É desse período o *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão*, memória da

---

<sup>434</sup> SAINT-HILAIRE. *Segunda Viagem a São Paulo* [Quadro histórico da Província de São Paulo]. 2002, p. 60.

<sup>435</sup> SAINT-HILAIRE, 2002, p. 167.

travessia do médico fluminense, feita no ano de 1859, de Fortaleza ao Crato (516 km atuais pela BR 116). Ele chefiava a Comissão Científica de Exploração (jocosamente conhecida por Comissão das Borboletas), criada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – cujo patrono era o próprio imperador, que durante três anos percorreu o Ceará, vivenciando usos e costumes locais de espantar e escandalizando – a Comissão também foi chamada de “defloradora”, além da experiência fracassada e custosa que foi a importação de camelos do Marrocos. (De Casablanca aos labirintos de outra história, através dos sete mares do sertão, na canção de Fausto Nilo).

A Comissão era formada pelo poeta Gonçalves Dias, o artista José dos Reis Carvalho, responsável pelos registros em aquarela, e o zoólogo Manuel Ferreira Lagos, que foi além do seu ofício, na opinião do chefe deveras ranzinza. Passaram por Aquiraz, primeira vila da capitania, um século depois da expulsão dos jesuítas (1759). “Diz-se que foi no tempo da presidência do senador Alencar que se começou essa obra de destruição” (da igreja), os objetos de culto indo parar na casa do padre governador, segundo as “más línguas”<sup>436</sup>, registra Freire Alemão. E as línguas se afiavam no hábito de sentar-se porta a fora, cadeiras na calçada, ao frescor do vento aracati e “cocando” a vida alheia, “conforme o costume do Ceará”<sup>437</sup>. Sinhazinhas no batente: “As meninas, moças e senhoras do Icó se dão pouco ao trabalho; gostam muito de janela”.<sup>438</sup>

Em Aracati, observa os bordados em crivo e labirinto e os artefatos em palha de carnaúba, urus, chapéus, abanos, esteiras. A palmeira toda útil. Escreve também sobre uma modalidade de algodão naturalmente colorido de um “amarelo sujo” (reaparecido em Campina Grande, vem se destacando, desde 2000, na confecção de vestimentas orgânicas, servindo de plataforma para uma roupa mais artesanal, ecológica e rentável, lançada na edição de verão daquele ano na semana de moda paulista. Ainda tenho a camiseta “Quantas noites não durmo...”, da coleção Algodão Colorido da Paraíba, por Ronaldo Fraga).

Freire Alemão anotava em seu diário as árvores da caatinga e sua distribuição entre serra, sertão e litoral. No sertão, dominavam mulungus de copa triangular e flores encarnadas; oiticicas, paus brancos, freijós, quixabeiras, umarizeiras, jaramataias. O umbuzeiro sagrado. Da

<sup>436</sup> FREIRE ALEMÃO, Francisco. *Diário de Viagem* - Fortaleza a Crato. 1859, p. 47.

<sup>437</sup> FREIRE ALEMÃO, 1859, p. 157.

<sup>438</sup> FREIRE ALEMÃO, 1859, p. 169.

mutamba se fazia um óleo cosmético, de intenso vermelho (que se vendia de porta em porta nos subúrbios de Fortaleza, por volta de 1970). Juazeiros sempre verdes, moitas de mofumbo no entorno das lagoas, cajueiros, marmeleiros, catingueiras. Xiquexique, jamacaru, cardeiro, macambira, jurema, favela. Angico, aroeira, gonçalo alves, louro, pau d'arco, pereiro e imburana. Mororó, camará, jucá, jatobá, sabiá, trapiá, pajeú (os oxítonos tapuias). Ainda as há, raras na paisagem de frutas para exportação e acácias africanas.

Na pista da civilização sertaneja, Lagos ficou intrigado com uma formação rochosa que havia na entrada de Russas, com inscrições e gravuras em tinta encarnada, preservada, a pedra manuscrita, no desenho de Reis. (Em algum momento no início do século XX, a itacoatiara foi demolida para ampliação da rodovia). Freire Alemão reclama que Lagos se ocupa em coisas inteiramente alheias ao seu mister e, além do mais, desimportantes: pesquisando velhos livros das Câmaras, gastando tempo “em ouvir conversa de velhas” e até desviando o percurso quatro léguas só para ver uma artesã surda “trabalhar uma louça preta de grande perfeição”<sup>439</sup>, reconhece. Juntos apreciaram um arrastapé com violas e rabeça e foram a uma Festa das Almas no Dia de Finados.

Partindo de Fortaleza pelo litoral, depois descendo em direção do Icó, nas vizinhanças com a Paraíba, evitaram a aridez do sertão central e dos Inhamuns, já na divisa com o Piauí, nos meses mais quentes do ano, de agosto em diante. Chegando à região do Cariri, em Lavras da Mangabeira o grupo se deparou com a devoção extrema dos penitentes. Os homens de rosto coberto por lenços, quase nus, açoitavam-se com um chicote terminado em cacho de lâminas, no coro da igreja. Freire Alemão viu apenas as nódoas escuras de antigos flagelos. O padre havia proibido a presença deles no interior do templo “porque o sujavam de sangue”<sup>440</sup>. É isto singular ali e no Crato, anotou o médico. A disciplina ou penitência acontecia na praça, depois da meia noite, o cantochão das mulheres acompanhando o tinido do metal amolado riscando a carne. (A cidadezinha se recolhia cedo por trás de janelas e portas, talvez uma insônia perturbada, no fundo da rede, no escuro da camarinha, escutando os lamentos das *incelências* ao zunido dos chicotes, em alívio das almas penadas).

(A Ordem dos Penitentes do Sítio Cabeceiras, distrito de Barbalha, por mais de 50 anos comandada pelo decurião Joaquim

---

<sup>439</sup> FREIRE ALEMÃO, 1859, p. 164.

<sup>440</sup> FREIRE ALEMÃO, 1859, p. 200.



Mulato, realiza sua performance do mesmo jeito que o Padre Ibiapina ensinou nos idos de 1877 para conjurar a grande seca e os pecados do mundo: uns benditos lamentosos entoados por algumas mulheres vestidas de branco, os cabelos cobertos, chamadas de excelências, tal o seu canto, enquanto os homens, os protagonistas da função, as caras invisíveis sob o pano igual ao da opa que eles despem, um véu de brim escuro fechado até o pescoço que mal deixa ver os olhos pelo retângulo de treliça, os corpos anônimos no ritmo do braço vibrando as pontas laminadas, só nos “dias grandes” – Finados ou Paixão, obrando em mistério no ermo noturno dos campos santos).

(Quando apresentam a devoção enquanto espetáculo, basta a presença anônima debaixo dos véus, a opa de algodão preto ou anil com o coração flagelado de Cristo aplicado ao peito, cantando às almas sofredoras, no contraponto das mulheres, uma sinfonia dissonante vinda de longe, mas registrada e acessível. As ordens de penitentes fazem parte do segmento dramático da brincadeira, que é como os mantenedores da cultura periférica chamam a sua tradição. A brincadeira também é séria e perigosa. “O jogo limita sempre com o sagrado e, frequentemente, com uma de suas formas mais extremas e terríveis: o sacrifício”<sup>441</sup>. O decurião e santeiro Joaquim Mulato morreu atropelado em fevereiro de 2009. Tinha 89 anos).

Três anos a Comissão Científica andou pelo sertão cearense, coletando amostras de minérios, artefatos indígenas, artesanato, exemplares de espécimes vegetais e animais. Para trazer as caixas com os materiais mais diversos, conta Gustavo Barroso, alugaram o veleiro Palpite, construído num terreno baldio de Fortaleza, que afundou com toda a carga na foz do rio Acaraú. Sobraram as anotações de Freire e as aquarelas de Reis. De volta à capital, Lagos “leu no Instituto Histórico suas interessantíssimas *Observações de costumes, de preconceitos, de usos, de festas populares e até de palavras especialíssimas e de significação exclusiva da população menos civilizada do Ceará*”<sup>442</sup>. É o folclore.

Frederico José de Santa-Anna Nery nasceu em Belém do Pará, bacharelou-se em Paris, em Roma se fez doutor em Direito, e ganhou o título de barão, concedido pelo Vaticano, por defender os interesses da

---

<sup>441</sup> PAZ, 1991, p. 16.

<sup>442</sup> BARROSO, Gustavo. *À margem da história do Ceará*, v. II, 2004, p. 248. Itálicos do original.

Igreja na sua tese sobre as finanças do papado. Tudo isso antes da Proclamação da República, ano em que publicou, em Paris e em francês, com prefácio do príncipe Roland Bonaparte, o livro *Folclore Brasileiro (poesia popular - contos e lendas - fábulas e mitos - poesia, música, danças e crenças dos índios, acompanhado de doze peças de música)*, que é o título da segunda edição, traduzida, acrescida de apresentação, cronologia e notas adicionais, publicada em Recife mais de um século depois da primeira, em 1992, numa parceria da Fundação Joaquim Nabuco com a editora Massangana.

Vivendo desde adolescente na Europa, o ex-seminarista coligiu material consistente em três viagens mais demoradas ao Brasil, realizadas entre 1882 e 1887. E teve acesso ao que tinha de melhor na bibliografia temática em língua portuguesa, cito os colecionadores básicos: Almeida Garrett e Silvio Romero. Em 1898 foi preso e desterrado em Fernando de Noronha, com Barbosa Lima, João Cordeiro e outros implicados no atentado contra o ministro da Guerra, o general Bittencourt, assassinado um ano antes a facadas, exato um mês depois da destruição de Canudos. Santa-Anna Nery foi defendido por Ruy Barbosa. Morreu em 1901, em Paris. Estava com 53 anos.

Um documento importante do livro é a notação dos temas musicais de criação coletiva. Em parceria com um pianista conterrâneo, Nery registrou em partitura um “Canto indígena inédito”, a cantiga de roda (o que sobrou de um romance cantado) “Senhora Dona Sancha”, um acalanto, um “tango crioulo”, uma toada de cego, algumas modinhas e “canções sem palavras”, uma dúzia no total. O canto de ninar, a cantiga de roda e a xácara da “Nau Catarineta”, em versão do Rio Grande do Sul colhida por Karl von Koseritz, o autor classifica, no seu tripé étnico da nacionalidade brasileira, no segmento de procedência portuguesa. Bem depois, um olhar mais demorado perceberá aí feição ibérica, incluindo toda uma expressão mouro-andaluza e judaico-sefardita na gamela da nossa mistura. O livro “despretensioso” de Nery, de acordo com o próprio, é uma recopilação desinteressada a respeito de um entendimento mais vasto de tudo que nos rodeia, que é o que interessa no panorama social, histórico e literário disponível nos estudos intertextuais que forçaram passagens insuspeitas à cultura: o trabalho no quintal da tradição em correspondência pelo mundo a que se dedicou Luís da Câmara Cascudo.

E a fantástica floresta cabocla? “Matinta-pereira”, o pássaro da meia noite que assustou com sua lenda o menino Frederico José em

Belém, fez-se verso modernista em Cassiano Ricardo, e deu um som novo a Tom Jobim. Nery recorda as simpatias no Ver-o-Peso: banho de cheiro com folhas de tajá e raiz de priprioica, atrativo do amor. Na mata, índios chamando o vento com assobios. Na taba, a doença misteriosa que ele presenciou em 1862, antes de ir viver na Europa, quando fez parte da comitiva do bispo do Pará em visita pastoral à aldeia de Serpa, atualmente Itacoatiara. Os pajés em ação de cura, numa casa de palha dividida em duas peças, a mobília eram redes de tucum, esteiras pelo chão e tamboretas em forma de jabuti, dos quais ele diz possuir, em Paris, “numerosos exemplares”. Nas redes, três cunhãs deprimidas. A malícia nos olhos de quem vê: “Os pajés, cujas ocupações principais são a corrupção, lançam os primeiros germens da superstição no espírito inocente das jovens tapuias, visando às sensações carnavais”.<sup>443</sup>

As datas festivas que pontuam a quebra da rotina, necessárias à manutenção do controle social, continuaram por bastante tempo na demanda de um roteiro baseado no calendário litúrgico, e muito desse enlace ainda permanece, embora as transformações sistêmicas que laicizaram a cultura popular, urbanizada em uma articulação de consumo da informação para as massas. Mas os dias pesados ainda se preservam. (A procissão do Senhor dos Passos descendo a ladeira do Imperial Hospital de Caridade é um rio de gente segurando velas acesas guardadas do vento por meias garrafas PET, no encaço da irmandade de veludo roxo que sustenta o andor onde um Cristo sangrando de olhos muito abertos suporta a cruz diante da baía iluminada de Florianópolis, lá embaixo).

A ação das irmandades de cor, durante o século XIX, teve importante papel na conquista da autonomia e da expressão da dignidade de negros, pardos e caboclos, camuflada muitas vezes pelo discurso mais evidente das diretrizes caritativas oficiais, em geral, a elite associada às categorias que oprime alegando representar. Uma das festas citadas no livro de Nery e que se mantém, mais expressiva no Espírito Santo, Goiás e Santa Catarina, é a de Pentecostes ou do Divino. O festeiro comanda o ritual da folia: devoção, comida, bebida e baile com viola, percussão e a voz da assistência renovando no verso de improviso o repertório que se mantém conhecido exatamente porque se repete, embora nunca do mesmo jeito, a fixidez da palavra oxidada na língua maleável, duráveis e mutantes estrofes no mote e glosa da cantoria, no refrão à capela do maracatu rural, nos pontos de santo dos terreiros, da

<sup>443</sup> NERY, F. J. de Santa-Anna. **Folclore Brasileiro**. 1992, p. 154.

voz ao baque de comando no samba velho do jongo, no torém e em outras tantas manifestações do coletivo que realinham o contorno do mundo na duração do espetáculo que se joga com a vida, junto.

O olhar que fecha estas convergências espraia-se às margens de negociação por onde a cultura periférica infiltra seu caleidoscópio de alegrias subvertidas (a tristeza é o resplendor da avenida): a existência partilhada em invenção e memória. Para não doer mais. Em *O Povo do Santo*, o antropólogo Raul Lody (1952, Rio de Janeiro) parte da instância do sagrado para chegar na abertura de uma comunicação entre os controversos elementos interagindo na cultura brasileira. Genericamente, é inegável o fundamento. Fomos retirando o amparo aos deuses, porém não do sentido do sagrado que articula o ser conosco, da natureza, do inumano, de nós. O segredo é a intenção que se realiza no cuidado com: vivo ou morto.

(Às vésperas do Día de los Muertos, caveiras de glacê para comer e de enfeite nos recortes de papel embandeirando os cafés no centro da cidade do México. No Ceará, a Festa das Almas de Ocara reunindo a família, os que voltam nessa época do ano para reencontrar vivos e mortos numa espécie de ceia à luz de velas no cemitério da cidade. Um achado da arqueóloga Niède Guidon na Serra da Capivara, Piauí: a mulher sepultada há 5000 anos em posição fetal no seu pote de cerâmica, o pequeno esqueleto encolhido no camocim, exposto em penumbra e silêncio por trás da parede de vidro no Museu do Homem Americano).

A pesquisa de Lody, embora cuide da permanência do espiritualismo indígena, reorganiza-o em torno da matriz religiosa africana, destilada por conexões entre Bahia, Maranhão, Angola e Senegal, partindo desde o contexto político seguinte à Semana de Arte Moderna, com isto quero dizer, quando a vanguarda intelectual, em vez de Paris, viajou em busca do Brasil profundo. Foi por esses anos 30, conta ele, que o arquiteto Luís Saia, acompanhante de Mário de Andrade em sua excursão ao norte e nordeste do país, relacionou a arte votiva popular, através do traço, do entalhe, da triangulação das cabeças esculpidas, à estética das máscaras africanas que deram ideia do cubismo a Picasso. Mas, nessas primeiras décadas do século XX, apesar da criação de novos equipamentos de defesa do patrimônio material e imaterial (a instâncias de pessoas como, particularmente, o autor de *Macunaíma*, que firmou em sua atividade pública, ação, pensamento e

vivência), o governo lidava com a cultura do terreiro igual ao tempo da senzala, o que de nenhum modo justificaria sua atuação.

O Estado Novo, do golpe de 1937 ao fim da II Guerra, foi eficientemente enfático na repressão com violência contra o povo do santo, profanando altares e instrumentos do culto, “levados para delegacias policiais, hospitais psiquiátricos e posteriormente utilizados como documentos de marginalidade e loucura”<sup>444</sup>. A polícia republicana não devendo nada em truculência à autoritária personagem de Manuel Antônio de Almeida em *Memória de um Sargento de Milícias*, o major Vidigal: “Incansável perseguidor de festas populares, nos arrabaldes do Rio de Janeiro, em que modas e fados eram entoados, tormento de magos, curandeiros ou praticantes de religiões que não gozavam de boa reputação, além de vadios e capoeiras”<sup>445</sup>. O estribilho “Papai Lelê Seculorum”, no episódio em que os peralvilhos da laia do Leonardo Pataca satirizam o major que virou nome de comunidade, articula-se, ao modo canibal da cultura periférica (deixemos a antropofagia aos modernos) com esta loa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Fortaleza, em exemplo de sobreposição dialética do português, bundo, tupi e latim de missa. Um Congo surreal: “Nós vamo pro Rosaro/ Festejá a Maria/ É de zambi a pamba/ É de bambê/ Miserere, miserere/ Miseré-rê/ Papaconha, papaconha/ Peneruê”<sup>446</sup>. (Ainda Fortaleza antiga: a festa de Coroação dos Reis de Congo, em seis de janeiro de 1889, trouxe uma novidade: mestre Benedito, rei daquele ano, recebeu a embaixada ao som da sanfona, inovação que não se repetiu<sup>447</sup>).

A dança é forma arquetípica de se alinhar com o sagrado. Dançar para chamar o santo, convidado a entrar na roda, cada gesto guardando a complexidade de uma significação verdadeira. O cotidiano do mundo do trabalho traduzível na coreografia necessária, e o do sagrado, na evocação dos deuses de que o gesto (a dança, a máscara) é a expressão. Entre o público e o privado, no terreiro e no meio da rua, as intervenções corporais “cumprem enredos, histórias, acontecimentos míticos, relatos

---

<sup>444</sup> LODY, R. **O Povo do Santo** (religião, história e cultura dos orixás, voduns, iniques e caboclos). 2006, p. 33.

<sup>445</sup> CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. Violência: a dita, desdita, **Revista Z Cultural**, ver referências.

<sup>446</sup> SERAINE, Florival. **Antologia do Folclore Cearense**. 1983, p. 84. (Recolha de João Nogueira).

<sup>447</sup> Documentos, **Revista do Arquivo Público do Ceará**, n. 3 – Índios e Negros, 2005, p. 64.

sagrados”<sup>448</sup>. E mesmo quando não são mais compreensíveis, sutilezas e interditos no ponto de mutação transformando-se em puro jogo, as manifestações ritualizadas no corpo esvaziam a forma do sagrado e, anexando o aleatório do improvisado ao movimento, assumem o palco: eis o espetáculo, o gesto agora indecifrável como o texto fixado em pigmento mineral na tela das itacoatiaras, entregue ali com seu mistério intacto. A tela é o corpo em movimento, aonde um deus desconhecido ainda vem dançar. As danças coletivas são representações determinantes da história para a comunidade. “Os gestos do sagrado intercambiam rituais cotidianos e de festas comunicando deuses, homens, ancestrais”<sup>449</sup>.

Raul Lody estudou o uso das máscaras nas coreografias tradicionais (e me recordo da primeira viagem de trabalho ao sertão, em 1997, para cobrir a Festa dos Caretas de Jardim, que acontece na Semana Santa. A brincadeira extrapola o enredo da Paixão e Morte e se concentra na farrá do Judas, o boneco do traidor esperando o Sábado de Aleluia em um sítio guardado pelos caretas, grupo de trabalhadores rurais vestidos em fantasia de palha finalizada por chocalhos que anunciam sua passagem, junto com o estalido do chicote nas pedras das ruas, o rosto coberto por máscaras zoomórficas de couro, de casca e de outros materiais da floresta do Araripe, testemunhando a presença não esquecida do sagrado Cariri, vinculado à natureza). No bumba meu boi do Maranhão, a máscara cazumbá representa a “fusão dos espíritos dos homens e dos animais”<sup>450</sup>, gerando seres fantásticos, entre o homem e o bicho.

Os Bois de Reis do Ceará são sobrevivências dos Congos, que também eram apresentados em seis de janeiro, fechando o ciclo natalino, dia em que também saíam em cortejo os maracatus de Fortaleza, até se incorporarem ao carnaval. O figural da brincadeira conta, além do boi, que é o principal personagem, com a burrinha e a ema, feitos de uma armação revestida de pano, além de trazer à cena bichos míticos de nem se sabe mais qual tradição: nos bois nordestinos, o Jaraguá, com sua cabeça descarnada, uma caveira de burro articulada pelo brincante sob a armação coberta de chita, a queixada óssea esticando o longo pescoço de vara, para assombro dos meninos. No Boi de Mamão catarinense, este papel é da Bernunça, que também presenciei botando as crianças a

---

<sup>448</sup> LODY, 2006, p. 140.

<sup>449</sup> LODY, 2006, p. 154.

<sup>450</sup> LODY, 2006, p. 155.

correr. Ainda lembrando os festejos de Reis e o uso das máscaras, no Cariri, destaco a apresentação do fandango de mestra Margarida, comandando suas guerreiras de Joana d'Arc nas ruas de Juazeiro portando na cabeça uma igrejinha toda enfeitada de espelhos e fitas, como se vê em outros pastoris profanos e nas Folias de Reis pelo Brasil.

Voltando ao tema de Lody. A porosidade da cultura periférica fica evidente na acolhida dos terreiros aos encantados da jurema. Os deuses da África se renovaram bebendo cauim e aluá com os caboclos de pena. E a necessidade de representação favorece a vinda de novos santos, atualizando os altares, a exemplo das entidades que dignificam o antepassado sertanejo, entronizado pela fome, a seca, o sofrimento, chamados “capangueiros” ou “boiadeiros”, convocados no aboio e falando a língua do vaqueiro no peji dos orixás.

Estas passagens levam ao trânsito entre profano e sagrado, o trabalho e a festa, entre a casa e o palco. No ambiente menos visível das cozinhas e quintais, velhos ritmos tramam novos laços de pertencimento. Lody lembra o samba que nasce da “fricção da faca na borda do prato de louça”<sup>451</sup>, que animou tanta roda de bamba. Dona Edith do Prato (1916-2009) deixou de herança o registro de sua voz e do seu ritmo num apanhado de sambas de roda e chulas de terreiro, tradicionais do Recôncavo baiano. O primeiro registro de seu canto, e do som que ela tirava com a faca no prato, está no LP mais experimental e comercialmente fracassado de Caetano Veloso, “Araçá Azul – um disco para entendidos”, de 1973. Em 2003, Edith do Prato estreou, em CD/DVD, com o grupo Vozes da Purificação (oito senhoras que a seguem no contracanto, marcando o compasso nas palmas de mão. A mais nova delas tinha para mais de 70 de idade). No repertório, lundus, chulas, sambas de roda e até a loa de boi “Ariri Vaqueiro”, a presença do caboclo nos terreiros e cozinhas de Santo Amaro.<sup>452</sup>

A voz expandindo o corpo. Ou: a memória é do que está vivo. Do que acaba perdurando (durando em torno, à volta, comendo do mesmo prato). O ritmo da vida alimenta a narração repetida: contar uma história é contá-la outra vez. E a história pode ser servida de diferentes maneiras, sendo uma das mais expressivas a performance, por juntar a palavra ao gesto, por trazer em si a condensação entre conteúdo e forma. Uma reconciliação com a cultura gerenciada na coletividade, “a memória das

---

<sup>451</sup> LODY, 2006, p. 173.

<sup>452</sup> Edith Oliveira Nogueira, dita Edith do Prato, é verbete no **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**, ver referências.

perdas e danos que, por sucessivas sedimentações, constituíram o sentimento de pertencimento próprio do fato comunitário”<sup>453</sup>. A moldura é arcaica e atual, engendrada no conhecimento instintivo, advindo do que é familiar e longínquo (e tudo está cada vez mais perto, porém menos familiar). Olha no que isto vai dar. O sonho do coletivo voltando à ordem do dia no planeta Terra.

Chegamos ao chão do peripatético, o mundo como um outro mundo, em seu acrescentamento: “o que caracteriza esse mundo mítico é efetivamente a *participação*, graças à qual, ou por causa da qual o eu tende a perder-se no outro, ao mesmo tempo nele adquirindo um acréscimo de ser”<sup>454</sup>. A determinação de uma soberania partilhada no repertório de “sabenças”, a erudição concernente à cultura periférica constante no dispositivo dos dicionários. Mas isto é a sabedoria, passada na casca do alho.

### 3.2 Viagem a São Saruê

Negócio de formiga e obrigação de cavalo, todo dia, o dia todo, na cidade, os recicladores movimentando sua arquitetura de restos e papelão atrapalhando o trânsito, quando só assim se tornam visíveis ou quase. Mas não o seu trabalho. O que desejam e sonham. No cenário duro da vida sertaneja, para um café, há que juntar a lenha, fazer o fogo, atijar a brasa e antes de tudo houve o tempo do grão. Plantar, colher, debulhar, escolher, cozinhar, a hora de virar alimento demora. E se não chover. E se chove demasiado. Da mão para a boca, como o povo diz, quem vive para a fome de hoje, que amanhã será outra. E o que faz falta nutre a necessidade do imaginário para escamotear as fronteiras da exclusão. Daí a importância de si ao produzir o fato de cultura, realizando o corpo em evidência estética pela imaginação ativada, o que é a brincadeira periférica, em suas camadas de memórias coletivas dispostas na cena, reençadas.

As narrativas fixadas no folheto popular ajudaram a reforçar, por um seu lado contraditório, o tipo do preguiçoso que nos acompanha desde o tempo da colonização (o índio indolente, o negro idem e, sempre, o brasileiro pobre), em histórias de exemplo, a exemplo de Pedro Cem, que termina Pedro Sem, do poeta Leandro Gomes de

---

<sup>453</sup> MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida** - variações sobre o imaginário pós-moderno. 1997, p. 39.

<sup>454</sup> MAFFESOLI, 1997, p. 166 (itálico do original).



Barros. Mas o contexto real é o de que, quanto maior o trabalho do corpo, menor a dignidade de ambos. E, portanto, o sonho de outra vida enquanto puro desejo só pode ter lugar no universo da fantasia que está no princípio das lendas, à força do verbo. O que estou dizendo é que mesmo submetida ao aviltamento físico, a pessoa está ali resistindo, querendo. Ao apelo eficiente da loteria, do remédio milagroso, da promessa do político, da droga, da religião, da arte. Não é por acaso o sucesso desse tipo de narrativa que vem de longe e se encontra em todas as linguagens, e que se atualizou neste folheto de oito páginas em quarto, publicado na Paraíba em 1965.

Manoel Camilo dos Santos redescobriu o paraíso da fartura, do desfrute constante onde qualquer esforço é dispensável, no seu romance “Viagem ao País de São Saruê”, um dos títulos mais divulgados da literatura tradicional, e não só em papel. O cordel se reproduz na rede. A Fundação Casa de Rui Barbosa dispõe em endereço eletrônico parte do seu acervo biobibliográfico, alguns (poucos) poetas de improviso e de bancada divididos em duas gerações, os atuantes na primeira e na segunda metade do século XX. A página de Manoel Camilo, ilustrada como a de seus pares, traz as xilogravuras de um São Francisco com o Cristo crucificado, o taco cortado em preto e vermelho, e a outra é uma estrada verde sinuosa ladeada de palmeiras por onde vai um calhambeque, sugerindo a travessia proposta em seu romance. O folheto “Viagem a São Saruê” está catalogado neste acervo, no item assunto, em “messianismo”, quando seria mais próprio no ciclo de aventuras e melhor ainda na categoria do fantástico (inexistente, embora o tema seja recorrente no imaginário de poetas e cordelistas). O poeta nasceu em Guarabira-PB, em 1905. Começou a trabalhar na agricultura, depois tentou o comércio ambulante. Aos 30, marceneiro em João Pessoa, deu início à carreira de poeta cantor, que assume como profissão, indo morar em Campina Grande.

Pois foi aí, na bela cidade da Chapada da Borborema, que Manoel Camilo encontrou rumo definitivo, o de poeta editor, fundando, no final dos anos 50, a casa publicadora Estrela da Poesia, onde exerceu todas as funções, foi tipógrafo, xilógrafo e poeta, dando-se também à elaboração de horóscopos, ofício praticado por um contemporâneo seu, o editor popular Manoel Caboclo e Silva, estabelecido com sua oficina na rua Todos os Santos, em Juazeiro, e autor do almanaque “Juízo do Ano” (que publicou de 1960 até sua morte, em 1996, que foi quanto durou esta sobrevivência do *Lunário Perpétuo*, original espanhol de

Valência, do século XVIII, que migrou para Lisboa e daí se difundiu pelo sertão nordestino, segundo Câmara Cascudo em seu *Dicionário*. Diz ainda o verbete sobre Camilo que ele publicou mais de 150 folhetos autorais, sendo que o mais conhecido “teve uma versão para o francês, *Voyage a São Saruê*, feita pela professora Idelette Muzart”<sup>455</sup>. Manoel Camilo viveu 82 anos.

“Doutor mestre pensamento/ me disse um dia: você/ Camilo, vá visitar/ o país São Saruê/ pois é o lugar melhor/ que neste mundo se vê”<sup>456</sup>. O poeta difere da elocução inicial que marca a poesia épica nordestina, menos usualmente à musa, que Camões já chamava de antiquada – embora Manoel Caboclo, há pouco citado, a tenha convocado no romance “Adalberto e Alzenira ou o casamento no céu”, assim: “Ó musa inspiradora/ vem confortar minha lira”<sup>457</sup>. O mais comum é recorrer à Providência Divina, como os tradicionalistas sentimentais também costumam iniciar seus romances, bem como os poetas da linhagem do maravilhoso, do ciclo dos heróis ou os folhetos de circunstância. José Costa Leite, da mesma geração de Camilo, autor de “A verdadeira história do herói João de Calais” (uma desventura de amor resolvida com o auxílio do morto agradecido), invoca na primeira linha o “Santo Deus Onipotente/ Rei dos reis e Pai dos pais”. Camilo não, ele é instigado e instruído por seu próprio pensamento, é o poder da sua imaginação que o levará ao lugar mais extraordinário deste mundo, confinando com o marco das utopias. São Saruê é uma travessia pela terceira margem, a do sonho, da loucura ou da arte.

Os cantadores e cordelistas eram, e ainda são dentre o estrato sertanejo radicado nas capitais e grandes centros urbanos, os que possuíam, antes da interiorização do ensino e mais recentemente da educação superior, uma faculdade informal, cursada no aprendizado com os mestres, por tempo de convivência, na audiência de cantorias e na leitura/vendagem de folhetos nas feiras (isto, em um cenário cultural prévio à disseminação da televisão nas praças públicas pelo interior, a

---

<sup>455</sup> Informações sobre Camilo e alguns dos seus títulos, disponíveis na Fundação Casa de Rui Barbosa:

[http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ManuelCamilo/manuelCamilo\\_biografia.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ManuelCamilo/manuelCamilo_biografia.html). Neste acervo, também pode ser consultada a obra de Leandro Gomes de Barros e de outros poetas sertanejos (consulta: 16mar.2012).

<sup>456</sup> O folheto de Manoel Camilo dos Santos está na íntegra na revista portuguesa **E-topia**, ver referências.

<sup>457</sup> CARVALHO, Gilmar. **Manoel Caboclo**. 2000, p. 87.

partir dos anos 70<sup>458</sup>). Mas ainda faz parte do acervo cultural dos poetas populares um conhecimento cada vez mais de leitura própria que de oitiva dos autores nacionais, sendo Castro Alves um parâmetro incontestado – era o poeta predileto de Patativa do Assaré. Outra vertente, o parnaso de Bilac, responsável pelos avelórios à grega residuais na medida métrica nordestina. E a influência moderna de Augusto dos Anjos.

Então, são os poetas uns enciclopédicos arquivos vivos desafiados durante a peleja (a performance, temperada pelo baião de viola que o companheiro sola enquanto o outro improvisa o verso) ou na mesa de trabalho (por isso os poetas “de livro”, para fazer a diferença com os repentistas, são chamados poetas de bancada ou, mais antigamente, de gabinete – que deu nome a um tipo de martelo já hoje em desuso), repassando por sua palavra o conhecimento genérico e eficaz dos livros mais importantes desse mundo deles, além do vasto repertório oral que manifestam.

Quando o poeta narra sua aventura dizendo ter embarcado no carro da brisa, há conexão com um cenário olímpiano, Apolo dirigindo pelas nuvens do céu etc. Porém, a xilogravura que ilustra a página do poeta e a presença ainda rara do automóvel nos sertões, até anos depois da publicação do romance – na década de 70, a gente criança, indo passear em Jaguaruana, o barulho do fusca nas veredas fazia o povo abismado vir à porta das casas, em adeuses intermináveis. O veículo, da maneira como está representado na gravura aludida, se associa no contexto de uma cultura híbrida ao impacto de um ieieiê do cantor Roberto Carlos, lançado em 1964 e ainda recorrente sucesso, lançado um ano antes do folheto de Camilo.<sup>459</sup>

A gravura que ilustra a página de Camilo não necessariamente seria capa do folheto. Porém, no acervo de xilogravuras do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, entre o conjunto de coleções individuais de vários gravadores populares da segunda metade do século XX, encomendadas a partir dos anos 60, encontram-se 21 pranchas do poeta Manoel Camilo dos Santos. Uma talvez tenha estampado o cordel,

---

<sup>458</sup> Conferir a tese de CASTRO, Simone Oliveira. **Memórias da Cantoria**: palavra, performance e público. Publicada em 2011 pela Coleção Ceará Cadinho, do Laboratório de Estudos da Oralidade da UFC.

<sup>459</sup> “O Calhambeque tornou-se o maior sucesso de Roberto Carlos naquele ano de 1964, especialmente a partir de setembro, quando foi lançado num disquinho de papelão oferecido de brinde para quem comprasse uma caneta Sheaffer”. In: ARAÚJO, Paulo César de. **Roberto Carlos em detalhes**. 2006, p. 114.

ou foi um seu desdobramento. A gravura apresenta-se em dois planos, acima, o calhambeque na estrada, abaixo, no “olho” inserido em losango evocando o contorno da bandeira nacional, a inscrição “Viagem a São Saruê”, em torno do círculo maior, e “Esfera Poética”, ao redor da “pupila”.<sup>460</sup>

A viagem do poeta a São Saruê começa no “carro da madrugada”. Do “carro da brisa” ele passa para o do mormaço. Até quase completar a viagem com a “neve fria” da noite. Levado pelo vento. De manhãzinha, o poeta chega à rica cidade na beira do mar, uma placa de ouro com letras de brilhante certifica: São Saruê. O povo muito civilizado é descrito em duas ou três estrofes. Todo mundo permanece jovem, banhando-se no rio da eterna mocidade, e ninguém precisa trabalhar. As casas são de ouro e prata, forradas de cetim. Até o que vestir dá em árvore, chapéus de massa, cortes de casimira, meias de seda, finos sapatos. Elementos do desejo de consumo naqueles anos 60, o sertão se eletrificando com a usina de Paulo Afonso, as vitrines das capitais replicadas em cada esquina suburbana, e pelas ondas do rádio e depois em imagens, o rumor do sonho coletivo de paz e amor na chuva de uma era nova.

Porém, com todos estes elementos sugeridos pela cultura de massa que começava a atuar de maneira mais contundente nas periferias do Brasil, através da difusão dos meios quentes de comunicação, a maior parte do poema, a descrição do que verdadeiramente interessava nesse país das maravilhas, era a fartura alimentar. São sete estrofes (de um total de 33) apenas para detalhar o que se comia em São Saruê.

O poeta se deleita com a profusão de mantimentos – nenhum industrializado, em cardápio que não estranha ao paladar sertanejo, ao contrário, fazendo parte do seu cotidiano de restrições alimentares, aliviadas quando, na plenitude do inverno, a caatinga se transforma no jardim da criação:

Lá eu vi rios de leite/ barreiras de carne assada/  
lagoas de mel de abelha/ atoleiros de coalhada/  
açudes de vin’ do Porto/ montes de carne  
guisada.// As pedras em São Saruê/ são de queijo  
e rapadura/ as cacimbas são café/ já coado e com  
quentura/ de tudo assim por diante/ existe em  
grande fartura.

---

<sup>460</sup> A xilogravura de Camilo pode ser vista no acervo virtual do Museu de Arte da UFC (MAUC); ver referências.

Durante os dias que passou por ali hospedado, só quem trabalhou foi o poeta, recitando novos versos entre cachos de beijus e pencas de tapiocas.

No poema, Camilo compara a abundância do país fantástico à Canaã do Velho Testamento, mas São Saruê também reivindica o mesmo compromisso com a Terra Sem Males que aguarda os guaranis no final do Peabiru. A referência literária, contudo, é com o País da Cocanha, “que aparece em um *fabliau* de meados do século XIII”<sup>461</sup> e se dissemina em baladas adaptadas por toda uma Europa faminta e desolada. O pintor flamengo Pieter Bruegel, o Velho, registrou em 1567 a imagem surrealista de leitões assados indo ao encontro dos comensais gulosos deitados em eterna sesta.

Teria sido Orígenes Lessa, diz ainda o texto sobre Camilo, quem afirmou ser o romance a versão sertaneja do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira (publicado em 1930, no livro *Libertinagem*). Mas há uma diferença incontornável: o paraíso de Bandeira era um retorno ao reino do passado, e São Saruê está mais para um país do futuro, onde o poeta não precisa ser amigo de ninguém (desconstruindo o “jeitinho brasileiro”), porque não há privilégio nem diferença de classes, o que nos leva a outras interferências enredadas na novela, a riqueza partilhada com todos prometida na revolução comunista e sem dúvida a vagabundagem descompromissada e lírica da juventude lisérgica.

Ao concluir a narrativa, o poeta se dispõe a indicar o caminho de São Saruê para o seu ouvinte/leitor: “porém só ensino a quem/ me comprar um folhetinho”. A estratégia do vendedor de folhetos está toda nesta isca. (No caso, ao ler a história até determinado nó dramático, e suspender a leitura, e sustar assim a imaginação da plateia, o vendedor de folhetos fazia o que faz o artista de rua, os palhaços, estátuas vivas, engolidores de faca cruzando um aro de fogo no meio da roda de curiosos e turistas na avenida Beira Mar, ou o sujeito que vende a pomada do peixe elétrico nas romarias de Juazeiro, o legítimo óleo da baleia, prometendo e adiando, enredando histórias, no domínio do tempo que o público desperdiça até a saturação, e aí o espetáculo já

---

<sup>461</sup> LE GOFF; SCHMITT. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v. II, 2002, p. 119. (A citação está no verbete sobre o “Maravilhoso”, escrito por Le Goff).

aconteceu). Quanto a Camilo, pela volta que deu no mundo até chegar a São Saruê, viajou foi no rabo de um foguete.

O poeta popular, enquanto generalidade, coloca-se em uma postura tradicionalista com relação aos usos e costumes, sendo comumente rotulado de antimoderno e cultivando uma saudade do passado como se fora a Pasárgada do Bandeira. Penso que, embora o posicionamento do cantador e cordelista dificilmente divirja do código moral estabelecido em seu próprio contexto histórico, confirmando o que vai pelo senso comum, ele também exercita conscientemente a missão de que também está investido, em seu papel anunciador, revelador e denunciador, mesmo seduzido pela novidade que critica e a qual se contrapõe. O romance de Camilo, lido na perspectiva de um fôlego para velha história, é na verdade um lançamento na direção daquele momento político, articulando São Saruê à era espacial, o antigo tema da viagem na tensão moderna da Guerra Fria.

No final dos anos 50, o primeiro satélite artificial, um artefato esférico desenvolvido na União Soviética, o Sputnik (camarada, em russo), rompeu o limite humano com a Terra. Mas os rapazes da Bossa Nova tinham diante das retinas um barquinho, um violão, uma garota de Ipanema. Os Doces Bárbaros tropicalistas chegariam depois e Gilberto Gil cantou a última lua dos seresteiros, mas somente em “Lunik 9”, registrada no álbum *Louvação*, de 1967. Quem mandou a música popular brasileira para o espaço sideral foi um paraense com jeito e sotaque de nordestino, ao gravar uma composição de sua autoria em parceria com Luiz de França, o Luiz Boquinha, lançada em compacto duplo pela RCA Victor no final de 1959, muito antes de os cantores da vanguarda olhar o céu, meu amor, para verem mais que os balões de São João do baião de Luiz Gonzaga. Este artista foi Ari Lobo, coautor e intérprete de “Eu vou pra Lua”<sup>462</sup>, que ganhou releituras de Genival Lacerda, Elba Ramalho, Zé Ramalho – parceiro de Geraldo Azevedo e Alceu Valença em “Táxi Lunar”, e ainda inspirou o coco “Fé na peruá”, de Alceu Valença e Zé da Flauta, o “Coco Lunar”, de Naná Vasconcelos, e mais recentemente o “Marco marciano”, de Bráulio Tavares e Lenine.

---

<sup>462</sup> A biografia e a obra de Ari Lobo, e de outros artistas aqui citados, estão disponíveis no Dicionário Cravo Albin da MPB, versão eletrônica (<http://www.dicionariompb.com.br/ari-lobo>). As inserções sobre a MPB também tiveram como fonte o acervo da Rádio Universitária FM, da UFC.

O rojão “Eu vou pra Lua” causou um abalo tão grande que o artista gravou, logo no começo de 1960, na esteira do sucesso, o LP *Cheguei na Lua*, recheado de ritmos populares, rojão, coco, martelo, samba, xote, choro, batuque, baião e toada. Ari Lobo é o nome artístico de Gabriel Eusébio dos Santos Lobo, nascido em 1930 em Belém do Pará, onde se iniciou no rádio, ao mesmo tempo em que servia como soldado da Aeronáutica. O artista cujo maior sucesso se deveu a um foguete estreou em disco cantando “O último pau de arara”, a triste partida do sertanejo assolado por mais uma seca naquele mesmo ano da gravação, 1958.

Se o folheto de Camilo, em ser narrativa calcada no tradicional, faz, como eu dizia, uma ponte com a contemporaneidade, Ari Lobo pega o seu Sputnik no campo do Jequiá, em Recife, aonde pairavam os zepelins, para fugir aos problemas causados pelo progresso. O que o incomoda é a insegurança, o roubo, o crime, a carestia, detalha a letra. Na Lua, a modernidade funciona sem crise, não falta água de dia nem de noite falta luz, tem hospital e tem escola. Se no País da Cocanha medieval o sexo era livre, na Lua colonizada vigora a igualdade de gêneros, um dos temas mais em voga nos anos 60, porém, ainda sob a mesma ótica sexista, a mulher traidora é quem “pega dez anos de cadeia/ e o conquistador não sofre nada”. Nesta ambiguidade que o texto desenvolve, temos a presença da tecnologia de ponta, representada pela nave (o grafismo na capa do disco remete à estética dos quadrinhos de Flash Gordon), mas no mundo da lua faltam os sujeitos da contestação marcante da década: lá não tem “juventude transviada”, para alívio do poeta. Ari Lobo faleceu em Fortaleza, em 1980, e foi sepultado como indigente no cemitério São João Batista <sup>463</sup>. É nome de rua no Conjunto Esperança, na periferia da capital cearense.

Todos os paraísos, assim como os shoppings, se parecem. O inferno é para os outros. O País de São Saruê existe, jardim refrigerado de granito e vidro e aço no topo do edifício mais alto do mundo em um deserto oriental, ao desfrute de pouquíssimos estranhos mantidos pela apropriação da vida alheia, consumada lá embaixo. Os prefixos da cultura híbrida: inter e trans, por dentro e para fora, comunicando e formando os conteúdos cambiados nas fronteiras porosas que não contém os fluxos acelerados entre centro e periferia, em confrontação e/ou em diálogo. A cultura é híbrida, mas não um produto

---

<sup>463</sup> NIREZ, Miguel Ângelo de Azevedo. *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*, v. I, 2001, p. 329.

homogeneizado das ideologias. Porque sempre em trânsito, o ambiente artificial que criamos e no qual estamos inseridos torna difícil, na velocidade das passagens, deixar perceber os elementos distintos em atividade. “Falar de fusões não nos deve fazer descuidar do que resiste ou se cinde”.<sup>464</sup>

O que permanece diferente insistentemente nos cruzamentos, e insiste, vem em reconhecimento da diversidade e da necessária afirmação dos ligamentos solidários que se estendem em rede de poderes oblíquos. Como observa Canclini, desde um cenário latino-americano, do lado popular, é necessário preocupar-se menos com o que se extingue e flagrar de que maneira a tradição se transforma. O que chamamos de culturas nacionais, pensa o teórico argentino, e todo o equívoco que o conceito continua gerenciando, não passa de uma precária forma elitista levada a efeito pelas oligarquias liberais da modernidade.

A comunidade atua na emergência da cultura transnacional. A arte retroalimenta o fundo de reserva das utopias, possibilitando o contato com a diversidade do tempo histórico em ondas que vão se quebrar todas na praia do presente. Repertórios compartilhados, territórios sobrepostos na atmosfera do jogo onde a vida se ensaia. Se é verdade, como observa Canclini, que “os projetos modernos se apropriam dos bens históricos e das tradições populares”<sup>465</sup>, os realizadores da tradição e mantenedores do bem comum tiram proveito da modernidade que também inventam, o jogo é duplo. Os novos meios são ferramentas que alavancam as emergências residuais do arcaico. A função atual das tradições está em sintonia com as relações versáteis da vida urbanizada. A fresta aberta pelas táticas paródicas: “A ruptura da festa não liquida as hierarquias nem as desigualdades, mas sua irreverência abre uma relação mais livre, menos fatalista, com as convenções herdadas”<sup>466</sup>. A cultura periférica é a desconstrução estruturante das comunidades que se colocam em cena “com o sentido contraditório e ambíguo dos que padecem a história e ao mesmo tempo lutam nela”.<sup>467</sup>

---

<sup>464</sup> CANCLINI, N. García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2008, p. 32

<sup>465</sup> CANCLINI, 2008, p. 159.

<sup>466</sup> CANCLINI, 2008, p. 222.

<sup>467</sup> CANCLINI, 2008, p. 280.



No começo da abertura, tangenciando o tema político na ordem do dia nas cantinas agitadas da universidade, o Centro de Humanidades da UFC pôs em discussão o fim ou não do folheto, tema do II Ciclo da Literatura de Cordel, acontecido em maio de 1981, reunindo os pesquisadores Átila de Almeida, da Universidade Federal da Paraíba; Sebastião Nunes Batista, da Casa de Rui Barbosa; o sociólogo Diatahy Bezerra de Menezes, da UFC; a doutoranda francesa Martine Kunz, e os poetas Vidal Santos, Siqueira do Amorim e Abraão Batista, este, também gravador. O principal do debate foi publicado na coletânea *A Literatura Popular em Questão*, editada pela Secretaria da Cultura do Ceará. A questão posta em análise vai ao encontro do problema proposto por Canclini. No caso, estão presentes tanto os que assinavam o “atestado de óbito” do folheto quanto quem se interessava pelas mudanças que a literatura sertaneja moldava em sua transformação, para permanecer agindo com sua voz contraditória.

Átila de Almeida, da UFPb, foi categórico ao dizer que o cordel morreu, estava vivendo uma vida falsa. A intervenção do professor Diatahy, especialista no tema de Canudos, desdobra o refrão com ironia: “Há quatro anos assisti uma reunião semelhante a essa, com esse mesmo tom de lástima [...] O poeta popular produz e é produzido dentro de determinadas matrizes sociais. E essas matrizes foram destruídas, transformadas”<sup>468</sup>. Martine Kunz, da Sorbonne, que escrevia tese sobre o poeta alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante, traz outro olhar para a questão: “Quando vim ao Brasil, há quatro anos, eu vi um público e um cordel lido por uma pessoa pra outras que não sabiam ler. Pra mim, o cordel não era uma coisa morta. Não gosto muito de necrologia”<sup>469</sup>. Martine Kunz radicou-se em Fortaleza, naturalizou-se em 1991, é professora de língua e literatura francesa na UFC e continua pesquisando e escrevendo sobre folhetos e seus autores.

O poeta e gravador Abraão Batista, cultor da Bíblia e do livro de Nostradamus, foi ali a performance evidenciando esta mudança que não desmerece e nem exclui a matriz sobre a qual a tradição renovada se afirma. Abraão fala sobre literatura: “Eu compreí em São Paulo, quando estive lá, essa *Odisséia* de Homero. Interessante ver como esses camaradas... Que diferença há entre a gente e eles. Mas não há nenhuma diferença, não. Só de tempo e de espaço”<sup>470</sup>. Abraão Batista,

<sup>468</sup> ARAÚJO; VÉRAS; MATOS (Coord.). *A Literatura Popular em Questão*. 1982, p. 41.

<sup>469</sup> ARAÚJO; VÉRAS; MATOS, 1982, p. 24.

<sup>470</sup> ARAÚJO; VÉRAS; MATOS, 1982, p. 54.

farmacêutico, professor universitário aposentado, nasceu em Juazeiro do Norte em 1935, filho de pernambucana e potiguar, romeiros do Padre Cícero. Além de poeta, é gravador reconhecido. O Museu de Arte da UFC dispõe em seu acervo xilográfico de 69 pranchas criadas por ele, que foi um dos fundadores da Casa de Cultura Mestre Noza, em Juazeiro, espaço coletivo de produção, divulgação e venda dos artistas do Cariri, com trabalhos em madeira, metal, couro, palha, além de dispor de folhetos, novos e também sobras de editoras ativas até os anos 70, do interior do Ceará, Pernambuco, Paraíba e da afamada Guajarina, de Belém do Pará. Perguntando na secretaria do Centro Cultural, o freguês pode apreciar os apitos eróticos entalhados por mestre Celestino, ou levar o *Kama Sutra* gravado pelo xilógrafo e poeta Hamurábi Batista, filho de Abraão.

O que Martine Kunz viu, e a fez compreender a poética trovadoresca do sertão enquanto arte viva, eu vivi como experiência na infância. Férias de julho em Jaguaruana, em anos de bom inverno, porque a sala da casa do avô era uma roda de gente, amigos, parentes, agregados, debulhando feijão à luz do candeeiro. Havia conversa animada, jogos de adivinhação, de que meus tios gostavam bastante (o que é, o que é, uma casinha branca, sem porta e sem tranca?), histórias de caçadas, de maus assombros, de cangaceiros. Um dos momentos mais esperados era a leitura do folheto, que não era uma atitude de escuta, apenas, mas atividade pontuada pela interferência dos ouvintes, aprovando, discordando, surpreendendo-se, indignando-se, o ritmo do verso abrindo espaço para esta outra voz, assim como se dá no espetáculo da cantoria, que conjuga momentos de audiência (de cada estrofe improvisada) com a participação, de aprovação ou crítica, a modo de uma partida de futebol, os lances comentados enquanto o jogo segue. Um fôlego para a armação do próximo verso do cantador, e para dar ajuste à leitura (o narrador sabe, pelo calor desta interferência, se está ou não agradando a platéia).

Sentada no tamborete, ao bruxuleio da chama, eu não sabia nada disso e lia alto um livrinho daqueles comprados quando os homens iam à feira semanal na cidade, depois guardados no baú, junto com documentos e fotografias. Era toda a biblioteca da casa do meu avô. E quando o tio avô quase centenário teve que deixar o sertão e viver mais perto da capital, entregou a minha guarda o oratório familiar, feito de cumaru, revestido por dentro com um papel verde que envelheceu, a imagem de São Sebastião de quem surrupiamos as setas, faz tanto

tempo, e uns gastos volumes de romances, juntos dois ou três e costurados a mão com uma lombadinha de tecido. Os mais preciosos folhetos da minha mala de cordéis, que venho coletando em toda cidade por onde andei, desde os anos 90. E atualmente está mais fácil, pelo apuro da tecnologia, encontrar títulos recentes e clássicos no formato de sempre, e na capa, o riscado na madeira ou efeito igual, feito no computador. Mas aí já é outra história.

Quando foi em 2000, estou em São Paulo cobrindo uma bienal do livro e aproveitei para conhecer uma editora que publicava folhetos em tamanho maior e com capas em policromia, na sintonia das revistas em quadrinhos. Situada no bairro do Brás, numa rua tomada por lojas que vendiam sacos de estopa e tecidos rudes, aí está a Editora Luzeiro, que já teve melhores dias. Quem me atendeu foi um dos sócios e diretor da casa desde os anos 70, numa sala tomada por pilhas de revistas pornográficas, almanaques, livretos sobre o significado dos sonhos, cartilhas de amor, revistas de cifras musicais e inúmeros cordéis de capa colorida. Gregório Nicoló, muitos anos de Brasil e ainda com forte sotaque calabrês, confirma: “O arroz-com-feijão da Luzeiro é o cordel”<sup>471</sup>. Saí de lá com uma entrevista para o jornal e mais uma braçada de folhetos, dentre os quais “A chegada de Lampião no inferno”, do poeta José Pacheco (sem data), e “Padre Cícero, o santo do Juazeiro”, de Manoel d’Almeida Filho, publicado em 1979.

Os folhetos da Luzeiro, reproduzidos de originais nordestinos, trazem mais um diferencial, uma importante ficha técnica com informações básicas sobre autor e obra. D’Almeida Filho, natural da Paraíba, nascido em 1914: “É autor do mais longo romance até hoje escrito – *O Direito de Nascer*, em 719 sextilhas. Vive em Aracaju, onde tem uma banca de folhetos e revistas no Mercado Municipal. É selecionador de textos de Cordel da Luzeiro Editora Ltda., de São Paulo”<sup>472</sup>. A novela cubana fez carreira no rádio, na televisão, virou marchinha de carnaval e foi pendurada no barbante. Manoel d’Almeida Filho, falecido em 1995, possui página virtual na Casa de Rui Barbosa, bem como José Pacheco e João José dos Santos, o Azulão (que ouviremos a seguir).

Ainda nesse mesmo ano 2000, no mês de agosto, divulguei lançamento de CD e exposição de xilogravuras – para os quais artistas sertanejos, a pedido dos curadores, professores Gilmar de Carvalho e

<sup>471</sup> CORDÉIS do Brás. *Jornal O Povo*, Vida & Arte, 20/05/2000, p. 1.

<sup>472</sup> D’ALMEIDA FILHO, Manoel. *Padre Cícero, o santo do Juazeiro*. 1979, p. 2.

Elba Braga Ramalho, gravaram sua versão do Imperador Carlos Magno (a parte de Gilmar), e os poetas Geraldo Amâncio e José Fernandes sobre ele improvisaram sextilhas, martelos e mourões (a cargo de Elba, que defendeu tese em Paris sobre Luiz Gonzaga). Travestidos de vaqueiros encourados, reis de latão e seda falsa, riscados na carne macia da umburana, encarnados nos repentos dos violeiros, eis que Carlos Magno e seus Doze Pares participaram do XV Congrès International Rencesvals, na Universidade de Poitiers, e agora voltavam a Fortaleza. (A xilogravura de Francorli e duas de Abraão Batista, desta exposição, estão no acervo do Museu de Arte da UFC).

Mas quando falamos da inserção do cordel no século XXI, a grande virada se deu com a criação em 1995 da editora Tupynanquim, do poeta e cartunista Klévisson Viana (1972, Quixeramobim), responsável por articular a nova geração e reimprimir, divulgar em feiras, eventos, bienais, distribuir e comercializar textos que estão na história do folheto sertanejo e da literatura que, embora escrita, é realizada na voz, a exemplo da caixa com dez originais de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), publicada nos 140 anos do seu nascimento, em 2005. Nesse mesmo ano, Klévisson editou a novela *Dom Quixote sertanejo*, comemorando os 400 anos do romance de Miguel de Cervantes, recriado em sextilhas. “Quando escrevi minha visão da obra, em cordel, minha intenção era devolvê-la ao povo, seu verdadeiro dono”.<sup>473</sup>

Foi também em 2005 que entrevistei o poeta João José dos Santos, conhecido por Azulão, cantador de viola que pelejou com Zé Limeira, o Poeta do Absurdo, segundo me contou, e autor de mais de 300 folhetos. Vivendo no Rio de Janeiro desde muito moço, inventou outro sertão na Feira de São Cristóvão, que ajudou a criar, e por muitos anos animou reisados fazendo o Mateus (o palhaço licencioso). Azulão seria homenageado nesse II Festival Internacional de Trovadores e Violeiros, realizado em Quixadá. Nascido na seca de 1932 em Sapé, na Paraíba (terra de Augusto dos Anjos, poeta que considera o mais admirável), era menino quando decorou o romance do “Pavão Misterioso”, de José Camelo de Melo.

Aos 17 anos foi embora de navio, carregar tijolo na construção civil e cantar no programa do Almirante, na Rádio Nacional. (Apenas quando foi feita a Rio-Bahia, origem da BR 116, é que os nordestinos começaram a ir “para o sul” de caminhão pau de arara, Azulão me

<sup>473</sup> D. QUIXOTE sertanejo. *Jornal O Povo*, Vida & Arte, 03dez.2005, p.1.

informou). Entre tantos folhetos de sua autoria, ele destaca dois de circunstância, que venderam milheiros, “A morte de Getúlio Vargas”, em 1954, e “Homem na Lua”, de 1969.

Mestre de reisado, Azulão demonstra como fazia a brincadeira, recriando sons e passos ali naquela hora da tarde, no jardim florido e fresco do hotel retirado no alto da serra do Estêvão: “A orquestra era tocada com rabeca, não é este negócio batendo *bungo-bungo-bungo* não, é só a rabeca, o pandeiro e o reco-reco, *xiquitim-xiquitim*. E a gente faz no pé o ritmo, o trupé. Depois que faz a estrofe, a rabeca faz *terenrirenritém-tenrententém*. Aí o mestre faz *priu!* (apita), e pára”<sup>474</sup>. Quando foi de noite, Azulão no melhor traje, pano passado, chapéu de massa, óculos “fundo de garrafa”, tomando conta do palco armado na praça que naquele mesmo instante levantou voo na máquina imaginária do seu pensamento.

Um parêntese para *Zé Limeira, Poeta do Absurdo*, a biografia escrita pelo jornalista Orlando Tejo, natural de Campina Grande e conterrâneo do biografado. Em 1997, já em nona edição, Tejo veio a Fortaleza fazer o lançamento. Foi aí que trocamos uma prosa e perguntei se era verdade o que diziam, o poeta ser invenção dele com o cantador Otacílio Batista, do Pajeú, ele riu, acendeu o cachimbo e confessou: “Zé Limeira existiu mesmo. Mas, nesses anos todos, são tantas interrogações que às vezes eu digo, mas será que eu estava equivocado? Será que aquilo que eu vi não era Zé Limeira?”<sup>475</sup>. A reedição, revista e ampliada, trazia todos os adendos das anteriores, inclusive o poema prefácio da primeira edição, com assinatura manuscrita do autor, “Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré)”, que assim escreveu sobre o colega: “O seu improviso tinha/ versos espalhafatosos/ Deixando fora da linha/ os cantadores famosos/ Nas rimas de sua lavra/ ele criava palavra/ que dominava a assistência/ E os camponeses que ouviam/ batiam palma e diziam/ está cantando ciência!”<sup>476</sup>.

O livro estava pronto desde 1970, mas Tejo era um jornalista visado – radicado em Brasília. A primeira edição seria publicada somente em 1980. Zé Limeira, real ou fictício, é um sujeito perigoso: “Eu sou um nego moderno/ Foi, não foi, estou pensando”<sup>477</sup>.

<sup>474</sup> PÁSSARO formoso. *Jornal O Povo*, Vida & Arte, 29 dez. 2005, p.6.

<sup>475</sup> UM POETA absurdo. *Jornal O Povo*, Vida & Arte, 24 maio 1997, p. 1.

<sup>476</sup> TEJO, Orlando. *Zé Limeira, Poeta do Absurdo*, 1997, p. 15 (poema prefácio de Patativa do Assaré).

<sup>477</sup> TEJO, 1997, p. 28.

Rastreado a identidade possível, não regionalizada, mas do sertão para o mundo, o que me tocou foi a viagem que me moveu até aqui, por esses santuários ecológicos e culturais. Ao norte do Ceará, do lado de lá da Ibiapaba onde se ouviu a voz de Vieira e foi devidamente devorado o padre Pinto, está o Piauí e o segredo de suas Sete Cidades de pedra, surgidas quando o antigo mar secou e o chão se ergueu. Nas paredes que serviram de galeria à antiga civilização, carimbos em tinta vermelha que não se apaga, estampas de mãos pequenas com seis dedos espalmados no arenito poroso, iguais eu vi na caverna entre Crato e Nova Olinda, sul do Ceará.

Descendo o mapa do Piauí, os buritis e as araras dando vez às canafístulas de copa amarela onde faz festa um bando de anuns, eis a Serra da Capivara. Na tela da Pedra Furada, cinerama, uma ciranda de gente, o tatu gigante, caranguejos, um veado tinga, um boto vermelho, a baleia, emas, capivaras, suçuaranas, um bando de macacos, o casal estilizado que se beija. O parto, a dança, o sexo, a morte. Do céu limpo, as andorinhas despencam em rasante até os ninhos no oco dos paredões do cânion. Na caatinga, o sertão aflora. De volta ao Ceará, um boqueirão áspero rodeado de chapadas verdes, o oceano de testada e no centro, restos de montanhas erodidas, com a ressalva de mata atlântica no maciço de Baturité. Sobre este chão raso da pedra cristalina houve um mar. Nos sítios esparsos dos meus bisavôs, para os lados do Apodi, a leste, a mata enfezada. Aonde era água, areia. E as carnaúbas teimosas abrindo seu leque de cera na paisagem. Por ali corria intermitente o Jaguaribe. E nas margens desse rio cresceram fazendas de criação e futuras cidades.

Na primeira semana de agosto de 2001, Jaguaribara estava de mudança. Caminhões pagos pelo governo recolhem as mobílias dispostas nas calçadas, não ficará nem a sombra das árvores nem a rua e nem as casas, com suas salas, corredores, cozinhas, os quartos de dormir com seus firmes armadores de rede, que até a memória do rangido vai ficar sob as águas da represa. As vizinhas se consolam. Dona Luiza, 70 anos: “É sem jeito, tem que ir. Achando bom ou não achando”. Raimunda Vieira, 75, conformava-se: “Querem me levar, vamos”<sup>478</sup>. O marido dela, Raimundo Pinheiro Filho, 75, os olhos alagados. A filha passa a mão na cabeça do pai, não chore não. O papagaio no poleiro, calado.

---

<sup>478</sup> A CIDADE que se muda. **Jornal O Povo**, editoria Ceará, 14 ago. 2001, p.10.

Da igreja matriz, sob a proteção dupla de Santa Rosa de Lima e São Gonçalo do Amarante, os sinos e os santos se mudaram. Ficaram para outra leva as talhas de argamassa da Via Sacra doada pelos moradores. Estes que aqui estão, vão ser os últimos a ir-se embora, quando tudo o que for vivo se mudar. A cada túmulo numerado, número correspondente aguarda no cemitério da nova cidade, adiante.

O que é além, não é hoje nem amanhã, ensina Raimundo de Adálio, que consulta os vizinhos lendo um alfarrábio de homeopatia e vai ficando, enquanto não se abrem as comportas do Castanhão. O encourado Américo Gonçalves Queiroz, 70 anos, montado na eguinha Mancha Preta, toda ajazada, passa ao lado de um vaqueiro moço, de um sítio próximo. Sem gibão, sem chapéu de couro, sem alazão, o rapaz conduz os bois de motocicleta. Aboio, o barulho do motor. Américo se apeia, bem dizer mora no curral junto com o gado de que toma conta, ele se entende com os bichos. Será o último a partir. A burra Novela, ensinada por ele, dobra a pata direita em cumprimento galante, o cachorro Miúdo na lua da sela. E nos arredores, os gatos, uma seleção de todos os tempos, Pelé, Garrincha, Paulo Isidoro, Casagrande e Romário, os bichos são a família do Américo vaqueiro.

A próxima visita é ao sítio de seu Chico Apolônio e dona Maria Odá. Ela tampouco se muda por gosto: “Aqui estão plantadas as minhas raízes. A gente vai sentir saudade por muito tempo e não vai esquecer nunca não”<sup>479</sup>. Maria Odá nos leva para ver, no que ainda é sua terra, o marco caiado mandado fazer em 1924, pelo Instituto do Ceará, em lembrança do presidente confederado Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, um século depois de sua morte. Na base do monumento, montes de pedrinhas, correspondendo a pedidos de graças. Quem tiver fé e pedir a ele vai alcançar, afirma Odá. É comum ao pé dos cruzeiros e cenotáfios, imagens, velas, flores e seixos devocionais, dispostos assim, em pequenas pilhas. O historiador Jack Goody escreveu sobre esse costume: “No judaísmo, cada um marca sua visita ao cemitério colocando uma pedra sobre o túmulo”<sup>480</sup>. Esquecer também é uma graça.

Para não esquecer, sugeri uma pauta sobre os 75 anos de publicação do romance *O Quinze* e dos 90 anos daquela seca tão falada. O caderno saiu no dia três de julho de 2005, um domingo, trazendo na

<sup>479</sup> NÓS que aqui estamos. *Jornal O Povo*, Ceará, 15ago. 2001, p. 9.

<sup>480</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história* – nove entrevistas, 2000, p. 37.

primeira página a capa da edição príncipe do livro de Rachel de Queiroz (1910-2003), publicado em 1930. E tudo começou na estrada, onde se encontram as criaturas e as coisas. Primeira parada, a fazenda Não Me Deixes, em Quixadá, alpendrada, calçada de tijolo, reserva particular do patrimônio natural e refúgio para aves e outros animais apreendidos pelo Ibama. Inverno bom, a mata de pau branco e sabiá em flor, um pelotão de mandacarus de frutos vermelhos, bromélias e cactos nas fendas dos lajedos do quintal e ramas de simpatia na cerca. Ao lado da casa, no escritório onde a dona escreveu o *Memorial de Maria Moura*, um vento tange a rede de tucum vazia.

Dentro da morada austera sertaneja, móveis de cumaru sem verniz. No quarto dela, a cama de dossel e a imagem do Padre Cícero. Livros, revistas de palavras cruzadas. Potes, talhas, quartinhas. Fogão de ferro a lenha. A cajuína feita em casa, trazida por seu Zeca, nascido em 1925, afilhado de “Rachelzinha”, de quem foi capataz. “Cacei muito. Quando eu era pequeno, lembro que tinha ema, tinha porco brabo, mas acabou, não tem mais nada, só o que vejo produzir muito é gente”.<sup>481</sup>

Desde 1996, o que era informal se organizou no encontro dos Profetas da Chuva de Quixadá, que se reúnem no início do ano para analisar experiências e diagnosticar as perspectivas de inverno. Francisco dos Santos, o Chico Leiteiro, é um deles. “Tudo a gente observa, o vento, as nuvens, os *relampos*, os trovões, a barra quando o sol se põe, os insetos, a data daquele vento navegar, as carregações de dezembro, o céu escamado, as nuvens pesadas. Se em setembro chove no Piauí, nosso inverno aqui tá garantido. Quando o pássaro carão cantar, o sapo cantar, as jias cantar, é a chegada do inverno. Se não for por eles, meu livro é fechado”<sup>482</sup>. A pergunta de Cordulina, a retirante d’*O Quinze*, “onde é que a gente vai viver, por este mundão de meu Deus?”, continua sem resposta debaixo das lonas pretas esticadas sobre um estaqueado de sabiá em um assentamento do MST. Desconfiança é palavra de ordem e não à toa. As mulheres ariscas, monossilábicas. Maria José, 30, viveu a experiência da “reintegração de posse” em outro acampamento de Quixadá. “Você estava lá na Boa Água? – Tava. – Deu medo quando chegaram os homens armados? – Deu. – Pensou em desistir? – Não”.<sup>483</sup>

<sup>481</sup> O NÃO Me Deixes. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 03 jul. 2005, p. 6.

<sup>482</sup> PASTORANDO chuva. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 03 jul. 2005, p. 7.

<sup>483</sup> DEBAIXO da lona preta. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 03 jul. 2005, p. 9.



A viagem sempre rende mais, o inesperável. E se a verba é restrita, vamos produzir “dois cadernos pelo preço de um”, vendia meu peixe. Por exemplo, o projeto *O Quinze*, na verdade, foi realizado junto com caderno especial em homenagem aos 60 anos de arte de Ariano Suassuna, publicado na edição de 31 de julho de 2005, com uma tipologia nos títulos inspirada em seu alfabeto armorial, por sua vez, recriação de marcas de ferrar.

(Fiz outras matérias com o artista de sete faces, dramaturgo, poeta, pintor, cantador de romances, contador de histórias, professor e “Mateus presepeiro”, inclusive uma no carnaval de 1998, em Olinda, no espaço cultural do Maracatu Piaba de Ouro, rodeado de jaqueiras perfumadas, Ariano, com seu traje “esporte fino”, em referência às cores vermelha e preta do seu time, o Sport Club do Recife, no peito o colar de imortal, ao lado de sua mulher Zélia, escutando, “muito bem, muito bem”, mestre Salustiano da Rabeca, dedo no ouvido, improvisar o verso a palo seco antes do baque solto da loa: “Eu quero dizer a tu/ quem quiser lutar que lute/ qu’eu sou o tampa de Crush/ cantando maracatu”<sup>484</sup>. Algumas entrevistas, feitas aqui mesmo em Fortaleza, quando das vindas dele. Uma delas, em 2002, homenageado na Bienal do Livro, cujo mote era “De Conselheiro a Suassuna ou como o sertão virou um mar de livros”, a marca do evento, a Onça Caetana em corte de xilogravura que Ariano desenhou n’*A Pedra do Reino*. A última entrevista com ele, antes de deixar o jornal e vir morar na ilha, foi feita em Recife, saiu no especial dos 80 anos de seu nascimento, o dia 16 de junho de 2007). “Vida, aventura & sonho” foi o título do caderno que lembrou os 60 anos de publicação do soneto “Noturno”, no “Jornal do Commercio” de Recife, com ilustração de Francisco Brennand, a estreia de Ariano Suassuna, aos 18 anos.

Pois bem, da terra de Queiroz seguimos viagem a Icó, o casario preservado, os telhados do século XVIII, vermelhos, de cumeeira alta, refrescando toda a casa, cadeiras de palhinha vindas da Áustria, por trás das venezianas. E logo entramos na Paraíba, por Cajazeiras, onde o Padre Cícero estudou quando menino. Sousa, com o sítio arqueológico das pegadas de dinossauros na lama empedrada do rio do Peixe e a cacimba no sítio de Crisogônio Estrela, que em vez de água deu petróleo, mas isso tudo a gente viu de outra vez. Entramos nos Cariris Velhos da Paraíba, passando por Patos, Desterro e então chegamos. Em Taperoá, na janela do primeiro andar do hotel Pedra do

<sup>484</sup> BATUQUE de baque solto. *Jornal O Povo*, Vida & Arte, 01 mar. 1998, p. 5.

Reino, vi as pedras em fogo da chapada rente parecendo lagartos ao sol sobre a pele de fera da terra, a fala de Quaderna espiando o sertão da cadeia onde está preso.

Por telefone, marcamos entrevista com Manelito Dantas Vilar, primo de Ariano Suassuna e senhor da fazenda Carnaúba, mesmo nome e donos desde os tempos do rei. Próximo dali, um terreninho murado e na coluna do portão um bicho em cerâmica de vigília, o umbuzeiro dando sombra no quintal, a casa sertaneja de Ariano, que foi do padre Paulino, seu tio bisavô. Com o prêmio que ganhou pelo *Romance d'A Pedra do Reino*, Ariano entrou de parceria com Manelito em um negócio de criação de cabras de matriz nordestina, que os dois compravam juntos em aventuras pelo sertão. “Cabra era um bicho tão desprezado no Brasil! Todo mundo contra e elas teimando em ficar aqui, entre a Bahia e o Piauí seco. Não é uma lição fantástica?”<sup>485</sup>, empolga-se Manelito, que está fazendo experiência com uma cactácea mexicana e é defensor feroz das possibilidades sustentáveis do agronegócio na caatinga. Adelaide Dantas Vilar, irmã mais velha de Manelito, afirma que os personagens do *Auto da Compadecida* são dali de Taperoá mesmo. Saindo de lá, passamos por Campina Grande (a estátua do Padre Cícero sem cabeça na praça do Meio do Mundo), chegamos em Recife, a próxima parada.

O primeiro encontro seria com o artista plástico, nascido no mesmo ano de Ariano, 1927, Francisco Brennand, em seu ateliê fábrica templo floresta no bairro da Várzea. A entrevista com Ariano, em sua casa patriarcal no bairro da Casa Forte. No jardim, peças de Brennand e Abelardo da Hora. Na sala de visitas, uma tela do filho, Dantas Suassuna (as pedras gêmeas do romance paterno), a gravura de Samico, a escultura de São Miguel Arcanjo e, em lugar de honra, a gola colorida do caboclo de lança, que lhe deu mestre Salu.

Ariano Suassuna compartilha seu alforje de alegorias na bandeira do armorial. Um dos temas da conversa disse respeito a sua posse na Academia Brasileira de Letras, em 1990, com uma “prévia” em Recife. Nesta cerimônia, a espada lhe foi entregue pelo mestre armeiro que a fez. O colar, pela cantadora Mocinha de Passira, e o fardão – a gola de maracatu presenteada por mestre Salustiano. Na ABL, quem lhe entregou a espada foi o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, o colar, a amiga Rachel de Queiroz, e o fardão ele fez questão de mandar fazer por uma costureira de Taperoá. “O uniforme da Academia passava a ser a

<sup>485</sup> E ERAM mansas as cabras... **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 31 jul. 2005, p. 3.

farda de gala deste escritor, distinguido pela honraria, assim como acontece com o figurante do espetáculo popular, que usa calça e camisa nos dias comuns e se veste de rei quando toma parte no auto de guerreiros”<sup>486</sup>. Ariano confirma o que disse a prima Adelaide. O personagem Chicó “era uma figura real e viva em Taperoá, inclusive o nome dele era Chicó, Chicó de Berto”.<sup>487</sup>

Três anos antes, estive na equipe dos cadernos especiais sobre patrimônio, material e imaterial. Um deles trazia os sítios arqueológicos da região nordeste, e numa dessas fomos a Sousa, atrás das pegadas de dinossauro. Foi quando me falaram da cacimba de petróleo e de uma fazenda velha, quase arruinada, aonde é um assentamento. Um pátio de piçarra separa o trilho do trem da casa arcaica de moradia, capela acoplada e usina, que beneficiava nos bons tempos oiticica e algodão, conjunto arquitetônico tombado pelo Iphan, o demais do antigo latifúndio desapropriado para reforma agrária. No sertão do rio do Peixe, e do seu afluente, o Piranhas, foi a estrutura erguida em 1757 por um fidalgo da Casa da Torre de Garcia d’Ávila – informa uma placa metálica fixada na parede caiada – cujo nome é o primeiro na lista de seus proprietários, entre os quais figura um padre rebelde de 1817, e um século depois, pertencente ao presidente da Paraíba, João Suassuna. Esta foi a fazenda Acauã, onde Ariano guardou as únicas lembranças de seu pai, assassinado em 1930.

A viúva e os nove filhos passaram a seca de 1932 na Acauã, vendida a seguir. As paredes são de tijolo de barro cozido na parte frontal, e a estrutura restante um compacto de taipa socada defendida por grossos toros amarrados com tiras de couro de boi. Para tomar conta de tudo, somente Francisca Mourão, que nasceu ali quando o pai veio na “Seca do 32” trabalhar na construção da ferrovia. Ela ficou sem nenhum pedaço de terra da fazenda, o pessoal do Incra, disse, apenas ofereceu essa casinha na área do bem tombado, que ela pode usar enquanto viva for. Dona Chiquinha abre portas e janelas, mostra o piso de madeira da capela, sob o qual foram enterradas gerações daquela extinta riqueza. “Tá tudo caindo, minha filha, se não vierem logo...”<sup>488</sup>. Atrás da casa, o pé de cajarana que um raio lascou. Já caiu, já morreu, já escapou de novo, enviuceou outra vez e todo ano dá fruto, repara dona Chiquinha. A casa, o pé de cajarana e a velha, resistindo. (Pela estrada afora, o que se

<sup>486</sup> VÊ-SE aqui quem na vida... **Jornal O Povo**, Vida & Arte. 31 jul. 2005, p. 5.

<sup>487</sup> Idem, mesma página.

<sup>488</sup> Monumento em taipa e couro. **Jornal O Povo**. Especial Patrimônio, 24 fev. 2002, p. 16.

deflagra uniforme na paisagem desnaturada são os aglomerados de antenas parabólicas).

Dentre tantos quilômetros rodados no rastro da história viva, que acontece fora das paredes virtuais da redação, a quase despedida não poderia ter sido melhor, e pretexto para outra aventura literária. Em 2006, por conta da polêmica transposição de águas do rio São Francisco, a equipe de sempre, repórter, fotógrafo e motorista, percorreu o Velho Chico, no fim do mês de maio, desde sua maior proximidade com o Ceará, pernoitando em Juazeiro do Norte, cruzando o Araripe, já em terras pernambucanas, por Cabrobó, famosa pela produção de maconha e de cebola, em seguida Petrolina e os parreirais de uvas verdes irrigadas pelas águas do rio, está aí o São Francisco, largo, a ponte branca e além da ponte Juazeiro da Bahia, adiante o Raso da Catarina, o cacho de flor roxinha dos canudos de cachimbo vai ficando para trás. A paisagem se modificando, vamos subindo a Chapada Diamantina, a vegetação mais encorpada, casinhas coloridas coloniais empoleiradas no paredão de pedra em Jacobina, em Morro do Chapéu muito sisal e avelós, e então a placa anunciando Ibotirama.

A 11 km de Ibotirama, uma via de terra batida vai dar no aldeamento tuxá, e desviamos caminho para visitar a comunidade, original de Rodelas, descendentes dos tuxás que deixaram suas casas para combater ao lado de Antônio Conselheiro nos últimos dias de Canudos. Rodelas também foi despejada para a construção de barragem e a comunidade indígena se dividiu em alguns assentamentos ou se confundiu na periferia da cidade refeita. A aldeia tem escola, posto médico, energia, chafariz. “Vimos pra cá em 1986. Tem tudo aqui, mas foi difícil, lhe conto a verdade, lutei bastante. Era em Brasília, Recife, Salvador, pra cima e pra baixo, pra conseguir esta terra e o que a senhora está vendo”<sup>489</sup>, diz o cacique Manoel Novais, 59, filho de um ex-chefe do posto da Funai em Rodelas. “Minha mãe era uma índia que não teve marido. Antes, eu não era nada. Comecei no movimento de remoção”<sup>490</sup>.

Só jurema e jitirana até Bom Jesus da Lapa, a igreja santuário que entra pela pedra, grutas sugerindo vultos de santas envoltas em areia condensada, incontáveis ex-votos de cera, bilhetes, retratos, muletas, brinquedos, vestidos de noiva, cruzes, fitas e velas. Da varanda

---

<sup>489</sup> Os tuxás de Ibotirama. **Jornal O Povo**. Especial Rio S. Francisco, 29 jun. 2006, p. 8.

<sup>490</sup> Os tuxás de Ibotirama. **Jornal O Povo**, 2006, p.8.

naturalmente cortada na rocha cor de cobre, vejo o sol se pondo entre a ponte de ferro e o rio.

De Carinhonha para Manga, o rio São Francisco é a fronteira Bahia-Minas, a travessia de balsa. As furnas do Peruaçu em Januária, formações calcárias e desenhos na rocha, setas, pontilhados e figuras geométricas em amarelo, vermelho, branco e preto. Das mesmas, em cavernas no Piauí e Ceará. E os carranqueiros de Januária, esculpindo para os turistas os bizarros cavalos de dentes enormes imprescindíveis na proa dos gaiolas que subiam e desciam a correnteza e não navegam mais. O rio, “um mar zulzim”. Pirapora, o São Francisco batendo entre pedras e o salto do peixe.

A represa de Três Marias. Riacho do Boi, rio do Peixe, rio das Almas, nas veredas, *os buritis saudando, levantantes*, os frutinhas amarelos para alegria da arara canindé. E então, Cordisburgo e a Gruta do Maquiné, paredes de véus, cascatas suspensas, galáxias desastradas, corais longe do mar, mapas, formas selvagens, volumes opalinos, volutas sonoras e o salão onde Roberto Carlos gravou cenas do filme “Diamante Cor de Rosa”, em 1970, o guia informou. Bem na entrada, o visitante se depara com umas pinturas rupestres, grafismos desgastados de tão expostos, observados em 1834 pelo naturalista e coletor de ossos Peter Lund, que desenterrou Luzia na Lagoa Santa. Lund é homenageado com uma placa informativa na última sala acessível da caverna.

A Gruta do Maquiné fica no fim da rua de quem entra em Cordisburgo, beirando o trilho do trem. E quase defronte à estação, a casa de moradia e comércio onde viveu o menino João Guimarães Rosa. Uma visita guiada pelas crianças do Projeto Miguilim, de contadores de estórias. Começamos pela varanda lateral, simples piso de tijolo e telha vã. Na sala de visitas, o teto é revestido de bambu trançado e o chão de cimento queimado, bem liso e bem bonito, assim em toda a casa. O quarto dedicado ao ilustre morador, a estante com seus livros, na mesa a máquina de escrever e um bronze do Laçador gaúcho. De gravata borboleta, o embaixador e seu gato, o garoto de suspensórios entre os irmãos, em fotografias no corredor. O retrato severo de dona Chiquinha, a avó. Este era o quartinho dela, sobre a cama a colcha de fuxicos, na cabeceira o terço, ao lado o tamborete, debaixo da cama o penico de ágata. A cozinha com seus avios, depois, no quintal, a reprodução de um galpão sertanejo, um carro de boi, prensa de queijo, objetos da lida. E o recitativo das meninas do Miguilim.

Mas antes, por uma porta na sala de janta, fomos dar na sortida bodega de seu Florduardo. Anotei este rol no meu caderno: gaiolas de passarinho, arreios, selas, malas, mantas, sacos de estopa, bonecas de pano, panela de barro, panela de ferro, ferros de marcar boi, cestos de cipó, peso de balança, vassoura de piaçava, ralador de flandres, rolos de corda, o berrante de chifre, esteiras, canecas e pratos de estanho esmaltado, um rádio valvulado, duas caixas de envelope marcas Ben Hur e Piratini, papel de carta, imagens de santos, bibelôs de louça, carrinhos de lata, uma sanfona de oito baixos, um terno de pífanos, garrações de vidro, anil, pilãozinho de tempero, abanos de palha, colher de pau, cortes de tecido e cachaça de Januária. No balcão, caixinhas contendo miniaturas de aguardente e na tampa frases do Rosa, seu autógrafo e uma xilogravura, de lembrança. Jantamos no restaurante “Um conto e cem”.

Nos mil e um metros de estórias de pano e linha narradas no bordado das mulheres de Andrequicé, conta-se o encontro do autor e sua personagem. Foi em 1952, quando o doutor João Rosa cumpriu, por seu gosto e bem querer, dez dias de marcha, a quatro léguas por dia, acompanhando os vaqueiros que comboiavam 180 reses do criador Chico Moreira, um primo seu. Era capataz aquele por nome Manuel Nardi, vulgo Manuelzão, e o tocador do berrante atendia por Raimundo Bindóia.

Uma das bordadeiras é Márcia Alves de Macedo: “Manuelzão, meu tio, é um ídolo pra gente aqui. Esta casa que ele fez no Andrequicé foi pra segunda mulher dele, é do tamanho da tia Didi, que era pequenininha. Falava muito do cerrado e questionava que o cerrado estava acabando, só tinha eucalipto”<sup>491</sup>. A casa, miudinha e jeitosa ao modo de outras casas da cidade, abriga o Museu Manuelzão, onde os bordados ficam expostos e podem ser adquiridos. O vigia é José Carlos, antigamente caçador. Ele me diz que o sertão é uma coisa só, variando só as montanhas.

Não tem restaurante em Andrequicé, mas tem almoço caseiro a preço justo na casa de Maria Dóia, filha daquele Raimundo Bindóia, tocador de berrante. O marido dela, João Adriano, o João Paraíba, saiu com 20 anos de Cajazeiras, fugindo da seca de 1958 num pau de arara. “Nós ia pra Patos de Minas. Quando chegou na Várzea da Palma, perto de Pirapora, fiquei. Os fazendeiros compravam a gente, né? Fui vendido

---

<sup>491</sup> Arte Estória de linha e pano. **Jornal O Povo**, Vida &, 25 jun. 2006, p. 6.

por um conto e quinhento, naquela época”<sup>492</sup>. Trabalhou de carvoeiro, bem depois de pagar em dobro os “gastos da viagem” do contratante, até tentar a vida em Andrequicé e cruzar o caminho de Maria Dóia.

São Roque de Minas, o São Francisco é um fio despencando da Serra da Canastra. No parque, atravessando a trilha na frente do carro, o tamanduá bandeira. Na volta, viemos mais próximos ao litoral, logo depois de entrar na Bahia por Vitória da Conquista, adiante a terra do cacau e a Ilhéus de Amado, o gerente do hotel jurou que ali em frente era o Bar Vesúvio dos coronéis de Gabriela. Chovia. Na costa verde, casinhas escondidas na mata atlântica denunciadas pela fumaça das chaminés do fogão a lenha. Chegamos à Praia do Forte e ao castelo de Garcia d’Ávila, erguido em pedra ligada com óleo de baleia e conchas maceradas, as torres de atalaia, vigias em forma de seteira, as cocheiras, as oficinas, a capela semicircular, todo um mundo organizado sob a força daquela estrutura e dos homens que a comandavam. O objetivo era completar a viagem indo até a foz do rio, entre Sergipe e Alagoas.

Chovia sobre Penedo, impedindo a saída dos barcos e a nossa aventura fluvial marinha se frustrou em Piaçabuçu. Rio acima, outra cidade histórica alagoana, Piranhas, que tampouco mudou desde o século XVIII. Casas esguias na pedreira, calçadas altas e escadarias, a igreja rococó, fachadas lusas de beira, ribeira e tribeira, pequenos cactos brotando nos telhados. O Museu do Cangaço, mantido em memória de Lampião, morto logo ali do outro lado do rio, em terras atuais de Porto da Folha, município sergipano. O São Francisco acelerando nas pedras, farejando o mar.

É atravessar de barco a motor as corredeiras e conhecer a furna aonde o rei do cangaço morreu. O barco chega à prainha, tem quiosque com água mineral e um doce de palma, que experimentamos na volta. Caminhada de meia hora, no meio do carrascal, até o lajedo onde Virgulino acordou pela última vez, na manhã sertaneja. Eram onze cabeças, a dele e dos outros 10 companheiros, incluindo Maria Bonita, expostas na calçada da prefeitura de Piranhas. Completando a viagem, passamos na cidade baiana de Paulo Afonso, para visitar uma das turbinas do complexo hidrelétrico da Chesf, mecanismo gigantesco inserido em caverna artificial. Cruzamos o rio de teleférico.

Na outra margem do cânion, em Alagoas, conferimos o que restou do primeiro aproveitamento industrial da eletricidade gerada pela cachoeira de Paulo Afonso, na Vila da Pedra, município de Água Branca

---

<sup>492</sup> A filha do Bindóia. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 25 jun. 2006, p. 6.

(atual Delmiro Gouveia), a estrutura restante da usina incrustada na rocha à beira do rio, a casa de força e o que sobrou da vila operária de uma fábrica de linhas de costura, concorrente direta da marca Corrente dos ingleses. Quem teve a iniciativa foi Delmiro Gouveia, cearense do Ipu, nascido em 1863, que começou a vida trabalhando de cobrador na estrada de ferro e fez fortuna comerciando couros e peles.

No fim do século XIX, estabelecido em Recife, Delmiro instalou o primeiro centro integrado de compras, o Derby, destruído por incêndio criminoso em 1900, para o qual concorreu inclusive o governador de Pernambuco <sup>493</sup>. (Nesse mesmo ano, o empresário doou ao Padre Cícero um bezerro da raça zebu, entregue aos cuidados do beato José Lourenço, o Boi Mansinho que o doutor Floro Bartolomeu mandou matar).

Foi então que o empresário se estabeleceu na Vila da Pedra, na confluência de quatro estados, com trem na porta e a cinco léguas das quedas d'água, e aí fundou, em 1912, a fábrica Estrella, que produzia linhas comercializadas para todo o Brasil e América Latina. A vila operária contava com energia elétrica, tinha escola obrigatória e sala de cinema. Delmiro Gouveia foi assassinado em 1917, e dez anos depois os herdeiros tiveram que vender a Estrella aos ingleses, que mandaram jogar o maquinário da fábrica no rio. As informações constam de material didático disponível em plaquetes e nos painéis, pôsteres, fotografias e objetos do Museu Delmiro Gouveia, instalado na antiga estação da Vila da Pedra, que manteve o primitivo nome na fachada.

No final de julho de 2007, o jornalista Eric Nepomuceno veio a Fortaleza lançar o romance reportagem *O Massacre – Eldorado dos Carajás: uma história de impunidade*, um relato crítico sobre o que aconteceu antes, durante e depois do ataque militar, sob o comando do coronel Pantoja, aos agricultores sem terra na manhã do dia 17 de abril de 1996, no sertão do Pará, no qual morreram 21 camponeses e muitos restaram feridos, um deles, entrevistado pelo jornalista, ainda vivendo, dez anos depois, com uma bala alojada próximo à garganta.

Nepomuceno percorreu, por três anos, os arquivos do conflito, dos antecedentes do século XVI ao processo judicial que condenou o coronel, detalha, para dar conta da amplitude histórica com que tratou mais um capítulo de uma tragédia anunciada e contínua.

Na entrevista, pergunto o que mais o marcou, nessa viagem ao Brasil desconhecido, no interior do Pará. “A desolação da paisagem. Pastos imensos, salpicados por troncos queimados. E a segunda e

---

<sup>493</sup> DELMIRO, o pioneiro. **Jornal O Povo**. Especial Rio S. Francisco, 29 jun. 2006, p. 12.



definitiva imagem que me marcou: os olhos das pessoas com quem conversei, nos assentamentos, nas ocupações de terras, um olhar de orgulho, de dignidade, de esperança”.<sup>494</sup>

### 3.3 Outra viagem

Estou no Morro das Pedras faz um ano e meio, estudando, sentindo frio e gostando muito, contemplando baleias no quintal de casa, transitando pela cidade, o Mercado Público que se acende ao primeiro sol, os morros iluminados, gaivotas matinais. A praça e a árvore, as guaranis com seu artesanato, os equatorianos e os produtos chineses dispostos no chão, os vendedores de CD/DVD, compro ouro e dólar, o violinista na esquina, flautas andinas, os manezinhos jogando damas na mesa de pedra do calçadão, ouço a música urbana saturada dessa voz. Pelo interior da ilha, pasto e bois. Raios, coriscos e trovões, e depois da tempestade urubus enxugando a casaca, asas abertas no poste da minha rua.

Conheci pessoas, comi de sua comida, passei em seu jardim. Caminhei na beira da praia e colhi conchas gigantes. Certa vez, subi o Morro do Horácio, próximo do presídio, para onde foram as famílias dos condenados da Guerra do Contestado, mas deles não achei sinal. Flagrei os presos jogando bola, na cadeia em cima do morro, a grama verde, o domínio da paisagem na livre moldura. No fim do dia, a ponte anoitecendo em cartão postal, uns pássaros pretos de bico longo e fino pescando nos alagados da Baía Sul. Eu estava em casa.

A UFSC e toda possibilidade, na sala de aula e no entorno, aquela coisa vívida. A cidade acontecendo ali no campus da Trindade, a mescla, quem está fora, está dentro, os artesãos, os cachorros e a feirinha orgânica. A paisagem montanhosa e verde da ilha, moderna provinciana, cabocla louríssima, chique flagelada, sujeita a ventanias e vendavais. Durante o tempo dos cursos, ampliando o itinerário, incursões entre Curitiba e Tapes, os laços de família, mais Montevidéu e Colônia do Sacramento, as Missões e a primeira vez pela serra, a terra de Adeodato, pela estrada do Rio do Rastro, a natureza mais graciosa. Mas era chegada a hora de fazer o percurso do Contestado, e partir sem o apoio da equipe, sem as habilidades dos companheiros de trabalho, aventurar sem a facilidade do carro. Era o tempo circulando no itinerário dos ônibus e a viagem individual, a experiência em que é preciso contar

---

<sup>494</sup> BALA na garganta. **Jornal O Povo**. Vida & Arte, 30 jul. 2007, p. 1.

consigo só, estar em atenção e disponível ao outro a quem devo encontrar e, no entanto, desconheço. Ainda a preparação que fazia no jornal, checar endereços, pontos históricos, pesquisar na internet, ler livros, ver mapas, e sabendo que tudo pode mudar, quando for agora.

Espero o Trevo do Erasmo, no horário pontual, 14 minutos cravados após sair do terminal do Rio Tavares, dar a volta na pista em frente ao parque da Lagoa do Pery e entrar na curva da rua em que eu morava. De relance, vejo poços de ódio aceso no deserto de um rosto que passa veloz, dirigindo um automóvel na manhã molhada e nebulosa da segunda-feira, 10 de maio de 2010. Chove desde ontem. Na Costeira do Pirajubaé, na fila de carros em sentido contrário, um caminhãozinho que traz escrito na carroceria Madeireira Três Barras. É para lá que eu vou, aonde era a floresta, aonde era uma cidade incendiada, aonde era. Ao meio dia e meia, embarquei para Curitiba. Sete horas de viagem, com muitas paradas no trajeto. Da janela, entre os pingos renitentes no vidro embaçado, vão passando Itapema, Balneário Camboriú, Itajaí (onde entra mar adentro o rio Itajaí-Açu, ampliado por toda a rama de afluentes desde sua descida do sertão da serra), e daí, infletindo para oeste, a cidade alemã, o portal em enxaimel para não restar dúvida, Blumenau, depois, à italiana, Ascurra, e adiante Rio do Sul, a norte ficou o Taió, no qual a pedra em que o Monge se encantou.

Não me cansei de olhar a paisagem, mas o dia escureceu rápido, e resolvi conferir minha caderneta de anotações antes de chegar a Curitiba. O município, cujo radical é palavra jê, significando mata de araucárias, faz parte do território compartilhado por comunidades aparentadas, distribuídas, no Brasil, desde São Paulo ao Rio Grande do Sul, os Xokleng e Kaingang coletores de pinhão e cultores da erva mate, que modelaram juntos o ecossistema do planalto frio. No final do século XIX chegaram os novos colonos, alemães e italianos prevalecendo entre outras etnias vindas da Europa, internando-se no sertão e acabando de tomar à força e com amparo legal a floresta dos bugres e dos botocudos, como os nativos eram indistintamente referidos por esse tempo e bem depois, em rasura proposital objetivando o apagamento da identidade, ao negar o outro a começar pelo nome com o qual esse outro a si mesmo se identifica, o nome que é o seu.<sup>495</sup>

---

<sup>495</sup> A respeito desta questão, tirei partido das ideias de MARCON, Telmo, em Memória, História e Cultura, uma investigação das sociedades Kaingang e Xokleng e sua influência na composição cultural do caboclo que sustentou a Guerra do Contestado. Também me valeu a leitura de Botocudo: uma história de contacto, de NAMEM, Alexandre Machado, quanto à ocupação do território por estes grupos humanos.

Curitibanos foi palco de episódio da Revolução Farroupilha (o Capão da Mortandade), da Revolta Federalista e da Guerra do Contestado. Eram os índios no começo, depois chegaram os jesuítas e no encaço deles vieram os bandeirantes, encurralando gente e gado. O caminho tropeiro do alto sertão, trafegando rebanhos desde os pastos de vacaria na antiga possessão de Colônia do Sacramento, atravessando o Rio Grande, e entrando pelos campos de cima da serra onde faziam pouso para engordar o boi antes de seguir à feira de Sorocaba, foi mapeado em 1733 pelo português Cristóvão Pereira de Abreu, acompanhado de 130 homens e conduzindo três mil animais. (O sertanista Cristóvão Pereira empresta seu nome ao farol construído no século XIX na Lagoa dos Patos, à altura de Mostardas).

A sede da sesmaria que originou a cidade, a fazenda de criar do capitão Antônio José Pereira, da comitiva de Antônio Correia Pinto, pioneiro de Lages, assentada no lugar do “Pouso dos Curitibanos” meio século após a passagem de Cristóvão Pereira, será atacada e queimada por indígenas revoltados<sup>496</sup>. E Curitibanos foi incendiada em 1914 pelos caboclos. Visitar: o olho d’água do Monge, o Museu Antônio Granemann de Souza. Na rodoviária, um táxi até o hotel, situado na rua Vidal Ramos, a principal, algumas quadras adiante ficando a prefeitura, com a pracinha da estátua do tropeiro, no estilo gaúcho, calça por dentro das botas, lenço no pescoço. O tropeiro é o patriarca desses municípios do planalto sul. Do outro lado da rua, na sobreloja de prédio comercial, a rádio FM Coroado (este foi um dos termos utilizados para definir os Kaingang e outras nações autóctones, em relação ao corte de cabelo, tonsurado à moda dos franciscanos).

Terça-feira, 11 de maio, dez da manhã. O céu pálido, e faz frio. Seguindo a Vidal Ramos, prédios comerciais novos e casarões, um deles todo de madeira, com nicho na platibanda para imagem do santo, como era o costume até os anos 50. Na praça da República, a placa de cimento, com o “símbolo do Contestado”, que já tinha visto em imagens e agora na minha frente – duas mãos espalmadas saindo da terra amparando um pequeno cruzeiro. E o texto ao qual venho me referindo, marco do 70º aniversário do Acordo de Limites assinado em 20 de outubro de 1916, sob o dístico da primeira administração do governador Esperidião Amin (1983-1987), “Preservando a História do Contestado”: “Entre os anos de 1912 a 1916 ocorreram os episódios que passaram a

---

<sup>496</sup> Os dados sobre Cristóvão Pereira foram colhidos na página da Associação de Municípios da Região do Contestado – Amurc, ver referências.

ser conhecidos pela designação ‘Guerra do Contestado’, sobretudo, um conflito social em que milhares de caboclos tomaram defendendo seus direitos à posse da sua terra. Lutaram contra o sistema opressor, o capitalismo estrangeiro e o abandono em que se encontravam. Revoltaram-se contra os grandes fazendeiros, coronéis, autoridades e todos os que os subjulgavam [sic]. Neste chão foi lançada uma semente pelos homens e mulheres do Contestado: o sonho da justiça social”. Mas esta semente aí foi cimentada.

O Contestado e sua motivação encapsulados no passado monumentalizado, as contradições recalçadas na amenidade das palavras, o sonho uma coisa vã, a posse da terra um direito sonogado, irrealizado, bastando ver, de soslaio e na rapidez da paisagem na janela, ao longo do caminho, inserido como algo incômodo nos campos verdes, na ênfase das máquinas, nos silos gigantes, nos “centros processadores de suínos” que parecem silenciosos e eficazes campos de concentração, nos sobrenomes dos donatários de poucas vogais (e nenhum de origem indígena): a precariedade das casinhas de madeira sem saneamento, encolhidas no meio da lama, roupas congeladas nos varais periféricos que sobejam nos conglomerados assépticos da agroindústria pastoril.

(Notícias da atualidade. O contraste percebido ao longo do caminho se traduz em números que, precisos, configuram a estatística da desigualdade democraticamente distribuída por todo o país, mais indistigável quanto mais nos distanciamos da visibilidade do litoral. O jornal “O Estado de São Paulo”, em caderno especial lembrando o centenário da guerra, traz a informação de que a bancada parlamentar de Santa Catarina reconhece que o Contestado, região catarinense de menor Índice de Desenvolvimento Humano, é discriminado na distribuição de verbas federais. Os municípios de Lebon Régis, Calmon, Matos Costa e Santa Cecília recebem 10% dos valores destinados aos municípios do litoral e aos do circuito turístico da serra catarinense. A região do Contestado é “um Nordeste brasileiro encravado numa Europa. As cidades onde ocorreram os mais dramáticos combates entre militares e caboclos apresentam índices de desenvolvimento semelhantes aos dos grotões nordestinos. Dos sete mil moradores de Timbó Grande, município em que ocorreu a batalha final de Santa Maria, 44, 2% são pobres ou indigentes”<sup>497</sup>. Não é só falar de seca, já se vê).

---

<sup>497</sup> “Meninos do Contestado”, reportagem assinada por Leonencio Nossa, publicada no jornal “O Estado de São Paulo” em 11 fev. 2012, contou a história via a memória de três idosos, filhos de caboclos que lutaram na guerra. Ver referências.

Segue o discurso sobre outro acontecimento, agora local: “Este monumento perpetua a data de 26/09/1914, de triste lembrança para a população desta cidade. Aqui aconteceu o episódio do incêndio de Curitiba, quando um grupo de caboclos, na luta contra o coronelismo, ataca a cidade, incendiando prédios e saqueando casas dos moradores que fogem para as cidades vizinhas. Por três dias, os sertanejos, sob o comando de Castelhana, fazem imperar violência e pânico em toda a cidade, despejando sua revolta contra fazendeiros e autoridades”. A apropriação e as releituras. Agora, os fanáticos são caboclos revoltados e violentos devido aos desmandos de coronéis.

Lembrar: a Guerra de 1914, do Juazeiro do Norte, os jagunços do Padre Cícero rumando pela via férrea, desde o Cariri até a capital. E as negativas do Padre. Dele é a responsabilidade pelo chamado Pacto dos Coronéis, que buscou apaziguar e mesmo desarmar os senhores do barão e do cutelo da sua região de influência. A Guerra de 14 foi coisa do doutor Floro. Nilson Thomé faz uma identificação entre essas icônicas patentes da Guarda Nacional, “os grandes senhores de engenho (no Leste e Nordeste do Brasil) e os fazendeiros mais poderosos (caso do Sul)”<sup>498</sup>, e aí temos um eixo correlacionando concentração de terra e poder paramilitar, causando violência, injustiça na repartição das riquezas e expropriação da força de trabalho. Com a desmobilização da Guarda Nacional, os coronéis perderam a patente mas transferiram seu método de atuação, herdado pelas elites rurais globalizadas arraigadas na administração pública.

Em frente à praça sombreada de pinheiros e pela sombra dúbia dos monumentos, a igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, com floreiras na calçada feitas de pneus pintados de amarelo e vermelho atrapalhando o passeio e mal resolvendo uma questão de reciclagem. Ao lado, na esquina, o casarão quadrado, de dois pisos, a cor salmão destacando os detalhes sóbrios da arquitetura neoclássica, o edifício que abriga o Museu Histórico Antônio Granemann de Souza (nome do interventor indicado pela Revolução de 30, que depôs o então prefeito, coronel Henriquinho de Almeida Júnior). O prédio, que foi residência e sediou a prefeitura, acolhendo a memória, principalmente, dos chefes do executivo municipal, está aberto ao público de terça a domingo. A visita foi acompanhada pela funcionária Luci de Fátima Mello, a quem agradeço a solicitude.

---

<sup>498</sup> THOMÉ, Nilson. **A política no Contestado**: do curral da fazenda ao pátio da fábrica. 2002, p. 31.

Na sala de entrada, destaca-se do mobiliário um conjunto de cadeiras austríacas. Escarradeiras de louça no chão. Sobre um sofá, a bengala e a cartola displicentes de alguma das autoridades em preto e branco, de altos colarinhos e bigodes fidalgos, fixadas nas fotografias dispostas por ordem cronológica, a evitar algum duelo póstumo entre aqueles senhores alinhados na parede em um organograma do poder local. Luci de Fátima, de solteira, Almeida, mostra os parentes retratados, a exemplo de Henrique Paes de Almeida, o segundo desse nome, o prefeito Henriquinho deposto por Getúlio, aqui em seu momento de glória, vestido no uniforme de coronel da Guarda Nacional, a espada do tamanho da sua autoridade. “Este foi mau, o capeta de ruim. Mandou matar o próprio irmão, Graciliano Torquato de Almeida, meu bisavô” (que escapou ao atentado e também chegou a prefeito, no tempo da II Guerra). No primeiro século republicano, foram as famílias Almeida e Albuquerque as que mais se revezaram no cargo.

Em outro salão, os artefatos da guerra. “Essas mataram muita gente, assim contavam meus avós”, a referência memorial de Luci de Fátima no comando de sua fala. Dispostas em seus devidos lugares, as armas. De um lado, carabinas, clavinotes, revólveres, espadas de puro aço. Um facão de boa lâmina disfarçado de relho. A faca que pertenceu ao coronel Virgílio Pereira. Do outro lado do conflito, eis as armas dos caboclos, os chuços, lanças de dois metros finalizadas em ponta de ferro nas quais hasteavam a bandeira do Divino, uma e outra taquari, espingarda rústica de encher pela boca, afim das socadeiras nordestinas vendidas até pouco tempo no mercado de Juazeiro, e as durindanas de pau.

Desse coronel Virgílio Pereira, o da faca, bem no corredor da entrada do edifício, a fotografia do seu belo casarão de alvenaria e madeira, poupado ao incêndio por ser de conhecimento haver na sala o retrato de João Maria. A devoção ao Monge foi eficaz durante o incêndio da cidade, explica Luci de Fátima, corroborando o que eu já havia lido em Oswaldo Cabral. Nas portas ou janelas das casas onde houvesse o monograma do peregrino, “eles não queimavam”. (A fuga do Egito, o sangue nas portas alertando o anjo exterminador. No sertão de Jaguaruana era costume ter na janela da casa riscado a faca um “signo Salomão”, que é a estrela de Davi, conjurando todo o mal).

Em outro compartimento da casa museu, um ambiente que reproduz um quarto senhorial do fim do século XIX, a discrepância entre a cama de adulto demasiado pequena e dois berços grandes de

balançar. Canastras tacheadas idênticas aos baús de couro trabalhados com metal de cobre que pertenceram ao clã Feitosa, e guarnecem o quarto de dormir no Museu dos Inhamuns. Na sala de jantar, cristaleiras bisotadas, espelhos, lampadários, a mesa inamovível e delicadas louças da Alemanha. Há até vaidades de toucador, bonecas de celuloide e uma delicada blusa de renda, manequim 36, doada por dona Flora Granemann, a viúva do antigo proprietário e prefeito. Em outro salão encontra-se a prensa do primeiro jornal local, “O Trabalho”, fundado em 1907 pelos coronéis Albuquerque e Almeida, quando ainda se entendiam. Na sala ampla, mesa de madeira nobre, cadeiras de espaldar: “Adeodato foi julgado aqui”, Luci afirma.

No quintal do museu tem outro museu, e quem passa na rua não sabe de sua existência. É a Casa do Tropeiro, feita de costaneira, a lasca do pinheiro cortada do tronco na vertical. Um ambiente, apenas, figurando galpão, quarto, cozinha e sala – como se fosse uma oca, é a casa do caboclo. Na parede interna, o totem dessa cabeça de rês de longos chifres horizontais, um exemplar do gado franqueiro, de pelo amarelo fosco, animal rústico em vias de extinção. Tamboretas ao redor da trempe, sobre a trempe, uma chocolateira, daquelas mesmas que Luiz Gonzaga cantava em um baião. Uma rede de dormir feita de tiras de couro de boi. O monjolo. Gamelas de madeira. Bolsas de palha de trigo (tirando o material utilizado, novidade introduzida pelos colonos europeus, o trançado miúdo dos urus e abanos e sua beleza prática são equivalentes aos artefatos de mesmo feitio e função tramados em trança mais larga com a palha da carnaúba, predominando no sertão, em um traçado longo que vai de norte a sul, a matriz cultural sertaneja, e sua conformação cabocla, definindo a forma estética e funcional dos objetos de uso cotidiano).

Bules e panelas. Lamparina e candeeiro. Ferros de engomar a brasa, dos mesmos em todo o Brasil sem luz elétrica. Rocas de fiar. Porongos, cuias, arreios, cangas, selas, embornais, uma linda montaria para mulher, de cor vermelha e do mais fino labor. Percebo que falta alguma coisa importante nesta casa de tropeiro, que resume o seu modo de vida na coleção aleatória, também arranjada, como o acervo da casa grande – com doações dos moradores da região. Falta um São Sebastião no caritó, um Coração de Jesus entre flores de papel crepom, o retrato pintado do casal pendurado na parede, e então teríamos a casa sertaneja de padrão nacional.

Luci de Fátima aproveita a hora do almoço e faz a gentileza de me conduzir em um passeio pela cidade dos vivos. Depois vamos ao cemitério. Logo na entrada, o túmulo do coronel Henrique Paes de Almeida Júnior (1881-1932). E, próximo, o do adversário político da família: “Aqui jaz o coronel Francisco F. de Albuquerque, assassinado (1864-1917)”. Um retrato nada lisonjeiro de Francisco Ferreira de Albuquerque, o coronel prefeito de Curitiba ao tempo da Guerra do Contestado, na descrição do advogado Henrique Rupp Júnior, em artigo no jornal “O Estado”, de Florianópolis, de janeiro de 1915: “É alto, magro, ossudo [...] bastos cílios dão-lhe a feição de simio ou de bode, essa a compleição do homem que, junto ao sr. Vidal Ramos, seu creador, se tornou responsável por essa luta sertaneja em que baquearam milhares de vidas inocentes. Conhecemol-o ha muitos annos. Quando se proclamou a Republica, tocava trompa n’uma banda de musica em Campos Novos”.<sup>499</sup>

Em um bairro mais afastado existe um espaço murado, mas de portão aberto, a Fonte do Monge João Maria. Um monumento simulando o antigo pouso de madeira que havia ali enquadra a imagem conhecida, o profeta de gorro de jaguatirica e paletó xadrez. Aonde minava naturalmente a água, foi colocada uma bomba de ferro inglesa, fora de uso. A laje da cisterna está afastada, e na água boiam ramos de arruda e flores, ao redor, restos derretidos de inúmeras velas. Batizados improvisam-se ainda por ali, nas águas santas do Monge, informa Luci de Fátima e os indícios confirmam. Inclusive, que o Monge também é apreciado pelo povo do batuque, que vem ali depositar seus despachos. De volta ao museu no dia seguinte, o diretor me permite consultar cópias de documentos manuscritos relativos ao inquérito decorrente dos fatos de 1914. Páginas fora de ordem, das quais transcrevo dois fragmentos para destacar a argumentação do promotor público, inculcando os caboclos em crime contra a Constituição, o que equivaleria juridicamente a um ato de terrorismo, e para desentranhar o ambiente de violência que sobreviveu à letra caprichosamente desenhada do acusador.

“Ocorra-nos, entretanto, e pedimos nos releve o Egrégio Tribunal mais essa digressão, refutar uma objecção que nos foi arremessada. Algures fomos censurado pelo uso, no libelo, da expressão seguinte, com referência aos fanáticos que incendiaram esta Villa: ‘practicou actos (isto é, o piquete) contrários às leis do paiz’, expressão essa aliás

---

<sup>499</sup> THOMÉ, 1999, p. 91.



transportada para o libelo do luminoso despacho de pronuncia. Em primeiro lugar, bastar-me-ia dizer que a locução genérica ‘as leis do paiz’ pode resumir o complexo orgânico do systema legislativo pátrio e que os actos praticados pelos fanáticos nesta Villa, sem contestação possível, contrariaram o espírito desse complexo orgânico, que de modo algum sanciona taes actos. Em segundo lugar, poderia dizer que os fanáticos, incendiando esta Villa, destruindo os cartórios e archivos públicos, que são o repositório de actos e documentos jurídicos de toda a espécie da sociedade, impedindo todas as autoridades federaes, estaduaes e municipaes de exercer suas funcções, nas quais são investidos em nome e a bem da existência da própria sociedade e subvertendo de todo a ordem social e jurídica desta comarca, *ipsis factis*, praticaram actos contrários às leis do paiz, violaram as leis do paiz. Coritybanos, 22 de março de 1916”, assina Edgar Barroso, “ocasionalmente em exercício do Promotor Público”.

Outro fragmento diz respeito à maior culpabilidade de um investigado, irmão ou filho daquele Manoel Alves de Assumpção Rocha, o imperador do Divino desdobrado em rei da Monarquia Sul Brasileira, em uma peça de ficção. “A responsabilidade do apelado Francisco Alves de Assumpção Rocha não se circunscreve apenas nos limites traçados pela pronuncia e articulados no libelo, sua responsabilidade se agrava e cresce de vulto quando levamos em consideração que foi elle quem, com sua adherencia aos fanáticos, arrastou para o reducto grande parte da população de Cabaças, numa extensa região desta comarca, engrossando as fileiras dos fanáticos e augmentando-lhes, pelo mesmo factio, a audacia, justamente elle que, na qualidade de vice-presidente do Conselho Municipal de Coritybanos, devia zelar pela boa ordem e cooperar para a repressão do levantamento”. Francisco era conhecido na irmandade por Nenê. Foi preso quando fugia, carregando nas costas a imagem de São Sebastião.

Treze de maio, quinta-feira, dia de Nossa Senhora de Fátima. Faz sol em Curitiba. E frio. Às 15h45, estou no ônibus para Caçador, via Videira (antiga Estação de Perdizes). Parando em todo canto, entrando em cada cidade. Marombas, as árvores de folhas outonais da cor dos olhos de Luci. Maçãs à venda na beira da estrada em Fraiburgo. Chaminés e casinhas de madeira. Lama e folhas. Rio das Antas. Diversos lugarejos chamados São Sebastião. À entrada de um deles, o estandarte na margem do asfalto com o belo santo flechado e seminu. Na rodoviária de Videira, a parada mais demorada, observo o

movimento. Uma montanha de cestos coloridos se move devagar, e por trás dela, duas senhoras índias e um caboclo velho. No banco de cimento, um homem dorme ao relento, pés no chinelo e o boné caído ao chão. O inverno ainda não começou, mas já tem gente sem teto morrendo congelada por estes pedaços de serra, ouço nos telejornais. Às sete e meia da noite, chegamos a Caçador.

O município está situado no alto vale do rio do Peixe, planalto ocidental de Santa Catarina, confrontando com os municípios de Calmon, Lebon Régis, Rio das Antas, Videira, Arroio 30, Macieira, Água Doce e o estado do Paraná. Foi ponto de encontro das tropas que vinham combater os redutos insubmissos. A cidade é entrecortada pelo rio e, seguindo seu contorno, os trilhos que trouxeram os soldados. Também aqui fizeram um campo de aviação, para o insucesso do tenente Kirk. Próximo à estação, um novo espaço de lazer está em andamento, com equipamentos para exercícios e área propícia a caminhadas. Seguindo um pouco mais, chego ao Museu Histórico e Antropológico do Contestado, ocupando o edifício Achilles Stanghel, réplica da estação ferroviária do Rio do Peixe. Um real, a visita. Fechado para reforma. No pátio externo, sem ninguém, vejo de perto a mariafumaça e os comboios confeccionados nas “officinas de Mafra”. Os vagões pintados de vermelho, a locomotiva negra, destacando-se as letras SP–RG em amarelo. A máquina, informa uma plaquinha de metal anexa, fundida pela firma Burham Williams, da Philadelphia, Estados Unidos, em 1907.

O trilho do trem, beirando a água. Na Estação Rio Caçador, há outro memorial em cimento, igual ao de Curitiba, no 70º aniversário etc. Seguido de placa oficial local, como também já visto, contextualizando a guerra aos problemas pontuais dos municípios envolvidos no conflito: “Nesta parte do Contestado, à margem do rio do Peixe, então divisa respeitada entre os estados litigantes do Paraná e Santa Catarina, em 1910 a Cia. Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande ergue o primitivo prédio da Estação de Rio Caçador. De 1912 a 1916, ela é ponto estratégico do Exército nas operações da guerra que ceifou a vida de milhares de caboclos, gente nossa que derramou suor, sangue e lágrimas defendendo, principalmente, seu direito à terra. Das cinzas do Contestado, anos depois, aqui nasce a cidade de Caçador”. O que quer dizer o plural populista, se o possessivo é individualizado, absorvido pelo gerente momentâneo do poder, a nossa gente, nossos velhos, nossos jovens, as nossas crianças, nossas mais caras convicções (são tantas

máscaras). O erário apropriado, as lágrimas e o sangue, remedando sir Churchill, de outra guerra: basta o suor, na marchinha carnalizante de Caetano Veloso, com chuva e cerveja.

Caminhando ainda um pouco mais, passei por uma ponte de madeira coberta, construída nos anos 20, arrasada na enchente de 1983, refeita igual. Sexta-feira, 16 de maio. Decido passar o dia em Lebon Régis, distante uma hora, de ônibus, de Caçador. Lebon Régis, antiga Trombudo, aonde se ergueu a cidade santa de Taquaruçu, a das festas, da alegria, do encontro, da fantasia inspirada na leitura de romances de valentia e fé.

Na rodoviária, enquanto o ônibus não vem, observo um casal que senta próximo, um homem moreno e uma mulher loura, ambos magros e de certa idade, conversam e fumam. A mulher comenta sobre a inundação em Lebon Régis, ocorrida um mês antes. “Nunca vi tanta água em 30 anos. Inda bem que a vida ninguém perdeu. Ensaquemo roupa, comida. Essa água veio de vereda, deu nem tempo... já tava dentro de casa”, conta ao companheiro, a voz rouca acentuando o “erre” fricativo da prosódia alemã. O homem senta ao meu lado no ônibus, a mulher na cadeira à frente. Bom de prosa, como todo sertanejo. Em uma hora, que foi a duração da viagem, encetamos uma conversa que desaguou no assunto Contestado. Ele é Sebastião Becker dos Santos, nascido em 1936, capataz de uma fazenda de extração de pinus. Hectares e hectares de terras. “Você sabe o que é um hectare? Dez mil metros quadrados. Tudo com dono. Daqui até Chapecó, ou é da Perdígão ou da Tedesco”.

Sebastião, o nome do santo venerado nos redutos, desdenha do pinheiro americano que tomou o lugar das araucárias. “Aonde ele cresce, não nasce mais nada naquela camada assim no chão, de agulha seca”. A mulher sentada à frente se volta para nós, entra na conversa, diz: “Nosso vô esteve na guerra”, e então fico sabendo que é irmã de Sebastião, e se chama Catarina. O pai de Sebastião e Catarina nasceu em 1912, na cidade santa de Taquaruçu. Sebastião se diz devoto do Monge: “São João Maria era profeta. O que ele falava, estava na Bíblia e a Bíblia não mente”. Sobre o último chefe caboclo, Adeodato, ele diz, “o Leodato sumiu numa nuvem de pó”. O caboclo Sebastião Becker já tem tempo de sobra para se aposentar, mas continua trabalhando. “Nós tendo amizade e tendo saúde, tamos ricos”. Na despedida, refaz o convite para visitar a fazenda onde vive, mas que seja logo. “Eu não tenho morada. Outro dia sabe Deus onde é que estou”. Desceram na entrada da cidade.

O ônibus entra numa cidadezinha quase toda de casas de madeira com banheiro externo, aqui e ali um casarão de tijolos, algumas lojas, a pracinha bem cuidada próximo à rodoviária, centralizando o movimento. Ninguém para dar um bom dia, na rua, só um cão perseguindo o quero-queiro e a paisagem recortada pelas poderosas araucárias em forma de taças verdes contra o céu grisalho. Lebon Régis fica no vale do rio Trombudo. Aqui viveu depois da guerra a Virgem Teodora, com seu marido e seus filhos. Mas não consigo encontrar o rastro de nenhum deles. Minha sorte, o que valeu a vinda, a tarde perdida em meus pensamentos na pracinha da cidade enquanto o ônibus não vem, foi a viagem em si, sentir este ar refrigerado e limpo e, principalmente, o encontro casual com dom Sebastião em pessoa de caboclo e sua irmã, a galega<sup>500</sup> Catarina Becker.

A confiança reiterada em João Maria e, neste sentido, na promessa de uma vida melhor, que faz sobreviver nelas, promessa e confiança, a geração de seu pai e a de seu avô. Ouvi um tom de descrédito em Sebastião, quando mencionei Adeodato – afinal, o jovem chefe caboclo dispersou a comunidade. Quando se viu perdido, ele se entregou, foi isso que o capataz me disse, em resumo. As observações dele, tão exatas quanto um número, evidenciando a propriedade excludente, os fazendeiros do tempo da guerra substituídos por monopólios internacionais. Na volta, recolho a presença da palavra histórica disseminada no comércio, também uma espécie de monumento popular, no caso, uma apropriação socializada, útil, inscrita na economia cotidiana. Anotei uma gráfica, a padaria, mais de uma lanchonete: “O Contestado”. A churrascaria “O Monge”, bem na entrada de acesso a Caçador, é uma referência. E ponto de ônibus. O passageiro disse ao motorista, “vou descer no Monge”.

Quase um ano depois voltei ao sertão catarinense, na perspectiva de ampliar a experiência vivida na região do Contestado, tomando Curitiba como ponto de partida para Irani, onde tudo começou. No dia 29 de abril de 2011, uma sexta-feira ao meio dia, estou na rodoviária aguardando o ônibus para Curitiba. Faz sol e pude ver, em Biguaçu, numa curva da BR 101, a ilha pousada no mar, as curvas aéreas da ponte que a conecta, vã, ao continente. Agora, pela BR 470, em direção a

---

<sup>500</sup> Galego, galega, na acepção popular nordestina, quer dizer alguém que tenha cabelos loiros e olhos claros. O ex-governador, ex-senador e empresário Tasso Jereissati, quando estreou na política, nos anos 90, fez-se conhecido em todo o Ceará devido ao jingle de campanha “O galeguim dos zói azul”.

Blumenau. Lanche em Acurra. Passam Apiúna e Ibirama, os nomes guaranis. E o rio Hercílio correndo ligeiro entre as pedras. Rio do Sul, ainda no alto vale do Itajaí. Onde é Pouso Redondo, o tropeiro Cristóvão Pereira descansava o gado missioneiro, antes de chegar na feira de São Paulo. Em Curitiba anoitece. No sábado, refaço o trajeto da primeira vez, mas encontrei o museu fechado. E vejo com satisfação o adro da igreja sem o estorvo dos pneus pintados. Resolvo seguir adiante, com destino a Irani.

De Curitiba para Marombas, com suas casinhas de madeira, parecendo Lebon Régis. Pela BR 282, Campos Novos, Erval Velho. Herval d'Oeste e Joaçaba, em cada margem do rio do Peixe. Catanduvás, com o pocinho de São João Maria abençoado pelo padroeiro São Sebastião. Em Catanduvás, espero outro ônibus que faz a conexão para Irani. A neblina turva a paisagem. Passamos por Vargem Bonita e logo mais chegamos. Li a respeito do Parque Histórico construído às margens da BR 153, na entrada da cidade, marcando o local do combate entre José Maria e João Gualberto, com cemitério anexo e a escultura original reproduzida nos monumentos do “Circuito do Contestado”. Na hora do ocaso, o ônibus vai entrando em Irani por uma via rebaixada e lá em cima vejo sob a chuva fina as mãos de granito saindo da terra, erguendo-se como a taça dos pinheiros, e entre elas a cruz e o céu.

O ônibus entra na rodoviária de Irani, os passageiros descem, está tudo fechado, por trás das portas de vidro não havia ninguém. Rapidamente os viajantes entraram nos carros que os esperavam, cada qual tomou seu rumo e o lugar ficou mais deserto, não há táxi, nada. Ali, um rapaz que aguardava quem não veio é a última pessoa presente, e peço uma carona, fico no primeiro hotel que vejo. Na verdade, pousada e pizzaria. Mas estou ao abrigo, um quartinho confortável e cobertores na cama. A janela no primeiro andar dá para a rua, em frente à igreja. Além do badalo dos falsos sinos (de altos decibéis virtuais), um anúncio expandido aos quatro ventos pelos megafones na torre convoca um encontro de jovens e dá outros informes da paróquia. Deço para tomar uma canja, que era o jantar da família e a dona me ofereceu. No dia seguinte é domingo e feriado de 1º de maio. A porta de acesso à pizzaria continuou fechada até umas dez da manhã e resolvi arriscar um café na rua. Adiante, a padaria funcionando, mas sem café. Nada mais se encontra aberto, a não ser, as portas da igreja. Decido caminhar até a rodoviária, que não fica muito longe, e o que vejo me dá a certeza do

que pensei na outra noite, aqui está desocupado faz tempo. O que fazer. Não dá para recuar, dou um passo à frente. Queria era sair dali, pegar um ônibus para Chapecó. Na mesma rua, duas quadras adiante, vejo um carro da polícia. Realmente, a rodoviária foi desativada, houve um problema com a concessionária e o antigo responsável pela venda de bilhetes é quem estava tirando as passagens, explica o policial que saía do trabalho, detalhando o caminho para eu chegar à casa do senhor Orildo. Mas nem que ele desenhasse um mapa, naquela manhã em jejum do primeiro de maio e na cidade adormecida para mim.

O militar me valeu com a sua gentileza, estava largando o plantão e poderia me deixar lá e não apenas o fez como entrou comigo e apresentou a seu Orildo o meu problema. Sim, havia um ônibus que entraria na cidade, depois do meio dia. A casa fica no fundo de um pátio verde tão variado, mistura de pomar e jardim, com orquídea, butiá e romã, um caminhozinho de pedra até o anexo que é a cozinha, com um janelão rebaixado, um gato gordo no batente, o casal descascando pinhões no calorzinho do fogão a lenha. Já me fizeram passar para dentro de casa e antes de ele tirar o bilhete, ela me serve café com cuca e pinhões cozidos. Em um cesto no chão, debaixo dos panos, uma cachorrinha friorenta. Havia outros cães pela casa, e vi mais dois gatos. Seu Orildo me contou que durante 35 anos ele foi o agente de passagens da empresa que cobre a região, mas aí houve ingerências políticas, leiloaram a concessão, ele foi retirado do negócio e quem assumiu, desistiu depois e por isso a agência na rodoviária fechou. Comprei a passagem, agradecei, mas o casal me convidou a ficar, havia tempo para um chimarrão. O sabor residual me fez refletir sobre esta infusão desenvolvida pelos povoadores do planalto, séculos antes de a primeira caravela cruzar a linha do Equador.

Da experiência viajante na longitude do sertão, das coisas que marcaram e recombino agora. Presenciei nas romarias de Juazeiro o comércio oferecer em cada porta de loja um bem visível pote d'água, uma concha de servir de borda serrilhada, a impedir algum ousado de beber diretamente nela, e umas canecas à disposição do passante. Prática que extrapolou dos espaços consagrados, as igrejas (com seus bebedouros modernos), a Casa dos Milagres e o Museu do Horto, ambientes em que cantareiras, potes, conchas serrilhadas e canecas de alumínio são tão comuns quanto as imagens do Padre Cícero Romão. Claro que o dar água a quem tem sede, especialmente nas regiões sertanejas nordestinas, comporta um sentimento moral de caráter

compassivo e terreno, não é uma parábola, mas a ética da vida mesma, em sua economia básica, o que também remete aos pousos consagrados pela presença do Monge e definidos pelos olhos d'água. No caso de Juazeiro, acredito seja a força da presença do romeiro, motivo da desenvoltura da cidade, que implica neste gesto de reconhecimento do comércio. E há o traço na memória religiosa popular, inspirado na passagem do Evangelho de São João, narrando o episódio em que Jesus, o estrangeiro, saciou a sede no poço de Samaria.

Do mesmo modo, no meu entendimento – enquanto uma ética do contato é compartilhada essa bebida, quente, amarga, benéfica, vitalizante, que não se compra e nem se vende por nenhum dos lugares, em seus domínios. Adquire-se os artefatos, a cuia, a bomba, a erva mate. Mas apreciar a infusão é algo feito coletivamente, no convite a “matear”. A entrar na roda. A participar. Fico pensando em como os três estados brasileiros mais associados à presença colonial pós-ibérica, e que “vendem” essa Europa tropicalizada como seu trunfo turístico, a sua vitrine de hortênsias, viandas e paredes enxaimel, a palavra “colonial” ganhando um significado todo próprio, enfatizando a pequena propriedade rural familiar, enfim. Mas a bebida que se fez ícone desta cultura particularizada, que está nas simbologias oficiais, que marca uma diferença concreta que intensifica ainda mais os laços de comunidade. Em qual capital brasileira se tem à disposição, em lugares públicos, água quente para o amargo? “Atualmente o chimarrão é um símbolo, não apenas de um tradicionalismo reacionário, que pretende apropriar-se privadamente deste costume, mas da cultura de diferentes grupos sociais”<sup>501</sup>. A bebida dos tapes da Lagoa dos Patos, feita da erva cultivada e beneficiada por kaingangues e xoklengues do planalto<sup>502</sup>, de apreço em todo o território de sua atuação, variando o tamanho da cuia e a temperatura da água, dissipando limites entre Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, anterior às fronteiras, circulando bem antes e subvertendo o mundo contemporâneo da mercadoria, e assim permanece, partilhando o concreto e o simbólico do espírito jê, mesmo se ocultado. O chimarrão resiste às expropriações da tradição. Tem natureza e tem aura.

---

<sup>501</sup> MARCON, Telmo. **Memória, História e Cultura**. 2003, p. 205.

<sup>502</sup> Os pesquisadores Juracilda Veiga, antropóloga, e Wilmar D'Angelis, linguista, do Portal Kaingang, defendem a cultura da bebida como sendo desta etnia: “Muita gente costuma associar o chimarrão com os Guaraní, porque os espanhóis tomaram conhecimento dele através desses índios, mas o chimarrão é Kaingang”. Ver referências.

Para Chapecó. Completando uma travessia pela antiga rota dos tropeiros, depois, caminho dos Monges e, muito antes deles, já sendo passagem das nações nativas que percorriam, cultivando, sua floresta de pinha e mate. De Irani, o itinerário vai por Ponte Serrada, “a capital catarinense da erva mate”, segundo reivindica uma placa indicativa da cidade. Em Vargeão, as motos enlameadas, com seus pilotos igualmente, no término de uma competição. Faxinal dos Guedes. Xanxerê (com a “Pizzaria e Restaurante Kariri”), Xaxim, Chapecó (que em alguns registros também está grafado com “xis”, como os dois topônimos Kaingang precedentes). A terra do cacique Condá, que dá nome ao estádio de futebol. Antigo Passo dos Índios, território reivindicado pela Argentina, São Paulo e Paraná, bem na confluência dos rios Uruguai e seu tributário Irani, Chapecó teve origem nos assentamentos secundários para garantir a ocupação da área em litígio, começando em 1859 a partir de uma colônia militar. Mas foi depois da Guerra do Contestado que o município se constituiu como tal. De 1940 em diante, a demarcação de terras para loteamento, ocupando as últimas reservas indígenas, acirra a violência que vai se cristalizar no episódio conhecido por “chacina de Chapecó”. Em outubro de 1950, quatro rapazes caboclos, acusados de atear fogo na igreja, são linchados, os cadáveres queimados na porta da delegacia, para encobrir crimes do próprio delegado, “responsável pela chacina e também pela grilagem de terras na região”.<sup>503</sup>

Não há lembrança da chacina nas ruas arborizadas, limpas, largas, ordeiras, de Chapecó, simbolizada com estátua monumental inscrita bem no centro da cidade, ao Desbravador, um gaúcho de poncho segurando um machado e um ramo de erva mate, rodeado lá embaixo pela massa que se divertia em show do Dia do Trabalho. Segunda-feira, dois de maio de 2011, de volta para casa. Campos arados até a beira da estrada, espigas de trigoilho, cocares de sorgo. A ponte, no passo de Goiô-En, sobre o imenso rio Uruguai, dividindo Chapecó de Nonoai. Aqui, nesta região fronteira entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, está situada a maior parte das reservas Kaingang, estabelecidas desde o oeste de São Paulo.

Vamos pela RS 324. Placa da prefeitura: “Bem vindos a Nonoai. Jesus te ama e nós também”. O trânsito parou por meia hora, a rodovia bloqueada devido a protesto de moradores. “Esses dia era os índio”, comenta uma senhora, mastigando o plural com bolachinhas. Trindade

---

<sup>503</sup> MARCON, 2003, p. 89.



do Sul. Três Palmeiras. Ronda Alta. BR 386, para Sarandi. Em Carazinho, almoçamos. Soledade. Forquetinha, com seu portal de boas vindas escrito em alemão. Lajeado. Montenegro. São Leopoldo. Sapucaia do Sul. Esteio. Canoas, no avião da praça, os faróis já se acenderam. Porto Alegre anoitece na conhecida rodoviária do último ano, os guichês de passagem próximos à máquina de água quente para o chimarrão. Meu destino é Tapes, cidade 100 km mais ao sul pela BR 116, depois do arroio Velhaco, à esquerda, na franja da Lagoa dos Patos, casas antigas com arcos de pedra na varanda, revoos de garças e biguás no fim do dia, tardes cor de alfazema. Navegando entre as margens, sete quilômetros entre água e a ponta de terra do sossego, prainhas desertas de onde comecei a escrever em trânsito este palimpsesto.

### **3.4 Na Biblioteca Pública de Santa Catarina**

Rua Tenente Silveira, ladeira acima, terceiro andar. De luvas e com o devido cuidado manuseio encadernações de folhas centenárias onde se dissolvem notícias que guardam um pouco do “calor da hora” impregnado na efemeridade dos jornais, para compor mais uma moldura a este caleidoscópio de palavras cruzadas. O recorte está circunscrito a duas publicações de Florianópolis, o diário “Folha do Comercio” e o hebdomadário “O Clarão”, ao tempo em que coincidem a Guerra do Contestado e a “Guerra de 14” no Ceará, quando Juazeiro do Norte se subleva contra o presidente (governador) Franco Rabello, apoiado pela oposição política e a classe média de Fortaleza, contrárias à continuidade da oligarquia de Nogueira Accioly. E também de que maneira notícias da seca de 1915 chegam ao sul, juntamente com informes da I Guerra Mundial, e de como estes eventos desencadearam campanhas de solidariedade.

No que se refere à Guerra do Contestado, constato que a violência contra os caboclos não se limitou ao ataque continuado dos comandos militares arrasando Taquaruçu e Caraguatá neste período em revista, mas encontra-se demonstrável no teor das páginas impressas, fomentando, subsidiando e justificando o repetido massacre diante da opinião pública, induzida a uma espécie de linchamento verbal. Ressalvando-se uma e outra voz de defesa (às vezes até apropriada para instigar mais ainda a querela dos limites territoriais entre Santa Catarina e Paraná), a exemplo do ensaio assinado pelo advogado Henrique Rupp Jr. Outro aspecto em destaque partindo da leitura dos documentos

relaciona-se ao modo de a “Folha do Commercio” abordar de maneira diametralmente oposta, à mercê do interesse político a ser defendido, a interferência do governo federal no conflito com os “fanáticos” do Monge e com os “jagunços” do Padre. E, ainda quanto a este aspecto, observo como o anticlerical “O Clarão” lida com a religiosidade sertaneja e o acordo de limites, entre os anos de 1912 a 1916.

Os artigos sobre a guerra local e o que acontecia no sertão do Ceará convivem lado a lado na primeira página do jornal criado e dirigido por Crispim Mira, a “Folha do Commercio”, durante todo o primeiro semestre de 1914, em matérias publicadas em colunas precedidas por títulos fixos, manchetes e frases destacadas, muitas vezes acompanhadas por exclamações, numa espécie de ilustração feita com palavras. O ano mal começou e já circulam más notícias sobre o conflito na região do Contestado. Ainda no final de 1913, Praxedes Gomes Damasceno teve apreendido um cargueiro de mercadorias, e o que aconteceu depois será relatado, em versões contraditórias, a partir da edição de sábado, três de janeiro de 1914, sob o título geral “O caso dos sertões”: “Os fanáticos e desordeiros – ataque à villa de Curitybanos – Rechassados pela polícia” são frases destacadas que precedem o texto e funcionam como a informação imediata da telegrafia, capturando a atenção do leitor a mais um capítulo da guerra dos “fanáticos”. “Entre mortos e feridos, o chefe do movimento revolucionário, Praxedes Ferreira [*sic*]”.<sup>504</sup>

Dois dias depois, o assunto deriva para a mudança no comando das forças legais em operação, à frente “nosso conterrâneo sr. tenente coronel Dinarte de Alleluia Pires”, e sobre a movimentação da tropa federal enviada a combater a revolta sertaneja – o 54º Batalhão de Caçadores, unidade do Exército aquartelada no forte de Sant’Anna, na ilha, de onde saiu em marcha, acompanhado até o cais pela multidão. Os soldados subiram ao sertão pela estrada Dona Francisca, levando uma carga de “114 mil cartuchos embalados” para “dominar o movimento sedicioso que se desenhava tão atentatório da ordem no interior do Estado”<sup>505</sup>. O texto faz reverência à ajuda do “prestimoso conterrâneo e apreciado collaborador sr. capitão José Vieira da Rosa”, disposto a combater sem trégua os “revoltados do sertão oriundos do ajuntamento de Taquarussu”, a aldeia bem no centro da fronteira em litígio, entre dois fogos.

---

<sup>504</sup> **Folha do Commercio**, 03 jan. 1914, p. 1.

<sup>505</sup> **Folha do Commercio**, 05 jan. 1914, p. 1.

Quarta-feira, sete de janeiro, 1914. “Se fôr necessario, as forças em operações serão augmentadas até 2 mil homens, tirados das guarnições de São Paulo e Rio”, prometeu Alleluia Pires. (Na mesma primeira página, e desdobrando-se em matéria interna, conta-se fato ocorrido em Blumenau, durante uma festa, o estupro de uma moça alemã, criada de uma família de Curitiba, pelo auxiliar da Estrada de Ferro, “de origem serrana e portanto catharinense”, de nome Aristides Góes, que andava fazendo “pé de alferes” à jovem. “A rapariga alludida é maior de 21 annos e já tem tido diversos amantes do que há provas exhuberantes”, quais sejam, depoimentos de ex-namorados publicados nesta edição do jornal. O abusador é inocentado e a moça alemã execrada publicamente. E o redator se aproveita do caso para levantar a bandeira catarinense na serra. A questão de limites foi um sofrimento para as populações sertanejas e uma diatribe politiqueria que se entrincheirou nas redações).

Sexta-feira, nove de janeiro, a “Folha do Commercio” reproduz, na primeira página, sob o tópico “Taquarussu em foco”, um artigo publicado no “Diário de Curityba”, com título “Pela Humanidade”, apelando “para que se evite a trucidação dos fanáticos de Taquarussu, míseros sertanejos sem outro intuito do que cultuar o seu monge, em virtude de suas crenças errôneas mas inoffensivas”. Ao lado, “tellegramas do Ceará informam que continuam as guerrilhas em Joaseiro, centro da revolução, e ainda sem solução o grave conflicto”.<sup>506</sup>

Segunda-feira, 12 de janeiro, 1914. Do artigo de fundo: “Causou aqui repugnância a attitude do ‘Diário de Curityba’, abastardando os actos dos abnegados defensores da ordem”. Taquaruçu, continua o texto, é um “valhacouto de bandidos perigosos vindos do Paraná”. Um rapaz, que “serviu de vaqueano das forças que foram a Taquarussu, voltando à casa, foi preso pelos fanaticos e está no reducto padecendo crueis tratos”. O correspondente de Curitiba apresenta, na edição de 15 de janeiro, o relato de um espião convertido que esteve no arraial caboclo: “Hontem chegou aqui Valeriano Marcondes, que fôra enviado ao reducto dos fanáticos como espião. Lá chegando, ficou fanatizado e somente devido a grandes esforços empregados por seu pae conseguiu de lá sair no dia 12. O neto de Euzébio, o vidente Joaquim, lhe annunciou tudo quanto elle havia feito até chegar alli e quaes eram suas intenções e por isso Valeriano crê piamente em tudo que viu e ouviu. Affirmam convictos não ter delles morrido ninguém, nem mesmo o chefe Praxedes

<sup>506</sup> **Folha do Commercio**, 09 jan. 1914, p. 1.

Gomes, que vivo está junto ao monge José Maria no reducto”. Taquaruçu, defendida por trincheiras feitas sob a orientação do vidente, “possue 220 combatentes aptos, grande número de rapazes, 300 mulheres e creanças dispostos à lucta”<sup>507</sup>, o exército armado de astúcia, pau e pedra, “apto” a enfrentar o tenente coronel Alleluia, o piquete de Salvador Carneiro e a tropa do capitão Rosinha.

Sexta-feira, 16 de janeiro, 1914. Os caboclos, em defesa de sua cidade, valeram-se de um “plano estratégico que espanta ser elaborado por sertanejos brancos”, escreve o editorialista. De Curitiba, o correspondente informa que aí chegou João Rodrigues, vulgo Periquito, “prisioneiro dos fanaticos”, dizendo que eles dispunham de 100 winchesters, grande número de revólveres, pistolas e facões, o que não modifica em nada a desproporção bélica do confronto. (Não há nenhuma confirmação se esse Periquito era o tal vaqueano “padecendo crueis tratos”). A edição de sábado, 17, publica uma carta, sem assinatura, trazendo revelações “sensacionaes” sobre o caso Praxedes: “Os fanaticos nunca quiseram atacar a villa, apesar da grande animosidade delles contra o coronel Albuquerque”<sup>508</sup>. O comerciante e 24 amigos (os Pares de França?) teriam ido a Curitiba recuperar, “por meios brandos”, os 30 cargueiros de mercadorias de sua propriedade, compradas na Casa Hoepcke. Na frente vinha o próprio Praxedes, “com uma bandeira branca. Pararam em frente à casa de Albuquerque, querendo dar um abraço, este desfechou-lhe um tiro e mais outros indivíduos deram-lhe dous tiros pelas costas. A injustificada agressão ao Praxedes e seu bando virá acirrar os ânimos dos caboclos que já estão sendo explorados por aventureiros do Paraná que, diz-se, até são insuflados e subvencionados pelo governo daquele Estado”.

A respeito do tiroteio que vitimou Praxedes, o jornal retoma, na edição de 19 de janeiro, a versão publicada no dia três, em “uma narrativa que não é anonyma”<sup>509</sup>: o senhor Ismael de Ornellas, de Curitiba, contou que Praxedes resolveu “atacar a villa a fim de apoderar-se da carga apreendida”, e fazendo menção de sacar uma arma, a escolta do coronel Albuquerque, em sua defesa, fez fogo contra ele. “De Curitiba. Os fanáticos, obedecendo à ordem do menino vidente, simulam se transportar a outro ponto, ficando no reduto 40 homens para a guarda de Euzébio que está ferido”. Deve ser o momento sugerido em

---

<sup>507</sup> **Folha do Commercio**, 15 jan. 1914, p. 1.

<sup>508</sup> **Folha do Commercio**, 17 jan. 1914, p. 1.

<sup>509</sup> **Folha do Commercio**, 19 jan. 1914, p. 1.

outras narrativas no qual a maior parte da irmandade se desloca para o acampamento de Caraguatá, conduzidos por Maria Rosa. “Os bandidos Venuto e Telles estão atacando e roubando em Butiá Verde e proximidades de Perdizes”. “O 54º Batalhão saiu hoje de Lages”, duas semanas depois de deixar a ilha e ainda a tempo de arrasar uma cidade.

Na quarta-feira, 21 de janeiro, o jornal anuncia novo correspondente em Curitiba, “alheio às paixões locais e conhecedor dos lugares, pessoas e costumes da serra”. Também na primeira página, informa-se que a Federação dos Estados do Norte quer a paz no Ceará, pedindo a intervenção do governo federal.

Quinta-feira, 22 de janeiro de 1914. Do correspondente em Curitiba. “Nada definitivo sobre o ataque! Dispersos os fanáticos por meios pacíficos! Pobres ignorantes, nenhum mal tem até agora praticado!”. A revolução no Ceará: Juazeiro em estado de sítio. Sábado, 24 de janeiro. Do correspondente: “A boa vontade do comandante [do regimento de segurança, em Curitiba], tenente coronel Gustavo Schmidt, chegou ao ponto de oferecer ao capitão Vieira da Rosa um piquete de cavallaria e um esquadrão de soldados”. A revolução no Ceará: “O coronel Franco Rabello pediu ao marechal presidente da república um contingente federal para auxiliar a dispersão dos rebeldes de Joazeiro”.<sup>510</sup>

Terça, 27 de janeiro. O marechal presidente da república resolveu não atender ao pedido de ajuda militar feito pelo coronel Franco Rabello. “O coronel terá que se agüentar com as unhas que tem”, escreve o redator. Ainda a revolução no Ceará. Derrota da polícia em Juazeiro. Renovado o pedido de intervenção. “Os revolucionários, dirigidos pelo doutor Floro Bartolomeu, tomaram as cidades de Crato e Iguatu” (vinham vindo em direção à capital). Sexta-feira, 30 de janeiro. A revolução no Ceará (em telegramas do Rio). “Falla-se que a não intervenção no conflicto do Ceará, apesar do pedido do governador Franco Rabello, affirma a preponderância do senador Pinheiro Machado no assumpto”.<sup>511</sup>

Quinta-feira, cinco de fevereiro, 1914. Taquaruçu já se encontra em cinzas de borralho, quando a “Folha do Commercio” noticia a “imminencia do ataque”. Na terça, 10, o balanço de uma guerra anunciada. Após “inúteis tentativas de pacificação”, a cidade santa foi tomada, com grande resistência, sendo “38 cadáveres encontrados no

<sup>510</sup> O Coronel Franco Rabello. **Folha do Commercio**, 24 jan. 1914, p. 1.

<sup>511</sup> Falla-se que a não intervenção. **Folha do Commercio**, 30 jan. 1914, p. 1.

recinto do reducto dos jagunços”. As forças atacantes tiveram um morto e três feridos. “As granadas ocasionaram 2 incêndios. O combate durou 3h e 40 minutos. O capitão Vieira da Rosa atacou a povoação que foi tomada à viva força. A responsabilidade do morticínio cabe exclusivamente a esses infelizes allucinados”. “Os infelizes fanáticos portaram-se com a valentia própria da sua inconsciência. Respondiam aos nossos tiros e descargas das metralhadoras com vivas à monarquia, a São Sebastião e outros”<sup>512</sup>. Na edição de quarta-feira, 11 de fevereiro, o governador de Alagoas, coronel Clodoaldo da Fonseca (primo do presidente da república, marechal Hermes da Fonseca, e sobrinho do marechal Deodoro, o proclamador), afirma por telegrama que não remeteu auxílio ao presidente do Ceará.

Sexta-feira, 13 de fevereiro, 1914. Os sobreviventes se reorganizam em Caraguatá (Gragoatá). Contabilizados mais de 100 mortos na chacina de Taquaruçu. O chefe dos 12 Pares, Anacleto Ribeiro, foi ferido gravemente no pescoço. Sábado, 14 de fevereiro. A edição traz a notícia do casamento de Euzébio “com uma mocinha na flôr da idade, depois do abandono da mulher que segundo dizem ficou sancta!”. Venuto, raptando a neta de Euzébio, em Canoinhas, o fez em nome do Monge. “Essa menina, de 4 annos, achava-se em casa do subdelegado Manoel Nepomuceno Franco às ordens do juiz de Direito para facilitar o annullamento do casamento que estavam promovendo seus paes, Cezario Baptista e Paulina, num caso de bigamia” (Paulina era filha de Euzébio). Ainda em Canoinhas: “Grande tem sido a adhesão aos fanáticos por pessoas deste município”<sup>513</sup>.

Segunda-feira, 23 de fevereiro, 1914. “Os fanaticos – notas para a historia”, ensaio escrito pelo advogado Henrique Rupp Jr. “Sua simplicidade e credices”. “As perseguições que os levaram ao desespero e à resistência”. “Mal comprehendidos desde o começo”. “As invenções e calumnias”. “Até o dia dous existiam em Taquarussu cerca de 700 pessoas, tendo sido contados em fileiras 202 homens, o resto todo compunha-se de mulheres e creanças. Todos eram de Curitybanos, da costa do Canoas e do Taquarussu”. Isto é, eram catarinenses, porque a serra é catarinense, o eixo temático a partir do qual se organiza a argumentação de Rupp Jr. na sua defesa dos caboclos, que só dispunham, enumera, de “poucas winchester, algumas espingardas pica-pau e pistolas”, pois a quase totalidade dos combatentes achava-se

<sup>512</sup> Imminencia do ataque. **Folha do Commercio**, 05 fev. 1914, p. 1.

<sup>513</sup> ...uma mocinha na for da idade. **Folha do Commercio**, 14 fev. 1914, p. 1.

armada de espadas de pau (de cambuí ou guamirim). Sobre a razão de usarem espadas de pau, o advogado obteve como resposta: “– Isto quando sobe pesa meio kilo, mas quando desce pesa doze arrobas”<sup>514</sup>. As armas dos caboclos eram ridículas, repito a frase de Euclides da Cunha, a espingarda pica-pau sendo a mesma usada pelo povo do Conselheiro e as durindanas não passando de clavas tapuias. Mas foi com elas que a periferia enfrentou o Brasil.

Os soldados do Monge conseguiram tomar às forças atacantes em retirada “seis cargueiros de munição de boca e de guerra. De nada se aproveitaram”. Queimaram e penduraram distintivos militares, túnicas e quepes pelas margens do caminho, “como tropheus”. A cena de desprezo aos alimentos e armas pertencentes ao inimigo (menos desprezo e mais uma ética sertaneja) e os despojos feitos rastros deixados à beira da estrada lembram passagem idêntica a *Os Sertões*, o livro que era um sucesso editorial desde sua publicação, doze anos antes<sup>515</sup>. (E fica a dúvida irresolvida, se Rupp Jr. apurou um acontecimento de fato ou se o fato foi um recurso retórico para justapor uma realidade semelhante até em sua tragédia que ele também denunciava). A narrativa prossegue. No local da luta, os caboclos encontraram gravemente ferido o soldado Epiphânio Dias. “Conduziram-no cuidadosamente para o reducto, trataram dele com o maior carinho. Epiphânio, no entanto, faleceu no dia 30 de manhã. À noite, fizeram grande velório, como é hábito naquela região. Foi enterrado no sagrado” (no cemitério), com a seguinte justificativa de Euzébio: “O coitado atacou-nos, mas não tinha culpa, era mandado”.

E hoje essa pobre gente que tinha o mesmo direito de se reunir nos ermos de Taquarussu em obediência ao seu credo religioso está em sua grande maioria massacrada. A missão da

<sup>514</sup> Os fanáticos – notas para a história. **Folha do Commercio**, 23 fev. 1914, p. 1.

<sup>515</sup> O fim da expedição Moreira César: “[...] nos arbustos marginais mais altos, dependuraram os restos de fardas, calças e dólãs multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas...” (em CUNHA, 1995a, p. 342).

expedição não era exterminar, era dispersar e pacificar, essa era a convicção da officialidade commandada pelo digno cel. Alleluia Pires. O general Alberto de Abreu assim não entendeu. Desempenhou o papel do verdugo.<sup>516</sup>

(Alberto de Abreu era o chefe da 11ª Região Militar, cuja circunscrição abrangia Paraná e Santa Catarina, e vai permanecer no cargo até setembro desse ano de 1914, quando passa o comando a Fernando Setembrino de Carvalho, que acabava de voltar do Ceará, herói e general. Quanto à “officialidade commandada” e sua missão pacífica de expulsão, a prova do contraditório, daí a dois dias, impressa na mesma primeira página e em primeira pessoa, culminando no auto de fé conduzido pelo capitão Rosinha).

25 de fevereiro, 1914. Divulga-se a morte do capitão J. da Penha, na localidade de Miguel Calmon, no Ceará, em ataque dos “jagunços de Joazeiro”. Foi quando o governo federal tomou providência, enviando um interventor: “O coronel Setembrino de Carvalho, novo inspetor regional, desarmou no interior vários contingentes de forças legais. E aconselhou Franco Rabello a renunciar”<sup>517</sup>. Na outra ponta do sertão convulsionado, o assalto a Taquaruçu, em “descrição feita por um official das forças atacantes”: “Continuamos o fogo e o inimigo a zombar das nossas mortíferas armas de guerra!”. Uma hora após o início do ataque, com o binóculo, disse ter visto vários cadáveres. A uma da tarde, a artilharia produziu o primeiro incêndio. Mais cadáveres apareciam, mais o inimigo não se rendia. “E assim tiroteamos até as 3 horas e meia, quando tocou cessar fogo, a fim de deixar fugir quem quisesse. Occupamos o reducto, ficando extinto o grupo de fanáticos”.<sup>518</sup>

Sobreviveram umas poucas mulheres arrastando os companheiros feridos. A noite toda choveu. De manhã, o capitão Rosinha fazia o reconhecimento da destruição, louvando “a valentia inexcedível do soldado brasileiro”. Nos escombros da cidade:

Mulheres, creanças, homens, tudo jazia por terra, muitos queimados nas casas incendiadas pela artilharia. Até hoje foram encontrados 53 mortos.

<sup>516</sup> Os fanáticos – notas para a história. **Folha do Commercio**, 23 fev. 1914, p. 1.

<sup>517</sup> Jagunços do Joazeiro. **Folha do Commercio**, 25 fev. 1914, p. 1.

<sup>518</sup> Jagunços do Joazeiro. **Folha do Commercio**, 25 fev. 1914, p. 1.



Depois de incinerados os cadáveres, voltamos ao acampamento.

Sábado, 28 de fevereiro, 1914. Revolução no Ceará. Os jagunços, “trazendo o retrato do Padre Cícero, avançavam dominados por verdadeira loucura”, e fizeram o capitão J. da Penha tombar debaixo de uma chuva de bala. Um jagunço, encontrado com as pernas estraçalhadas, pedia com insistência que o matassem, a fim de “ressuscitar”<sup>519</sup>. Segunda-feira, dois de março. Ainda a revolução no Ceará. O presidente Franco Rabello fortifica as cidades de Quixadá e Baturité, as próximas paradas do exército do doutor Floro Bartolomeu, que está vindo tomar a capital seguindo as estações de trem desde o Crato e já passou por Iguatu. O coronel Franco Rabello telegrafou ao Clube Militar: “Colocado na presidência do estado pela vontade do povo, tenho cumprido meu dever de governo, fazendo política honesta, não querendo porém me escravizar ao senador Pinheiro Machado. Com a chegada do cel. Setembrino, redobraram as hostilidades, procurando colocar-me em um círculo de ferro, a fim de me obrigar a renunciar”.<sup>520</sup>

Terça-feira, três de março, 1914. A revolução no Ceará. “Graves acontecimentos”. Os “jagunços” estão bem perto de Fortaleza. “O cônsul inglês na capital do Ceará pediu garantias para os súbditos e interesses ali de sua nacionalidade. Os jagunços tomaram Quixadá, em número de 10 mil, estão aproximando-se da capital. Navios de guerra seguem para Fortaleza”. Do acampamento militar em Rio Caçador, uma carta do correspondente junto às forças de operações justifica o que aconteceu em Taquaruçu: “Houve o que podia haver, pois granadas não levam letreiros”. O contingente espera a ordem para atacar Caraguatá, onde os sobreviventes se reorganizaram. “Aguardamos o resultado dos esforços empregados pelo Dr. Lebon Régis e, se tudo fracassar, que caia sobre a cabeça dos chefes dos fanáticos todo o sangue que se derramar”.<sup>521</sup>

Quarta-feira, quatro de março, 1914. Em telegrama à bancada cearense no Congresso, partidários de Franco Rabello protestam “contra o apoio moral e material que o governo federal tem prestado aos rebeldes e sediciosos do Cariri, o antro do banditismo no Ceará”. Que ao

<sup>519</sup> ... trazendo o retrato de Padre Cícero. **Folha do Commercio**, 28 fev. 1914, p. 1.

<sup>520</sup> ... a fim de me obrigar a renunciar. **Folha do Commercio**, 02 mar.1914, p.1.

<sup>521</sup> Granadas não levam letreiros. **Folha do Commercio**, 03 mar. 1914, p.1.

governo federal cabem todas as responsabilidades pela situação: “O governo federal protege os revolucionários”.<sup>522</sup>

Quinta-feira, cinco de março, 1914. Telegrama da capital cearense informa sobre o propósito do coronel Setembrino de Carvalho: “Sua atitude será neutralizar e evitar depredações caso os revolucionários tomem a cidade de Fortaleza. O presidente coronel Franco Rabello está sem elementos de defesa”. Do correspondente em Herval: “60 fanaticos ameaçam esta estação do Rio das Pedras”<sup>523</sup>. Nove de março, segunda-feira. Telegrama do Ceará. Os “malfeitores” do Juazeiro danificando linhas telegráficas, em sua marcha para a capital. Notícias de Rio Caçador: “Os fanaticos atacaram a localidade, desguarnecida com a retirada das tropas”.

Quarta-feira, 11 de março, 1914. Notícias chegadas dos sertões de Caraguatá, após o rechaço dos caboclos à força militar, enaltecem “aqueles bravos que estão se sacrificando em luctas inglórias contra fanaticos e bandidos”. “A cerca de dois km do reducto, a força foi horrivelmente hostilizada pelos fanaticos, resultando 25 mortos e 32 feridos. As perdas dos fanaticos foram grandes”. Em Florianópolis: “Em sinal de pesar pelo desastre de Caragoatá, as casas de diversão não funcionarão hoje”<sup>524</sup>. Sábado, 14 de março. Os militares mortos em Caraguatá são promovidos.

Segunda, 16 de março. No Ceará, Franco Rabello é “apeado do governo, considerando que o presidente acha-se despedido de qualquer autoridade”, informa-se do Rio de Janeiro. É nomeado presidente interino do Ceará, e empossado na capital sem estardalhaço, o coronel Setembrino de Carvalho, após uma conferência havida entre Hermes da Fonseca e Pinheiro Machado. Em Florianópolis, exéquias na catedral para os soldados “victimas de Gragoatá”, tendo assistido ao ato religioso o coronel Vidal Ramos, autoridade máxima de Santa Catarina. Terça, 17 de março, 1914. Do editorial: a resolução do caso Ceará foi uma “assignalada victoria do senador Pinheiro Machado”<sup>525</sup>. Sábado, 21 de março. O coronel Setembrino comunica que as “forças revolucionárias” (os “jagunços”) estão se retirando de Fortaleza para Juazeiro e os partidários mais exaltados de Franco Rabello, devidamente presos.

---

<sup>522</sup> O antro do banditismo no Ceará. **Folha do Commercio**, 04 abr. 1914, p.1.

<sup>523</sup> Sua atitude será neutralizar. **Folha do Commercio**, 05 mar. 1914, p.1.

<sup>524</sup> Em sinal de pesar. **Folha do Commercio**, 11 mar. 1914, p.1.

<sup>525</sup> ... assignada victoria do senador. **Folha do Commercio**, 17 mar. 1914, p.1.

Quarta-feira, 25 de março. Relato do combate de Caraguatá em novo tópico, “Taquarussu e Gragoatá”, escrito por uma testemunha (um jornalista, um militar?), cujo nome só aparecerá no último artigo: “As metralhadoras casaram seus estrondos com o canhoneio bem sustentado de duas peças de montanha, formando uma musica infernal com os toques de corneta e o crepitar de 600 carabinas”. “Os modernos schrapnell carregados com 250 balins”. “A igreja, cheia de fanaticos, foi atravessada por um desses projetis”. “O primeiro abriu de par em par as portas da capela, imediatamente fechada por uma mulher, sem medo aos nossos projetis”.

Acreditamos que a leitura demasiada do pândego Carlos Magno que existe em profusão pelas casas sertanejas, occasionou o desequilíbrio dessa pobre gente que, no dizer de Euclides da Cunha, está atrasada de 400 annos em civilização. Roldão e Guy de Borgonha, pares do seu grande imperador, fizeram virar a cabeça dos já não mui equilibrados José Maria, velha Cherubina e outros pobres diabos.

Retrato do inimigo morto: “Era um caboclo robustissíssimo, cobria-lhe a cabeça grande chapéu donde pendia enorme fita branca. Descendente direto do índio que habitou nossa terra e sujeito a leis atávicas, revela-se comumente um selvagem”.<sup>526</sup>

Sábado, 28 de março, 1914. “Taquarussu e Gragoatá”: “O combate do dia nove durou 5 horas e durante este tempo a força foi hostilizada sem ver o inimigo”. Terça, 31 de março. O “caudilho Salvador Carneiro”, liderando cem vaqueanos, enfrenta um piquete caboclo que arrebanhava gado. Quarta-feira, primeiro de abril. Nomeado o general Carlos Mesquita comandante em chefe da força federal no Contestado. “Taquarussu e Gragoatá”: “O tempo, não há dúvida, era um fiel alliado do jagunço, o tempo e o espaço. Quilômetro é para o sertanejo uma palavra moderníssima introduzida ali talvez depois da construção da estrada de ferro”. “Os jagunços eram tratados com todo carinho, sentando-se na barraca do comandante, tomando chimarrão ou café em sua companhia, como se esses miseráveis fossem iguais aos

---

<sup>526</sup> Taquarussu e Gragoatá I. **Folha do Commercio**, 25 mar. 1914, p.1.

oficiais. O pieguismo de certa gente tem já nos custado sérios desgostos”.<sup>527</sup>

Sábado, quatro de abril, 1914. O general Mesquita disse que “ter de combater 400 a 500 fanaticos não demandaria muito trabalho, si não fora o systema de guerrilhas que elles adoptam”. “De Gragoatá chegou um fugitivo dizendo que os fanaticos se disfarçam em mulher a fim de iludir as forças. O comandante geral é um tal Ventura”. Continua a série com notas de campanha, “Taquarussu e Gragoatá”: “Acampamos no dia sete na praça da famigerada capital dos jagunços, um quadrilátero com 16 casas de pinho e uma igrejinha pintada de branco, único edifício que ostentava este luxo”.<sup>528</sup>

Segunda-feira, seis de abril. “Os moradores do lugar Trombudo fogem para os mattos”. O piquete de vaqueanos sob o comando de Salvador Carneiro aprisionou dez caboclos que recolhiam gado. Da série “Taquarussu e Gragoatá”: Venuto Bahiano, “o famigerado chefe dos fanáticos e dos bandidos”, o comandante de briga que derrotou o Exército, é assim descrito: “Nas vésperas de qualquer perigo, Venuto, que é animal de bom faro, encontra sempre pretexto para estar longe do lugar perigoso”. “Quando se construiu a estrada de ferro SP-RG, Venuto foi empregado na polícia organizada pela companhia. Isto explicaria o grande número de assassinatos, atribuídos até aos índios”.<sup>529</sup>

Terça-feira, sete de abril, 1914. Os facções que estavam com os caboclos detidos por Salvador Carneiro trazem uma cruz entalhada no cabo. Quarta-feira, 15 de abril. “Os fanáticos em dispersão”. “O valente Mattos Costa” tenta compreender o “caboclo ignorante, fanatizado, alcoolizado”. Segunda, 20 de abril. A convenção do Partido Republicano do Ceará escolheu candidato a presidente do estado o coronel Liberato Barroso, e para vice-presidente, o Padre Cícero Romão. Sábado, 25 de abril. Conclusão da série “Taquarussu e Gragoatá”, agora com a assinatura do responsável, o superlativo Von Blumenthal, sobre o qual o texto não traz nenhuma informação, tratando-se possivelmente de um pseudônimo: “Sommos do pequeno número dos que acreditam no futuro da pátria, mas num futuro remotíssimo”. Segunda-feira, 18 de maio. Combate no Timbó, que se acreditava ser o último assentamento rebelde. “Com esse golpe provavelmente ficou resolvida a situação”.

---

<sup>527</sup> Taquarussu e Gragoatá II. **Folha do Commercio**, 28 mar. 1914, p.1.

<sup>528</sup> De Gragoatá chega um fugitivo. **Folha do Commercio**, 04 abr. 1914, p.1.

<sup>529</sup> Taquarussu e Gragoatá (conclusão). **Folha do Commercio**, 25 abr. 1914, p.1.

Quinta-feira, 21 de maio, 1914. Combate no Timbozinho. Caboclos repelidos por viva fuzilaria das forças do general Carlos Mesquita. “O sr. gen. Mesquita deixou de ir ao reducto do Tamanduá por existirem ali somente mulheres e creanças”. E assim, o general dá por finda sua missão. Sábado, 30 de maio. Um sobrevivente do ataque a Timbozinho afirmou que o acampamento principal continua a ser o de Tamanduá, onde pontifica “a Virgem” e se distribuem as ordens para os demais redutos. Informa ainda que as cidades santas de Rodeio Grande e dos Pinheiros são exclusivamente de mulheres, e representam as guardas avançadas da cidadela principal. Os “fanáticos” atacam Canoinhas, e no incidente “o sr. major Vieira foi atingido por uma bala que pegou-lhe o dedo mínimo da mão direita”. Na edição de 17 de junho: “Os fanaticos queixam-se de que o coronel Arthur de Paula e outros tomam-lhes as terras que habitavam, impedindo que recorressem a terras devolutas”.<sup>530</sup>

Eis o único momento, em toda a coleção da “Folha do Commercio” consultada neste intervalo temporal, no qual se faz ouvir alguma reivindicação dos sertanejos, especialmente a denúncia de expulsão dos moradores do sertão de Serra Acima, por diversos meios, desde os legitimados (o que não significa códigos e leis éticos e justos para todos) até os mais agressivos, da preferência dos coronéis na defesa dos seus interesses junto ao capital internacional representado pelos negócios de transporte ferroviário, loteamento de terras devolutas e beneficiamento da floresta derrubada. “Ceder terras com seus habitantes sempre se fez e está fazendo”<sup>531</sup>, observou Capistrano de Abreu em 1899, escrevendo sobre o Tratado de Madri, de 1750, que pôs fim a uma disputa de fronteiras que vinha desde o Tratado de Tordesilhas, com a permuta, entre as coroas ibéricas, da Colônia do Sacramento pelos Sete Povos das Missões.

(A “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, desde sua fundação em 1838 por intelectuais e pesquisadores patrocinados por D. Pedro II, dedica-se à atividade de recolha, análise e divulgação de textos e outros documentos antigos. A edição número 15, de 1842, transcreve um manuscrito quase secular à época: a “Relação abreviada da Republica que os Religiosos Jesuitas das Provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos Dominios Ultramarinos das duas monarchias, e da guerra que n’elles tem movido e sustentado contra os exércitos hespanhoes e portugueses”. A Companhia de Jesus, que veio

<sup>530</sup> Os fanáticos queixam-se. **Folha do Commercio**, 17 jun. 1914, p.1.

<sup>531</sup> ABREU, 1960 p. 147.

nas caravelas lusas e castelhanas para esta parte do mundo desconhecida ao mundo europeu, era chamada agora, nesse ilustrado século XVIII, “aquella grande machinna” obscurantista que será extinta, expulsa dos reinos e domínios de Espanha e Portugal e terá todos os bens desapropriados. Os bens das comunidades, diga-se, construídos, tecidos, plantados, cuidados, esculpidos, modelados, erguidos, multiplicados por gerações de guaranis cristãos. Para concretizar o Tratado de Madri, as coroas ibéricas uniram seus exércitos contra a irmandade. No ano de 1756, “os dois respectivos Generaes entraram nas sete aldêas da margem oriental do Uruguay, pela força das armas”<sup>532</sup>).

(Das cartas incluídas no dossiê desse número da revista, selecionei trechos de uma que foi escrita, em guarani, pelo padre da Missão de S. Francisco Xavier ao “corregedor dos indios, Joseph Tiarayu”. A carta, de cinco de fevereiro de 1756, talvez não tenha chegado ao destinatário. No dia sete, Sepé Tiaraju morria defendendo a Missão de São Miguel Arcanjo. Diz a carta: “Todos os Padres dos outros Povos estão com seus filhos rezando continuamente para que Deus vos dê acerto. [...] Isto que temos só é do nosso trabalho pessoal, nem o nosso Rei nos tem dado cousa alguma. Nosso Rei sabe tambem que estas terras nol-as deu Deus e a nossos avós, e por isso só as possuímos em o amor de Deus. [...] Agora vos envio uma bandeira com o retrato de Nossa Senhora”<sup>533</sup>).

Examino, finalmente, algumas edições da “Folha do Commercio” publicadas no segundo semestre de 1915, quando o principal tema em debate será o andamento da questão dos limites entre Santa Catarina e Paraná. Aparecem também, de modo pontual, boletins sobre a evolução da guerra que se alastrava na Europa, mas ainda não se falava em I Grande Guerra. Há que notar o favorecimento à causa alemã no conflito, possivelmente devido à presença de oriundos e descendentes neste pedaço do Brasil. No Ceará, não chovia há seis meses.

Quinta-feira, primeiro de julho, 1915. No artigo de fundo sob o título “Accordo imposto?”, o editor se posiciona como porta voz dos catarinenses e exige a Wenceslau Brás: “O que o Sr. Presidente da República tem a fazer, é impôr ao Estado rebelde o cumprimento da

---

<sup>532</sup> REVISTA TRIMENSAL DE HISTORIA E GEOGRAPHIA OU JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO BRAZILEIRO. Tomo 4, n. 15. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de L. P. da Costa, 1842. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

<sup>533</sup> REVISTA TRIMENSAL DE HISTORIA [...], 1842, p. 288 e 291.

sentença”. O estado rebelde, no caso, seria o Paraná, visto que a sentença jurídica foi favorável ao pleito catarinense. A “Folha do Commercio”, fundada em 1909, neste período consultado apresentava-se em formato tabloide, com quatro páginas, sendo a terceira e a quarta dedicadas aos reclames. Neste número de primeiro de julho de 1915, a página três é tomada por anúncios de remédios: o Elixir de Nogueira era “grande depurativo do sangue” e Bromil “cura tosse”. Outro reclame, em letras garrafais: “Insônia, Desassossêgo? Pastilhas do Dr. Richards”. E as Pílulas de Vida do Dr. Ross, “para as môças quando se tornam mulheres”. Na página quatro, publicidade das cervejas Antartica e Atlantica, esta, com o seguinte comunicado: “Paraná! A boycottage acabou! Bebamos pois Atlantica. À venda na Casa Hoepcke”. Carl Hoepcke & Cia. anunciam “a novidade em máquinas e artigos técnicos”.<sup>534</sup>

Na edição de seis de julho, 1915, o artigo de fundo continua versando os impasses do acordo. No dia seguinte, também na primeira página: os “catharinenses enchem diariamente o Hotel Avenida em visita ao Dr. Felipe Schmidt”, que realiza palestras a respeito da sentença do Tribunal de Justiça sobre a questão dos limites, com parecer favorável a Santa Catarina. Nove de julho. Telegrama do Rio de Janeiro alerta para a “impossibilidade de um accordo”.

Sábado, 10 de julho. Escreve o governador Felipe Schmidt sobre ida à capital do país: “Vim, a convite do Sr. Presidente da República, para accordarmos de vez na melhor fôrma de resolver a questão do Contestado e dos fanaticos”. Da redação: “Esses bandos temíveis e desesperados resistiram em guerrilhas tremendas às pequenas forças que o governo mandava para o Contestado, sem a noção do grave perigo que tal gente representava”. O governo, lembrando o exemplo de Canudos, continua o redator, organizou enfim “a grande expedição” (comandada pelo general Setembrino). “Mas nem todos os fanáticos morreram. Os chefes, com os bandos, vendo-se perdidos nos reductos, enfiaram ‘pelo matto grande de Deus’ à espera”. E cobrava aos poderes públicos a “extinção total dos bandoleiros”.<sup>535</sup>

Segunda-feira, 12 de julho, 1915. O editorial retoma a questão da sentença que definiu os limites, destacando o que teria dito aos repórteres no Rio de Janeiro o governador Felipe Schmidt, após seu encontro com o ministro da Justiça: “Queremos os nossos direitos, ver

<sup>534</sup> Acordo imposto? **Folha do Commercio**, 01 jul. 1915, p. 3 e 4.

<sup>535</sup> Esses bandos temíveis. **Folha do Commercio**, 10 jul. 1915, p.1.

cumprida a sentença do Supremo Tribunal”. Terça, 20 de julho: a chegada do general Setembrino de Carvalho à capital paranaense, onde deu entrevista coletiva, após comandar a vitória das tropas na investida final a Santa Maria, última cidade santa dos caboclos.

Do que disse o senhor general aos jornalistas, infere-se que vem satisfeito, convencido de haver cumprido o seu dever. Na opinião do recém-chegado, para a completa pacificação do Contestado é necessário apenas estradas de ferro, escolas e trabalho. Quanto aos fuzilamentos, disse o sr. gen. Setembrino que jamais autorizou barbaridades de quaesquer espécies.<sup>536</sup>

Não autorizou, mas também não negou que tenha havido, durante sua permanência no sertão.

Segunda-feira, dois de agosto de 1915. O artigo de fundo é só elogio ao “capitão Vieira da Rosa”, que atuou com a força expedicionária “do acampamento na fazenda de Antônio Vicente em direção ao reducto que devia desaparecer dentro de 24 horas”. Na página dois, um telegrama endereçado ao governador Felipe Schmidt faz saber que: “O sr. ministro da Guerra autorizou o dr. Schmidt a fazer rigoroso policiamento da zona infestada pelos fanaticos”. Quarta-feira, quatro de agosto de 1915. O jornal comanda uma campanha de arrecadação de donativos, “Pelas victimas da Secca no Ceará”. A edição de 10 de agosto traz uma inovação na primeira página, um clichê fotográfico do “benemerito governador do Estado”, destacando sua incontestes “capacidade, inteligência, patriotismo”. Felipe Schmidt à moda, finos bigodes retorcidos, colarinho alto, e a legenda irônica (mesmo se não intencional): “Esgotou o thesouro na repressão dos bandoleiros”<sup>537</sup>. Mais uma subscrição, agora “pelas victimas dos fanaticos em Curitybanos e Canoinhas”, promovida pela companhia de

---

<sup>536</sup> Do que disse o senhor general. **Folha do Commercio**, 20 jul. 1915, p.1.

<sup>537</sup> Esgotou o tesouro. **Folha do Commercio**, 10 ago. 1915, p.1.



navegação Lloyd Brasileiro. A causa em favor do Ceará desaparece das páginas do jornal.

No dia 11 de agosto de 1915, o artigo de fundo trata da Criação da Liga Brasileira Pró Alemanha. Entre os fundadores, o capitão Deocleciano Martyr. Na edição de 23 de agosto, aumenta o rol de subscrições em solidariedade a Alemanha, sendo a comissão de doadores nomeada e apontados os valores oferecidos, encabeçando a lista Guilherme Kasper, que doou sozinho a quantia de 30 mil réis.

Edição de 25 de agosto, 1915. Por telegrama, de Curitiba, chega o comunicado sobre a tomada do reduto de Pedras Brancas: “Dentro em breve, atacados como estão sendo todos os pontos infestados pelos fanaticos, teremos terminada esta lucta e a pacificação nos nossos sertões será mais uma obra a coroar os numerosos feitos do grande estadista que governa nosso estado”.<sup>538</sup>

Outra publicação da capital catarinense, contemporânea do diário de Crispim Mira, é o provocativo “O Clarão”, “modesto, independente, literário, noticioso e crítico”, que saía às ruas, primeiro, aos domingos, e depois aos sábados. O único nome disponível para contato do leitor ou de qualquer posterior interessado em saber quem dirigia a folha era o do responsável pela correspondência e venda do jornal, Valentim Farinhas, que era dono de uma banca de revistas em São José. O número 1 de “O Clarão” data de 10 de agosto de 1911. O informativo se limita a uma folha monocromática (amarela, rosa ou lilás), menor que o formato tabloide. Para que não haja dúvida alguma quanto a sua proposição anticlerical, temperada com pitadas de humor e de ironia, estampa a frase que é uma espécie de *ex libris*: “Frades, nem de pedra nas esquinas das ruas”. Uma notícia bem no começo da Sedição do Juazeiro saiu em 13 de abril de 1912: “O Ceará está se tornando verdadeiramente, extraordinariamente, impossível. Depois do sr. Accioly, o coronel Franco Rabello. Infeliz estado, que negro futuro te espera. Pobre Ceará! Escapaste às unhas dos Acciols para caihres nas garras dos padres”<sup>539</sup> (as garras, no caso, eram as do prefeito de Juazeiro e vice-governador do estado, o Padre Cícero).

Sábado, 29 de março, 1913. Frontispício: “O Clarão, orgam de combate, legalmente constituído”. Ataque aos frades alemães, que chegavam juntamente com novos colonos: “a horda de batinas estrangeiras que infesta o território brasileiro, só pode ser comparado a

<sup>538</sup> Liga brasileira pró-Alemanha. **Folha do Commercio**, 23 ago. 1915, p.1.

<sup>539</sup> O Ceará está se tornando impossível. **O Clarão**, 13 abr. 1912, p.1.

esses cyclones terríveis a que tudo devastam”. Sábado, 10 de janeiro, 1914: “Domingo, 4 do corrente, as 4 horas da tarde, desfilava, garbosamente pelas ruas d’esta capital, em demanda do porto de embarque, o brioso 54 de Infantaria”. À partida, compareceram todos, menos os padres, “porque, sendo o embarque do batalhão motivado pelo fanatismo religioso e sendo o mesmo clero favorável a desordem e anarchia dos jagunços de Taquarussú, [...] os incautos que eles, nas suas Missões fanatizaram” em consequência “das rezas, dos jejuns, das lendas do demônio, das chammas do purgatório e dos horrores do inferno”, e “do desrespeito as nossas leis!”. Morreu um padre, informa-se, e segue-se o comentário: “Um de menos!”.<sup>540</sup>

Sábado, 13 de junho, 1914. Cinco meses após a partida, estava de volta à capital o 54º Batalhão de Caçadores, “sendo recebido pela população alegremente”, depois de vencer no sertão “bandidos e fanaticos” seduzidos pela “fradalhada immunda, que depois de hastear o pavilhão da desordem pelos sertões do norte veio fazer o mesmo pelos sertões do sul do Brasil [...] esses horripilantes filhos de Loyola”.<sup>541</sup>

Em 1915, “O Clarão” passa a ser publicado em formato tabloide, com quatro páginas. No sábado, quatro de julho, traz na página dois, com o mesmo estilo de cercadura gráfica e tipos chamativos dos anúncios, o seguinte reclame: “Cura Infallivel! A leitura d’O Clarão cura radicalmente a prejudicial moléstia o Fanatismo religioso!”. Sábado, 19 de fevereiro, 1916. Na página quatro, sob o título “Prisioneiro Sagrado”: “Depois de muitas luctas e controvérsias, assaltos e tiroteios, foi afinal preso o São Sebastião dos jagunços. Ora, vejam só no que deu a lucta do Contestado!”. Sábado, primeiro de abril, 1916. Na página dois, sob o clichê “Fanatismo”. “O fanatismo é a ignorância, sendo sua base o frade franciscano. Satyros de batina, só conhecem do Pai Nosso o venha a nós”<sup>542</sup>. Sábado, 20 de maio de 1916. Quanto à questão de limites, “O Clarão” se une na palavra de ordem geral: “Nós, catharinenses, queremos a fiel execução da sentença do Tribunal, sem condições de espécie alguma”.<sup>543</sup>

Sábado, 27 de maio, 1916. “O Clarão” convoca, “marchemos todos para o Contestado e lá exponhamos nossos peitos à bala do vizinho réprobo e irrequieto acostumado a varejar as terras que não lhe

<sup>540</sup> ... das rezas, dos jejuns, das lendas. **O Clarão**, 10 jan. 1914, p.1.

<sup>541</sup> Horripilantes filhos de Loiola. **O Clarão**, 13 jun. 1914, p.1.

<sup>542</sup> Fanatismo. **O Clarão**, 01 abr. 1916, p.2.

<sup>543</sup> Nós catharinenses. **O Clarão**, 20 maio 1916, p.2.

pertencem de trabuco em punho. Preferimos a morte à vergonha. Accordo? Nunca. Execução da sentença, sim. Tudo ou nada”. (Tudo é nada, menina Maria Rosa). No dia quatro, ainda o desacordo: “Triste realidade. Pobre terra... melhor seria que um deluvio a tragasse”. Sábado, 18 de novembro, 1916. O acordo, afinal. “Acto 2º da commedia jocosa ‘Accordo monstro’: Creança monstro nascida no Catete a 20 do corrente”. “E nisso tudo vae o pobre povo catharinense de embrulho, porque o Sr. Braz e os dois senhores governadores num conchavo illegal lancetaram o coração catharinense sem dó nem piedade”.<sup>544</sup>

### 3.5 Aí tem coisa

Como se dá o princípio e se define a missão, o chamado à missão, do santo na periferia da religiosidade? Eles emergem do corpo da própria comunidade que sustenta a fé, a irmandade que se faz de experiência, memória e perseverança. O compromisso, em geral, será firmado no decorrer da vida, virá em uma mensagem a ser decifrada, ou se decifrá a partir de algum acontecimento, em geral, funesto (e me vem à recordação o incêndio no circo que fez nascer o Profeta Gentileza). Foi uma visão e foi um sonho que dinamizaram a atividade de tantos deles, a exemplo do Padre Cícero, um ícone gerado de dentro da própria igreja, pródiga em profetas sonhadores. Mas a imensidade dos santos de carne e osso é formada por irmãs e irmãos leigos, que um dia deixaram a vida cotidiana, ou melhor, a partir das necessidades da vida cotidiana e por esta causa assumiram a responsabilidade com os outros e em função de outro mundo, feito os monges peregrinos, as virgens, os meninos videntes. Instigado por um chamado irreal, onírico, o alagoano Pedro Batista, que fora soldado no Contestado, voltou ao sertão de sua infância e construiu uma cidade que deixou aos cuidados de Madrinha Dodô.

Em fevereiro de 2011, morando em Tapes, viajei a convite do curso de Comunicação da UFC no campus do Cariri, em Juazeiro, e aproveitei para voltar à casa de orações e pouso de romeiros situada na ladeira velha do Horto, gesto que repito desde a primeira vez que visitei a sala de rezar da casa de Madrinha Dodô. Quem vem de romaria à famosa estátua branca do Padrinho, no alto da serra do Catolé, que se

<sup>544</sup> Accordo monstro. **O Clarão**, 18 nov. 1916, p.2.

emenda à Chapada do Araripe, e de onde se vê lá embaixo a convulsão de Juazeiro, a expansão vertical porque o chão é o limite. E, em vez de voltar pela estrada de asfalto que descendo o Horto desemboca diante da nova torre que parece um foguete espacial, o Luzeiro do Sertão, já próximo da praça do Romeiro e ao adro da igreja do Socorro, toma o caminho oposto, a rampa de paralelepípedos desalinhados, casinhas emendadas, calçadas altas, as estações da Paixão de Cristo em cada esquina e os lugares de devoção. Passa a Casa e capelinha de São Gonçalo, a Casa de São Bento, o Oratório de Santa Clara. À direita, quase no fim da ladeira, a casa das rezadeiras. Por fora, ninguém imagina o tamanho, colada de um dos lados, na frente, a garagem telhada e de piso em cimento queimado se faz de sala de espera, com uns bancos inteiriços de madeira.

Dona Alzira, 90, sentada à porta na cadeira de balanço, inspira o respeito das matriarcas, tomando conta de tudo, mas quem comanda agora as orações na casa sempre aberta às necessidades alheias é Maria Isabel dos Santos. No momento, a derradeira de uma linhagem. Um tanto de pessoas esperavam na fileira de cadeiras plásticas encostadas em semicírculo nas paredes da sala oratório, em frente ao altar que se prolonga nos quadros de santos, de personalidades da Igreja e de políticos de toda sorte que sobem da parede ao teto de telha nua. Na mesa votiva, envolta em toalha branca rendada, imagens, castiçais, velas e flores, a bandeja com as espórtulas e um tubo plástico, desses de desodorante em spray, que na hora da reza é aspirado por cada um da roda, um resquício dos cachimbos rituais. Ladeando o altar, de pé, duas figuras em tamanho real, Padrinho Cícero e Madrinha Dodô.

Da sala de oração, atravessando um longo corredor que reparte de um lado e outro a infinidade de quartinhos dos romeiros de Santa Brígida, chega-se à sala de jantar, peça ampla provida de mesa grande, com bancos compridos, armários de louça, potes de água na cantareira, e o acesso a duas portas. A da direita leva à cozinha, com fogão a lenha, e antes de chegar ao quintal, o papagaio Ciliro faz a maior festa em seu poleiro quando vê Maria Isabel. A porta à esquerda, na sala das refeições, resguarda um sacrário. O quartinho da beata está do mesmo jeito que vi em 1999, caiado de branco, zelado, limpo, a roupa de rezar da Madrinha disposta no cabide, a mesinha com imagens, flores e velas, a cama de solteira com a fotografia dela, paninho na cabeça, sobre o travesseiro. Na parede, o retrato do Padrinho Pedro Batista em um cartaz antigo da festa de São Pedro, o padroeiro de Santa Brígida. A janela de

tramela recortando a violenta luz. Maria Isabel conta sobre o seu ofício – que ela própria chama de “missão”, por não envolver, bem ao contrário, uma escolha pessoal – nesta vida: abençoar, doar conforto espiritual, sossegar as mentes inquietas e aliviar os sofrimentos da matéria.

“Comecei esta missão, eu tava com 23 anos de idade. Eu morava em Pernambuco, Ibimirim, perto de Arcoverde. Só vivia doente. Quando Zé das Dor vinha daqui, vinha de Santa Brígida, quando Madrinha Dodô convivia lá, convivia aqui, eu, pronto, tava rica que me levantava”. Zé das Dores era o líder da irmandade de São Gonçalo, e assim como Dodô mantinha casa em Juazeiro e em Santa Brígida, município baiano situado do lado de lá do rio São Francisco, que faz a fronteira natural com a cidade alagoana de Delmiro Gouveia. Embora na Bahia, a maioria dos romeiros de Santa Brígida, bem assim os que visitam Juazeiro, vem de Alagoas. Maria Isabel continua o relato: “Trabalhava de doméstica, trabalhei quatro ano numa casa só. Depois trabalhei mais quatro ano em outra moradia, em Sertânia. Aí vim findar aqui. Condo as outras rezadeiras rezavam, diziam, você vai rezar no povo. E eu dizia, aí é pra vocês, que não sei de nada. Eu vou dizer o quê?”, e sorri, lembrando.

As mulheres que acompanharam Madrinha Dodô por 40 e tantos anos e continuam o seu ministério empreendem um experimento ritual de palavra e gesto, na prática da bênção, na entrega ao chamado e na resistência da tradição. “Realmente, a experiência é um fato de tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. A experiência consiste em dados acumulados, frequentemente de forma inconsciente, que afluem à memória”<sup>545</sup>. A precariedade congrega. Para realizar a cura e a festa é necessário ir ao encontro desta vida interior, aonde repousa a quietude da lembrança, e o que passou murmura sua presença significada. Para levantar o olhar de quem vem lá derrotado, precisando de amparo. Maria Isabel dos Santos não teve escolha, foi acolhida por Mãe Dodô.

Aí, pronto. Eu disse, eu não sei. Mas quando eu pensava que estava em pé, tava no chão, as coisas mau me derrubava. – Você só fica boa se você rezar, vai receber a missão pra rezar, pra poder você se aliviar, não sabe?, elas dizia. Eu achava que isso aí era só embromação delas. Aí a mestra

---

<sup>545</sup> BENJAMIN, 2000, p. 38.

chegou, Madrinha Dodô. Elas disseram, Madrinha, Maria tá aqui, veio de Pernambuco, daquele jeito. – Eu sei o que é a doença dela. Ela vai rezar no povo, que miora. Eu disse, Deus que me livre! Não, Madrinha Dodô, só sei rezar de olhado nas crianças, e assim mesmo ninguém me ensinou. (Informação verbal.)

Quando eu fui rezar as crianças desmaiadas, as crianças amioravam. Aí o povo saíram enchendo, que eu rezava, que eu rezava nas criança e as criança miorava, levava pro doutor não miorava, e eu rezava e miorava. Mas né nos adultos não, Madrinha, é nas criança e as mães diz que melhora, correm atrás deu. Ela mandou eu fazer uma reza pra uma pessoa de Santa Brígida, eu digo, cês podem olhar, Madrinha Dodô, não sei rezar. Apenas ainda aprendi a rezar o Pai Nosso, mas num sei nem se tá certo. Ela tava batendo uns prego no chinelinho dela, lá no muro. – Aí, Madrinha Dodô, Deus tome de conta da pessoa que a senhora mandou eu rezar, mas eu não sei se tá certo não. Ela foi, levantou, olhou pro céu, disse, confie em Deus, aí não tem nada errado, tá tudo certo. – A senhora está dizendo... Ela disse, confie em Deus, Nosso Senhor vai mandar seu rezador e você vai rezar em todo mundo. – Mas Madrinha Dodô, eu não sei... – Você vai rezar. (Informação verbal.)

Aí chegou umas pessoas, ela botou pra eu rezar, o povo chegava lá dentro da cozinha, Mãe Dodô dixe que era pra você rezar em nós, mandou nós entrar que tinha uma rezadeira nova aqui. Eu digo, minha filha, aí tem muitas, tem madrinha Alzira, tem as outras... – Não, mas ela mandou que era uma novata. – Bom, só rezo do olhado, não digo que rezo de outra coisa, e assim mesmo nas crianças, se ocês quiser... Sei que fui rezar, toda trêmula, toda desconfiada. E cadê de noite eu dormir, assombrada? Porque ela disse que o home ia chegar e eu ia rezar em todo mundo, mas como é esse homem, como é que eu sei? Quando o povo foi-se embora, ela chegou perto deu, e aí, Maria?

O povo acharam bom a reza. – E foi?, tá bom... Outro dia, ela chegou, Maria! Eu vou na igreja venho já, fique aí mais as menina (madrinha Alzira, as mais velhas que já morreram), fique ajudando, mais tarde eu chego. Quando ela chegou, chegou com São Manuel da Paciência: – Taquí, pra você ter paciência e rezar no povo. – E é, Madrinha? A senhora está dizendo, vou aceitar, eu sei lá, a senhora diz que tá certo, eu vou fazer. (Informação verbal.)

Quando foi um dia, Madrinha Dodô foi pedindo uma reza a eu pra um povo em casa, brigando, pai, mãe e filho, daqui mesmo. – Maria, pra você fazer uma reza que ali fora tá um povo atrás de se matar. – E o nome das pessoas? Ela disse, eu esqueci, mas reze por intenção de quem pediu. Quando eu comecei a rezar o Creio em Deus Pai, o que apresentou na minha frente: não sei se era pra eu temer e correr e deixar a reza, eu não temia cão nenhum. Apresentou a Besta Fera, mostrando o ferro dela. Quando chegou no outro dia, Madrinha Dodô foi ver como é que tavam, que tinha mandado a pessoa fazer a reza e o que tinha apresentado. – Mãe Dodô, graças a Deus!, dormiram tudo em paz, tudo combinando bem, eu com meu marido, meus filhos com o pai, graças a Deus. Ela chegou aqui, me disse, olhe, Maria, o povo que eu pedi a reza, melhorou. O satanás que tava lá correu. (Informação verbal.)

Daqui a pouco Maria Isabel vai começar a reza. Estavam presentes uma senhora, sem notícias de um filho que estava no presídio, em São Paulo; um casal, ele muito mais velho, preocupado com seu comércio, que não ia nada bem. A jovem mulher dele usava um decote pronunciado. Maria Isabel foi lá dentro e providenciou um xale para ela. Havia mais mulheres na roda, sempre em maioria, nessas horas de aflição. Quem está de cabelo preso, solta. Todos tiram óculos, qualquer adereço, ficam descalços. A reza vai começar.

Aqui já tem chegado muita gente doente, muita gente amarrado de corda, pé e mão, e não sou eu que curo, quem cura é Deus. Eu vou pedir a Deus

por todos, quem está em ato de graça, recebe a graça, melhora. Uma parte é Deus que cura, e a outra são os médicos. Que Deus dê bom entendimento aos irmãos médicos pra descobrir a doença que cada um sente em seu corpo. Que o primeiro curador foi Nosso Senhor, todos male ele curou. (Informação verbal.)

Pergunto se ela sonhou ou como foi que encontrou o seu rezador. “A missão? Uns é homem, outros é mulher, cada rezador tem sua missão. Deus é um só, Nossa Senhora é uma só, mas cada um tem sua missão e seu modo de rezar”. O rezador de Maria Isabel é São Manuel da Paciência, e quem sonhou com ele foi Madrinha Dodô. Na fila de cadeiras, cada pessoa ganha distinção particular. Ela pergunta o nome, a profissão, de onde veio. O que cada qual precisa, ela adivinha? “É o Espírito Santo que inspira. Se eu passo remédio eu não sei, quem bota na cabeça diz que faz como manda e se dão bem”. O celular toca insistente no bolso do vestido branco de Maria Isabel, até a canela, até o pescoço, de mangas compridas, a cabeça coberta com um lenço, completando o vestuário, idêntico ao de suas companheiras. Na hora da reza, ela põe aos ombros uma mantilha azul e tira da cintura o cordão de São Francisco. Segura com a mão direita um galho de folhas verdes de pinhão roxo, que sacode no ritmo de sua voz, de suas orações e rogos. Maria tem que idade? “Foi nim 1984 queu recebi esta ordem de missão, veja com quantos anos tá. Eu tinha 23 anos”.

Maria Isabel diz que, por causa do trabalho, nunca mais viajou a Santa Brígida.

Tá para mais de dez anos, pegando os doze, que eu fui. Este ano, se der tudo certo, tô indo fazer uma visita novamente ao túmulo dela. Era pra eu ter ido ano passado, época de São Pedro, que é a festa de lá. Não deu certo porque minha irmã caiu em depressão e tudo só corre pra mim. – Chega, Maria, corre! Meu nome dava pra ser Maria do Socorro. (Informação verbal.)

Madrinha Dodô morreu no dia 28 de agosto de 1998, aos 96 anos. Estava na casa de Juazeiro, os romeiros levaram o corpo para ser enterrado em Santa Brígida.



- Ela era de Matinha de Água Branca, Alagoas. Aí os pais dela venderam o terreno pra acompanhar meu Padrinho Pedro a Santa Brígida.

- O que era lá?

- Era uma missão, pra ensinar o caminho aos errados. Começou daqui, ela vinha mais os pais de Alagoas pra cá, ter com Padrinho Cilço. Depois que Padrinho Cilço Deus levou pro céu, em poucos tempo se apresentou Padrinho Pedro, em Alagoas. (Informação verbal.)

Padrinho Pedro foi muito maltratado, muito judiado, prenderam ele, açoitaram, cortaram o cabelo dele, tentaram o que não podiam fazer com ele, ele sofreu muito, mas quem fez isso com ele sofreu ainda mais. Ele construiu Santa Brígida, plantada por ele, ele e, em segundo, os romeiros e a potreção de Madrinha Dodô, que ele deixou os romeiro entregues a ela. Quando tava os dois, tava dominando os dois, o que ele dissesse, era, mas tudo ele combinava com ela. E aí por diante a missão continuou, e vai continuar até o século, até quando Deus permitir. Uns vai morrendo, outros vai ficando, e todos vai relatando a mesma missão. Os mais velhos morre, os mais novo fica. Pra quem quer, que não é todo mundo que quer seguir, não. Não é porque eu vejo um rezar que eu vou rezar, fosse assim era bom. (Informação verbal.)

“Nós não aprendemos com ninguém da Terra, é dom espiritual que Deus deu pra nós aliviar a quem chega precisado”. O trabalho de rezar é pelo amor de Deus, mas as rezadeiras precisam comer e manter a casa funcionando.

O que der, nós recebe. A casa, em tempo de romaria, fica cheia. Tem 33 quartos, fora os banheiros. O povo de Santa Brígida quando vem, feijão e farinha eles traz, os tempo que passa aqui, nós come tudo junto, entrego a cozinha a eles, quando vem um cozinheiro de lá. Se ajeitam, é do mesmo jeito do tempo de Madrinha Dodô. Quando eles sai, a gente tira o nosso, de nós ficar

servida, e a outra, parte com os precisado. E às vezes, inda tiro do nosso pra dar. (Informação verbal.)

Outra vez o telefone toca um bendito no bolso lateral do vestido branco de Maria Isabel.

“É desse jeito! Ligam, quando não ligam, às vezes não me acham, que eu sou só, pra lutar com tudo. Minha prima vem, dá uma ajuda, só não vem quando não tá podendo. Eu vou remando, só eu e Deus. Todo dia vem gente, é contado o dia que não vem dois, três. E quando pensa que não, isto aqui tá cheio. É a jornada”. (Informação verbal.)

“Enquanto eu tiver com vida e Deus permitir, é pra socorrer os precisados, nunca neguei, nem hei de negar”. Todos saem mais leves da sala da casa de Madrinha Dodô. Estar face a face, e não vacilar. Um rosto se abrindo ao infinito. A verdade ética é a verdade em comum. “A socialidade será uma maneira de sair do ser, sem ser pelo conhecimento”.<sup>546</sup>

---

<sup>546</sup> LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 46.

## RASTRO 4

### O TRANSE EM TRÂNSITO

**Maria Rosa, no repente de Geraldo Amâncio, de repente Califórnia  
(a fazenda dos antepassados de Rachel de Queiroz, no Quixadá).**

**Certa noite com os tremembés, reis do manguezal, a roda de  
mocororó, a dança de roda e no meio da roda, o fogo. O que me traz  
aqui: uma vivência pela tradição. Juazeiro é o milagre da guerra**

*As estratégias de sobrevivência implicam esquecimento mais ou menos  
temporário, e precisamos lidar também com essa forma de proteção.*

*(Carlo Ginzburg)*

#### 4.1 “E haja paz e haja guerra!”<sup>547</sup>

No caminho de Juazeiro nunca ninguém se perdeu, diz o verso de um bendito. Portar em si um artesanato vocal, interrompendo o fascínio da imagem, em direção ao insondável da noite. Uma fala para além da língua, para aquém da falta. O sopro da imagem sobrevivente firmando presença na passagem a outro alento. A semelhança por contato demanda o tempo do anacronismo. Por isso a justaposição: o bastidor de tecer, o labirinto da teia. E na moldura, a repetição desigual do taco da umburana.

A origem não tem fundamento, o que se move do passado, perante nós mesmos agora, essa espécie de emergência que movimentamos. Convocar é abrir entrada ao esquecido que nos faz lembrar que o futurismo se espelha no retrovisor. Sob o signo da violência – a exceção enquanto estado de direito – a vida não vale. E tudo é nada sem o imaginário transbordado de vivências que configuram a periferia do mundo e sua singularidade distintiva: “O singular não se confunde com o individual; seu lugar é o do inacabamento, do inconcluído que nunca se acomoda nos limites do ainda não e do já não mais”<sup>548</sup>. Assim fica sugerido um clima a deflagrar a tradução polissêmica dos valores (por uma ética na estética). O mosaico de fragmentos ativados: a espiral, nem círculo nem reta, circuito. Revoluções em gesta nas redes. Comunicação emocional. Espiritualidade ambiental. Aliança pela raiz.

Agosto, 2011. De volta ao Benfica, em Fortaleza, da varanda no quarto andar vejo a cidade cozinhando em fogo lento, a caixa d’água da praça da Bandeira erguida em 1912 permanece entre o céu e os edifícios que se adensam a leste, enquanto somem lagoas e andam as dunas, e ruas de asfalto extravasam carros ao sol. No oeste, a fumaça das chaminés do antigo bairro industrial, risca branca sobre o azul, entre o mar do Pirambu e a serra de Maranguape, e por trás da serra o sertão. A consciência de si, passe à intimidade. A morte sem dignidade é aniquilante. Respeito para as coisas mais banais. Em resposta, a ressonância da certeza aos pedaços. De ser tão próximo fica inapreensível, uma sorte de recordação velada em simultâneas realidades. Arte enquanto o sumo do vestígio, e a história feito uma

---

<sup>547</sup> Refrão dos “Guerreiros de Joana d’Arc”, da mestra Margarida Maria da Conceição, Juazeiro do Norte.

<sup>548</sup> CAPELA, 2011, p. 241.

paisagem. (Um dia de junho. A bruma desce do céu cor de malva e faz sumir a Ponta do Pinho, o Capão da Moça, a torre de Tapes, desdobrando seu lençol de domingo sobre a Lagoa dos Patos. Da névoa, o que me parecia? O revés de uma visagem, e vem chegando D. Sebastião).

Em teoria, o espectador é a quarta dimensão da performance, situa Zumthor. A performance, aqui, o ato máximo do teatro radical da cultura periférica, tramando poesia com dança, canto com gesto, vida com memória. A sociologia das culturas populares e a história da tradição oral esbarram no corpo, este peso consentido ao outro. A memória do corpo que atua enquanto efetiva abertura aos interessados. A performance requisita o “engajamento do corpo”<sup>549</sup>. A competência do brincante é saber-se o que comanda a conduta e se apresenta diante de uma outra presença. E ambas extensas se tocam. “A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento”<sup>550</sup>. Deixa sua marca. A cicatriz no rosto duplicado, o diálogo com a outra voz. O corpo em transe, transitando a beleza no momento da atuação. E belo, disse o profeta, é “o objeto da experiência no estado de semelhança”<sup>551</sup>. A voz, dobradiça da palavra, e sua sobra. Resistências que sinalizam a expressão de formas dinâmicas. O mundo está contido no instante à distância dos seus olhos aos meus, e na métrica da imaginação de onde forças novas se desprendem. O corpo indomável empenhado em sua presença precária. A parábola do transporte do verbo: “a voz desaloja o homem do seu corpo”<sup>552</sup>. A palavra, da memória do mesmo à escuta de uma voz que não, e está. “Inclusive acha-se presente justamente em virtude desse esquecimento”<sup>553</sup>. O presente sem a presença audível do passado cessa em si. Tudo o que canta a menina e a anciã, sombra e som, silêncio e luz. No ar.

(O corpo seminu do homem anônimo pendurando-se no poste, em acrobacias aéreas nas ruas centrais de Florianópolis, eu vi. Andava pela cidade toda atenta a essas vozes, visões. O atleta urbano se suspende, o corpo reteso, ele grita, “uh, aaaaaa-hu”, talvez um pescador que endoideceu, segundo minha amiga Clarice, a baiana, a quem mostrei a figura, “uh, aaaaaa-hu”, sem camisa, equilibrado no poste, em paralelo

---

<sup>549</sup> ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich p. 18.

<sup>550</sup> ZUMTHOR, 2007, p. 32.

<sup>551</sup> BENJAMIN, 2000, p. 74.

<sup>552</sup> ZUMTHOR, 2007, p. 84.

<sup>553</sup> BENJAMIN, 2000, p. 96.

ao asfalto, na esquina do shopping Beira Mar. Depois, ele saiu andando seus músculos pela rua, sem lenço, sem documento, falando só, contente consigo e se rindo. Parecia feliz).

Os saberes lúdicos são reconhecimentos das experiências próprias da vida e deles é que se nutre o espírito do tempo, encarnando na brincadeira repetível da tradição. A seca ensina. Os costumes são recicláveis, resíduos de uma coleção de eficácias (uma eficiência reside ali). Arte do indício, assinatura fugaz marcando a margem. “Isso é o que resta para as artes, o resto das artes: vestígios, o outro da imagem enquanto imagem de”.<sup>554</sup>

Cultura, em mais uma definição: a moldura dos conflitos. O que ainda se pode entender por cultura popular é o esforço da rebeldia concertando a permanência. “Definir o controle em termos de hegemonia cultural [...] nas imagens de poder e autoridade, nas mentalidades populares de subordinação”<sup>555</sup> já não se sustenta. Nem carne que baste a tanta disciplina e suplício pelas almas. A estatística se manifesta no conjunto da multidão, a grande máscara obscena. O artifício de domínio: multidude utilitária: a ser cultivada e contida: para que não saia da linha, essa laia. A turba perturba. Inflada, dispensa a norma e embandeira a desordem. Eis a senha da repressão. A queima de documentos e registros, nos sertões do Conselheiro ou em Curitibaanos, foi um protesto contra a exclusão firmada pela escrita e que ficou circunscrito ao crime.

Zumthor pensa o que pode cultura “plebéia independente assim tão robusta [...] derivada de sua própria experiência e recursos [...]: constitui uma ameaça sempre presente às descrições oficiais da realidade”<sup>556</sup>. Isso que Thompson chama de “o calendário emocional dos pobres”<sup>557</sup>, bem particularmente referindo-se às festas dedicadas aos padroeiros na Inglaterra pré-industrial, mas expressão muito adequada para dizer deste, até certo ponto, desencontro entre a Igreja católica (e seu hagiológico) e a devoção popular, de que Juazeiro é o caso mais óbvio. Mas também está inserida nele, e extrapola esse calendário votivo, a vida cotidiana, na qual arte e fé dão medida à informalidade do trabalho, o quitandeiro de bicicleta cantando seus legumes e frutas no

---

<sup>554</sup> CAPELA, 2011, p. 253.

<sup>555</sup> ZUMTHOR, 2007, p. 46.

<sup>556</sup> ZUMTHOR, 2007, p. 79.

<sup>557</sup> THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Tradução de Rosaura Eichenberg. Revisão técnica de Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes, p. 52.

ritmo de um mambo, o triângulo do chegadinho que ainda ressoa pelas ruas da cidade (e que Luiz Gonzaga incorporou ao zabumba e à sanfona para criar o terno de forró), a dizer da persistência do ofício e da canção.

O muito gasto paternalismo ou o tribalismo de novo – sempre a responsabilidade afetiva inoperante, restrita aos acenos decalcados de uma técnica de poder que não nos serve mais, e nem ao menos nos serviu, algum dia. O costume, a base consensual aparente das multidões, é um deslocamento mental dos conflitos sociais, e reflete tanto a desigualdade quanto a resistência à inexistência. Um rastro pagão dos mastros de maio no pau da bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, não apaga a pegada cariri. Mas o que permanece, insistente e tão abusivo, é o desastroso sacrifício anual da árvore. Os rituais “evocam poderosamente os significados míticos, mesmo que esses sejam compreendidos de modo apenas fragmentário e parcialmente consciente”<sup>558</sup>. A performance, em sua singularidade e imperfeição, consiste em provocar a consciência, o que seja: tornar a ser presente e portanto modificável.

Dominic Strinati, à revelia dessas vivências residuais dos mitos e dos ritos traduzíveis enquanto performance, pensa que estas ditas sobrevivências mestiças, mundanas e sagradas, até mesmo capturáveis pela esfera canibal do consumo, sirvam de prova à “influência crescente da cultura popular veiculada pelos meios de comunicação de massa”<sup>559</sup>, e isto confirma, em seu entendimento, a desaparecimento, a inexistência atual da cultura popular, como uma coisa ineficaz ou que foi ultrapassada. O autor define cultura popular na acepção do folclore, em deslocamento ao passado, nas sociedades pré-industriais, e nas sociedades industriais, confundindo-se com a cultura de massa, em declinação da contraparte ideológica. A sociedade de massa, que ele diz ser “constituída de pessoas atomizadas, que carecem de relacionamentos significativos ou moralmente coerentes”<sup>560</sup>, é exatamente oposta ao modo em que vive e da maneira como se vê no mundo a comunidade periférica. Cultura de massa e cultura popular se indistinguem, diz Strinati, quando a tradição entra em colapso, engolida no sorvedouro da globalização.

Ora, o que está em crise não é a tradição, mas a modernidade, com sua voracidade incansável pelo término das coisas. Só o que finda é

---

<sup>558</sup> THOMPSON, 1998 p. 382.

<sup>559</sup> STRINATI, Dominic. **Cultura popular**: uma introdução. São Paulo: Hedra, 1999. Tradução de Carlos Szlak. Revisão de Artesãs das Palavras, p. 15.

<sup>560</sup> STRINATI, 1999, p. 23.

o sustento da beleza, o corpo perecível. Mas, voltando ao conceito, antes de contradizê-lo. Define Strinati: “[...] cultura de massa é a cultura popular produzida pelas técnicas de produção industrial e comercializada com fins lucrativos para uma massa de consumidores. É uma cultura comercial, produzida para o mercado”<sup>561</sup>. Primeiro, que o mercado absorve não apenas o que é popular, tanto no sentido da aquisição dos bens quanto da produção autônoma deles, também transformando em reproduções vendáveis às massas o que era exclusivo na prateleira das elites. E segundo: o mercado é outra ficção. Da crença na aura: “A complexidade estética da arte, sua criatividade, sua experimentação, seu propósito intelectual não podem ser obtidos por técnicas que produzem a cultura de massa”<sup>562</sup>, afirma o sociólogo, quando a proposição se presta mais a uma indagação, que talvez desdenhe de tanta certeza, mas isso não vem ao caso. Importa é que Strinati renegou o fogo e a roda. O autor responde negativamente à pergunta que orienta sua tese sobre a cultura popular, e que transformo em afirmativa.

Porque esta cultura expressa, sim, de diferentes maneiras, uma perseverante resistência, subvertendo por outra lógica a razão dominante. Vamos às provas. Mas, para chegar lá, conto com mais algumas narrativas. Os senhores da guerra e do sertão oficializaram um poder privado em poder público. A Confederação do Equador e a Revolução Farroupilha foram articuladas por descendentes de sesmeiros, reis do gado, gente afeita ao uso da força e vezeira no abuso da autoridade, prática rotineira na resolução dos conflitos. Quem fez a correlação entre estes momentos históricos para associá-los à geração dos coronéis matutos da Guarda Nacional foi o antropólogo e documentarista fortalezense Eymar Porto (1953-1993), em ensaio que examina mais de perto o governo Accioly, a revolta de Juazeiro do Norte, as secas do fim do século XIX, e nesse contexto enquadra o trabalho solitário empreendido pelo farmacêutico e intelectual cearense, nascido na Bahia, Rodolfo Marcos Teófilo (1853-1932), reconhecido pelo Congresso Nacional, por sua campanha profilática contra a varíola, com o título honorífico de Varão Benemérito da Pátria.

Depois de ver de perto a doença dizimar, mais rápido que a fome, multidões de retirantes arranchados na sombra dos cajueirais nas margens de Fortaleza, Teófilo empreendeu, sem apoio oficial (muito ao

---

<sup>561</sup> STRINATI, 1999, p. 27.

<sup>562</sup> STRINATI, 1999, p. 28.



contrário, servindo de chacota nos jornais sua silhueta magra de Quixote, vestido de preto, montado numa burra mansa), uma eficiente campanha de vacinação gratuita pelos arrabaldes ardentes que irão se adensar nos atuais bairros suburbanos, resultantes, a maioria, desse antigo êxodo rural. O Instituto Manguinhos (fundado em 1900, pelo médico Oswaldo Cruz) atestou a eficácia da vacina antivariólica produzida, a partir de 1901, pelo “padeiro” Marcos Serrano. Este foi o “nome de forno” escolhido por Rodolfo Teófilo quando figurou na recomposição da Padaria Espiritual (1892-1898), um movimento artístico que foi além das fronteiras temporais por conta do seu periódico (mais para o episódico), intitulado, muito a propósito, “O Pão”. Um dos fundadores da agremiação foi o jornalista e escritor Antônio Sales, o padeiro mor Moacir Jurema. Fizeram parte do grupo o poeta simbolista Lopes Filho, o romancista Adolfo Caminha (expulso da Padaria, junto com Temístocles Machado, que dá seu nome a um beco aqui no Benfica), o poeta paraibano José Nava (pai do memorialista mineiro Pedro Nava), entre outros escritores, músicos, artistas plásticos ou simplesmente boêmios e livres pensadores.

Uma das seções do semanário era uma caricatura ao “Cofre de Pérolas”, tipo de coluna social do diário mais vendido em Fortaleza, rebatizado pelos padeiros de “Sacco de Ostras”, com máximas e pensamentos deste jaez: “O nervo optico de um burguez tem sua raiz no estomago”<sup>563</sup>. No “O Pão” da segunda fornada (a fase “séria”, a partir do número sete), Rodolfo Teófilo escreveu uma série de artigos científicos, articulando o fenômeno das “manchas solares” com a ocorrência de secas no Ceará. Ele também se envolveu numa polêmica literária com Adolfo Caminha, radicado no Rio de Janeiro, ao resenhar, de forma injustamente negativa, o romance *A Normalista*, no qual o escritor e militar nascido em Aracati delineia com tintas fortes e cortes precisos o ambiente moral preconceituoso e provinciano da capital cearense. Tanto a literatura de Rodolfo Teófilo quanto suas incursões pela crítica pecaram por excesso de positivismo, o mal da época.

O drama que Teófilo recria com mão pesada em suas novelas *Fome e Violação* teve como lastro no real a grande seca de 1877-1879, que resultou em 120 mil mortos no período, apenas no Ceará, dos quais

---

<sup>563</sup> “O Pão” da *Padaria Espiritual*, edição fac-similar, ano I, número 2 (*sic*), p. 8. Na verdade, há duas edições com este número, a de 17 de julho e a de 30 de outubro de 1892, que é a qual me refiro. A numeração será corrigida na segunda “fornada”, quando sai “O Pão” número 7, em 01jan.1895. O último foi o número 36, de 31out.1896. Segundo Antônio Sales, o jornal acabou por “caquexia pecuniária”.

80 mil em decorrência da varíola. Em 1878, em apenas um dia, foram enterrados 1.400 corpos no cemitério da Lagoa Funda, em Fortaleza <sup>564</sup>. (E cemitérios isolados, destinados aos “bexigentos”, aos “pesteados”, disseminaram-se por várias localidades cearenses, a exemplo da antiga Jaguaribara, com seu modesto campo santo de cruzinhas centenárias revestidas de cal). Em 1890, Rodolfo Teófilo se encontrava em Salvador da Bahia, equipando-se para produzir a vacina antivariólica. Instalou seu laboratório, o “vaccinogenio”, no sítio familiar da Pajuçara, zona serrana do contorno da capital, onde começou a fabricar o antígeno para a “peste da bexiga”. (É talvez dessa época, das secas da passagem do século XIX para o XX, que desorganizaram mais uma vez a economia nordestina, favoreceram a concentração da terra, forçaram a mudança para as cidades e ajudaram a espalhar a cultura, o sotaque e a dinâmica de expressões resistentes, a exemplo da interjeição adjetiva “da bexiga”, ainda em uso no Recife, e a tão conhecida “cabra da peste”, não necessariamente de conotação negativa). O trabalho de profilaxia sanitária levado adiante por Rodolfo Teófilo extinguiu a varíola no Ceará durante sete anos. Para dar cabo da missão, ele juntou as receitas de pequeno industrial, fabricante de cajuína e de xaropes medicinais, ao salário de professor, para bancar a produção da “linfa” em quantidade suficiente para imunizar a capital e ainda remeter ampolas para as localidades do interior mais necessitadas.

Porém, as taxas exorbitantes dos impostos estaduais inviabilizaram os negócios, por um lado, e em 1905 – ano seguinte à publicação do seu livro *Variola e Vacinação no Ceará*, o primeiro milheiro distribuído gratuitamente – Teófilo será exonerado de sua cátedra no Lyceu, da qual era titular desde 1878. Retaliações do governador Nogueira Accioly. Quem pode, virou ave de arribação, feito Antônio Sales, não suportando viver sob o mando do “Babaquara” (título de uma sátira de sua autoria, e palavra de origem tupi, com que a boca do povo nomeou Accioly, significando “grande; influente, poderoso”, e também “caipira, matuto; indivíduo apalermado, tolo” <sup>565</sup>, o conjunto ajustando-se ao figurino do governador).

Do Rio de Janeiro, Sales só voltou a Fortaleza quando Accioly desapeou do poder. Por aqui, junto com Teófilo, na luta, ficaram as

---

<sup>564</sup> PORTO, Eymard. **Babaquara, chefetes e cabroeira**: Fortaleza no início do século XX. Fortaleza: Fund. Waldemar Alcântara, s/d. (Col. Teses Cearenses, 1), p. 50 - 51.

<sup>565</sup> MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 279.

camadas médias urbanas, comerciários (os caixeiros), comerciantes do varejo, unidos contra o responsável pela “mais longa oligarquia da história da República Velha”<sup>566</sup>: o comendador mandou de 1895 até 1912, quando enfrentou uma greve geral na cidade, a oposição de caixeiros e comerciantes, dos trabalhadores em transporte (motorneiros de bonde e catraieiros do porto), o repúdio da Associação Comercial, da Fênix Caixeiral, do Centro Artístico Cearense, do Centro Tipográfico e da “população das areias”<sup>567</sup> (a Aldeota, citada no romance de Caminha, que a partir dos anos 40 se transformará, com a expulsão de pescadores e rendeiras e a abertura da avenida Santos Dumont, no ícone dos bairros chiques da capital que se modernizava).

Mas essa gente “das areias” não era confiável, aos olhos do seu benfeitor. Segundo Rodolfo Teófilo, a “violência cometida contra o patrimônio foi uma reivindicação praticada pela ralé, que se havia incorporado ao grupo dos patriotas”<sup>568</sup>. O prédio *art nouveau* da Fênix Caixeiral, cinzento, avarandado, ornamentado com águias de asas abertas no beiral de madeira trabalhada do telhado, emoldurava uma esquina da rua Guilherme Rocha, entre as praças da Lagoinha e José de Alencar, meu itinerário no tempo da escola. Foi demolido em 1979. A Fênix Caixeiral nasceu como ideia revolucionária, por via da educação, empreendida pela geração de 1870, Rocha Lima, entre outros, promovendo cursos gratuitos noturnos para os jovens trabalhadores do comércio de Fortaleza. A escola criada pelos caixeiros associados começa a funcionar mesmo em 1891, com aulas de francês, português, aritmética e incentivando a campanha pelo fechamento das lojas às sete da noite (o comércio funcionava até as oito). Os caixeiros congregados na Fênix foram dos mais combativos na revolta, sendo atribuídas à categoria as barricadas na rua e a luta armada que sitiou Accioly e o depôs.

Não foi a queda de Accioly que incitou o levante no Cariri, o sul do Ceará, no episódio conhecido por Sedição do Juazeiro, mas o que veio depois. A candidatura oposicionista de Franco Rabello foi consensual para os diferentes grupos contrários ao governador: a oligarquia dos Paula Pessoa, representando a região norte do estado, os segmentos médios e suburbanos da capital, e “os militares adversários

---

<sup>566</sup> PORTO, s.d., p. 34.

<sup>567</sup> PORTO, s.d., p. 80.

<sup>568</sup> PORTO, s.d., p. 82.

de Pinheiro Machado”<sup>569</sup>, o senador que mandava mais do que o presidente Hermes da Fonseca.

Em fins de 1911, o governo federal manda um veterano da Guerra de Canudos averiguar a inquietação. Em dezembro, o primeiro grande comício das oposições se realiza “sob o beneplácito do General Mesquita”<sup>570</sup>, às portas do quartel da fortaleza. Os principais “chefetes”, como a imprensa situacionista registrava as lideranças pró Franco Rabello, eram os irmãos Sá – Emílio, dono de padaria, “general das massas e ditador das ruas”, segundo João Brígido no seu jornal “Unitário”<sup>571</sup>, e Joaquim, dono de moageira de café. Também faziam parte da liga antiacciolyina o farmacêutico João da Rocha Moreira, o comerciante de ferragens Francisco Pires de Holanda e o tenente do Exército Augusto Correia Lima.

A oposição ganhou a disputa, com o apoio do eleitorado da capital e os votos encabrestados do interior garantidos pelos Paula Pessoa. No acordo fechado em concordância com o governo federal, do qual saiu a indicação de Franco Rabello, foi eleito, para terceiro vice-governador, o prefeito de Juazeiro, Padre Cícero (exonerado no primeiro ato do novo governo, que mandou prender o sacerdote, provocando a reação dos romeiros e sua própria e rápida derrocada). A Sedição do Juazeiro serviu aos propósitos dos incomodados com Rabello, à frente o jornalista João Brígido e o deputado Floro Bartolomeu, apoiados pelo poderoso senador gaúcho. Em 1914, a situação de Rabello, que nunca foi boa, se tornou insustentável quando os “jaguços do Padre Cícero” enfrentaram e fizeram recuar o corpo policial mandado contra Juazeiro pelo novo governador. Os romeiros defenderam a cidade com o “Círculo da Mãe de Deus”. Segundo Nertan Macedo, no livro em que entrevistou Honório Vila Nova, este lhe dissera que foi seu irmão Antônio quem instruiu a comunidade no modo de proceder: “Na guerra do Rabelo [...] Em pouco tempo os romeiros do Padre cavaram uma grande trincheira em redor do Juazeiro. Compadre Antônio tinha grande experiência adquirida na Guerra de Canudos. Sua palavra foi ouvida pelo Padre Cícero e pelo doutor Floro”<sup>572</sup>. No ano da “Guerra de 14”, como a revolta de Juazeiro também passou à história, Teófilo publica um

---

<sup>569</sup> PORTO, s.d., p. 87.

<sup>570</sup> PORTO, s.d., p. 89.

<sup>571</sup> PORTO, s.d., p. 91.

<sup>572</sup> MACEDO, 1983, p. 140.

memorial sobre os antecedentes do fato no livro *Libertação do Ceará – Queda da Oligarchia Accioly*, editado em Lisboa.

Escrito em 1912, dissecava as administrações de Accioly, genro e herdeiro político de Thomaz Pompeu, padre, senador do Império e industrial do segmento têxtil. “Elle não tinha senso pratico, e, além d’isso, era desonesto”<sup>573</sup>, acusa Rodolfo Teófilo, elencando desmandos atribuídos à inépcia do comendador ou ao seu beneplácito com os coronéis do sertão, especialmente os do Cariri, com seus “exércitos de cangaceiros fanatizados” pelo Padre, que demonstrou pendores místicos desde muito novo. Diz Teófilo que no Seminário da Prainha, inaugurado em 1864 no topo da colina de onde se vê os verdes mares bravios quebrando na Praia de Iracema, à época, Praia do Peixe e porto de Fortaleza, Cícero, aluno da primeira turma, “passava horas em estado contemplativo, esquecido de si mesmo, sem noção do meio e do tempo. Era excessivamente piedoso e cumpridor de seus deveres”.<sup>574</sup>

O evento que juntou toda a capital contra o comendador Accioly aconteceu em 21 de janeiro de 1912. Foi o dia da passeata das crianças, e Teófilo reproduz no seu livro a fotografia da menina Odele de Paula Pessoa segurando o estandarte da “Liga Feminista Pro-Ceará Livre”. Os participantes, vestidos de branco, traziam laços de fita verde e amarela no peito emoldurando medalhinha com a imagem de Rabello. Teve tiroteio da polícia, ataque da cavalaria e morte de um cidadão. A cidade se insurgiu, “a revolução estava na rua”<sup>575</sup>. Deposto pela revolta popular, Accioly volta ao poder por ordem do presidente Hermes da Fonseca, mas não demorou, embarcando de navio, com mulher e parentela, para nunca mais voltar. Em 15 de março, no vapor Manaus, chega Franco Rabello, recebido com honras pelos jangadeiros na Praia do Peixe e com oito dias de festa por toda a cidade. No dia 15 de maio, quem parte é o general Carlos Mesquita. “Já no fim de sua carreira militar, não queria absolutamente manchar os bordados de sua farda; dava sua missão por concluída e se retiraria no primeiro pacote”<sup>576</sup>, escreve Teófilo. Somente em 12 de julho, no Paço da Assembléia, será reconhecido à frente do governo do Ceará o tenente coronel Franco Rabello, empossado com seus três vice-presidentes.

---

<sup>573</sup> THEÓPHILO, Rodolpho. **Libertação do Ceará. Fortaleza:** Imprensa Universitária-UFC, s/d. Coleção Biblioteca Básica Cearense. (edição fac-similar da primeira, de 1914, publicada em Lisboa), p. 07.

<sup>574</sup> THEÓPHILO, s.d., p. 77.

<sup>575</sup> THEÓPHILO, s.d., p. 115.

<sup>576</sup> THEÓPHILO, s.d., p. 240.

A casa de Rodolfo Teófilo ficava no *boulevard* Visconde de Caupe, atual avenida da Universidade, quase no cruzamento com a Domingos Olímpio (cuja continuação é a Antônio Sales), aqui no Benfica. Fazia parte de um conjunto de moradias, de telha francesa, com varanda, jardim e quintal, do lado do sol. A que pertenceu ao escritor tinha uma placa oval esmaltada, com esta referência. Mas um dia, na década de 80, foi posta abaixo, junto com as vizinhas, e as mangueiras, sapotizeiros, pés de pitomba, roseiras e jasmims, e no lugar ergueram duas torres residenciais. Lá no começo do século XX Teófilo via o problema que crescia junto com a cidade: “O melhoramento mais urgente da nossa capital é o seu saneamento”<sup>577</sup>, diagnosticou, aos primeiros sintomas do caos urbano ambiental. Rodolfo Teófilo deixou registrado o seu trabalho de eficiente sanitarista amador no citado *Variola e Vacinação no Ceará*, a primeira tiragem impressa nas oficinas do “Jornal do Ceará”, em 1904. Ao contrário de campanhas vacinais obrigatórias, como a do Rio de Janeiro, que se deu nesse mesmo ano e terminou em revolta popular, foram outros os opositores de Rodolfo Teófilo: “Eu não temia o povo, porem os ignorantes com rótulos de illustrados”<sup>578</sup>, escreveu.

Nos subúrbios de Fortaleza, obstinava-se em sua cruzada pela saúde pública, com paciência, abnegação, imodéstia e revolta. De manhãzinha, saía pelas casinhas de taipa cobertas de palha, dispersas nas “areias movediças e quentes”, onde vivia a “ralé”, a maioria crianças nuas e sujas e mulheres cujos cabelos eram uma “gaforinha arrepiada”. Dentre as comunidades mais carentes a receber o seu “poderoso prophylatico”, o próprio Teófilo indica aqueles que viviam na rampa do matadouro, disputando aos urubus e aos cães os restos do abate. O aglomerado humano se formou junto ao cercado onde ficavam confinadas “as pobres rezes na soalheira inclemente, até o dia em que o magarefe leva-as para a morte”<sup>579</sup>.

Domingos Olímpio também partiu do Ceará por incompatibilidade com Accioly. Em 1903, no Rio, publicou a novela *Luzia Homem*, que se passa durante a estiagem de 1877-1879, tendo por cenário a construção da cadeia pública de Sobral. No meio dos

---

<sup>577</sup> THEÓPHILO, s.d., p. 47.

<sup>578</sup> \_\_\_\_\_. **Variola e vacinação no Ceará**. Fortaleza: Imp. Univ.-UFC, 1997. (Col. Bibl. Básica Cearense - fac-símile da primeira edição, de 1904), p. 99.

<sup>579</sup> THEÓPHILO, 1997, p. 115.

trabalhadores, destacava-se a personagem título, conduzindo na cabeça 50 tijolos de uma vez.

Na construção da cadeia havia trabalho para todos. Os mais fracos, debilitados pela idade ou pelo sofrimento, carregavam areia e água; aqueles que não suportavam mais a fadiga de andar amoleciam cipós para amarradio de andaimes; outros menos escarvados amassavam cal; os moços ainda robustos, homens de rija têmpera, superiores às inclemências, sóbrios e valentes, reluziam de suor britando pedra, guindando material aos pedreiros, ou conduzindo às costas, de longe, das matas do sopé da serra, grossos madeiros enfeitados de palmas virentes, ramos de pereiro de um verde fresco e brilhante, em festivo contraste com o sítio desolado. E davam conta da tarefa, suave ou rude, uns gemendo, outros cantando álacres, numa expansão de alívio, de esperança renascida, velhas canções, piedosas trovas inolvidáveis, ou contemplando com tristeza nostálgica o céu impassível, sempre límpido e azul, deslumbrante de luz.<sup>580</sup>

#### 4.2 Torém, São Gonçalo: a roda e o trupe

Torém, a dança circular de Pindorama, está na prática de resistência e integração das comunidades indígenas Tapeba, em Caucaia, e Pitaguary, em Maracanaú, as mais próximas de Fortaleza. O ritmo na batida do pé no chão, o tropel, trupé. Incorporado à diversidade coreográfica da cultura periférica: nos bois bumbás e cavalos marinhos, nos caboclinhos e nas cheganças, fandangos, cirandas e maracatus, nos passos da chula, do coco, do baião, xaxado e xote. E na devoção dançada, em promessa e louvor a São Gonçalo, talhado pelo imaginário nordestino na figura de um jovem, trajado à moda medieval, segurando ao peito a violinha, do jeito dos trovadores de outrora e do cantador em função. Pois, o intercessor festeiro manifestou sua presença em muitos territórios de fé, Brasil adentro. Vejamos uma roda para o santinho ao

---

<sup>580</sup> DOMINGOS OLÍMPIO. **Luzia homem**. S.l.: Biblio. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/domingosolim pio/luziahomem.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2011. p. 1.

modo modernista, nesta intrusão de Antônio de Alcântara Machado, em uma das narrativas de *Laranja da China*. Arlequinal!

O conto chamou-se “A dança de São Gonçalo”, quando foi publicado, em janeiro de 1926, no primeiro número da revista “Terra Roxa & Outras Terras”. *Laranja da China* (o começo de uma paródia com frutas no lugar das notas iniciais do “Hino Nacional”), o livro, é de 1928 – mesmo ano de *Macunaíma*: tal na rapsódia de Mário de Andrade, Alcântara Machado apresenta uma seleta de tipos bem brasileiros. Bem misturados. O título definitivo do conto desbancou a devoção ao santo em favor do nome da devota: “A piedosa Tereza (dona Tereza Ferreira)”. Casinha de arrabalde, à noite, mal clareada pela lâmpada de azeite destacando o altar arrumado na mesa da sala, bandeirolas de papel de seda colorindo o teto, e as pessoas por todo lado, até espiando do lado de fora, pelas janelas. “Os violeiros puxando a reza e encabeçando as filas fazem reverências. Viram-se para os outros. E os outros dançam com eles. Batepé no chão de terra socada”.<sup>581</sup>

Participam da roda os amigos e vizinhos, o Benedito, seu Casimiro, o japonês Kashamira, com esposa e filho brasileiros, todos na louvação a São Gonçalo. As mulheres tiram um rosário, acompanhando dona Teresa na prece pela alma de seu primeiro marido. “Desafinação sublime do coro. Os rezadores sacodem o corpo, tocam-se ombro contra ombro, voltam para os seus lugares. O negro de pala é o melhor dançarino da quadrilha religiosa”<sup>582</sup>. Dona Teresa, fogosa. No carnaval, organiza o Cordão dos Filhos da Cruz. É pecadora, mas tem sua religião, opina o narrador. Cantam: “São Gonçalo tava longe/ De longe já tá bem perto”... No quintal, os rapazes bebem pinga, entretidos na paisagem noturna do subúrbio. “De cima do montão de lenha a gente vê São Paulo deitada lá em baixo com os olhos de gato espiando a Serra da Cantareira. Nosso céu tem mais estrelas”<sup>583</sup>.

A voz arranja a performance do texto em variações sujeitas à leitura. O que for necessário. As possibilidades estão no cardápio do dia contra (e com) a afasia do mundo. Que nem traria algo de original. É a fresta por onde entramos e por onde saímos de cena, depois de quebrar a xícara. Feito periférico: à roda de perguntar, perturbar, perverter, perseguir. Percorrer tontas léguas pelos sete mares do sertão e errar os

---

<sup>581</sup> MACHADO, 2001, p. 133.

<sup>582</sup> MACHADO, 2001, p. 134.

<sup>583</sup> MACHADO, 2001,137.



quatro cantos do mundo. Ser o espetáculo, por Virno: “Lejos de referirse solamente al creciente consumo de mercancías culturales, la noción de espectáculo concierne en primer lugar a la inclinación post-histórica a mirarse vivir”<sup>584</sup>. Isso ou a vida como *déjà vu*, fenômeno exterior, o máximo de exposição no fluxo incessante dos meios eletrônicos. Porém. É preciso pensar de lado. O fim da história, para uma recordação. O ato falhado renega a potencialidade de se abrir com o ínfimo do que é finito, o seu, o meu, este presente cotidiano. A performance como potencial atuante, potência enquanto ação, sempre aquém e a mais. Realizando o irrealizável, o que poderia ser e não: tocante, feito um deslizamento. Sem ser coincidente, transversal. Há um pouco de desordem nisto tudo. Nada de menos.

“Quien cree revivir un acontecimiento ya sucedido, mientras efectivamente está ante algo inédito, no hace otra cosa más que disfrazar la potencia con los trajes de una remota actualidad, totalmente ficticia”<sup>585</sup>. Mas: “El pasado en general es *invasivo*. Coexiste con las obras y los días que fueran, son y serán”<sup>586</sup>. A contemporaneidade feita cronotopo, dado que “o fato e a singularidade puramente fatural não têm o direito à voz: para consegui-lo eles precisam transformar-se em *sentido*”<sup>587</sup>. O momento histórico, o nosso ornamento. Nem os mortos estão a salvo. Porém, “*aquel que cumple un acto es un sobreviviente. El sobreviviente conserva un recuerdo indeleble de la ruina*”<sup>588</sup>, o sentido redobrado. Qual a memória desinteressada, aquela que joga. Com o que ela joga? As representações sagradas. A dança de ir a Terra Sem Males. A penitência bailada para São Gonçalo. O homem virando bicho (e o bicho é o pai do homem) no cancionário das cabaçais, com seus pífanos que invocam a onça e o cachorro em briga de morte, o zum do besouro mangangá, o bote da cobra coral. Na pancada do ganzá.

Um viajante que passa, somos eu e você, enquanto não cessa o acontecimento recriado em configuração potente. Dádiva é desperdício. A circulação dos bens, “jogo a sempre reclamar recomeço, inegotável em sua originalidade, sua mesmice sempre diferida”<sup>589</sup>. A competição

---

<sup>584</sup> VIRNO, Paolo. **El recuerdo del presente**: ensayo sobre el tiempo histórico. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2003, p. 64.

<sup>585</sup> VIRNO, 2003, p. 121.

<sup>586</sup> VIRNO, 2003, p. 146.

<sup>587</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**: A Teoria do Romance. 4. ed. Tradução do russo por Aurora Bernardini, et al. São Paulo: Ed. UNESP/Hucitec, 1998p. 16.

<sup>588</sup> VIRNO, 2003, p. 163. (Grifos do autor).

<sup>589</sup> CAPELA, 2011, 253.

dos reisados populares, o rapto das princesas, a cristã do partido azul e a moura do partido encarnado, esses trancosos acontecem no Juazeiro, na passagem do ano. O velho vestido da novidade. Quando o ritual despir a pele do sagrado aparecerá o jogo do corpo. O lúdico avança e vem ocupar a vaga do cotidiano, que se faz apartado, sacrificado outra vez, sangrando. Profanado, porque “em tôdas as coisas relacionadas com o mundo arcaico, o fator lúdico exerce plenamente sua função, como autêntica fôrça criadora”<sup>590</sup>. O gosto vale o gasto: “o jôgo é mais antigo e muito mais original do que a civilização”<sup>591</sup> (alegoria do divino, da criação). Recreação, alegria. Prova dos nove: “a perda do humor é uma coisa mortal”<sup>592</sup>.

Sim, ao torém dos Tremembés de Almofala, em Itarema. O canto e a pisada respondendo ao balanceio do aguaim, o outro nome do maracá. Recebiam os parentes que vinham do sertão para a beira do mar, no tempo dos cajus, para dançar torém e beber mocroró, o vinho do cajuí. Codificando a batida. O torém é brincadeira séria. Nos sertões dos Cariris, a dança se chama toré, o mesmo nome da flauta, e a bebida se faz da jurema, indicada ao ritual a variedade mansa, sem espinhos e de flores claras. No toré kiriri, os índios Tuxás, de Rodelas, na Bahia, invocavam Badzé, o fumo curativo, uma das entidades veneradas de encantados da mata. O Padre Cícero é Badzé, para os Pankararus de Águas Belas e Tacaratu, municípios de Pernambuco, que dançam para São Gonçalo com os romeiros de Santa Brígida, em Juazeiro. É preciso fê e fumaça para obter a graça no sacudir do maracá, “e com ele ninguém pode e não é a semente que eu coloco que dá a força, a minha força está em outro lugar, e é por isso que ele soa assim”<sup>593</sup>. Maracatu.

Realizar a performance, “mais que praticar determinado ato ou ação, é completar um processo em curso”<sup>594</sup>. Padre Cícero, Frei Damião e os santos que mais povoam os altares sertanejos, Luzia, Jorge, Sebastião, Francisco, Bárbara, Expedito, Pedro, João, Antônio, Maria e José, o Coração transpassado e a Pomba divinal frequentam casas e capelas nos terreiros e aldeias, corporificados na religiosidade quilombola e cabocla. A Dança do Praiá é a apresentação física dos

---

<sup>590</sup> HUIZINGA, 1971 p. 200.

<sup>591</sup> HUIZINGA, s.d., p. 85.

<sup>592</sup> HUIZINGA, 1971, p. 230.

<sup>593</sup> GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (org.). Toré: regime encantado do índio do Nordeste. Recife: Massangana, 2005, p. 94.

<sup>594</sup> GRÜNEWALD, 2005, p. 157. A definição é de Victor Turner, citado pelo antropólogo Wallace de Deus Barbosa, p. 157.

encantados, segundo os Pankararus, corpos anônimos e secretos encobertos com máscara e manto feitos da fibra do caroá, sacudindo o ganzá para Badzé. Toré designa “o instrumento, o repertório e a dança correspondente”<sup>595</sup>. A flauta de taboca com seis furos, pífaro, pífano, o pife tocado por dona Zabé da Loca, assim conhecida por ter morado em um abrigo na rocha, nos Cariris Velhos da Paraíba. (Isabel, pano amarrado na cabeça, canelas de palito, olhos azuis no pergaminho do rosto, toma uma lapada de cachaça e bafora no cachimbo, antes de subir ao palco com a sua cabaçal).

Toré, ciência e arte da pisada. Quem sustenta a pisada. Esses que vi, nos sambas de roda, tirando aboios, excelências, benditos, cantando em desafio. E dançando. Do que li e articulei. Os Pankararus e a antiga flagelação com a urtiga cansação, um ritual de passagem embutido na disciplina de Joaquim Mulato. Os praiás dançando a noite inteira, uma arte mimética dos “movimentos de animais: a abelha, o boi, o cachorro, o urubu, o peixe”<sup>596</sup>, na estética das bandas cabaçais. Conexão oriental na Dança do Parafuso, homens do sertão de Sergipe com seus turbantes agudos, largas saias brancas que giram em rodopio acelerado, rodando em sentido anti-horário, ao comando de voz, de pífano, de maracá e da pancada forte no chão. Para convocar os deuses tectônicos.

Os Tremembés da praia de Almofala e sua igreja soterrada na areia. Em 1965 eles encontram o maestro Silva Novo, ou foi o contrário, no I Festival do Folclore que se realizou na Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará, com a participação da Banda Cabaçal do Crato (a dos Irmãos Aniceto), de dançadores de São Gonçalo, dos tamanqueiros do Coco da Prainha, grupos de bumba meu boi. O maestro Silva Novo cifrou a canção tremembé “Água de Manim”<sup>597</sup>, registrada décadas depois em CD gravado por seus descendentes, os Tapebas de Caucaia, e que ouvi na apresentação de um coral guarani, em São Paulo: ao som da viola, curumins em fila vestidos de timão branco, um movimento de onda, o ritmo na pisada, batida do coração. Manim, o algodão, que desde o século XVI “os índios do litoral cearense trocavam com os corsários franceses e holandeses por manufaturados”<sup>598</sup>.

<sup>595</sup> GRÜNEWALD, 2005, p. 287. Em “Toré pankararu ontem e hoje” (Maria Acselrad, Gustavo Vilar e Carlos Sandroni).

<sup>596</sup> GRÜNEWALD, 2005, p. 288.

<sup>597</sup> GRÜNEWALD, 2005, p. 221 - 240. (A informação consta no ensaio “Torém/Toré – tradições e invenção no quadro de multiplicidade étnica do Ceará contemporâneo”, de C. Guilherme Octaviano do Valle).

<sup>598</sup> PORTO, s.d., p. 27.

O que sinalizam mapas e contornos biopolíticos de fronteiras. “Os territórios indígenas assim delimitados e demarcados não seriam para os próprios índios mais do que *simulacros de território*, já que os mesmos foram simulados para adequarem-se a um índio preconcebido que em nada ou quase nada se aproxima das necessidades reais do índio de carne e osso”<sup>599</sup>. A identidade indígena não apenas perpassa, ela se fortalece no contexto de um terreno da ancestralidade, que continua a contrariar os interesses de consumo de modelo predatório. Grupos étnicos lançados ao abandono entre divisas artificiais. Pois a dança, a promessa e a festa nutrem a presença de um pertencimento. Os ritos rítmicos do torém convocam os encantados antepassados para se juntar aos vivos em um espaço que lhes é e foi comum. “Ao realizarem o Toré ou o Praiá, os povos indígenas do Nordeste tentam alterar o estado do mundo, invocando poder”.<sup>600</sup>

Na capa da terceira edição, feita em 2002, de *História da Província do Ceará (desde os tempos primitivos até 1850)*, livro publicado a primeira vez em 1867, navegam caravelas do xilógrafo Francorli, de Juazeiro. O autor é Tristão de Alencar Araripe. (Ele estava com três anos de idade em 1824 quando foi morto seu pai, o presidente do Ceará durante a Confederação do Equador, Tristão Gonçalves de Alencar, que tomou para si o apelido nativista Araripe, como fizeram outros rebeldes republicanos. No lugar do assassinato, passados cem anos, o Instituto Histórico mandou erguer um monumento, “próximo à Igreja Matriz de Santa Rosa de Lima, onde estão sepultados seus restos mortais”<sup>601</sup>. Jaguaribara, a antiga Santa Rosa, jaz sob as águas do Castanhão). Do que fala o neto de Dona Bárbara. Dos sertões da ribeira do Jaguaribe povoados de gado. Da constância da brisa de leste e da intermitência das chuvas. E dá notícia de fósseis gigantes no Cariri, fêmures, mandíbulas e costelas de megatérios, pterodátiles “e outros animais antediluvianos de raças extintas”.<sup>602</sup>

Alencar Araripe viveu mais, e suplantou o primo José de Alencar na carreira política: foi deputado provincial e geral, chefe de polícia em

---

<sup>599</sup> LIMA, Antonio Carlos de Souza; BARRETTO, Henyo Trindade. **Antropologia e identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, p. 252.

<sup>600</sup> LIMA, 2005, p. 272.

<sup>601</sup> SILVA, Lúcia M. da Silva (org.). **Álbum do Jaguaribe 1998**. Fortaleza: Premius, 1998, p. 112.

<sup>602</sup> ARARIPE, Tristão de Alencar. **História da Província do Ceará: dos tempos primitivos até 1850**. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002. (Col. Clássicos Cearenses, 5), p. 53.

Fortaleza e governador do Rio Grande do Sul, sempre fiel ao Partido Conservador. Morreu em 1908, no Rio de Janeiro. Ao escrever a sua história do Ceará, “uma das esperançosas províncias do império brasileiro, para dar testemunho de amor ao solo pátrio”, diz no prefácio, delimitou o conceito a ser utilizado no trabalho: “Já é passado o tempo em que entendia-se a História somente como o registro dos crimes, das loucuras e dos infortúnios do gênero humano [...] Hoje, porém, ele [o historiador] já sai do terreno das batalhas e dos conselhos dos reis para ocupar-se também do modesto cidadão”. Adiante algumas linhas, o autor chega ao cerne de sua argumentação e do seu objetivo: “A posteridade desejará saber como a nobre raça caucasiana suplantou e aniquilou a raça autóctone, arrebatando-lhe o domínio livre dos bosques e plantando a civilização, que doma as feras e ameniza as brenhas”<sup>603</sup>, mesma concepção a ser defendida por seu filho, dez anos depois, na novela sobre os fatos da Pedra do Reino. Como trata a “Guerra dos Bárbaros” quem herdou, no mínimo, o nome de um cacique cariri que enfrentou essa batalha desigual?

Boa parte das denominações dos municípios e regiões cearenses guarda a lembrança de comunidades tapuias que partilhavam, disputando, as ribeiras do Jaguaribe e do Acaraú, as chapadas úmidas, a extensão da caatinga e a franja das praias (antes que naus a vela se alinhem no horizonte e venha à serra tabajara o emissário de um rei desconhecido, para virar herói de lenda). Chamavam-se tremembés, caratiús (crateús), inhamuns, quixadá, jucás, quixelôs, canindés, icós, cariús, guanacés, cariris, jaguaruanas... “A população indígena é hoje insignificantiíssima na província, e tem quase desaparecido”<sup>604</sup>, acreditava Alencar Araripe. A primeira expedição armada contra as nações federadas no Siará Grande data de 1708, para combater os arariús, unidos contra os fazendeiros da ribeira do Acaraú. A segunda, em 1713, foi em represália aos paiacus que invadiram Aquiraz, a vila capital. A terceira bandeira punitiva destruiu, em 1721, os jenipapos de Russas, na várzea jaguaribana. A perseguição foi contínua até as terras remanescentes das sesmarias serem expropriadas por devolutas e incorporadas ao patrimônio do reino através de lei imperial, sancionada no dia 18 de setembro de 1850 (a data em que, formalmente, os nativos ficaram desaposados do seu mundo com todas as benfeitorias, florestas inclusas, seus jardins manejados em acordo com a natureza). Daí em

---

<sup>603</sup> ARARIPE, 2002, p. 25 - 26.

<sup>604</sup> ARARIPE, 2002, p. 61.

diante, escreve Alencar Araripe, os índios que sobraram teriam de seu: “uma rede, um pote, uma cuia, um cão”.<sup>605</sup>

Gustavo Barroso conta sobre a Confederação dos Cariris em *À margem da história do Ceará*, fazendo referência mais correta à articulação e resistência armada que sustentou por mais de século a comunidade cultural que habitava, sob diferentes denominações, da margem esquerda do rio São Francisco até as bordas do Araripe e da Ibiapaba. Eram os cariris do sertão nordestino, que desciam ao litoral na época dos cajus, os meses mais quentes do ano, de setembro a dezembro. A guerra contra os sesmeiros, senhores do barão e do cutelo, durou de 1683 a 1713, começando no Ceará Mirim (Rio Grande do Norte), com o levante dos janduís, e se espalhou pela beira do mar, entrou pelo rio Jaguaribe, feito o vento aracati, ganhando o sertão até chegar aos campos do Piauí.

No ano de 1713 a vila de Aquiraz, sede da capitania do Ceará, foi destruída, e os colonos sobreviventes se refugiam no forte de Nossa Senhora da Assunção, erguido pelos holandeses na colina que margeia o riacho Pajeú. Foi a partir desse episódio que Fortaleza se configurou em capital. Para combater os índios em “guerra justa”, é armado o Regimento de Cavalaria Auxiliar do Jaguaribe ou “Cavalaria do Certam, como dizem os velhos documentos, vestida de couro e composta de homens conhecedores do terreno em que pisavam, bem como do modo de guerrear dos indígenas”<sup>606</sup>. A cavalaria sertaneja, reunindo caboclos que em tempos de paz serão centauros vaqueiros e em tempos de guerra, jagunços, cangaceiros e volantes. À frente do regimento, João de Barros Braga, que de “1721 a 1731 dominou com sua cruel atividade o extenso vale do rio Jaguaribe, tornando-se o espantelho das tribos indígenas que por ele afora estadeavam”<sup>607</sup>. Os tremembés, que habitavam da foz do Acaraú ao delta do Parnaíba, são reduzidos nas vilas de Almofala e Arronches (atual Caucaia, onde vivem os tapebas, no mangue do rio Ceará). Os cariris foram alocados na Missão do Miranda, depois Vila Real do Crato, na subida da Chapada do Araripe, a grande floresta dos pequis.

A igreja de Almofala guarda a mesma feição e é contemporânea da matriz de Viçosa do Ceará, templo originalmente arquitetado pela primeira missão jesuítica que se instalou na Chapada da Ibiapaba, em

---

<sup>605</sup> ARARIPE, 2002, p. 146.

<sup>606</sup> BARROSO, 2004, p. 56.

<sup>607</sup> BARROSO, 2004, p. 60.

1607, por iniciativa de dois padres do Colégio da Bahia, o açoriano Francisco Pinto, morto pelos tocariús, e Luís Figueira, salvo pelos potiguaras. Ibiapaba, a serra talhada, na tradução do Padre António Vieira, nascido no ano seguinte à devoração do Padre Pinto. Ao tempo de Vieira, eram vinte as missões pela serra, trabalho de catequese e aldeamento que retomou o rumo do mar, às praias do Camocim ou Pote, na foz do rio Acaraú, e a noroeste, aonde o delta do Parnaíba se espria nos Lençóis de Totoa, Tutóia, no Maranhão, tabas dos tremembés. A capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição dos Tremembés passou a se chamar, de 1766 em diante, assim como a vila homônima, Nossa Senhora da Conceição de Almofala, “para que perdesse o nome indígena, de acordo com a legislação pombalina”<sup>608</sup>. Sobre a origem do nome, Barroso explica que vem do árabe, *al mohala*, significando o arraial, o castro, o acampamento onde se morou por algum tempo. (Do mesmo modo trocou de nome o aldeamento organizado pelo Padre Pinto, o Pai Pina, a vila de Paupina, arrabalde da fortaleza, que passou a se chamar Messejana, também um étimo arábico, sinônimo de masmorra. Então Pombal, na tentativa de eliminar a pegada jesuítica – e como consequência a obra de sua evangelização, reabilitou a palavra dos mouros, expulsos da Península por D. Manuel, o Venturoso, e Isabel, a Católica, no tempo das navegações).

A igreja, levantada e mantida pela irmandade tremembé, teve seu esplendor entre 1730 e 1790, escreve Barroso. O padre Antônio Tomás, que também foi poeta, era coadjutor da freguesia do Acaraú um século depois, e dizia missa semanalmente aos herdeiros daqueles tremembés, que sustentaram a irmandade religiosa e a capela, diante da qual dançavam o torém nas festas da padroeira. Porém, em junho de 1898, uma duna avançou sobre a aldeia. Antônio Tomás rezou missa pela última vez na igreja de Almofala no final desse ano. O padre e os fiéis trouxeram em procissão alfaia e imagens para a nova capela, construída adiante da vila soterrada. E a areia movediça cobriu o arraial. “Somente a cruz de ferro da torre sineira ficou de fora no cocoruto branco da duna vencedora”<sup>609</sup>. Em 1943, as areias se movimentaram, revelando a igreja preservada em sua alvenaria de tabatinga, matéria prima dos tijolos de barro branco e cru, cada qual “feito a mão, chato como o dos romanos, dos bizantinos e dos árabes”, encorpando o templo de frontaria

---

<sup>608</sup> BARROSO, 2004, p. 106.

<sup>609</sup> BARROSO, 2004, p. 110.

trabalhada “em volutas unidas num desenvolvimento ascendente, de torre única, de caráter moçárabe, adereçada de pináculos”.<sup>610</sup>

Os Tremembés, senhores dos manguezais, de tantos ficaram menos, de novo se fizeram muitos e dos tremedais de Itarema se estabeleceram em outros lugares da região do Acaraú e para leste, em Itapipoca, próximo à barra do rio Mundaú, onde, em 2007, foi inaugurado um centro de cultura e artesanato solidário. De noite, à lua clara, o fogo ardia no terreiro e em torno da fogueira a roda de gente dançando ao som do maracá e de cantigas em quadras improvisadas respondidas pelo coro, os visitantes, os vizinhos e a comunidade, batendo firme o pé. Quem quiser que vá saindo, e outro, caso queira, pode entrar, a roda se mantém. Os festeiros oferecem, em copinhos descartáveis, doses de mocororó, forte no álcool e de insistente azedume, e para tirar o gosto, caranguejo e “grolado” (é uma farofa de mandioca mais molhadinha ou um pirão de caldo pouco).

Em Juazeiro do Norte, o Padre Cícero, o Padrinho, Badzé, pajé católico, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade para seus romeiros, está exposto ao sol do meio dia no alto da colina, a roda branca da batina de cal marcada por infinitas mãos que ali vão depositando, em digitais de suor, os grafitos da esperança. Na ladeira de pedra do Horto (há via mais nova, menos íngreme, e asfaltada, que leva à estátua do Padre Cícero), a Casa de São Gonçalo, onde vivia, em 1998, Pedro Joaquim, alagoano, então aos 82 de idade. Mestre da rabeca, personagem principal na devoção ao santo violeiro. “A roda eu aprendi em Santa Brízia. Lá morei 30 anos e ensinei à comunidade. Já vou com 21 que moro aqui, vim fazer um rebanho de São Gonçalo como fiz na Bahia. Inda tenho vontade de fazer uma comunidade noutro canto, e não posso sair. Tenho meus ajudantes, mas eles não sabem fazer o trabalho”<sup>611</sup>. A lenda de São Gonçalo, segundo me contou Pedro Joaquim.

Diz que era um monge, moço, galante. Incomodado com a vadiagem das mulheres nas portas dos cabarés, viu na música jeito de convertê-las: “Passou o dedo na violinha, elas ficaram se mexendo, foram pisando, e naquela noite ficaram entretidas. Quando foi com poucos dias, aquelas mulheres partiram na dança de São Gonçalo, nenhuma faltou mais. E assim, São Gonçalim venceu”. A festa para o santo, em Juazeiro, vai de 22 a 31 de outubro, vésperas da romaria do Dia de Finados. A devoção dançada lembra evoluções das quadrilhas

<sup>610</sup> BARROSO, 2004, p. 111.

<sup>611</sup> A roda da salvação. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 10 jul. 1998, p. 5.



europeias, à maneira da dança do lenço dos minuetos da França cortesã, e também coreografias cariris do acervo das cabaçais, a exemplo do passo chamado trancelim (na roda em dois sentidos, cada brincante alterna direita e esquerda no momento de cruzar com quem vem, em movimento que gera um circuito no barro do chão, a hélice dupla do infinito e do DNA). Eles se vestem de branco, na cabeça usam quepe da mesma cor, e alpercatas de rabicho para ambos. Elas, igualmente de branco, um pano guardando os cabelos, como era do uso de Madrinha Dodô.

Alzira Mendes do Nascimento se posiciona no centro da roda de oração. É agora, em 1999, a benzedeira chefe da Casa de Madrinha Dodô, em Juazeiro, desde que a matriarca fez sua passagem. O torçal da cintura foi dobrado em sete voltas no punho direito, nessa hora da bênção. “Graças a Deus, a casa tá cheia de romeiros, olhe aqui os romeiros dela”, e a mão descreve um gesto que abarca a sala tomada pelos recém abençoados e adentra o corredor, aos quatinhos dos visitantes de Santa Brígida, um dos quais era José Rodrigues, que serviu de enfermeiro a Pedro Batista, o beato fundador daquela cidade. “Madrinha Dodô, sabendo que tinha de fazer esta viagem um dia, preparou a gente pra responder por ela. Aqui a gente tá em casa, até mais do que tando na casa da gente, graças a Deus! Há 50 anos eu vinha a pé aqui pro Juazeiro, a estrada era uma varedinha, veja a diferença como é que tá”. Dessa vez, veio de carro com o filho. Estava receoso com a proximidade do ano 2000. “De primeiro, só quem conversava essas coisas assim era gente pobre, o pessoal xingava, ô negócio de fanatismo! Mas agora até os homens de conhecimento tão enxergando. Nós ficamos por aqui só até o dia que Deus quiser”.<sup>612</sup>

Estávamos preparando dois cadernos sobre o fim do mundo, provocados pela chegada do milênio. De Juazeiro do Norte para a Bahia, o sertão além São Francisco, até Santa Brígida (os romeiros falam Brízia), sonho do penitente Pedro Batista, o “Conselheiro que deu certo” – conforme estava escrito no cartaz de divulgação da festa do padroeiro. Madrinha Dodô enquanto viveu neste mundo comandava os fiéis em peregrinação anual à terra do Padre Cícero, onde também fixou residência. Mãe Dodô fez sua viagem (como dizem os seguidores), mas deixou esta casa santa, moradia da caridade, na estrada velha do Horto, e suas companheiras continuam recebendo aflitos “dos quatro cantos do mundo” para um conforto. (Se for verdadeiro que as civilizações

<sup>612</sup> No centro da roda de orações. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 06 nov. 1999, p. 5.

possuem em sua diversidade traços culturais afins, surpreendidos nos mitos e demonstráveis pelos ritos e folguedos populares, é porque questões intercambiáveis nos aproximam e inquietam. Entre a limitação individual e o desejo de infinito flutuam indagações e respostas, e por aí caminha a humanidade. Do conceito de si a uma concepção de mundo basta um passo quântico: tudo é relativo e tudo está conectado).

Santa Brígida foi distrito de Geremoabo, município que abrangia a caatinga que vai do Raso da Catarina aos sertões de Antônio Conselheiro, até 1962, quando se emancipou. A cidade nascera modesto povoado vinte anos antes, com a chegada de Pedro Batista, que ali se estabeleceu com fazenda que virou loteamento popular de caráter religioso. Pedro Batista morreu em 1967, deixando a comunidade aos cuidados de Maria das Dores dos Santos: Dodô. Agora, os dois fizeram a passagem, mas os seguidores da irmandade continuam mantendo a casa aberta a todos os caminhos do sertão. A Madrinha gastou sandálias entre Bahia e Ceará, deixando rastro em Alagoas e nas aldeias pernambucanas dos pankararus. Na praça principal de Santa Brígida, a estátua imensa de Dodô, da mesma cor parda dos caboclos, pano amarrado cobrindo os cabelos, a cara engelhada, mãos no gesto de abençoar, braços estendidos sobre a cabeça dos passantes. Na casa que foi do beato, na sala altar, imagem em tamanho natural do Padre Cícero, todo enfeitado de fitas, e na cadeira de balanço de espaldar alto, trono de Pedro Batista, envolta em alvo filó e fitilhos, a fotografia dele com o inseparável boné, e ao lado, em idêntica moldura, o retrato de Dodô.

Rua Castro Alves, número 9, casa de beira e bica pintada de azul. Os homens tiram o chapéu diante do busto de Pedro Batista, incrustado em nicho envidraçado na parede externa, ao lado da janela da sala. E lá dentro, além da trindade citada, revestem as paredes um Coração de Jesus, outro de Maria, Santa Luzia, São Pedro, padroeiro da cidade, o papa Paulo VI, Getúlio Vargas, D. Pedro II, personagens que narram em efígie escolhas e opiniões do dono da casa – e de como tudo permaneceu do jeito que ele deixou. O tempo, nesta sala, se suspendia feito a poeira de ouro que flutua na réstia de luz do telhado. No corredor lateral, papagaios empoleirados, um macaco na jaula e gaiolas com pássaros, prendas doadas pelos devotos. A casa de Madrinha Dodô, a dois passos dali, tem nova guardiã, a alagoana Raimunda Soares. “Madrinha Dodô é que nem uma mãe, das boas. O Pai Eterno chamou, chegou o tempo dela fazer a viagem. Ela falou assim: – Vem tempo que vão me procurar

aqui, num tô. Vão procurar em Juazeiro, não me acham”<sup>613</sup>. Na casa comprida, do mesmo feitio da outra, o quarto da Madrinha se mantém como se viva fosse, a dormir: a cama estreita, sobre a colcha o vestido branco, o retrato repousado no travesseiro, o torçal na cabeceira, a mesa com imagens de santos, um copo, flores, fósforos, o toco de vela. Os chinelinhos dela.

No cemitério de Santa Brígida, a beata pernambucana, do município de Flores do Pajeú, conhecida por Maria das Virgens, zela os túmulos parelhos de Pedro e Dodô. Sua missão é rezar.

Peço não só por mim, mas por todos, pela minha família, pelo pessoal do mundo inteiro, por aqueles que são vivos e aqueles que Deus já levou, por aqueles espíritos que esfaleceram, os meus conhecidos, os que não conheci, os parentes, amigos e aderentes, os alembrados e os esquecidos. Aí estou plantando uma semente boa.<sup>614</sup>

Foi ela quem escreveu a biografia de Dodô, manuscrita em folhas de papel almaço, emolduradas em um quadro na sala da casa da Madrinha.

Foi um sonho, aquele trabalho. Deitada na rede, fiquei dormente, ouvi aquela vozinha:  
 – Maria de comadre Adarfina?  
 – Senhora? Hem-hem, será Madrinha Dodô?  
 Passou um pedacim, com pouco:  
 – Maria de comadre Adarfina! Vim lhe pedir pra você fazer a minha história, pra deixar escrita pra todos os meus romeiros, daqui de Santa Brízia e dos quatro cantos do mundo inteiro, pra eles saber quem eu era e quem eu sou.<sup>615</sup>

O tratamento fraternal, de par com o sorriso, incentivo sincero à possibilidade de acreditar: *é pelo sonho que vamos*. Esta, a pauta cotidiana, o grão da alegria fermentando o pensamento de afiar sentidos

<sup>613</sup> Santa Brígida de Pedro e Dodô. **Jornal O Povo**, especial Milenarismo II, 11 ago. 1999, p. 9.

<sup>614</sup> No relógio do destino. **Jornal O Povo**, especial Milenarismo II, 11 ago. 1999, p. 10.

<sup>615</sup> No relógio do destino. **Jornal O Povo**, especial Milenarismo II, 11 ago. 1999, p. 10.

latos. Nos caminhos trilhados durante dez anos por conta do ofício de escrever, que deu passagem ao cenário da infância retornada e me levaria aos sertões do sul, percebi, recorrendo a esta imagem que me é cara, a do bordado pelo avesso, qual a almofada e o bilro que podem dar conta do risco de ir mais fundo no imaginário. O signo ambivalente complementar da festa e da fé. O sagrado e o profano, intensamente acoplados. Madrinha Dodô comandava um grupo de devotos de São Gonçalo, e sua penitência é esta coreografia, ao som de benditos, um rosário cantado, rabeça e pandeiro, executada pelas mulheres. Aos homens cabe tocar os instrumentos musicais, em uma reprodução do lugar do gênero no mito do São Gonçalo sertanejo. (Esta divisão sexual não é seguida por todos os grupos que fazem a roda para o santo). Na tessitura híbrida do catolicismo ibérico, temperado pela ocupação moura da Península e a presença ocultada dos judeus, fui lendo a linha forte do embate que se deu entre a doutrina jesuítica e a espiritualidade cultural dos povos da mata nesta parte do planeta. Portanto, este desenho pelo lado de dentro da vida, com suas vicissitudes recortadas na esperança e contornadas pela arte, exhibe a face sobrevivente dos índios sertanejos gravada na pele dos devotos que rezam por toda a humanidade, dançando ao som da voz, da rabeça, do ganzá, firmando o pé no chão. As pessoas mais ousadas. De onde vem quem enfrenta, topa a parada e vai contra a corrente, movendo-se com a fiança dos que acreditam na possibilidade, ao menos. E não tremem, na terceira margem do rio.

Mas, quem foi São Gonçalo? Na hagiografia elaborada pelo padre Arlindo de Magalhães Ribeiro, da paróquia de Amarante, Portugal, Gonçalo nasceu em ano incerto e teria morrido nesta vila, em 1259. Consultando o *Flos Sanctorum*, um catálogo com a biografia dos principais santos e mártires, editado no ano de 1513 em Lisboa, o padre Arlindo encontrou Gonçalo entre os “santos extravagantes” – o termo referindo-se àqueles homens e mulheres veneráveis cujo culto não era oficial, mas popular e localizado. Teria sido, segundo esse livro, frade dominicano, porém as provas dessa tese se perderam quando o arquivo central da congregação é destruído no incêndio que se seguiu ao terremoto de Lisboa (1755).

Os dados mais relevantes sobre a figura histórica do santo, o biógrafo encontrou no relato de Frei Luís de Sousa (1555-1632). Que disse ser Gonçalo natural de Tagilde, concelho de Vizela, onde estudou os rudimentos da língua, da religião e do latim com “um devoto sacerdote”. Ingressando em ordem religiosa, foi servir na igreja de São

Paio de Vizela, de onde saiu em peregrinação à Terra Santa. Na volta, desapossado de sua paróquia, decidiu-se anacoreta, e procurava “um deserto onde hoje he a villa de Amarante, sitio não só ermo, por apartado de gente, mas temeroso”<sup>616</sup>. Gonçalo foi pároco secular, mendicante dominicano ou monge beneditino? Não se sabe. Mas sobreviveu a tradição de ter sido “homem humilde, íntegro e austero; um asceta, um verdadeiro eremita, adepto do despojamento total, um radical que, à experiência do eremitismo, acrescentou uma preocupação eminentemente pastoral”.<sup>617</sup>

Faz parte de sua lenda ter construído a ponte de pedra que ainda hoje existe em Amarante. Também constam em seu currículo graças e milagres alcançados por sua intercessão, de um lado e outro do oceano, e no Brasil é reverenciado em muitas localidades. Mas não há evidências de sua história mais difundida pelo sertão, a do monge músico, conversor de madalenas transviadas, possivelmente criação dos devotos nordestinos. “A ‘memória’ de São Gonçalo, antes de ser passada a escrito, foi popular e oral: que o povo nunca esquece quem o ajuda a crescer”<sup>618</sup>, considera o padre Arlindo, de Amarante, sobre o santo extravagante escolhido, pelos cantadores do repente, o protetor dos poetas violeiros.

Tradição, em tradução pela raiz, é o que é entregue, boca a boca, de uma geração para a outra, feito um alimento. A performance popular conforma os estilhaços maleáveis da cultura no caleidoscópio da temporalidade. Na hora do espetáculo, aqui não se trata mais de uma rua periférica em Juazeiro do Norte no primeiro dia do ano, mas o começo do mundo, a simulação de uma guerra, a alegria dos viventes refletida no brilho das espadas faiscando no chão da praça. Noite da Festa das Candeias, dois de fevereiro, a fita luminosa segurando velas protegidas do vento por lamparinas de garrafa PET vai subindo a colina do Horto, que ninguém lembra chamar-se do Catolé. Cenas abstraídas do efêmero das horas mergulhadas até os cabelos em outros tempos, debaixo ainda do mesmo céu: a constelação de Órion, riscada estrela por estrela no painel cósmico da Pedra do Ingá. Ressonância modelando a vivência, a crítica que não profana o acontecimento torna-se inoperável. A marca, o vestígio, que seja arte – da nossa consciência em percebê-la na abstração de um passo de dança. Por que somos apartados do mundo que a viu

---

<sup>616</sup> CUNHA, 1995b, p. 42.

<sup>617</sup> CUNHA, 1995b, p. 46.

<sup>618</sup> CUNHA, 1995b, p. 37.

nascer, sobressalente de um cataclismo, o que reconheceremos na obra? A estética nua da tradição enquanto testemunho (e na etimologia da palavra forte, o sentido mais exato: de não temer).

### 4.3 missão abreviada

Eram três juazeiros sempre verdes e a capela de Nossa Senhora das Dores, a 600 quilômetros dos mares bravios de Fortaleza, e pouco mais a mesma distância até Recife. A oeste se avizinha o Piauí. O sertão pernambucano e o da Bahia estão logo ao sul. Para leste é Cajazeiras, na Paraíba. (As fronteiras são virtuais e fluidas: não confinam, emulsionam limites). Juazeiro do Norte, localizando-se na encruzilhada de encontros concretos e trocas simbólicas, se fez com intercâmbios de todo tipo. Passou-se o tempo. O Padre Cícero foi encolhendo com o avançar da idade, o que é natural. Aos 90 anos, ancorava no corpo minguante o mito que ele próprio havia gerado, desde o prodígio da donzela e da hóstia ensanguentada. Sem o lastro frágil, o santo, vindo ao mundo no raiar do dia 20 de julho de 1934, só cresceu, juntamente com a cidade. “Morto nas tramóias do tempo, o Padrinho foi salvo nas pelejas da memória”<sup>619</sup>. Vivo, usava na aparência cotidiana a humildade dos devotos de sua taba. Aos poderosos, fazia-se igualmente coronel, ele mesmo proprietário de terras, imóveis, fazendas de gado, sítios e até de umas lavras de cobre pelas faldas do Araripe. Em testamento, legou os bens terrenos aos salesianos, com o compromisso de que a congregação fundasse em Juazeiro um colégio técnico para os filhos dos agricultores.

Aquela manhã de julho foi um Dia de Juízo em Juazeiro, fim do mundo que se renova desde então, pois a 20 de cada mês a cidade polifônica exhibe seu luto. Na janela de onde, toda tarde, abençoava os devotos, proibido que foi (e obediente que era) de rezar missa por ordem do Tribunal do Santo Ofício, o vazio da imagem será multiplicado como no jogo dos espelhos em incontáveis figuras trajadas de modo idêntico, a veste sacerdotal abotoada de cima a baixo, preta ou branca e mesmo, atualmente, até furtacor, a cabeça inclinada à esquerda, olhos cor do céu destacando-se na madeira, gesso, metal, argila, resina, pelúcia, plástico, em réplicas exibidas por todo canto, público e privado, altares, praças, hotéis, restaurantes, repartições, escolas e, para atrair o freguês e a sorte, em destaque nas vitrinas das lojas cujas placas cruzam no ar o asfalto

---

<sup>619</sup> LOPES, Régis. **O Verbo Encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998. (Col. Outros Diálogos), p. 84.

das ruas, confundindo-se com os semáforos. São milhares de padres cíceros fluorescentes fabricados na China, os mais disponíveis no formigueiro de ambulantes na porta das igrejas e dos cemitérios, nas barracas e camelôs lá do Horto, onde se ouve por um real a insistente melopeia de uma história repetida em benditos acelerados na voz maquinal de meninas e meninos, que anjos rotos são estes, legião a postos ao pé da estátua de batina caiada, de bengala e de chapéu, 25 metros acima do morro do Catolé.

O que sobreviver será original. “Había llegado la hora del mediodía”<sup>620</sup>, uma especulação estética sobre o destino da humanidade, e se escrevo humanidade e destino penso ao sol pleno que tudo revela e sem sombra, a condição particular dizendo respeito a uma sensibilidade comum ao ser, genérico. (Uma ética sertaneja da lembrança). Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844, no Crato. Em moldura, sem as conotações do positivismo científico, mas em sua evocação, para retomar Euclides da Cunha: era branco de olhos azuis, porém trazia nos ossos da face os zigomas cariris e ostentava a moleira peba, chata, o crânio braquicéfalo que distingue o contorno da cabeça dos cearenses. Carismático, futor de maravilhas, foi e é considerado um santo e um profeta. Assim os pankararus acolheram Padre Cícero, a quem invocam pelo nome de Badzé. “De fato, ele sucedia naquelas paragens, distantes da civilização litorânea e esquecidas do poder público, aos missionários de antanho”<sup>621</sup>. Irrisão no tempo, o efeito precedendo a causa, o conteúdo existencial da ausência. E o bom Deus no entalhe.

A insurreição proclamada em vaticínios na demanda de uma empresa estética e ética, a cena antropofágica da hóstia. Cauim cósmico. Esse sussurro, o vulto do que falavam os deuses, o rastro de sua passagem – tudo passa, este mundo inclusive – visível nas aparições grafadas na pedra, indecifradas no enigma de signos e sinais, naus, estelas, circuitos, traços intermitentes, decalques de mãos infantis. Revelação e acolhida. O museu de tudo, que é a Casa dos Ex-Votos ou Casa dos Milagres, preenchido, desde o chão cimentado ao teto de carnaúba e telha, com toda espécie de objeto que traduz a finalidade da perseverança, alcançar a graça. Na Casa de Cultura Mestre Noza, os artesãos exibem a carteira de trabalho, e onde consta a profissão está escrito: imaginário. Aquilo que Guerrero dizia ser o “*poder tradicional*”

---

<sup>620</sup> GUERRERO, Luis Juan. **Estética operatoria en sus tres direcciones**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2008, p. 99.

<sup>621</sup> BARROSO, 2004, p. 367.

<sup>622</sup> da arte, sua função de testemunho histórico ou sagrado (as duas alternativas).

O rangido da tipografia São Francisco embalou a rua Santa Luzia por mais de 40 anos, rodando ritmadamente milhares de folhetos em sextilhas: são estrofes de seis versos, em redondilha maior, sete sílabas exatas. José Bernardo da Silva, dono da casa editora que fez, pela necessidade que afia dons insuspeitos, de gráficos impressores mestres da gravura, ilustrando as capas dos cordéis mais afamados, sendo ele proprietário do espólio poético de Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde. Natural de Alagoas, caixeiro viajante e devoto, foi em romaria a Juazeiro no ano de 1926 (o mesmo em que a Coluna Prestes e o bando de Lampião por ali passaram), “atraído pela figura mítica do Padre Cícero, que o abençoou, e motivado pela esperança ficou de vez na cidade” <sup>623</sup>. De começo, vendia, além dos avelórios à vaidade alheia, ervas medicinais e romances de cordel. Logo, o sucesso dos folhetos levou-o a pensar no próprio negócio. Em 1930, José Bernardo adquiriu caixas de tipos e uma impressora manual (obsoleta, mas funcional e valiosa). “O range-range onomatopaico contrapunha-se aos sinos, o monocórdio das ladainhas e os passos da procissão. Expressava a mesma crença, em outros códigos. Tecia um grande texto ancestral” <sup>624</sup>.

(Do meu baú, este folheto de 32 páginas, “Historia da Donzela Teodora”, do poeta João Martins de Athayde, publicado no dia 1º de novembro de 1952 pela “Tip. São Francisco de José Bernardo da Silva. Mantem um variado sortimento de Folhetos, Novenas, Orações etc. Também tem a venda o famoso Lunario Moderno. Não atendemos reembolso Postal”, informa o texto na contracapa que traz ainda os endereços para aquisição, o da matriz, Rua Santa Luzia, 263/269, Juazeiro do Norte, e a filial na travessa do Serigado, 17, Recife, “onde se encontra todas as historias em versos dos aplaudidos autores populares João Martins de Athayde e José Bernardo da Silva”, que assina os folhetos, tanto os de Athayde quanto os de Leandro, como editor-proprietário. Este cordel, em particular, além de ser um daqueles “cinco livros do povo”, de que falava Câmara Cascudo, traz em sua derradeira sextilha um exemplo do compromisso de fidelidade à fonte com o qual os poetas terminam a narrativa. E, importante documento,

---

<sup>622</sup> GUERRERO, 2008, p. 154 (grifo do autor).

<sup>623</sup> CARVALHO, 2001, p. 35.

<sup>624</sup> CARVALHO, 2001, p. 36.



confirma o processo de transposição do código escrito, o da prosa, para o oral, a poesia – independente do suporte: “Caro leitor, escrevi/ tudo que no livro achei/ só fiz rimar a história/ nada aqui acrescentei”<sup>625</sup>. A capa deste raro folheto é ilustrada com um retrato em preto e branco, talvez zincogravura de um filme mudo, talvez seja um cartão postal: a moça bela, vestida e penteada na moda do começo do século XX).

Dos poetas de bancada em atividade atualmente no Juazeiro, o químico Abraão Batista, também gravador, fundador e ex-presidente da Casa de Cultura Mestre Noza (cujo nome é homenagem a imaginário pernambucano, capista de José Bernardo, considerado o primeiro a entalhar um Padre Cícero, ao tempo em que este ainda vivia), é um dos mais prolíficos quando o assunto versa o famoso Patriarca do Juazeiro, sendo autor de uma coletânea temática que chega a duas dezenas de títulos. Abraão Batista, pai de Hamurábi Batista, também poeta e xilogravador, escreveu sobre a vida e a obra do Padrinho, a chegada ao “Joaseiro” em 1871, a Guerra de 1914 e outras querelas políticas, o protesto em cartório pela violação do túmulo da beata do milagre em 1930, sobre o beato do sítio Caldeirão. Falou ainda dos sermões, profecias, conselhos, ensinamentos ecológicos, receitas medicinais e das curas miraculosas do Padrinho, cantou sua pranteada morte e foi além, a exemplo do folheto intitulado “Encontro filosófico dos santos com o Padre Cícero e Satanás no seu sesquicentenário”, publicado a primeira vez em 1994, evocando o debate da Donzela Teodora.

O segundo volume da coletânea de Batista sobre o inesgotável santo nascido no sertão aborda aspecto dos mais sugestivos quanto ao seu carisma junto à comunidade periférica. Cícero Romão foi um sonhador. No folheto “Os 4 sonhos reveladores do Padre Cícero”, o poeta articula narrativas do Velho e do Novo Testamento, dos prenúncios da fartura e da fome que José do Egito interpretou para o faraó; ao sonho de Nabucodonosor sobre a pedra do V Império, decifrado por Daniel, até o pesadelo que alerta o carpinteiro José sobre a matança das crianças de Belém. Neste contexto se desenrolam os tais sonhos “reveladores, medonhos”<sup>626</sup>, vividos e interpretados pelo Padrinho. (O passado, sabemos, é reinventado ao mesmo tempo em que se desdobram seus panos).

---

<sup>625</sup> ATHAYDE, 2002, p. 32.

<sup>626</sup> BATISTA, Abraão. **Os 4 sonhos reveladores do Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: s.e., 1990, p. 2.

O primeiro sonho aconteceu quando ele ficou órfão de pai, vitimado num surto de cólera, e por isso o menino Cícero deixou o internato do colégio preparatório do Padre Rolim, em Cajazeiras, Paraíba. Enquanto dormia, Joaquim Romão lhe apareceu, exortando-o a não desistir da vocação, nem se afastar do seu destino. Com efeito, a viúva Joaquina Romana, a dona Quinô, assumiu o comércio do marido e assim o único filho homem pode então cursar o Seminário da Prainha, em Fortaleza. Os estudos foram custeados pelo padrinho do rapaz, comovido pelo sonho da aparição do compadre. No Seminário da Prainha, em 1869, o jovem cratense passou pela experiência de, como diz Abraão Batista, ter tido um “sonho realista” antecipatório da queda da monarquia. O seminarista assistiu a deposição do imperador e admoesta D. Pedro II, segundo o poeta, usando o mesmo termo com que tratará os seus – pensei súditos – seus romeiros: “E disse: meu amiguinho/ por vezes não se lembrou?! Estas são as consequências/ doutrinas, irreverências/ que a coroa depositou”.<sup>627</sup>

O terceiro e o quarto sonhos anunciam o final dos tempos. A Besta Fera lhe apareceu em forma de urso (associação óbvia com a Rússia soviética, ainda mais sendo o Padre assumido anticomunista: “O comunismo foi fundado pelo demônio. Lúcifer é o seu nome e a disseminação de sua doutrina é a guerra do diabo contra Deus”<sup>628</sup>). O quarto sonho talvez seja o mais glosado e difundido. Há mais de uma versão. Que o sonho aconteceu em Juazeiro, logo quando o Padre chegou ao povoado. No cordel de Batista, o Padre Cícero estava em Roma, onde foi ter com o papa, devido ao processo que lhe moveu o bispado do Ceará, no caso do milagre da hóstia. Em sonolência, viu o quadro da Santa Ceia acontecendo. Jesus discursava aos seus discípulos, magoado com os desmandos no mundo, condenado a se acabar de vez. Então surgem levas de sertanejos retirantes, e Jesus diz que fará a última tentativa com a humanidade. E, apontando diretamente o Padrinho, diz, tome conta desse povo. No final do folheto o poeta, como é de praxe na modalidade, afirma a veracidade de sua palavra, possuidora de um testemunho alicerçado na fonte do tradicional, e por isso, “mesmo sem o conhecer/ estou aqui a escrever/ sobre a sua missão”<sup>629</sup>. Na última página, seguindo o modelo de folheto implantado por José Bernardo, o endereço para pedidos e o e-mail do autor.

---

<sup>627</sup> BATISTA, 1990, p. 6.

<sup>628</sup> A última entrevista. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 5.

<sup>629</sup> BATISTA, 1990, p. 16.

Martine Kunz veio de Paris ouvir romance no interior de Pernambuco, em meados dos anos 70. “O público era ativo, inventava, recriava sua literatura. O texto vivo se fazia e desfazia no decorrer da performance”<sup>630</sup>, recordou, muitos anos depois. A primeira vez que ela assistiu a leitura de um folheto foi um marco em sua decisão de continuar pesquisando a poética nordestina de perto. E seu caminho, naturalmente, passaria pelo Padre Cícero, personagem que determinou por si mesmo todo um novo ciclo no folheto, sendo a figura histórica para onde convergiu o messianismo, presente enquanto promessa e esperança, na cultura oral sertaneja: “É como se fosse uma revanche poética sobre o silêncio que cercou os movimentos religiosos surgidos entre meados do século XIX e começos do século XX”<sup>631</sup>, escreveu. Sobre o milagre da beata Maria de Araújo: “Passamos do simulacro de uma forma de antropofagia velada, asseptizada, educada, que é a comunhão, a uma transubstanciação de fato, concreta, enorme, transbordante: é sangue, sangue, sangue”.<sup>632</sup>

No primeiro semestre de 2004, organizamos expedição pela área de atuação do Padrinho, circunscrita às proximidades de Juazeiro, para compor um caderno especial, 20 páginas, que lembraria as efemérides, os 160 anos de nascimento e, principalmente, sua morte, por isso o título escolhido, “Padre Cícero – 70 anos de encantação”, publicado precisamente no dia 20 de julho. Apresentamos o caderno durante o III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero, promovido pela Universidade Regional do Cariri e a Diocese do Crato, por aqueles dias. Em outubro, levei alguns exemplares de bagagem à feira do livro na Cidade do México, distribuídos na palestra que fiz, sobre o Padre Cícero e a poética popular. Salgueiro (onde ele se refugiou, quando impedido de celebrar e mesmo viver em Juazeiro) e Exu (terra natal doromeiro Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, e de Bárbara de Alencar), em Pernambuco, além de Cajazeiras, na Paraíba, os lugares que visitamos, para encontrar a voz plural que narrasse outra biografia.

Sete dias de viagem, de Fortaleza pelo Cariri, região que inclui o sul do Ceará e áreas de Pernambuco e Paraíba, 2.153 quilômetros bem rodados. Devotos em todo lugar, e o totem do Padrinho no cruzamento dos caminhos, no posto de gasolina na beira da estrada, nas praças dos

---

<sup>630</sup> KUNZ, Martine. **Cordel, a voz do verso**. Fortaleza: Secult, 2001. (Col. Outras Histórias, 6), p. 10.

<sup>631</sup> KUNZ, 2001, p. 14.

<sup>632</sup> KUNZ, 2001, p. 21.

arruados, entre escadarias extravagantes, cada degrau pintado de uma cor e a base em laranja (na entrada de Milagres); um Padre Cícero amarelo e maltratado na cidade de Jati. Em Cachoeira dos Índios, Paraíba, a estátua do Padrinho, de chapéu de massa novo, estola bordada e batina negra. Sobre o pedestal da praça que leva seu nome, ele encara sereno o serrote do Quati. Logo chegamos a Cajazeiras, ao colégio fundado pelo Padre Rolim. Sem memória da passagem de Cícero, só a lenda do chapéu, que ele fixava na parede, dispensando prego e cabide. Em algum desses ganchos de ferro que resistem nos aposentos mais que centenários, ele armou a sua rede.

Na terra de Luiz Gonzaga, a tetraneta do Barão do Exu, e parenta de Dona Bárbara do Crato, Nair Aires de Alencar, 87, disse que seu pai, assim que soube da morte do Padre de Juazeiro, “selou o cavalo e foi”<sup>633</sup>. Na praça da igreja matriz de Salgueiro, à sombra das canafístulas, o Padre Cícero abençoa quem vai, quem vem. Procurando informações sobre a fazenda Letras, de Joaquim Angelim, chego ao restaurador sacro Marcus Angelim, que contou o caso de um seu bisavô, intrigado com a esposa durante 20 anos e reconciliado pelo Padre Cícero. “De Salgueiro, Cabrobó, toda esta região de Pernambuco, as pessoas iam resolver até brigas conjugais em Juazeiro. Ele era o apaziguador, o conselheiro, o médico do povo, era tudo”<sup>634</sup>. Antes de tomar a direção da fazenda, encontramos um bacamarteiro<sup>635</sup>, devoto do Padre Cícero e brincante de São Gonçalo, o agricultor Luiz Gonzaga dos Santos, o Luizão, nascido em 1934, meses antes da viagem do Padre: “No dia que o Padim Cilço morreu, todos os sinos bateram três dias em toda a redondeza, e três dias ficou o mundo nublado”<sup>636</sup>.

Luizão narra uma das muitas histórias sobre a “Guerra de 14”, disseminadas pelas rimas do cordel, a dos aviões enviados contra a cidade rebelada. Conta a mim, assevera, “como os mais velhos” lhe contaram. Os pilotos:

Rodiaro, rodiaro, rodiaro. Aí voltaram em  
Fortaleza, disseram a Franco Rabello, nós num  
vimo esse Juazeiro não. Botamos os óculos de

<sup>633</sup> No rastro de Meu Padrinho. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 12.

<sup>634</sup> Um basta no mundo. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 13.

<sup>635</sup> Brincante de grupo devocional, composto por homens trajados à maneira dos cangaceiros, que se apresentam dançando xaxado e dando tiros de pólvora seca, nas romarias, festas e espetáculos públicos.

<sup>636</sup> Um basta no mundo. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 13.

alcance, vimo foi um mar d'água. Seguindo pra frente, vimos o Crato. Voltamos, botamos os oculos, vimo uma mata vilgem com cacho de flor, coisa mais linda... Não tem quem possa com meu Padrinho Cilço!<sup>637</sup>

A fazenda Letras fica na divisa Salgueiro-Cabrobó, já farejando o rio São Francisco. Quem nos recebe é o próprio Joaquim Angelim, que diz não ser o dono. “Tomo conta pra ele”<sup>638</sup>. Este “ele” é o Padre Cícero. A propriedade fica em um sítio fértil e pedregoso, propício para a construção de um açude aproveitando os lajedos e as nascentes, o que foi feito “pelos índios velhos”, mostra Angelim. Nas pedras, a redondeza dos pilões utilizados por antepassados, e inscrições com círculos, retas, setas, espirais – os signos que deram nome à fazenda, incisos na pedra naquela tinta vermelha que nunca se apaga. A cruz de madeira foi o “dono” que mandou botar, ao lado do olho d'água e das letras estranhas, da última vez que veio, a placa anexa informa dia, mês e ano: 1º de novembro de 1910.

Por quase meio século pastoreando o rebanho indócil, com sua devoção toda própria, seus lamentos e açoites, tiros de bacamarte, sons de pífanos e ganzás, rodas, rezas, sonhos, visagens, vertigens, a dança guerreira do pastoril, os índios romeiros vestidos de caroá e, principalmente, diante de um enigma, que ele acabou por absorver, em todos os sentidos, monsenhor Murilo de Sá Barreto (1930-2005) se fez padrinho dos sertanejos. Diversas vezes vi sua performance na igreja matriz, na qual entronizou a imagem do Padre Cícero, em um gesto, talvez o mais significativo e evidente, de sua conversão pelos devotos (especialmente, ele me dirá na entrevista, após a chegada de irmã Annette, uma freira belga, nos anos 70). Padre Murilo, que é o título maior que o romeiro lhe deu, ajudou a educar a comunidade para respeitar e acolher os visitantes sertanejos, que irrigam, de todas as maneiras, a fertilidade do Juazeiro. Certa vez, era 2001, na romaria de Nossa Senhora das Candeias, que sai do adro da igreja de São Miguel, de tardezinha, e segue pela rua São Francisco, pela Conceição, com altares nas calçadas, imagens nas janelas, velas acesas por todo canto. Padre Murilo pede cuidado, “para a chama não se aproximar do vizinho”. Foi Padre Murilo quem passou a celebrar a Missa dos

<sup>637</sup> Um basta no mundo. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 13.

<sup>638</sup> Um basta no mundo. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 13.

Chapéus, antes da partida dos romeiros, ao meio dia do Dia de Finados, ele também com seu chapéu de palha, abanando em despedida, cantando junto o bendito “adeus, até para o ano, se nós vivos for”. Na cidade em que vivos e mortos interagem, o túmulo do Padre Murilo agora faz parte dos lugares de visita obrigatória nas romarias, e junto à lápide, a gente vê que o povo segue lhe pedindo conselhos. Eu vi.

Mas isto ainda será. Em 2004, fui ter com monsenhor Murilo em sua casa de porta e janela, na Rua Padre Cícero, na hora marcada no dia anterior, após a celebração, ele, paciente, alto, magro, escuro, olhos grandes, rodeado de fiéis, entre os quais, um juiz que veio de Salgueiro para se confessar, uma velhinha com imagem para ele benzer. Ao fim da rotina diária: cinco da manhã celebra a primeira das três missas na matriz de Nossa Senhora das Dores (tem mais uma às nove e outra às sete da noite e, entre elas, diversas atividades pastorais). Convites amiúde para festas de renovação<sup>639</sup>, casamentos, batizados e enterros. Estava em todas, em todas as fases da vida. Incansável em seu apostolado inspirado na consideração com a devoção popular, continuando os passos daquele que ele chama “o condutor das massas nordestinas, o suor nosso de cada dia”. Padre Cícero, “silenciado historicamente, eclesialmente, abafado pelas injunções políticas da época, explorado comercialmente”, está me dizendo monsenhor Murilo, entre goles de café com leite e os sons dos passarinhos no quintal. E, contudo, continua, o Padrinho “não declina da maior influência junto aos pobres e humildes neste chão nordestino”. Disse ainda:

Antes de olhar Cícero, me empolguei pelos seus seguidores. O Padre Cícero dormia e acordava com um sonho, dos muitos que ele teve, fundar uma comunidade marcada pela oração e pelo trabalho. Agora, entre a realização, a concretização, o fazer-se esse sonho, há corredores estreitos. O processo de reabilitação do Padre Cícero, minha filha, é antes um processo de conversão nossa. Somos nós que devemos mudar, nós que devemos nos converter.<sup>640</sup>

---

<sup>639</sup> Quando se constrói (ou aluga-se) a casa, ela é oferecida ao Sagrado Coração de Jesus, abençoada pelo padre e devidamente inaugurada com festa a que não faltam bandas cabaçais, bacamarteiros, dançadores, enfim. Todo ano, esta consagração do lar é reencenada na Festa de Renovação, muito comum no Cariri.

<sup>640</sup> O Padrinho do povo. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 15.

Padre Cícero era do Crato, Padre Murilo nasceu em Barbalha. No meio do caminho, tem Juazeiro. (A via interligante, que corre paralela à BR 116, é conhecida por Crajubar, acrônimo das três cidades).

Irmã Annette Dumoulin estudava as lideranças religiosas populares no doutorado em pedagogia da universidade de Louvain, quando veio a Recife, em 1973, fazer pesquisa de campo. Na casa ao lado de onde vivia, reparou no retrato de um padre desconhecido, venerado como santo. No ano seguinte, a convite desses vizinhos, veio passar as festas de São João em Juazeiro. E nunca mais voltou à Bélgica. Chegou para ficar, na companhia de outra freira, a psicóloga irmã Tereza, de São Paulo. Construíram essa casa acolhedora, lar de crianças sem família – e há muitas, antes abandonadas, em meio a um jardim florido, povoado de pássaros em liberdade, o que é e não é uma metáfora.

Eu me apaixonei e quando a gente se apaixona, minha querida, nada é difícil. A universidade podia muito bem passar sem mim. Recebi tanto do romeiro que só posso agradecer. Fui muito mais evangelizada por eles do que evangelizei. Padre Cícero é um santo que comeu nosso feijão, que nos ajudou a achar emprego, felicidade. E é impossível não se sentir tocado por esta fé tão profunda.<sup>641</sup>

Ilustrando a capa do caderno temático, a reprodução de um óleo sobre tela do artista plástico Luís Karimai, neto de japoneses nascido em Lavínia, São Paulo, e radicado no Juazeiro desde o final dos anos 70, onde se casou, teve seis filhos e veio a falecer (em 2010). Karimai, autor do desenho de Patativa do Assaré, para o disco de poemas “A terra é naturá”, retratou Padre Cícero abençoando o povo, que sai do seu coração e toma conta do quadro, sob um céu laranja e o revoa de aves. “O que me conduziu pra cá foi a vida. Se eu não tivesse morado no interior de São Paulo, não tinha vindo. Os interiores se encontraram. O sertão é belo demais, não é só a geografia mas a humanidade”. Karimai residia na periferia de Juazeiro, no bairro Tiradentes, ao lado de uma casinha branca, de porta e janela azul. “Estes meus vizinhos, por exemplo, vivem da migalha do povo alheio, mas eles não tem nada de

<sup>641</sup> No calor da fogueira. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 19.

coitadinhos. Esta dor não é nada, é pra sustentar a fé, a estrada árida força eles a voarem”.<sup>642</sup>

O José Aves de Jesus que lidera a irmandade desde o ano 2000 é o vizinho de Luís Karimai. Ele me disse àquele dia: “Meu Padrinho Cilço é o Verbo Encarnado”. E contou a versão da sua origem celestial. “Meu Padrinho Cilço, ele não nasceu de homem na terra, ele veio do céu, quem trouxe foi a minha Mãe das Dores para o Crato e entregou na casa de Joaquim Romão e mãe Quinô”. Que dona Quinô estava de resguardo, e apareceu do nada uma Senhora, levou o seu filho e lhe deixou esse menino louro de olhos azuis. O Cristo dos cromos retornado. “Estou aqui para morrer por meu Padrinho Cilço, tá ouvindo? Ele é a luz que brilha no oriente, mas não é o Oriente Médio não, é o oriente das nossas cabeças”<sup>643</sup>. Na mesma rua em que morava Padre Murilo, é a casa da artista plástica Assunção Gonçalves, trineta do brigadeiro Leandro Bezerra, senhor da fazenda com a capela e as três árvores do começo de Juazeiro. A conversa foi na sala, entre paredes que mostram a cidade em outros tempos, nas telas de tinta e lembranças de Assunção, feito esta, a inauguração da estrada de ferro em 1926. “Eu tinha dez anos. Ele (o Padre Cícero) olhando assim, tava tudo verde, o mato verde, a gente esperando o trem que vinha de Fortaleza, ele disse: Juazeiro vai ser uma cidade importante”.<sup>644</sup>

Na várzea do riacho Salgadinho, que corre intermitente no sopé do morro do Catolé, nas terras da fazenda Tabuleiro Grande, havia a capela, três pés de juá e casinhas de taipa, dispersas. Na véspera do natal de 1871, um padre recém formado no Seminário da Prainha e ainda sem paróquia aceitou convite para ali celebrar a Missa do Galo. No começo do ano seguinte, mudou-se do Crato para o vilarejo nascente, trazendo consigo a mãe viúva, as irmãs Angélica e Maria, e a liberta negra Tereza. O padre novo era rígido, acabando samba e bebedeira na base da bengalada. Mas foi se firmando, e a vila também. “Quem pecou, não peque mais”, aconselhava acolhendo, ainda no tempo do rei. Na Semana Santa de 1889, a hóstia sangrou pela primeira vez nos lábios de Maria do Espírito Santo de Araújo, fato que se repetiu por 92 vezes, durante dois anos, diante de outros párocos, cientistas convidados e ilibadas testemunhas, provocando as primeiras ondas de romeiros – a maioria, oriundos do Crato. E o horror de D. Joaquim.

<sup>642</sup> Com o povo no coração. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 18.

<sup>643</sup> A origem celestial. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 18.

<sup>644</sup> De dentro da casa. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 19.



O bispo do Ceará considerou embuste o fenômeno da transformação sanguínea da partícula, enquadrando os envolvidos em carta pastoral, que acabou provocando a intervenção do Vaticano. Em 1897, enquanto o Conselheiro sustentava sua guerra, o Padre Cícero se exilava em Salgueiro. No ano seguinte ele viajou a Roma. Reverteu a excomunhão, mas não a sentença que o proibiu de officiar. O Padre Cícero poderia ter criado outra igreja, sido o profeta de um novo cisma, mas obedeceu. E resistiu. (A tática maleável dos oprimidos, mulheres, etnias não brancas, periféricos em geral). Em 1931, ainda no calor dos eventos do ano anterior, Padre Cícero concede entrevista ao jornalista (e depois deputado) Paulo Sarazate, que descreve Juazeiro como “villarejo inculto e retardado, a nova Canudos dos sertões nordestinos”, em que reina, insiste, um “estado criminoso de retardamento mental”. A famosa beata Mocinha, governanta da casa e zeladora do Padre, com seu “cabello cortado à la home, e as vestes negras”, a escutar por trás das portas. Uma contemporânea da beata Maria de Araújo confirma ao repórter o milagre da hóstia: “Vi esse facto com estes olhos que a terra há de comer”. Padre Cícero, 87 anos, chega “forte, andando ligeiro e falando apressado”. E diz: “Sou catholico, apostólico, romano. Deus é quem governa o mundo”. Mas, a par deste discurso, não se furta ao pragmatismo de um posicionamento de fato. Dá opinião sobre a Revolução de 30 e os novos dirigentes: “Que a nação os faça, os eleja zeladores e defensores da Pátria e do povo e não senhores de uma senzala. O que eu quero é que os maus se convertam e vivam. Cada indivíduo seja bom e perfeito – e progrida”. Perguntado sobre a conjuntura internacional, Padre Cícero sintetizou em duas frases uma teoria do subdesenvolvimento: “Eles comem as bananas e nos atiram as cascas”.<sup>645</sup>

Trinta anos depois, a mesma velha “revolução caudilhista” ensaiava a volta do pesadelo ao Brasil, e logo tomará liberdades por todo o continente sul americano, instaurando a repressão vinda de dentro da cúpula dos quartéis. É quando vem viver no sertão do Ceará um doutorando dos Estados Unidos, para estudar o Padre Cícero, sobre o qual tivera notícia em um livro de Antonio Callado, *Os industriais da seca e os galileus de Pernambuco*, publicado em 1960, no qual o jornalista se refere ao líder das Ligas Camponesas, Francisco Julião, no pau de arara (o clássico caminhão dos romeiros nordestinos, não o dispositivo elétrico de tortura muito em voga nos departamentos

<sup>645</sup> A última entrevista. **Jornal O Povo**, Especial Padre Cícero, 20 jul. 2004, p. 4.

policiais por essa mesma época), carregando uma imagem do santo de Juazeiro. Fazia muito tempo que o professor Ralph Della Cava não andava por aqui, veio participar do III Simpósio, em 2004. No hotel, final de um dia de muito trabalho, entrevistei o autor de *Milagre em Joazeiro*. Pequeno e magro, óculos, cabelo e bigode à Trotsky, gravata de flores miudinhas e camisa no tom azul dos Aves de Jesus, entendendo e falando bem o português brasileiro, após tantos anos. Veio com sua mulher, a iugoslava Olga, com quem fez esta mesma viagem no fim do ano de 1963, trazendo o filho de 13 meses e ela grávida de Mirka, nascida em Fortaleza. “Eu testemunhei o golpe do dia 31 de março, eu vi a UNE conflagrada e queimarem o prédio. Tudo isso testemunhei”.<sup>646</sup>

De volta a Flórida, em 1970, ele estava revisando os originais para impressão do livro quando recebe a visita de uns pastores brasileiros, ligados à “grande central única do protestantismo americano”, como diz, com humor, que lhe traziam textos e documentos comprovando a tortura de presos políticos no país, com o conhecimento e beneplácito do embaixador norte americano, denunciado em artigo por Della Cava, que também traduziu esses escritos, publicados, ele relembra, “numa espécie de caderno com o título ‘Tortura no Brasil’. Na capa de trás tinha um abaixo assinado, a Susan Sontag assinou, a senhora Luther King também”<sup>647</sup>. Professor emérito da Universidade de Nova York e pesquisador sênior do Instituto de Estudos Latino Americanos da Universidade Columbia, na Flórida, o cientista político Ralph Della Cava doou em 2005 à biblioteca do instituto seu acervo sertanejo, adquirido na temporada em Juazeiro: livros, jornais, folhetos, xilogravuras, arte cerâmica e imaginária, microfilmes de documentos, entrevistas gravadas e transcritas, um conjunto de fotografias. “Por um século, Padre Cícero e seus seguidores tem frequentemente sido tangidos com a escova do fanatismo e da insurreição. Padre Cícero oferece aos recém chegados o que o poder do mundo não faria: trabalho com dignidade, conselhos sábios e a esperança de uma vida melhor, aqui e depois daqui”. E dá o mote, a partir do qual, sem estar ciente ainda, eu começava a modelar o objeto deste trabalho: “Juazeiro é a janela, o prisma sobre a verdadeira história da república do Brasil e sobre os fluxos do capitalismo moderno”.<sup>648</sup>

<sup>646</sup> O amigo americano. **Jornal O Povo**, Páginas Azuis, 30 ago. 2004, p. 4.

<sup>647</sup> O amigo americano. **Jornal O Povo**, Páginas Azuis, 30 ago. 2004, p. 5.

<sup>648</sup> O amigo americano. **Jornal O Povo**, Páginas Azuis, 30 ago. 2004, p. 5.

E a beata que inventou o Padre Cícero? A trajetória obscura dessa mulher, submetida a interrogatórios e análises clínicas, diagnosticada como tuberculosa e maluca, enclausurada em um convento no Crato, para que dela ninguém mais soubesse e o povo esquecesse sua memória. Morta em 1914, no ano da guerra, sua lenda continuou a incomodar. Porque em sua boca a hóstia consagrada se transformava no precioso sangue de Jesus (quando recebia a comunhão do Padre e de ninguém mais), serviu de motivo a três eventos que se realizaram no final de 1999. Juazeiro desdobrava seu rosto místico. Quero dizer, das muitas cidades, no sentido de lugares habitáveis, e neste sentido, o assento da utopia, que Juazeiro é, um deles: na justaposição em que se mostra a prometida Jerusalém do fim dos tempos, com seu Horto, seu rio Jordão. A psicóloga Maria do Carmo Pagan Forti, depois de vindas e idas para escrever *Maria do Juazeiro – a beata do milagre*, livro que frutificou da dissertação defendida na PUC de São Paulo, de onde acabava de se mudar. Em Juazeiro, alugou casa, abriu consultório e dá aulas em uma das faculdades particulares da cidade. Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo foi, escreveu Pagan Forti, “uma costureira que, de forma simbólica, costura a sua história e a de seu povo. Recupera para esse povo a roupa que lhe é própria enquanto a Igreja os queria submeter a uma camisa de força”.<sup>649</sup>

Hoje é o último dia de outubro. O livro será lançado aproveitando a proximidade da romaria de Finados, assim como a estréia da peça “A serva”, de Emanuel Nogueira, autor e diretor nascido e criado em Juazeiro, que inaugura com esta montagem o Teatro Marquise Branca (nome de famosa e ousada bailarina dos anos 40), ocupando o requalificado matadouro público que era administrado pela beata Mocinha. No telão esticado no largo da praça da Matriz, vai ter cinema quando acabar a missa, anuncia Padre Murilo, que faz aniversário. “Milagre em Juazeiro”, de Wolney Oliveira, com a atriz e cantora Marta Aurélia no papel da beata e José Dumont encarnando o Padre Cícero, equilibra documentário e ficção.

Outra narrativa foi capturada nas imagens do fotógrafo Cláudio Lima, meu parceiro de sertões, para a primeira página do caderno cultural do jornal: só se enxerga o rosto de Maria do Chapéu, romeira de Santa Imaculada Conceição, Paraíba. Descrevi: “Vem toda coberta de panos, aonde a saia não alcança, meias, a blusa de mangas compridas, tênis maiores que os pés”. Ficou muito tempo cochichando na orelha da

<sup>649</sup> A beata que inventou o Padre Cícero. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 21 ago. 1999, p. 4.

estátua em tamanho natural do Padre Cícero, postado na saída do recém inaugurado Memorial do Horto, na casa que ele mandou fazer no morro do Catolé, em 1907, aonde sonhou construir uma igreja dedicada ao Coração de Jesus, para a qual deixou pronta esta maquete, com 24 pináculos, base em cruz, detalhes em verde folha, um quê mourisco nas portas ogivais abertas aos quatro ventos. Os salesianos, responsáveis pela obra, decidiram construir outra, em forma de caracol, ainda não concluída. No Memorial, as pessoas se abismam com a cena viva. Na sala de jantar, sentados à mesa, confabulam o Padre, o deputado Floro Bartolomeu, uma ou duas figuras da época, e em pé, cuidando de tudo, a atenta beata Mocinha. Quem visitou o Horto pela manhã e agora está na praça, esperando a hora do filme, é Zé de Né do Pau de Arara, de Garanhuns, Pernambuco, que levou muito nordestino para São Paulo e trouxe outro tanto para rezar aqui. “Passei pela morte, por esse Brasil afora. E nos momentos difíceis chamei Meu Padrinho”<sup>650</sup>, diz. Silêncio, mil olhos na tela. O largo dos Romeiros envolto no escuro reluz a resistência dos vencidos invencíveis, personagens reencarnados e o distinto público equilibrando-se nos fios de uma mesma trama. O milagre seguia acontecendo.

Juazeiro na romaria de Finados de 1997. Engarrafamento de gente, a praça da igreja do Socorro é um mar de chapéus que deságua no interior do templo. Na feira que acompanha a devoção, o cego José Idelfino, de Afogados de Ingazeiras, Pernambuco, vende a pomada milagrosa do Padre Cícero, que anuncia entre as cantigas de sua autoria gravadas em fita cassete. A mulher dele, gorda e sarará, toma conta do dinheiro. Na rua São Pedro, o menino acompanhando a mãe, olhos muito abertos ao mini Homem Aranha de plástico escalando a parede, vindo esse menino das brenhas das Alagoas, a primeira vez imerso na multidão. Aquela senhora vestida de noiva, pagando promessa. Ciganas baianas coloridas e matreiras fisingando com seus decotes e dentes de ouro dinheiro aos incautos. Juazeiro, fala para todo mundo ouvir o romeiro de Areias, Paraíba, é “a nova Jerusalém, salvação da humanidade, confusão de Satanás”<sup>651</sup>. A romaria e a feira combinam em um mesmo espaço e ao mesmo tempo o fluxo concreto e simbólico das interações culturais. A feira, no entorno da igreja do Socorro, no Dia de Finados, era domingo. Mendigos, beatos, santeiros, vendedores de

---

<sup>650</sup> Romaria. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 06 nov. 1999, p. 4.

<sup>651</sup> Feira e romaria. **Jornal O Povo**, V&A, 15 nov. 1997, p. 1.

mezinhas, fitinhas, terços e benditos. O desfile dos caminhões pau de arara, depois da missa.

Meio dia em ponto. Do Horto, na mesma direção do olhar da estátua, Juazeiro arde em ondas de calor, e em redor dos prédios que começavam a verticalizar a paisagem vejo a cinza das coivaras. A menina requer atenção, Cicinha, nove anos, cantando benditos apressados por um trocado: “Padrinho dixeu que no tempo passado/ vai se vendo, vai se vendo, vai se ver/ já chegou o final do fim da era/ está no tempo do povo se arrepender”<sup>652</sup>. Estavam acontecendo as filmagens de “Milagre em Juazeiro”, no cenário vivo da cidade. Wolney Oliveira capta imagens dos Aves de Jesus, esquecidos da quentura, parados no meio da calçada da igreja, ouvindo as palavras do homenzinho corcunda, a sua voz de profeta. Nas portas das lojas e magazines da rua São Pedro, Santa Luzia, Conceição e adjacências, um pote encimado por canecas bem areadas. Aqui, não se nega um copo d’água nem um Deus te abençoe. De onde vem o romeiro. A maioria, de Alagoas, seguido por Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia, Sergipe e Piauí. Os pankararus da aldeia do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, se arrancham na casa de Madrinha Dodô. Quando é à meia noite, os vultos negros dos homens de véu e os brancos vestidos das “incelencas”, as penitentes que cantam nêias enquanto eles se disciplinam, seguem em fila no rumo do cemitério.

Padre Ibiapina deu o formato atual da penitência flagelante de Joaquim Mulato, que se dizia seu herdeiro espiritual e da cruz que carregava, mas o martírio vem de escola muito mais avoenga. Meninos órfãos de Lisboa e curumins cantavam em língua tupi tradicionais hinos sacros e árias nativas originais, para ilustrar a leitura de trechos da Bíblia e aliviar os que se açoitavam como prova de fé, informa aos seus irmãos da Companhia de Jesus em Coimbra o jesuíta e mestre de obras Antônio Pires, em carta datada de dois de agosto de 1551, da vila de Piratininga: “Em nossa casa, disciplinam-se todas as sextas-feiras e alguns dos recém-convertidos vêm disciplinar-se com grandes festejos [...] Esses hão de ser um grande fundamento para todos os outros se converterem e já começam a ir pelas aldeias com os padres, pregando a fé e desenganando os seus dos maus costumes”<sup>653</sup>. Em nota, a organizadora das cartas detalha o que seja esta forma de penitência: “As

<sup>652</sup> Feira e romaria. **Jornal O Povo**, V&A, 15 nov. 1997, p. 1.

<sup>653</sup> HUE, Sheila Moura (trad., intr. e notas). **Primeiras Cartas do Brasil: 1551-1555**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 47.

disciplinas (autoflagelo cristão) foram adotadas pelos jesuítas desde o primeiro ano de sua chegada”, em 1549, na comitiva de Tomé de Sousa, primeiro governador geral. Primeiro, disciplinavam-se dentro das igrejas; depois no espaço público, nos dias de procissão. Por fim, em horas mortas nos cemitérios. Havia as “secas” e as “de sangue” (como observou Freire Alemão, em sua viagem de Fortaleza ao Crato, em 1859). O padre Manoel da Nóbrega estabeleceu que as disciplinas fossem oferecidas “pelos que estão em pecado mortal, pela conversão deste gentio e pelas almas do purgatório”<sup>654</sup>. A pena do caboclo Joaquim Mulato era das almas, apenas.

A “Revista” do Instituto Histórico publicou, no ano de 1842, uma memória da celebração da “Paixão de Jesus Christo entre os guarany (episodio de um diário das campanhas do Sul)”, encenada no outono de 1818 no acampamento de Alegrete pelos índios da coluna do general José de Abreu. Soprava o minuano, do oeste. Os soldados se flagelavam na “quarta-feira de trevas”, deixando “o chão ensopado de sangue”. Traziam em andor imagens confeccionadas por eles, “com supportavel execução”. Santo Antônio tinha “o fusco carão de um indio quinquagenario, com todas as suas feições e gestos agrestes, e o cabelo hirtó”. Levavam uma cruz alta de taquaruçu na procissão, as meninas “vestidas de tunicas de panno branco, com os cabellos soltos, e coroas de espinhos sobre suas cabeças”. Acompanhavam-nos tamboreiros, tocadores de pifaro, “tangedores de viola e rabeça”, no “mais desentoado alarido”<sup>655</sup>. Eram sobrevivências das missões jesuíticas com festas cíclicas espirituais nativas, embutidas nos autos “em que os índios tomavam parte com visível prazer e satisfação”<sup>656</sup>.

Durante o mês de agosto de 2002, o Museu de Arte da UFC expôs o conjunto de xilogravuras “Caldeirão”<sup>657</sup>, do gravador Stênio Diniz. O artista, nascido em Juazeiro do Norte em 1953, é neto do editor José Bernardo da Silva. Na tipografia do avô, ele aprendeu o abecê da arte com dois mestres que trabalhavam na composição gráfica e entalhando matrizes: Noza (Inocência da Costa Nick, 1897-1984), santeiro do Padre Cícero, e o relojoeiro e abridor de cofres Walderêdo

<sup>654</sup> HUE, 2006. Os trechos estão em nota à página 46.

<sup>655</sup> REVISTA TRIMENSAL DE HISTORIA [...], 1842, p. 331 - 348.

<sup>656</sup> ARARIPE, Tristão de Alencar. **História da Província do Ceará**: dos tempos primitivos até 1850. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002. (Col. Clássicos Cearenses, 5), p. 79.

<sup>657</sup> A exposição de Stênio Diniz pode ser vista na página virtual do Museu de Arte da UFC-MAUC. Disponível em: <<http://www.mauc.ufc.br/cgi-bin/expo/gravadores/stenio11.cgi>>. Acesso em: 4 ago. 2010.

Gonçalves (1920-2005), hábil escultor de dragões, princesas e efigies de Lampião e de Carlos Magno em tacos de umburana. A série “Caldeirão” foi editada em cartão postal, sem data, embalada em envelope de papel pardo, à venda no Centro de Cultura Popular Mestre Noza, em tiragem inicial de 70 exemplares. As pranchas narram a vida na comunidade, o esforço em mutirão, a limpa, o plantio e a colheita; os cuidados com o Boi Mansinho, doado ao Padrinho por Delmiro Gouveia; a construção da barragem; o ataque da polícia, o incêndio, o bombardeio na floresta; a fuga do beato, negro alto, representado com sua batina de penitente, rosário no pescoço, o gorro idêntico ao gorro dos brincantes de São Gonçalo. A natureza, no corte de Diniz, é personagem, move-se agigantada e poderosa: par do trabalhador sertanejo, operando o milagre de mudar a pedra em alimento.

Pertenceu o sítio ao Padre Cícero, e se chamava assim por causa da formação rochosa natural que serve de base aos dois reservatórios que ainda existem, construídos na seca de 1932. O Padre foi quem incumbiu de tomar conta de lá o penitente alagoano José Lourenço, que se instalou com o grupo que já vivia em redor de suas preces e conselhos. O beato e a comunidade, durante dez anos, transformaram o deserto pedregoso em um pomar e um jardim, com roças de mandioca, de milho e feijão, a vazante de capim, tarefas de algodão e cana de açúcar. Tinham três cavalos arreados, 181 cabeças de boi, 200 cabras e ovelhas. Criavam cinco pavões, duas araras, quatro emas, 26 papagaios (os bens – o que sobrou do arrasamento e da expulsão, como os moradores se negaram a levar, pois tudo a todos pertencia, foram arrolados pela polícia e leiloados). Quem não trabalhasse a terra, achava que fazer nas oficinas de ferreiro, de carpinteiro, de flandres. Na seca de 1932, ninguém passou fome, ao contrário, acudiram com o excedente os flagelados do campo de concentração do Crato. Eram oito mil pessoas, 47 casas de alvenaria, um engenho de farinha, e só restou intacta a capela dedicada a Santo Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, que ainda é visitada pelos devotos. No topo da colina, assentada na pedra, dando conta do mundo, a casa do beato, da qual restam as fundações. O Caldeirão durou dez anos, como predissera, diz a lenda corrente, o Padre Cícero. Pois foi, de 1926 a 1936. O paraíso.

No dia da morte do beato José Lourenço, 12 de fevereiro, os que se lembram dele vem lhe prestar homenagem. Estamos em 2001, no Crato, passando a ponte do Lameiro (que cairá na chuva grande do início de 2011), vamos até a rua de calçamento, essa casa branca, de

muro alto, e atrás do muro, jardim de rosas, bromélias, samambaias. Residência do ex-caminhoneiro José Tavares de Lira, uma perna a menos em acidente na Rio-Bahia, o zelador do túmulo do beato, no qual só se entra descalço, é o costume. Lira é filho de Eleutério e neto de Severino Tavares, braço direito de José Lourenço.

Meu pai, Eleutério Tavares de Lira, foi criado no Caldeirão. Meu avô Severino Tavares veio da Paraíba, trouxe uma tropa de burros e foi para o Juazeiro, na época que começou a estrada de ferro, e o Padre engajou ele nos trabalhos de carregar. Depois, ele foi mandado para a companhia do beato. Lá não tinha violência, ladrão, político. Tudo que era arrecadado dentro do Caldeirão, era repartido com todos, todos tinham o de comer. Todos eles tinham direito de falar.

O fim do Caldeirão, conta José de Lira, “foi um negócio muito triste, derramou muito sangue, pessoas que viviam lá foram massacradas sem nenhuma razão. A Igreja foi um dos pivôs, principalmente aqui no Crato, e a polícia, que tomaram partido contra um cidadão que trabalhava para o povo. Meu pai sobreviveu a isso aí, meu pai e outros. Foi em 1936, eu tinha quatro, cinco meses de nascido. Eu falo alguma coisa, mas não gosto. Tem muitas coisas, moça, que doem”. O tropeiro e pregador Severino Tavares morreu, resistindo, na serra do Araripe, durante a perseguição aos sobreviventes da Irmandade da Santa Cruz do Deserto. Quem valeu a família de Eleutério e Alexandrina foi o padrinho de batismo do menino, o editor José Bernardo da Silva, que arranhou uma casa para os compadres na rua São Francisco. O filho de José Tavares de Lira, Sandro Leonel, que é professor e pesquisador da história do Caldeirão, ressalta os significados profundos da experiência comunitária que marcou a vida de sua família: “Até hoje, fala-se muito da destruição. E ninguém fala que aquela comunidade existiu e enquanto existiu, era como minha avó dizia: foi bom, foi bonito. E foi uma utopia, um sonho que enquanto durou foi maravilhoso”.<sup>658</sup>

Era uma roça de trabalho, oração e fartura. Na comunidade que não parava de crescer, esvaziando a mão de obra barata nos latifúndios da vizinhança, viviam aquelas famílias orientadas pela ação e a palavra

<sup>658</sup> Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 18 fev. 2001, p. 5.



de José Lourenço. “Os romeiros que vinham em visita ao túmulo do Padre Cícero, davam em seguida uma chegadoinha ao Caldeirão a fim de conhecê-lo e pedir-lhe conselhos”<sup>659</sup>. O beato escapou da morte e da cadeia, quando o sonho acabou, e sobrevivendo fundou outra comunidade num lugar entre Pernambuco e Paraíba, onde viveria dez anos em paz, até sua morte em 1946. Seus seguidores, entre os quais, Eleutério, trouxeram o corpo na rede, que se fazia transporte e ataúde nos enterros dos pobres, até a cidade santa, e está sepultado no cemitério da igreja do Socorro. O túmulo é uma capela azul e branca atrás da igreja, três cadeados protegendo o interior, decorado com fotografias do sítio, do beato Zé Lourenço, de Severino Tavares, de Eleutério e sua mulher Alexandrina. No altar, rosas brancas, vidros de perfume e a Santa Cruz do Deserto, relíquia da irmandade que o beato criou. Próximo dali, vela o encantado Padre Murilo. No monumento na base do cruzeiro, no adro do Socorro, os ossos do Patriarca. E na parede lateral da igreja, placa de metal marca o lugar de onde os despojos da beata inesquecida desapareceram, em 1930, em ato de violação cometido pelo pároco de Juazeiro, monsenhor Alves de Lima, do qual não resta memória, a não ser a denúncia registrada em cartório e seu nome execrado no cordel que relata essa história. A missão do Padre Cícero se abrevia a cada vez que é revivida a paixão de Maria de Araújo, a paixão de José Lourenço do Caldeirão. Mas quem sou eu para julgar.

#### **4.4 Uma rede, um pote, uma cuia, um cão**

A *Missão Abreviada*, o livro, foi um dispositivo de resposta da Igreja católica em Portugal ao avanço protestante no contexto da empreitada colonialista industrial e urbana alavancada pelos britânicos. O título trata-se de bula autoexplicativa: “Missão Abreviada para despertar os descuidados, converter os peccadores e sustentar o fructo das missões. É destinado este livro para fazer oração, e instruções ao povo, particularmente povo d’aldeia. Obra utilissima para os parochos, para os capellães, para qualquer sacerdote que deseja salvar almas, e finalmente para qualquer pessoa que faz oração publica. Pelo Pe. Manoel José Gonçalves Couto”. A cópia que possuo é da “sexta edição melhorada”, acompanhada de um “Adittamento”, obra impressa pela “Typographia de Sebastião José Pereira, editor”, na rua da Almada,

---

<sup>659</sup> QUEIROZ, 1976, p. 284.

número 611, cidade do Porto, ano de 1868. Entre a “auctorisação de S. Ex.<sup>a</sup> o Snr. Bispo d’esta Diocese” e as informações editoriais insere-se a gravura de Cristo sentado na pedra (ou dominando o globo), o braço esquerdo segurando a cruz, a mão direita levantada, o dedo indicador em riste; na contracapa, emoldurado por filetes gráficos, o cenário detalhado riscado na madeira encena o episódio de Jesus às portas de Jerusalém, no Domingo de Ramos.

E do que trata este livro? É um manual didático para o que se pensava ser a boa convivência cristã, era um eficiente instrumento de catequese e de controle moral e psicológico das comunidades, através da leitura cotidiana de textos muito plásticos que explicam passagens bíblicas, conectadas à proximidade terrena da vida dos santos, fazendo uma exegese contemporânea dos evangelhos, o que assegurou o lastro durável do que foi apropriado pelos missionários do sertão, até os tempos recentes de um frei Damião de Bozzano. Oferece, em 720 páginas, orações para todos os momentos, preces para pedir, agradecer, para fazer atos de caridade; ladainhas, novenas, encomendação das almas e o passo a passo da missa. As “meditações” (sermonário), em geral, se iniciam com o imperativo provocante, embutindo ameaças: “Considera, peccador”. O pecado ocupa um lugar central neste texto. É seu motivo, o seu alento. O pecado, o mundo, a carne. Carne, mundo e diabo, a condenação das almas, no discurso do penitente caolho trajado de azul, do Juazeiro.

Exemplo da sétima Meditação: “Considera, christão, que brevemente has de morrer [...] a sentença já se proferiu [...] o teu corpo ha de converter-se em terra, de que foi formado [...] Todos acabam com brevidade”<sup>660</sup>. E a pobre criatura, se não sair dos braços do pecado, irá parar no colo do demônio e nas chamas infernais. A 11ª Meditação, “Sobre o Juizo Final”, é a matriz escrita que plasmou os pregadores messiânicos da caatinga, o discurso dos monges dos pinheirais e da erva mate: “Considera, peccador, que este mundo brevemente ha de acabar. Todo este mundo ha de ser abrazado com espantosos redemoinhos de fogo, e será reduzido a um montão de cinzas com todos os seus viventes! Ó mundo infeliz!”<sup>661</sup>. Padre Couto vulgariza o inferno de Dante, e cria os vitrais de sua catedral de palavras descrevendo imagens

---

<sup>660</sup> COUTO, Pe. Manoel José Gonçalves. **Missão abreviada para despertar os descuidados, converter os peccadores e sustentar o fructo das missões...** 6. ed. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1868. (com “Additamento”), p. 49.

<sup>661</sup> COUTO, 1968, p. 73.

tiradas do poema que ficarão gravadas na alma de umburana do cristão pecador, replicáveis às próximas gerações.

Viver a presença de Deus só se consegue através do padecimento do corpo, é o que doutrina em linhas e entrelinhas o padre Couto. O corpo sofredor, desprezível sacrário do espírito. O açoite, lembra o pregador, era reservado apenas aos escravos, no mundo antigo, e Cristo vem e toma o lugar do escravo. E convence o ouvinte piedoso à Sua imitação, para a glória eterna, amém. O único gozo possível, a excelência infinita do divino amor. O manual fornece interpretações dos Evangelhos: as parábolas públicas de Jesus, uma a uma debulhadas. Ensina os sinais que antecedem o Dia do Juízo, pois a sombra do tempo bíblico se projeta no futuro, esse dos tempos que correm. E seguem-se: “Instruções sobre assumptos da maior importancia”, o pecado mal confessado, a comunhão sacrílega. Martelo moderno dos hereges, padre Couto abomina mezinheiros e benzedores, “corpos abertos”, feitiços, que o vero cristão deve rejeitar. Argumenta sobre o perigo das promessas não cumpridas, e de que não se deve fazê-las para outros pagarem. Boa romaria faz quem na sua casa fica em paz, o anexim ajustado ao seu pensamento desconfiado da alegria: “Gente nova para as romarias, sem algum dos paes a acompanhar, que é isto? Que romarias se fazem no nosso tempo? Romarias com comedias profanas á noite, toques e bailes, comezainas e borracheiras”<sup>662</sup>. (Cada qual que pegue o necessário e precioso para si, desobrigado).

Quem sabe venha das ruínas deste livro o estilo de alguns relatos assombrosos que acompanhavam as “correntes” que chegavam pelo correio em missivas anônimas, e se acaso interrompidas, acarretariam graves desgostos e desgraças para quem a quebrasse (e vejo que elas persistem, circulando suas ameaças e promessas na esfera virtual), como se lê no “Caso horrendissimo sobre a impureza”, acontecido na Saxônia em 985. O arcebispo era amante da madre superiora. No julgamento espiritual, Cristo, agindo feito a Rainha de Copas, ordena aos anjos da espada, “cortem-lhe a cabeça!”<sup>663</sup>. O livro alerta contra a sedução do jogo, o perigo da murmuração, da tibieza. A Instrução número 41 é um sermão contra os protestantes, todos cismáticos e dissidentes. É a *Missão* responsável por incentivar a devoção à obediência de Maria e a buscar inspiração na história dos santos. O livro destaca alguns deles que, aliados do pecado, foram tocados pela graça. Santa Pelágia, bela

---

<sup>662</sup> COUTO, 1968, p. 443.

<sup>663</sup> COUTO, 1968, p. 491.

escandalosa convertida, assim como Santa Maria do Egito, ex-puta. Santo Agostinho, que é doutor da Igreja, teve um passado de grande pecador. Porém, ainda mais exemplares e mais dignos de imitação foram aqueles que, desde a infância, dedicaram-se ao espírito martirizando a carne. Santa Terezinha de Jesus, de jejuns tão prolongados. Ou Santa Rosa de Viterbo, que aos 10 para 11 anos de idade “fugia de todo o regalo, tomava rigorosas disciplinas até derramar sangue, e assim affligia seu innocente corpo”<sup>664</sup>. Também há espaço nesse rol para intercessores ainda populares, Santa Bárbara, Santo Inácio de Loyola, São Francisco de Assis, Santa Luzia, Santo Antônio. (Faz falta neste céu um São Sebastião, belo e nu, ferido de morte).

O segundo livro é um adendo com 264 páginas renumeradas, incluindo mais um punhado de vidas de santos, a Via Sacra abreviada e “práticas” que complementam as “meditações” e “instruções”. Os títulos das “práticas”, literalmente procedimentos que a comunidade deveria observar em certas ocasiões especiais, a exemplo do Natal, Dia de Reis, de Todos os Santos, dão verdadeiros motes, aqueles que propiciam ao repentista realizar a “oração”, isto é, obter o melhor desempenho possível no desenvolvimento do tema sugerido, na peleja do desafio à viola. Alguns títulos sequer precisam de ajuste silábico, a exemplo deste, “A maior parte da gente/ não tem fé na salvação”<sup>665</sup>, onde incluí a barra separando as duas linhas, de bem medidos sete pés, a serem glosadas (inseridas por cada poeta no final de sua estrofe, ou dispostas na posição do terceiro e do último verso da sextilha, a depender do gosto do cantador e por acordo da dupla).

É neste complemento à *Missão* que o autor trabalha mais detalhadamente os pecados, o enredo temático do discurso, com “práticas” contra a luxúria, a ira, a impaciência, a gula, a inveja, a preguiça e a má língua. E “práticas” a favor: do jejum, da esmola e da mortificação. Aqui também se aprendeu a oração ao Anjo da Guarda, quadrinha que muita gente sabe de cor, “Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador” etc. A hagiografia complementar contempla mais dois santos populares, São Pedro e São João Batista, e outros que ficaram pelo caminho, Gil de Coimbra, Taís de Alexandria. E traz uma orientação para os beatos fortalecerem a fé: “Não só, meus irmãos, temos contra nós o demônio e a carne, inimigos declarados da nossa alma e da devoção, mas também o mundo nos faz uma contínua guerra.

---

<sup>664</sup> COUTO, 1968, p. 602.

<sup>665</sup> COUTO, 1968, p. 17.

Ora, convém saber quem é esse inimigo mundo, e o motivo por que nos faz tanta guerra, e o modo como havemos de lhe resistir. Sabei pois que esse mundo que nos persegue é o mesmo que perseguiu Jesus Cristo, e o não quis reconhecer por Deus, apesar de ser reconhecido pelas mesmas pedras, as quais se partiram de sentimento na ocasião da sua morte”.<sup>666</sup>

Na cultura híbrida periférica, mística e mundana, o rosto solar, festivo, que celebra a vida e, portanto, dignifica o corpo: é o brincante emoldurado pela beleza na performance. E aquela face encoberta, olhos vazados por todas as dores do mundo, o corpo penitente não somente do sacrifício de antigos deuses feitos homem, mas pelo ardor da própria criatura, ex-voto incriado. É na segunda moldura que se encaixa o perfil da família Aves de Jesus (os homens portam o genérico José, as mulheres atendem todas por Maria). Fácil reconhecer as casas deles das demais, não pela simplicidade, comum aos subúrbios de ruas de areia ligando lares cobertos de telha, estrutura de tijolo ou de taipa delimitada por cercas de vara com casca de ovo na ponta, a sorte de um jardim, pedacinho de quintal. Mas porque dispensam qualquer outra cor, a não ser o branco nas paredes caiadas, o rodapé azul celeste, mesmo tom na porta e na janela. Sem atavio que seja, senão o altar na peça da frente. A mesa na sala coberta por toalha alva rendada, e sobre ela o céu de umburana que se dissemina pela parede fronteira. São Sebastião, Santo Antônio, São Francisco. Santa Luzia oferecendo seus olhos de bandeja. Meu São João do carneirinho. O Divino Espírito Santo em forma de pomba. E Padre Cícero, todo coberto de fitas, nenhuma delas vermelha, cor proibida nestas casas. Para os Aves de Jesus, o Padre Cícero é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, compondo com o Pai e o Filho. E já voltou ao mundo dos pecadores, certa vez. Feito mulher. É seu mistério.

Quem começou a “penitência pública peregrina” – o significado das três letras P pintadas de azul na bandeira que carregam os pedintes da Irmandade do Braço da Cruz de Jesus Cristo, mais conhecidos por Aves de Jesus – foi uma romeira alagoana, aqui chegada em ano incerto, de nome Ângela, a Mamãe Anja do Horto, que seus devotos acreditam ser a encarnação do Padrinho, ressuscitado em forma de mulher. Mamãe Anja era de Alagoas, o senhor também veio de lá, perguntei. E ele respondeu: “Eu vim de Deus, venho de Deus e estou mais Ele aqui”. Foi em 1998, a entrevista. Fazia alguns anos já da primeira vez que os ouvira, no final da tarde, vinha um murmúrio de preces e benditos por

---

<sup>666</sup> COUTO, 1968, p. 154.

trás de portas fechadas, pois o diabo se solta no mundo assim que a noite cai, e eles se recolhem. Porta afora das igrejas, o orador falava do fim do mundo e de como, antes do fim, em seu sinal, apareceria o rei, anônimo e peregrino, e me pareceu sentir a sombra de Dom Sebastião.

Sim, eu ouvi as pregações do beato de camisolão azul, cabelos grisalhos esvoaçantes, um olho baço, o outro muito vivo, a coluna desmoronada, a boca banguela. Escutei suas queixas contra os males do mundo, escutei os avisos do final dos tempos e a volta desse rei desencantado, antes do Dia do Juízo Final. Indago sobre a construção da igreja nova do Horto, diferente da que o Padre Cícero sonhara, e o beato desconstrói tanta preocupação material.

- Sobre esses assuntos não posso explicar, aí está com os homens de batina. Só falo aquilo que é direito, que meu Padrinho Ciço falou. Ele fez, mas não findou porque não foi possível findar uma igreja de tijolo e pedra e pau. A igreja vai ser feita é com a alma de nós que se salvar. Tudo que a senhora fizer em caridade, é um tijolim que está colocando no prédio da sua vinha, que é a alma. Todos nós temos a vinha e ela só é levantada com caridade, oração e penitência. Todo mundo tem sua penitência. Qualquer um trabalho é penitência. Nós não pode fazer penitência e plantar uma roça. Ou um ou outro.

Agradeço a entrevista.

- Obrigado, não. É bom, é beleza. Eu não sou obrigado a nada no mundo.<sup>667</sup>

Os Aves de Jesus não possuem sequer um cão. Rejeitam qualquer transporte motorizado ou mesmo bicicleta. Nem eletricidade, nem relógio, nem rádio, nem fogão a gás, nenhum adereço que não seja o rosário de contas brancas e azuis. Os seus nomes os indiferenciam. A roupa é a mesma para cada gênero, eles de calça e batina de mangas compridas desse azul de céu do sertão depois da chuva, as Marias de vestidos da mesma cor, até as canelas, pano à cabeça, os beatos de cabelos compridos. Se José Lourenço e seus discípulos trabalharam tanto e viram seu esforço derrotado, estes penitentes vivem da caridade alheia. O beato me falava:

---

<sup>667</sup> A igreja do fim do mundo. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 10 jul. 1998, p. 1.

Já viajamos, esbarremos porque era pra esbarrar a caminhada, dar luz aos cegos, entendimento a quem era louco, bêbado com as coisas do mundo. Não podemos tratar de vício, de festa, não podemos se alegrar. Nossa grandeza aqui é essa, estou com Deus, com Deus eu ando e com Deus eu fico. A palavra de Deus é um edifício, é remédio, é luz, é conforto. Penitência e oração é nossa alegria e nossa festa. Vocês vivem pelo tempo, governam-se pelo tempo e o tempo governa vosmicês. O Dia do Julgamento eu não vi, eu não sei, eu não li, ninguém me disse. Pode ser até hoje. O dia, nem Nossa Senhora sabe, mas escrito ficou pela boca do Filho: Adeus, até mil e tanto, a dois mil não chegará!.<sup>668</sup>

Um ano depois. O ar paralisado na calçada morna da igreja das Dores, na hora aberta do meio dia, envolve 13 criaturas de branco e azul, operários de uma Jerusalém apocalíptica, liderados por um corcovado de barba comprida, cabelos de Conselheiro, a recitar preces e vaticínios. O homem prega a caridade e anuncia o final dos tempos. Vive do que lhe dá a “Roça da Mãe das Dores”, São Saruê enigmático onde brotam atualizados pesadelos e frutificam sonhos milenares no mesmo galho. O beato e seus discípulos minguentes vão de igreja em igreja, na romaria de Finados de 1999, trajados com as cores do manto de Nossa Senhora. À frente, o pregador cego de um olho, o outro firme nas pessoas em torno da praça. Ele, bem como a platéia, traz no pescoço o rosário, passaporte do romeiro. Fala, e sua voz vem vindo de longe, transportando mensagens embaraçosas. Em fevereiro de 2000, chegou à redação a notícia de que o beato tinha morrido, e então compreendi a profecia. Quem era o rei anônimo, peregrino, pedinte e penitente. E o mundo se acabou.

Na cultura híbrida, seguindo o conceito da biologia reciclado por Canclini, as diferenças permanecem. E por causa dessa persistência das dessemelhanças articulam-se as conexões: o alto é o baixo dependendo da perspectiva. O deslocamento das raízes se regula pelo mesmo coração antigo. “O que há de mais antigo no homem é a maneira do homem, e é o que há de mais moderno: a mão que modifica as coisas”

---

<sup>668</sup> A igreja do fim do mundo. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 10 jul. 1998, p. 1.

<sup>669</sup>, me disse o escultor Francisco Brennand, aquela tarde, em seu jardim dos caminhos que se bifurcam. E o que me falou Marcos Terena, organizador dos VIII Jogos dos Povos Indígenas, que aconteceu no aterro da Praia de Iracema, em Fortaleza, no ano de 2005: “Nós continuamos com nossas línguas, nossas culturas. A gente faz parte da grande aldeia humana. Queremos passar isso pra sociedade. E é por isso que estamos aqui”.<sup>670</sup>

#### 4.5 A pedra de Canudos

Era o centenário da encantação do Belo Monte, assim nominada a vila pelo beato e a comunidade, ou Canudos, como se conhecia o lugarejo desde antes de ser um sítio arruinado, parte do latifúndio pertencente a Cícero Dantas, o Barão de Geremoabo, detentor de terras que abrangiam Monte Santo e encostavam na beira do São Francisco, o que em limites de hoje engloba área de quatro municípios mais um pedaço do Raso da Catarina. Além do livro euclidiano e tudo o que dele sucedeu, a saga sertaneja permaneceu renovada pela memória do contado e recontado de filhos a netos dos sobreviventes da guerra. Algumas daquelas pessoas voltaram ao mesmo lugar, no começo do século XX. E Canudos virou cidade. Entre 1966 e 1968, desapareceu pela segunda vez. Contudo, nem o encobrimento dos vestígios da epopeia, afogados no Cocorobó, o descaso público, o medo privado (no testemunho dos descendentes) foram capazes de apagar a história, teia rasurada, trama descontínua, tela vaga, palimpsesto por onde se insinua o tempo corrosivo, e o presente passageiro renova o gesto, a lenda, a fala, do vivido e do sonhado, que a letra do imaginário vem narrando em resistência.

Essa história, permanecendo na memória popular, contrariava a profecia de Euclides, negada por seu próprio testamento de urgência, que é *Os Sertões*, de que a tragédia do arraial seria esquecida. Partindo desta premissa, propus uma reportagem que desvendasse Antônio Vicente Mendes Maciel em trânsito por Quixeramobim, Assaré e Guaraciaba do Norte (no Ceará), mais Uauá, Euclides da Cunha (Cumbe), Monte Santo e Canudos, na Bahia, perfazendo sete percursos no seu rastro. No meio do caminho topei com a pedra da obra conselheirista, disposta em igrejas, cemitérios, na cidade submersa, e

<sup>669</sup> Entrevista com Francisco Brennand. **Jornal O Povo**, Páginas Azuis, 15 maio 2006, p. 5.

<sup>670</sup> Jogos Indígenas. **Jornal O Povo**, V&A, 25 nov. 2005, p. 4.



ainda mais durável: na lembrança da palavra. Das águas que dissolvem os ossos misturados de jagunços e soldados chega um clamor. Desde Canudos, venho indagando o que foi feito do trabalho comunitário regido por uma economia adequada ao meio, a par da coesão proporcionada pela dimensão cultural, para pensar o Contestado, Caldeirão e Juazeiro além da guerra. A vida escapando às instâncias adversas foi o que encontrei estrada afora, desde então, todo este tempo.

Começando pelo começo, fomos à cidade natal do Conselheiro, onde conheci a família Maciel. Em Assaré, no Cariri, ouvi do poeta Patativa o soneto que ele fez ao líder de Canudos, e tive informação dos irmãos Vila Nova. A etapa cearense terminou em Guaraciaba do Norte, na Serra Grande, o chapadão da Ibiapaba, de onde se ouviu a voz de Antônio Vieira. Lá, entrevistei o ferreiro Quinca Aprígio, que se dizia filho do filho de Antônio Vicente com Joana Imaginária. Sempre ao lado do fotógrafo Cláudio Lima, cruzamos Ceará e Pernambuco, o rio São Francisco, aí já estamos em Juazeiro da Bahia, de onde, cem anos antes, partiu um destacamento policial contra os seguidores do beato, talvez por uma estrada de piçarra tão ruim quanto aquela que nos levava encarnados de pó até Uauá, cenário do primeiro confronto. Monte Santo, onde em tempo de paz o Bom Jesus do Ceará e seus seguidores, em particular as mulheres, repararam os oratórios da Via Sacra erguida na pedra por ânimo do frade missionário italiano Apolônio de Toddi. Daí mais léguas tiranas até o antigo Cumbe, para encontrar Ioiô da Professora. Em Canudos, a cidade refeita nos anos 60 com a comunidade desalojada pela barragem no Vaza-Barris, fizemos contato com o grupo de jovens atuando na Associação de Estudos e Pesquisas Antônio Conselheiro, criada por eles, e ouvimos a memória ao vivo de João de Régis e Manuel Salu, filhos dos sobreviventes de 1897. O sertão se dilatava.

Quixeramobim, meu amor, que será de mim. Velha fazenda de criar do século XVIII, terras doadas ao santo de devoção daquele português pioneiro, e assim tantos meninos Antônio batizados. Situada no sertão central, aquém dos monólitos de Quixadá. O ano de 1997 foi de seca, e recordo carcaças mumificadas de bois nos descampados cinzentos sob o céu *blue jeans*. Carros pipa não davam conta de baldes e vasilhames amontoados em volta do chafariz, em cada vila e periferia de cidade (e em 2012 a cena se repete nas imagens dos telejornais). Na rua da Cruz, encontramos um sobrinho bisneto do beato, Marcílio Maciel, 61 anos à época. Solteirão alto e magro, cabeleira e bigodes de poeta

romântico, narrava com gestos largos o acontecido a Miguel Carlos, tio avô do Conselheiro, na guerra contra os Araújo e os Veras, articulando dois pretéritos que de todo não passaram: “Tudo está sob a vontade dos latifundiários, dos grandes proprietários que sustentam este coronelismo até hoje, não quererem que o pobre possua nada, e viva na miséria”<sup>671</sup>. A mãe de seu Marçílio, dona Maria José, casada com um primo, “Maciel com Maciel”, nascida “na quarta feira de trevas de 1907”, enxergava somente as sombras. Vultos. Sentada na rede, cantou, rezou, riu e falou do parente enumerando a diversidade de suas ações: “Ah, meu Antóim Conselheiro! Todo dia eu rezo pra ele. Era um homem preparado. Ele foi pedreiro, ele foi médico, foi advogado, professor, ele foi padre e foi poeta”<sup>672</sup>.

Os irmãos Antônio e Honório e suas primas Antônia e Jardelina saíram de Assaré para tentar a vida na Bahia, eram quase crianças. Em Vila Nova da Rainha cresceram, casaram – Antônio com Antônia e Honório com Jardelina, a Pimpona. E um dia foram parar na cidade do Conselheiro. Os casais conseguiram voltar a Assaré e por isso, e pelo fato de ali viver o poeta Patativa, era parada obrigatória em nosso caminho. Assaré, limpa e sem árvores. Em cada casa, um camburão para água comprada. Na casa da cidade, Patativa, então aos 88 anos, recebia gente dos quatro cantos do mundo em sua cadeira de balanço. “Os Vila Nova, Antônio e Honório, eu os conheci”, e notícias não soube dar. Logo a prosa cedeu a vez ao verso, “porque eu sou um poeta do povo, da justiça e da verdade. E sobre Antônio Conselheiro, vou recitar o poema que fiz, tanto está publicado quanto gravado em disco”. E começou: “Cada um na vida tem/ seu direito de julgar/ Como tenho eu também/ com razão quero falar/ nestes meus versos singelos/ mas de sentimentos belos/ sobre um grande brasileiro/ cearense, meu contrerrâneo/ líder sensato e espontâneo/ nosso Antônio Conselheiro”<sup>673</sup>.

(A última estrofe traz o sinete de Castro Alves, predileto de Patativa, também apreciador de Camões: “Quem andar pela Bahia/ chegando ao dito local/ onde aconteceu um dia/ o drama triste e fatal/ parece ouvir os gemidos/ entre os roucos estampidos/ e em benefício dos seus/ no momento derradeiro/ o nosso herói brasileiro/ pedindo justiça a Deus”<sup>674</sup>). Na procura vã por informações de Antônio e Honório,

<sup>671</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 2.

<sup>672</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 3.

<sup>673</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 4.

<sup>674</sup> PATATIVA DO ASSARÉ (Antônio Gonçalves da Silva). **Cordéis**. Fortaleza: Edições UFC, 1999. (Col. Nordestina, 9), p. 143.

resolvemos ir ao cemitério, o único lugar onde sabia encontrá-los. Logo na entrada tinha um pedreiro finalizando em mármore o “Jazigo dos falecidos da família Vila Nova”. Ele indicou a dona do cartório da cidade, que encomendara a obra, e assim chegamos aos descendentes dos irmãos de Assaré. Depois de décadas de medo e segredo daquele infortúnio, os Assunção acabaram substituindo o patronímico pelo apelido que os fugitivos trouxeram da Bahia. A dona do cartório é neta da neta de Antônio e Antônia, Natalícia Vila Nova de Alencar, 84. “Eu até me lembrava, mas agora tô esquecida, minha filha. Ele conta até mais melhor do que eu. Ele conta”, diz, indicando o marido, Saturnino do Prado, 88.

“O velho Honório morreu com 105 anos, o Antônio morreu um homem de 60 e poucos, morreu novo”. Saturnino confirma a participação de Antônio Vila Nova na defesa de Juazeiro: “Ele foi lá ensinar a cavar aqueles valados, aquelas trincheiras, sim, ele foi”. Mas, antes disso, houve a aventura dos quatro, quando se fechavam os caminhos, andando meses pelo sertão no auge do calor até um dia, era de tardezinha, voltarem ao Assaré. E antes disso ainda, o Conselheiro morreu. O diálogo reproduzido por Saturnino dá destaque à atitude decidida de Pimpona para o desfecho da história. Antônio foi até a casa do irmão e lhe disse: “Compadre Honório, nós tamos perdido. Aí a Pimpona foi, dixe assim: – E quê que vai fazer, compadre? – Há de morrer também ou matar, sei lá. Eu não saio daqui. E ela: – Sai demais, que conversa é essa? Rambora! Nós não é de morrer por gosto. Rambora pra onde tá a família”.<sup>675</sup>

“Meu avô foi Antônio Conselheiro”, afirmou Joaquim Aprígio Filho, segurando uma espingarda que estava a consertar, na sua oficina de ferreiro em Guaraciaba do Norte. Quem descobriu a pista do mestre Quinca foi um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual do Ceará. “Meu pai chamava-se Joaquim Aprígio e Silva, filho de Antônio Conselheiro e de Joana Batista de Lima, no tempo que ele era advogado no Ipu”. E, realmente, há provas documentais da atuação de Antônio Vicente Mendes Maciel como advogado leigo em comarcas da região norte. “Eu nasci no dia 28 de agosto de 1909. Pra mim, foi um sonho, parece que ainda não passei tanto janeiro”. Para minha surpresa, o neto relata uma variante do crime pelo qual Antônio Conselheiro foi acusado, preso e inocentado. “Segundo disse meu pai, ele matou com um punhal a mulher e uma filha que tinha. Aí teve pelos sertões de Santa Quitéria,

<sup>675</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 4.

foi perseguido, foi embora pra Bahia, para os Canudos. E aconteceu uma vez meu pai ir por lá, o povo todo ao lado dele, ele era metido a beato. E houve essa guerra”.<sup>676</sup>

Uauá, a “tapera obscura” nas palavras de Euclides da Cunha. A terra dos vagalumes, o significado do topônimo tapuia, é a terra do bode. Bandos de bodes criados soltos e comendo de tudo levantam poeira, garantindo o prato principal em todo restaurante dos arredores. Entrando em Uauá, Canudos nos recebe na praça Antônio Conselheiro. Tem a réplica da igreja, as casinhas de taipa, no alpendre os apetrechos do trabalho, enxadas, cangalhas, o bogó de couro de bode para levar água e munição. Dentro, panelas de barro no tripé de cozinhar, bancos de couro de bode, a rede (cama e sofá). Em cada casa, um oratório e uma oficina, conselhos que o Padre Cícero colheu. A cidade cenográfica foi para os festejos de São João, padroeiro da cidade. Na sombra da igreja fictícia, conversei com um padre sem batina e sem paróquia, o cearense Enoch Oliveira, participante das primeiras missas memoriais à beira do Cocorobó.

Discutir a religiosidade de Antônio Conselheiro é discutir o abismo que há entre a religião oficial e a experiência do camponês que seguiu o beato penitente. Esta religiosidade levava a uma transformação da realidade do sertão. É esta religiosidade que deu identidade ao povo. A prédica de Antônio Conselheiro é uma teologia de vivência e de fé.<sup>677</sup>

Em Canudos, a hospedagem foi no hotel de dona Pepeda, evangélica, cabelo preso em coque baixo, saia abaixo dos joelhos, casada com um viúvo muito mais velho, Manuel Salustiano dos Santos, o Manuel Salu, nascido em 15 de abril de 1908, descendente daquela família Macambira, engajada na luta do Conselheiro, um deles sacrificando-se na tentativa de destruir a “matadeira”, de acordo com *Os Sertões*. Sobre o Conselheiro, Manuel Salu falou, sem deixar de mão a bala de canhão que guarda de lembrança e trouxe para compor a foto: “Eu acho, no meu pouco pensar, que ele não fazia nada de ruim. O serviço dele era fazer igreja”<sup>678</sup>. Combinamos com o pessoal da

<sup>676</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 5.

<sup>677</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 6.

<sup>678</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 7.

Associação de Estudos e Pesquisas um guia para visitar onde ficavam as trincheiras do Exército, no alto da Favela. José Hélio Oliveira, o Índio, 17 anos, observa que há restos por toda parte. De carro, distante uma légua da cidade, o campo “Vale da Morte”, um dos sítios de pesquisa histórico-arqueológica da Universidade do Estado da Bahia, sinalizado por placas. O “solo hostil”, explica Índio, “é de talcoxisto em lâminas ferruginosas, sobre o qual cresce a babosa e a macambira”. Veio conosco, segurando a bala, Manuel Salu, para nos levar até seu amigo e parceiro João de Régis, a quem não visita há muito tempo, a casa dele situada em área do Parque Estadual de Canudos – no Alto do Mário ou das Umburanas. Casinha pequenina para dono tão alto, olhos azuis, chapéu de vaqueiro, cabelos brancos, aquele abraço demorado no compadre miudinho.

João de Régis nasceu aqui, nesta casa das Umburanas, em 12 de junho de 1907. “Tive duas tias e avó baleadas no tempo da guerra”, conta, e vai buscar aquele salvo conduto assinado pelo deputado Lélis Piedade, pedindo passagem livre às parentas dele e de Manuel Salu. As meninas salvas do Belo Monte. E sua descendência. “Meu avô e o finado meu pai tivero no Canudo mas nunca pegaro em arma. Já meus tios eram muito afoitos, por isso que morreram”<sup>679</sup>, conta João de Régis. E aponta, além, em outro mundo, a pedra do anel faiscando no tronco da mesma árvore que vemos da porta da cozinha, ali ao longe, sobressaindo da pequena elevação onde se assenta a casa, colina, se fosse no sul, coxilha; um alto, no dizer deste sertão – no dedo do corpo insepulto do coronel. “Uma coisa que eu sei é que Moreira César foi queimado de junto da minha casa, por causa de meu pai, meu avô e outras pessoas que me disseram. Quando ele foi baleado em Canudo, truveram numa padiola, que iam enterrar no Rosário. Então-se os jagunços vieram e tomaram ele aqui, na Umburana. Aí ele ficou, aquele cadáver seco”.<sup>680</sup>

Ao lugarejo que se chamou Cumbe, hoje Euclides da Cunha, distante 60 quilômetros do entroncamento Canudos-Bendegó, dois terços dos quais na piçarra. Caminhões carregados e máquinas pesadas rasgavam a ampliação da BR 116, que atravessamos entre nuvens de areia. Dia de feira na cidade, procura daqui e dali um senhor que atende por Ioiô da Professora. Estava em sua bodega, um menino lhe engraxava os sapatos. “Só falo com hora marcada”. E marcou às duas da tarde, na

<sup>679</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 7.

<sup>680</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 7.

“casa Moreira César, na praça da Matriz”. Ninguém a quem perguntamos soube indicar qual seria. Lá, o vulto de cabelos brancos em uma das cinco janelas da casa pintada de rosa, atarracada e comprida. Era João Siqueira Santos, o Ioiô. “Aqui acampou-se Moreira César, Tamarindo, Cunha Matos, Vilarim, Salomão da Rocha, todos esses e outros mais”, enumera. Nessa casa, construída em 1895 e a melhor que havia no lugar, Ioiô nasceu em 1909. “Repare que não tem nada recente, o calçamento é o mesmo, os mesmos tijolos, mesmas portas. E aí está ela”. E ele, narrando os instantes finais do Conselheiro, ferido por estilhaço de bomba, com febre e disenteria. “Até 19 de setembro ia muito bem, 20 já a coisa num tava muito boa, 21 tava arriado, no dia 22 morreu. Assim me disse o jagunço Balbino, assisti ele explicando. Estavam presentes Manoel Quadrado, Balbino, Justino, Manel Ciriaco. Beatinho vestiu ele, embrulhou bem embrulhadinho, só ficou de fora o rosto. Está sepultado no santuário, mas não era pra dizer nada quem soubesse, pra não chegar a conhecimento das forças, pra ficarem zozos procurando”.<sup>681</sup>

Na praça da matriz de Monte Santo está assentada, para deleite das crianças que a utilizam como escorregador, gangorra e qualquer brinquedo movido à imaginação: a famigerada “matadeira”, o canhão que apavorou os defensores de Canudos, e ao lado dele, em madeira colorida, um Conselheiro gigante de mamulengo. De manhã bem cedo, a penitência de subir as 25 capelinhas cortadas na rocha viva no final do século XVIII. Lagartixinhas no pedregal, riscadas de amarelo, vermelho e preto. E vai subindo conosco a família de Cansação, mulheres descalças segurando no colo seus meninos. A igreja da Santa Cruz traz na fachada o ano de 1786. No altar mor, outra data gravada, 1775. E do travejamento da sala de ex-votos pendem cabeças degoladas, corações, seios, pernas, mãos. Em redor, cartas, retratos, roupas, fitas, bonecas, réplicas de carros, casas, velas de toda cor.

Alguns meses antes dessa viagem. Em abril de 1997, o ator José Wilker esteve em Fortaleza, e falou sobre o filme “Canudos”, de Sérgio Rezende, no qual interpretou o Conselheiro. Diz que só leu *Os Sertões* quando jovem. “É muito chato, aquilo. Li quase por obrigação”. Para incorporar o personagem, valeu-se da própria experiência.

Nasci em Juazeiro do Norte. Vivi durante 12, 15 anos compartilhando a minha casa, a casa onde

<sup>681</sup> Caminhos do Conselheiro. **Jornal O Povo**, Vida & Arte Especial, 05 out. 1997, p. 8.

nasci, com as pessoas que vinham de joelhos de... sei lá, Cajazeiras, cobertas de sangue, pedindo um milagre pra Padre Cícero. Embora eu tenha, por artifício, tentado me livrar disso, está na minha memória emocional, na minha formação, o contato carnal mesmo com esse tipo de realidade. Canudos, na verdade, tem que ser revisto hoje como o sinal grave de que o Brasil, há cem anos, convive com o mesmo tipo de problema: as pessoas são massacradas neste país com um rigor diário.

A filmagem, no sertão da Bahia, contou com moradores locais. “Durante quatro meses, o pessoal de Junco do Salitre fingiu que sofria, sofrendo. E depois, teve que sofrer sem poder fingir”.<sup>682</sup>

Em outubro de 1997, o artista plástico e músico Descartes Gadelha (Fortaleza, 1943) apresentou a obra “Cicatrices Submersas”, que vinha realizando desde os anos 60, composta de esculturas em bronze (a parede de cavalos partidos, as mulheres incendiadas erguendo os filhos, cabeças cortadas, a grande procissão), xilogravuras (beatas e penitentes, bodes e cabras), óleos (a guerra, a degola, o exército, o grande painel com os anjos de Canudos, a chuva, a colheita, o dia da mudança, a festa, a fé), cerâmicas (de novo os bodes e as cabras, ex-votos). A coleção foi doada em 1999, pelo artista, ao Museu de Arte da UFC<sup>683</sup>.

Em termos pecuniários, não pode haver preço, o tempo, o trabalho, a dedicação, o cansaço, o investimento, tudo. Não doe por vaidade, mas qualquer coisa com Canudos tem que ser tornado público, pra não se esquecer esta tragédia. Como o Contestado. Para que a humanidade tenha uma referência, um local de pensar na possibilidade destas ocorrências, nestas proporções. E lamentavelmente os 40 anos que separam Canudos do Caldeirão do beato Zé Lourenço não foram suficientes para o amadurecimento dos

<sup>682</sup> O Conselheiro de José Wilker. **Jornal O Povo**, V&A, 16 abr. 1997, p. 1.

<sup>683</sup> “Cicatrices Submersas” e outras obras do artista podem ser vistas na sala Descartes Gadelha, do MAUC, e em

<http://www.mauc.ufc.br/acervo/gadelha/cicatricesubmersas/cicatrices.htm> (Acesso em 20 fev. 2012).

nossos políticos, das pessoas. Houve uma repetição.<sup>684</sup>

O assunto do artista, que pintava paisagens atrás do guarda roupa e quintais, quando era menino, é o homem e suas circunstâncias. Ele é seduzido pelas pessoas, os recicladores e suas esculturas de despejo driblando o contorno das ruas, motivo da série “Heróis do Papelão”. Fixa o que desaparece, quintal, quermesse, a casa da luz vermelha. O gesto terno, fraterno denuncia a apropriação da infância, de todas elas. Em meados dos anos 60, voltava de viagem ao Rio de Janeiro, oito dias de ônibus. “Quando abri os olhos assim, vi escrito: Museu de Canudos. Jamais imaginei que o ônibus fosse passar na cidade de Canudos e parar ao lado do museu. Coisa do destino”. O motorista seguiu com menos um passageiro. Dois anos depois, voltou, e “cadê a cidade? Não existe mais não. Vi foi um açude. Mas não tem mais nada? Tinha a pontinha da cruz da igreja. E, lá do outro lado, o cimento pra apoiar a ‘matadeira’, o canhão. Pensei, todas as cicatrizes estão submersas debaixo do açude do Cocorobó”.<sup>685</sup>

Maio, 1999. O grupo de teatro Oficina traz sua versão de “As Bacantes” a Fortaleza, e depois da conversa de divulgação, o diretor José Celso Martinez Correa ficou fazendo “anjo” para o fotógrafo, abrindo e fechando os braços ao longo do corpo, largado na areia da Beira Mar, na hora do ocaso. Escrevi, no “abre” da entrevista, que o artista havia saltado “a divisória falsa entre arcaico e contemporâneo, vida e representação”. Eu ainda haveria de ver o quanto. “Eu vim pra essa região pra ver o sertão virando mar, dando vinho. O fundamento mítico de ‘As Bacantes’ estava n’*Os Sertões*. Essa Grécia agreste brasileira. Quer dizer, fui buscar os laços todos dessa cultura, dessa história, na rua, na esquina, no sertão... No fundo do lago do arraial de Canudos”, ele me dizia. A criação de “Os Sertões”, a peça, era então embrionária. “Eu adoraria fazer Antônio Conselheiro. Fizemos uma adaptação coletiva e tenho muita vontade de montar. Mas eu queria montar com o Exército”<sup>686</sup>, provocou.

Quando foi em outubro de 2007, Zé Celso estava de volta ao Ceará, mais precisamente, encontrava-se em Quixeramobim, ultimando

<sup>684</sup> Entrevista com Descartes Gadelha. **Jornal O Povo**, Páginas Azuis, 09 out. 2006, p. 5.

<sup>685</sup> Entrevista com Descartes Gadelha. **Jornal O Povo**, Páginas Azuis, 09 out. 2006, p. 5

<sup>686</sup> O sacerdote de Dioniso. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 28 maio 1999, p. 1.



a vinda de “Os Sertões”, com apresentações marcadas para o mês seguinte. Escrevi:

Antônio Conselheiro, nos últimos dez anos – quando completou um século do massacre – fez-se onipresente na cidade. O nome do líder de Canudos assim como sua figura de beato – camisolão, cajado, barba e cabelos longos – estão por toda parte, além do Memorial construído em sua lembrança. É nome de banca de revista, de pousada, de lojas, de bodega. E tem até um ‘filé à moda Antônio Conselheiro’, no restaurante Alvorada.

O homem do Oficina, aliás, Oficina Uzyna Uzona, botou adiante a empreitada de recriar Euclides da Cunha em 2001, uma trilogia com mais de seis horas de duração, cada parte. A primeira delas estreou na Alemanha, em 2002, encenada na mina desativada que pertenceu à fábrica de armamentos Krupp, de onde vieram os canhões utilizados contra Canudos. “Antônio Conselheiro era uma espécie de pajé, não era um chefe, um juiz, um Moisés. Ele dividiu o trabalho, ele aconselhava os conselhos, os de guerra, os dos rituais. A organização de Canudos era muito sofisticada e avançada”, defende o diretor. Quanto à adaptação da obra: “Na medida do possível, a gente foi passando pra linguagem do cordel, foi rimando, rimando. Rimamos! A gente está no tempo do rap, felizmente. Como no tempo de Shakespeare”. A montagem acena com uma diversidade de expressões, incluindo circo, novela, melodrama, o carnaval e “o teatro das Assembléias de Deus”, completou Zé Celso. E que significado teve *Os Sertões* para você, na primeira vez? “Pra mim, foi como um meteorito, aquele livro”<sup>687</sup>. Que lhe caiu em Araraquara, no meio da sua juventude.

Foi uma das últimas matérias que escrevi, já na travessia do jornal para o doutorado. Em novembro, fui a Quixeramobim ver a peça apenas como espectadora. Houve uma parceria entre governo federal, estadual e municipal, para bancar o tamanho do espetáculo. Montado em descampado na cidade abafada, o teatro de lona era um longo corredor de dois andares, com arquibancadas na lateral, a montagem acontecendo em toda a extensão da passarela e acima, quando no monólogo da Dama Antiga Nua (a atriz Maria Alice Vergueiro) e na cena do Cristo, um

<sup>687</sup> O homem e o sonho. **Jornal O Povo**, V&A, 09 out. 2007, p. 5.

atlético negro vestido em minissaia dourada sob a qual balançava a genitália desnuda quando ele passou rebolando sobre saltos agulha, subiu e se crucificou. O Conselheiro de Zé Celso, cabeludo e barbado, de longo abadá, segura o bastão dionisíaco e instiga o público em um discurso feroz que termina com ele nu, de bruços, oferecendo-se à platéia. Nessa hora, senti um peso em minha cabeça. Era o secretário de Cultura do Ceará, apoiando-se para descer da prateleira acima de onde eu estava, e sumir. Ainda faltavam três horas para terminar o banquete.

Da tradição se mantém a possibilidade de comunicar-se algo e alguma coisa disso replicar até um conceito que inclua um necessário esquecimento, e nem que seja resíduo o que se fizer transmissível falará da tradição. Um zumbido com sentido. “É o que fica do que uma geração transmite para outra, evidentemente, com perdas, substituições e lacunas”<sup>688</sup>, escreve Gilmar de Carvalho. O trânsito se estabelece na via que consente atualidade ao passado, modelando o repertório de gestos e falas. Ao nutrir de tradição a novidade, o brincante devotado recicla o que há de novo no tradicional. “Cada objeto particular de esquecimento se confunde com o esquecido da pré-história, entra com ele em combinações inumeráveis, mutantes incertas, que dão origem sempre a novos prodígios”<sup>689</sup>, pensava Benjamin. Ou, à maneira do historiador Asa Briggs, “o novo flui dentro de um velho quadro”<sup>690</sup>. Ana Maria Roland, quando veio a Fortaleza para o lançamento do seu livro *Fronteiras da palavra: fronteiras da história*, uma intercessão entre o autor d’*Os Sertões* e o poeta Octavio Paz, acenava com um Euclides convertido em visionário: “Ele viu, por exemplo, um seio de mar do Alto da Canabrava! Dentro do sertão ele viu esse mar, é uma visão conselheirista”<sup>691</sup>.

#### 4.6 Em trânsito

O romance da donzela que foi à guerra, Joana d’Arc, Jovita Feitosa, Maria Rosa, representadas combinadas todas elas, inclusive Diadorim e a Moura, na Maria Bonita recortada pelo avesso na xilogravura, evocada em cordel, revista na periferia do Sertão sem fronteira que se encontra concentrado em Juazeiro, presente no potencial

---

<sup>688</sup> CARVALHO, 2005, p. 8.

<sup>689</sup> BENJAMIN, 2000, p. 97.

<sup>690</sup> PALLARES-BURKE, 2000, p. 76.

<sup>691</sup> Euclides visionário. **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 26 mar. 1998, p. 8.

combativo de cada singular Virgem Senhora, a compadecida das dores, advogada nossa, estrela do céu. A gráfica Royal fica na rua Santa Luzia, perto de onde funcionou a oficina de José Bernardo. É agora apenas mais uma que edita folhetos variados, romances, benditos e orações, mantidas matrizes e velhas estampas na capa aliadas à rapidez das técnicas mais recentes da reprodução. O cordel de Nossa Senhora do Desterro – a Família Sagrada em fuga para o Egito através do deserto é a mesma reiterada reza forte capaz de exilar os males nos “mares profundos”: “Martírios, pragas, miséria, desgraça, castigos. Sou cristão batizado, meu corpo é fechado, sou coberto com o sagrado manto da Virgem Nossa Senhora do Desterro”<sup>692</sup>. Inclui o Rosário Apressado e “orações que meu Padrinho Cícero Romão Batista ensinava aos Romeiros antes de falecer”, uma delas, para “quando amanhecer o dia que for viajar”. A de São Bento, para livrar das jararacas.

Com e sem referência de editora, vendidos aos milheiros nos camelôs ao redor do Socorro e demais igrejas, nos dias de romaria ou não, nas lojas que comercializam imagens e também nos espaços de visitação pública, os folhetos votivos. Estes, adquiri em fevereiro de 2011, na Casa dos Milagres. A “Oração da Pedra Cristalina – Nossa Santa da Guia e de Santa Catarina” é uma das mais pedidas (foi gravada pela banda Mestre Ambrósio, um excerto recitado por iniciado da caboclaría, que é a linha da mata nativa incorporada à umbanda, mescla tapuia e guiné): “Minha Pedra Cristalina/ que no mar foste achada/ entre o cálice e a hóstia consagrada [...]/ Com o manto da Virgem Maria serei coberto/ Com o sangue do Senhor Jesus Cristo serei valido [...]/ Salvo fui, salvo sou, salvo serei/ Com a chave do sacrário eu me fecho”<sup>693</sup>. Ou este cordelim, “Oração da Estrela do Céu e do Padre Cícero”, meia folha de ofício dobrada duas vezes formando minifolheto de oito páginas, trazendo “a verdadeira oração da Estrela do Céu, que criou o Senhor, afugentou a peste, a morte abrandou, aprovada pelas autoridades Eclesiásticas e abençoada por SS. o Papa Leão XIII”<sup>694</sup>. Da biblioteca virtual do Vaticano. Leão XIII foi o autor da encíclica “Rerum Novarum”, das coisas novas, sobre a condição dos trabalhadores e seus direitos, publicada em 1891. Nascido Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci Prosperi Buzzi em 1810, eleito papa em 1878, morreu em

---

<sup>692</sup> Oração de Nossa Senhora do Desterro e o Rosário Apressado para afastar os perigos, p. 3 - 4.

<sup>693</sup> Oração da Pedra Cristalina, p. 3 - 4.

<sup>694</sup> Oração da Estrela do Céu e do Padre Cícero, p. 1.

20 de julho de 1903. É nome de rua e de faculdade particular em Juazeiro. No mesmo formato diminuto, quase um “breve”, outro folheto oferece a “Oração de Maria Valei-me, bendito misterioso contra Satanás”, e o hino da padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores. Os livrinhos comprados a centavos provam que o romeiro aqui esteve, vão de lembrança a parentes e amigos, e mesmo foram encomendados por quem não pode vir.

Os folhetos, sejam entretenimento ou argumentos contra o desmantelo do mundo, constituem por si mesmos, enquanto objetos, elementos materiais de expressão cultural e simbolizam a passagem da oralidade à escritura, ou melhor: significam o trânsito entre as linguagens. É neles onde se resguarda a durabilidade da palavra, o comprometimento pela palavra, eles afixam a memória em formato portátil. Outro livrinho da Royal, na capa, flor estilizada fazendo cercadura para estampa de Nossa Senhora da Conceição. Os ofícios para a Imaculada Conceição e as Almas Benditas conformam procedimentos desusados pela Igreja, mas reimpressos no sem tempo crônico das editoras periféricas. Matinas, prima, terça, sexta, noa, vésperas e completa, tais os Livros das Horas em latim conduzidos por infantas de outras eras. Contém ladainha e a oração de Nossa Senhora de Belém:

Com seu livro de ouro na mão/ meio lido e meio rezado/  
andando por um caminho/ encontrou seu bendito Filho/  
Que fazeis, senhora mãe?/ Filho, não posso parar nem sossegar/  
que no monte Calvário tem/ uma cruz de madeira para vossos ombros/  
seiscentos espinhos para vossos sagrados pés/  
fel e vinagre para vossa boca/ Filho, tudo quanto vossa mãe disser é pura verdade.<sup>695</sup>

No mesmo cordel, encontrei um versículo messiânico, inserido na oração “Sonho de Nossa Senhora”: “Ó ave da Vera Cruz/ quem foi que será/ o homem aparecido/ que dos castigos nos livrará”.

---

<sup>695</sup> Ofícios Imaculada Conceição e Almas Benditas, p. 15.

A “Oração do Senhor do Bom-Fim” (sem referência de ano e editora, frente azul, na contracapa xilogravura sobre foto do Padre Cícero) começa com um exemplo, sugerindo, assim como os folhetos trabalhados neste tópico, desdobramentos da *Missão Abreviada*: “Um soldado brasileiro foi condenado à morte em uma roda de navalha, mas a roda parou”, foi jogado de uma ponte, mas o rio ficou raso, atearam fogo com lenha e gasolina, mas seu corpo não ardeu, os soldados alemães pretendiam vará-lo a baionetas, mas as armas lhes caíram das mãos. E então, o “general alemão admirado de tanto milagre” descobriu no pescoço do soldado brasileiro o escapulário com a “milagrosa oração que foi encontrada pela Beata Mocinha no altar do Senhor do Bom-Fim no dia 5 de fevereiro de 1894 para evitar fome, peste, guerra e morte repentina”<sup>696</sup>. A beata Mocinha chamou-se Joana Tertulina de Jesus (1864-1944), órfã criada pelo Padre Cícero, depois da santa dos paninhos ensanguentados ficou sendo a beata mais famosa, imortalizada no bendito que Luiz Gonzaga gravou. Outras orações de grande poder: a da Força do Credo, de Santo Emídio e das Almas (na capa, título sobre fundo branco, detalhe gráfico central, cruz em negro com ramo de lírios), a de São Marcos e São Manso (capa azul, filigrana de moldura, cruz central. No verso, a oração de São Marcos da Serra Negra, “amansador de polido bravo, para quebrar as forças do inimigo”<sup>697</sup>).

E, por derradeiro, apresento o folheto “Oração de Meu Padrinho Cícero”, que traz este importante aviso na última página: “nem precisa saber ler, é bastante usá-la na bolsa”. Sempre que o portador se lembrar, reze antes três vezes o Pai Nosso, três vezes a Ave Maria, e depois “ofereça a meu Padrinho Cícero e a Nossa Senhora das Dores”. E o cordel ex-voto diz assim:

Valha-me, meu Padrinho Cícero de Juazeiro,  
 Jesus adiante, paz na guia, me encomendo a Deus  
 e a Virgem Maria [...] Andarei esses dias e noites  
 eu e o meu corpo cercado e circulado com as  
 armas de São Jorge [...] Andarei são e livre como  
 o corpo de Jesus no ventre da Virgem Maria.  
 Meus inimigos terão olhos e não me verão, terão  
 boca e não me falarão, pés terão e não me  
 alcançarão [...] Todo aquele que andar com esta

---

<sup>696</sup> Oração do Senhor do Bom-Fim, p. 2.

<sup>697</sup> Oração de São Marcos e São Manso, p. 4.

oração estará livre dos perigos e nos três dias de escuro será salvo.<sup>698</sup>

O sertão será sonhado, ou senão pesadelo. No meio do caminho, o povo peregrino amansa o osso da realidade com penitência e festa, os emersos de Canudos, os vagantes das florestas do sul, almas erradicadas dos quatro cantos do mundo ocupando Juazeiro do Norte, fechando o ciclo de dores. A gente sem sobrenome que labora com a fantasia da fé um mundo melhor para todos, desarmando a tempestade sobre os vencidos. O brincante navega por uma energia viva, no brilho de uma luz que se apagou e ainda constela o rastro do que foi e do que é. O raio de sol rebatendo agora mesmo na torre da igreja revestida de espelhos e toda ornada no colorido das fitas, arquitetura leve encaixada na cabeleira pixaim de Margarida Maria da Conceição, que já sustentou o peso de muita lata na cabeça, liderando com voz forte e estrilos rítmicos do apito os dois bandos de Joanas Darques trajadas de vermelho e de azul, que anjos morenos são esses guerreando na porta da igreja, com suas espadas de latão triscando o ar, um jogo elástico de falsas batalhas na manhã nascente do Dia de Reis de 2006. E soa a zabumba firme do Reisado dos Irmãos, logo mais repartindo o boi com quem vier para a festa.

O que ressoa nesta encruzilhada de seres e sertões, no Cariri. A cultura popular se fez tão profusa no fértil celeiro cearense porque recolheu influências dos contatos e das relações com as populações fronteiriças, da Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e do rico Pernambuco, que dominava os demais com seu açúcar, intercessão que o médico e antropólogo paraense Florival Seraine (1910-1999), no livro *Antologia do Folclore Cearense*, cuja primeira edição é de 1968, denomina de “marginalidade cultural”, no sentido preciso de apresentar características de “zonas limítrofes”. Interligando esses limites, desde o século XVII, a estrada do gado, por onde se teceram narrativas que ultrapassaram fronteiras, a exemplo do romance “A morte do Touro Mão de Pau”, de Ariano Suassuna, musicado em aboio e gravado por Antônio Nóbrega. Em outro exemplo, encorpa a arte de Elomar e suas cantigas de bois encantados com as quais ele recria a linguagem do deserto encourado aonde reina o vaqueiro. A marca desse velho romance composto em redondilha maior, a sextilha, é a narração, no ritmo silábico do acalanto, feita geralmente pelo próprio bicho, a contar suas

---

<sup>698</sup> Oração de Meu Padrinho Cícero, p. 4.

proezas em escapar do homem, o animal mais feroz, que o captura e mata. Seraine registrou “O Rabicho da Geralda”, versão do final do século XIX: “Veio aquela grande seca/ de todos tão conhecida/ e logo vi que era o caso/ de despedir-me da vida”.<sup>699</sup>

No romance *O Sertanejo*, que se passa em Quixeramobim no século XVIII, José de Alencar (1829-1877) coligiu duas cantigas de boi, possivelmente recriadas de xácaras vindas das distrações do trabalho dos vaqueiros. A interferência sintática e lexical é nítida, bem como na compilação de Seraine, na letra da cantiga do Boi Espaço, introduzida pela descrição da cena que atesta a viva tradição poética e musical:

Uma voz cheia cantava com sentimento as primeiras estâncias do Boi Espaço, trova de algum bardo sertanejo daquele tempo, já então muito propalada por toda a ribeira do São Francisco, e ainda há poucos anos tão popular nos sertões do Ceará: – Vinde cá, meu Boi Espaço/ meu boi preto caraúna [...] / um boi corredor de fama/ nunca temeu a vaqueiro/ nem a vara de ferrão.<sup>700</sup>

Em outro capítulo canta-se “O Rabicho da Geralda”, mais original: “Eu fui o liso Rabicho/ boi de fama conhecido/ nunca houve neste mundo/ outro boi tão destemido/ Minha fama era tão grande/ que enchia todo o sertão/ vinham de longe vaqueiros/ pra me botarem no chão”.<sup>701</sup>

O bumba meu boi pode ser rastreado desde o período colonial. Primeiramente enquanto estratégia para a eficácia do trabalho do vaqueiro. “Um gênio anônimo inventou o meio de passar o gado nos rios caudalosos”, escreve Capistrano de Abreu, citando Antonil que informava, em 1711, “no seu livro sobre a cultura e opulência do Brasil, que na passagem de alguns rios, um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando mostra às reses o vau por onde hão de passar”<sup>702</sup>. A carcaça de boi desde então faz parte da brincadeira. E

<sup>699</sup> SERAINE, 1983, p. 31.

<sup>700</sup> ALENCAR, José de. **O sertanejo**. São Paulo: Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro – USP, 19--. Disponível em: <  
[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1848](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=1848)>. Acesso em: 10 nov. 2011, p. 67.

<sup>701</sup> ALENCAR, 19--., p. 78.

<sup>702</sup> ABREU, 1960, p. 95.

junto veio o canto do ofício, o aboiar mouro incorporado pela voz de Luiz Gonzaga ao repertório da Música Popular Brasileira, evocado por Capistrano, reproduzido por José de Alencar em diversos episódios, e que Antonil explicou antes de todos: “Guiam-se indo uns adiante cantando, para serem desta sorte seguidos do gado”.<sup>703</sup>

Essas boiadas paravam enfim nas oficinas ao longo dos rios Parnaíba e Jaguaribe, que beneficiavam a carne ao vento, ao sol, no sal. A Casa Grande de Parnaíba, no Piauí, informa Gustavo Barroso, tinha cinco navios para exportar “carne do ceará” a outras partes do Brasil e à Europa, atingindo 1.800 toneladas anuais por volta de 1750. Do Jaguaribe, carne e couro eram escoados por São José do Porto dos Barcos, o nome colonial de Aracati, onde se abatiam todo ano 20 mil bois. Dominava o negócio no Ceará o capitão mor João Pinto Martins. No inverno de 1789, o Jaguaribe subiu seis metros alagando a cidade. Nos anos seguintes, a “horrenda seca de 1790 a 1794 devastou os rebanhos sertanejos e acabou de vez com a produção da carne seca”<sup>704</sup>. A seca foi determinante para o êxodo cearense, e do final desse século em diante a rota de fuga se intensificará em direção do norte, com a demanda crescente pela borracha, cujo ponto de inflexão ao declínio foi a campanha encetada pelo governo Vargas à época da II Guerra Mundial, coincidente com outro período de estiagem. A presença na floresta de cearenses devotos de São Francisco de Canindé, santuário anterior aos sucessos de Juazeiro, resultou em desaparecida forma de ex-votos: os barquinhos de seringa.

O costume de pagar promessa com barquinhos de miriti revestidos de látex, destinados ao santuário franciscano de Canindé, “povoado onde outrora se aldearam os índios desse nome”, começou com os retirantes da seca de 1792. Os ex-votos “mais assombrosos”, recorda Barroso, que os viu e fotografou na sala de promessas da basílica, eram bem calafetados, medindo entre 50 a 80 centímetros. Lançados desde os igarapés dos seringais, desaguavam nos rios e a correnteza os trazia até o mar. Jangadeiros de Camocim que os encontrassem, encaminhavam as promessas pelo “primeiro viandante que siga para o interior e, de mão em mão, levados por um comboieiro de boa vontade”, um dia chegavam ao destino, “trazendo velas para serem acesas no altar do Santo ou dinheiro para missas”. De endereço, bastava o nome do destinatário, “para São Francisco de Canindé”, e

---

<sup>703</sup> ABREU, 1960, p. 98.

<sup>704</sup> BARROSO, 2004, p. 99.



recados desse tipo afixados em lugar visível: “Pede-se à pessoa que encontrar este barco na beira fazer o favor de pôr para o meio. Graças alcançadas”, ou “Quem me encontrar parado me empurre para o meio”.<sup>705</sup>

Quem menos sofreu com a seca no Ceará foi, e continua sendo, a região do verde vale avistado no século XVII por um servo da Casa da Torre, ao subir a Chapada do Araripe em busca de novos pastos para os gados do seu senhor. No regaço formado pela cinza da floresta de araucárias contemporâneas do pterodáctilo (vimos pinhas fossilizadas encontradas em sedimentos da serra no acervo do Museu Paleontológico de Santana do Cariri), aonde foi o mar interno cujos moluscos minúsculos virados em pedra riscam chãos elegantes forrados com a lajota cariri, ali eclodiu o Juazeiro. Ainda Gustavo Barroso, que recorda sua infância vivida na rua Major Facundo, em Fortaleza, “apinhada de gente do povo, do Passeio Público à Praça do Ferreira, à espera da bênção por parte do padrinho Cícero”. E no Juazeiro, “vendas de foguetes e relíquias, sociedades de penitentes, espertalhões ou místicos transformados em beatos, até o famoso garrote do padre zelado por um tal de Zé Lourenço”<sup>706</sup>. A impaciência de Barroso com a aura mística da cidade, não impediu que ele reconhecesse o significado político do Pacto de Paz, de acordo com seu formulador, o Padre Cícero, em 1911, ano em que Juazeiro ganhava cidadania, ou Pacto dos Coronéis, como Barroso prefere denominar, marcando “o fim do cangaceirismo oficializado na região do Cariri”.<sup>707</sup>

Pois o Juazeiro foi bem como o Padrinho dissera, que depois que ele morresse é que a cidade ia crescer. O Padre reivindicou para si, nesta frase proferida ou parte da lenda, o protagonismo que deu origem ao povoado, mas também, e penso que ainda mais evidente de sua personalidade messiânica, o reconhecimento ao coletivo, às pessoas, aos continuadores, aos jovens, enfim, às gerações futuras que tocarão adiante o projeto e o sonho. Em cada casa, uma oficina, em cada quintal uma horta. Se o sertão continua no desencontro das recomendações mais inovadoras do discurso ecológico do Padre Cícero, o conselho econômico se multiplicou. Formão, buril, goiva e canivete, do cerne da madeira vão surgindo personagens do reisado, o palhaço Mateus da cara preta e chapéu cônico, os bichos da mata metamórfica e santos originais,

<sup>705</sup> BARROSO, 2004, p. 403 – 405. (fotografia de ex-voto)

<sup>706</sup> BARROSO, 2004, p. 369.

<sup>707</sup> BARROSO, 2004, p. 371.

mas também se moldam e desprendem novas formas do corpo próprio do brincante. Uma família de artistas nômades escolheu Juazeiro o eixo de sua atuação, no final do século XX. Na casa aberta, aconteciam oficinas de figurais de cabaça, de pernas de pau, de bonecas de pano, de instrumentos musicais, de pão. No quintal, árvores frutíferas, a roça de legumes, o canteiro de temperos e ervas medicinais. O suplemento da criatividade remedia o que faz falta. E nas panelas, nada de carne. Boi, só mesmo na brincadeira do Dia de Reis.

A Cia. Carroça de Mamulengos completou, em 2012, 35 anos de atividade artística peregrina. No começo era o ator goiano Carlos Gomide, que encantado com o teatro de bonecos nordestino foi viver com o mestre Antônio do Babau, em Mari, na Paraíba. “Após um ano e meio de convivência no roçado, nas festas e nas brincadeiras, Carlos terminou de completar seu terno de mamulengo (conjunto de bonecos de uma brincadeira) e teve a permissão de levar essa tradição mundo afora”<sup>708</sup>. No começo dos anos 80, Carlos Babau estava em Fortaleza, aprimorando sua técnica com o mestre bonequeiro Pedro Boca Rica. De novo na estrada, ele encontra, em um festival de teatro, a bailarina e atriz Schirley França, de Brasília, e aí o Carroça começou a rodar mundo, e a crescer. No começo do século XXI, o grupo estava formado pelo casal e os oito filhos, nascidos pelo Brasil, nestas andanças, sendo as gêmeas naturais de Juazeiro: Maria (1984), Antônio (1986), Francisco (1988), João (1990), Pedro e Mateus (1995) e Luzia e Isabel (1998), mais o rabequeiro cratense Beto Lemos, companheiro de Maria.

Na entrega, o significado de ser artista: dádiva é dom. Eles moram na rua Senhor do Bonfim, bairro João Cabral, periferia da cidade, onde fundaram a União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus, agregando mestres como dona Margarida, por exemplo, e desenvolvem projetos sustentáveis com a comunidade, de aproveitamento dos alimentos para o corpo e a mente. Lembro o casal com Maria bem pequena “botando boneco” nas passeatas que agitaram Fortaleza, e o país todo, no fim dos anos 80. Em 1995, estavam de volta e apresentaram seu pastoril familiar no teatro São José, em frente ao Seminário da Prainha. Três anos depois, a companhia sentou praça na terra do Padre Cícero, e de lá articula a comunhão do seu circo maravilhoso, movendo-se no pavão misterioso do ônibus “Brasilino”. Na sombra dele, a trupe monta a empanada com chitas coloridas e

---

<sup>708</sup> Depoimento no site da companhia: <http://carrocademamulengos.org/quem-somos/> (Acesso em 05 ago. 2012).

adereços confeccionados nas oficinas de reciclagem. Entram em cena cantores, atores, bailarinos, músicos, bonecos, palhaços, o figural do reisado, a burrinha, o boi, a ema, o jaraguá, o bacurau, o boitatá – a cobra grande cuspidando fogo, que reencantam o mundo. Depois do espetáculo, artistas e público compartilham uma refeição integral. “Juazeiro é o Caldeirão que ficou, a Canudos que deu certo”<sup>709</sup>, resumiu Carlos Babau, naquele dia seis de janeiro de 2006, em sua casa cheia de artistas amigos que vieram brincar reisado.

Margarida Conceição canta o verso, respondido pelo coro das crianças, ao som do pandeiro de Francisco, da sanfona de Maria, da rabeça do Beto, vozes e instrumental captados no estúdio móvel do grupo A Barca, durante a viagem cultural do projeto Turista Aprendiz. A voz igual à dona, alta, forte, grave, negra, o apito não é somente o toque de comando, mas configura-se instrumento único que acompanha a coreografia e marca sua evolução, que afinal é só com o apito que a mestra orquestra suas guerreiras ginastas nas apresentações públicas, tirando versos ouvidos na infância de romeira alagoana de dentro da inconstância da sonoridade oral, e tanta diversidade melódica cariri se combina nas lembranças de outra voz, distantes lugares ali convergentes, de que as letras falam. Um tema de Margarida é esta marcha de chegada, comum a outros grupos de brincantes: “Na Serra do Araripe/ eu avistei uma grande fortaleza/ Beleza, cheguei agora/ Nossa Senhora é nossa defesa”. Tem a ciranda “Perguntais como se chama”: “Perguntais, como se chama/ é tão galante o Menino/ Eu me chamo Rei dos Peixes/ Jesus Cordeiro Divino”. E esta marcha de despedida: “Adeus Serra do Pavão/ adeus meu sertão/ matriz de Águas Bela/ adeus Pedra de Buíque/ Maria Bonita, eu adoro ela”. E a cantiga de cego: “Mas esse ano eu vou/ pra Palmeira dos Índio/ de lá eu vou assubindo/ para o centro do sertão/ Tenho instrução/ comigo não tem sistema/ Tem pena, benzim, tem pena/ de ver eu cantar baião”<sup>710</sup>. O canto coletivo reimprime texturas poéticas na exiguidade da letra, versos que era uma vez foram inventados no calor da brincadeira, é a parte que não foi esquecida e desliza no sopro, vocaliza-se nas cordas, bate no couro e no ferro, reinventada pelos brincantes, sempre a mesma e improvisada.

<sup>709</sup> Ceará Mirante-Cariri. **Jornal O Povo**, Turismo Especial, 23 abr. 2006, p. 3.

<sup>710</sup> Letras constantes no encarte do CD “Reisado e Guerreiro”, vol. I, produzido pela União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus/Cia. Carroça de Mamulengos, com apoio do grupo A Barca (USP), 2005.

O CD “Reisado e Guerreiro”, gravado em 2005, com direção musical de Maria Gomide (sanfona e viola) e Beto Lemos (rabeça, viola e violão), traz, além do Guerreiro Joana d’Arc, de Margarida, o Reisado dos Irmãos ou Discípulos de Mestre Pedro. E de bônus, a inclusão de três cantigas do cego rabequeiro Zé Oliveira, registradas por Carlos Babau em Juazeiro no ano de 1986, e até então inéditas. Foi com o Reisado dos Irmãos que o grupo de brincantes Cordão do Caroá, um projeto de extensão da UFC, fez a sua vivência em cultura sertaneja. O cortejo galante, trajado de saiotos encarnados, meias até os joelhos, espada em punho, segue acelerado no entra e sai das ruas, seguido pela platéia ambulante que se diverte com as graças e pilhérias do Mateus, com seu rosário caricato no pescoço, batucando no pandeiro, dizendo versos picantes para a Catirina. O zabumbeiro Cícero Evangelista marca o ritmo com braço forte, as pernas atrofiadas na cadeira de rodas.

No disco, os irmãos Evangelista gravaram temas de domínio público, “Ô Deus te salve a casa santa”, e de criação própria, a “Primeira peça”, que é uma marcha de chegada com um exemplo do trancelim (o verso que termina uma estrofe se repete, “entraça”, no começo da outra): “Tô ensaiando um reisado/ com gosto e satisfação/ tô brincando com a licença/ do Padre Ciço Romão/ Meu Padre Ciço Romão/ queira me abençoar/ eu com tod’essas figuras/ aqui em vosso lugar/ Aqui em vosso lugar/ vim lhe pedir proteção/ quero que me bote a bença/ meu Padre Ciço Romão”. E representam a “Suíte do boi”, o resumo da brincadeira, iniciando com um aboio cantado a palo seco pelo Mateus, seguindo-se logo a partilha, mantendo a estrutura comum aos bois de Reis, como o do mestre Piauí, de Quixeramobim (gravei a mesma anuência da assistência, na repartição, o auge do auto: “assim mesmo/ mesmo é”, que todos repetem a cada verso do Capitão, o responsável pelo reparte, um momento de sátira, de catarse, descarrego de futricas e bajulações, a depender do pedaço do boi que a cada qual corresponda).

A nomenclatura das peças musicais ou números – marcha de chegada, de despedida, bem como ritmos que também correspondem a passos coreográficos (o trancelim, a pipoca), além dos recorrentes temas zoomórficos criados pela habilidade mimética do performer e do que ele faz “falar” aos instrumentos, estão de conformidade com o roteiro das bandas cabaçais, formadas por agricultores do semiárido nordestino para louvar os santos e se divertir, recolhendo o legado de quase perdidos autos missionários, também tendo absorvido a estrutura melodramática das “fúrias”, as bandinhas marciais da passagem entre os séculos XIX

e XX, data que marca a origem, não da tradição em si, mas da brincadeira familiar a que se reportam os participantes. No trânsito entre gerações, a brincadeira se renova, vive e acontece.

Vem do Crato a mais famosa banda cabaçal do Ceará, a dos Irmãos Aniceto, mantida pelos filhos, netos e bisnetos do fundador, José Lourenço da Silva, de apelido Aniceto, descendente dos índios cariris, que viveu mais de cem anos e enquanto pode tocou pife e dançou o “marimbondo” e o “trancelim”. Quando era o velho Aniceto quem brincava com os filhos, o grupo se chamava Banda Cabaçal do Crato, e já eram conhecidos muito além daquela Serra do Araripe, sendo convidados a exibir seus números de música, dança e representação no show de inauguração da TV Guaíba, de Porto Alegre, em 1962. Pela mesma época participam de festival folclórico promovido pela UFC, organizado pelo maestro Silva Novo. Nos anos 70, já denominados Irmãos Aniceto, e mantendo até hoje o nome do Crato tatuado na pele do zabumba, gravam o primeiro disco, pela Funarte, e em abril de 1979 se apresentam, com outros artistas do Cariri, entre eles o poeta Patativa, no Theatro José de Alencar, durante o Movimento Massafeira Livre, celebração em três dias que reuniu o “Pessoal do Ceará” (Ednardo, Fagner, Belchior), a geração dos roqueiros, do super-8, teatro, artes plásticas, fotografia e artesanato. Nos anos 80, a banda continuou fazendo sua festa no interior, documentada no filme “Irmãos Aniceto”, de Rosemberg Cariry. Ainda vivia Chico Aniceto, o irmão mais velho, nascido em 1917. Lá mesmo no Crato, já sem o mestre Chico, eles tocaram junto com Hermeto Paschoal, que soprava uma chaleira no contraponto dos pífanos de Antônio e de Raimundo em noite memorável de 1994. Em 1998 estiveram em São Paulo, a convite do coreógrafo Ivaldo Bertazzo, participando do espetáculo “Ciranda dos homens carnaval dos animais”, em solo com a performance “Marimbondo”. Nesse mesmo ano, ganham um prêmio instituído pelo governo do Ceará: o I Prêmio Dragão do Mar de Arte e Cultura, e se apresentam com a Orquestra Eleazar de Carvalho.

O CD independente, gravado em 1995, datado de 1998, e lançado em 1999, tem na capa o nome da banda e uma cabaçal flutuando em um céu amarelo, o aceso céu cariri de Luís Karimai. Na contracapa, a fotografia do quinteto, de mescla azul, alpercatas franciscanas, chapéu de massa preto, o traje habitual, variando a cor da farda. Eram os irmãos João José da Silva (1922-2001), zabumbeiro; Antônio José da Silva (1932) e Raimundo José da Silva (1934), pífanos e vocal; o primo

Benedito Gomes de Souza, o Britinho (1914-1999), na caixa ou tarol, e o filho de Raimundo, Cícero dos Santos Silva (1971), nos pratos. Todos os ritmos fluem das flautas, do couro e do metal percutido, galope, baião, forró, frevo, choro, xote, ciranda, valsa. E toques de guerra, marchas militares, alvoradas, dobrados. E benditos de louvor, hinos e ladainhas que compõem o sagrado da função. Quem fala são as flautas de Raimundo e de João. Ao vivo ou em vídeo, vê-se o teatro cariri: “O cachorro, o caçador e a onça”, “A coruja caboré”, “O casamento da acauã com o gavião”, “A briga do galo”, “O baião do bode”. Texto de onomatopéias, vozes animais, letra pouca, a não ser o verso repetido como refrão de cantoria, mote de jongo, o redobramento vocálico dos acalantos, a exemplo de dois números gravados no CD, a cantiga “Ô Ana, pra que tu chora” e o baião “Liá”. Mestre Antônio repete “ô, Liá” oito vezes e solta o verbo, “quem ‘magina cria medo/ e quem tem medo não vai lá”<sup>711</sup>. Sempre esse apelo provocativo, ô, evocativo do aboio.

Arte que vem do trabalho na roça, na percepção estética do cotidiano, da repetição sazonal da agricultura, o que eles alegam e demonstram na feição de peças miméticas do tipo “Tirador de abelha” e “Marimbondo”. E também se abastece na fonte da novidade representada pelo outro e o distante, e a performance “Severino Brabo” exemplifica, o cangaceiro tão valente que brigava com ele mesmo, explica mestre Antônio, antes que um Aniceto pule no meio da roda e encarne a personagem em acrobático frevo, armado de facões, enquanto os pífanos criam a ambiência sonora, dramatizam, auxiliados pelo toque da caixa de guerra, o grave som do zabumba, a pancada extrema dos pratos no momento mais enérgico da luta mortal. Outro número com lâminas, feito em dupla, nasceu, segundo me contou mestre Antônio, durante uma apresentação no Rio Grande do Sul, onde presenciaram uma chula gaúcha com facas, que adaptaram à “briga de galo” do seu repertório. Os filhos deles reproduzem a sutileza do passo da tradição e também contribuem com o acervo. A banda dos Aniceto conta com os irmãos remanescentes, Antônio e Raimundo, e a terceira geração, os primos Adriano (zabumba), Cícero (caixa) e Joval (pratos), que assinam a autoria de “Quilariô”, gravado no segundo CD, “Forró do Cariri”, lançado em 2010. Os filhos de Adriano formaram uma cabaçal mirim, atualizando a irmandade e diversificando o brinquedo. E assim vai.

---

<sup>711</sup> CD “Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto” (encarte com letras, apresentação de Rosemberg Cariry, texto de Altimar Pimentel. Gravado no estúdio Pró Áudio, Fortaleza, em 1995, direção de Calé Alencar).

A primeira entrevista que fiz com a Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto aconteceu em abril de 1998, no Parque Centenário do Crato. O quinteto era então formado pelos irmãos João, Antônio e Raimundo, o primo deles (na verdade, cunhado) Britinho e o jovem Cícero, que tocava profissionalmente numa banda de forró. Britinho, boquinha funda, miudinho, uma carrapeta na hora da função. Estava com 84 anos: “Danço, faço tudo e hei de tocar até o fim. Eu toco o tarolzim, bato o bumba, bato o facão também”<sup>712</sup>, gabou-se. A apresentação da banda requer todo um ritual, seja no palco dos teatros, no meio da rua, em novenário de igreja, na sala da casa que faz a festa de renovação: o grupo vem em fila, tocando a marcha de chegada ou equivalente, e cada um vai à frente e faz uma mesura, ao santo, ao público, ao dono da casa, em um pedido de licença para a brincadeira começar. Daquela vez, Raimundo e o filho exibiram a crista na “briga de galos”, riscando o facão no cimento da praça, faíscas, olho no olho, um braço para trás figurou-se em asa, dançando agachados, deslizando nas pontas das sandálias, são meneios de esporões, e um duelo.

“A gente trabalha na roça e começa a pensar, criar, a imaginar que há algum tempo os bicho poderiam ter feito assim mesmo, falar. Não dizem que os bichos já falaram? Pois é uma idéia boa. A gente composita a música e faz na hora”, teoriza mestre Antônio, imitador das vozes dos animais, aliás, quem na verdade desdobra-os de si, uma permanência do imaginário cariri e da natureza una em tudo o que há. Os Aniceto são lavradores, “fraco, porque não pissui o terreno”, ressalva o risonho Raimundo, que vende goma e farinha na feira do Crato, onde Antônio comercia os pífanos de taboca que ele mesmo faz. João, o irmão mais velho, foi filósofo e foi poeta: “Em matéria de ciência, mesmo pra quem sabe ler, quanto mais vai aprendendo, mais ficará conhecendo o que nos falta aprender”. Mestre João me contou sobre o começo da cabaçal, não a deles, mas a primeira avistada por marinheiros lusitanos, em inaudita lição de história que reivindicava a ancestralidade da brincadeira e a matriz da devoção: “Isso veio dos índios cariris. Quando houve aquela aparição de Nossa Senhora do Monserrato, no ano de 1500, na ilha de Vera Cruz, quando Pedro Álvares Cabral viajava para a Índia. Quando chegaro em Vera Cruz, Dom Pedro entrou no mato e encontrou a Nossa Senhora de Monserrato acompanhada por uma banda de índios venerando aquela santa”<sup>713</sup>. A invocação Monserrate é

<sup>712</sup> Prêmio para os Irmãos Aniceto. **Jornal O Povo**, V&A, 16 abr. 1998, p. 1.

<sup>713</sup> Prêmio para os Irmãos Aniceto. **Jornal O Povo**, V&A, 16 abr. 1998, p. 1.

da “Virgem morena de Barcelona”, e se associa, pela associação com a pedra de seu nome, à padroeira do Crato, Nossa Senhora da Penha. A narrativa justapõe distintos tempos no palimpsesto da memória cariri, anterior a Cabral e à redução jesuítica da Missão do Miranda, o primeiro gesto do Crato, traçado por cariris cristãos e frades espanhóis.

O que se escuta registrado no CD toca em apenas um sentido a arte singular que emana da banda, no comentário de Gilmar de Carvalho: “É na performance que a proposta do grupo se completa. Impossível imaginar os Aniceto sem o passo leve e matreiro com que evoluem, numa dança que é, antes de tudo, ritual”<sup>714</sup>. Em novembro de 2001, mestre João “bateu no couro teso do zabumba, pinotou de faca em punho no meio do salão e mandou ver a marcha saideira”, escrevi. Raimundo falou pelos demais, do luto, e apesar da perda, afirmou que o trabalho de arte dos Aniceto segue adiante porque: “É sagrado, é importante, é lindo”<sup>715</sup>. A Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto fez turnê em 2004 por Portugal – foram ao Crato de lá, e estiveram na França, mostrando seu teatro, sua música, dança e devoção. Encontrei mestre Raimundo, aposentado da agricultura, mas ainda vendendo farinha, para comprar o cigarro, brinca. “A gente é que nem bicicleta, se parar, cai”, e dá aquela risada. Perguntei a ele como foi a viagem para o estrangeiro: “Menina, foi uma maravilha, uma coisa linda, gostaro demais, ave-maria! Inda hoje tem um pessoal de lá de Portugal que telefona pra mim. A França, outra coisa boa, ô lugar longe. O povo tudo gosta da gente. A tradição é cem por cento, viu?”<sup>716</sup>

A tradição e a permanência caminham juntas na corda bamba da periferia. Patativa, o moço Antônio Gonçalves da Silva, trocando a ovelha pela viola, para cantar a sua serra de Santana se cobrindo de flor na lonjura de Belém do Pará. É preciso sair, é necessário ficar, temperando o balanceio. No Crato, mestre Aldenir (José Aldenir de Aguiar), cuida de manter seu reisado. Ele próprio majestade coberta de fitas e espelhos, espada e apito de comando, ensinou loas e passos aos filhos e agora os netos encenam o nascimento de Jesus e a visita dos Reis Magos. Sem medo da morte, ele se confia na arte. “Se eu sair do reisado, já tem gente pra tomar de conta, a brincadeira não se acaba não”<sup>717</sup>. Curiosidade por saber e memória para lembrar. Oralidade e

<sup>714</sup> Prêmio para os Irmãos Aniceto. **Jornal O Povo**, V&A, 16 abr. 1998, p. 1.

<sup>715</sup> Zabumba no paraíso. **Jornal O Povo**, V&A, 17 nov. 2001, p. 5.

<sup>716</sup> Ceará Mirante-Cariri. **Jornal O Povo**, Turismo Especial, 23 abr. 2006, p. 3.

<sup>717</sup> Ceará Mirante-Cariri. **Jornal O Povo**, Turismo Especial, 23 abr. 2006, p. 4.



tecnologia. Altares e oficinas no contexto da globalização. Gilmar de Carvalho publicou, em 2006, um livro com o perfil de mestres da cultura periférica atuando no Ceará. Entre eles, a diversidade que se aglomera no sopé da Serra do Araripe. A fortaleza de Margarida Maria da Conceição, a Margarida do Guerreiro, nascida no sertão alagoano, em 1935, e vinda para Juazeiro ainda menina. Teve 18 filhos, só uma sobreviveu. Foi parteira. Quando moça, ajudava o pai a cavar cacimbas e poços. Iniciou seu aprendizado na lapinha de Dona Tatai, pelos idos de 50, e se fez no reisado de Madrinha Águeda. “Ela achava bonito e sonhava um dia brincar, com saiote de cetim laquê, capa, muitas fitas, espelhos refletindo e fragmentando a luz do sol”<sup>718</sup>. Margarida criou o próprio grupo, que não deixa de ser uma modalidade mais alegre do sagrado, em 1961. “Até agora sou religiosa do meu Padre Cícero Romão Batista, sou dele, toda inteira”<sup>719</sup>. Raimundo Aniceto, que começou tocando tarol na bandinha aos oito anos, falou da sua arte enquanto herança, patrimônio, algo físico, transportável pelo corpo, mais concreto que o dom e sua substância imaterial, ao afirmar, escolhendo bem a palavra para definir a (con)vocação: “É um dote que a gente tem, e a família é toda inteligente pra negócio de música”.<sup>720</sup>

O Juazeiro tem um mistério que nem sei. Quando o Rei do Baião morreu, o corpo desfilou pelas ruas da cidade causando comoção que só não seria maior que a partida do Padrinho de quem o sanfoneiro do Riacho da Brígida, em Exu, Pernambuco, foi devoto a vida inteira. No ano do centenário de Luiz Gonzaga, 2012, o artista plástico Bené Fonteles assinou a curadoria de uma exposição em sua homenagem (com fotografias, xilogravuras, artesanato, discos, livros, vídeos e instalação), em cartaz durante o mês de julho, no Centro Cultural Dragão do Mar. Na galeria fotográfica, a gente pode ver toda a elaboração visual por que Gonzaga passou até chegar à estética do cangaço que deu a ele a marca de sua personalidade artística. Lula, como era conhecido em casa, pegou o trem do Crato para Fortaleza, aos 18 anos incompletos, para se engajar no Exército, era 1930, ano de revolução, ele nunca deu um tiro. Tocava corneta na banda militar. No Rio de Janeiro, virou cantor de rádio.

A cara de lua e a voz de taquara rachada, na implicância de Almirante, o todo poderoso da Rádio Nacional: atacando valsas de

---

<sup>718</sup> CARVALHO, 2006c, p. 42.

<sup>719</sup> CARVALHO, 2006c, p. 43.

<sup>720</sup> CARVALHO, 2006c, p. 47.

gravata e paletó, nos anos 40, em uma das primeiras poses do artista. Dos anos 50, esta inusitada fotografia de Luiz Gonzaga usando jaqueta de couro, no estilo “selvagem” de Marlon Brando. Em outro retrato, está mais próximo da imagem consagrada, o inseparável chapéu sertanejo de aba virada, porém, em vez do gibão que reveste o vaqueiro, usa roupa modelada no uniforme militar, cheia de alamares e botões. Luiz Gonzaga não aconteceu até se reinventar sanfoneiro, aceitando o dote do seu pai Januário, e se trajando na medida do figurino de Virgulino Lampião. Na entrevista que ele deu ao jornal “O Pasquim”, em 1971, em trecho destacado na parede da galeria, conta a Jaguar e companhia quem o inspirou à mudança que o levaria, enfim, ao sucesso.

Quando eu mandei buscar meu chapéu de couro no sertão, eu já estava vendo Pedro Raymundo na Rádio Nacional, abafando. Aquele gaúcho alegre, tocando, improvisando, fazendo versos e conversando, contando prosas. Eu disse: ai, meu Deus do Céu, ele no sul e eu no norte! Vou imitar esse senhor, mas ninguém vai perceber que eu estou imitando. Ele é gaúcho, eu vou ser o cangaceiro. Não conheci Lampião, mas a primeira chance que eu tive, mandei buscar o chapéu, quebrei na testa, peguei uma sanfona e saí cantando as histórias de cangaceiro por aí. Eu queria cantar o nordeste, já estava cheio daquela gravatinha. Então, encostei o burro em Pedro Raymundo. Ele gostou muito de mim, fizemos uma boa camaradagem.<sup>721</sup>

Pedro Raymundo (autor do choro “Escadaria”, no repertório de dez entre dez sanfoneiros), dez anos mais velho que Gonzaga, era catarinense de Imaruí, onde foi pescador, e tocava acordeão, igual a seu pai. Depois que se mudou para Porto Alegre, assumiu a personagem, de bombachas, lenço, laço e gaita, que o distinguiria dos demais tipos artísticos no concorrido meio radiofônico, os cantores e músicos se tornando conhecidos em programas de auditório (e os retratos retocados nas revistas mediavam ídolos para o consumo das massas).

---

<sup>721</sup> LUIZ GONZAGA no “Pasquim”. Disponível em:

<<http://falasmusicais.blogspot.com.br/2007/12/luiz-gonzaga-entrevista-parte-3.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

Luiz Gonzaga também contou de onde é que veio o baião. “Com esse nome, eu tirei justamente do bojo da viola onde o cantador faz o tempero para o improviso, o repente. Ele costuma cantar fazendo o ritmo no bojo da viola e o dedão vai comendo nos bordões. Eu peguei essa batida, criei um jogo melódico e o Humberto Teixeira botou a letra”<sup>722</sup>. Ele não disse qual baião, mas cantava o Cego Oliveira, de Juazeiro do Norte, e cabaçais da Bahia ao Piauí tocam “Asa Branca”, peça matricial que harmonizada pela sanfona, a voz marcante aboindo a letra nova de Humberto Teixeira, cearense de Iguatu, será o símbolo do seu dom e do seu legado. A cultura periférica recolhe o dote no esquecimento da origem e da autoria, e nesse apagar do rastro, outra marca se imprime alterando os contornos para amanhã. A pluralidade dos singulares rege a trama da cultura do limite e das bordas. A tradição oral requer a comunidade participante do jogo, estou lendo Capela em sua leitura de Nancy, “no embaralhamento de palavras e imagens”, de que o corpo passageiro é o fundamento ao trânsito ilimitado da vida: “Pensar o mundo como totalidade em si mesma plural de um sentido sempre singular significa render justiça ao singular plural da existência”.

<sup>723</sup>

#### 4.7 De repente, Maria Rosa

O risco de viver conduz até aqui quem sentiu o infinito à primeira vista na latinha de fermento em pó Royal. Das margens da infância projetam-se propagandas coloridas de revista, desenhos em preto e branco na tevê, o som pop dos anos 60 acontecendo no rádio, e era uma vez a mentalidade sertaneja suburbana consumindo a massa e se modelando na biblioteca do colégio de freiras, a peregrinação íntima para fazer aflorar sentidos que a leitura concede, toda leitura (a escuta e a escrita sendo suas tarefas). Tomando conta do intento de Edward Said, meu interesse mora na ligação entre as coisas. A teoria dos estudos culturais atenta ao que se diz história, literatura, memória, ativa um entendimento do transe, o momento da performance em que uma lembrança fulgura. O pacto que traduz a manifesta pluralidade singular do mundo: os brincantes contornando o adverso por artes do improviso, com dignidade (o conhecimento de si), perenidade (o reconhecimento no outro) e a beleza, que se dá a conhecer em toda parte.

---

<sup>722</sup> \_\_\_\_\_. 2007b. Disponível em: <<http://falasmusicais.blogspot.com.br/2007/12/luiz-gonzaga-entrevista.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

<sup>723</sup> CAPELA, 2011, p. 250.

Fora do eixo, a performance deixa entrever passagens que tão logo aparecem já retornam ao segredo. E assim o imperador Carlos Magno, mil anos depois das peripécias de seus pares contra o mouro Ferrabrás nos campos de alfazema, habitou o cotidiano da irmandade do Contestado, do mesmo modo que ainda tem algo a dizer no cordel e na cantoria, quando os poetas instigados ou não pelos pesquisadores das universidades trazem o que de dentro da lembrança está bem garantido e querendo tem, mesmo se aquela fidalga figura de rei do baralho achou substituto ou, repetindo o dito, foi atualizada nos folhetos de ação por Virgulino, disponível em qualquer plataforma ao consumidor (denominado espectador, no século XX), em quadrinhos, na internet, nas bandas cabaçais de garagem, e mesmo sem ninguém saber que: Zé Pequeno, antes de virar bandido na favela do cinema, era do bando de Lampião, o nome de guerra de cada cangaceiro nas sextilhas de Otacílio Batista Patriota, o mesmo rol repisado na batida do maracatu por Chico Science. E ainda estão rolando os dados, e as cabeças.

Antes do rádio: sons difundidos no papel. “Eram doze cavalheiros/ homens muito valorosos/ destemidos e animosos/ entre todos os guerreiros/ como bem, fosse Oliveiros/ um dos pares de fiança/ que sua perseverança/ venceu todos infieis/ eram uns leões cruéis/ os doze pares de França”<sup>724</sup>, o romance de Athayde no rastro do sucesso de Leandro Gomes de Barros, ao som do martelo<sup>725</sup> pendurado no cordão. As narrativas dos contadores de histórias, mais verso do que prosa. A fala sonora da velha Sinhá, nos longes de Jaguaruana, povoando o mormaço dos carrascais com encantamentos, moursas tortas, guerreiros de legenda que andavam pelo mundo pelejando encourados e rijos feito tio Zé de Elias, vaqueiro e aboiador, as esporas já partidas. Às mulheres, prendas de venturas, não lhes cabiam aventuras, e isso alenta o ânimo da revolta, até compreender a lição invertida de minhas Xerazades caboclas: é preciso viver para contar. De onde ouvi a canção do exílio, em outra idade. *Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas*. Esquecimento à distância. Para lembrar também inventamos.

A conexão pelos sertões, o gaúcho sugere o cangaceiro. E o bumbo leguero soa o zabumba guarani. Os pífanos dos Aniceto sintonizando as flautas qhíchuas. Na discoteca da Rádio Universitária

---

<sup>724</sup> ATHAYDE, 1976, p. 1.

<sup>725</sup> O martelo é a estrofe de dez versos de cinco sílabas (embolada), sete (quadrão) ou 10 (gabinete), que soam na seguinte fórmula, de rimas espelhadas: ABBA/CCDDC. Ver: MOTA, Leonardo. *Cantadores*.

FM, dentre os 60 mil discos de vinil herdados da Rádio Tamoio, do Rio, em 1990, que os bolsistas da UFC lavamos um por um, estava o LP “Os Tápes” (selo Marcus Pereira), sete silhuetas de pala na paisagem invernal da Lagoa dos Patos, onde navego no terceiro milênio em tardes de céu malva, e no ar o perfume dos pinheiros que vem da outra margem. De costas para a lagoa, a Casa da Cultura de Tapes, que fora o grupo escolar, tem no primeiro andar uma estante envidraçada guardando os instrumentos que pertenceram aos músicos, atuantes na década de 70. Na fachada dos prédios edificadas por volta de 1920 a 1930 resistindo na moldura urbana, os mestres de obra tapenses inscreviam o ano de sua construção. Do mesmo modo se apresentam datadas platibandas de residências e sobrados do mesmo período em Fortaleza, a exemplo do casario que circunda o Centro Cultural Dragão do Mar. O que significa tomar de conta, para o dono da fazenda Letras, no sonho do Padre Cícero, na voz de mestre Aldenir do Crato? A resposta confina com uma abertura: a confiança na comunidade imaginária de um templo vazio.

O que foi cópia será original. O que lerás da não leitura, pelo avesso. A palavra como um gesto desabando. São Manuel da Paciência está ou esteve na igreja de Nossa Senhora do Terço, erguida desde 1726 no pátio empedrado do Terço, entre a Rua Direita e a Rua das Águas Verdes, no bairro de São José, Recife antigo. (No Pátio do Terço, quando bate a meia noite para a terça-feira de carnaval, todos os tambores dos batuques ali concentrados silenciam). A imagem é de um jovem com o pano da pureza cingindo os quadris, parecendo São Sebastião. Uma flecha em cada mamilo e outra atravessada no cérebro, pelos ouvidos. Tive notícia segura do santo escolhido por Madrinha Dodô para a rezadeira Maria Isabel no artigo “A imaginária sacra pernambucana do século XIX: história e técnica da obra de Manoel da Silva Amorim”<sup>726</sup>. O santeiro Silva Amorim era irmão da Ordem Terceira de São Francisco do Recife, e dentre as imagens esculpidas creditadas a ele consta a figura policromada do São Manuel da Paciência, obra realizada em 1857, com 113 centímetros, encarnada em talha inteira (bem definida a musculatura das costas nuas). Os olhos são de vidro. São Manuel da Paciência foi um embaixador cristão no reino

---

<sup>726</sup> Acesso: [http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/kleumanery\\_de\\_melo\\_barboza.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/kleumanery_de_melo_barboza.pdf), p. 270. Conceição Linda de França e Kleumanery de Melo Barboza apresentaram este ensaio no 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, em Cachoeira-BA, 2010 (consulta: 20/05/2012).

da Pérsia, no século IV. Sofreu o martírio das setas no ano 363, por ordem de Juliano, o Apóstata. O santo é festejado em Granja, no Ceará, tem capela na potiguar Mossoró, e é padroeiro da cidade de Xucuru, em Pernambuco.

A cultura singular, diferentemente comum a todos e a ninguém indiferente, é a expressão ética e estética em que partilhamos molduras experimentais na descontínua narrativa de que nos valem para surpreender o infinito na beira do tempo que resvala. E o que comunicamos provém do trato com o híbrido, o estranho e o contraditório da existência coletiva. As culturas, melhor dizendo no plural, como escreveu Said, são “estruturas de autoridade e participação criadas pelos homens”<sup>727</sup>. O espírito do gênero humano não é uma questão de propriedade particular, continuo com Said, “mas antes de apropriações, experiências comuns e interdependências de todo tipo entre culturas diferentes. A história de todas as culturas é a história dos empréstimos culturais”<sup>728</sup>. A eficácia coercitiva da cultura enquanto autoridade passa pelo recalque da expressão do que se queira subjugar. A cena de chegada no aeroporto Benito Juárez, cidade do México, outubro de 2004, aos gritos incompreendidos do negro rendido no piso sob a força policial olmeca e mais chegando velozes em motonetas silenciosas. Na ala da imigração, a fila de aflições orientais sentadas lado a lado, na hermética sala de vidro de um mundo estranho. E a diferente receptividade ao estrangeiro convidado, e eu não me senti em casa, mas quase, como se fora Manaus com seu diverso rosto indígena, Juazeiro de Guadalupe, que a dor é a mesma, Senhora, e a desmesura de São Paulo.

O poder hegemônico, para garantir sua eficácia, embala a tradição na retórica do trabalho, reiterando o discurso sobre o preguiçoso diante do folgar do brincante ou do gasto devocional. A objeção ao controle (inclusive a dos demais seres da natureza) vem sendo registrada como teimosia em oposição à civilidade do homem superior. “Quase todos os projetos coloniais começam com o pressuposto do atraso e da inaptidão geral dos nativos para serem independentes”<sup>729</sup>. O equívoco ainda em voga nos enreda na crise das mercadorias que se desloca em conjuntura viral. Se não mais nativos, no

---

<sup>727</sup> SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 50.

<sup>728</sup> SAID, 2011, p. 339.

<sup>729</sup> SAID, 2011, p. 144.

mundo da comunicação em presente contínuo, o coletivo das favelas trava o caminho do consumo (o ideal de progresso para o século que passou). As cidades se expandem de encontro às comunidades, porém, desde um espaço conquistado por inclusão, a periferia vem ensaiando resposta própria, quando ativa usuais conexões de solidariedade, e onde menos se espera é mais. *O luxo da aldeia*. Em cada samba bom Palmares vive.

O que pensam os promotores da cultura popular, os zeladores da tradição, apropriando-se da gasta idéia salvacionista redutora que notabilizou o aparato civilizatório do segundo milênio ocidental. Remexendo *a nata do lixo*, missão, salvação, ambição e dominação se combinam no caleidoscópio do projeto paternalista e autoritário. Ainda Said: “A ideia de salvação e redenção ocidental por meio de sua ‘missão civilizadora’ conquistou um estatuto definitivo em todo o mundo, mas ela sempre foi acompanhada da dominação”<sup>730</sup>. A alegada preguiça do índio, do Jeca Tatu, de Macunaíma, do mulato inzoneiro, do pobre sempre, é a recusa sistemática em aceitar preço aviltante por seu trabalho esforçado e configura uma resistência, desconstruindo o “mito do nativo indolente”: exercício de contrapoder.

Sem, contudo, restringir de todo ao ultrapassado império britânico idéias fiadas para a carapuça feita à periferia selvagem. Segundo pensava um lorde da era vitoriana evocado por Said, que serve de exemplo a uma mentalidade colonialista residual, ainda presente pelo avesso no que se convencionou chamar “politicamente correto”, mas que não deixa de sinalizar o debate que levou a um câmbio de atitude com respeito às diferenças. Dizia o lorde que “o clima e a geografia determinavam certos traços de caráter do indiano. Os orientais não conseguiam aprender a andar nas calçadas, não sabiam dizer a verdade, não eram capazes de usar a lógica [...] o nativo da Malásia era essencialmente preguiçoso”<sup>731</sup>. Também está posto como verdade consensual que os árabes só entendem a linguagem da violência. O indígena “careteiro” é “ontologicamente engraçado”<sup>732</sup> na tentativa de copiar modos civilizados – mas a natureza ensina o mimetismo e imitar remete ao exagero icônico da caricatura. E à possibilidade de negociação. O xavante Mário Juruna, deputado eleito na legislatura 1983-1987, ia ao Congresso com seu resplendor de cacique na testa, mas

---

<sup>730</sup> SAID, 2011, p. 217.

<sup>731</sup> SAID, 2011, p. 245.

<sup>732</sup> SAID, 2011, p. 248.

vestia o paletó regimental. Portava inseparável gravador com que documentou a vanidade da palavra dada.

Na perspectiva de fora enxergamos o mundo com o olhar conquistador que se demora na ocupação sistemática da terra, considerando-a o espaço vazio de que tratam os argumentos técnicos sobre as fronteiras móveis das matérias primas e defendem empreendimentos grandiosos e degradantes do ambiente, a despeito de alternativas que levem em conta muito mais que os mesmos eternos consumidores dos benefícios. O imperialismo é um gesto de violência geográfica, escreveu Said: “Uma das primeiras tarefas da cultura de resistência foi reivindicar, renomear, e reabitar a terra”<sup>733</sup>. Nós somos grãos de estrelas em viagem para dentro, na migração à sesmaria dos sobejos, mas *vamos invadir sua praia*. As populações primitivas – a palavra, aqui (e adiante), significando a originalidade singular de comunidades resistindo restritas, vem sendo responsáveis não apenas por manterem a si, mas ao entorno natural de que se sabem fazendo parte. *Nem tudo pode ser comprado*: o chimarrão, oferecido e partilhado. A conexão da sobrevivência por um fio. O outro do outro sou eu. As cidades podem ser abandonáveis, a floresta não, nem o deserto, o último apelo afetuoso a outra vida talvez, mais integrada, onde a natureza toda, a gente inclusive, fosse equivalente e permutável, como estimam as cosmologias dos pajés e as lendas e as fábulas.

Fantasia resistente, provar alternativas para contar-se com diversa identidade, “e, se somos mentiras, seremos mentiras de nossa própria autoria”<sup>734</sup>. E, pois, que o mundo das coisas também se dota de espírito, o texto é este objeto inacabado por um movimento brusco, livro de areia onde se traça a permanência erradia das palavras que escolhemos com tanto zelo e o sopro do supérfluo desfaz. Volto aos indícios alheios com que armei meu testemunho. Da sobrevivência.

É-me impossível contemplar como um todo acabado o *corpus* daquilo que nos foi legado, e nos serve de alimento. Mesmo que se viesse a comprovar que mais nenhuma obra registrada por meio da escrita, e de tamanha significação, advirá,

---

<sup>733</sup> SAID, 2011, p. 353.

<sup>734</sup> SAID, 2011, p. 332. A frase é de Tayeb Salih, um dos citados “escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo”.



restaria ainda o enorme reservatório daquilo que é transmitido oralmente pelos povos primitivos.<sup>735</sup>

Desatados de nós, abalados muros, convicções, as torres na silhueta da cidade, as cavernas eletrônicas, os escudos, estamos confinados nessa jangada viva a boiar no cosmo enigmático, e rodeados de novidades obscuras. Somos o inumano, você e eu. “Para ser redimido, é preciso deitar-se em meio à bicharada. A posição ereta é o poder que o homem exerce sobre os animais [...] e somente estendidos no chão, rodeados pela bicharada, podemos ver as estrelas, que nos redimem do assustador poder do homem”<sup>736</sup>. Ainda no centro da engrenagem.

(Na Praça XV, respiro o ar frio sob a copa da figueira centenária, o ser vegetal de galhos gigantes escorados em bengalas esguias como as que amparam os relógios derretidos de Dalí. De lá, fui conferir a Procissão do Senhor Jesus dos Passos. O dia estava acabando, a lua uma unha no céu de anil. Segui a multidão que subia a colina do Hospital de Caridade de onde a romaria saiu pontual, às oito da noite, um mundo de gente com velas acesas em lanternas improvisadas e aquilo derretia, o cheiro do plástico queimando era um incenso funesto. Uma mulher falava com outra, ao meu lado: “Eu disse, sai, nega, daí, senão queimo teu cabelo”, mas qual dentre elas seria, as mulheres daqui costumam tratar qualquer outra por “nega” e, para agradar, “amada”, do jeito que em Fortaleza se diz “mulhezinha”, em relações de proximidade, ou o vocativo geral, “ô, mulhé”. Negros na multidão e na irmandade de opa lilás, segurando o andor pesado. Sobre almofadas roxas, Jesus pingando sangue sustenta a sua cruz. E o que vejo ali do alto, adiante, o colar da ponte no colo do mar, o continente, o caminho do Peabiru).

(Janeiro de 2009. O trabalho da compreensão figura essa estrada de mão dupla e larga por onde teoricamente divergimos. Mas também se dá na veia das veredas repisadas. Colônia do Sacramento, Uruguai, dia de sol. Pensa-se conhecer um lugar a partir de seus museus? Aqui são oito, no quadrilátero da cidadela sombreada pelos plátanos. Casinhas do século XVII espremidas nas ruas de pedra, as do período lusitano com sua calha central, e nas ruazinhas de coxias laterais, casas de pátio interno, a obra do ladrilhador, para recordar Octavio Paz em seu

---

<sup>735</sup> CANETTI, Elias. **A consciência das palavras**: ensaios. Tradução de Márcio Suzuki e Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 316.

<sup>736</sup> CANETTI, 2011, p. 160.

labirinto. O farol de atalaia, vigiando o rio. Calle de los Suspiros, Rua das Flores, Passeio dos Tapes. Aqui foi um enclave português em frente a Buenos Aires, que se vê na margem oposta, em traços verticais na linha do horizonte. A boca do Prata era convergência estratégica para a efetivação da colonização ibérica. Em janeiro de 1680, Lisboa armou expedição, confiada a Manuel Lobo e sua tropa de charruas e minuanos, que tomou o forte dos castelhanos circundantes e ocupou o entreposto. Em agosto, a “noite trágica”: a guarnição foi massacrada pelo exército do vice-rei espanhol, uma coluna com três mil índios tapes).

(No Museu Português, óleo sobre tela representa a cena mais dramática da “noite trágica” quando morto Manuel sua mulher Joana Lobo toma da espada e combate até o fim. Na fase crônica das escaramuças entre os dois reinos, na repartição do Novo Mundo, cada qual levava ao confronto seu exército de nativos coagidos. O trecho entre São Paulo e Paraná, da rodovia que corta o Brasil de norte a sul, tem por nome Raposo Tavares, em memória do bandeirante que abriu esse caminho para abastecer com guaranis apresados nas missões e reduções, aonde também recolhia gado e o mais que pudesse carregar, as forças leais ao rei distante e destacamentos jagunços dos vassalos da Casa da Torre de Garcia d’Ávila, o castelo em pedra negra que assombra a beira do mar da Bahia. Raposo Tavares destruiu, no ano de 1628, a Missão do Guairá, aquém das gargantas do Iguacu que dividirão três fronteiras, e em 1638 arrasou a Redução do Tape, situada no centro da futura província de São Pedro do Rio Grande. Depois dele, vieram outros no rastro da fortuna, traficando gente, tangendo boiadas).

(A “Revista” do IHGB, ano de 1908, traz um documento que serviu de argumento ao Paraná, quando da questão do Contestado: “Noticias praticas do novo caminho que se descobria das Campanhas do Rio Grande e nova colonia do Sacramento para a villa de Coritiba no anno de 1727 por ordem do governador e general de São Paulo Antonio da Silva Caldeira Pimentel, pelo sargento mor da cavalaria Francisco de Souza e Faria, descobridor e abridor do caminho. Subida a Serra dei logo em campos e pastos admiraveis, e nelles immensidade de gado, tirado das Campanhas da nova Colonia, e lançado naquelle sitio pelos Tapes das aldeias dos P.P. Jezuitas no anno de 1712”<sup>737</sup>. Um exemplar mais antigo, nominado “Revista Trimensal de Historia e Geographia ou

---

<sup>737</sup> Catálogo geral da Revista do IHGB disponível em:

<<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>>. ; tomo 69, parte 1, ano de 1908, p. 238 (Acesso em: 21 jun. 2012).

Jornal do Instituto Historico Geographico Brasileiro”, de 1843, contém a “Memoria da tomadia dos Sete Povos de Missões da America de Hespanha que hoje se acham annexos ao Domínio do Príncipe Regente de Portugal, Nosso Senhor”, escrita em Lisboa, em 1806, por Gabriel Ribeiro de Almeida: “José Borges do Canto e eu, com 40 homens, fizemos a conquista, que vou a referir”<sup>738</sup>. O gaúcho Borges do Canto era desertor do Regimento dos Dragões e vivia na campanha, entre charruas e minuanos).

(Na tessitura literária da nação cordial, com todos os desdobramentos daí decorrentes, um viés romântico delineou o tipo heróico do indígena que ficou no imaginário popular, apenas atravessado pela ambiguidade moderna de Macunaíma. O Peri alencarino e o pajé lacrimoso de Gonçalves Dias reservaram lugar no mausoléu da origem. Iracema, teu sobrenome é saudade. Não tem índio flanando na rua do Ouvidor. A novela urbana de Alencar, temperada com moreninhas altivas e caboclas faceiras, dispensou a presença coadjuvante de um antepassado colonial extinto. Houve um lapso nos registros durante o qual essa personagem foi banida da paisagem urbana, civilizada, conquistada ao sertão e seus habitantes – a eclipse exclui o errático Souzaândrade. O índio vai aparecer de novo nos jornais do começo do século passado, eles perdidos conectados por Rondon e os etnólogos que lhe vieram no encalço. Após o primeiro brado modernista, o índio ressurgue na ficção histórica da segunda geração, santificado e mudo na saga matriarcal de Érico Veríssimo, até situar-se como sujeito no retorno à floresta conduzido pelo ímpeto revolucionário do romance reportagem dos anos 60. Dos 80 em diante, eles começam a protagonizar narrativas, ao escrevê-las, bilíngues. Penso em Daniel Munduruku e no livro de memórias sobre o avô Apolinário, dedicado ao público infantil: histórias moram dentro da gente, feito pedrinhas no fundo de um rio).

Em três esquinas da rua principal de Tapes – com um supermercado, o Banco do Brasil e a rodoviária, bate ponto o artista popular Paulo Martins, o Trovador das Três Fronteiras. Vestido a caráter, o que quer dizer, à gaúcha, o que também significa uma indumentária herdada em parte a hispânicos e guaranis, o traje oficial de cantor tradicionalista: chapelão com barbicacho sobre a barba que branqueia, o lenço maragato com distintas amarrações, a cruz missioneira no peito e um broche com as armas do Rio Grande, se no

---

<sup>738</sup> Revista do IHGB, tomo 5, n. 17, abr. 1843, p. 5 (Acesso em: 21 jun. 2012).

inverno, pala ou capa, e no mais, bombachas, cinturão de fivela, chinelos de couro cru, manta no ombro, o matulão de viagem, que é sua mala de poeta ambulante: todo dia ilustrando a paisagem, os dedos cheios de anéis, vendendo CDs e o novo livro, *Pedaços da nossa história*. O trovador é o repentista do sul, acompanhando-se igualmente à viola, mas mais comumente por sanfona ou ainda na gaita ponto, conhecida pelo nordeste com o nome de oito baixos e pé de bode, do tipo que Januário tocava no Exu. Trovador, palavra gerada entre Provença e Galícia, dedilhada na voz grave do mestre contista Moreira Campos, professor de literatura portuguesa no curso de letras da UFC, idos de 80, *ai flores do verde pino*, invocando antes das naus imprecisas os pinheirais de D. Diniz, o Trovador, neto de Alfonso X, o Sábio, rei e poeta, autor das Sete Partidas que regraram os jogos de palavras na corte de Castela, compilador das cantigas a Santa Maria, cantigas de amigo e de maldizer, em sextilhas, sétimas e quadras ainda em uso na arte memorial dos atuais monarcas do improviso.

Dentre o sortimento poético da cantoria, desde as composições com versos alexandrinos do martelo gabinete à trova medieval de rima alternada, temos o quadrão, que é a estrofe composta por oito versos que rimam pares e ímpares entre si ou senão apenas os pares e as demais linhas ficando avulsas ou ainda em arranjos mais complexos, mas sempre repetidos, que o ouvinte de cantoria distingue cada modalidade nos festivais e demais apresentações, estilos igualmente identificáveis no romance de cordel. O quadrão é a forma dominante na expressão de Paulo Martins. O poeta dos pampas também faz do seu modo de vida – e assim como seus pares nordestinos, a vida comum recordada mais do que a própria – a matéria de sua arte. Gaudério, teatino, xiru, índio vago, o poeta recompõe o caminho ancestral, elidindo os marcos políticos e traçando uma geografia de fronteiras imprecisas, onde nacionalismos se diluem e arquétipos se embaralham, e ele se irmana igualmente a Martín Fierro e Sepé Tiaraju (em “O homem do pampa”). No martelo em redondilha maior que dá título ao livro, ele empresta a voz à mulher gaúcha: “Eu cuidava das estâncias/ eles faziam a guerra/ mas os homens desta terra/ não me deram importância/ Velei noites nas distâncias/ ajudei os que pelearam/ rezei pelos que tomaram/ mas não constam nos arquivos/ os verdadeiros motivos/ e por que me deserdaram”<sup>739</sup>. Cantando bravuras

---

<sup>739</sup> ARAÚJO, Paulo Martins de. *Pedaços da nossa história*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag), 2011, p. 15.

masculinas e elogiando as prendas, como é do feitio tradicional, o trovador de Tapes explora outras vertentes ao transitar por esta reivindicação em primeira pessoa, aliada a um elenco de “Mulheres Revolucionárias”, pinçadas do presente e do passado, entre outras, Anita Garibaldi, Dilma Rousseff, a argentina Eva Perón, e uma sertaneja: “A nossa Maria Bonita/ rainha dos cangaceiros/ tinha um instinto guerreiro/ mas teve morte esquisita/ sei que ninguém acredita/ mas a mulher do Lampião/ na história do sertão/ era a minha favorita”.<sup>740</sup>

O repentista, o poeta sertanejo, impõe respeito e frequenta a sala da hegemonia econômica e política, até onde leva a voz do público que o motiva, pois vivenciam as mesmas dificuldades existenciais através de um repertório cultural comum. E ambos, ouvinte participante e artista, referendam a norma e as formas que modulam a sua atuação conjunta. O poeta periférico age em nome dos marginalizados entre os quais se inclui, mas também interfere na estratégia de sobreviver da palavra alguma negociação, no jogo de interesses que há por trás dos versos encomendados, seja para exaltar uma personalidade, divulgar um produto ou prestar algum serviço. Esta subserviência é aparente, ou melhor, é lúdica, participa do enredo, como costuma acontecer no desafio à viola, onde os contendores primeiro se elogiam e mutuamente gabam a maestria, para se insultarem com a língua mais afiada no calor da peleja. A prática do encômio não desqualifica a competência do cantador profissional, que ele e seus apologistas<sup>741</sup> distinguem o que participa na autonomia da arte e o que é devido ao trabalho. Não difere a realidade do trovador do sul, compartilhando com seus colegas da viola a pertença comunitária que o acolhe, aprecia e reconhece, mas para publicar o livro ou gravar o disco, o artista acaba pagando “tributo” aos financiadores, cuidando de não perder a conexão com o coletivo que dá sentido a seu legado. É o que fez Paulo Martins afirmar, a contrapelo dos muitos “tributos” de *Pedaços da nossa história*, em mote que dignifica ouvintes e poetas: “me sinto gente entre gente/ quando cantando me acho”.<sup>742</sup>

Otacílio Batista Patriota (1923-2003), conhecido por Otacílio Batista do Pajeú, por ser natural de São José do Egito, ribeira do Pajeú,

<sup>740</sup> ARAÚJO, 2011, p. 17.

<sup>741</sup> O apologista é um ouvinte especializado, que promove, divulga e realiza cantorias, além de elaborar os motes ou temas a serem desenvolvidos pelos cantadores (no caso dos festivais, em envelopes fechados a serem abertos no momento da apresentação, como prova e garantia da autenticidade do improviso).

<sup>742</sup> MARTINS, 2011, p. 37.

Pernambuco, foi o poeta repentista que fez a transição entre a geração dos violeiros de paletó e gravata, que embora radicados nos sítios ou cidades do interior se exibiam no vestuário domingueiro, bem distinto da roupa de trabalho tanto do vaqueiro quanto do agricultor por quem cantavam, versejando em cantorias “pé de parede”, realizadas nas varandas, alpendres e copiares, como apreciaram no fim do século XIX Silvio Romero e no começo do XX Leonardo Mota, e a leva sucessiva de repentistas pós-tropicalistas, os artistas nordestinos urbanizados que dotaram a cultura de massa com os traços fortes da cultura tradicional sertaneja, fator de hibridação que se renova desde Luiz Gonzaga, transitando por Alceu Valença, Fagner, Lenine, o finado Chico Science, Zeca Baleiro e Chico César, para ficar no masculino singular. Otacílio deu parceria ao trovador parabólico Zé Ramalho, no martelo “Mulher nova, bonita e carinhosa/ faz o homem gemer sem sentir dor”. Ele criou um personagem faceto, o Velho João Mandioca, na linha do palhaço indecente do Pastoril profano. E foi responsável por popularizar um violeiro fictício, talvez, uma sátira em que caricaturou o repentista de feira e de porta de cabaré, pouco letrado e desinformado das novidades do mundo, porém imaginoso e safo, em cordel de sua autoria com a peleja em que aparecem as sextilhas excêntricas atribuídas a Zé Limeira, o Poeta do Absurdo (biografado pelo jornalista Orlando Tejo, parceiro do cantador nessa travessura).

Nos festivais de viola com duplas competindo, os principais itens em julgamento são a métrica, a rima, a oração e o aplauso. Os dois primeiros quesitos tratam da estrutura do poema, que deve obedecer ao modelo previamente acordado no instante da porfia. Um poeta ganhador de festival, um poeta campeão de público e principalmente aquele que domina as regras do seu ofício, ao ponto de desenvolver outras modalidades ampliando o acervo comunitário, não quebra o pé do verso (alterando indevidamente a métrica) e sempre recorre ao padrão convencional do idioma, desprezando a rima forçada, sendo permitidas aliterações, o que o aproxima do rigor metodológico dos parnasianos e dos concretistas. No caso de Zé Limeira, ele considerava a moldura e subvertia a oração, a coerência entre texto e mensagem, mote e desenvolvimento, e daí o disparate dos versos, que aciona o potencial crítico de sua poética alucinada: “São José de Mipibu/ era o pai de Jesus Cristo/ mas quando Ele soube disto/ já tava em Caruaru/ O mundo ficou azul/ começou um pé-de-vento/ São Pedro vem lá de dentro/ correndo

atrás de uma lebre/ Quem for podre que se quebre/ diz o Novo Testamento”<sup>743</sup>, em itálico, o tema a ser glosado.

Os irmãos Batista eram Lourival, Dimas e Otacílio, afamados cantadores de viola, “lidos, viajados, polidos, habituados no Rio de Janeiro e em São Paulo, elogiados pelos Ministros de Estado e Presidente da República”<sup>744</sup>, de que dava notícia Câmara Cascudo em 1960, no prefácio que escreveu à terceira edição de *Cantadores*, distinguindo-os dos violeiros que Leonardo Mota viu, ouviu e anotou nos anos 20, em sua romaria poética. Os irmãos Batista levaram a cantoria para o rádio na década de 50, quando a televisão já despontava. A cantoria que era restrita à platéia dos alpendres das fazendas agora entrava na casa de cada um, com a difusão massiva da nova mídia. E do rádio demorou a constar nas capitâncias hereditárias da tevê, porém, chegou na mesma rapidez da mais extemporânea novidade ao espaço em expansão do multiverso virtual, no qual os usuários criam os conteúdos, e em cujas curvas anacrônicas encontram-se a dupla de repentistas Os Nonatos cantando “O planeta movido a internet”, e Lourival Batista com Pinto do Monteiro em tradicional “pé de parede” filmado em 1969 por Geraldo Sarno<sup>745</sup>. Os festivais competitivos de hoje, difundidos na rede mundial, são eventos em que a cantoria reafirma as exibições de competência, agilidade mental e capacidade de improviso do poeta, mensuradas na hora pelo retorno do público, e antes documentadas em cordel, feito a recopilação que Leandro Gomes de Barros fez da disputa lendária entre Romano da Mãe d’Água e Inácio da Catingueira, na cidade de Patos, Paraíba, a qual durou oito dias, dizem, vai para mais de cem anos, ou o trava línguas da paca (“quem a paca cara compra/ paca cara pagar”), com que o cearense do Crato, ex-foguista de trem no Quixadá e projetista de cinema itinerante, Aderaldo Ferreira de Araújo, o Cego Aderaldo, finalizou Zé Pretinho do Tucum.

Otacílio Batista inteiraava vinte e tantos anos de viola e dez ou mais de cantoria no rádio quando começou a gravar suas composições, já na era do vinil, destacando-se os LPs do selo criado pelo visionário

---

<sup>743</sup> TEJO, 1997, p. 145.

<sup>744</sup> MOTA, Leonardo. **Cantadores**: poesia e linguagem do sertão cearense. 6. ed. Prefácio de Câmara Cascudo (3. ed., 1960). Epígrafe de Silvio Romero. Capa e ilustrações de Aldemir Martins. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. (Texto de acordo com a primeira edição de 1921), p. 17.

<sup>745</sup> Documentário de Geraldo Sarno disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=avPBvvAHAtU&feature=relmfu>>. (Acesso em: 05 set. 2012).

Marcus Pereira, publicitário e produtor paulista que realizou, durante a década de 70, um mapeamento da diversidade musical do Brasil. Ele também gravou pela Fábrica de Discos Rozenblit, do Recife, alagada na cheia do Capibaribe em 1975, quando se perdeu boa parte do maquinário e acervo, inclusive a matriz de “Paêbiru [*sic*] – caminho da montanha do sol”, primeiro registro de Zé Ramalho, em parceria com Lula Côrtes, gravado nesse mesmo ano, álbum duplo sob o signo dos quatro elementos em que eles contam a lenda de Sumé, o civilizador cariri, e os segredos da Pedra do Ingá, na Paraíba, onde começaria a estrada guarani até o Pacífico.

Com o advento do CD, nove fora o intervalo da cópia em fita cassete, discos de tiragem limitada ou de gravadoras que nem existiam mais ganharam reedição, ao arrepio da indústria fonográfica e antecipando o cenário do compartilhamento de dados. “Otacílio Batista do Pajeú”, de 1982, e “Meio Século de Viola”, de 1989, estão compilados no CD “A mais bela voz da cantoria”<sup>746</sup>. Estes discos, porém, documentam sextilhas, martelos, galopes, emboladas e outras modalidades nascidas no ao vivo das apresentações, que em algum momento incluem a factualidade, a prova do improviso, o que nos informa quando o repente aconteceu, a exemplo de “Eu vi Brasília de perto”, onde o poeta fala do trabalho anônimo dos operários nordestinos, a cidade erguida “por candangos sofredores/ na mão dos exploradores/ a troco de quase nada”, o contraste entre a rodoviária, “um retrato do sertão”, e o aeroporto, e ainda observa, na catedral, que “no meio de tanto santo/ só faltava Benedito”. Em “Apelo ao Papa”, ele critica a situação das crianças de rua, quando da primeira visita de João Paulo II ao Brasil, e denunciou a violência dos tanques de guerra contra os estudantes chineses em 1989, na Praça da Paz Celestial (“o direito da força é quem domina/ num país que se diz tão social”). Ao longo da vida, percebe-se a extensão de sua voz cantando por liberdade e justiça, os direitos das mulheres e combatendo a exclusão dos oprimidos: “A mãe natureza não tem preconceito”; “o preconceito não foi abolido”; “se as terras cativas fossem divididas”; “sem reforma agrária/ solução não vejo/ para o sertanejo”. Otacílio Batista dedilhava um fraseado inimitável na viola, cantando martelo e quadrão. Ao completar meio

---

<sup>746</sup> O CD “Otacílio Batista do Pajeú – a mais bela voz da cantoria” foi remasterizado em Fortaleza pela Vida Cristã Music, sem data e sem encarte, apenas reproduzindo, na frente, as capas dos LPs originais e no verso os títulos das composições.



século de improviso, reafirma o ofício do cantador, “a viola é meu pão de cada dia”, finito e eterno: “canto até depois da morte”.

Se coube a Otacílio Batista e seus irmãos a primazia de trazer a cantoria para o rádio, o poeta Geraldo Amâncio consolida há quase vinte anos o repente na televisão, com o programa semanal “Ao som da viola”, produzido e apresentado por ele desde 1993 em uma emissora de Fortaleza e transmitido por parabólica a todo o país. Conheci Geraldo Amâncio em Juazeiro, no final da década de 80, em viagem de pesquisa pela Rádio Universitária, na companhia do parceiro José Rômulo, munidos de um gravador francês que era um miniestúdio com o qual captamos benditos, pregações, o espetáculo dos vendedores ambulantes em festa de romaria, o som das ruas, as vozes, sotaques, novenas, risadas, a memória dos velhos. E em um dia quente de novembro fomos bater à residência de Geraldo, que veio morar em Juazeiro a convite do repentista Pedro Bandeira, que foi com quem ele se estabeleceu enquanto violeiro e poeta, cantando de par em programa de rádio local. A sala da casa dizia que ali morava um campeão, a parede tomada pela imensidade de troféus, ganhos com seu verso certo em festivais por todo o Brasil. Tornei a encontrá-lo ao longo desses anos, já radicado em Fortaleza, promovendo festivais, estimulando novos cantadores, sempre na batalha, e sem perder a generosidade e a alegria, tanto que sua marca registrada é a frase: “Tá lindo!”.

Geraldo Amâncio Pereira nasceu em 29 de abril de 1946 no sítio Malhada de Areia, município de Cedro, Ceará. A primeira cantoria que ouviu foi no rádio, tinha oito ou nove anos, recorda, e “aquilo pra mim foi um encanto”. A sua estréia aconteceu aos 17 anos, em Lavras da Mangabeira, na véspera do Dia de Reis de 1964, em cantoria organizada pelo poeta Pedro Bandeira (1938), que depois elogia o moço em seu programa de rádio, fato que confirmou a decisão de se tornar profissional.

O certo é que no dia 18 de fevereiro de 1964 saio de casa, com a viola e uma malotinha com duas roupas. Arrumei uma vaga no programa de Antônio Maracajá, na Rádio Iracema de Iguatu. Passado um mês, um mês e meio, acabou o dinheiro. Não sei como voltei, mas voltei pro Cedro e do Cedro pra casa, que são 18 km, tirei a pé. Quando cheguei, contei a história de que não tinha ganho dinheiro, meu pai disse, eu não lhe

disse que isso não tinha futuro? Cê não vai sair mais não. Demorei só uns cinco ou seis dias, minha mãe vendeu uma galinha, uns ovos, viajei de novo e até hoje, depois de 40 anos, nunca mais voltei pra casa pra ir pra roça e não fiz outra coisa na vida, a não ser cantar.<sup>747</sup>

“Ah, minha filha, poeta não diz à mulher onde é que vai não, muito menos quando volta”, responde Helenilce Amâncio, casada desde 1969 com o poeta Geraldo. Eu procurava o repentista para fazer uma página em memória a Patativa do Assaré (1909-2002), e era uma manhã de chuva quando ele me concedeu essa entrevista, na qual fala de seu trabalho (“Deus me deu esta luz da cantoria, de onde sobrevivo, há quarenta anos. E devo tudo ao povo, de onde venho e para quem eu canto”), da cantoria no rádio, e relembra sua convivência com o poeta de Assaré, para quem improvisou os seguintes versos, ali, naquela hora:

Foi o número um, foi invencível/ parecendo com ele não há nada/ Sua xerox não pode ser tirada/ não existe poeta do seu nível/ Construir sua cópia é impossível/ do seu clone não há cogitação/ Se for pelo Autor da criação/ outro Antônio Gonçalves não se cria/ Patativa foi tudo que a poesia/ precisou pra chegar à perfeição.<sup>748</sup>

Em 65 ou 66, fiz minha primeira viagem em busca do Cariri, fui com o poeta João Bandeira pra Assaré. Aí tive a oportunidade de conhecer o Patativa. Ele foi assistir minha cantoria, eu assim meio tímido. Patativa, de vez em quando, vinha a uma cantoria nossa, eu cantando com Pedro Bandeira. Patativa participava sempre, não como profissional, mas cantava um baiãozim, dois, comigo, com Pedro. E era uma festa. Fui morar em Juazeiro em 69, e coincidia de a gente ir cantar em Assaré, Patativa ia com a gente e recitava durante a estrada toda. Fomos amiudando a amizade. Daí começaram as viagens minhas, sempre levando Patativa, a Olinda, ao Recife, a Arcoverde, várias vezes, a Petrolina, onde ele fez

<sup>747</sup> Tá lindo! **Jornal O Povo**, Vida & Arte, 20 abr. 2004, p. 1.

<sup>748</sup> Mina d’água da saudade. **Jornal O Povo**, V&A, 05 mar. 2004, p. 1.

uma coisa interessante: o casamento de Petrolina com Juazeiro da Bahia, você conhece? Pois é, uma poesia que num sei quem tem, meu Deus, uma coisa bela. São cidades assim como Juazeiro do Norte e Crato, têm um pouco de rixa, e isso ele quebrou, até nisso ele era fantástico. Àquela época, a melhor janela pra se aparecer, a melhor vitrine, era o rádio. No começo dos anos 70, surge a rádio Vale do Cariri e nós montamos um programa e ele também. O meu era diário, o dele uma vez por semana. Às quintas-feiras, pela manhã, ele gravava o programa, que ia ao ar no domingo. E Patativa acostumou-se a vir pra minha casa. Toda quinta, religiosamente, ele almoçava comigo. Patativa sempre teve um carinho muito grande pelos meus filhos, principalmente pela minha filha Geslie. Outro dia, andei na casa dela. Ela preservou muito mais as coisas do Patativa do que eu. Ele sempre me escrevia um verso, pedindo resposta, fiquei devendo. A gente, quando quer bem às pessoas... Pensei que meu avô não morria nunca, que Patativa não morresse.<sup>749</sup>

Geraldo Amâncio faz uma leitura da arte do Patativa, ao mesmo tempo enquanto explica os paradigmas da poesia do repente e do cordel.

Além do dom incomparável, Patativa teve oportunidade de ler a métrica. A métrica do cantador é cantante, se sobrar uma sílaba, o verso não cabe na boca do cantador. Não pode passar nem diminuir, porque é um desastre, é como se quebrasse uma corda em que você está se segurando. A métrica conta muito para o nosso trabalho, eis porque Patativa fazia sonetos impecáveis. Quando o verso é perfeito, chega à alma do povo, esta é que é a verdade. E o cantador se preocupa muito com isso, com a receptividade. É o interagir, de que falam tanto hoje.<sup>750</sup>

<sup>749</sup> Mina d'água da saudade. **Jornal O Povo**, V&A, 05 mar. 2004, p. 1.

<sup>750</sup> Mina d'água da saudade. **Jornal O Povo**, V&A, 05 mar. 2004, p. 1.

Na última quinta-feira de agosto de 2012, no teatro Emiliano Queiroz, do Sesc, se deu a 52ª edição da Noite de Viola e Poesia, promovida pelo Clube da Viola, uma associação de apologistas que realiza estes encontros mensais, primeiro, em Quixadá, e agora em Fortaleza. Os convidados foram Geraldo Amâncio e Moacir Laurentino, de Campina Grande. Casa cheia, fila na bilheteria, o público fiel. Cabeças grisalhas a maior parte, poetas, apologistas, filhos e netos de cantadores e também continuadores, a exemplo do músico Fabiano de Cristo, rabequista da banda cabaçal Fulô da Aurora, grupo nascido de residência com a tradição através do projeto de extensão universitária Cordão do Caroá. No palco, à frente das cortinas negras, dois microfones de pedestal, duas cadeiras e entre elas a mesinha, jarra com água, copos, a bandeja para pedidos e sugestões enviadas pelo público, que encerram a apresentação. As luzes permanecem acesas durante todo o espetáculo. Moacir tempera a viola, Geraldo se ajeita no assento. Moacir aumenta o baião, Geraldo tira a carteira do bolso, põe sobre a mesinha. Moacir pinica as cordas, Geraldo comanda, “pode ir”. Começam com um baião de sextilhas elogiosas, “que quem vai enfrentar fera/ não vai de mãos abanando”, diz Moacir, um afaga o outro, bajulam-se, faz parte da performance, do jogo da poesia. Depois, a cantoria ganha ritmo e rimas perigosas, ambos alfinetam as duplas que trazem a peleja combinada, os versos de “balaio” (escritos), rimando no “decoro” (previamente memorizando estrofes). Geraldo: “O duro é confiar no improvisado/ e criar daí pra frente”. Moacir Laurentino: “Eu ainda sou do tempo/ que cantavam de improvisado”.

A cantoria foi uma aula espetáculo por diversas modalidades do repente, a pedido do público, complementada por algumas inovações, a exemplo do refrão acelerado tomado de empréstimo à embolada, “voa, sabiá/ do galho da laranjeira/ que a pedra da baladeira/ vem zoando pelo ar”. Geraldo Amâncio entretece o baião com breves relatos sobre a cantoria, seus estilos e remodelações, como a toada “Boi da cajarana”, criada por Venâncio e Corumba e transformada em mote pelos cantadores. Esta é uma reinvenção de Geraldo Amâncio e Ivanildo Vila Nova, do tempo em que cantaram em dupla, um martelo gabinete com uma parte fixa, uma espécie de trava línguas: “Eu tirei meu cartão/ pra viajar no trem/ sem cartão ninguém vai/ sem cartão ninguém vem”, e por aí segue, nos trilhos.

Teve mourão perguntado, meia quadra, toada alagoana e ainda um estilo em desuso, o sincopado “9 palavras por 6” (estrofe com nove

versos, sendo seis de sete sílabas e o segundo, o quinto e o oitavo com três, em que se sai tão bem a violeira Mocinha de Passira). E teve quadrão, “que Otacílio cantava”, o quadrão de oito linhas. Nos dez pés em quadrão, os poetas versam o que acontece no Brasil e no mundo, Geraldo Amâncio referindo-se ao julgamento do “mensalão” e à guerra na Síria, Moacir Laurentino citando o escândalo da vez, o envolvimento de parlamentares com o contraventor Carlinhos Cachoeira. Em meia quadra, o baião mais bonito pela dificuldade do verso dodecassílabo, glosaram sobre Padre Cícero, sempre presente no universo do folheto e da viola. Numa gemedeira, cantam a violência do passado, evocando uma dona Fideralina de Lavras, senhora mandona que inspirou a Maria Moura de Rachel de Queiroz. “Esta história de cangaço/ aiai, uiui/ hoje não existe mais”, canta Moacir, e Geraldo responde, sem Antônio Silvino e Jesuíno Brilhante, e depois da morte de Lampião, “aiai, uiui/ acabou-se o cangaço no sertão”. No final, os poetas se despedem agradecendo e pedindo “uma salva de palmas pra cultura popular”.

A discografia de Geraldo Amâncio começa pelo vinil nos idos de 70, quando fazia dupla inicialmente com Pedro Bandeira, ao lado de quem gravou o LP “Escola da Natureza”<sup>751</sup>, e multiplica-se em outras parcerias e coletâneas aos novos formatos, a exemplo do CD que reuniu improvisos seus aos de Otacílio Batista e Oliveira de Panelas, “Três Astros da Cantoria”, gravado em 1994, na esteira do sucesso dos tenores José Carreras, Plácido Domingo e Luciano Pavarotti. Em julho de 2000 é lançado o CD “Carlos Magno em cantoria”, organizado pela pesquisadora Elba Braga Ramalho, e complementado com uma exposição temática de xilogravuras em curadoria do professor Gilmar de Carvalho, da UFC. Por conta desse trabalho, Geraldo Amâncio se apresentou na Universidade de Coimbra, onde fez palestra sobre repente e cordel, e cantou na Universidade de Poitiers. O tema do imperador é desenvolvido em cinco estilos por Geraldo em parceria com o cantor cearense Zé Fernandes (1962), as sextilhas de praxe, um quadrão perguntado, o mote “no tempo de Pai Tomás”, adaptado por Geraldo, um descante em sete linhas, terminando com uma gemedeira. Na glosa de Zé Fernandes: “Dos temas medievais/ por onde a história avança/ falando em grandes guerreiros/ de escudo, espada e lança/ está a de Carlos Magno/ aiai, uiui/ e os Doze Pares de França”. Geraldo: “Com a

---

<sup>751</sup> “Escola da Natureza”, com Pedro Bandeira e Geraldo Amâncio, foi duplicado em CD pela Vida Cristã Music, de Fortaleza, sem data, sem encarte, mas reproduzindo a capa original e os títulos das composições.

bem aventuraça/ dos nobres cristãos guerreiros/ por ordem de Carlos Magno/ pela lei dos cavaleiros/ viu-se o turco Ferrabrás/ ai ai, uiui/ na espada de Oliveiros”<sup>752</sup>. (O Cego Aderaldo, que improvisava à rabeça e se vestia de linho branco, cantou para Leonardo Mota, que incluiu em *Cantadores*, um romance que fez sobre a Guerra de Juazeiro, no qual compara o capitão rabelista J. da Penha com um Par de França. O capitão foi morto pelos jagunços de Floro Bartolomeu, depois de abandonado pela tropa na estação de trem de Miguel Calmon, em episódio que lembra o destino de Matos Costa, no Contestado:

Jota da Penha a cavalo/ pros jagunços conhecê-lo/  
era um Roldão destemido/ No mei de tanto  
atropelo/ dava viva ao Ceará/ e a Marco Franco  
Rabelo// Também o povo do Padre/ fazendo  
grandes horrorre/ brigava gritando sempre/ entre  
medonhos clamore/ Viva o santo Padre Ciço/  
Nossa Senhora das Dore.<sup>753</sup>

Geraldo Amâncio publicou, em 2010, *A história de Antônio Conselheiro*, livro em versos – com ilustrações do artista plástico e cantor de blues Kazane, que aproximou Antônio Vicente Mendes Maciel do Imperador Carlos Magno, justapondo a figura do peregrino, vestido no camisolão de penitente, crucifixo ao peito, segurando o cajado, ao rei cristão trajado de armadura e longo escudo atravessado pela mesma cruz. Também pode ser a efígie de D. Sebastião. A narrativa se dá em versos de sete sílabas, a redondilha tão ao gosto dos cantadores, à exceção da estrofe inicial, um martelo gabinete, no qual o poeta faz falar “os arquivos que eram mudos”, em “versos graves, esdrúxulos e agudos”, que contarão “ao povo brasileiro/ a história de Antônio Conselheiro/ e a chacina do povo de Canudos”. O que ressalta como causa do acontecido é a óbvia exploração da mão de obra camponesa, no meio do caminho das transformações estruturais que também fez o poder migrar do campo para a cidade. Nesse contexto de valores questionados, a república militarizada e a Igreja adaptando-se à ruptura com o Estado, prevalecia a negação da cultura periférica.

Se foram os monges, enviados da república laica, aqueles quem primeiro desenharam os caminhos a Canudos, por onde o Exército haveria de passar, havia dentro da própria Igreja a força de uma voz

<sup>752</sup> CD “Carlos Magno em Cantoria” (encarte, faixa 5 – “Gemeadeira”).

<sup>753</sup> MOTA, 1987, p. 107.

contraditória, afim das palavras de Antônio Conselheiro: “Com as suas pregações/ o clero se aborrecia/ dos padres, só Padre Cícero/ o olhava com simpatia/ Por ser também do sertão/ já sabia de antemão/ a dor que o povo sofria”. No Belo Monte, o País de São Saruê, a terra prometida: “em Canudos não havia/ misérias nem abastanças”. Conselheiro e seus Pares de França derrotam Moreira César, o da “espada assassina”: “Matar, degolar, pra ele/ era pura adrenalina/ Provou isso quando estava/ lá em Santa Catarina/ Da guerra federalista/ trouxe o troféu da conquista/ com sua espada assassina”. E o fim: “Do chão onde houve a tragédia/ não há mais quem se aproxime/ fez o governo um açude/ pensando que se redime/ Nem que fizesse um mar/ não poderia lavar/ a nódoa infame do crime”.<sup>754</sup>

No caminho em que os artistas urbanizados buscam pela cultura popular, o poeta sertanejo vai se encontrar com a cidade. A embalagem corporal dos cantores da Jovem Guarda, por sua vez inspirados no fenômeno de mídia mundial que foi os Beatles, vai influenciar a imagem dos cantadores nordestinos e das duplas caipiras nos anos 70, no colorido psicodélico das roupas combinadas, no corte de cabelo e na postura, exibindo-se na moda já banalizada, uns e outros, nas capas dos LPs. A influência da juventude é parelha, denotando o contexto temporal do qual ninguém está defendido. É exemplar a fotografia da capa do disco “Violas de Ouro”, que Ivanildo Vila Nova e Geraldo Amâncio lançaram em 1976. Ambos vestem camisas idênticas. Ivanildo, de óculos e bigode, sério ao lado de sua viola de cantoria, e o parceiro Geraldo, viola jogada ao ombro, camisa aberta no peito largo, a cabeleira loura de topete e costeletas à Fittipaldi. Esse disco e “30 anos de repente”, de 1993, no qual reprisam a parceria, foram reunidos em CD<sup>755</sup>. Do LP que celebra os 30 anos de viola de Ivanildo, que começou a cantar profissionalmente em 1963, sendo o poeta, pernambucano de Caruaru, um ano mais velho que Geraldo Amâncio, destaco o mote em dez, no qual Ivanildo glosa “tá na hora de haver separação/ que o nordeste pra nós tem mais valor” (ele é autor, com Bráulio Tavares, de “Imagine o Brasil ser dividido/ e o nordeste ficar independente”, o tema da Confederação do Equador atualizado em martelo que Elba Ramalho

<sup>754</sup> AMÂNCIO, Geraldo. **A história de Antônio Conselheiro**. Ilustrações de Kazane. Fortaleza: IMEPH, 2010. Os trechos entre aspas localizam-se, pela ordem, às p. 7; 49; 61; 74 e 124. A ilustração referida (Conselheiro/Carlos Magno/D. Sebastião, de Kazane), à p. 116.

<sup>755</sup> CD remasterizado pela Vida Cristã Music, contendo os LPs “Violas de Ouro” (1976) e “30 anos de repente” (1993), de Ivanildo Vila Nova e Geraldo Amâncio (CD sem data, sem encarte).

gravou nos anos 80, e está lá no acetato, em destaque na ficha técnica, a proibição de execução desta faixa, por ordem da Censura Federal). Geraldo argumenta em desafio: “não precisa o Brasil ser dividido/ é melhor união, progresso e paz”.

Mas é com a primeira faixa do lado A do disco “Violas de Ouro” que pretendo terminar a cantoria, na qual venho desfiando os diferentes modos pelos quais artistas populares, e particularmente aqueles que produzem cultura imaterial, exprimem sua opinião e sua própria versão dos acontecimentos e narram seu entendimento do mundo. Mas, antes, trago a segunda faixa do disco, que é o contexto a partir do qual “Revoltas Brasileiras” se organiza. Um galope a beira mar, ritmo que em si transporta a passagem da cantoria do sertão ao litoral. Em “Turismo pelo Brasil” ambos mostram versatilidade e exibem conhecimento, citando características de cada estado brasileiro, eventos importantes e os nomes das principais cidades, sendo um exemplo do que seja “cantar ciência”. Ivanildo começa glosando Santa Catarina, do pintor Victor Meireles, “que gênio ele era”, enumera Itajaí, Joinville, Lajes, Camboriú, e fala até dos times de futebol da capital, a “linda Florianópolis/ serena e maciça”. Geraldo emenda com o Rio Grande do Sul, “celeiro de trigo/ de vinho e zebu”. É Geraldo também quem, adiante, canta o Ceará, destacando em seu repente as águas dos açudes e dos rios, e as praias “da terra de *Iracema*/ e de José de Alencar”, encerrando a viagem pela cidade do Padre Cícero, pois “do meu Juazeiro/ eu não esqueci”.

No ritmo ou toada “Brasil de Pai Tomás”, uma variação do mote “nesse Brasil de caboclo, de mãe preta e pai João” (que completa a décima de sete sílabas, sendo o primeiro e o quinto versos com apenas quatro), sugestiva deixa para “cantar história” (do passado ou da formação do país, representada pela simbologia da trindade híbrida do refrão), é que os poetas vão desenvolver cada momento histórico celebrado em “Revoltas Brasileiras”. Ivanildo Vila Nova improvisa sobre a Balaiada maranhense, Geraldo Amâncio responde com a Batalha dos Guararapes, que o outro continua, cantando as proezas de Henrique Dias, Felipe Camarão e André de Nogueira, os heróis africano, nativo e português, juntos na expulsão dos holandeses. Amâncio canta em seguida a Sedição do Juazeiro, onde “Dr. Floro, inteligente/ soube vencer seus rivais”, e Vila Nova, Canudos: “E Conselheiro/ foi de Quixeramobim/ cumprir a missão sem fim/ de beato e cangaceiro”. Amâncio trata do Quilombo de Palmares, “na Terra dos Marechais”, e o



colega canta a fama de Lampião, “outro daquela corrente/ Serra Talhada não traz”, sendo o cangaço incluído pelo cantador no âmbito político das revoltas populares, e não apenas como um episódio criminal da violência no sertão. O canto finaliza com o improviso de Geraldo Amâncio sobre a Revolução Praieira de Pernambuco e Vila Nova glosando a Revolta dos Quebra Quilos, nas Alagoas. A sequência não segue uma cronologia, mas realiza uma cobertura histórica pelos cinco séculos de Brasil. As estrofes se desenvolvem a partir da localização geográfica, o que decerto facilita aos artistas cumprir a amplitude proposta pelo título, tanto que a terceira estrofe, com Geraldo Amâncio, trata das revoluções do Rio Grande do Sul: “Ainda brilha/ entre as águas do Chuí/ o nome Piratini/ e o símb’lo do farroupilha/ quando a coxilha/ se encheu de sangue quente/ com Bento Manoel à frente/ Canabarro e outros mais/ No tempo de Pai Tomás/ Preto Velho e Pai Vicente (bis)”.

As estrofes iniciais de “Revoltas Brasileiras” tratam da epopéia acontecida no sertão de Santa Catarina. No primeiro momento, o poeta destaca a líder menina Maria Rosa e o objetivo concreto do motivo pelo qual lutava. O colega continua o recorte, indo à origem imediata da guerra. Geraldo é quem começa: “Maria Rosa/ Joana d’Arc do sertão/ fuzil e flores na mão/ no Contestado se introsa/ É numerosa/ sua turba tão valente/ lutava basicamente/ pela posse dos ervais/ No tempo de Pai Tomás, Preto Velho e Pai Vicente (bis)”. Ivanildo: “No Contestado/ o profeta Zé Maria/ um homem que se dizia/ ser de Deus iluminado/ foi fulminado/ por João Gualberto, tenente/ morreu traiçoeiramente/ nas moitas de butiás/ No tempo de Pai Tomás [...]”. Em suas condensadas e aleatórias crônicas das lutas periféricas brasileiras, os poetas apontam para outra perspectiva política de sua arte, ressaltada pela palavra insubmissa, que é uma tomada de posição. O ouvinte sabe para quem e por que está cantando o poeta. E este posicionamento crítico passa cada vez mais por uma compreensão mais ampla da rede de solidariedade com que se pode contar, na contenção da desigualdade. E a cultura é a matéria mais apropriada, por ser basicamente a conexão maleável de tudo o que foi, é e estará vivo. Ao modo como percebeu um embaixador brasileiro, refletindo a conjuntura de descentralização crescente, movida pelos países periféricos:

*La lucha por la multiculturalidad es indispensable en la estrategia para reducir disparidades, construir la democracia y disminuir las vulnerabilidades externas. Es esencial para*

*contrarrestar la ofensiva ideológica que trata de demostrar cotidianamente la 'inexorabilidad' y 'benemerencia' de la globalización (en la realidad asimétrica y concentradora) y la inevitabilidad del camino único de subordinación a las estructuras hegemónicas.*<sup>756</sup>

Janeiro de 2012, Dia de Reis no bairro do Benfica. Nos jardins da Reitoria da UFC, um grupo de pesquisa ligado à universidade, os brincantes do Cordão do Caroá, reúne reisados da periferia que seguem, intermitentes e redivivos, mantendo o auto do pastoril. O convidado dessa noite foi o reisado Nossa Senhora de Fátima, do bairro Pirambu. A festa encena a morte e a repartição do boi e o combate entre os cordões azul e encarnado, os dançarinos estremecendo no chão, retalhados na espada dos contrários. A violência encenada nos entreveros de portugueses e mouros, a tragédia de D. Sebastião e também as peijas de Carlos Magno, os quilombolas de Zumbi e as danças de caboclo em cavalhadas e cheganças. Sobrevivências. Juazeiro, sempre verde, de frutos amarelos e casca medicinal. Caraguatá ou Gravatá, espécie da caatinga nomeando cidades em Santa Catarina e Pernambuco, ambas na serra. Canudos de pito, de que os índios de Rodelas faziam cachimbos rituais. Pau brasil. A planta de raiz, para amparar um nômade peregrino em sua travessia pelo insólito, quando então, com o espírito distraído, “a beleza vem a mais, como uma graça”.<sup>757</sup>

A palavra de Rachel de Queiroz, ouvida lá no Não Me Deixes, o sítio construído na terra da antiga fazenda Califórnia, que foi sesmaria de seus bisavós, aparentados dos Alencar. Ao balanço daquela rede armada na varanda, a escritora descansava do texto em suspenso na máquina sobre a mesa que se vê da janela aberta na casinha anexa construída exatamente para ela trabalhar o *Memorial de Maria Moura*, a história da guerreira, nem tão donzela, que dá a palavra final.

– O sertanejo não morre fácil.

---

<sup>756</sup> GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Cinco Siglos de Periferia**: una contribución al estudio de la política internacional. Tradução de Gloria Rodríguez. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p. 162.

<sup>757</sup> ZUMTHOR. *Performance, recepção, leitura*, op. cit., p. 109.

## ARQUIVO

ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1960.

\_\_\_\_\_. **O descobrimento do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha** – Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. (Col. Estado de Sítio - Homo Sacer, 3)

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. 1ª reimpressão. Chapecó: Argos, 2009.

ALENCAR, José de. **O sertanejo**. São Paulo: Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro – USP, 19---. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1848](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1848)>. Acesso em: 10 nov. 2011.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMÂNCIO, Geraldo. **A história de Antônio Conselheiro**. Ilustrações de Kazane. Fortaleza: IMEPH, 2010.

ANTELO, Raúl. **Algaravia: discursos de nação**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998. Inclui o romance Jerônimo Barbalho Bezerra de Vicente P. Carvalho Guimarães.

\_\_\_\_\_. **Ausências**. Florianópolis: Editora da Casa, 2009.

\_\_\_\_\_. **Crítica Acéfala**. Buenos Aires: Editorial Grumo, 2008.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ARARIPE, Tristão de Alencar. **História da Província do Ceará:** dos tempos primitivos até 1850. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002. (Col. Clássicos Cearenses, 5).

ARARIPE JR., Tristão de Alencar. **O Reino Encantado.** Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Noticias, 1878.

ARAÚJO, J. E. Costa; VÉRAS, Paulo; MATOS, José Carlos Bezerra (coord. e edição). **A Literatura Popular em Questão.** Fotografias de Nirton Venâncio. Fortaleza: Secult, 1982. (Col. Povo e Cultura, 3)

ARAÚJO, Paulo César de. **Roberto Carlos em detalhes.** São Paulo: Planeta, 2006.

ARAÚJO, Paulo Martins de. **Pedaços da nossa história.** Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag), 2011.

ARAÚJO, Emanuel. **Tão vasto, tão ermo, tão longe:** o sertão e o sertanejo nos tempos coloniais. In: DEL PRIORE, M. Revisão do paraíso: os brasileiros e o Estado em 500 anos de história. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ARRUDA, G. **Cidades e Sertões:** entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000.

ATHAYDE, João Martins. **Historia da Donzela Teodora.** S.l.: Projeto Cordel Vivo, 2002.

ATHAYDE, João Martins. **Batalha de Oliveiros com Ferrabraz.** Literatura de Cordel José Bernardo da Silva, 1976.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado:** a organização da Irmandade Cabocla. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997.

\*\*\*

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética:** A Teoria do Romance. 4. ed. Tradução do russo por Aurora Bernadini, et al. São Paulo: Ed. UNESP/Hucitec, 1998.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BARROSO, Gustavo. **Coração de menino.** 3. Ed. Notas de Mozart Soriano Aderaldo. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 2000. (Memórias, 1).

\_\_\_\_\_. **À margem da história do Ceará.** 3. ed. Rio de Janeiro: ABC Editora, 2004. 2 v. Inclui ilustrações e fotografias da 1. ed.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7. Ed., 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras Escolhidas, 1).

\_\_\_\_\_. **A modernidade e os modernos.** Tradução de Heindrun K. Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tania Jatobá. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. (Col. Tempo Universitário, 41).

\_\_\_\_\_. **Rua de Mão Única.** Tradução de Rubens R. Torres Filho e José Carlos M. Barbosa. 5. Ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Obras Escolhidas, 2).

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre mito e linguagem: 1915-1921.** Org., apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2011. (Col. Espírito Crítico).

BATISTA, Abraão. **Os 4 sonhos reveladores do Padre Cícero.** Juazeiro do Norte: s.e., 1990.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional.** Porto Alegre: Ed. UFRS, 1992.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. de L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução de A. M. Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BOOS JÚNIOR, Adolfo. **Burabas**. Porto Alegre: Movimento, 2005.

BRIGHENTI, Clovis Antônio. **Estrangeiros na própria terra: presença Guarani e Estados nacionais**. Chapecó: Argos, 2010.

BRONZEADO, Sônia Lúcia Ramalho de Farias. **Messianismo e Cangaço na Ficção Nordestina: análise dos Romances “Pedra Bonita” e “Cangaceiros”, de José Lins do Rego, e “A Pedra do Reino”, de Ariano Suassuna**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1988. Cópia mimeografada.

BRUIT, Héctor Hernan. **Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos: Ensaio sobre a conquista hispânica da América**. Campinas: Iluminuras, 1995.

BUENO, Eduardo. **O Descobrimento das Índias: o Diário da Viagem de Vasco da Gama escrito por Álvaro Velho**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Tradução de Vera M. X. dos Santos; revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: EDUSC, 2004.

\*\*\*

CABEZA DE VACA, Álvar Nuñez. **Naufrágios & Comentários**. Prefácio de Henry Miller. Introdução de Eduardo Bueno. Tradução de Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L&PM, 1999.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A campanha do Contestado**. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CAILLOIS, Roger. **O Mito e o Homem**. Tradução de J. Calisto dos Santos. Lisboa: Edições 70, s/d.

CÂMARA CASCUDO, L. **Cinco Livros do Povo**. 3. ed. João Pessoa: Ed. UFPB, 1994.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9. ed.. São Paulo: Global, 2000.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Cintrão e Gênese Andrade. 4. ed, 4ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008. (Ensaio Latino-americanos, 1)

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Trem da Seca: sertanejos, retirantes e operários: 1877-1880**. Fortaleza: Secult, 2005. (Col. Outras Histórias, 32)

CANETTI, Elias. **A consciência das palavras: ensaios**. Tradução de Márcio Suzuki e Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CANUDOS. **Cadernos de Fotografia Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002. , (Publicação anual, 1).

CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. Violência: a dita, desdita. **Rev. Z Cultural**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, ago.-nov. 2007. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/violencia-a-dita-desdita-de-carlos-eduardo-schmidt-capela>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Sinhas entre gentis e hostis: nacionais e estrangeiros no teatro brasileiro do século XIX. **O eixo e a roda**, p. 1-324, v. 9/10, 2003/2004. Belo Horizonte. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_txt/er\\_9-10/er09\\_ccc.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/er_9-10/er09_ccc.pdf)>. Disponível em: 27 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. CAPELA, Carlos E. S. Buquê sem perfumes nem rosas que são 13. **Anuário de Literatura**, v. 15, n. 1, 2010, (curso sobre Jean-Luc Nancy, na pós-graduação em Literatura da UFSC, 2009). Disponível em: <<http://www.onetti.cce.ufsc.br/simposio/textosinvitados/carloscapela/carloscapela1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

CARVALHO, Eleuda de. **Cordelim de Novelas da Xerazade do Sertão ou Romance d'Á Pedra do Reino**: narrativa de mediações entre o arcaico e o contemporâneo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 1998.

\_\_\_\_\_. **“O Pão” & outros quitutes**. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Ceará, 1994a.

\_\_\_\_\_. et al. **Guia Turístico Cultural do Ceará**. Fortaleza: Terra da Luz, 2006a.

CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em cordel**: o mote do consumo. Prefácio de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Maltese, 1994b.

\_\_\_\_\_. **Xilogravura**: doze escritos na madeira. Fortaleza: Secult, 2001. (Col. Outras Histórias, 5).

\_\_\_\_\_. **Tramas da Cultura**: comunicação e tradição. Fortaleza: Secult, 2005. (Col. Outras Histórias, 29).

\_\_\_\_\_. **Lyra Popular**: o Cordel do Juazeiro. Apresentação de Ralph Della Cava. Fortaleza: Secult, 2006b. (Col. Outras Histórias, 37).

\_\_\_\_\_. **Mestres da Cultura Tradicional Popular do Ceará**. Fotografias de Francisco Sousa. Fortaleza: Secult, 2006c. (Col. Nossa Cultura, série Documenta).

\_\_\_\_\_. (org.). **Manoel Caboclo**. São Paulo: Hedra, 2000. (Col. Biblioteca de Cordel).

CASTELO BRANCO, Renato. **A conquista dos sertões de dentro**: romance histórico. São Paulo: LR Editores, 1983.

CASTRO, José Liberal. **Igreja Matriz de Viçosa do Ceará**. Cadernos de Arquitetura Cearense. Fortaleza: Edições IPHAN, 2001.

CASTRO, Simone Oliveira de. **Memórias da Cantoria**: palavra, performance e público. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. (Coleção



Ceará Cadinho/LEO-UFC/Prêmio Manoel Coelho Raposo - publicação de selo editorial).

CAVALCANTI, Walter Tenório. **Guerra do Contestado: Verdade Histórica**. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

CORRÊA, Pedro Antônio. **A trilha dos miseráveis**. Tubarão: Ed. Unisul, 2006

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Col. Debates/Crítica).

COSTA, Márcio Camargo. **Qüeras**. Florianópolis: Ed. Letras Contemporâneas, 1994.

COUTO, Pe. Manoel José Gonçalves. **Missão abreviada para despertar os descuidados, converter os peccadores e sustentar o fructo das missões...** 6. ed. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1868. (com “Additamento”).

CUNHA, Euclides. **Obras Completas: com ensaios de Olímpio de Sousa Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Araripe Júnior, Afrânio Peixoto e Francisco Venâncio Filho**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. 2v.

CUNHA, Pe. Arlindo de Magalhães Ribeiro. **S. Gonçalo, história ou lenda?** Amarante: Gráfica do Norte, 1995b.

\*\*\*

DE MAN, Paul. **Alegorias da leitura**. Tradução de Lenita Esteves. Revisão da tradução de Arthur Nestrovski. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

DEL PRIORE, Mary (org.). **Revisão do Paraíso: os Brasileiros e o Estado em 500 Anos de História**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade**: uma História do Paraíso. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIDI-HUBERMAN, G. La Imagen Mariposa. Tradução de J.J. Lahuerta. Barcelona: Mudito, 2007

DOCUMENTO - Índios e Negros. **Rev. do Arquivo Público do Ceará**, Fortaleza: Secult, n. 3. 2006.

DOMINGOS OLÍMPIO. **Luzia homem**. S.l.: Biblio. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/contenuto/domingosolimpio/luziahomem.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

\*\*\*

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Tradução de Polla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates/Filosofia).

ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (org.). **A Guerra Santa Revisitada**: novos estudos sobre o Movimento do Contestado. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

\*\*\*

FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria**: recusa dos excluídos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em Cordel**: no passo das águas mortas. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

FLAUBERT, G. **As Tentações de Santo Antônio**. Prefácio de Paul Valéry. Tradução de Luís de Lima. Litogravuras de Odilon Redon. São Paulo: Iluminuras, 2004.

FORTES, Telmo. **Glória até o fim**: espionagem militar na Guerra do Contestado: romance. Florianópolis: Insular, 1998.

FRAGA, N. C. (org.). **Contestado**: o território silenciado. Florianópolis: Insular, 2009.

FREIRE ALEMÃO, Francisco. **Diário de Viagem Fortaleza-Crato:** 1859. Nota de A. L. Macêdo e Silva Filho. Transcrição paleográfica de L. Q. de Vasconcelos. Fortaleza: Secult, 2006. (Col. Comissão Científica de Exploração, 3)

FREYRE, Gilberto. **Alhos & Bugalhos:** ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce à cachaça, de José Lins do Rego ao cartão-postal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

\*\*\*

GRAHAM, Robert B. Cunninghame. **Um místico brasileiro:** vida e milagres de Antônio Conselheiro. Tradução de Gênese Andrade e Marcela Silvestre. Introdução de Sara Castro-Klarén. Prefácio à edição uruguaia de Pablo Roca. São Paulo: Unesp, 2002.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (org.). **Toré:** regime encantado do índio do Nordeste. Recife: Massangana, 2005.

GUERRA, Paulo de Brito. **A civilização da seca:** o Nordeste é uma história mal contada. Fortaleza: DNOCS, 1981.

GUERRERO, Luis Juan. **Estética operatoria en sus tres direcciones.** Buenos Aires: Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2008.

GUIDON, Niède et al.. **Parque Nacional Serra da Capivara.** Fotografias de Adriano Gambarini. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2002.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Cinco Siglos de Periferia:** una contribución al estudio de la política internacional. Tradução de Gloria Rodríguez. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

GUTIÉRREZ, Angela. **Vargas Llosa e o Romance Possível da América Latina.** Fortaleza: Ed. UFC, 1996.

\*\*\*

HUE, Sheila Moura (trad., intr. e notas). **Primeiras Cartas do Brasil: 1551-1555**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

HUIZINGA, Johan. **O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, s/d (cópia reprográfica).

\*\*\*

KUNZ, Martine. **Cordel, a voz do verso**. Fortaleza: Secult, 2001. (Col. Outras Histórias, 6).

\*\*\*

LAMARTINE, O. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

\_\_\_\_\_; MEDEIROS FILHO, Pe. João. **Seridó: século XIX: Fazendas & Livros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 2001.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Coordenador da tradução Hilário Franco Júnior. São Paulo: EDUSC, 2002. 2 v.

LEONARDOS, Stella. **Romanceiro do Contestado**. Santa Catarina: Ed. UFSC, 1996.

LESTRINGANT, Frank. **O Canibal: grandeza e decadência**. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1997.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007.

LIMA, Antonio Carlos de Souza; BARRETTO, Heno Trindade. **Antropologia e identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

LIPINER, Elias. **Gonçalo Anes Bandarra e os Cristãos-Novos**. Trancoso: Câmara Municipal de Trancoso, 1996.

LODY, Raul. **O Povo do Santo**: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LOPES, Régis. **O Verbo Encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998. (Col. Outros Diálogos).

\_\_\_\_\_. **Padre Cícero**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. (Col. Terra Bárbara, 3).

LUZ, Aujor Ávila da. **Os Fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. 2. ed. Posfácio de Walter F. Piazza. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

\*\*\*

MACCA, Marcelo, e ALMEIDA, Andréa Vilela (pesquisa e edição de imagens). **São Sebastião**: protetor contra as guerras e epidemias. São Paulo: Planeta, 2003. (Col. Santos populares do Brasil, 5).

MACEDO, Nertan. **Antônio Conselheiro**: a morte em vida do beato de Canudos. 2. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Memorial de Vilanova**. 2. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1983.

MACHADO, Antônio de Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda, Laranja da China**. São Paulo: Martin Claret, 2001. (Col. A Obra Prima de Cada Autor).

MACHADO, P. Pinheiro. **Lideranças do Contestado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

MACIEL, Laura Antunes. O sertão domesticado nas fotografias da Comissão Rondon, **Rev. da Biblioteca Nacional**, ano 1, n. 11, ago. de 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida:** variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Revisão técnica de Ricardo Freitas. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MÁRAI, Sándor. **Veredicto em Canudos.** Tradução de Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARCON, Telmo. **Memória, História e Cultura.** Chapecó: Argos, 2003.

MEGIANI, Ana Paula Torres. **O jovem rei encantado:** expectativas do messianismo régio em Portugal, séculos XIII a XVI. São Paulo: Hucitec, 2003.

MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século:** um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

MORENO, Diogo de Campos. **Jornada do Maranhão por ordem de Sua Majestade feita o ano de 1614.** 5. ed. Análise filológico-estilística de A. Martins de Araujo. São Paulo: Siciliano, 2002.

MOTA, Leonardo. **Cantadores:** poesia e linguagem do sertão cearense. 6. ed. Prefácio de Câmara Cascudo (3. ed., 1960). Epígrafe de Silvio Romero. Capa e ilustrações de Aldemir Martins. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. (Texto de acordo com a primeira edição de 1921).

\*\*\*

NAMEM, Alexandro Machado. **Botocudo:** uma história de contacto. Florianópolis: Ed. UFSC, 1994.

NANCY, Jean-Luc. **Corpus.** Tradução de Patricio Bulnes. Madrid: Arena Libros, 2003a.

\_\_\_\_\_. **El olvido de la filosofía.** Tradução de P. Perera Velamazán. Madrid: Arena Libros, 2003b.

\_\_\_\_\_. **El sentido del mundo.** Tradução de Jorge M. Casas. Buenos Aires: La Marca, 2003c.

\_\_\_\_\_. **La creación del mundo o la mundialización.** Barcelona: Paidós, 2003d.

\_\_\_\_\_. **Ser Singular Plural.** Tradução de Antonio Tudela Sanch. Madrid: Arena Libros, 2006a.

\_\_\_\_\_. **La representación prohibida:** seguido de *La Shoah, un sopro.* Tradução de Margarita Martínez. Buenos Aires: Amorrortu, 2006b. (Col. Nómadas).

\_\_\_\_\_. **A la escucha.** 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2007a. (Col. Nómadas).

\_\_\_\_\_. **La comunidad enfrentada:** seguida de *Entre poder y fe,* entrevista de J-L Nancy y J. M. Garrido. Tradução de J. M. Garrido. Buenos Aires: La Cebra, 2007b.

NASCIMENTO, José Leonardo; FACIOLI, Valentim (org.). **Juízos Críticos:** Os Sertões e os olhares de sua época. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. **A ilha Baratária e a ilha Brasil.** Natal: Ed. UFRN, 1996.

NIREZ (Miguel Ângelo de Azevedo). **Cronologia Ilustrada de Fortaleza:** roteiro para um Turismo Histórico e Cultural, em dois volumes. Fortaleza: UFC/Programa Editorial Casa de José de Alencar, 2001.

\*\*\*

O PÃO da Padaria Espiritual: Edição fac-similar: 1892-1896. Introdução de Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

\*\*\*

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história:** nove entrevistas. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PATATIVA DO ASSARÉ (Antônio Gonçalves da Silva). **Cordéis.** Fortaleza: Edições UFC, 1999. (Col. Nordestina, 9).

\_\_\_\_\_. **Antologia Poética.** Organização e prefácio por Gilmar de Carvalho. 7. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro.** Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **El laberinto de la soledad.,** 15ª reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. (Col. Popular)

\_\_\_\_\_. **Convergências:** ensaios sobre arte e literatura. Tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Outra Voz.** Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PORTO, Eymard. **Babaquara, chefetes e cabroeira:** Fortaleza no início do século XX. Fortaleza: Fund. Waldemar Alcântara, s/d. (Col. Teses Cearenses, 1)

\*\*\*

QUADROS, António. **Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista:** o Sebastianismo no Brasil e no mundo. Lisboa: Guimarães e Cia. Editores, 1982. v.1.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no mundo.** 2. ed. Prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.



QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social: a Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981. (Coleção Ensaios, 23).

QUEIROZ, Rachel. O Não Me Deixes: suas histórias e sua cozinha. Colaboração: Maria Luíza de Queiroz. São Paulo: Siciliano, 2000.

\*\*\*

REVISTA TRIMENSAL DE HISTORIA E GEOGRAPHIA OU JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO BRAZILEIRO. Tomo 4, n. 15. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de L. P. da Costa, 1842. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIEDEL, Oswaldo de Oliveira. **Perspectiva Antropológica do Escravo no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 1988.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração no Ceará: isolamento e poder na Seca de 1932**. Fortaleza: Secult, 2001. (Col. Outras Histórias, 2).

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Ironias da vida, **Rev. de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 65, fev. 2011.

ROLAND, Ana Maria. Fronteiras da Palavra, Fronteiras da História - contribuição à crítica da cultura do ensaísmo latino-americano através da leitura de Euclides da Cunha e Octavio Paz. Brasília: Editora UnB, 1997.

\*\*\*

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTA-ANNA NERY, F. J. **Folclore Brasileiro**. 2. ed. Apresentação, cronologia e notas de Vicente Salles. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992.

SANTIAGO, S. **As Raízes e o Labirinto da América Latina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SASSI, G. W. **Geração do deserto**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. Tradução de Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

SERAINÉ, Florival. **Antologia do Folclore Cearense**. Fortaleza: Edições UFC, 1983.

SCHÜLER, Donald. **Império Caboclo**. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2005.

SERPA, Élio. **A Guerra do Contestado: 1912-1916**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

SILVA, Lúcia M. da Silva (org.). **Álbum do Jaguaribe 1998**. Fortaleza: Premius, 1998.

SILVA, Pe. A. de Andrade. **Os arquivos do Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: s.e., 1977.

SOUZA, Simone (org.); CASTRO NEVES, Frederico (org.). **Seca**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Segunda Viagem a São Paulo [Quadro histórico da Província de São Paulo]**. Tradução e introdução de Afonso de E. Taunay. Brasília: Senado Federal, 2002. Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros.

STADEN, Hans. **A verdadeira história dos selvagens nus e ferozes devoradores de homens: 1548-1555**. 2. ed. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Dantes, 1999.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. Tradução de Paulo Werneck. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

STRINATI, Dominic. **Cultura popular: uma introdução**. Revisão: Artesãs das Palavras. São Paulo: Hedra, 1999. Trad.: Carlos Szlak.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Recife: Ed. Universitária, 1975.

\_\_\_\_\_. **Romance d'A Pedra do Reino**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

TEJO, Orlando. **Zé Limeira, Poeta do Absurdo**. 9. ed. Recife: Cia. Pacífica, 1997.

THEÓPHILO, Rodolpho. **Libertação do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara/Imprensa Universitária-UFC, s/d. Coleção Biblioteca Básica Cearense. (edição fac-similar da primeira, de 1914, publicada em Lisboa).

\_\_\_\_\_. **Variola e vacinação no Ceará**. Fortaleza: Fund. Waldemar Alcântara/Imp. Univ.-UFC, 1997. Col. Bibl. Básica Cearense. (fac-símile da primeira edição, de 1904).

THOMÉ, Nilson. **Os Iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado**. Florianópolis: Insular, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Política no Contestado: do curral da fazenda ao pátio da fábrica**. Caçador: UnC/Museu do Contestado, 2002.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Trad.: Rosaura Eichenberg. Revisão técnica: Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELLOS, A. Sanford. **Chica Pelega, a guerreira de Taquaruçu** (tragédia heróica). Florianópolis: Insular, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Dragão Vermelho do Contestado**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

VIEIRA, António. **História do Futuro**. Introdução, atualização e notas, Maria Leonor Carvalhão Buescu. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

\_\_\_\_\_. **Sermões**. Organizador: Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000. Tomo I.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e Morte no Sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2000.

VIRNO, Paolo. **El recuerdo del presente**: ensayo sobre el tiempo histórico. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2003.

WARBURG, Aby. **El Ritual de la Serpiente**. Trad.: Joaquín Etorena Homaèche. México: Sexto Piso, 2004.

WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes, outros discursos?** Algumas narrativas sobre o Contestado. Curitiba: Ed. UFPR, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ficção Histórica e Regionalismo**: estudo sobre romances do Sul. Curitiba: Edições UFPR, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

## II – FOLHETOS

ATHAYDE, João Martins de. **Batalha de Oliveiros com Ferrabraz**. Juazeiro do Norte: Lira Nordestina, 1979.

\_\_\_\_\_. **História da Donzela Teodora**. Editor proprietário: José Bernardo da Silva. Juazeiro do Norte: Tip. São Francisco, 1º/11/1952.

BARROS, Leandro Gomes de. **A Donzela Teodora**. Fortaleza: Tupynanquim/ Academia Brasileira de Cordel, 2005.

BATISTA, Abraão. **As Profissões do Padre Cícero**. 5. ed. (três milheiros). Juazeiro do Norte: Biblioteca Nacional do Cordel, novembro, 1990. Xilogravura do autor.

\_\_\_\_\_. **O canhão que atirou do contra**: história da Guerra de 1914. 4. ed. (um milheiro). Juazeiro do Norte: s/e, dezembro, 2010. Col. Padre Cícero. Xilogravura do autor.

\_\_\_\_\_. **O protesto do Padre Cícero em cartório, pela violação do túmulo da Beata Maria de Araújo**. 1. ed. (dois milheiros). Juazeiro do Norte: s/e, 30 de setembro de 1992. Xilogravura do autor. Col. Padre Cícero.

\_\_\_\_\_. **Quando o Padre Cícero chegou a Juazeiro do Norte**. 1. ed. (dois milheiros). Juazeiro do Norte: s/e, 24 de março de 1994. Xilogravura do autor. Edição comemorativa do sesquicentenário de nascimento.

\_\_\_\_\_. **Os 4 sonhos reveladores do Padre Cícero**. 2. ed. (um milheiro). Juazeiro do Norte: s/e, dezembro, 2010. Xilogravura do autor. Col. Padre Cícero.

\_\_\_\_\_. **História verídica e o milagre do Padre Cícero no ano de 1947**. 2. ed. (dois milheiros). Juazeiro do Norte: s/e, 17 de junho de 1983. Xilogravura do autor.

BATISTA, Hamurábi. **A Oração de fechamento de corpo que Padre Cícero deu a Lampião**. 4. ed. Juazeiro do Norte: Gráfica Royal, s/d. Projeto Cordel Vivo. Xilogravura do autor.

D'ALMEIDA FILHO, Manoel. **Padre Cícero, o santo do Juazeiro**. São Paulo: Editora Luzeiro Ltda., 1979.

DEZOITO Benditos das Romarias do Pe. Cícero do Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte: Offset Royal, s/d.

LEITE, J. Costa. **A Verdadeira História do Herói João de Calais.** Condado: s/e, s/d.

NOVENA à Bendita Alma do Padre Cícero Romão Batista. Juazeiro do Norte: Gráfica Editora Royal, s/d.

OFÍCIO de Meu Padrinho Cícero. Lembrança do Sesquicentenário do Padre Cícero, 1844-1994. Contracapa: Benção de Frei Damião, xilogravura de Nilo. Juazeiro do Norte: s/e, 1994.

ORAÇÃO da Estrela do Céu e do Padre Cícero. Juazeiro do Norte: s/e, s/d.

ORAÇÃO da Pedra Cristalina, Nossa Santa da Guia e de Santa Catarina. S/l, s/e, s/d.

ORAÇÃO de Nossa Senhora do Desterro e o Rosário Apressado para afastar os perigos. Juazeiro do Norte: Gráfica Editora Royal, s/d.

SILVA, Caetano Cosme da. **Jerônimo, o Grande Herói do Sertão.** Editor proprietário: João José da Silva. Recife: Luzeiro do Norte, s/d.

\_\_\_\_\_. **O Negrão do Paraná e o Seringueiro do Norte.** Recife: Luzeiro do Norte, s/d.

\_\_\_\_\_. **O Verdadeiro Romance do Herói João de Calais.** Recife: L. do Norte, s/d.

### III – JORNAIS

O CASO dos sertões. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 03 jan. 1914. p. 1.

114 MIL cartuchos embalados. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 05 jan. 1914. p. 1.

PÉ de alferes. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 07 jan. 1914. p. 1 e 2.

PELA Humanidade. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 09 jan. 1914. p. 1.

CAUSOU aqui repugnância. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 12 jan. 1914. p. 1.

HONTEM chegou. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 15 jan. 1914. p. 1.

SERTANEJOS broncos. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 16 jan. 1914. p. 1.

REVELAÇÕES sensacionaes. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 17 jan. 1914. p. 1.

UMA narrativa que não é anonyma. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 19 jan. 1914. p. 1.

ALHEIO às paixões locais. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 21 jan. 1914. p. 1.

A REVOLUÇÃO no Ceará. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 22 jan. 1914. p. 1.

O CORONEL Franco Rabello. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 24 jan. 1914. p. 1.

... COM as unhas que tem. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 27 jan. 1914. p. 1.

FALLA-SE que a não intervenção. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 30 jan. 1914. p. 1.

IMMINENCIA do ataque. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 05 fev. 1914. p. 1.

INÚTEIS tentativas de pacificação. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 10 fev. 1914. p. 1.

O GOVERNADOR de Alagoas. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 11 fev. 1914. p. 1.

MAIS de 100 mortos. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 13 fev. 1914. p. 1.

... UMA mocinha na flor da idade. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 14 fev. 1914. p. 1.

OS FANATICOS: notas para a historia. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 23 fev. 1914. p. 1.

JAGUNÇOS de Joaseiro. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 25 fev. 1914. p. 1.

... TRAZENDO o retrato do Padre Cícero. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 28 fev. 1914. p. 1.

... A FIM de me obrigar a renunciar. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 02 mar. 1914. p. 1.

GRANADAS não levam letreiros. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 03 mar. 1914. p. 1.

O ANTRO do banditismo no Ceará. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 04 mar. 1914. p. 1.

SUA attitude será neutralizar. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 05 mar. 1914. p. 1.

OS FANATICOS atacaram. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 09 mar. 1914. p. 1.

EM SINAL de pesar. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 11 mar. 1914. p. 1.



MORTOS promovidos. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 14 mar. 1914. p. 1.

FRANCO RABELLO é apeado do governo. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 16 mar. 1914. p. 1.

... ASSIGNALADA victoria do senador. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 17 mar. 1914. p. 1.

O CORONEL Setembrino comunica. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 21 mar. 1914. p. 1.

TAQUARUSSU e Gragoatá. I. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 25 mar. 1914. p. 1.

TAQUARUSSU e Gragoatá. II. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 28 mar. 1914. p. 1.

O PIEGUISMO de certa gente. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 31 mar. 1914. p. 1.

De GRAGOATÁ chegou um fugitivo. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 04 abr. 1914. p. 1.

VENUTO, que é animal de bom faro. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 06 abr. 1914. p. 1.

UMA cruz entalhada. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 07 abr. 1914. p. 1.

O VALENTE Mattos Costa. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 15 abr. 1914. p. 1.

PADRE Cícero. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 20 abr. 1914. p. 1.

TAQUARUSSU e Gragoatá (conclusão). **Folha do Commercio**, Florianópolis, 25 abr. 1914. p. 1.

COMBATE no Timbó. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 18 maio 1914. p. 1.

COMBATE no Timbozinho. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 21 maio 1914. p. 1.

O SR. MAJOR Vieira foi atingido. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 30 maio 1914. p. 1.

OS FANATICOS queixam-se. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 17 jun. 1914. p. 1.

ACCORDO imposto? **Folha do Commercio**, Florianópolis, 01 jul. 1915. p. 1.

OS CATHARINENSES. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 02 jul. 1915. p. 1.

IMPOSSIBILIDADE de um accordo. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 09 jul. 1915. p. 1.

ESSES bandos temíveis. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 10 jul. 1915. p. 1.

QUEREMOS os nossos direitos. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 12 jul. 1915. p. 1.

DO QUE disse o senhor general. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 20 jul. 1915. p. 1.

O SR. MINISTRO da Guerra autorizou. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 02 ago.1915. p. 2.

PELAS victimas da Secca no Ceará. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 04 ago.1915. p. 1.

ESGOTOU o thesouro. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 10 ago.1915. p. 1.

LIGA Brasileira Pró-Alemanha. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 11 ago.1915. p. 1.

GUILHERME Kasper doou 30 mil réis. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 23 ago.1915. p. 1.

DENTRO em breve. **Folha do Commercio**, Florianópolis, 25 ago.1915. p. 1.(Do acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina; os exemplares estão nos catálogos **FCC 00011060-4**, as edições de 03/01/1914 a 17/06/1914, e **FCC 00011061-2**, as de 01/07/1915 a 25/08/1915).

FRADES, nem de pedra nas esquinas das ruas. **O Clarão**, Florianópolis, 10 ago. 1911. p. 1.

O CEARÁ está se tornando impossível. **O Clarão**, Florianópolis, 13 abr. 1912. p. 1.

A HORDA de batinas estrangeiras. **O Clarão**, Florianópolis, 29 mar. 1913. p. 1.

... DAS REZAS, dos jejuns, das lendas. **O Clarão**, Florianópolis, 10 jan. 1914. p. 1.

HORRIPILANTES filhos de Loyola. **O Clarão**, Florianópolis, 13 jun. 1914. p. 1.

CURA Infallível! **O Clarão**, Florianópolis, 04 jul. 1915. p. 2.

PRISIONEIRO Sagrado. **O Clarão**, Florianópolis, 19 fev. 1916. p. 4.

FANATISMO. **O Clarão**, Florianópolis, 01 abr. 1916. p. 2.

NÓS, catharinenses. **O Clarão**, Florianópolis, 20 maio 1916. p. 2.

ENTÃO marchemos todos para o Contestado. **O Clarão**, Florianópolis, 27 maio 1916. p. 2.

... QUE UM deluvio a tragasse. **O Clarão**, Florianópolis, 04 nov. 1916. p. 2.

ACCORDO monstro. **O Clarão**, Florianópolis, 18 nov. 1916.p. 2.

(Do acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina; os exemplares do semanário estão encadernados em dois volumes, o número 1 com as edições de 1911 a 1914, e o número 2, com as de 1915 a 1918)

UM POETA absurdo. **O Povo**, Fortaleza, 24 maio 1997. Caderno Vida & Arte, p. 1.

CANUDOS, o filme. **O Povo**, Fortaleza, 20 set. 1997. Caderno Vida & Arte, p. 1.

OS ÓRFÃOS do Belo Monte. **O Povo**, Fortaleza, 22 set. 1997. Caderno Vida & Arte, p. 1.

CICATRIZES Submersas. **O Povo**, Fortaleza, 25 set. 1997. Caderno Vida & Arte, p. 1.

CAMINHOS do Conselheiro. **O Povo**, Fortaleza, 05 out. 1997. Caderno Vida & Arte Especial, p. 1 a 8.

FEIRA e romaria. **O Povo**, Fortaleza, 15 nov. 1997. Caderno Vida & Arte, p. 1.

EUCLIDES, o visionário. **O Povo**, Fortaleza, 26 mar. 1998. Caderno Vida & Arte, p. 8.

IRMÃOS ANICETO ganha prêmio. **O Povo**, Fortaleza, 16 abr. 1998. Caderno Vida & Arte, p. 1.

CANTADOR Geraldo Amâncio. **O Povo**, Fortaleza, 22 abr. 1998. Caderno Vida & Arte, p. 1.

A IGREJA do fim do mundo. **O Povo**, Fortaleza, 10 jul. 1998. Caderno Vida & Arte, p. 1 e 5.

CÂMARA Cascudo, um brasileiro feliz. **O Povo**, Fortaleza, 07 nov. 1998. Caderno Vida & Arte, p. 1 a 8.

ANICETO, voz e performance. **O Povo**, Fortaleza, 22 jan. 1999. Caderno Vida & Arte, p. 1.

O SACERDOTE de Dionisos. **O Povo**, Fortaleza, 28 maio 1999. Caderno Vida & Arte, p. 1.

PENITENTES do Apocalipse. **O Povo**, Fortaleza, 11 ago. 1999. Especial Milenarismo II, p. 1 a 12.

LÁ VEM nossa comida pulando. **O Povo**, Fortaleza, 09 ago. 1999. Caderno Vida & Arte, p. 1.

A BEATA que inventou o Padre Cícero. **O Povo**, Fortaleza, 21 ago. 1999. Caderno Vida & Arte, p. 4 e 5.

ROMEIROS de Santa Brígida. **O Povo**, Fortaleza, 06 nov. 1999. Caderno Vida & Arte, p. 1.

BRASIL 500 Séculos. **O Povo**, Fortaleza, 22 abr. 2000. Caderno Especial, p. 1 a 8.

CORDÉIS do Brás. **O Povo**, Fortaleza, 20 maio 2000. Caderno Vida & Arte, p. 1.

CARLOS MAGNO em xilogravura. **O Povo**, Fortaleza, 21 ago. 2000. Caderno Vida & Arte, p. 1.

A SAGA do Imperador da Pedra do Reino. **O Povo**, Fortaleza, 23 set. 2000. Caderno Vida & Arte, p. 4 e 5.

ROMARIA de Nossa Senhora das Candeias. **O Povo**, Fortaleza, 03 fev. 2001. Caderno Vida & Arte, p. 1.

CALDEIRÃO da Santa Cruz do Deserto. **O Povo**, Fortaleza, 18 fev. 2001. Caderno Vida & Arte, p. 1.

JAGUARIBARA: A cidade que se muda. **O Povo**, Fortaleza, 14 ago. 2001. Caderno Vida & Arte, p. 10 e 11.

O QUE É ALÉM, não é hoje nem amanhã. **O Povo**, Fortaleza, 15 ago. 2001. Caderno Vida & Arte, p. 8 e 9.

ZABUMBA no paraíso. **O Povo**, Fortaleza Caderno Vida & Arte. 17 nov. 2001. Caderno Vida & Arte, p. 5.

NANINHA da Treze. **O Povo**, Fortaleza, 29 nov. 2001. Caderno Vida & Arte, p. 1.

CAATINGA, onde o sertão aflora. **O Povo**, Fortaleza, 16 dez. 2001. Caderno Vida & Arte, p. 1.

O CORDEL essencial. **O Povo**, Fortaleza, 22 ago. 2002. Caderno Vida & Arte, p. 1.

SOB o signo do armorial. **O Povo**, Fortaleza, 22 set. 2002. Caderno Vida & Arte, p. 1. 4 e 5.

NÃO se rendeu: 100 anos de Os Sertões. **O Povo**, Fortaleza, 09 out. 2002. Caderno Vida & Arte, p. 1.

OS SERTÕES. 100 anos. **O Povo**, Fortaleza, 01 dez. 2002. Caderno Vida & Arte, p. 1 a 9.

SERRA da Capivara. **O Povo**, Fortaleza. 20 fev. 2003. Caderno Turismo, p. 1 a 10.

SETE CIDADES, as pedras encantadas. **O Povo**, Fortaleza, 20 mar. 2003. Caderno Turismo, p. 1 a 8.

MINA d'água da saudade. **O Povo**, Fortaleza, 05 mar. 2004. Caderno Vida & Arte, p. 1.

NO PEITO e na raça. **O Povo**, Fortaleza, 20 abr. 2004. Caderno Vida & Arte, p. 1.

- PADRE CÍCERO, 70 anos de encantação. **O Povo**, Fortaleza, 20 jul. 2004. Caderno Vida & Arte Especial, p. 1 a 20.
- DELLA CAVA: o amigo americano. **O Povo**, Fortaleza, 30 ago. 2008. Páginas Azuis, p. 4 e 5.
- RALPH DELLA Cava do acervo. **O Povo**, Fortaleza, 19 maio 2005. Caderno Vida & Arte, p. 5.
- ARIANO SUASSUNA: 60 anos de arte. **O Povo**, Fortaleza, 16 jun. 2005. Caderno Vida & Arte Cultura, p. 1 a 8.
- I ENCONTRO MESTRES DO MUNDO. **O Povo**, Fortaleza, 22 ago. 2005. Caderno Vida & Arte, p. 1.
- DOM QUIXOTE em cordel. **O Povo**, Fortaleza, 03 dez. 2005. Caderno Vida & Arte, p. 8.
- PÁSSARO formoso: poeta Azulão. **O Povo**, Fortaleza, 29 dez. 2005. Caderno Vida & Arte, p. 1 a 6.
- CARIRI. **O Povo**, Fortaleza, 23 abr. 2006. Ceará Série Mirante, p. 1 a 11.
- JOÃO GUIMARÃES: Rosa. **O Povo**, Fortaleza, 25 jun. 2006. Cultura, p. 1 a 12.
- PELAS águas do Velho Chico. **O Povo**, Fortaleza, 29 jun. 2006. Especial. p. 6 a 12.
- O BRASIL, pela raiz. **O Povo**, Fortaleza, 29 out. 2006. Caderno Vida & Arte, p. 1 a 7.
- BALA na garganta: Eldorado dos Carajás. **O Povo**, Fortaleza, 30 jul. 2007. Caderno Vida & Arte, p. 1.
- ZÉ CELSO Martinez: o homem e o sonho. **O Povo**, Fortaleza, 09 out. 2007. Caderno Vida & Arte, p. 1 a 5.

(Reportagens produzidas e escritas por mim, durante os dez anos em que trabalhei no jornal “O Povo”, a maior parte dos quais na editoria Vida & Arte)

#### **IV – SONS (CD)**

A BARCA – Turista Aprendiz. Trilha, Toada e Trupé. São Paulo: Cooperativa de Música/MEC, 2006. Álbum quádruplo, incluindo DVD com documentário sobre a viagem do grupo, inspirada em Mário de Andrade e seu encontro com artistas populares, por nove estados brasileiros entre 2004 e 2005 (para conferir a “Expedição Musical rumo ao Maravilhoso”). Disponível em:<[www.barca.com.br](http://www.barca.com.br)>. Acesso em: 13 abr. 2010.

AXIAL – Sandra Ximenez (do grupo A Barca) e Felipe Julián. São Paulo: s/d. Disponível em: <[www.axialvirtual.com](http://www.axialvirtual.com)> Acesso em: 13 ago. 2010.

BANDA CABAÇAL dos Irmãos Aniceto. Coleção Memória do Povo Cearense, v. I. Equatorial Produções/ Pró Áudio Estúdio. Fortaleza: 1998.

CARLOS MAGNO em cantoria: Geraldo Amâncio e José Fernandes Ferreira. Curadoria: Elba Braga Ramalho, da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza: 2000.

CANTARES: Dona Militana. CD triplo com libreto (transcrição poética e musical e iconografia). Projeto Nação Potiguar. Natal: 2002.

OTACÍLIO BATISTA do Pajeú (a mais bela voz da cantoria). Duplicado por Vida Cristã Music. Fortaleza: s/d.

PENITENTES do Sítio Cabeceiras (mestre Joaquim Mulato). Col. Memória do Povo Cearense, v. III. Equatorial Produções. Crato: 2000.

REISADO e Guerreiro: União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus, v. I. Produção: Cia. Carroça de Mamulengos. Registros: grupo A Barca (Projeto Turista Aprendiz). Fortaleza/São Paulo: 2005.



VIOLAS de Ouro/ 30 Anos de Repente: Ivanildo Vila Nova e Geraldo Amâncio. Duplicado por Vida Cristã Music. Fortaleza: s/d.

## V – INTERNET

ALENCAR, José. **O Sertanejo**. Domínio Público. Disponível em: <[dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1848](http://dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1848)>. Acesso em: 23 nov. 2011.

ASSOCIAÇÃO DE MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO CONTESTADO. Cristóvão Pereira. Disponível em: <<http://www.amurc-sc.org.br/conteudo/?item=3725&fa=3668>>. Acesso em: 02 maio 2010.

BACK, Sylvio. **Contestado: Restos Mortais**. Documentário de 3h53min com o transe de 30 médiuns que o cineasta levou “ao palco da luta”, como diz em reportagem sobre o filme. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=Kv7c1D3OLgo](http://www.youtube.com/watch?v=Kv7c1D3OLgo)>. Acesso em: 03 fev. 2012.

BOTOCUDOS. As imagens do casal botocudo podem ser acessadas em diversos sítios. Disponível em: <[www.forumfoto.org.br](http://www.forumfoto.org.br)>. Acesso em: 04 abr. 2011.

CALDEIRÃO. A exposição de Stênio Diniz pode ser vista na página virtual do MAUC: Disponível em: <<http://www.mauc.ufc.br/cgi-bin/expo/gravadores/stenio11.cgi>>. acesso em: 04 ago. 2010.

CAPELA, Carlos Eduardo S. Violência: a dita, desdita. **Revista Z Cultural**, ano 3, n. 3, ago./Nov., 2007. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/violencia-a-dita-desdita-de-carlos-eduardo-schmidt-capela>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Sinhazinhas entre gentis e hostis (nacionais e estrangeiros no teatro brasileiro do século XIX). **O eixo e a roda**, v. 9/10, 2003/2004. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. **Buquê sem perfumes nem rosas que são 13**. Disponível em <<http://www.onetti.cce.ufsc.br/simposio/textosinvitados/carloscapela/carloscapela1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

CANUDOS. As fotografias de Flávio de Barros podem ser conferidas no endereço Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/canud/fotos.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

CARVALHO, Eleuda. **Entrevista com a nômade Naninha**. Disponível em: <<http://em-tempo-de-fazer-um-arte.blogspot.com.br/2009/09/naninha-da-treze.html>>. Acesso em: 07mar. 2012.

CIA. CARROÇA de Mamulengos. Depoimento no site da companhia. Disponível em: <<http://carrocademamulengos.org/quem-somos/>>. Acesso em: 05 ago. 2012.

CONTESTADO. Fotografias de Claro Gustavo Jansson no blog *Fragmentos do Tempo*, desenvolvido pelo pesquisador e jornalista Celso M. da Silveira Jr. Disponível em: <<http://fragmentos.do.tempo.blogspot.com>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

CORDELISTAS. Manuel Camilo, Leandro Gomes de Barros e outros poetas. Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ManuelCamilo/manuelCamilo\\_biografia.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ManuelCamilo/manuelCamilo_biografia.html)>. Acesso em: 08 abr. 2012.

EDITH do Prato. Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (e outros artistas da MPB citados aqui) Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/edith-do-prato>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

GADELHA, Descartes. **Cicatrizes Submersas e outras obras do artista no MAUC**. Disponível em: <<http://www.mauc.ufc.br/acervo/gadelha/cicatrizessubmersas/cicatrizes.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

KAINGANG. Os pesquisadores Juracilda Veiga, antropóloga, e Wilmar D'Angelis, linguista, do Portal Kaingang, defendem a cultura da bebida como sendo desta etnia: “Muita gente costuma associar o chimarrão com os Guarani, porque os espanhóis tomaram conhecimento dele através desses índios, mas o chimarrão é Kaingang”. Disponível em: <[http://www.portalkaingang.org/Alimentacao\\_Kaingang.pdf](http://www.portalkaingang.org/Alimentacao_Kaingang.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2012.

KASPAR, Hauser. **O enigma**. Disponível em: <<http://contraposicao.wordpress.com/2011/02/14/kaspar-hauser-um-modelo-de-nao-adequacao/>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

LABORATÓRIO de Estudos da Pobreza (LEP) - UFC. Relatório n.11. Disponível em: <<http://www.caen.ufc.br/~lep/>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

LOBO, Ari. **Dicionário Cravo Albin da MPB**. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/ari-lobo>>. Acesso em: 02 maio 2012.

LOURIVAL Batista e Pinto do Monteiro em cantoria. Documentário de Geraldo Sarno. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=avPBvvAHAtU&feature=relmfu>>. Acesso em: 05 set. 2012.

LUIZ GONZAGA no *Pasquim*. Disponível em: <<http://falasmusicais.blogspot.com.br/2007/12/luiz-gonzaga-entrevista-parte-3.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://falasmusicais.blogspot.com.br/2007/12/luiz-gonzaga-entrevista.html>>.

MONGES (texto). Disponível em: <<http://joamariaprofeta.blogspot.com/2010/09/sobre-joao-maria.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

MONGES. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/guerra-do->

contestado/guerra-do-contestado-6.php, os retratos de João Maria e José Maria>. Acesso em: 10 jun. 2011.

NOSSA, Leonencio. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,contestado-a-regiao-nordeste-de-santa-catarina,834528,0.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2012.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia Homem**. Disponível em:

<<http://www.biblio.com.br/conteudo/domingosolimpio/luziahomem.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2011

PAIVA, Oliveira. **Ar do vento, ave Maria**. Disponível em:

<[http://pt.wikisource.org/wiki/O\\_Ar\\_do\\_vento,\\_Ave\\_Maria](http://pt.wikisource.org/wiki/O_Ar_do_vento,_Ave_Maria)>. Acesso em: 02 fev. 2011.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
BRASILEIRO, tomo IV, n. 15, 1842. Disponível em:

<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p> Acesso em: 02 fev. 2012.

SÃO MANUEL da Paciência. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO  
NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 19.,  
Cachoeira-BA, 2010. Disponível em:

<[http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/kleumanery\\_de\\_melo\\_barboza.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/kleumanery_de_melo_barboza.pdf)>. p. 270. Acesso em: 23 nov. 2011.

SANTOS, Manoel Camilo dos. São saruê, **Revista E-topia**, Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/931.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2012.

SASSI, G.W (entrevista). Autores Catarinenses Contemporâneos.  
Disponível em:

<<http://www.prosapoesiaecia.xpg.com.br/guidoautores.htm>>. >. Acesso em: 10 mar. 2012.

SUESS, Paulo. **O Anti-herói Sepé Tiaraju, comemoração e resistência**. Disponível em:

<[www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms\\_artigos\\_pdf\\_25.pdf](http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_25.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2011.

TEATINOS da Divina Providência. Disponível em: <[www.saobento.org/livros](http://www.saobento.org/livros)>. Acesso em: 13 mar. 2012.

XILOGRAVURAS (acervo do Museu de Arte da UFC). Disponível em: <<http://www.mauc.ufc.br/cgi-bin/acervo/xilo/camilo.cgi?pagina=2>>> Acesso em: 02 maio 2012.

ZUMBLICK. Catálogo de obras do artista. Disponível em: <<http://www.zumblick.com.br/content/obras/index.asp?chave=%20Contestado>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

Universidade  
Federal de Santa  
Catarina

Programa de Pós-  
Graduação em  
Literatura-

Centro de Comunicação  
e Expressão

[www.cce.ufsc.br/~pglb](http://www.cce.ufsc.br/~pglb)

Campus Universitário  
Florianópolis, SC

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Literatura. Centro de Comunicação e Expressão, da  
Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito  
para a obtenção do grau de Doutor em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela

Florianópolis, 2012